

HORIZONTES SELVAGENS

# WILBUR SMITH

AVES DE  
RAPINA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# AVES DE RAPINA

*WILBUR SMITH*

Tradução GABRIELA MACHADO

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO - 2005

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Smith, Wilbur A., 1933S649a Aves de rapina Wilbur Smith;  
tradução de Gabriela Machado. - Rio de Janeiro: Record, 2005.

Tradução a Birds of prey

ISBN 85-01-07240-0

1. Piratas ingleses - Século XVIII Ficção. 2. Romance inglês. I. Machado, Gabriela. II. Título.

CDD - 823

0518884 CDU - 821.111-3

Título original inglês: BIRDS OF PREY

Copyright © Wilbur Smith 1997

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A. Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro,

RJ - 20921-380 - Tel: 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil.

ISBN 85-01-07240-0

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970.

Este livro é para Danielle Antoinette.  
Por trinta anos, seu amor tem sido meu escudo;  
sua força e coragem são minha espada.

## **Nota do autor**

Embora esta história esteja fundada nos meados do século XVII, os galeões e caravelas nas quais meus personagens se encontram são mais comumente associados ao século XVI. Navios do século XVII muitas vezes guardam uma forte semelhança com aqueles do século XVI, porém, como seus nomes podem ser pouco familiares para o leitor comum, usei os termos mais conhecidos, ainda que anacrônicos, para transmitir uma impressão acessível de sua aparência. Além disso, em nome da clareza, simplifiquei a terminologia com respeito às armas de fogo e, tal como na linguagem comum, utilizei ocasionalmente a palavra canhão como um genérico.

O rapaz agarrou-se à beirada da cesta de gávea na qual se agachava vinte metros acima do convés, ao embalo do navio. O mastro se inclinava num ângulo forte conforme a nau lançava a proa ao vento. O navio era uma caravela chamada Lady Edwina em homenagem à mãe de quem o rapaz mal conseguia se lembrar.

Lá embaixo, nas sombras que precedem o alvorecer, ele podia ouvir as grandes colubrinhas de bronze a se chocarem às roldanas e se erguerem com um baque contra o massame de fixação. O casco pulsava e ressoava num impulso diferente conforme a nau manobrava e avançava rumo oeste. Com o vento sudeste agora à popa, ela se transformava, mais leve e ágil, mesmo com as velas arriadas e com um metro de água nos porões.

Isso tudo era bastante familiar para Hal Courtney. Ele saudara as últimas sessenta e cinco auroras assim, do mastro principal. Seus olhos jovens, os mais aguçados no navio, estavam postados ali para captar o primeiro vislumbre de uma vela distante no alvorecer do novo dia.

Mesmo o frio era familiar. Ele puxou o grosso gorro de lã de Monmouth até as orelhas. O vento entrava cortante através de seu gibão de couro, porém ele estava habituado a tal leve desconforto. Não prestou atenção a isso e estreitou os olhos, fitando a escuridão.

Hoje os holandeses virão gritou, e sentiu a emoção e o pavor pulsarem nas costelas.

Bem acima dele, o esplendor das estrelas começou a empalidecer e desbotar, e o firmamento encheu-se com a perolada promessa do novo dia. Agora, lá embaixo, ele já conseguia distinguir as figuras no convés. Pôde reconhecer Ned Tyler, o timoneiro, debruçado sobre a cana do leme, a segurar o navio na rota; e seu próprio pai curvado sobre a bitácula para ler o novo curso, a lanterna a lhe iluminar as feições magras e escuras, seus longos cachos a esvoaçarem ao vento.

Com uma pontada de culpa, Hal olhou para a escuridão; ele não deveria vagar os olhos pelo convés naqueles minutos cruciais, quando, a qualquer momento, o inimigo poderia assomar por perto, saído do ventre da noite.

Já então havia luz suficiente para entrever a superfície do mar fustigando o casco. Tinha o duro brilho iridescente de carvão recém-cortado. Ele conhecia muito bem aquele mar do sul, aquela larga avenida do oceano que fluía eternamente costa abaixo da África Ocidental, azul e quente e pululando de vida. Sob a tutela do pai, ele o estudara, de maneira que conhecia de cor o sabor e o curso daquelas águas, cada contracorrente e ondulação.

Um dia ele também seria honrado com o título de Cavaleiro Nautonnier do Templo da Ordem de São Jorge e do Santo Graal. Seria, como o pai, um Navegador da Ordem. Seu pai estava tão determinado quanto o próprio Hal a conseguir isso, e, aos dezessete anos de idade, tal objetivo não era mais simplesmente um sonho.

Aquela corrente era a avenida pela qual os holandeses deveriam velejar para fazer seus avanços para oeste e aproximações de terra na misteriosa costa que ainda jazia velada ao longe, na noite. Aquela era a passagem de entrada através da qual deveria passar quem procurasse contornar aquele cabo perigoso que dividia o oceano das Índias do Atlântico Sul.

Eis por que Sir Francis Courtney, o pai de Hal, o Navegador, escolhera aquela posição, a 34 graus e 25 minutos de latitude sul, para esperar por eles. A espera já durava sessenta e cinco tediosos dias, ao balanço de para trás e para frente-, porém, naquele dia, os holandeses poderiam surgir, e Hal olhou com os lábios entreabertos e os olhos verdes estreitados para o céu que se coloria.

A uma amarra de distância da proa de estibordo, ele viu o lampejo de asas, alto o suficiente para

captar os primeiros raios do sol, um longo bando de mergulhões vindos de terra, peitos nevados e cabeças em preto e amarelo. Viu o líder mergulhar e fazer a volta, quebrando o padrão, e virar a cabeça para inspecionar as águas escuras. Percebeu a agitação lá embaixo, o bruxulear de escamas e o fervilhar da superfície quando um cardume subiu à luz. Hal observou o pássaro dobrar as asas e arremessarse para baixo, e cada ave que se seguiu começou seu mergulho no mesmo ponto no ar, para atingir a água escura numa explosão de espuma rendilhada.

Logo, a superfície era uma confusão branca dos pássaros mergulhadores que se empanturravam de anchovas prateadas a se debaterem. Hal desviou o olhar e examinou o horizonte que se abria.

Seu coração falhou ao vislumbrar o brilho de uma vela de um grande navio de velas quadradas apenas uma légua a leste. Teve de encher os pulmões e abriu a boca para berrar um alerta ao tombadilho superior antes de reconhecê-lo. Era o Gull of Moray, uma fragata, não uma nau mercante holandesa. A fragata estava fora de posição, o que iludira Hal.

O Gull of Moray era o outro navio principal no esquadrão de bloqueio. O Gavião, como era conhecido seu capitão, deveria estar fora da vista, abaixo do horizonte ocidental. Hal debruçou-se na beirada da cesta de gávea e olhou para o convés. Seu pai, punhos nos quadris, o encarava lá de baixo.

Hal berrou para o tombadilho superior: O casco do Gull a barlavento!, e seu pai desviou os olhos para leste. Sir Francis divisou as formas do navio do Gavião, negro contra o céu sombrio, e levou o tubo fino de bronze da luneta ao olho. Hal podia sentir a raiva no conjunto dos ombros do pai e na maneira com que fechava o instrumento com um baque e jogava para trás os cabelos negros. Antes que aquele dia acabasse, seriam trocadas palavras entre os dois comandantes. Hal sorriu para si mesmo. Com sua vontade de ferro e a língua ferina, seus punhos e a espada, Sir Francis instilava terror entre aqueles a quem enfrentava mesmo seus irmãos cavaleiros da ordem. Hal deu graças a Deus que naquele dia o temperamento de seu pai fosse dirigido a qualquer outra pessoa que não ele próprio.

Olhou para o Gull of Moray, a deslizar pelo horizonte conforme se ampliava rapidamente com o chegar da manhã. Hal não precisava de luneta para ajudar os aguçados olhos de jovem além disso, havia apenas um daqueles caros instrumentos a bordo. Divisou as outras velas exatamente onde deveriam estar, pequenas manchas pálidas contra o mar negro. As duas pinaças a se manterem em formação, contadas de um colar, estavam espalhadas a quinze léguas de cada lado do Lady Edwina, parte da rede que seu pai lançara para apanhar os holandeses numa armadilha.

As pinaças eram naus abertas, com uma dúzia de homens fortemente armados em cada uma. Quando não necessárias, podiam ser desmontadas e guardadas no porão do Lady Edwina. Sir Francis trocava a tripulação regularmente, pois nem os corajosos homens do sudoeste da Inglaterra nem os galeses e nem mesmos os mais rijos ex-escravos que formavam a maioria da tripulação poderiam suportar as condições a bordo daqueles pequenos navios por muito tempo e ainda estarem aptos para uma luta ao final.

A plena luz do dia finalmente irrompeu, quando o sol subiu do oceano, a oriente. Hal olhou para a trilha de vermelho brilhante que tingiu as águas. E sentiu o ânimo sucumbir ao perceber o oceano vazio de uma vela estranha. Tal como nas sessenta e cinco madrugadas precedentes, não havia nenhum holandês à vista.

Então olhou para norte, para a massa de terra que se agachava como uma enorme esfinge rochosa, sombria e inescrutável, acima do horizonte. Aquele era o cabo Agulhas, o ponto mais ao sul do continente africano.

África! O som daquele nome misterioso em seus próprios lábios arrepiou-lhe a pele dos braços e os pêlos da nuca.

África! A terra não mapeada de dragões e outras criaturas terríveis, que comiam carne de homens, e de selvagens de pele negra que também comiam carne de gente e usavam seus ossos como enfeite.

África! A terra de ouro e marfim e escravos e outros tesouros, todos à espera que um homem ousado o suficiente os procurasse ali e, talvez, perecesse na empreitada. Hal se sentiu assombrado e mesmo assim fascinado pelo som e promessa daquele nome, ameaça e desafio.

Dedicara longas horas às cartas de navegação na cabine do pai quando deveria estar aprendendo de cor as listas das passagens celestiais ou a declinar os verbos latinos. Havia estudado os grandes espaços interiores, preenchido os vazios com desenhos de elefantes e leões e monstros, traçado os contornos das montanhas da Lua, e de lagos e poderosos rios confidencialmente brasonados com nomes como Khoikboi e Camdeboo, Sofala e Reino do Padre João. Hal sabia, porém, por meio de seu pai, que nenhum homem civilizado jamais viajara por aquele interior temido e admirado e ficou a imaginar, como fizera muitas vezes antes, como seria ser o primeiro a se aventurar ali. Padre João particularmente o intrigava. Aquele regente lendário de um vasto e poderoso império cristão nas profundezas do continente africano existia na mitologia européia por centenas de anos. Era um homem ou uma linha de imperadores?

Os devaneios de Hal foram interrompidos por ordens gritadas do tombadilho superior, débeis ao vento, e pela sensação do navio a mudar de curso. Ao olhar para baixo, viu que o pai pretendia interceptar o Gull of Moray. Apenas com as velas de mezena e com tudo o mais arriado, os dois navios agora convergiam, mas a rumar para oeste em direção ao cabo da Boa Esperança e o Atlântico. Moviam-se com preguiça tinham estado por muito tempo naquelas águas cálidas do sul, e seus cascos estavam infestados de teredos. Nenhuma nau poderia sobreviver por longo tempo ali. Os pavorosos vermes de navio ficavam tão grossos como o dedo de um homem e tão compridos como um braço, e se alojavam muito próximo, um dos outros nas pranchas, como favos de mel. Mesmo de seu assento no mastro principal, Hal podia ouvir as bombas a trabalharem em ambos os navios para baixar o fundo chato da embarcação. O som nunca cessava: era como o bater de um coração que mantinha o navio flutuando. Era contudo outra razão pela qual precisavam procurar os holandeses: precisavam trocar de navios. O Lady Edwina, debaixo de seus pés, estava sendo devorado.

Assim que os dois navios alcançaram a distância de um grito, as tripulações penduraram-se nos cordames e se alinharam nas amuradas para trocar caçoadas pela água.

A quantidade de gente dentro de cada navio nunca deixava de intrigar Hal, quando ele a via assim, numa massa como aquela. O Lady Edwina era um navio de 170 toneladas, com um comprimento total de pouco mais de 25 metros, porém carregava uma tripulação de cento e trinta homens, se incluídos aqueles que agora ocupavam as duas pinças. O Gull não era muito maior, mas com quase metade desse número de homens a bordo.

Cada um daqueles lutadores seria necessário, se quisessem sobrepujar os enormes galeões da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Sir Francis coletara informações de todos os cantos do oceano sul de outros cavaleiros da ordem, e sabia que pelo menos cinco daqueles grandes navios ainda estava no mar. Naquela estação, vinte e um dos galeões da companhia tinham feito a passagem até então e aportado na pequena estação aprovisionadora abaixo das imponentes Tafelberg, como os holandeses a chamavam, ou Montanha da Mesa, ao pé do continente, antes de se voltarem rumo norte e viajarem Atlântico acima, em direção a Amsterdã.

Aqueles cinco navios atrasados, ainda a navegar pelo oceano das Índias, deveriam rodear o cabo antes que o tráfego marítimo sul-leste se reduzisse e o vento mudasse para noroeste. E isso se daria em breve.

Quando o Gull of Moray não estava em cruzeiro na guerra de course, o que era um eufemismo para a pirataria, Angus Cochran, conde de Cumbrae, recheava seus bolsos com o comércio de escravos nos mercados de Zanzibar. Assim que os infelizes eram presos às argolas de ferro dos grilhões no convés do longo e estreito porão, não poderiam ser soltos até que o navio aportasse ao fim da viagem no Oriente.



Isso significava que mesmo aquelas pobres criaturas que sucumbiam durante a tenebrosa passagem tropical do oceano das índias deveriam apodrecer com os vivos nos espaços confinados dos conveses. O eflúvio dos cadáveres putrefatos, misturado ao odor das excreções dos vivos, conferia aos navios escravos um fedor distinto que os identificava de muitas léguas a favor do vento. Nenhuma esfregação, nem mesmo com as mais fortes das águas de barrela, poderia livrar um negreiro de seu cheiro característico.

Conforme o Gull cruzou ao vento, ouviram-se urros de exagerado desgosto de parte da tripulação do Lady Edwina.

Por Deus, a nau cheira a um monte de esterco.

Não lavam seus traseiros, seus vermes nojentos? Podemos sentir o cheiro daqui! gritou um para a bela fragata. A linguagem usada de volta pelo Gull fez Hal sorrir. Claro, os intestinos humanos não guardavam mistérios para ele, mas ele não entendeu muito do restante, pois nunca vira aquelas partes de uma mulher às quais os marujos de ambos os navios se referiam com tantos detalhes gráficos, nem sabia os usos do que poderia ser posto ali, porém lhe excitou a imaginação ouvi-las assim descritas. E divertiu-se muito mais ao imaginar a fúria do pai ao escutar aquilo.

Sir Francis era um homem devotado que acreditava que as sinas de guerra seriam influenciadas pelo comportamento de temor a Deus por parte de cada homem a bordo.

Proibia o jogo, a blasfêmia e as bebidas fortes. Conduzia as preces duas vezes ao dia e exortava seus marujos a se comportarem com modos gentis e dignos quando aportados embora Hal soubesse que seu conselho raramente fosse seguido. Agora Sir Francis tinha as feições fechadas, ao ouvir seus homens trocarem insultos com a tripulação do Gavião; contudo, não poderia chicotear metade da companhia do navio para mostrar sua desaprovação, e assim segurou a língua até estar a um berro da fragata.

Nesse ínterim, ele mandara o criado até sua cabine para lhe apanhar o manto. O que teria a dizer ao Gavião era oficial, e ele deveria estar com as insígnias reais. Quando o criado voltou, Sir Francis colocou o magnífico manto de veludo sobre os ombros antes de levar o trompete de comunicação aos lábios.

Bom dia, meu senhor!

O Gavião veio até a amurada e ergueu a mão em saudação. Acima do xadrez escocês, usava meia-armadura, que luzia à fresca luz da manhã, porém sua cabeça estava nua, os cabelos ruivos e a barba emaranhada tal qual um feixe de feno, os cachos a dançarem ao vento como se seu crânio estivesse em chamas.

Jesus o ama, Franky! berrou ele de volta, a voz potente a transcender com facilidade ao vento.

Seu posto é no flanco oriental! O vento e a raiva encurtaram o discurso de Sir Francis. Por que desertou dele?

O Gavião abriu as mãos num expressivo gesto de desculpas.

Eu tenho pouca água e estou completamente sem paciência. Sessenta e cinco dias são o bastante para mim e meus bravos camaradas. Há escravos e ouro a apanhar junto à costa Sofala. Seu sotaque era como a aragem da Escócia.

Sua comissão não lhe permite atacar os navios portugueses.

Holandeses, portugueses ou espanhóis berrou Cumbrae de volta, seu ouro brilha lindamente. Você bem sabe que não existe paz além da Linha.

Um século e meio atrás, pela bula papal Inter Coetera, de 25 de setembro de 1493, a Linha fora traçada pelo meio do Atlântico de norte a sul, pelo papa Alexandre VI, para dividir o mundo entre Portugal e Espanha. Que esperança haveria de que as nações cristãs excluídas, em sua inveja e ressentimento, pudessem honrar essa declaração? Espontaneamente, uma outra doutrina nascera:

Nenhuma paz além da Linha! Tornara-se a palavra de ordem para os piratas e os corsários. E seu significado estendia-se em suas mentes para englobar todas as regiões inexploradas dos oceanos.

Dentro das águas do continente norte, atos de pirataria, rapinagem e assassinato cujos perpetradores anteriormente seriam caçados pelas marinhas reunidas da Europa cristã e enforcados no próprio tirante de verga eram tolerados e até mesmo aplaudidos quando cometidos além da Linha. Cada monarca preparado para o combate assinara as Cartas de Marca que, num golpe, converteram seus navios mercantes em piratas, naus de guerra, e os enviara a perpetrarem pilhagens nos oceanos recém-descobertos do globo de expansão.

A própria carta de Sir Francis Courtney fora assinada por Edward Hyde, conde de Clarendon, o lorde chanceler da Inglaterra, em nome de Sua Majestade o Rei Carlos II. Com isso, ele tinha sanção para caçar os navios da República de Holanda, com a qual a Inglaterra estava em guerra.

Já que desertou de seu posto, perdeu seus direitos de reclamar uma parte de qualquer prêmio! gritou Sir Francis através da estreita faixa de água entre os dois navios, porém o Gavião se afastou para dar ordens a seu timoneiro.

O capitão do Gull of Moray berrou ao gaiteiro, que estava a postos:

Toque uma canção para Sir Francis se lembrar de nós.

Os comoventes acordes de Farewell to the Isles (Adeus às ilhas) cruzaram a água até o Lady Edwina, enquanto os homens do Gavião, no mastaréu, subiam como macacos pelo cordame e soltavam os rizes. As peças até então sem uso do Gull se enfunaram. A vela principal encheu-se com um estouro semelhante à descarga de um canhão, girou ansiosa para sudeste e comprimiu com o ombro a próxima protuberância, escancarando-a com violência para o lado.

Conforme foi empurrado para trás, o Gavião voltou para a amurada de popa, e sua voz se elevou acima do guincho agudo das gaitas de fole e o assobiar do vento.

Possa a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo protegê-lo, meu reverenciado irmão cavaleiro. Nos lábios do Gavião, porém, aquilo soava como uma blasfêmia.

Com seu manto, esquartelado pela croix pattée escarlata da ordem a se enfunar e esvoaçar dos ombros largos, Sir Francis ficou a observá-lo se afastar.

Lentamente os chistes irônicos e os pesados palavrões dos homens morreram. Um novo ânimo, sombrio, começou a infectar o navio à medida que a companhia se dava conta de que suas forças, insignificantes antes, tinham sido mais que reduzidas à metade num único golpe. Estavam sozinhos para se defrontarem com os holandeses, fossem quais fossem as forças que pudessem aparecer. Os marujos que lotavam o convés e os cordames do Lady Edwina estavam silenciosos agora, incapazes de se encararem.

Então Sir Francis jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Mais para dividirmos! gritou, e todos riram com ele e deram vivas, enquanto ele seguia para a cabine abaixo do convés de popa.

Por outra hora, Hal continuou no mastro principal. E ficou a imaginar por quanto tempo duraria o ânimo feliz dos homens pois estavam com a água racionada a uma caneca, duas vezes ao dia. Embora a terra e seus rios doces estivessem a menos de metade de um dia de viagem, Sir Francis não ousara destacar nem mesmo uma das pinaças para encher os cascos. Os holandeses poderiam chegar a qualquer hora, e quando o fizessem, ele necessitaria de cada homem.

Por fim, um marujo subiu ao topo para trocar de turno com Hal, na gávea.

O que tem lá para ver, rapaz? perguntou, ao se esgueirar para dentro do ninho de lona ao lado de Hal.

Quase nada admitiu Hal, e apontou para as velas minúsculas das duas pinaças no horizonte distante. Nem transportes nem sinais. Observe a bandeira vermelha: significará que eles têm a caça à vista.

O marujo resmungou.

Em seguida vai me ensinar a peidar. Contudo, sorriu para Hal de um jeito amistoso; o garoto era o favorito do navio.

Hal sorriu de volta.

É a verdade de Deus, mas você não precisa que o ensinem, mestre Simon. Eu o ouvi na barrica na hora crítica. Prefiro enfrentar o canhão de um holandês. Você quase rachou cada prancha do casco.

Simon deixou escapar uma gargalhada explosiva e socou o ombro de Hal.

Desça, rapaz, antes que o ensine a voar como um albatroz. Hal começou a descer pelas enxárcias. A princípio, movia-se com

dificuldade, os músculos emperrados e entorpecidos depois da longa vigília, porém logo se sentiu aquecido e balançou-se para baixo com gestos flexíveis.

Alguns dos homens no convés pararam com suas tarefas nas bombas e com os repuxos e agulhas com que consertavam as velas rasgadas pelo vento e ficaram a observá-lo. Ele era tão robusto e de ombros largos como um rapaz três anos mais velho, e de membros longos já era tão alto como o pai. Contudo, ainda conservava a pele fresca e macia, a face sem marcas e a alegre expressão de adolescente. Seus cabelos, amarrados com uma tira de couro atrás da cabeça, escapavam de sob o gorro e reluziam em tons de negro azulado ao sol matutino. Naquela idade, sua beleza era quase feminina, e depois de mais de quatro meses no mar seis, desde que os homens tinham posto os olhos numa mulher, alguns, cujo pendor se inclinava naquela direção, fitavam-no com lascívia.

Hal chegou à verga principal e abandonou a segurança do mastro. Correu ao longo dela, a se equilibrar com a facilidade de um acrobata dezesseis metros acima do estrépito da onda na proa e das pranchas do convés principal. Agora, cada olhar estava sobre ele: era um feito de que poucos a bordo poderiam rivalizar.

Para isso, você tem de ser jovem e estúpido resmungou Ned Tyler, mas meneou a cabeça com ternura ao se debruçar sobre a cana de leme e ficar a observar. Melhor que o bobinho não deixe o pai apanhá-lo fazendo aquela brincadeira.

Hal chegou ao fim da verga e sem uma pausa balançou-se no braço; deixou-se cair de enxárcia em enxárcia até que estava três metros acima do convés. Dali, saltou com leveza sobre os pés descalços, a flexionar os joelhos para absorver o impacto sobre as pranchas brancas de tanta esfregação.

Ergueu-se, virou para a popa e enregelou-se ao som de um grito inumano. Era um berro primordial, o desafio ameaçador de algum enorme animal predatório.

Hal continuou cravado no lugar por apenas um instante, e então, instintivamente, virou e desviou-se quando uma figura gigantesca atacou-o. Ouviu o som cortante no ar antes de ver a lâmina e abaixou-se. O aço prateado reluziu sobre sua cabeça, e seu atacante rugiu de novo, um guincho de fúria.

Hal viu de relance a face de seu adversário, negra e reluzente, a cavidade da boca delineada por grandes dentes quadrados e brancos, a língua tão rosada e curvada como a de um leopardo, enquanto ele gritava.

Hal dançou e desviou-se quando a lâmina prateada voltou num arco. Sentiu um puxão na manga do gibão, quando a ponta da espada rasgou o couro, e caiu para trás.

Ned, um punhal! berrou com uma voz selvagem para o timoneiro às suas costas, sem tirar os olhos dos do assaltante. As pupilas eram negras e brilhantes como uma obsidiana, a íris opaca de fúria, o branco injetado de sangue.

Hal pulou para o lado com o ataque selvagem que se seguiu e sentiu no queixo o impacto de um soco. Atrás dele, ouviu o raspar de um alfanje sacado da bainha do marujo e a arma a deslizar pelo convés até onde ele estava. Inclinou-se de leve e pegou-a, o cabo a se encaixar naturalmente em sua mão, conforme

ele se posicionava em guarda e fazia mira para os olhos do atacante.

Defrontado com a lâmina ameaçadora de Hal, o homem alto mediu a próxima investida, e quando, com a mão esquerda, Hal tirou do cinto sua adaga de um palmo e apontou-a também, a luz de loucura naqueles olhos tornou-se fria e apreciativa. Circundaram um ao outro no convés aberto abaixo do mastro principal, as facas a ondular, tocando-se e tinindo ligeiramente, enquanto cada um procurava uma abertura.

Os marujos no convés abandonaram suas tarefas mesmo aqueles no manejo das bombas e se aproximaram correndo para formar um anel em torno dos lutadores, a observarem uma briga de galos, as faces iluminadas diante da perspectiva de derramamento de sangue. Resmungavam e grunhiam a cada golpe e defesa, e incentivavam os seus favoritos.

Corte fora essas enormes bolas pretas dele, jovem Hal!

Arranque as penas do rabo desse galinho esquentado, Aboli. Aboli era três centímetros mais alto que Hal e não havia nenhuma

gordura em sua compleição magra e elástica. Era da costa oriental da África, de uma tribo guerreira altamente valorizada pelos negreiros. Cada cabelo fora cuidadosamente arrancado de seu crânio, que luzia como mármore negro polido, e seu queixo era adornado com tatuagens rituais, padrões em espiral de cicatrizes que lhe davam uma aparência terrificante. Movia-se com uma graça peculiar naquelas longas pernas musculosas, a ondular a cintura como alguma enorme cobra negra. Usava apenas uma tanga esfarrapada de lona e seu torso estava nu. Cada músculo do peito e dos braços parecia ter vida própria, serpentes a deslizarem e se enrolarem debaixo da pele oleada.

Ele avançou de súbito, e com um esforço desesperado, Hal girou a faca, porém quase no mesmo instante Aboli reverteu o golpe, mirando mais uma vez contra a cabeça do garoto. O golpe era tão potente que Hal percebeu que não poderia bloqueá-lo com o alfanje apenas. Ergueu as duas lâminas, cruzando-as, e prendeu a do negro logo acima da cabeça. Aço contra aço, as armas rangeram, e a multidão urrou diante da habilidade e graça da defesa.

Contudo, na fúria do ataque, Hal cedera um passo e outro e mais outro conforme Aboli o pressionava mais uma vez, não lhe dando descanso, usando a altura maior e a força superior contra a habilidade natural do rapaz.

A face de Hal expressava seu desespero. Cedia mais agora e seus movimentos mostravam-se sem coordenação: estava cansado e receava estar aturdido nas respostas. Os cruéis espectadores se voltavam contra ele, a gritar por sangue, a incentivar seu implacável oponente.

Marque essa face bonita, Aboli.

Dê-nos uma amostra das entranhas dele.

O suor engraxava as faces de Hal, e sua expressão se crispou quando Aboli o fez recuar contra o mastro. Parecia bem mais jovem de repente, e à beira das lágrimas, os lábios a tremerem de terror e exaustão. Não mais contra-atacava. Agora era todo defesa. Estava lutando por sua vida.

Incansavelmente, Aboli desferiu um novo ataque, brandindo a lâmina contra o corpo de Hal e depois mudando o ângulo para lhe acertar as pernas. Hal estava quase no limite de suas forças, apenas ameaçando rechaçar cada golpe.

Então Aboli mudou sua tática de ataque outra vez: forçou Hal a se esticar todo ao fazer um movimento simulado de quadril esquerdo e depois mudar o peso e avançar com o longo braço direito. A lâmina brilhante passou direto pela guarda de Hal, e os espectadores rugiram quando tiveram o sangue por que tanto ansiavam.

Hal cambaleou e retrocedeu para fora do mastro, ficando de pé, a ofegar, à luz do sol, cego com o próprio suor. O sangue pingava lentamente em seu gibão de um corte minúsculo apenas, feito com a

perícia de um cirurgião.

Outra cicatriz para você a cada vez que lutar como uma mulher! caçoou Aboli.

Com uma expressão de incredulidade exausta, Hal ergueu a mão esquerda que ainda segurava a adaga, e com as costas do punho limpou o sangue do queixo. A ponta do lóbulo de sua orelha fora cortada, e a quantidade de sangue exagerava a severidade do ferimento.

Os espectadores berraram com escárnio e alegria.

Pelos dentes de Satã um dos timoneiros riu. O rapazinho bonito tem mais sangue do que tem colhões!

Diante da chacota, uma rápida transformação ocorreu em Hal. Ele baixou a adaga e se posicionou em guarda, ignorando o sangue que ainda pingava de seu queixo. Sua face estava branca, tal como a de uma estátua, e seus lábios, apertados e pálidos. De sua garganta brotou um lento urro, e ele investiu contra o negro.

Explodiu pelo convés com tanta velocidade, que Aboli foi pego de surpresa e arrastado para trás. Quando travaram as facas, ele pôde sentir o novo poder no braço do rapaz, e seus olhos se estreitaram. Então, Hal estava sobre ele como um gato selvagem ferido a escapar de uma armadilha.

Dor e raiva deram-lhe asas aos pés. Seus olhos estavam impiedosos, e a mandíbula cerrada esticava os músculos de sua face numa máscara que não guardava nenhum traço de juventude. Contudo, aquela fúria não lhe roubava a razão e o discernimento. Toda a habilidade que o rapaz acumulara, durante centenas de horas e dias de prática no convés, de repente se aglutinara.

Os circundantes uivaram quando aquele milagre aconteceu diante de seus olhos. Parecia que, naquele instante, o rapaz se tornara um homem, crescera em estatura para ficar queixo a queixo e olho no olho com seu escuro adversário.

Não pode demorar muito, disse Aboli a si mesmo, ao se defrontar com o ataque. Aquela força não iria perdurar. Porém era um novo homem aquele que ele confrontava, e ainda não o reconhecia.

De repente, percebeu-se cedendo espaço ele cansará logo, mas as lâminas gêmeas que dançavam diante de seus olhos pareciam ofuscantes e etéreas, como os pavorosos espíritos das florestas sombrias que uma vez tinham sido seu lar.

Olhou para a face pálida e os olhos incandescentes e não os conheceu. Sentiu um respeito supersticioso assaltá-lo, o que lhe deixou lento o braço direito. Aquela era um diabo, com uma força sobrenatural demoníaca. Ele sabia que estava em perigo sua própria vida.

A próxima investida atingiu-o com velocidade no peito, a infiltrarse por sua guarda como um raio de sol. Ele torceu para o lado a parte superior do corpo, porém o golpe pegou-o sob o braço esquerdo erguido. Não sentiu dor, mas ouviu o raspar da borda da lâmina contra as costelas, e o calor do sangue a escorrer-lhe pelos flancos. Tinha ignorado a arma no punho esquerdo de Hal, e o rapaz usava ambas as mãos com igual facilidade.

Com o canto dos olhos, viu a faca mais curta e mais rija aproximar-se velozmente de seu coração e lançou-se de costas para evitá-la. Seu tornozelo ficou preso na ponta de um tirante de verga, enrolado no convés, e ele esparramou-se no chão. O cotovelo de seu braço de espada chocou-se contra o alcatrate, a deixá-lo insensível até a ponta dos dedos, e o alfanje caiu-lhe da mão.

De costas, Aboli parecia indefeso e viu a morte acima de si naqueles terrificantes olhos verdes. Aquela não era a face da criança de quem tivera a tutela e a guarda especial pela última década, o garoto que ele tratava com carinho e treinara e amara durante des longos anos. A ponta brilhante do alfanje começou a descer, mirada em sua garganta, tendo por trás o pleno peso do corpo flexível do garoto.

Henry! Uma voz severa, autoritária, ressoou pelo convés, a suplantando os uivos dos espectadores sedentos de sangue.

Hal assustou-se e continuou imóvel com a ponta da faca apontada contra a garganta de Aboli. Uma

expressão incrédula espalhou-se por sua face, como a de um sonâmbulo, e ele ergueu os olhos para o pai, no tombadilho de popa.

Chega dessa tolice de menino. Desça para sua cabine agora mesmo. Hal olhou pelo convés, para as faces ruborizadas e excitadas que o rodeavam. Sacudiu a cabeça, intrigado, e baixou o olhar para o alfanje em sua mão. Abriu os dedos e deixou cair nas pranchas. Suas pernas ficaram moles como água, e ele caiu sobre Aboli. Abraçou-o como uma criança abraça seu pai.

Aboli! murmurou, na língua das florestas que o negro lhe ensinara e que era um segredo que nenhum outro homem branco no navio compartilhava. Eu o machuquei seriamente. O sangue! Por minha vida, eu poderia tê-lo matado.

Aboli riu baixinho e respondeu no mesmo idioma:

Isso passou. Por fim, você perfurou a fonte do sangue de um guerreiro. Pensei que nunca a encontraria. Tive de pressioná-lo muito para isso.

Sentou-se e empurrou Hal para o lado, porém havia uma nova luz em seus olhos ao encarar o rapaz, que não mais era um garoto.

Vá e faça o que seu pai mandou!

Hal levantou-se, trêmulo, e olhou de novo para o círculo de faces que o rodeavam, vendo nelas uma expressão que não reconhecia: era respeito mesclado com mais do que apenas um pouco de medo.

Por que estão como paspalhos? berrou Ned Tyler. A brincadeira acabou. Não têm trabalho a fazer? Manobrem aquelas bombas. Aquelas velas do joanete estão à bolina. Posso encontrar calceses para todas as mãos ociosas. Ouviu-se o baque de pés descalços pelo convés enquanto a tripulação corria para seus deveres, com sensação de culpa.

Hal inclinou-se, pegou seu alfanje e entregou-o ao timoneiro, pelo lado do cabo.

Obrigado, Ned. Precisei disso.

E lhe deu bom uso. Eu nunca vira aquele pagão dominado, a não ser pelo seu pai, antes de você.

Hal arrancou um trapo da barra esfarrapada de suas calças de lona, levou-o à orelha para estancar o sangue e desceu para a cabine de popa.

Sir Francis tirou os olhos de seu diário de bordo, a pena de ganso pousada sobre a página.

Não se mostre tão presunçoso, filhote resmungou para Hal. Aboli brincou com você, como sempre faz. Poderia tê-lo espetado uma dúzia de vezes antes que você virasse o jogo com aquele golpe de sorte ao final.

Quando Sir Francis levantou-se, dificilmente sobraria lugar para ambos na minúscula cabine. Os anteparos estavam cheios de livros de convés a convés, e mais deles espalhavam-se a seus pés; os volumes de capa de couro atulhavam-se dentro do cubículo que lhe servia como um catre. Hal ficou a imaginar onde ele encontrava espaço para dormir.

Seu pai dirigia-se a ele em latim. Quando estavam sozinhos, insistia em falar o idioma de um homem educado e culto.

Você morrerá antes de se tornar um espadachim, a menos que descubra o aço em seu coração assim como em sua mão. Algum holandês pesado o dividirá pelos dentes no primeiro encontro. Sir Francis olhou para o filho de fisionomia fechada. Recite a lei da espada.

Um olho nos olhos resmungou Hal em latim.

Fale alto, rapaz! A audição de Sir Francis fora afetada pelo estouro de colubrinhas; no correr dos anos, um milhar de surriadas explodira em torno de sua cabeça. Ao final de um enfrentamento, o sangue estaria pingando dos ouvidos dos marujos ao lado dos canhões, e durante dias depois disso até mesmo os oficiais na popa ouviam sinos celestiais a ressoar em seus crânios.

Um olho nos olhos repetiu Hal sonoramente, e seu pai aquiesceu.

Os olhos são a janela da mente. Aprenda a ler neles as intenções antes do ato. Veja ali o golpe antes que seja desferido. O que mais?

O outro olho para os pés recitou Hal.

Ótimo concordou Sir Francis. Os pés se moverão antes das mãos. O que mais?

Mantenha a ponta alta.

A regra cardinal. Nunca abaixe a ponta. Mantenha-a apontada para os olhos.

Sir Francis conduziu Hal através do catecismo, como fizera incontáveis vezes antes. Por fim, disse:

Eis mais uma regra para você. Lute desde o primeiro golpe, não apenas quando estiver ferido ou zangado, ou poderá não sobreviver ao primeiro ferimento.

Olhou para a ampulheta pendurada no convés acima de sua cabeça.

Ainda há tempo para sua leitura antes das preces do navio. Continuava a falar em latim. Pegue seu Titus Livius e traduza a partir do topo da página vinte e seis.

Por uma hora, Hal leu em voz alta a história de Roma no original, traduzindo cada verso em inglês conforme prosseguia. Então, por fim, Sir Francis fechou seu exemplar de Titus Livius com um baque.

Houve uma melhora. Agora, decline o verbo durare.

Que seu pai tivesse escolhido aquele verbo era um sinal de sua aprovação. Hal recitou com pressa e num só fôlego, diminuindo o ritmo quando chegou ao futuro do indicativo.

Durabo. Persistirei.

Aquela palavra era o lema da cota de armas dos Courtney, e Sir Francis sorriu com frieza quando Hal a pronunciou.

Possa o Senhor conceder-lhe essa graça. Levantou-se. Pode ir agora, porém não se atrase para as preces.

Feliz por se ver livre, Hal fugiu da cabine e rumou para cima pela escada do tombadilho.

Aboli estava agachado ao abrigo do vento ao lado de uma das pesadas colubrinhas de bronze perto da proa. Hal ajoelhou-se ao lado dele.

Eu o feri.

Aboli fez um eloqüente gesto de descaso.

Uma galinha a ciscar fere a terra com mais gravidade.

Hal puxou o manto de pano alcatroado dos ombros de Aboli, pegou-o pelo cotovelo e ergueu o braço grosso e musculoso para o alto para verificar o profundo corte pelas costelas.

Entretanto, este pequeno galo lhe deu uma boa bicada observou, com secura, e sorriu quando Aboli abriu a mão e lhe mostrou a agulha já enfiada com linha de costurar vela. Ia pegá-la, porém Aboli o conteve.

Lave o corte conforme eu lhe ensinei.

Com essa sua longa píton negra, você pode fazer isso por si mesmo exclamou Hal, e Aboli soltou sua longa e sonora risada, baixa e grave como um trovão distante.

Teremos de fazer isso com uma pequena lombriga branca.

Hal levantou-se e soltou a corda que lhe segurava as calças. Deixou-as caírem até os joelhos e com a mão direita afastou o prepúcio.

Eu te batizo, Aboli, senhor das galinhas! Imitava o tom de voz do pai em prece fervorosa e dirigiu o jato de urina amarela para a ferida aberta.

Embora Hal soubesse o quanto isso ardia, pois Aboli fizera o mesmo com ele muitas vezes, as feições negras permaneceram impassíveis. Hal lavou a ferida até a última gota e depois puxou as calças. Sabia o quanto era eficaz aquele remédio tribal de Aboli. Da primeira vez em que fora usado nele, ficara revoltado com isso, porém no decorrer de todos aqueles anos desde então ele jamais vira um ferimento

tratado assim gangrenar.

Pegou a agulha e o fio de vela, e enquanto Aboli segurava juntos os lábios do ferimento com a mão esquerda, Hal costurou-os com pontos de marinheiro, enterrando a ponta da agulha pela pele elástica e dando nós apertados. Quando terminou, pegou o pote de alcatrão quente que Aboli tinha pronto. Besuntou profusamente o ferimento costurado e meneou a cabeça, satisfeito com o trabalho.

Aboli levantou-se e ergueu a tanga de lona.

Agora vamos ver sua orelha disse a Hal, e o pênis escuro sobrepujava seu punho em metade do comprimento.

Hal encolheu-se depressa.

Não passa de um arranhão protestou, porém Aboli o segurou sem piedade pelo rabo-de-cavalo e torceu-lhe a face para cima.

Ao badalar do sino, a companhia amontoou-se na parte central do navio, e ficou de pé em silêncio, cabeças descobertas ao sol até mesmo os negros de tribos que não reverenciavam exclusivamente o Senhor crucificado, porém outros deuses também, cuja moradia eram as profundas florestas sombrias de seus lares.

Quando Sir Francis, tendo na mão a grande Bíblia de capa de couro, entoou sonoramente Nós vos imploramos, Deus Todopoderoso, entregai os inimigos de Cristo em nossas mãos para que não possam triunfar..., seus olhos eram os únicos ainda voltados para o céu. Cada outro olho na companhia se voltara em direção ao leste, de onde aquele inimigo viria, carregado de prata e especiarias.

Na metade do longo serviço religioso, uma linha de borrasca veio do leste, o vento a empurrar as nuvens numa massa escura e turbulenta sobre as cabeças e lavando os conveses com lençóis prateados de chuva. Porém, os elementos não poderiam conspirar para afastar Sir Francis de sua conversa com o Todopoderoso, e assim, enquanto a tripulação se enfiava em suas jaquetas de pano alcatroado, com chapéus do mesmo material amarrados sob o queixo, e a água a escorrer deles como do couro de um bando de morsas na praia, Sir Francis não perdeu o compasso de seu sermão.

Senhor da tempestade e do vento rezou ele, socorrei-nos. Senhor da linha de batalha, sede nosso escudo e proteção...

A borrasca passou sobre eles depressa e o sol irrompeu de novo, a reluzir nas ondas azuis, o vapor a fumegar nos conveses.

Sir Francis empurrou o chapéu de abas largas de cavalier para trás na cabeça, e as penas brancas ensopadas que o enfeitavam pareceram concordar em aprovação.

Mestre Ned, descarregue os canhões.

Era a ação apropriada a fazer, percebeu Hal. A chuva teria ensopado a escorva e molhado a pólvora carregada. Em vez do lento processo de retirar a bala e recarregar, seu pai daria à tripulação alguma prática.

Chame todos a postos, por favor.

O rufo do tambor ecoou pelo casco, e a tripulação correu a sorrir e brincar para seus postos. Hal pegou a ponta de um fósforo de queima lenta no braseiro ao pé do mastro. Quando acendeu por igual, pulou para as enxárcias e, carregando o fósforo incandescente nos dentes, subiu para seu posto de batalha no tope de mastro.

No tombadilho, viu quatro homens que manejavam uma barrica de água vazia e a empurravam em ziguezague para o lado do navio. A uma ordem da popa, ergueram-na e jogaram-na pela amurada, deixando que boiasse na esteira do navio. Enquanto isso, os artilheiros arrancaram os calços e, fazendo força nos tirantes, correram as colubrinhas. De ambos os lados no tombadilho inferior, havia oito, cada uma carregada com uma carga de pólvora e uma bala. No tombadilho superior estavam distribuídas três



semicolubrinas, cinco de cada lado, os longos canos lotados de metralha.

O Lady Edwina estava em falta com balas de ferro depois de seus dois longos anos de cruzeiro, e alguns dos canhões eram carregados com bolas de seixo rolado catados às margens das desembocaduras dos rios que desaguavam nas praias. Num movimento pesado, a nau virou de bordo e ajustou-se ao novo rumo, batendo contra o vento. O barril flutuante ainda estava duas amarras de distância à frente, porém a amplitude se estreitava lentamente. Os artilheiros seguiam de canhão a canhão, a empurrar os calços de elevação e ordenando que fossem ajustados os tirantes. Aquela era uma tarefa especializada: apenas cinco homens a bordo tinham a perícia necessária para carregar e preparar uma peça de artilharia.

No cesto de gávea, Hal girou o falconete de cano longo em seu eixo e apontou-o para uma massa de sargaços levada pela corrente. Então, com a ponta de seu alfanje, raspou a pólvora empedrada e úmida da caçoleta de escorva da arma e, com cuidado, reabasteceu-a com pólvora fresca de seu frasco. Depois de três anos de instrução dadas pelo pai, era tão perito como Ned Tyler, o artilheiro mestre do navio, na arte restrita aos iniciados. Seu posto de combate seria, por direito, no convés de artilharia, e ele ficaria contente com seu pai se este o colocasse lá porém recebera uma dura resposta: Você irá aonde eu o mandar. Agora, devia sentar-se ali, fora da confusão, enquanto seu jovem coração ansiava por ser parte daquilo.

De súbito, foi surpreendido pelo estouro de um tiro vindo do tombadilho abaixo. Uma longa e densa coluna de fumaça soprou e o navio adernou ligeiramente com a descarga. Um momento depois, uma alta formação de espuma elevou-se dramaticamente da superfície do mar quarenta e cinco metros à direita e vinte além do barril flutuante. Naquele alcance, não fora um mau tiro, porém o convés explodiu num coro de urras e assobios.

Ned Tyler correu para a segunda colubrina e verificou rapidamente sua colocação. Gesticulou para os homens no cordame para puxá-la para um ponto à esquerda e depois avançou um passo e levou o fósforo em chamas para o ouvido da arma. Um sibilante penacho de fumaça subiu e depois, da boca do canhão, surgiu uma chuva de fagulhas, pólvora meio queimada e torrões de sujeira úmida. A bala rolou pelo cano de bronze e caiu no mar a menos de meio caminho do alvo. A tripulação urrou de decepção.

As duas próximas armas negaram fogo. A praguejar com fúria, Ned ordenou aos tripulantes que puxassem as cargas com os longos forcados de ferro, enquanto corria pela fila.

Gasto enorme de pólvora e bala! recitou Hal para si mesmo as palavras do grande Sir Francis Drake por quem seu próprio pai fora batizado ditas depois do primeiro dia da épica batalha contra a armada de Felipe II, rei de Espanha, liderada pelo duque de Medina Sidônia. Durante todo aquele longo dia, sob a névoa pardacenta da fumaça dos tiros, as duas grandes frotas tinham perdido suas poderosas amuradas uma para a outra, porém o fogo de barragem não mandara um único navio de cada frota para o fundo.

Aterrorize-os com canhão instruíra-o seu pai, mas varra seus tombadilhos com o cutelo e vocalizara seu escárnio pela barulhenta porém ineficiente arte de artilharia naval. Era impossível mirar uma bala do tombadilho oscilante de um navio a um ponto preciso no casco de outro: a exatidão estava nas mãos do Todopoderoso em vez de naquelas do mestre artilheiro.

Como se para ilustrar o ponto, depois de Ned ter disparado cada um das pesadas armas a bordo, seis tinham negado fogo e o mais próximo que ele chegara de atingir o barril flutuante não passara de dezoito metros. Hal meneou a cabeça com tristeza, refletindo que cada um daqueles disparos havia sido cuidadosamente orientado e mirado. No calor de uma batalha, com a amplitude obscurecida pela fumaça em turbilhão, a pólvora e a bala socada com pressa dentro das bocas, os canos aquecidos de forma desigual e o fósforo aplicado à caçoleta de escorva por atiradores excitados e apavorados, os resultados não poderiam ser nem mesmo satisfatórios.

Por fim, seu pai olhou para ele.

Topo do mastro! rugiu.

Hal temera ter sido esquecido. Agora, com uma sensação de alívio, soprou a ponta do fósforo fumegante na mão. A chama luziu brilhante e forte.

Sir Francis o observava do tombadilho, a expressão séria e ameaçadora. Não deveria jamais mostrar o amor que nutria pelo menino. Precisava ser sempre duro e crítico na sua condução. Para o próprio bem do menino não, pela própria vida dele, devia forçá-lo a aprender, a competir, a persistir, a correr cada passo do curso adiante com toda a força e todo o coração. Sim, sem deixar aparente que ele deveria também ajudar, encorajar e assisti-lo. Precisava apascentá-lo com sabedoria, com sagacidade, em direção a seu destino. Havia se demorado a chamar por Hal até aquele momento, quando o barril flutuava para perto.

Se o rapaz pudesse arreventá-lo com a pequena arma, quando Ned falhara com o grande canhão, então sua reputação com a tripulação seria engrandecida. Os homens em sua maioria eram rufiões violentos, simples iletrados, porém um dia Hal seria chamado a liderá-los ou a outros como eles. Dera um passo gigantesco naquele dia ao sobrepujar Aboli diante deles todos. Ali estava uma oportunidade de consolidar esse ganho.

Guiar-lhe a mão e o vô da bala, ó Deus da linha de batalha rezou Sir Francis silenciosamente, e a companhia do navio dobrou o pescoço para observar o rapaz lá no alto.

Hal cantarolou baixinho enquanto se concentrava na tarefa, ciente dos olhos que o seguiam. No entanto, não sentiu a importância daquele disparo e estava alheio às preces do pai. Era um jogo para ele, apenas outra chance para sair-se bem. Hal gostava de vencer, e cada vez que o fazia, gostava mais. A jovem águia estava começando a rejubilar-se com a força de suas asas.

Girou o falconete para baixo, agarrando a ponta do longo rabo de bronze, e, olhando pelo cano, alinhou o corte acima da caçoleta de escorva com a marca ao final do cano.

Ele aprendera que era tolice mirar diretamente para o alvo. Haveria um atraso de segundos de quando ele aplicasse o estopim até o estouro do tiro, e, nesse ínterim, navio e barril teriam se movido em direções opostas. Haveria ainda o instante em que as balas disparadas estariam em vô antes de atingirem o alvo. Ele precisava calibrar onde o barril se posicionaria quando o tiro o alcançasse e não mirar para o lugar onde estivesse quando levasse o fósforo à caçoleta.

Desviou a alça de mira ligeiramente do alvo e pousou a ponta luzidia do fósforo à espoleta. Forçou-se a não se esquivar da combustão da pólvora em chama nem recuar de antecipação à explosão, porém manteve os canos a oscilarem gentilmente na linha que escolhera.

Com um rugir que fez zunir seus tímpanos, o falconete pinoteou nos eixos e tudo desapareceu numa nuvem de fumaça acinzentada. Em desespero, Hal sacudiu a cabeça à esquerda e à direita, tentando ver em torno da fumaça, mas foram os vivos dos tombadilhos abaixo que fizeram seu coração saltar, ao alcançá-lo apesar dos ouvidos que cantavam. Quando o vento dissipou a fumaça, ele pôde ver as tábuas curvas do barril esfacelado a girar e revirar à popa, na esteira do navio. Soltou um urro de alegria e acenou com o gorro para as faces no convés lá embaixo.

Aboli estava em seu lugar na proa, timoneiro e capitão de artilharia do primeiro turno. Devolveu o sorriso beatífico de Hal e bateu no peito com o punho fechado, enquanto com o outro brandia o alfanje sobre a cabeça calva.

O tambor ressoou para dar um fim ao exercício e mandar a tripulação para seus postos de batalha. Antes de descer pelas enxárcias, Hal recarregou o falconete com cuidado e atou uma tira de lona ensopada de alcatrão em torno da caçoleta de escorva para protegê-la do sereno, chuva e borrifos.

Assim que seus pés tocaram o convés, ele olhou para a popa, a tentar encontrar o olhar do pai e colher sua aprovação. Sir Francis, contudo, estava concentrado em conversa com um de seus oficiais de

pequena importância. Um instante se passou antes que olhasse friamente por sobre o ombro para Hal.

Por que está aparvalhado, rapaz? Há armas a serem recarregadas.

Ao se afastar, Hal sentiu uma pontada de desapontamento, porém as congratulações ruidosas da tripulação, os tapas rijos em suas costas e ombros enquanto passava pelo convés de artilharia lhe devolveram o sorriso.

Quando Ned Tyler o viu aproximar-se, deu um passo atrás da culatra da colubrina que carregava e estendeu o soquete para Hal.

Qualquer idiota pode disparar, porém é preciso um bom homem para carregá-la resmungou e recuou com ar de crítica para observar Hal medir uma carga da barrica de couro com pólvora. Que peso de pólvora? perguntou, e Hal deu a mesma resposta que dera uma centena de vezes antes.

O mesmo peso daquele da bala esférica.

A pólvora negra era composta de grânulos grosseiros. Houvera uma época em que, sacudida e agitada pelo balanço do navio ou algum outro movimento repetitivo, os três elementos essenciais, enxofre, carvão e salitre, poderiam se separar e se tornarem inúteis. Desde então, o processo de granulação tinha evoluído, o pó fino em estado natural sendo tratado com urina ou álcool para se transformar num bolo que era então esmagado num moinho até o tamanho requerido. Contudo, o processo não era perfeito, e um artilheiro deveria ter sempre um olho atento à condição de sua pólvora. Umidade ou tempo de duração poderiam degradá-la. Hal testou os grãos entre os dedos e provou uma pitada. Ned Tyler o ensinara a assim diferenciar entre a pólvora boa e a degenerada. Em seguida, ele verteu o conteúdo da barrica dentro do cano e depois disso colocou a bucha de estopa.

Então empurrou tudo para baixo com o longo soquete de cabo de madeira. Essa era outra parte crucial do processo: com a pólvora sendo socada firmemente, a chama poderia não passar através da carga, e era inevitável que a arma negasse fogo; não socada com firmeza suficiente porém, a pólvora negra iria queimar sem o poder de empurrar o pesado projétil para fora do cano. A socadura correta era uma arte que só poderia ser aprendida com uma prática prolongada, mas Ned meneou a cabeça em aprovação enquanto observava Hal trabalhar.

Muito mais tarde, Hal subiu de novo para a luz do sol. Todas as colubrinas estavam carregadas e seguras atrás de suas portinholas, e o torso nu de Hal luzia de suor do calor do apertado convés de artilharia e do trabalho com o soquete. Ao parar para enxugar a face gotejante, puxar a respiração e esticar as costas depois de ficar agachado por tanto tempo no espaço exíguo do convés inferior, seu pai o chamou, com profunda ironia:

A posição do navio não tem nenhum interesse para você, mestre Henry?

Com um sobressalto, Hal olhou para o sol. Estava alto nos céus acima: a manhã passara depressa. Correu para a escada do tombadilho, desceu-a, irrompeu pela cabine do pai e pegou o pesado sextante de sua caixa na antepara. Em seguida voltou-se e correu de volta para o convés de popa.

Graças a Deus, não estou atrasado murmurou ele para si mesmo e relanceou os olhos para a posição do sol. Estava sobre o braço da verga de estibordo. Posicionou-se de costas para ele, de tal maneira que a sombra lançada pela vela principal não o escondesse, e mesmo assim tivesse uma clara visão do horizonte para o sul.

Agora, concentrava toda a atenção no quadrante do sextante. Tinha de manter o pesado instrumento firme contra o jogo do navio. Depois, precisava ler o ângulo que os raios do sol subentendessem no quadrante por sobre seu ombro, o que lhe daria a inclinação do sol em relação ao horizonte. Era um ato de malabarismo que requeria força e destreza.

Por fim, pôde observar a passagem do meio-dia e leu o ângulo do sol com o horizonte no momento preciso em que chegava ao zênite. Hal baixou o sextante com os braços e ombros doloridos, e garatujou

rapidamente a leitura na lousa lateral.

Depois, correu para baixo da escada até a cabine de popa, porém a tabela dos ângulos celestes não estava em sua estante. Preocupado, ele se voltou e viu que seu pai o seguira e o observava com um olhar intenso. Nenhuma palavra foi trocada, porém Hal sabia que estava sendo desafiado a provar seu valor pela memória. Sentou-se no baú do pai que servia como escrivaninha e fechou os olhos enquanto visualizava as tabelas com os olhos da mente. Precisava recordar-se das figuras do dia anterior e extrapolar a partir delas. Massageou o lóbulo da orelha inchado, e seus lábios se moveram de forma inaudível.

De súbito, sua face iluminou-se; ele abriu os olhos e rabiscou outro número na lousa. Trabalhou por mais um minuto, transferindo o ângulo do sol do meio-dia para graus de latitude. Então ergueu os olhos, triunfante.

Trinta e quatro graus, quarenta e dois minutos de latitude sul. Seu pai tomou a lousa da mão, verificou as figuras e em seguida estendeu-a de volta a ele. Inclinou a cabeça ligeiramente, em concordância.

Bastante próximo, se sua visão do sol estava correta. Agora, qual a sua longitude?

A determinação da longitude exata era um enigma que nenhum homem jamais resolvera. Não havia nenhum medidor de tempo, ampulheta ou relógio que pudesse ser carregado a bordo de um navio e ainda ser suficientemente exato para manter o passo das revoluções majestosas da terra. Apenas a tábua transversal, que estava pendurada ao lado da bitácula de compasso, poderia guiar os cálculos de Hal. Agora ele estudava os pinos que o timoneiro colocara nos orifícios em torno da rosados-ventos do compasso a cada vez que alterara o rumo durante o turno anterior. Hal somou e fez a média desses valores, e em seguida marcou na carta de navegação da cabine de seu pai. Era apenas uma aproximação rude da longitude, e, como era de se prever, seu pai mostrou-se relutante.

Eu teria dado um toque mais para leste, pois com os teredos no fundo e a água dos porões, a nau cai pesadamente a sotavento; porém, marque seu cálculo no diário de bordo.

Hal ergueu os olhos, atônito. Aquele era um dia realmente momentoso. Nenhuma outra mão além da do pai jamais escrevera no diário de capa de couro que ficava ao lado da Bíblia no tampo do baú.

Enquanto seu pai observava, Hal abriu o diário e, por um instante, fitou as páginas cheias da escrita fluente e elegante de Sir Francis e os belos desenhos de homens, navios e aproximações de terra que adornavam as margens. Seu pai era um artista abençoado. Emocionado, Hal mergulhou a pena no tinteiro de ouro que uma vez pertencera ao capitão do Heerlycke Nacht, um dos galeões da Companhia Holandesa das Índias Orientais que seu pai apresara. Deixou que a tinta supérflua gotejasse da ponta, caso contrário iria macular a página sagrada. Então prendeu a ponta da língua entre os dentes e escreveu, com infinito cuidado.

Um toque de sino no turno da tarde, neste terceiro dia de setembro no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1667. Posição 34 graus 42 minutos sul, 20 graus 5 minutos leste. O continente africano à vista a partir do tope de mastro na direção devida norte.

Sem se atrever a acrescentar mais nada e aliviado por não ter estragado a página com rabiscos ou perdigotos, Hal colocou de lado a pena e secou com areia as letras bem formadas com orgulho. Sabia que sua mão era firme embora talvez não tão firme quanto a do pai, pensou, ao comparar a caligrafia.

Sir Francis tomou a pena que ele deixara de lado e, debruçando-se sobre o ombro do filho, escreveu: Esta manhã, antes do meio-dia, o alferes Henry Courtney foi severamente ferido numa briga jamais vista.

Então, ao lado da citação, desenhou rapidamente uma caricatura notável de Hal com sua orelha inchada estendida para a frente e despencando para um lado, e o nó da linha que o prendia a contornar

como um arco os cabelos de uma mulher.

Hal se engasgou com a própria gargalhada reprimida, porém, quando ergueu os olhos, viu o luzir nos olhos verdes do pai. Sir Francis pousou a mão sobre o ombro do rapaz o que era o mais próximo que ele poderia chegar de um abraço, e apertou-o, enquanto dizia:

Ned Tyler estará aguardando para instruí-lo no conhecimento do cordame e da guarnição do velame. Não o deixe à espera.

Embora fosse tarde quando Hal seguiu adiante pelo convés superior, ainda havia luz suficiente para que achasse o caminho com facilidade entre os corpos adormecidos dos oficiais fora de turno. O céu da noite estava cheio de estrelas, numa disposição tal que deveria extasiar os olhos de qualquer nortista. Naquela noite, Hal não tinha olhos para elas. Estava exausto a ponto de não se agüentar de pé. Aboli guardara um lugar para ele na proa, sob o abrigo do canhão dianteiro, onde ficavam fora do vento. Estendera o catre cheio de palha sobre o convés, e Hal tombou agradecido sobre ele. Não havia acomodações colocadas à disposição da tripulação, e os homens dormiam onde pudessem encontrar um espaço no tombadilho aberto. Naquelas noites cálidas do Sul, todos preferiam as partes superiores ao convés inferior abafado. Jaziam em filas, ombro a ombro, porém a proximidade de tanta humanidade fedorenta era natural para Hal, e até mesmo os roncos e resmungos não poderiam impedi-lo por muito tempo de dormir. Chegou-se um pouco mais perto de Aboli. Era como dormira a cada noite pelos últimos três anos, e extraía conforto da imensa figura a seu lado.

Seu pai é um grande líder murmurou Aboli. É um guerreiro e conhece os segredos do mar e dos céus. As estrelas são suas filhas.

Sei que tudo isso é verdade respondeu Hal, na mesma língua tribal.

Foi ele que me ordenou que o enfrentasse com a espada hoje confessou Aboli.

Hal ergueu-se sobre um cotovelo e olhou para a escura figura a seu lado.

Meu pai queria que você me cortasse? perguntou, incrédulo.

Você não é como os outros rapazes. Se sua vida é dura agora, será ainda mais dura daqui para a frente. Você foi escolhido. Um dia terá em seus ombros o grande manto da cruz vermelha. Deve ser merecedor dele.

Hal afundou-se na enxerga e olhou para as estrelas.

E se eu não quiser essa coisa? perguntou.

É sua. Você não tem escolha. Aquele que é Cavaleiro Nautonnier escolhe o cavaleiro a segui-lo. Tem sido assim por quase quatrocentos anos. Sua única escapatória para isso é a morte.

Hal ficou calado por tanto tempo que Aboli pensou que o sono o dominara, mas então o rapaz murmurou:

Como sabe dessas coisas?

Por seu pai.

Você também é um cavaleiro de nossa ordem? Aboli riu baixinho.

Minha pele é muito escura e meus deuses são estranhos. Eu jamais poderia ser escolhido.

Aboli, estou com medo.

Todos os homens têm medo. Cabe a nós de sangue guerreiro subjugar o medo.

Você nunca me deixará, não é, Aboli?

Ficarei a seu lado enquanto precisar de mim.

Então, não terei tanto medo.

Horas mais tarde, Aboli acordou de um profundo sono sem sonhos com a mão de alguém em seu ombro.

Oito toques de sino do turno do meio, Gundwane. Usava o apelido de Hal; em seu próprio idioma

significava Rato dos Arbustos. Não era pejorativo, apenas o nome afetoso que ele pusera no menino de quatro anos de idade que fora colocado sob seus cuidados havia mais de uma década.

Quatro horas da manhã. Haveria luz em uma hora. Hal espreguiçou-se e, esfregando os olhos, cambaleou para a barrica malcheirosa e aliviou-se. Depois, completamente acordado, correu pelo convés que subia e descia num balanço, evitando as figuras adormecidas que o coalhavam.

O cozinheiro tinha o fogo na cozinha alinhada de tijolos e passou a Hal uma caneca de peltre com sopa e um biscoito duro. Hal estava esfomeado e engoliu o líquido embora lhe escaldasse a língua. Quando mordeu o biscoito, sentiu os gorgulhos estourarem entre os dentes.

Ao correr para o pé do mastro principal, viu o brilho do cachimbo de seu pai nas sombras da popa e sentiu o cheiro do tabaco no ar doce da noite. Hal não parou e subiu as enxárcias, notando a mudança de amura e a nova disposição das velas que tivera lugar enquanto ele dormia.

Quando chegou ao topo de mastro e liberou o vigia dali, acomodou-se no cesto de gávea e olhou para cima. Não havia lua e, a não ser pelas estrelas, tudo estava escuro. Ele conhecia cada estrela pelo nome, da poderosa Sirius à pequena Mintaka no cinturão reluzente de Orion. Eram as chaves de código do navegador, os sinaleiros do céu, e ele aprendera seus nomes com o alfabeto. Seu olhar continuou sem querer a buscar Regulo, no signo de Leão. Não era a estrela mais brilhante do zodíaco, porém era sua própria estrela particular, e Hal sentiu um tranqüilo prazer ao pensar que ela brilhava apenas para ele. Aquela era a hora mais feliz de seu longo dia, o único momento em que poderia ficar só na nau superlotada, a única hora em que poderia deixar a mente vagar entre as estrelas e a imaginação assumir as rédeas.

Seus próprios sentidos pareciam alterados. Mesmo acima do soluço do vento e do ranger dos cordames, ele podia ouvir a voz do pai e reconhecer seus tons, se não as palavras, enquanto conversava tranqüilamente com o timoneiro no tombadilho lá embaixo. Podia ver o nariz adunco do pai e o conjunto de suas sobranceiras sob o brilho avermelhado do forninho do cachimbo quando ele tragava a fumaça do tabaco. Parecia-lhe que seu pai nunca dormia.

Podia sentir o cheiro do iodo do mar, o aroma fresco de algas e de sal. Seu nariz era tão apurado, purgado por meses do suave ar marinho, que ele podia até mesmo farejar o ligeiro odor da terra, o cheiro quente e cozido da África como biscoito saído do forno.

Então, havia um outro cheiro, tão leve que ele pensou que suas narinas lhe pregavam uma peça. Um minuto mais tarde, sentiu-o de novo, apenas um traço adocicado de mel ao vento. Não o reconheceu e virou a cabeça para trás e para a frente, a farejar ansioso em busca de novo vislumbre do leve perfume.

De repente, eis que aparecia outra vez, tão fragrante e forte que ele estremeceu como um bêbado a cheirar um jarro de aguardente de vinho, e teve de se controlar para não gritar alto com a excitação. Com esforço, manteve a boca fechada e, com o aroma a lhe encher a cabeça, pulou do cesto de gávea e escorregou pelas enxárcias até o tombadilho abaixo. Correu de pés descalços tão silenciosamente, que o pai sobressaltou-se quando ele tocou-lhe o braço.

Por que deixou seu posto?

Eu não poderia berrar para o senhor do topo do mastro. Eles estão muito perto. Poderiam me ouvir também.

O que está tartamudeando, rapaz? Seu pai ficou zangado. Fale direito.

Papai, não sente o cheiro? Sacudiu o braço do pai com aflição.

O que é? Sir Francis tirou o cabo do cachimbo da boca. Que cheiro é esse que você sentiu?

Especiaria! exclamou Hal. O ar está cheio do perfume de especiaria.

Ned Tyler, Aboli e Hal movimentavam-se rapidamente pelo convés, a sacudir os vigias de folga para que acordassem, a avisá-los para se manterem em silêncio enquanto os empurravam para seus postos de

batalha. A emoção era contagiante. A espera terminara. Os holandeses estavam lá em algum lugar por perto, na direção do vento em meio à escuridão. Todos podiam sentir o cheiro de sua fabulosa carga agora.

Sir Francis apagou a vela na bitácula para que a nau não mostrasse nenhuma luz e em seguida passou as chaves dos baús de armas para seus intendentess. Eram mantidas trancadas até que a caça estivesse à vista, pois o pavor de motim estava sempre no canto da mente de todo capitão. Em outras ocasiões, apenas os oficiais inferiores carregavam alfanjes.

Com pressa, os baús foram abertos, e as armas passadas de mão em mão. Os alfanjes eram de bom aço Sheffield, com cabos simples de madeira e copos guarda-mão. As lanças tinham eixos de carvalho inglês de dois metros e pesadas cabeças hexagonais de ferro. Aqueles da tripulação a quem faltava habilidade com a espada escolheram ou aqueles robustos chuços ou os machados de abordagem que poderiam decepar a cabeça de um homem de seus ombros com um golpe.

Os mosquetes estavam armazenados no armazém de pólvora negra. Foram trazidos para cima, e Hal ajudou os atiradores a carregálos com um punhado de bolotas de chumbo por cima de um punhado de pólvora. Eram armas imprecisas, desajeitadas, com uma amplitude efetiva de apenas vinte ou trinta metros. Depois que o gatilho era acionado e a espoleta aplicada mecanicamente, a arma disparava numa nuvem de fumaça; depois, porém, tinha de ser recarregada. Essa operação demorava dois ou três minutos cruciais, durante os quais o mosqueteiro estava à mercê de seus inimigos.

Hal preferia o arco; o famoso arco longo inglês que dizimara os cavaleiros franceses em Agincourt. Ele poderia soltar uma dúzia de flechas no tempo que levava para recarregar um mosquete. O arco longo transpunha cinqüenta passos com a precisão necessária para atingir um oponente no centro do peito e a força para espetá-lo até o osso, mesmo que usasse uma couraça ao peito. Ele já tinha dois pacotes de flechas amarradas dos lados do cesto de gávea, prontas, à mão.

Sir Francis e alguns de seus oficiais menores colocaram suas meias armaduras, couraças leves de cavalaria e elmos de aço. O sal do mar as enferrujara, e elas estavam denteadas e amassadas de outras ações.

Em breve, o navio estava pronto para a batalha, e a tripulação armada e protegida. Contudo, as portinholas dos canhões estavam fechadas, e as semicolubrinas não estavam corridas para fora. A maioria dos homens foi mandada às pressas para baixo por Ned e outros intendentess, enquanto o restante recebia ordens para se deitar de barriga no convés, escondendo-se embaixo da proteção da amurada. Nenhum estopim foi aceso o brilho e a fumaça poderiam alertar a caça para o perigo. No entanto, braseiros ardiam ao pé de cada mastro, e os calços foram arrancados das portinholas dos canhões com marretas de madeira enroladas em panos para que o som dos baques não se alastrasse.

Aboli abriu caminho entre as figuras agitadas até onde Hal estava, ao pé do mastro. Em torno da cabeça calva, usava um pano escarlata cuja ponta pendia até suas costas, e enfiado na faixa em sua cintura estava um alfanje. Debaixo de um braço, um pacote enrolado de seda colorida.

De seu pai. Jogou o pacote nos braços de Hal. Seu pai diz que você tem de ficar no topo do mastro, não importa como se desenrole a luta. Ouviu bem?

Virou-se e correu de volta para a proa. Hal sorriu com ar rebelde às costas largas do negro, mas subiu obediente pelas enxárcias. Quando chegou ao topo do mastro, esquadrinhou a escuridão rapidamente, porém ainda não havia nada para ver. Mesmo o aroma de especiaria se evaporara. Sentiu uma pontada de preocupação de que pudesse ter imaginado aquilo.

A caça apenas afastou-se de nosso vento reafirmou a si mesmo. É provável que esteja ao nosso lado agora.

Amarrou o pendão que Aboli lhe dera à adriça de sinalização, pronto para soltá-lo a uma ordem de

seu pai. Em seguida, removeu a cobertura da caçoleta da escorva do falconete. Verificou a tensão da corda antes de colocar o arco dentro do cesto, ao lado dos pacotes de flechas compridas. Agora não havia nada a fazer a não ser esperar. Abaixo dele o navio estava num silêncio incomum, nem mesmo um sino a marcar a passagem das horas, apenas o canto suave das velas e o acompanhamento mudo dos cordames.

O dia chegou sobre eles com a brusquidão que naqueles mares africanos ele viera a conhecer tão bem. Para fora da noite que morria, elevou-se uma alta torre brilhante, rútila e transluzente como um pico coberto de gelo um grande navio sob uma massa de velas lustrosas, os mastros tão altos que pareciam tocar as últimas estrelas pálidas do céu.

Vela à vista. Ele calibrou a voz para que esta chegasse até o convés abaixo, mas não até o navio estranho que jazia a uma légua de distância, pelas águas escuras. Bem no eixo de bombordo!

A voz do pai fluiu de volta para ele.

Topo do mastro! Desfralde as cores!

Hal puxou a adriça e o pacote de seda voou pelo topo do mastro. Então, enfunou-se, aberto, e a bandeira tricolor da República de Holanda tremulou para sudeste, em laranja, branco nevado e azul. Em questão de instantes, as outras flâmulas e longos pendões se enfunavam da cabeça da mezena e do mastro de proa, um brasonado com a cifra da VOC, die Verenigde Oostindische Compagnie, a Companhia Unida da Índia Oriental. A insígnia régia era autêntica, capturada apenas quatro meses antes do Heerlycke Nacht. Mesmo o estandarte do Conselho dos Dezesete era genuíno. Dificilmente houvera tempo para o capitão do galeão saber da captura de sua nau irmã e portanto questionar as credenciais daquela estranha caravela.

Os dois navios estavam em cursos convergentes mesmo no escuro, Sir Francis avaliara bem sua interceptação. Não houve brado para alterar o curso e alarmar o capitão holandês. Em questão de minutos, porém, estava claro que o Lady Edwina, apesar do casco infestado de vermes, era mais rápido na água que o galeão. Logo iria ultrapassar o outro navio, o que era preciso evitar a qualquer custo.

Sir Francis observou o galeão pelas lentes de sua luneta e, de imediato, viu por que a nau era tão lenta e desgraciosa: seu mastro principal estava com cordame provisório e ela havia muitas outras evidências de danos a seus outros mastros e cordoalha. Percebeu que ela deveria ter sido colhida em alguma terrível tempestade nos oceanos do leste o que também deveria contar para o atraso na chegada à aproximação de terra, no cabo Agulhas. Sabia que não poderia mudar a disposição de velas sem alertar o capitão holandês, porém tinha que passar pela nau à popa. Estava preparado para isso: fez um sinal ao carpinteiro na amurada, que, com seu companheiro, ergueu uma âncora flutuante de lona pesada e deixou-a cair pela popa. Como um freio num garanhão forte, ela afundou na água e segurou com dureza o Lady Edwina. De novo Sir Francis avaliou as velocidades díspares das duas naus e meneou a cabeça com satisfação.

Então, correu o olhar pelo próprio tombadilho. A maioria dos homens estava escondida sob os conveses ou deitados sob as amuras de onde eram invisíveis mesmo para os vigias na gávea do galeão. Não havia armas à vista, todos os canhões ocultos por trás de suas portinholas. Quando Sir Francis capturara aquela caravela, ela era um mercante holandês que operava ao largo da costa da África Ocidental. Ao convertê-la numa nau pirata, ele fizera o possível para preservar seu ar inocente e as linhas prosaicas. Apenas uma dúzia ou pouco mais de homens estavam visíveis nos conveses e no cordame, o que seria normal para um navio mercante desatento.

Ao olhar de novo, as bandeiras da república e da companhia abriram-se nos topos do mastro da nau holandesa. Apenas um pouco tardiamente ela agradecia sua saudação.

Ela nos aceitou resmungou Ned, ao manter solidamente o Lady Edwina no curso. Gosta de nossa pele



de cordeiro.

Talvez! retrucou Sir Francis. E, contudo, solta mais pano. Enquanto observavam, os sobrejoanetes e joanetes do galeão sopraram contra o céu matutino.

Olhe lá! exclamou, um momento depois. Está alterando o curso, afastando-se de nós. O holandês é um camarada cauteloso.

Pelos dentes de Satã! Sinta só o cheiro! murmurou Ned, quase para si mesmo, quando um traço do aroma de especiarias perfumou o ar. Doce como uma virgem e duas vezes mais bonito.

É o perfume mais rico que vocês alguma vez já tiveram em suas narinas falou Sir Francis em voz alta o suficiente para que os homens no tombadilho abaixo o escutassem. Ali jazem cinquenta libras por cabeça de prêmio em dinheiro, se tiverem vontade de lutar por isso. Cinquenta libras eram três anos de salários de um trabalhador inglês, e os homens encheram-se de excitação e rosaram como cães de caça sob controle.

Sir Francis rumou para a amurada de popa e ergueu o queixo para chamar pelos homens nos cordames:

Façam crer que aqueles cabeças de queijo lá são seus irmãos. Dêem-lhes um viva e calorosas boasvindas.

Os homens ao alto urraram de alegria e acenaram com seus gorros para o grande navio, enquanto o Lady Edwina se aproximava por baixo da popa do galeão.

Katinka van de Velde sentou-se e olhou de cenho fechado para Zelda, sua velha babá. Por que me acordou tão cedo? perguntou, petulante, e jogou as mechas de cachos dourados para trás da face. Mesmo saída do sono, era rosada e angelical. Seus olhos tinham uma surpreendente cor violeta, como as asas lustrosas de um beija-flor tropical.

Há um outro navio perto de nós. Outro navio da companhia. O primeiro que vemos em todas aquelas terríveis semanas tormentosas. Eu começava a pensar que não havia outra alma cristã no mundo reclamou Zelda, chorosa. Você está sempre se queixando de tédio. Isso pode diverti-la por algum tempo.

Zelda era pálida e abatida. Suas faces, um dia gordas, suaves e luzidas de uma boa vida, estavam encovadas. Sua enorme barriga se fora e pendia em dobras de pele solta quase até seus joelhos. Katinka podia vê-la através do tecido fino da camisola.

Ela perdera toda a gordura e metade da carne, pensou Katinka com uma ferroadada de desgosto. Zelda ficara prostrada pelos ciclones que assaltaram o Standvastigheid e o massacraram sem misericórdia desde que tinham deixado a costa de Trincomalee, no Ceilão.

Katinka jogou os lençóis de cetim e balançou as pernas na borda da cama dourada. Sua cabine fora especialmente mobiliada e decorada para acomodá-la, a uma filha de um dos onipotentes Zeventien, os dezessete diretores da companhia. A decoração era toda em dourado e veludo, almofadas de seda e vasos de prata. Um retrato de Katinka pelo artista da moda em Amsterdã, Pieter de Hoogh, pendia do anteparo do lado oposto à cama, um presente de casamento de seu pai amoroso. O artista captara seu lascivo virar de cabeça. Devia ter esgotado a paleta para reproduzir tão fielmente a cor maravilhosa de seus olhos e sua expressão, que era ao mesmo tempo inocente e devassa.

Não acorde meu marido avisou ela à velha, enquanto jogava um manto de brocado dourado sobre os ombros e amarrava o cinto de pedrarias na cintura de ampolheta. As pálpebras de Zelda caíram, numa concordância conspiratória. Por insistência de Katinka, o governador dormia na cabine menor e menos suntuosa além da porta, que ficava trancada do lado dela. Sua desculpa era que ele roncava de forma abominável, e que ela estava indisposta pelo mal-de-mer (enjôo). Na verdade encarcerada em seus aposentos durante todas aquelas semanas, Katinka estava inquieta e aborrecida, a explodir de energia jovem e inflamada de desejos que o velho gordo não poderia jamais saciar.

Tomou a mão de Zelda e pisou no estreito corredor de popa. Era um balcão particular, ornado de querubins e anjos entalhados, a olhar por sobre a esteira do navio e escondido dos olhos vulgares da tripulação.

Estava uma manhã inebriante com a magia da luz do sol, e conforme encheu os pulmões com o travo salgado do mar, ela sentiu cada músculo e nervo de seu corpo estremecer com o ímpeto da vida. O vento arrancava penas cremosas dos topos das longas ondas azuis e brincava com seus cachos dourados. Fazia farfalhar as sedas de seus seios e ventre com a carícia dos dedos de um amante. Ela se espreguiçou e arqueou as costas sensualmente, como um saudável gato dourado.

Então, viu o outro navio. Era muito menor que o galeão, porém de linhas agradáveis. As belas bandeiras e pendões que esvoaçavam nos mastros contrastavam com o conjunto de suas velas brancas. Estava perto o bastante para que ela divisasse a figura dos poucos homens que manobravam os cordames. Eles estavam acenando em saudação, e ela podia ver que alguns eram jovens e vestidos apenas com tangas curtas.

Debruçou-se na amurada e apurou os olhos. Seu marido ordenara que a tripulação do galeão observasse um código estrito de vestimenta enquanto ela estivesse a bordo, e assim, as figuras naquele navio estranho a fascinavam. Cruzou os braços sobre o peito e apertou os seios juntos, sentindo os mamilos duros e intumescidos. Queria um homem. Requeimava por um homem, qualquer homem, desde que fosse jovem e duro e entusiasmado por ela. Um homem como aquele que conhecera em Amsterdã antes que seu pai descobrisse seu gosto por jogo pesado e a tivesse mandado para as Índias, para a segurança de um velho marido que tinha uma alta posição dentro da companhia e perspectivas ainda mais altas. A escolha recaía sobre Petrus Jacobus van de Velde, que agora casado com Katinka, tinha assegurado a próxima vaga no conselho da companhia, onde se juntaria ao panteão dos Zeventien.

Venha para dentro, Lieveling. Zelda puxou-a pela manga. Aqueles rufiões lá estão olhando para você.

Katinka sacudiu o ombro para se livrar da mão de Zelda, mas era verdade. Eles a reconheciam como a uma fêmea. Mesmo àquela distância, a excitação de todos era quase palpável. Suas momices haviam se tornado frenéticas, e uma figura maltrapilha na proa enchera as mãos na própria virilha e jogava os quadris na direção dela num gesto rítmico e obsceno.

Revoltam,! Venha para dentro! insistiu Zelda. O governador ficará furioso se vir o que aquele animal está fazendo.

Ele deveria ficar furioso por não poder se sair com tanta habilidade retrucou Katinka, com ar angelical. Comprimiu as coxas com força para melhor saborear a súbita quentura úmida em sua junção. A caravela estava muito mais próxima agora, e ela podia ver que aquilo que o marujo lhe oferecia era volumoso o bastante para lhe ultrapassar as mãos em concha. A ponta de sua língua rosada correu pelos lábios polpudos.

Por favor, senhora.

Num instante objetou Katinka, com relutância. Você tinha razão, Zelda. Isso realmente me diverte. Ergueu a mão branca e acenou para o outro navio. No mesmo instante, os homens redobram seus esforços para lhe chamar a atenção.

Isso é por demais indigno resmungou Zelda.

Mas é divertido. Nunca mais veremos aquelas criaturas de novo, e ser sempre digno é tão aborrecido. Inclinou-se a alguma distância do parapeito e deixou que a frente da camisola se abrisse.

Naquele momento, ouviu-se uma pancada pesada na porta da cabine de seu marido. Sem mais aviso, Katinka fugiu do balcão, correu para a cama e jogou-se sobre ela. Puxou os lençóis de cetim até o queixo, antes de fazer um gesto a Zelda, que ergueu a tramela da porta e se abaixou numa reverência desengonçada enquanto o governador irrompia quarto adentro. Ele ignorou-a e, amarrando o roupão em

torno da barriga protuberante, rumou para a cama onde estava Katinka. Sem a peruca, a cabeça estava coberta por esparsos fios grisalhos.

Minha cara, está bem o bastante para se levantar? O capitão enviou um recado. Quer que nos vistamos e nos aprontemos. Há um estranho navio ao largo e tem um comportamento suspeito.

Katinka disfarçou um sorriso ao pensar no comportamento suspeito do marujo desconhecido. Em vez disso, fez uma expressão de coragem, porém de dar pena.

Minha cabeça está estourando, e meu estômago...

— Minha pobre querida. Petrus van de Velde, governador eleito do cabo da Boa Esperança, inclinou-se sobre ela. Mesmo naquela manhã fria suas bochechas estavam lustrosas de suor e ele recendia ao jantar da noite passada, peixe ao curry javanês, alho e rum azedo.

Desta vez, seu estômago realmente revoltou-se, mas Katinka ofereceu-lhe a face com obediência.

Eu posso ter forças para me levantar murmurou, se o capitão ordena.

Zelda correu para o lado da cama e ajudou-a a se sentar e depois a se erguer nos pés. Com um braço em torno de sua cintura, conduzia até um pequeno biombo chinês no canto da cabine. Sentado no banco do lado oposto, seu marido via apenas vagos relances de pele branca por detrás dos painéis pintados de seda, e mesmo assim virava a cabeça para enxergar mais.

Quanto tempo mais essa terrível viagem vai durar? reclamou Katinka.

O capitão me assegurou que, com esses ventos a se manterem firmes, deverá lançar âncora na baía da Mesa dentro de três dias.

Que o Senhor me dê forças para sobreviver por esse tempo.

Ele nos convidou para jantar hoje com ele e seus oficiais retrucou o governador. É uma pena, mas mandarei um recado dizendo que você está indisposta.

A cabeça e os ombros de Katinka assomaram por sobre o biombo.

Não fará uma coisa dessas! esbravejou ela. Seus seios, redondos, brancos e macios, tremeram de agitação.

Um dos oficiais a interessava mais do que apenas um pouco. Era o coronel Cornelius Schreuder, que, como seu próprio marido, estava en route para assumir uma designação no cabo da Boa Esperança. Fora apontado como comandante militar da povoação da qual Petrus van de Velde seria governador. Usava bigodes de ponta e uma barba na moda, no estilo van Dick, e se desdobrava em reverências graciosas a Katinka a cada vez que ela subia ao convés. Tinha pernas bem torneadas e os olhos escuros, brilhantes como de uma águia e que provocavam arrepios pela pele de Katinka quando a fitavam. Ela lera neles mais do que um justo respeito por sua posição, e ele correspondera de forma gratificante ao olhar de soslaio que ela lhe enviara com apreciação por sob os longos cílios.

Quando chegassem ao cabo, ele seria subordinado de seu marido. Sob as ordens dela também e ela tinha certeza de que poderia aliviar a monotonia do exílio na povoação abandonada no fim do mundo que seria seu lar pelos próximos três anos.

Quero dizer ela mudou de tom rapidamente, seria indelicado de nossa parte declinar da hospitalidade do capitão, não seria?

Mas sua saúde é mais importante protestou ele.

Encontrarei forças resmungou Katinka, enquanto Zelda lhe enfiava as anáguas pela cabeça, uma após a outra, cinco ao todo, cada uma enfeitada de fitas.

Katinka saiu de trás do biombo e ergueu os braços. Zelda baixou o vestido de seda azul por sobre eles e puxou-o pelas anáguas. Depois se ajoelhou e cuidadosamente subiu as saias de um lado, para revelar as anáguas abaixo e os tornozelos esguios em meias brancas de seda. Era a última moda. O governador a fitou, em transe. Ah, se pelo menos uma das partes daquele corpo fosse tão grande e agitada

como as órbitas, pensou Katinka, com zombaria, comose voltar para o longo espelho e fazer uma pirueta diante dele.

Então, soltou um grito selvagem e fechou as mãos sobre o peito, quando, do convés logo acima deles, ouviu-se um súbito e ensurdecedor estouro de artilharia. O governador gritou tão alto e num tom ainda mais agudo e jogou-se do banco sobre os tapetes orientais que cobriam o convés.

De Standvastigheid Através das lentes da luneta, Sir Francis Courtney leu o nome do galeão na grande trave dourada. A Resolução. Baixou o instrumento e resmungou: Um nome que logo poremos em teste!

Enquanto falava, uma longa pluma brilhante de fumaça brotou do tombadilho superior do navio, e, poucos segundos depois, o estrondo do canhão foi carregado pelo vento. A meia amarra à frente da proa do Lady Edwina, a pesada bala afundou no mar, fazendo nascer uma alta fonte de espuma branca. Podiam ouvir o rufar urgentes dos tambores no outro navio, e as portinholas nos tombadilhos inferiores caíram abertas. Longos canos apontaram para fora.

Estou admirado que ele tenha se demorado tanto para nos dar um tiro de alerta resmungou Sir Francis. Fechou a luneta e ergueu os olhos para as velas. Assuma o leme, mestre Ned, e leve-nos para debaixo daquela popa. A exibição de falsas cores tinha lhes dado tempo suficiente para desviá-los da ameaça da esmagadora amurada do galeão.

Sir Francis voltou-se para o carpinteiro, que permanecia pronto murada de popa com o machado de abordagem nas mãos.

Corte a corda! ordenou.

O homem ergueu o machado acima da cabeça e girou-o para baixo. Com um baque, a lâmina enterrou-se na tábua da amurada de popa, a linha da âncora partida com um estalo sibilante, e, livre de seus freios, o Lady Edwina saltou para a frente e então adernou quando Ned girou o leme.

O criado de Sir Francis, Oliver, veio correndo com o manto de quartos vermelhos e o chapéu emplumado de cavalier. Sir Francis colocou-os rapidamente e berrou para o topo do mastro:

Desça as cores da república e vamos ver as da Inglaterra!

A tripulação irrompeu em gritos selvagens quando a bandeira da União tremulou e alçou-se ao vento. Os homens vinham fervilhando dos tombadilhos abaixo, como formigas de um ninho estourado, e se alinharam nas amuradas a rugir em desafio para a enorme nau que se aproximava gigantesca sobre eles. Os conveses e os cordames do mercante holandês pululavam de atividade frenética.

Os canhões nas portinholas do galeão estavam sendo virados, porém poucos poderiam cobrir a caravela que voava ao vento, emoldurada pelo próprio alto painel de popa do holandês.

Um costado roto estourou pelo vão estreito, mas a maioria dos tiros caiu longe, a bem mais de noventa metros, ou passou assobiando sem perigo por sobre as cabeças. Hal encolheu-se quando o sopro de um tiro arrancou-lhe o gorro da cabeça e lançou-o a voar pelo vento. Um orifício redondo aparecera miraculosamente no navio, seis metros acima dele. Ele afastou os longos cabelos da face e olhou para a imponente nau.

A pequena companhia de oficiais holandeses no convés superior estava em confusão. Alguns se mostravam em mangas de camisa e enfiavam o camisolão para dentro das calças conforme subiam a escada.

Um oficial lhe chamou a atenção no ajuntamento: um homem alto, com um elmo de aço, a barba em estilo van Dick, reunia uma companhia de mosqueteiros no convés de popa. Usava o galão bordado a ouro de um coronel no ombro, e, pela maneira com que dava ordens e a vivacidade com que seus homens respondiam, parecia um camarada a observar, alguém que poderia se comprovar um perigoso inimigo.

Agora, sob seu comando, os homens corriam para a ré do navio, cada um carregando um morteiro,

uma das pequenas armas especialmente usadas para repelir abordagens. Havia chanfros na amurada de popa do galeão nos quais os pinos de ferro do morteiro seriam encaixados, permitindo que a pequena arma mortal ficasse na transversal e mirada para os tombadilhos de um navio inimigo ao se aproximar de lado. Quando tinham abordado o Heerlycke Nacht, Hal vira a destruição que o morteiro poderia causar numa faixa próxima. Era mais ameaçador que o resto da bateria do galeão.

Ele girou o falconete no eixo e soprou a mecha que tinha na mão. Para alcançar a popa, a fila de mosqueteiros holandeses precisava subir a escada do tombadilho superior para a popa. Hal mirou na ponta da escada conforme o vão entre os dois navios se fechava com rapidez. O coronel holandês foi o primeiro a subir a escada, espada na mão, seu elmo dourado a reluzir bravamente à luz do sol. Hal deixou atravessar o convés numa corrida e esperou que seus homens o seguissem para cima.

O primeiro mosqueteiro tropeçou na ponta da escada e esparramou-se no convés, derrubando o morteiro ao cair. Aqueles que o seguiam se amontoaram atrás dele, sem condições de passar pelo instante que demorou até que ele se recuperasse e ficasse de pé. Hal fitou o pequeno grupo de homens por sobre o cano do falconete. Comprimiu a ponta acesa da mecha na caçoleta da escorva e manteve a mira deliberadamente enquanto a pólvora faiscava. O falconete saltou e berrou e, quando a fumaça se desvaneceu, Hal viu que cinco dos mosqueteiros estavam no chão, dois rasgados em trapos pelo estouro, os outros a gritar e a encher de sangue o tombadilho branco.

Hal ficou sem fôlego de choque ao olhar para a carnificina. Jamais matara um homem antes, e seu estômago revirou-se numa náusea repentina. Aquilo não era o mesmo que destroçar uma barrica d'água. Por um instante, pensou que fosse vomitar.

O coronel holandês na amurada de popa ergueu os olhos para ele. Levantou a espada e apontou-a para a face de Hal. Gritou algo, mas o vento e o continuado espocar de artilharia abafaram suas palavras. Hal, porém, sabia que fizera um inimigo mortal.

Aquela constatação lhe foi útil. Não havia tempo para recarregar o falconete, ele fizera seu serviço. Sabia que aquele único tiro salvara as vidas de muitos de seus próprios homens. Ele surpreendera os mosqueteiros holandeses antes que estes pudessem assentar seus morteiros para varrer como uma sega os que fossem abordá-los. Sabia que deveria estar orgulhoso, mas não estava. Estava com medo do coronel holandês.

Pegou o arco. Tinha de ficar de pé para puxá-lo. Apontou a primeira flecha para o coronel. Retesou a corda ao máximo, mas o holandês não mais o encarava: comandava os sobreviventes de sua companhia para que ocupassem seus postos na amurada de ré do galeão. Suas costas estavam voltadas para Hal.

Hal esperou uma fração de segundo, atento ao vento e ao movimento do navio. Soltou a flecha e viu-a voar, fazendo um movimento descendente quando o vento a pegou. Por um momento, pensou que poderia atingir sua marca nas costas largas do coronel, porém o vento o frustrou. A flecha perdeu a mira por um palmo e enterrou-se com um baque nas tábuas do convés, onde ficou a tremer. O holandês ergueu de novo os olhos para ele, o escárnio a lhe torcer o bigode de lado. Não tentou buscar cobertura, porém voltou-se para seus homens.

Hal pegou outra flecha com gestos frenéticos, porém naquele instante os dois navios se chocaram e ele quase foi catapultado pela beira do cesto de gávea.

Elevou-se um tumulto de estouros e rangidos, tábuas a estourarem, e as janelas das galerias de popa do galeão despedaçaram-se com a colisão. Hal olhou para baixo e viu Aboli na proa, um colosso negro, enquanto girava um arpéu em torno da cabeça em longas revoluções ondulantes, que o lançou para a frente, a linha a sibilar atrás.

O gancho de ferro deslizou pelo convés de popa, mas quando Aboli puxou-o para trás, ele se alojou com firmeza na amurada do galeão. Um dos tripulantes holandeses correu e ergueu um machado para

cortá-lo fora. Hal colocou outra flecha no arco e soltou-a. Desta vez, sua avaliação do vento foi perfeita, e a cabeça da flecha se enterrou na garganta do homem, que deixou cair o machado e agarrou-se ao cabo da seta enquanto cambaleava para trás e caía.

Aboli pegara outro arpéu e o lançara contra a popa do galeão. Seguiram-se vários outros, pelas mãos dos demais intendentes. Em instantes as duas naus estavam ligadas uma à outra por uma teia de cordas de cânhamo, numerosas demais para os defensores do galeão romperem, embora corressem pela apostura com machadinhas e alfanjes.

O Lady Edwina não disparara suas colubrinhas. Sir Francis mantivera seu costado para o momento em que seria mais necessário. O tiro poderia fazer pouco estrago às pranchas maciças do galeão, e estava longe de seus planos danificar mortalmente seu prêmio. Agora, porém, com os dois navios juntos, o momento chegara.

Atiradores! Sir Francis brandiu a espada por sobre a cabeça para lhes atrair a atenção. Estavam de pé sobre as peças, mecha na mão, a observá-lo. Agora! rugiu ele, e baixou a espada num gesto forte.

A linha de colubrinhas estrondeou num único coro infernal. Seus canos estavam comprimidos com força contra a popa do galeão, e a madeira entalhada pintada de ouro desintegrou-se numa nuvem de fumaça, enquanto voavam pelos ares lascas brancas e cacos de vidro estanhado das janelas.

Era o sinal. Nenhuma ordem poderia ser ouvida naquele tumulto, nem gesto visto na névoa densa que envolveu as duas naus, porém um selvagem grito de guerra elevou-se da fumaça, e a tripulação do Lady Edwina saltou para o galeão.

Fizeram a abordagem em bando através da galeria de popa, como doninhas num cercado de coelhos, a subir com a agilidade de macacos, e caíram como enxame sobre a apostura, ocultos dos atiradores holandeses pela nuvem revolvida de fumaça. Outros correram ao longo do Lady Edwina e pularam para os conveses do galeão.

Franky e São Jorge! Aqueles gritos de guerra chegavam até Hal no topo do mastro. Ele viu apenas três ou quatro tiros dos morteiros à popa antes que os próprios mosqueteiros holandeses fossem atacados e dominados. Os homens que se seguiram escalaram sem resistência a popa do galeão. Hal viu o pai cruzar para o outro lado com a rapidez e agilidade de um homem muito mais jovem.

Aboli debruçou-se para guindá-lo por sobre a amurada do galeão, e os dois caíram lado a lado, o alto negro com o turbante escarlate e o cavalier com seu chapéu de plumas, o manto a se enfunar em torno do aço maltratado de seu alfanje.

Franky e São Jorge! urraram os homens, quando viram seu capitão no grosso da luta e o seguiram, varrendo o convés de popa com o aço cortante e cantante.

O coronel holandês tentou reunir os poucos homens que restavam, porém eles batiam em retirada sem remorso e desciam as escadas aos tropeços, para o tombadilho. Aboli e Sir Francis foram atrás deles, com a turba a clamar por trás como um bando de cães com o cheiro da raposa nas narinas.

Ali se defrontaram com oposição mais firme. O capitão do galeão ordenara a formação dos atiradores no convés abaixo do mastro principal, e agora seus mosqueteiros disparavam de perto e descarregavam as armas nos homens do Lady Edwina que os enfrentavam com aço. Os tombadilhos eram uma confusão com a massa que se debatia em luta.

Embora Hal tivesse recarregado o falconete, não havia alvo para ele. Amigos e inimigos estavam tão engalfinhados, que ele apenas podia observar inutilmente a luta a avançar e recuar pelo convés aberto abaixo de si.

Em questão de minutos, tornou-se evidente que a tripulação do Lady Edwina era superada em número. Não havia reservas. Sir Francis não deixara ninguém além de Hal a bordo da caravela. Comprometera até o último homem, jogando tudo na surpresa e naquela primeira investida selvagem. Vinte e quatro deles

estavam a léguas na água, manejando as duas pinças, e não poderiam tomar parte na refrega. Eram tremendamente necessários agora, porém, quando Hal olhou para as pequenas naus de escolta, viu que estavam ainda a milhas de distância. Ambas tinham suas velas de carangueja içadas, mas faziam apenas um progresso ínfimo contra o sudoeste e as enormes vagas sinuosas. A luta seria decidida antes que pudessem alcançar os dois navios em batalha e interviessem.

Hal olhou de novo para o convés do galeão e, para sua consternação, percebeu que a luta se voltara contra o grupo de abordagem. Seu pai e Aboli estavam sendo empurrados em direção à popa. O coronel holandês vinha à frente do contra-ataque, a bufar como um touro ferido e inspirando seus homens pelo exemplo.

Das fileiras de trás, separou-se um pequeno contingente do Lady Edwina, que havia mostrado relutância e agora fugia da luta. Eram liderados por um homem manhoso, Sam Bowles, um antigo advogado cujo maior talento estava em sua língua ágil, na habilidade em discutir a divisão dos espólios e em semear a dissensão e o descontentamento entre seus camaradas.

Sam Bowles disparou pela popa do galeão e saltou sobre a amurada do tombadilho do Lady Edwina, seguido por quatro outros.

Os navios engatados tinham girado pesadamente diante do vento, de maneira que agora o Lady Edwina esticava-se na teia de cordas que os mantinha juntos. Em pânico e terror, os cinco desertores caíram com machado e cutelo contra as linhas. Cada uma partiu-se com um estalo que subiu claramente até Hal, no topo do mastro.

Alto com isso! gritou ele para baixo, porém nenhum homem ergueu a cabeça do trabalho traiçoeiro.

Papai! esgoelou Hal em direção ao convés do outro navio. O senhor se verá abandonado! Volte! Volte!

Sua voz não pôde superar o vento ou o barulho da batalha. Sir Francis lutava com três marujos holandeses, toda a atenção concentrada neles. Hal o viu levar uma estocada e em seguida sua resposta com um reluzir de aço. Um dos oponentes cambaleou para trás, a agarrar o braço, a manga de súbito ensopada de vermelho.

Naquele momento, a última corda de ligação partiu-se com um estalo, e o Lady Edwina estava livre. Sua proa rapidamente girou em redor, as velas enfunadas, e a caravela se afastou, deixando o galeão a chafurdar, as velas batidas todas para trás, tomando, desajeitado, o rumo de popa.

Hal lançou-se para baixo das enxárcias, as palmas escaldadas pela velocidade da corda a assobiar entre elas. Chocou-se contra o convés com tanta força que seus dentes estalaram nas mandíbulas e ele rolou pelas pranchas. Num instante estava de pé e a olhar desesperadamente em volta. O galeão já estava a uma amarra de distância, os sons da luta a esmorecerem ao vento. Então olhou para a própria popa e viu que Sam Bowles vinha pelo tombadilho superior, apressado, para tomar o leme.

Um marujo caído jazia no embornal, abatido por um morteiro holandês. Seu mosquete estava ao seu lado, ainda não disparado, a mecha a faiscar e fumegar no gatilho. Hal pegou-o e correu pelo convés para interceptar Sam Bowles.

Chegou à cana do leme uns doze passos adiante do outro homem e rodeou, investindo com a boca do mosquete em sua barriga.

Para trás, seu porco covarde! Ou explodirei suas entranhas de traidor pelo tombadilho.

Sam encolheu-se, e os outros quatro marujos recuaram atrás dele, olhando para Hal com as feições ainda pálidas e apavoradas da luta.

Vocês não podem deixar nossos companheiros. Vamos voltar! gritou Hal, seus olhos a luzirem verdes com raiva selvagem e de medo por seu pai e Aboli. Ameaçou-os com o mosquete, a fumaça da mecha a circular em torno de sua cabeça. Seu indicador estava travado em torno do gatilho. Ao olhar para aqueles

olhos, os desertores não puderam duvidar da decisão que havia neles e recuaram pelo convés.

Hal pegou a cana de leme e a segurou. A nau tremeu sob seus pés quando ficou sob comando. Ele olhou outra vez para o galeão, e seu ânimo fraquejou. Sabia que não poderia conduzir o Lady Edwina contra o vento com aquele conjunto de velas: estavam se afastando de onde eu pai e Aboli lutavam pelas próprias vidas. No mesmo instante, Bowles sua turma se deram conta da situação.

Ninguém quer voltar, e não há o que você possa fazer a respeito, jovem Henry casquinou Sam, triunfante. Terá de pôr a nau num outro rumo para voltar para seu papaizinho, e nenhum de nós irá manejar os panos por você. Não é, camaradas? Nós o temos numa armadilha! Hal olhou ao redor, desesperançado. Então, de repente, cerrou o queixo, resolutivo. Sam viu-lhe a mudança nas feições e voltou-se para lhe seguir o olhar. Sua própria expressão cobriu-se de consternação ao ver a pinaça apenas a meia légua adiante, lotada de marinheiros armados.

A ele, camaradas! exortou os companheiros. Ele tem apenas um tiro no mosquete, e depois será nosso!

Um tiro e minha espada! rosnou Hal, e bateu no cabo do alfanje no quadril. Pelos dentes de Deus, mas levarei metade de vocês comigo, e em glória.

Todos juntos! esgoelou Sam. Ele não há de tirar a lâmina da bainha.

Sim! Sim! gritou Hal. Venham! Por favor, imploro por uma chance de dar uma olhada em suas entranhas de covardes.

Todos eles tinham visto aquele jovem gato selvagem em ação, presenciado sua luta com Aboli, e nenhum queria estar à frente da descarga. Resmungaram e se arrastaram para trás, dedos nos cutelos, e desviaram os olhos.

Venha, Sam Bowles! desafiou Hal. Você foi rápido em sair do convés do holandês. Deixe-me ver o quanto é rápido para chegar em mim agora.

Sam se empertigou e então, com um sorriso proposital, avançou um passo, mas quando Hal colocou o cano do mosquete um palmo adiante, apontado para sua barriga, recuou depressa e empurrou um de sua turma para frente.

Pegue-o, rapaz! incitou Sam.

Hal mudou a mira para a face do segundo homem, porém este escapou das garras de Sam e escondeu-se por trás do vizinho.

A pinaça estava perto à frente, agora podiam ouvir os gritos ansiosos dos marujos nela. A expressão de Sam era de desespero. Como um coelho assustado, ele correu escada abaixo até o tombadilho inferior e, num instante, os outros o seguiram, mobilizados pelo pânico.

Hal deixou cair o mosquete no convés e colocou ambas as mãos na cana do leme. Olhou adiante, por sobre a proa que arfava, avaliando o momento com cuidado; então, lançou seu peso contra a alavanca e girou a cabeça do navio para o vento.

A nau ficou ali, ondulando. A pinaça estava próxima, e Hal pôde ver Daniel Grande Pescador na proa, um dos melhores patrões de embarcação do Lady Edwina. Daniel Grande aproveitou a oportunidade e manejou o pequeno barco para a lateral do costado. Seus marujos agarraram as cordas pendentes que Sam e sua turma tinham cortado e subiram para o tombadilho da caravela.

Daniel! gritou Hal para ele. Vou fazer o giro do navio. Fique pronto para assestar as vergas! Vamos voltar para a luta!

Daniel Grande endereçou-lhe um sorriso, seus dentes projetados e quebrados como de um tubarão, e liderou seus homens até os estais das vergas. Doze homens, descansados e ansiosos, exultou Hal, ao se preparar para a perigosa manobra de trazer o vento pela popa do navio em vez de pela proa. Se fizesse uma má avaliação, iria dismantelar os mastros, mas se fosse bem-sucedido em fazer a nau girar, popa



primeiro ao vento, ganharia minutos cruciais para voltar ao galeão em batalha.

Hal colocou a cana de leme com força a sotavento, mas enquanto a nau lutava furiosamente para sentir o vento vir pela popa e ameaçava cambiar, Daniel arriou os estais de verga para forçar a tensão. As velas se encheram com estrondo, e, de súbito, a caravela virava de bordo, a barlavento, rumando de volta para se juntar à luta.

Daniel deu um berro e arrancou o gorro da cabeça, e todos deram vivas, pois fora uma ação corajosa e bem-feita. Hal mal olhou para os outros, concentrado em manter o Lady Edwina no rumo, na esteira do holandês à deriva. A luta ainda devia estar correndo solta a bordo, pois ele podia ouvir gritos débeis e ocasional espocar de um mosquete. Então, houve um lampejo de branco, a sotavento, e ele avistou a vela de carangueja da segunda pinaça à frente, a tripulação a acenar para lhe atrair a atenção. Outros doze combatentes para se juntarem à peleja, pensou. Valeria a pena o tempo de pegá-los? Outros doze alfanjes cortantes? Deixou o Lady Edwina cair um ponto para que rumasse direto até a pequena embarcação.

Daniel tinha uma linha pronta para lançar, e, em questão de segundos, a segunda pinaça regurgitava seus homens e era rebocada atrás do Lady Edwina.

Daniel! chamou-o Hal. Mantenha aqueles homens calados! Não faz sentido avisar os cabeças-de-queijo que estamos chegando.

Certo, mestre Hal. Vamos lhes fazer uma pequena surpresa.

Correr as escotilhas nos conveses inferiores! Temos uma carga de covardes e traidores escondidos em nossos porões. Mantenham-nos trancados lá, até que Sir Francis possa lidar com eles.

Silenciosamente, o Lady Edwina esgueirou-se por debaixo da parte central do costado do galeão. Talvez os holandeses estivessem muito ocupados para vê-la se aproximar sob vela curta, pois nenhuma única cabeça espiou pela amurada acima à medida que os dois cascos se juntavam num impacto surdo. Daniel e sua tripulação lançaram os arpéus por sobre a amurada do galeão e de imediato subiram pelas cordas, mão após mão.

Hal levou apenas um instante para trancafiar a cana de leme e em seguida correu pelo convés e tomou uma das linhas esticadas. Perto dos calcanhares de Daniel Grande, subiu rapidamente e fez uma pausa ao chegar à amurada do galeão. Com uma das mãos na corda e ambos os pés firmemente plantados nas tábuas do galeão, sacou o alfanje e prendeu a lâmina entre os dentes. Então, balançou-se para cima e, apenas um segundo atrás de Daniel, saltou sobre a amurada.

Descobriu-se na fileira de frente do grupo de abordagem. Com Daniel ao lado e a espada no punho direito, Hal levou um momento para olhar pelo convés. A luta estava quase terminada. Tinham chegado com apenas segundos de sobra, pois os homens de seu pai estavam amontoados em pequenos grupos pelo tombadilho, rodeados pela tripulação holandesa e lutando por suas vidas. Metade deles estava caída, uns poucos evidentemente mortos. Uma cabeça, decepada do torso, espiou para Hal do embornal, onde rolava para a frente e para trás, numa poça do próprio sangue. Com um arrepio de horror, Hal reconheceu o cozinheiro do Lady Edwina.

Outros estavam feridos e se retorciam, rolavam e grunhiam no convés. As pranchas estavam lisas e escorregadias de sangue. Outros ainda se sentavam exaustos, desarmados e já sem alento, as armas jogadas ao lado, as mãos sobre as cabeças, a berrar para o inimigo.

Uns poucos ainda lutavam. Sir Francis e Aboli estavam à parte, debaixo do mastro principal, rodeados pelos holandeses, que uivavam, a dar golpes cortantes e a investir. A não ser por uma cutilada no braço esquerdo, seu pai parecia incólume talvez o alfanje de aço o tivesse salvado de um ferimento sério e lutava com todo o ímpeto usual. Ao lado, Aboli era enorme e indestrutível, e soltara um brado de guerra em sua própria língua ao ver a cabeça de Hal apontar sobre a amurada.

Sem um pensamento além de ir prestar ajuda, Hal avançou.

Por Franky e São Jorge! berrou a todo pulmão, e Daniel Grande assumiu o brado, correndo à sua esquerda. Os homens das pinaças foram atrás, guinchando como uma horda de loucos fugidos de um sanatório.

A tripulação holandesa estava ela mesma quase exaurida; uma vintena no chão e, dentre aqueles que ainda lutavam, muitos estavam feridos. Olharam por sobre os ombros quando aquela tardia falange de ingleses sedentos de sangue corria para enfrentá-los. A surpresa foi completa. Choque e desespero revelaram-se na face de cada homem cansado e lavado de suor. Muitos jogaram suas armas e, como qualquer tripulação derrotada, apressaram-se a se esconder nos tombadilhos abaixo.

Umhas poucas almas mais corajosas viraram-se para enfrentar a carga, aqueles em torno do mastro liderados pelo coronel holandês. Porém, os gritos do grupo de abordagem de Hal deram ânimo aos exaustos e ensangüentados companheiros de navio, que avançaram com renovada disposição para se juntarem ao ataque. Os holandeses foram cercados.

Mesmo na confusão e no tumulto, o coronel Schreuder reconheceu Hal e virou-se para confrontá-lo, mirando um golpe oblíquo para a sua cabeça. Seus bigodes eriçaram-se como os pêlos das narinas de um leão, e sua lâmina sibilava. Estava miraculosamente incólume e parecia tão forte e descansado como qualquer dos homens que Hal liderava. Hal desviou o golpe com um torcer do punho e partiu para o contra-ataque.

Para enfrentar a investida de Hal, o coronel voltara as costas a Aboli, um movimento temerário. Ao que ele travou o avanço de Hal e deslizou os pés para a frente, Aboli o assaltou por detrás. Por um momento, Hal julgou que o negro iria atravessá-lo pela espinha, porém deveria ter imaginado melhor. Aboli conhecia o valor do resgate tão bem como qualquer homem a bordo: um oficial inimigo morto era simplesmente não mais que carne podre para lançar para os tubarões que seguiam a esteira do navio, porém um cativo valia bons florins holandeses de ouro.

Aboli inverteu o golpe e levou a copa de aço do punho do alfanje para o alto, a desferi-la contra o verso do crânio do coronel. Os olhos do holandês arregalaram-se de espanto e em seguida suas pernas se dobraram e ele caiu de cara sobre o tombadilho.

Assim que o coronel desabou, a última resistência da tripulação do galeão sucumbiu com ele. Jogaram as armas, e aqueles da tripulação do Lady Edwina que haviam se rendido saltaram de pé, ferimentos e exaustão esquecidos. Apoderaram-se das armas descartadas e voltaram-se para os holandeses batidos, a conduzi-los para a frente, forçando-os ficar em filas com as mãos enlaçadas em torno das cabeças, desgrenhados e desolados.

Aboli apertou Hal num abraço de urso.

Quando você e Sam Bowles fizeram-se à vela, pensei que fosse a última vez que o veria arquejou.

Sir Francis veio em passadas longas na direção do filho, abrindo caminho pela confusão ála cre de seus marujos.

Você desertou de seu posto no topo do mastro! Encarou Hal de semblante fechado enquanto amarrava uma tira de pano em torno do corte do braço e puxava o nó com os dentes.

Papai balbuciou Hal, eu pensei...

E pela primeira vez pensou com sabedoria! A expressão sombria de Sir Francis se desanuviou e os olhos verdes luziram. Ainda faremos de você um guerreiro, se se lembrar de manter a ponta da espada para cima em resposta. Aquele grande cabeça-de-queijo apontou o coronel caído com o dedo estava prestes a espetá-lo até que Aboli estourou-lhe o cocuruto. Sir Francis enfiou a espada de volta na bainha. O navio ainda não está seguro. Os tombadilhos inferiores e os porões estão lotados de gente. Teremos de arrancá-los para fora. Fique perto de Aboli e de mim!

Papai, o senhor está ferido protestou Hal.

E talvez bem mais gravemente, tivesse você voltado para nós um único minuto depois que o fez.

Deixe-me ver seu ferimento.

Conheço os truques que Aboli lhe ensinou. Iria urinar em seu próprio pai? Riu e agarrou Hal pelo ombro. Talvez eu lhe dê esse prazer mais tarde. Voltou-se e berrou pelo convés: Daniel Grande, leve seus homens para baixo e espante para fora aqueles cabeças-dequeijo que estiverem escondidos lá. Mestre John, ponha uma guarda nas escotilhas de carga. Veja que não sejam saqueadas. Partilha justa para todos! Mestre Ned, assumo o leme e faça este navio ao vento antes que ele fustigue as velas até elas virarem trapos.

Então, bradou para os demais:

Estou orgulhoso de vocês, seus velhacos! Um bom dia de trabalho. Cada um chegará em casa com cinquenta florins de ouro no bolso. Porém, as moças de Plymouth nunca irão amá-los tanto quanto eu amo!

A tripulação deu vivas a seu líder, histérica de alívio pela ação desesperada e pelo medo da derrota e morte.

Vamos! Sir Francis fez um gesto a Aboli e rumou para a escada que levava aos alojamentos dos oficiais e passageiros, na popa.

Hal seguiu-os numa corrida enquanto cruzavam o convés, e Aboli resmungou por sobre o ombro:

Arme-se de coragem. Existem aqueles lá embaixo que ficariam felizes em abrir um naco entre suas costelas.

Hal sabia para onde seu pai ia e qual seria sua primeira preocupação. Queria as cartas e as direções de navegação do capitão holandês. Eram mais valiosas para ele que todas as fragrantas especiarias e os metais preciosos e as jóias brilhantes que o galeão pudesse carregar. Com aquilo em suas mãos, ele teria a chave para cada porto e forte holandês nas índias. Leria as ordens de navegação dos comboios de especiarias e o manifesto de suas cargas. Para ele, valiam dês mil libras em ouro.

Sir Francis irrompeu escada abaixo e tentou a primeira porta ao fundo. Estava trancada por dentro. Ele deu um passo para trás e investiu. Com seu chute, a porta abriu-se num estrondo e bateu contra as dobradiças.

O capitão do galeão estava amontoado sobre a escrivaninha, a cabeça tosquiada sem peruca e as roupas encharcadas de suor. Parecia consternado, o sangue a pingar de um corte na face para a camisa de seda, suas largas mangas elegantes raiadas de vermelho.

A vista de Sir Francis, imobilizou-se no ato de enfiar os livros do navio num pesado saco de lona e então o ergueu e correu para as janelas de popa. Os batentes e o vidro tinham sido arrebetados pelas colubrinhas do Lady Edwina e jaziam abertas, o mar a quebrar e ondular sob o painel de popa. O capitão holandês levantou o saco para lançá-lo pela abertura, porém Sir Francis segurou-o pelo braço erguido e empurrou de costas sobre o beliche. Aboli agarrou o saco, e Sir Francis curvou-se numa pequena medida.

Fala inglês? indagou.

No english retrucou o capitão.

Sir Francis mudou naturalmente para o holandês. Como um Cavaleiro Nautonnier da Ordem, falava a maioria dos idiomas das grandes nações navegantes, francês, espanhol e português, assim como holandês.

É meu prisioneiro, Mijneer. Qual é o seu nome?

Limberger, capitão de primeira classe, a serviço da VOC E você, Mijneer, é um corsário retorquiou o capitão.

Está enganado, senhor. Viajo sob as Cartas de Marca de Sua Majestade

Rei Carlos II. Seu navio é agora um apresamento de guerra.

Você desfraldou falsas cores acusou o holandês.

Sir Francis sorriu com frieza.

Uma legítima estratégia de guerra. Fez um gesto de desprezo

e prosseguiu: É um homem corajoso, Mijnheer, porém a luta terminou agora. Assim que me der sua palavra, será tratado como meu hóspede honrado. No dia em que seu resgate for pago, estará livre.

O capitão enxugou o sangue e o suor da face com a manga de seda, e uma expressão de resignação entorpeceu-lhe as feições. Levantou-se e estendeu a espada, punho primeiro, para Sir Francis.

Tem minha palavra. Não tentarei escapar.

Nem irá encorajar seus homens à resistência? Sir Francis o confrontou.

O capitão aquiesceu, sombrio:

Pode estar certo que não.

Precisarei de sua cabine, Mijnheer, porém encontrarei alojamentos confortáveis para você em algum lugar. Sir Francis voltou a atenção, ansioso, para o saco de lona, e despejou o conteúdo sobre a escrivaninha.

Hal sabia que, doravante, seu pai ficaria absorto na leitura, e relanceou os olhos para Aboli, de guarda na porta. O negro fez-lhe um gesto de permissão, e Hal esgueirou-se para fora da cabine. Seu pai não o viu sair.

Alfanje na mão, ele percorreu cautelosamente o estreito corredor. Podia ouvir os gritos e o estardalhaço dos outros tombadilhos à medida que a tripulação do Lady Edwina punha para fora os marujos holandeses derrotados e os conduzia para o convés aberto. Ali embaixo, tudo estava quieto e deserto. A primeira porta que tentou estava trancada. Ele hesitou e então seguiu o exemplo anterior do pai. A porta resistiu à primeira investida, porém ele recuou e investiu novamente. Desta vez ela se abriu num baque e ele irrompeu pela cabine, desequilibrado e escorregando nos magníficos tapetes orientais que cobriam o convés. Esparramou-se sobre a enorme cama que parecia encher metade da cabine.

Ao sentar-se e relancear os olhos pelo esplendor que o rodeava, teve consciência de um aroma muito mais pesado que qualquer especiaria que já tivesse cheirado. O odor de boudoir de uma mulher mimada, não simplesmente os preciosos óleos essenciais de flores, procurados pela arte dos perfumistas, porém mesclados com aqueles acentos mais sutis de pele e cabelo e um saudável e jovem corpo feminino. Era tão requintado, tão intenso, que quando ele ficou de pé suas pernas ficaram estranhamente moles sob ele, e Hal aspirou o ar, extasiado. Era o cheiro mais delicioso que suas narinas tinham alguma vez provado.

Espada na mão, ele correu os olhos pela cabine, apenas vagamente consciente das ricas tapeçarias e dos vasos de prata cheios de guloseimas, frutas secas e pot-pourri. A penteadeira contra o anteparo de popa estava repleta de um sortimento de cosméticos e perfumes em frascos de cristal lapidado, com roscas de prata marchetada. Hal aproximou-se dela. Disposta ao lado das garrafas estava um conjunto de escovas com armação de prata e um pente de casco de tartaruga. Preso entre os dentes do pente, havia um único fio de cabelo, longo como o seu braço, fino como seda.

Hal ergueu o pente até o rosto como se fosse uma relíquia sagrada. Havia aquele odor embriagante de novo, aquele cheiro vertiginoso de mulher. Ele perpassou o cabelo pelo dedo e livrou-o dos dentes do pente, para depois, com reverência, enfiá-lo dentro do bolso de sua camisa manchada e fedendo a suor.

Naquele momento, ouviu-se um suave porém lamentoso soluço de cortar o coração por detrás do elegante biombo chinês, a um canto da cabine.

Quem está aí? gritou Hal, o alfanje erguido. Saia ou o mandarei para o inferno!

Ouviu-se outro soluço, mais pungente que o último.

Por todos os santos, falo sério! Hal avançou para o biombo. Investiu, rasgando um dos painéis pintados. Com a força do golpe, o biombo desequilibrou-se e caiu contra o convés. Ouviu-se um grito

terrificado, e Hal inclinou-se, boquiaberto, para a maravilhosa criatura que estava ajoelhada, toda encolhida de medo no canto da cabine.

Sua face estava enterrada nas mãos, porém a massa de cabelos reluzentes que tombava até o convés brilhava como escudos de ouro limpos de novo, e as saias que se espalhavam em torno eram do azul das asas de uma andorinha.

Por favor, senhora! murmurou Hal. Não pretendo lhe fazer nenhum mal. Por favor, não chore. Suas palavras não tiveram efeito. Era evidente que não eram entendidas, e, inspirado pelo momento, Hal mudou para o latim. Não precisa ter medo. Está segura. Não a machucarei.

A cabeça notável se ergueu. Ela compreendera. Hal fitou-a na face, e foi como se tivesse recebido uma descarga de metralha no centro do peito. A dor foi tão intensa que ele ofegou. Jamais sonhara que tamanha beleza pudesse existir.

Misericórdia! murmurou ela em latim, num tom de lamento. Por favor, não me machuque. Seus olhos estavam marejados de lágrimas que só serviam para aprimorar a magnitude e intensidade daquele violeta iridescente. Suas faces estavam brancas até o brilho translúcido do alabastro, e as lágrimas que escorriam luziam como aljôfares.

Você é linda murmurou Hal, ainda em latim. Sua voz soou como a de uma vítima nos estertores, arquejante e em agonia. Sentia-se torturado por emoções que nunca sonhara existir. Queria proteger e acarinhar aquela mulher, mantê-la para sempre consigo, amá-la e cultuá-la. Todas as palavras de cavalheirismo que, até olhar para ela, ele lera e formulara porém jamais realmente compreendera, correram para sua língua a exigir que fossem pronunciadas; contudo, ele só conseguia ficar ali de pé, a olhar.

Então foi atraído por um outro som abafado atrás de si. Girou nos calcanhares, alfanje de prontidão. Sob os lençóis de cetim que caíam pela borda da enorme cama, estava agachada uma figura porcina. As costas e a barriga eram tão bem cobertas de lardo que balouçavam a cada movimento que o homem fazia. Rolos de gordura saltavam de sua nuca e pendiam de sua oscilante papada.

Renda-se! berrou Hal, e espetou-o com a ponta da lâmina. O governador soltou um grito agudo de terror e caiu sobre o convés. Retorcia-se como um cachorrinho.

Por favor, não me mate. Sou um homem rico soluçava, também em latim. Pagarei qualquer resgate.

Levante-se. Hal o espetou de novo, mas Petrus van de Velde teve apenas força e coragem suficiente para se pôr de joelhos. Ficou ali, a balbuciar palavras entrecortadas de soluços e lágrimas.

Quem é você?

Sou o governador do cabo da Boa Esperança, e esta senhora é minha esposa.

Aquelas foram as mais terríveis palavras que Hal já ouvira pronunciadas. Encarou o homem, estupefato. A maravilhosa dama que já amava com sua própria vida era casada e com aquele grotesco arremedo de homem que se ajoelhava diante dele.

Meu sogro é um diretor da companhia, um dos mercadores mais ricos e mais poderosos de Amsterdã. Ele pagará ele pagará qualquer coisa. Por favor, não nos mate.

As palavras faziam pouco sentido para Hal. Seu coração estava despedaçado. Em instantes, ele fora da selvagem exultação até as profundezas do espírito humano, do amor pungente ao desolador desespero.

Porém, as palavras do governador significavam mais para Sir Francis Courtney, que se postava agora à entrada da cabine, com Aboli às suas costas.

Por favor, acalme-se, governador. O senhor e sua esposa estão em mãos seguras. Farei os arranjos para seu resgate com toda urgência. Tirou o chapéu emplumado de cavalier e dobrou os joelhos para Katinka. Mesmo ele não era inteiramente à prova de tamanha beleza. Posso me apresentar, senhora? Capitão Francis Courtney, às suas ordens. Por favor, tire um momento para se recompor. Às quatro

badaladas isto é, daqui a uma hora, eu ficaria honrado se se juntasse a mim no convés de popa. Pretendo passar em revista a guarnição do navio.

Ambos os navios estavam sob panos, a pequena caravela apenas sob as varredouras e as da gávea, o grande galeão com seu conjunto de velas mestras. Navegavam bem próximos, num rumo nordeste, para longe do cabo e num curso à orça da região do continente africano. Sir Francis fitou com olhar paternal sua tripulação, na parte do convés entre os castelos do galeão.

Prometi a vocês cinquenta guinéus por homem como prêmio disse, e eles gritaram vivas com estardalhaço.

Alguns estavam doloridos e estropiados de seus ferimentos. Cinco jaziam em estrados ao lado da amurada, fracos demais pela perda de sangue para ficar de pé, mas resolvidos a não perder uma palavra daquela cerimônia. Os mortos já estavam costurados nas mortalhas de lona, cada um com uma bala de canhão holandesa nos pés e estirados na proa. Dezesseis ingleses e quarenta e dois holandeses, companheiros na trégua da morte. Nenhum dos vivos lhes destinava um pensamento agora.

Sir Francis ergueu a mão. A tripulação caiu em silêncio e amontoou-se para a frente, para não perder as próximas palavras.

Menti para vocês. Houve um momento de aturdida incredulidade, e então eles resmungaram e fungaram num murmúrio sombrio. Não há um homem entre vocês... ele parou para causar efeito que não esteja mais rico em duzentas libras por este dia de trabalho!

O silêncio persistiu enquanto o fitavam, aparvalhados, e então ficavam loucos de alegria. Davam cambalhotas e uivavam e rodopiavam um ao outro numa dança delirante. Mesmo os feridos sentaram-se e cantaram vitória.

Sir Francis sorriu para eles com ar benigno por um instante, enquanto permitia que dessem vazão à alegria. Então acenou com um punhado de páginas manuscritas sobre a cabeça e todos caíram em silêncio mais uma vez.

Este é o extrato que fiz do manifesto de navio!

Leia-o! pediram.

O recital prosseguiu por quase meia hora, pois eles vivavam a cada item do conhecimento de embarque que Sir Francis traduzia do holandês conforme lia em voz alta. Cochinilha e pimenta, canela e açafreão, cravos e cardamomo, com um peso total de quarenta e duas toneladas. A tripulação sabia que, peso por peso e libra por libra, aquelas especiarias eram tão preciosas quanto barras de prata. Todos estavam roucos de gritar, e Sir Francis ergueu a mão novamente.

Eu os canso com esta lista sem fim? Já têm o suficiente?

Não! bradaram eles. Leia!

Bem, então, há umas poucas pilhas de tábuas nos porões. Balu e teca e outras madeiras estranhas que nunca foram vistas ao norte do equador. Cerca de trezentas toneladas. Eles se rejubilaram com suas palavras, os olhos reluzentes. Há ainda mais, porém vejo que os estou cansando. Não querem mais?

Leia para nós! imploraram.

As mais finas porcelanas chinesas em azul e branco, e seda em fardos. Isso agrada às damas!

Berraram como uma horda de elefantes machos em frenesi à menção de mulheres. Quando chegassem ao próximo porto, com duzentas libras em cada bolso, poderiam ter quantas mulheres de qualquer qualidade e beleza suas fantasias ordenassem.

Há ainda ouro e prata, porém estão a bordo em baús selados de aço no fundo do porão principal, com trezentas toneladas de madeira por cima. Não poremos as mãos neles até que atraquemos e descarreguemos a carga principal.

Quanto de ouro? imploraram. Diga-nos quanto há de prata.

Prata em moeda no valor de cinqüenta mil florins. Isso é mais Que dés mil boas libras inglesas. Trezentos lingotes de ouro das minas de Kollur, no rio Krishna, em Kandy, no Ceilão, e só o Bom Senhor sabe o que nos trarão quando os vendermos em Londres.

Hal pendurava-se nas enxárcias do mastro principal, um ponto vantajoso de onde podia olhar para baixo, para o pai, no convés de popa. Dificilmente uma palavra do que ele dizia fazia sentido para Hal, porém ele percebeu vagamente que aquele deveria ser um dos maiores prêmios já obtidos pelos marinheiros ingleses durante o curso daquela guerra com os holandeses. Ele se sentia aturdido e atordoado, incapaz de se concentrar em algo além do maior tesouro que capturara com sua própria espada, e que agora se sentava modestamente atrás de seu pai, atendida pela criada. O cavalheiresco Sir Francis tinha colocado uma das cadeiras entalhadas e estofadas da cabine do capitão no convés de popa, para a esposa do governador holandês. Petrus van de Velde se postava agora por detrás da esposa, esplendidamente vestido, a envergar botas altas de macio couro espanhol que lhe chegavam às coxas; estava de peruca e adornado de fitas, a corpulência coberta de medalhões e os cinturões de seda de seu cargo público.

Para a própria surpresa, Hal descobriu que odiava aquele homem amargamente e lamentava que não o tivesse espetado quando ele engatinhava de sob a cama e assim ter feito do anjo que era sua esposa uma viúva trágica.

Imaginou-se a devotar a vida a fazer o papel de Lancelot para sua Guinevere. Viu-se humilde e submisso a cada capricho, mas inspirado a feitos de eminente valor por seu puro amor a ela. Ao comando dela, poderia até mesmo empreender uma jornada cavalheiresca à procura do Santo Graal e colocar a relíquia sagrada naquelas belas mãos brancas. Estremeceu de prazer ao pensamento, e fitou-a saudosamente.

Enquanto Hal devaneava nos cordames, a cerimônia no convés abaixo chegara a seu término. Atrás do governador estavam enfileirados o capitão holandês e os outros oficiais capturados. O coronel Cornelius Schreuder era o único sem um chapéu, pois uma bandagem circundava-lhe a cabeça. Apesar da pancada que lhe desferira Aboli, seu olhar ainda era agudo e sem sombras, e sua expressão feroz, enquanto ouvia Sir Francis relacionar os espólios.

Porém, isso não é tudo, rapazes! assegurou Sir Francis à sua tripulação. Fomos afortunados o bastante para ter a bordo, como nosso honrado hóspede, o novo governador do povoamento holandês do cabo da Boa Esperança. Com um irônico floreio, curvou-se diante de van de Velde, que o fitou de sobrolho fechado: agora que seus captores tinham se dado conta de seu valor e posição, sentia-se mais seguro.

Também fomos afortunados em ter conosco a adorável esposa do Governador... interrompeu-se quando a tripulação expressou apreciação pela beleza dela.

Corja reles de campônios resmungou van de Velde, e pousou mão protetora sobre o ombro de Katinka. Ela fitou os homens com os grandes olhos violeta, e sua beleza e inocência os envergonharam, até que caíram num silêncio constrangido.

Mevrouw van de Velde é a única filha de Burgher Hendrik Coetzee, o stadhouder da cidade de Amsterdã e presidente do conselho de administração da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

A tripulação encarou-a com admiração e respeito. Poucos compreendiam a importância de tão exaltado personagem, porém a maneira como Sir Francis recitara aqueles títulos os impressionara.

O governador e sua esposa serão mantidos a bordo deste navio até que seu resgate seja pago. Um dos oficiais holandeses capturados será despachado para o cabo da Boa Esperança com a exigência do resgate para ser transmitida pelo próximo navio da companhia para o conselho, em Amsterdã.

A tripulação esbugalhou os olhos para o casal, enquanto consideravam o fato, e então Daniel Grande perguntou:

Quanto, Sir Francis? Qual o valor do resgate que o senhor estipulou?

Estipulei o resgate do governador em duzentos mil florins em moeda de ouro.

A companhia do navio ficou estupefata, pois uma tal soma ultrapassava seu entendimento. Então

Daniel berrou:

Vamos dar um viva para o capitão, rapazes! E eles berraram até que suas vozes falharam.

Sir Francis percorreu lentamente as filas de marujos holandeses capturados. Eram quarenta e sete, dezoito deles feridos. Examinou a face de cada homem ao passar: eram de compleição rude, de feições grosseiras e pouco inteligentes de expressão. Era evidente que nenhum tinha qualquer valor de resgate. Eram, em vez disso, uma responsabilidade, pois teriam de ser alimentados e guardados, e havia sempre o perigo de que pudessem recobrar a coragem e tentar uma insurreição.

Quanto mais cedo nos livrarmos deles, melhor murmurou ele para si mesmo e então se dirigiu a eles em voz alta, no próprio idioma dos prisioneiros. Cumpriram bem seu dever. Serão deixados livres e mandados de volta ao forte no cabo. Podem levar seus pertences com vocês, e providenciarei para que lhe sejam pagos os salários devidos antes que partam. As faces de todos brilharam. Não esperavam por isso. Aquilo deveria mantê-los quietos e dóceis, pensou Sir Francis, ao se afastar escada abaixo até sua cabine recém-adquirida, onde seus mais ilustres prisioneiros o aguardavam.

Cavalheiros! saudou-os, ao entrar e tomar assento por trás da escrivaninha de mogno. Gostariam de um cálice de vinho das Canárias?

O governador van de Velde aquiesceu avidamente. Sua garganta estava seca, e embora tivesse comido fazia apenas uma hora, seu estômago roncava como o de um cão faminto. Oliver, o criado de Sir Francis, verteu o vinho dourado nos cálices de longos cabos e serviu as frutas açucaradas que encontrara na despensa do capitão holandês. O capitão fez uma expressão azeda ao reconhecer a própria comida, mas tomou um grande gole do vinho das Canárias.

Sir Francis consultou a pilha de manuscritos nos quais tomara suas notas e em seguida relanceou os olhos para uma das cartas que encontrara na escrivaninha do capitão. Era de uma eminente firma de banqueiros na Holanda. Encarou o capitão e dirigiu-se a ele num tom severo:

Imagino como um oficial de seu cargo e posição perante a VOC poderia permitir-se negociar por conta própria. Ambos sabemos que isso é estritamente proibido pelos Dezessete.

O capitão deu a impressão de que poderia protestar, porém, quando Sir Francis tamborilou os dedos sobre a carta, derreou-se na cadeira e olhou de soslaio com ar culpado para o governador, sentado a seu lado.

Parece que é um homem rico, Mijnheer. Dificilmente não atingiria um resgate de duzentos mil florins. O capitão resmungou e fechou o sobrolho, sombrio, porém Sir Francis prosseguiu, suavemente:

Se pegar a pena e escrever para seus banqueiros, o assunto pode ser resolvido entre cavalheiros, desde que eu receba essa quantia em ouro.

O capitão inclinou a cabeça, em concordância.

Agora, quanto aos oficiais do navio continuou Sir Francis, examinei seu registro de alistamento. Puxou o livro em sua direção e abriu-o.

Parece que são todos homens sem altas conexões ou substância financeira. Olhou para o capitão. É esse o caso?

verdade, Mijnheer.

— Eu os mandarei para o cabo com os marujos comuns. Agora só falta resolver a quem poderemos confiar a exigência do resgate para o conselho da companhia com relação ao governador van de Velde e sua boa senhora e, é claro, sua carta a seus banqueiros.

Sir Francis olhou para o governador. Van de Velde enfiou outra fruta em confeito na boca e retrucou:



Mande Schreuder.

Schreuder? Sir Francis folheou os papéis até encontrar a comissão do coronel. Coronel Cornelius Schreuder, o recém-indicado comandante militar do forte em Boa Esperança?

Ja, esse mesmo. Van de Velde pegou outro doce. Seu posto lhe dará mais prestígio quando apresentar sua exigência por meu resgate a meu sogro ponderou.

Sir Francis estudou a face do homem enquanto ele mastigava. Ficou a imaginar por que o governador queria se livrar do coronel. Parecia um bom sujeito e habilidoso; faria mais sentido mantê-lo à mão. Contudo, o que van de Velde dizia de seu status era verdade. E Sir Francis sentiu que o coronel Schreuder poderia fazer a parte do diabo se ficasse a bordo do galeão por qualquer período de tempo. Muito mais problema do que valia a pena, pensou, e disse, em voz alta:

Muito bem, eu o mandarei.

Os lábios cobertos de açúcar do governador fizeram um bico de satisfação. Ele estava plenamente ciente do interesse de sua esposa pelo atraente coronel. Estava casado com ela fazia poucos anos, contudo sabia com certeza que ela tivera pelo menos dezoito amantes nesse tempo, alguns apenas por uma hora ou uma noite.

A criada, Zelda, era paga por van de Velde e relatava a ele cada uma das aventuras de sua patroa, extraindo um profundo prazer indireto em contar cada detalhe escabroso.

Quando van de Velde tomara ciência pela primeira vez do apetite carnal de Katinka, ficara ultrajado. Contudo, suas admoestações furiosas de início não surtiram efeito, e ele aprendera depressa que sobre ela não tinha nenhum controle. Não poderia nem protestar muito nem mandá-la embora, pois, por um lado, estava estupidificado por ela e, por outro, havia o pai de Katinka, muito rico e poderoso. O avanço de sua Própria fortuna e posição dependia quase que inteiramente dela. Por fim, seu único curso de ação fora, tanto quanto possível, manter a tentação e a oportunidade afastadas. Durante aquela viagem, fora bemsucedido em mantê-la como uma virtual prisioneira nos alojamentos, e estava certo de que, não tivesse agido assim, sua esposa já teria experimentado os utensílios do coronel, que estavam ostensivamente à exposição. Com ele fora do navio, a chance de diversão de Katinka seria severamente encurtada, e, depois de um jejum prolongado, ela poderia até mesmo tornar-se dócil a seus próprios avanços suados.

— Muito bem — concordou Sir Francis —, mandarei o coronel Schreuder como seu emissário. — Virou a página do almanaque à sua frente, sobre a escrivania. — Com bons ventos, e pela graça do Todopoderoso, a viagem do cabo para a Holanda e de volta até aqui para o encontro não deverá ocupar mais que oito meses. Podemos esperar que você possa estar livre para assumir seus deveres no cabo pelo Natal.

— Onde nos manterá até que o resgate seja recebido? Minha esposa é uma dama de qualidade e disposição delicada.

— Num lugar seguro e com conforto. Isso eu lhe asseguro, senhor.

— Onde encontrará o navio que retornar com nosso dinheiro de resgate?

— A trinta e três graus de latitude sul e quatro graus e trinta minutos leste.

— Onde, pois, deveria ser isso?

— Ora, governador van de Velde, no próprio lugar do oceano onde estamos neste exato momento. — Sir Francis não seria trapaceado tão prontamente, revelando os paradeiros de sua base.

Num amanhecer nublado, o galeão lançou âncora nas águas mais dóceis atrás de uma ponta de terra rochosa da costa africana. O vento começava a virar. O fim da estação de verão estava às portas; aproximavam-se depressa do equinócio outonal. O Lady Edwina, as bombas a trabalhar sem cessar, chegou-se de lado e, com defensas de calafetagem entre os cascos, passou rápido pela nau maior.

De imediato, o trabalho de limpeza começou. Blocos e talhas já haviam sido içados das vergas do galeão. Tiraram primeiro os canhões. Os grandes canos de bronze em seus trilhos foram suspensos no ar. Trinta marujos se afastaram com a talha e então baixaram cada colubrina para o convés do galeão. Assim que esses canhões fossem assentados, o galeão teria o poder de fogo de um navio da linha e seria capaz de atacar qualquer galeão da companhia com vantagem.

Ao observar a vinda do canhão para bordo, Sir Francis percebeu que agora tinha força para desfechar um ataque de surpresa sobre qualquer dos portos mercantes holandeses nas índias. A captura do Standvastigheid fora apenas um começo. A partir dali, ele planejava tornar-se o terror da Holanda no oceano das índias, tal como Sir Francis Drake atormentara os espanhóis em sua própria terra no século anterior.

Agora as barricadas de pólvora eram içadas para fora do armazém da caravela. Poucas continuavam cheias depois de um tão longo cruzeiro e as pesadas ações que enfrentara. Contudo, o galeão ainda carregava quase duas toneladas de pólvora de excelente qualidade, suficiente para lutar uma dúzia de batalhas, ou para capturar um rico entreposto holandês na costa de Trincomalee ou javanesa.

Quando a mobília e as provisões foram trazidas, barricadas d'água e baús de armas, barris de salmoura com pickles, sacos de pão de barricadas de farinha, as pinaças foram também içadas a bordo e desmanteladas pelos carpinteiros. Foram armazenadas no porão da carga principal do galeão no topo das pilhas de raras madeiras orientais. Tão pesado e superlotado com sua própria carga estava o galeão, que, para acomodar seu volume, as braçolas de escotilha tiveram de ser deixadas fora dos porões principais até que a presa fosse levada para a base secreta de Sir Francis.

Desnudado até as pranchas, o Lady Edwina rodou alto na água quando o coronel Schreuder e a tripulação holandesa liberada estavam prontos para subir a bordo. Sir Francis reuniu-se com o coronel no convés de popa e entregou-lhe de volta a espada e a carta endereçada ao conselho da Companhia Holandesa das Índias Orientais, em Amsterdã. Fora costurada dentro de uma cobertura de lona, as bordas seladas com cera vermelha, e amarrada com fita. Era um embrulho impressionante, que o coronel Schreuder colocou firmemente sob o braço.

— Espero que nos encontremos de novo, Mijnheer — disse Schreuder, num tom agourento, para Sir Francis.

— Em oito meses, a contar de agora, estarei no ponto de encontro — assegurou Sir Francis. — Então ficarei encantado em revê-lo, contanto que tenha os duzentos mil florins de ouro para mim.

— O senhor se enganou quanto às minhas palavras — disse Cornelius Schreuder, com um sorriso irônico.

— Asseguro-lhe que não — respondeu Sir Francis, com tranqüilidade. Então o coronel olhou para a abertura na popa onde Katinka van de Velde estava de pé, ao lado do marido. A profunda mesura que ele fez em direção a eles e o olhar de anseio em seus olhos não foram somente para o governador.

— Voltarei com toda pressa para terminar seu sofrimento — disse a eles.

— Deus esteja com o senhor — disse o governador. — Nossa sina está em suas mãos.

— Terá assegurada minha mais profunda gratidão em seu retorno, meu caro coronel — murmurou Katinka, numa ofegante voz de menina, e o coronel estremeceu como se um balde de água gelada escorresse de suas costas. Empertigou-se à plena altura, saudou-a e depois se voltou e seguiu para a amurada do galeão.

Hal estava esperando na ponte com Aboli e Daniel Grande. Os olhos do coronel se estreitaram e ele parou em frente a Hal, torcendo o bigode. As fitas de seu casaco flutuavam à brisa, e o cinturão de seu posto brilhou quando ele tocou a espada ao lado.

— Fomos interrompidos, menino — disse baixinho, em bom inglês sem sotaque. — Contudo, haverá

um tempo e um lugar para mim em que vou terminar a lição.

— Esperemos que sim, senhor. — Hal era corajoso com Aboli a seu lado. — Sou sempre grato por instrução.

Por um instante, encararam, um ao outro, e depois Schreuder saltou por sobre o lado do galeão para o tombadilho da caravela. Imediatamente os cabos foram retirados, e a tripulação holandesa içou as velas. O Lady Edwina jogou sua popa como um cavalo arisco e avançou à pressão de seus panos. Girou ligeiramente ao se afastar de terra para zarpar.

— Nós também vamos nos pôr a caminho, por favor, mestre Ned! — exclamou Sir Francis. — Içar âncora.

O galeão afastou-se da costa da África, rumando para o sul. Do topo do mastro onde Hal se acocorava, o Lady Edwina ainda estava à vista. A nau menor procurava se afastar dos traiçoeiros bancos de areia do cabo Agulhas, antes de fazer a volta e pegar o vento para descer até o forte holandês, abaixo da grande montanha com tampo de mesa que guardava a extremidade sudoeste do continente africano.

Enquanto Hal observava, a silhueta dos panos da caravela se alterou drasticamente. Ele se debruçou no cesto de gávea e berrou:

— O Lady Edwina está alterando o curso.

— Para onde? — berrou seu pai de volta.

— Está correndo livre — respondia Hal. — Seu novo curso parece ser rumo oeste.

A nau estava fazendo exatamente o que esperavam dela. Com o sudoeste bem à popa de seu vau, ela agora rumava direto para Boa Esperança.

— Mantenha o olho nele.

Conforme Hal a observava, a caravela foi diminuindo em tamanho até que suas velas brancas se mesclaram com as jubas desgrenhadas das ondas com cristas brancas sopradas pelo vento, no horizonte.

— Ele se foi! — berrou ele para o tombadilho de popa. — Está fora de vista daqui!

Sir Francis tinha aguardado por aquele momento antes de levar o galeão num giro para seu verdadeiro destino. Agora dava as ordens para o leme que o empurraria em direção ao leste, e a nau voltou a uma larga faixa de amplitude paralela à costa africana.

— Este parece ser o seu melhor ponto de navegação — disse a Hal, quando o filho desceu para o convés, depois de ter sido substituído no topo do mastro. — Mesmo com as vergas armadas para uso temporário, a nau está mostrando uma boa velocidade. Precisamos conhecer os caprichos e manhas de nossa nova patroa. Faça um cálculo com o silômetro, por favor.

Com o utensílio na mão, Hal regulou o silômetro de madeira em seus caixilhos, desceu da proa em sua caminhada ao longo do casco até chegar à popa. Fez um cálculo rápido na lousa e depois ergueu os olhos para o pai.

— Seis nós pela água.

— Com a nova vela mestra, a nau será boa para dez. Ned Tyler encontrou uma vergôntea de bom pinho norueguês estocada no porão. Vamos erguê-la tão logo aportemos. — Sir Francis pareceu deliciado: Deus estava sorrindo para eles. — Reúna a guarnição do navio. Vamos pedir as bênçãos de Deus sobre a nau e dar-lhe um novo nome.

Todos ficaram de cabeças descobertas ao vento, os gorros comprimidos ao peito, as expressões tão piedosas quanto possível, ansiosos para não atrair o desfavor de Sir Francis.

— Nós vos agradecemos, Deus Todopoderoso, pela vitória que nos concedestes sobre os heréticos e os apóstatas, os seguidores cercados pelas trevas do filho de Satã, Martinho Lutero.

— Amém! — gritaram. Eram todos bons anglicanos, a não ser os negros das tribos dentre eles, porém estes também gritaram amém com o resto. Tinham aprendido aquela palavra desde o primeiro dia a bordo

do navio de Sir Francis.

— Nós vos agradecemos pela oportuna e misericordiosa intervenção no meio da batalha e o resgate da derrota certa...

Hal remexeu-se em discordância, porém sem olhar para cima. Parte do crédito pela oportuna intervenção era sua, e seu pai não se pronunciara a respeito disso abertamente.

— Nós vos agradecemos e louvamos vosso nome por colocar em nossas mãos este belo navio. Prestamos a vós nosso solene juramento de que o usaremos para levar humilhação e punição sobre vossos inimigos. Pedimos vossa bênção sobre nós. Imploramos para que olhai gentilmente por nós e para sancionar o novo nome que agora damos a ele. Doravante se chamará Resolução.

Seu pai simplesmente traduzira o nome do galeão holandês, e Hal estava triste por ele não levar o nome de sua mãe. Ficou a imaginar se a lembrança da mãe estava por fim se desvanecendo das recordações do pai, ou se ele teria outra razão para não mais perpetuar sua memória. Sabia, no entanto, que jamais teria coragem de perguntar, e simplesmente deveria aceitar aquela decisão.

— Pedimos a vós a continuada ajuda e intervenção em nossa infundável batalha contra os sem-Deus. Agradecemos humildemente pelas recompensas que tendes generosamente derramado sobre nós. E cremos que, se nos comprovarmos merecedores, seremos recompensados por nossa devoção e sacrifício com mais provas de amor por vossa bondade.

Aquele era um sentimento perfeitamente razoável, com o qual cada homem a bordo, cristão verdadeiro ou pagão, poderia estar de pleno acordo. Cada homem devotado ao serviço de Deus na terra tinha direito a sua recompensa, e não apenas na vida por vir. Os tesouros que recheavam os porões do Resolução eram prova e tangível evidência da aprovação e consideração de Deus para com eles.

— Agora vamos erguer um viva para o Resolução e todos que velejam nele.

Todos vivaram até ficarem roucos, e Sir Francis silenciou a todos por fim. Recolocou o chapéu de abas largas e fez um gesto para que cobrissem as cabeças. Sua expressão tornou-se séria e sombria.

— Há mais uma tarefa que temos de realizar agora — disse, e olhando para Daniel Grande. — Traga os prisioneiros ao tombadilho, mestre Daniel.

Sam Bowles estava à dianteira da fila desolada que subiu dos porões, pestanejando à luz do sol. Foram conduzidos à frente e obrigados a se ajoelhar defronte à guarnição do navio.

Sir Francis leu-lhes os nomes da folha de pergaminho que segurava:

— Samuel Bowles. Edward Broom. Peter Law. Peter Miller. John Tate. Ajoelhem-se diante de seus companheiros de navio, acusados de covardia e deserção em face do inimigo, e derrelição de seu dever.

Os outros resmungaram e os encararam, faces sombrias.

— Misericórdia, sua graça. Foi uma loucura do momento. Nós verdadeiramente nos arrependemos. Perdoe-nos, imploramos pelo bem de nossas esposas e as doces crianças que deixamos em casa — implorou Sam Bowles, como porta-voz.

— As únicas esposas que alguma vez tiveram eram as rameiras nas casas de prostituição da rua da Doca — caçoou Daniel Grande, e a tripulação urrou.

— Pendurem-nos no braço da verga! Vamos vê-los dançar uma pequena dança para o diabo.

— Envergonhem-se — calou-os Sir Francis. — Que tipo de justiça inglesa é essa? Cada homem, não importa quem seja, tem direito a um julgamento justo. — Todos ficaram com ar sombrio, e ele prosseguiu: — Iremos tratar deste assunto na ordem adequada. Quem faz essas acusações contra eles?

— Nós! — rugiu a tripulação em uníssono.

— Quem são suas testemunhas?

— Nós! — retrucaram eles, a uma única voz.

— Testemunharam algum ato de traição ou covardia? Viram essas tolas criaturas fugir da luta e deixar

seus companheiros à própria sina?

— Sim!

— Ouviram o testemunho contra vocês. Têm algo a dizer em sua defesa?

— Misericórdia! — gemeu Sam Bowles. Os outros pareciam apalermados.

Sir Francis voltou-se para a tripulação.

— E assim, qual é seu veredicto?

— Culpados!

— Culpados como o inferno! — acrescentou Daniel Grande, caso houvesse alguma dúvida pendente.

— E sua sentença? — perguntou Sir Francis, e imediatamente um tumulto irrompeu entre a tripulação.

— Enforque-os.

— Enforcar é muito bom para os porcos. Vamos passá-los pela quilha do navio.

— Não! Não! Cortar e esquartejá-los. Fazê-los comer as próprias bolas.

— Vamos fritar os porcos! Queimar os bastardos na estaca. Sir Francis silenciou-os novamente.

— Vejo que temos algumas diferenças de opinião. — Fez um gesto para Daniel Grande. — Leve-os para baixo e trancafie-os. Deixe-os cozinhar nos próprios sucos fedorentos por um dia ou dois. Trataremos deles quando chegarmos ao porto. Até lá, há assuntos mais importantes para tratar.

Pela primeira vez em sua vida a bordo de um navio, Hal tinha uma cabine só sua. Não precisava mais compartilhar cada momento de sono e acordar amontoado em forçada intimidade com uma horda de outros corpos.

O galeão era espaçoso em comparação com a pequena caravela, e seu pai lhe encontrara um lugar ao lado de seus próprios alojamentos magníficos. Fora o guarda-louça do criado do capitão holandês e não passava de um simples cubículo.

— Você precisa de um lugar mais iluminado para continuar seus estudos — justificara-se Sir Francis por tal indulgência. — Desperdiça muitas horas da noite dormindo, quando poderia estar trabalhando. — Ordenara ao carpinteiro do navio que improvisasse um catre e uma estante na qual Hal pudesse colocar seus livros e papéis.

Um lampião a óleo pendia acima de sua cabeça, a enegrecer o convés ao alto com sua fuligem, mas dando a Hal luz suficiente para enxergar as linhas e permitindo que ele anotasse as lições que seu pai lhe passara. Seus olhos ardiam de fadiga, e ele precisava conter os bocejos à medida que mergulhava a pena no tinteiro e olhava para a folha de pergaminho onde copiava o extrato das direções de navegação do capitão holandês de que seu pai se apossara. Cada navegador tinha seu próprio manual pessoal de direções de navegação, um diário inestimável em que guardava detalhes de oceanos e mares, correntes e costas, aproximação de terra e portos; tabelas de desvios mutáveis e misteriosos de bússolas, conforme um navio navegava por águas estranhas, e cartas do céu noturno, que se alterava com as latitudes. Aquilo era conhecimento que cada navegador acumulava penosamente durante sua vida inteira, de suas próprias observações ou extraído da experiência e casos de outros. Seu pai haveria de esperar que ele completasse aquele trabalho antes de seu turno no topo de mastro, que começava às quatro da manhã.

Um débil ruído por detrás do anteparo o distraiu, e ele ergueu os olhos, com a pena ainda na mão. Era uma pisada leve, quase inaudível, e vinha dos luxuosos aposentos da esposa do governador. Ele mobilizou cada fibra do ser, tentando interpretar cada som que o alcançava. Seu coração lhe dizia que era a adorável Katinka, porém ele não tinha certeza disso. Poderia ser a feia e velha criada ou mesmo o grotesco marido. Sentiu-se deprimido e irritado ao pensamento.

Convenceu-se no entanto de que fora Katinka, e aquela proximidade dela o emocionou, mesmo através das pranchas do anteparo que os separavam. Ansiava tão desesperadamente por ela, que não conseguia nem se concentrar na tarefa ou mesmo ficar sentado.

Levantou-se, forçado a abaixar-se em virtude da baixa altura do convés acima de sua cabeça, e moveu-se silenciosamente para o anteparo. Inclinou-se para ele e apurou os ouvidos. Escutou um leve raspar, o ruído de algo a ser arrastado pelo tombadilho, o farfalhar de tecido, o som borbulhante de líquido a ser vertido numa bacia ou tigela. Com os ouvidos contra o painel, visualizou cada movimento. Ouviu-a colher a água com as mãos em concha e borrifá-la nas faces, ouviu os ligeiros arquejos quando o frio atingiu-lhe o rosto e, depois, as gotas a pingarem de volta na bacia.

Olhou para baixo e viu que um débil raio de luz de vela brilhava através de uma fresta nas tábuas do painel, um estreito fio de luz amarela que ondulava no ritmo do movimento do navio. Sem pesar as conseqüências do que estava fazendo, ajoelhou-se e encostou o olho na fresta. Podia enxergar pouco, pois era estreita, e a luz suave da vela estava dirigida para seu olho.

Então, alguma coisa passou entre ele e a vela, um torvelinho de sedas e renda. Hal arregalou o olho e em seguida arquejou ao divisar o brilho perolado de pele branca perfeita. Fora simplesmente um relance, tão rápido que ele mal tivera tempo de descobrir a linha de uma costa nua, luminosa como madreperla sob a luz amarela.

Comprimiu a face ainda mais contra o painel, desesperado por outro vislumbre de tamanha beleza. E fantasiou que, sobre o som normal das tábuas do navio a estalar na rota marítima, podia ouvir a respiração suave, leve como o murmúrio dum zéfiro dos trópicos. Conteve o próprio fôlego para escutar até que seus pulmões queimaram, e se sentiu aturdido de admiração.

Naquele momento, a vela na outra cabine foi assoprada, o raio de luz através da fresta a despedir-se de seu olho fixo e a se extinguir. Ele ouviu os passos leves se afastarem, e a escuridão e o silêncio caíram além da divisória.

Hal continuou ajoelhado por um longo tempo, como um devoto num santuário, e então se levantou lentamente e se sentou mais uma vez diante da estante de trabalho. Tentou forçar o cérebro cansado a cumprir a tarefa que o pai lhe designara, porém continuou refugando com um cavalo indisciplinado na rédea do treinador. As letras da página diante dele dissolveram-se em imagens de pele de alabastro e cabelos dourados. Em suas narinas estava a lembrança daquele odor inebriante que sentira quando irrompera pela primeira vez na cabine de Katinka. Cobriu os olhos com a mão na tentativa de impedir que as visões invadissem seu cérebro latejante.

Foi inútil: sua mente estava além do controle. Estendeu a mão para a Bíblia, que jazia ao lado do diário, e abriu a capa de couro. Entre as páginas estava uma fina filigrana de ouro, aquele único fio de cabelo que ele roubara do pente de Katinka.

Tocou-o com os lábios e soltou um gemido: imaginou que podia ainda sentir um traço do perfume dela no fio, e fechou os olhos.

Passou-se algum tempo antes que ele se desse conta das ações de sua traiçoeira mão direita. Como um ladrão, ela se insinuava sob a beirada do calção de lona que era sua única vestimenta no cubículo quente e abafado. No momento em que percebeu o que estava fazendo, era tarde demais para impedir-se. Rendeu-se indefeso ao bombear e apertar dos próprios dedos. O suor vertia de cada poro e escorria por seus rijos músculos jovens. A haste que ele segurava entre os dedos era dura como osso e dotada de uma vida própria que pulsava.

O cheiro de Katinka encheu-lhe a cabeça. A mão andou mais depressa, porém não tão depressa como o coração. Ele sabia que aquilo era pecado e loucura. O pai o avisara, porém ele não conseguia parar. Remexeu-se no banco. Sentiu o oceano de seu amor por ela a pressionar o dique de sua contenção, como uma maré alta e irresistível. Sentiu o fluxo quente do jato pelas coxas retesadas, viu-o borrifar no convés, e depois seu odor almiscarado dissipou o sagrado perfume do cabelo de Katinka de suas narinas.

Jogou o corpo para trás, a suar e a ofegar baixinho, e deixou que as ondas de culpa e auto-reprovação

o dominassem. Tinha traído a confiança do pai, a promessa que lhe fizera, e, com sua luxúria profana, conspurcara a pura e adorável imagem de uma santa.

Não poderia ficar na cabine um momento a mais. Enfiou-se no gibão de lona e correu escada acima para o tombadilho. Debruçou-se por um instante sobre a amurada, a respirar fundo. O ar salgado dissipou-lhe a culpa e a auto-reprovação. Sentiu-se mais firme e olhou ao redor para ter noção das redondezas.

O navio ainda estava de amura a bombordo, com o vento de través. Os mastros balançavam para trás e para a frente pela brilhante abóbada de estrelas. Ele podia apenas divisar a massa carrancuda de terra abaixo, a sotavento. A Grande Ursa pairava à largura de um dedo acima da silhueta escura da terra. Era um lembrete nostálgico da terra de seu nascimento e da infância que ele deixara para trás.

Ao sul, o céu era deslumbrante, a constelação do Centauro acima de seu ombro direito, o poderoso Cruzeiro do Sul a queimar no centro. Aquele era o símbolo do novo mundo além da Linha.

Olhou para o leme e viu o cachimbo do pai a luzir num canto protegido do tombadilho superior. Não queria encará-lo agora, pois tinha certeza de que a culpa e a depravação ainda estavam tão gravadas em suas feições, que o pai as reconheceria mesmo no escuro. Entretanto, sabia que o pai o vira e iria julgar estranho que não lhe prestasse respeito. Foi até onde ele estava, apressado.

— Sua indulgência, por favor, papai. Subi para respirar um pouco de ar e clarear minha cabeça — resmungou, incapaz de encontrar o olhar de Sir Francis.

— Não fique ocioso aqui em cima por muito tempo — advertiu-o seu pai. — Quero ver sua tarefa terminada antes que você assuma seu turno no topo do mastro.

Hal apressou-se em voltar. Aquele convés extenso ainda lhe era pouco familiar. Grande parte da carga e mercadorias da caravela não havia cabido dentro dos porões já atopeçados do galeão, e estava espalhada sobre o convés. Ele abriu caminho entre barricadas e baús e colubrinhas de bronze.

Estava ainda tão imerso em remorso e culpa, que tinha pouca noção das coisas ao redor, até que ouviu um murmúrio baixo, conspiratório, por perto. Seus sentidos, lhe voltaram num ímpeto, e ele olhou para a proa.

Um pequeno grupo estava escondido nas sombras lançadas pela carga armazenada abaixo da elevação do castelo de proa. Seus movimentos furtivos o alertaram para algo fora do comum.

Depois do julgamento por seus pares, Sam Bowles e seus homens tinham sido levados para os tombadilhos inferiores do galeão e lançados num pequeno compartimento, que provavelmente deveria ser o armazém do carpinteiro. Não havia luz, e o ar era pouco. O cheiro forte de pimenta e água podre estagnada era sufocante, e o espaço tão confinado, que os cinco não poderiam se esticar ao mesmo tempo sobre o convés. Acomodavam-se o melhor que podiam naquele buraco do inferno, mergulhados num desolado silêncio desesperado.

— Em que lugar estamos? Abaixo da linha d'água, talvez? — perguntou Ed Broom, aflito.

— Nenhum de nós conhece o casco deste holandês — resmungou Sam Bowles.

— Você acha que vão nos matar? — indagou Peter Law.

— Pode ter certeza que não vão nos dar um abraço e um beijo — retrucou Sam.

— Passar pela quilha — sussurrou Ed. — Já vi isso ser feito. Quando arrastaram o infeliz por debaixo do navio e o tiraram do outro lado, ele estava afogado como um rato num barril de cerveja. Não havia muita carne em sua carcaça — fora arrancada pelas cracas sob o casco. Podiam-se ver seus ossos pulando para fora, brancos.

Pensaram naquilo por algum tempo. Então, Peter Law disse:

— Eu vi quando enforcaram e executaram os regicidas em Tyburn, em cinqüenta e nove. Depois, quando assassinaram o rei Carlos, o pai do Menino Negro. Abriram suas barrigas feito peixe, depois

espetaram um gancho de ferro e o giraram até arrancar todas as entranhas e puxar seus intestinos para fora como cordas. Então deceparam seus pintos e suas bolas...

— Cale a boca! — esbravejou Sam, e eles mergulharam num abjeto silêncio, na escuridão

Uma hora mais tarde, Ed Broom murmurou:

— Tem ar vindo para cá de algum lugar. Posso sentir em meu pescoço Depois de um momento, Peter Law exclamou:

— Ele tem razão. Posso sentir também.

— O que existe por trás deste anteparo?

— Isso ninguém sabe. Talvez o porão da carga principal. Ouviu-se um som de apalpadelas, e Sam perguntou:

— O que está fazendo?

— Tem uma abertura no entabuamento aqui. É por onde o ar está entrando.

— Deixe-me ver. — Sam arrastou-se e, depois de alguns instantes, concordou: — Tem razão. Posso enfiar meus dedos pelo buraco.

— Se pudermos abri-lo...

— Se Daniel Grande o pegar, você estará metido num grande problema.

— O que pode fazer? Nos esquartejar? Ele já quer fazer isso. Sam trabalhou na escuridão por algum tempo e depois resmungou:

— Se eu tivesse alguma coisa para abrir essas pranchas...

— Estou sentado em algumas tábuas soltas.

— Vamos pegar um pedaço.

Estavam todos trabalhando juntos agora, e, por fim, forçaram a ponta de um pedaço rijo de madeira através da fenda no anteparo. Usando-a como alavanca, lançaram todo o peso em conjunto sobre ela. A madeira partiu-se com um estalo, e Sam enfiou o braço pela abertura. Havia espaço aberto além. Poderia ser um caminho para fora.

Todos se lançaram para a frente a fim de arrancar as bordas da abertura, quebrando as unhas e enterrando lascas de madeiras nas palmas das mãos, na pressa.

— Para trás! Recuem! — disselhes Sam, e esgueirou-se, cabeça primeiro, pela abertura. Logo que o ouviram rastejar do lado oposto, todos passaram pela fresta atrás dele.

Explorando o caminho adiante, Sam ficou sufocado quando o forte cheiro de pimenta queimou-lhe a garganta. Estavam no porão que continha as barricas de especiarias. Havia um pouco mais de luz ali: vinha pelas fendas onde as braçolas das escotilhas não estavam presas.

Mal podiam divisar os enormes barris, cada um mais alto que um homem, alinhados em fila, e não havia espaço para rastejar sobre o topo, pois o convés era muito baixo. Contudo, podiam se espremer entre eles, mas era uma passagem perigosa.

Os pesados barris balançavam ligeiramente com o movimento do navio. Raspavam e batiam nas tábuas do convés e se esfregavam nas cordas que os restringiam. Um homem poderia ser esmagado como uma barata se fosse pego entre eles.

Sam Bowles era o menor. Rastejou para a frente, e os outros o seguiram. De repente, um grito agudo ecoou pelo porão e os enregelou a todos.

— Quietos, seu estúpido bastardo! — Sam voltou-se, furioso. — Vai trazê-los até nós.

— Meu braço! — gritou Peter Law. — Tire isso de cima de mim. Um dos enormes barris se erguera com o balanço do casco e então descera outra vez, seu pleno peso a prender o braço do homem contra o convés. Ainda deslizava e batia sobre o membro, e eles podiam ouvir os ossos do antebraço e do cotovelo de Law a se espatifarem como trigo seco entre as pás de um moinho. Ele berrava, histérico, e



não havia como calá-lo: a dor o deixava além de todo o raciocínio. Sam arrastou-se de volta e aproximou-se de seu lado.

— Cale essa boca! — Agarrou o ombro de Peter e puxou-o, tentando livrá-lo. Porém o braço estava prensado, e Peter berrou ainda mais alto.

— Não há nada a fazer — resmungou Sam, e, da cintura, puxou a corda que lhe servia de cinto. Passou um laço sobre a cabeça do homem e puxou o nó apertado contra sua garganta. Inclinou-se para trás, ancorando ambos os pés nas espáduas da vítima, e puxou com toda a força. Abruptamente, os berros agudos de Peter cessaram. Sam manteve o nó apertado por algum tempo depois que as convulsões terminaram, e finalmente soltou-o e voltou a amarrar a corda na cintura. — Tive de fazer isso — resmungou para os outros. — Melhor um morto que todos nós.

Ninguém falou, mas seguiram Sam quando este rastejou para a frente, deixando o cadáver estrangulado para ser esmagado pelos barris balouçantes.

— Dêem-me uma ajuda aqui — disse Sam, e os outros o impulsionaram para cima de uma das barricadas abaixo da escotilha. — Não há nada além de um pedaço de pano entre nós e o convés agora — murmurou ele, triunfante, e estendeu a mão para tocar a cobertura esticada.

— Vamos lá, vamos dar o fora daqui — sussurrou Ed Broom.

— Ainda é dia claro lá fora. — Sam segurou o homem quando ele tentou soltar as cordas que seguravam a coberta de lona no lugar. — Espere escurecer. Não vai demorar agora.

Gradualmente, a luz que se filtrava através das dobras em torno da coberta de lona amorteceu e findou. Podiam ouvir o sino do navio anunciando os turnos.

— Fim do último turno de vigia — disse Ed. — Vamos agora.

— Dê mais um tempo — insistiu Sam. Depois de outra hora, concordou. — Solte os panos.

— O que vamos fazer lá fora? — Agora que era hora de entrar em ação, eles estavam temerosos. — Você não está pensando em tomar o navio, está?

— Não, seu burro. Já tive o bastante de seu sanguinário capitão Franky. Vou encontrar alguma coisa que flutue e depois passar pela amurada. A terra não está distante.

— E os tubarões?

— O capitão Franky dá mordidas piores que qualquer amaldiçoado tubarão que você encontre lá fora.

Ninguém discutiu.

Livraram um canto das lonas, e Sam ergueu a abertura e espiou para fora.

— Tudo limpo. Há algumas barricadas vazias de água ao pé do mastro de proa. Vão nos transformar em almofadinhas.

Ele se esgueirou de sob a lona e correu pelo convés. Os outros o seguiram, um de cada vez, e o ajudaram a soltar as amarras que seguravam os barris vazios no lugar. Em questão de segundo, tinham dois soltos.

— Juntos agora, camaradas — murmurou Sam, e eles rolaram o primeiro pelo convés. Ergueram o barril e o jogaram por sobre a amurada e em seguida correram de volta e pegaram um segundo.

— Ei! Vocês aí! O que estão fazendo?

A interpelação tão próxima os assustou, e todos voltaram as faces pálidas para trás. E reconheceram Hal.

— É a cria de Franky! — gritou um, e eles soltaram o barril e dispararam para o lado do navio. Ed Broom foi o primeiro a pular. Mergulhou de cabeça, com Peter Miller e John Tate por perto, logo atrás dele.

Hal levou um instante para se dar conta do que estavam prestes a fazer e em seguida avançou para

interceptar Sam Bowles. Era o líder, o mais culpado da turma, e Hal atracou-se a ele quando Sam chegou à amurada.

— Papai! — gritou, alto o bastante para que sua voz se espalhasse por todo o convés. — Papai, me ajude!

Peito a peito, eles se engalfinharam. Hal aplicou-lhe uma chave de cabeça, porém Sam lançou a cabeça para trás e depois a investiu para a frente na esperança de quebrar o nariz de Hal. Daniel Grande, contudo, havia ensinado a Hal esse golpe, e ele agiu com presteza: baixou a cabeça no peito de modo que seu crânio se chocasse com o de Sam. Ambos ficaram meio atordoados com o impacto e se soltaram das garras um do outro.

No mesmo instante, Sam arremessou-se para a amurada, mas, em seus calcanhares, Hal agarrou pelas pernas.

— Papai! — berrou de novo.

Sam tentou chutá-lo, mas Hal o segurou com firmeza. Então Sam olhou para cima e viu Sir Francis Courtney a descer do tombadilho superior. Sua espada estava desembainhada, e a lâmina reluzia à luz das estrelas.

— Segure firme, Hal! Estou chegando

Não havia tempo para Sam livrar o cinto de corda da cintura e passar o laço pela cabeça de Hal. Então ele levantou as duas mãos e agarrou pela garganta. Era um homem pequeno, porém seus dedos eram rijos do trabalho, duros como dardos de ferro. Achou a traquéia de Hal e bloqueou-a impiedosamente.

A dor sufocou Hal, e ele soltou as pernas de Sam. Segurou os punhos do homem, tentando romper o estrangulamento, porém Sam colocou um pé em seu peito, empurrou para trás e então saltou para o lado do navio. Sir Francis desferiu-lhe um golpe de espada enquanto corria, mas Sam abaixou-se e mergulhou pela amurada.

— O verme traiçoeiro vai se safar! — bradou Sir Francis. — Contramestre, chame todas as mãos para virar o navio de bordo. Vamos voltar para pegá-los.

Sam Bowles foi ao fundo pela força com que atingiu a água, e o choque do frio tirou-lhe o ar dos pulmões. Sentiu-se afogar, porém lutou e arrastou-se para cima. Por fim, sua cabeça apontou à superfície, e ele sorveu o ar a plenos pulmões, sentindo o atordoamento e a fraqueza nas pernas passarem.

Ergueu os olhos para o casco do navio, a rolar majestosamente por ele; depois, foi ficando na esteira, que brilhava escorregadia e oleosa à luz das estrelas. Aquele era o caminho que iria guiá-lo para a barrica. Precisava segui-lo antes que as ondas o deixassem sem sinais de orientação no escuro. Seus pés estavam descalços, e ele usava apenas uma camisa de algodão rasgada e os calções de lona, o que não poderia lhe atrapalhar os movimentos. Diferentemente da maioria de seus camaradas, era um grande nadador.

Depois de umas doze braçadas, ouviu uma voz na escuridão por perto.

— Ajude-me, Sam Bowles! — Reconheceu os gritos de Ed Broom. — Dê-me uma ajuda, companheiro, ou estou acabado.

Sam parou de bracejar e, à luz das estrelas, viu os borrifos que Ed levantava ao se debater. Além dele, viu algo mais a se erguer na crista de uma onda escura, alguma coisa preta e redonda.

A barrica!

Ed, porém, estava entre ele e aquela promessa de sobrevivência. Sam começou a nadar de novo, mas se desviando de Ed Broom. Era perigoso chegar muito perto de um homem a se afogar, pois ele poderia segurá-lo e pendurar-se em você com uma garra mortal, até que você fosse levado para baixo com ele.

— Por favor, Sam. Não me abandone. — A voz de Ed se tornava mais fraca.

Sam alcançou a barrica flutuante e agarrou-se no batoque protuberante. Descansou um momento e em seguida assustou-se, quando outra cabeça apontou ao lado.

— Quem é? — ofegou.

— Sou eu, John Tate — falou o nadador, cuspiendo a água do mar enquanto tentava encontrar um ponto de apoio no barril.

Sam soltou a corda do cinto da cintura. Usou-a para fazer um laço em torno do batoque e passou o braço por ela. John Tate agarrou-se ao laço também.

Sam tentou empurrá-lo.

— Solte! É meu. — Mas o aperto de John era desesperado com o pânico, e, depois de um minuto, Sam deixou ficar. Não poderia se permitir perder as próprias forças em disputa com um homem maior.

Penduravam-se juntos na corda numa trégua hostil.

— O que aconteceu a Peter Miller? — perguntou John Tate.

— O patife do Peter Miller — debochou Sam.

A água era fria e escura, e ambos imaginaram o que poderia estar espreitando-os debaixo de seus pés. Um bando dos monstruosos tubarões-tigre sempre seguia o navio naquelas latitudes, para pegar o lixo e os resíduos das barricas de latrina que eram esvaziados pela amurada. Sam vira uma daquelas pavorosas criaturas tão grande como a pinaça do Lady Edwina e pensou sobre aquilo naquele momento. Sentiu seu corpo se encolher e tremer de frio e do pavor daquelas filas serrilhadas de dentes ao se fecharem para dividi-lo em dois, como ele poderia morder uma maçã madura.

— Olhe! — John Tate sufocou-se quando uma onda o atingiu na face e inundou-lhe a boca aberta.

Sam ergueu a cabeça e viu uma sombra montanhosa e escura assomar na noite, perto dali.

— Franky sanguinário volta para nos encontrar — resmungou ele, entre os dentes que batiam. Olharam, com horror, quando o galeão rumou para eles, crescendo de tamanho a cada segundo, até que parecia apagar todas as estrelas, e eles já podiam ouvir as vozes dos homens no tombadilho.

— Vê alguma coisa, mestre Daniel? — Era a voz de Sir Francis.

## II

— Nada, capitão. — O brado de Daniel Grande veio da proa. Ao olhar para a água negra e turbulenta, seria quase impossível distinguir a madeira escura da barrica ou as duas cabeças boiando ao lado.

Bowles e Tate foram atingidos pela onda de proa que o galeão provocou ao passar e deixados a girar e boiar na esteira, enquanto a lanterna de popa reluzia na escuridão.

Duas vezes mais durante a noite, eles viram aquele brilho, porém de cada vez o navio passou longe deles. Muitas horas mais tarde, quando a luz da madrugada se anunciou, eles procuraram com ansiedade pelo Resolução, porém a embarcação não estava em lugar algum à vista. Deviam tê-los dado como afogados, retomando o galeão seu curso original. Entorpecidos de frio e fadiga, eles se penduravam no precário suporte.

— Lá está a terra — murmurou Sam, quando uma vaga os ergueu mais ao alto e eles puderam divisar o litoral sombrio da África. — Está tão perto que você poderia nadar até lá com facilidade.

John Tate não deu resposta, mas encarou num silêncio hostil através dos olhos vermelhos e inchados.

— É sua melhor chance. Um camarada forte e jovem como você.

Não se preocupe comigo. — A voz de Sam estava rouca do sal.

— Não vai se livrar assim tão fácil de mim, Sam Bowles — resmungou John entre dentes.

Sam caiu em silêncio outra vez, preservando as forças, pois o frio o solapara até quase o limite. O sol subiu mais alto e ambos o sentiram nas cabeças, primeiro como um calor suave e depois como as chamas de uma fornalha aberta que lhes cozinhava a pele e os aturdia e cegava com seu reflexo no mar em torno.

O sol subira, porém a terra não ficara mais próxima: a corrente os empurrava inexoravelmente em paralelo às pontas rochosas e às praias brancas. Sam percebeu vagamente um retalho da sombra de nuvens que passou perto deles, a se mover escura sob a superfície da água. Então a sombra virou e voltou, a se mover contra o vento, e Sam agitou-se e ergueu a cabeça. Não havia nenhuma nuvem no doloroso azul do Armamento capaz de lançar tal sombra. Sam olhou para baixo outra vez e concentrou toda a atenção naquela presença sombria no mar. Uma vaga ergueu a barrica tão alto que ele pôde enxergar abaixo.

— Doce Jesus! — gaguejou, pelos lábios rachados de sal. A água estava tão clara como uma garrafa de gim, e ele via uma grande forma malhada se mover ao fundo, as listras zebradas sobre as costas. Soltou um berro.

John Tate ergueu a cabeça.

— O que foi? O sol te pegou, Sam Bowles. — Fitou os olhos arregalados de Sam e depois virou a cabeça lentamente para seguir-lhe o olhar. Ambos viram o maciço rabo em forçado a girar vigorosamente de lado a lado, a empurrar o longo corpo para a frente. Subia para a superfície, e a ponta da alta barbatana dorsal corria pela água apenas com a largura do dedo de um homem, o resto ainda oculto na profundidade abaixo.

— Tubarão! — sibilou John Tate. — Tigre! — Começou a dar chutes frenéticos, tentando virar o barril para interpor Sam entre si e a criatura.

— Fique imóvel — esbravejou Sam. — Ele é como um gato. Se se mexer, ele vem para cima de você.

Podiam ver os olhos do bicho, pequenos para tanta circunferência e comprimento de corpo. Estavam

implacavelmente fixos neles, ao iniciar o próximo círculo. O tubarão fez uma volta e rodeou de novo, cada círculo a se estreitar, com a barrica no centro.

— O bastardo está nos caçando como uma fuinha a uma perdiz.

— Cale essa boca. Não se mova — murmurou Sam, embora sem poder mais controlar seu terror. Seu esfíncter soltou-se, e ele sentiu o fétido calor escorrer sob seus calções quando seus intestinos se esvaziaram involuntariamente.

Imediatamente os movimentos da criatura se tornaram mais excitados, e seu rabo batia num ritmo mais rápido para provar os excrementos. A barbatana dorsal ergueu-se à sua plena altura acima da superfície, tão longa e curvada como a lâmina de uma foice de ceifar.

O rabo do tubarão bateu na superfície branca e espumosa, a impulsioná-lo para a frente, até que seu focinho chegou ao lado da barrica. Sam viu, aterrorizado, a miraculosa transformação daquela cabeça escorregadia. O lábio superior abaulou-se e projetou-se para fora conforme as largas mandíbulas se abriam. As fileiras de dentes foram lançadas para a frente, abertas em leque, e se chocaram contra o lado da barrica de madeira.

Ambos os homens entraram em pânico e se agarraram desesperadamente à barrica danificada, tentando erguer a parte inferior do corpo para fora da água. Gritavam agora incoerentemente, a cravar as unhas às cegas nas aduelas e um no outro.

O tubarão recuou e iniciou outro daqueles terríveis círculos. Abaixo do olho fixo, a boca era um sorridente crescente. As pernas agitadas dos homens que se debatiam lhe dava um novo foco agora, e ele investiu de novo, suas costas largas a abrir as águas.

O grito estridente de John Tate morreu abruptamente, mas sua boca ainda estava escancarada, de modo que Sam olhou para baixo de sua garganta rosada. Nenhum som vinha dela, apenas um suave sibilar de respiração expelida. Então, John foi puxado para baixo da superfície. Seu punho esquerdo ainda estava enfiado no laço da corda, e, conforme foi puxado para baixo, a barrica bamboleou e imergiu feito cortiça.

— Solte! — berrou Sam enquanto era levado num giro, a corda a se enterrar em seu próprio punho. De súbito, a barrica subiu à superfície, o pulso de John Tate ainda torcido no laço. Uma nuvem de um rosado escudo espalhou-se pela superfície ao redor.

Então a cabeça de John saltou para fora. Ouviu-se um som estridente de um grasnido, e seu cuspe sanguinolento espirrou nos olhos de Sam. O tubarão veio de volta e, por baixo da superfície, agarrou a parte inferior do corpo de John, a sacudi-lo e dilacerá-lo de tal maneira, que a barrica danificada foi novamente empurrada para baixo. Ao saltar mais uma vez para a superfície, Sam respirou fundo e puxou o pulso de John.

— Saia! — gritou, tanto para o homem como para o tubarão. — Fique longe de mim! — Com a força de um louco, soltou o laço e chutou o peito do outro homem, livrando-se dele, enquanto gritava o tempo todo: — Dê o fora!

John Tate não resistiu. Seus olhos ainda estavam arregalados, e embora Os lábios se mexessem, nenhum som vinha deles. Sob a superfície, seu corpo fora arrancado abaixo da cintura, e o sangue manchava as águas de um vermelho tinto. O tubarão o abocanhou mais uma vez e depois nadou para longe, a engolir bocados da sua carne.

A barrica danificada estava tomada de água e agora flutuava baixo, porém isso lhe dava uma estabilidade que lhe faltava quando girava leve no alto. Na terceira tentativa, Sam arrastou-se para cima dela. Enroscou braços e pernas, a cavalgá-la. O equilíbrio da barrica era precário, e ele não se atreveu a erguer nem mesmo a cabeça, com medo de emborcar e ser rolado de volta no mar. Depois de um tempo, viu a grande barbatana dorsal passar diante de seus olhos, como se a criatura voltasse mais uma vez à

barrica. Não ousou erguer a cabeça para seguir os círculos que se estreitavam, e então fechou os olhos para tentar calar a mente da presença do bicho.

De repente, a barrica deu guinadas sob ele, e sua resolução foi esquecida. Seus olhos se arregalaram e ele soltou um guincho estridente. Porém, depois de morder a madeira, o tubarão se afastava. Duas vezes mais retornou, a cada vez cutucando a barrica com o focinho grotesco. Contudo, cada tentativa era menos determinada, talvez porque houvesse saciado o apetite na carcaça de John Tate e estivesse agora desencorajado pelo gosto e pelo cheiro das lascas de madeira. Por fim, Sam o viu fazer a volta e se afastar, a barbatana alta a oscilar de lado a lado conforme ele nadava, corrente acima.

Sam jazia imobilizado, agarrado à barrica, cavalgando o ventre salgado do oceano, a subir e cair em seus empuxos como um amante exausto. A noite se fechou e, agora, ele não conseguiria se mexer mesmo que quisesse. Caiu em delírio e acessos de esquecimento.

Sonhou que era manhã novamente, que sobrevivera à noite. Sonhou que ouvia vozes humanas por perto. Sonhou que, quando abrisse os olhos, vira um grande navio, a se aproximar de lado. Sabia que era fantasia, pois, no espaço de doze meses, não mais que duas dezenas de navios rodearam aquele cabo remoto no fim do mundo. No entanto, enquanto observava, um bote fora baixado do lado do navio e rumava para ele. Apenas quando sentiu mãos rudes a lhe segurarem as pernas, deu-se conta, aparvalhado, de que aquilo não era nenhum sonho.

O Resolução tomou o rumo de terra com apenas um conjunto de velas e a tripulação a postos para a ordem de derriçá-las e enrolá-las nos mastros. Os olhos de Sir Francis desviaram-se do velame para a terra à frente. Ouviu com atenção o canto do líder conforme ele girava a linha e deixava o peso cair adiante da proa. Assim que o navio passou por ela, e a linha esticou-se de cima abaixo, ouviu o sonoro;

— Profundidade vinte!

— Ápice da maré em uma hora. — Hal ergueu os olhos da lousa. — E lua cheia em três dias. Vai subir mais.

— Obrigado, piloto — disse Sir Francis, com um toque de sarcasmo. Hal estava apenas cumprindo seu dever, mas o garoto não era o único a bordo que se debruçava por horas sobre o almanaque e as tabelas. Então Sir Francis enterneceu-se. — Suba ao topo do mastro, rapaz. Mantenha os olhos bem abertos.

Ficou a observá-lo subir pelas enxárcias e depois relanceou os olhos para o leme e disse, baixinho:

— Um ponto a bombordo, mestre Ned.

— Um ponto a bombordo, capitão. — Com os dentes, Ned moveu o cano de seu cachimbo vazio de um canto da boca para o outro. Ele também vira o branco ondular dos recifes à entrada do canal.

A terra estava tão perto agora, que eles podiam avistar os galhos das árvores que cresciam altaneiras na ponta rochosa que guardava a entrada.

— Firme no curso — disse Sir Francis, à medida que o Resolução avançava por entre aqueles imponentes rochedos. Ele nunca vira aquela entrada marcada em nenhuma carta que apreendera ou comprara. Aquela costa era descrita sempre como proibida e perigosa, com poucas ancoragens seguras por umas mil milhas ao norte, da baía da Mesa até Boa Esperança. Contudo, conforme o Resolução se lançava mais ao fundo do verde canal de água, uma ampla e adorável lagoa se abria adiante dele, rodeada de todos os lados por colinas elevadas, densamente cobertas de florestas.

— Lagoa do Elefante! — Hal exultou, no topo do mastro. Fazia dois meses desde a última vez que tinham zarpado daquele porto secreto. Como se para justificar o nome que Sir Francis dera àquela enseada, ouviu-se um trombetear da praia, abaixo da floresta.

Hal riu de prazer ao divisar na praia quatro imensas silhuetas acinzentadas. Estavam ombro a ombro numa sólida fila, a encarar o navio, as orelhas abertas em leque. Suas trombas se erguiam retas ao alto,

as narinas na ponta a investigar o ar à procura do cheiro daquela estranha aparição que viam se aproximar na sua direção. O elefante macho levantou suas presas amarelas e sacudiu a cabeça até as orelhas baterem como as lonas rasgadas de uma vela mestra desdobrada. Trombeteou de novo.

Na proa do navio, Aboli devolveu a saudação, erguendo a mão sobre a cabeça e berrando no idioma que só Hal poderia entender.

— Eu o vi, velho sábio. Vá em paz, pois sou de seu totem e não pretendo lhe fazer mal.

Ao som de sua voz, os elefantes recuaram da beira d'água e depois se voltaram como um só e rumaram de volta à floresta numa corrida arrastada. Hal riu de novo, das palavras de Aboli e ao observar os grandes animais se afastarem, atropelando e sacudindo a floresta com seu porte maciço.

Então, concentrou-se mais uma vez em divisar os bancos de areia e baixios, e em gritar as direções ao pai, no tombadilho superior. O Resolução seguiu o sinuoso canal pela extensão da lagoa até chegar a um largo poço esverdeado. A última sobra de suas velas foi derreada e enrolada nas vergas, e a âncora lançada para a profundidade. A nau rodou gentilmente e deu um esticão ao cabo de âncora.

Jazia apenas a quarenta e cinco metros da praia, escondida atrás de uma pequena ilha na lagoa, de maneira que estava oculta do escrutínio casual de um navio em trânsito que tentasse divisá-la pela entrada entre as pontas. Dificilmente poderiam deixá-la antes que Sir Francis gritasse suas ordens:

— Carpinteiro! Monte e lance as pinaças.

Antes do meio-dia, a primeira ordem era baixada do convés para a água, e dez homens desceram para ela com seus pertences num saco sujo. Daniel Grande assumiu o encargo dos remadores, que os levaram pela lagoa e os colocaram em terra ao pé das pontas rochosas. Através da luneta, Sir Francis observou-os subir a trilha íngreme dos elefantes até o topo. Dali poderiam manter vigia e avisá-lo da aproximação de qualquer vela estranha.

— Amanhã moveremos as colubrinhas para a entrada e as assentaremos em embasamento de pedra para cobrir o canal — disse ele a Hal. — Agora, celebraremos nossa chegada com peixe fresco para o nosso jantar. Tire os anzóis e as linhas. Leve Aboli e quatro homens com você na outra pinaça. Desenterre alguns caranguejos da praia e me traga de volta uma carga de peixe para o rancho do navio.

De pé na proa enquanto a pinaça era remada para dentro do canal, Hal espiou a água. Era tão clara que ele podia ver o fundo arenoso. A lagoa abundava de peixes, e cardume após cardume se afastava veloz ante o bote. Muitos eram tão compridos como um braço, alguns tão longos como a extensão de dois braços abertos.

Quando ancoraram na parte mais profunda do canal, Hal deixou cair uma linha de mão pelo lado do barco, os anzóis recheados de siris que ele tirara de seus buracos na praia arenosa. Antes que tocasse o fundo, a isca foi puxada com tanta força, que, assim que ele tentou segurá-la, a linha abrasou-lhe os dedos. Inclinando-se para trás, contra a linha, ele a trouxe, mão após mão, e puxou um corpo lustroso do mais puro prateado a se debater por sobre a borda.

Enquanto o bicho ainda espanejava sobre o convés e Hal lutava para arrancar o anzol de seu lábio elástico, Aboli gritou de excitação e puxou a própria linha. E antes que pudesse suspender seu peixe por sobre a borda, todos os outros marinheiros estavam rindo e forcejando para puxar a pesca pesada para bordo.

Em questão de uma hora, o convés estava repleto de peixes mortos e toda a tripulação lambuzada até as sobancelhas de escamas e muco viscoso. Mesmo as mãos mais rijas e calosas das cordas sangravam, queimadas pelas linhas e com os cortes das barbatanas agudas. Não era mais uma diversão, porém trabalho duro, manter a cascata invertida de prata viva a escorrer pelos lados da embarcação.

Pouco antes do pôr-do-sol, Hal ordenou uma pausa, e eles remaram de volta em direção ao galeão ancorado. Estavam ainda a noventa metros dele, quando, num impulso, Hal levantou-se na popa e

arrancou suas roupas cobertas de muco. Nu como nascera, equilibrou-se no banco do remador e gritou para Aboli:

— Siga em frente e descarregue a carga. Vou a nado daqui.

Não se banhava fazia quase dois meses, desde a última vez que tinham ancorado na lagoa, e ansiava pela sensação da água clara e fria sobre a pele. Concentrou energias e mergulhou. Os homens na amurada do galeão gritaram palavras de encorajamento, e até mesmo Sir Francis parou e ficou a observá-lo com indulgência.

— Deixe-o estar, capitão. É ainda um garoto despreocupado — disse Ned Tyier. — E que é tão grande e alto que algumas vezes nos esquecemos disso. — Ned estava com Sir Francis por tantos anos, que poderia ser desculpado por tal familiaridade.

— Não há lugar para um rapaz irrefletido na guerra de course. Isso é trabalho de homem e necessita de uma cabeça firme mesmo no mais jovem dos ombros, ou haverá um nariz holandês para aquela cabeça insensata. — Porém, não fez esforço para reprimir Hal, ao observar aquele corpo nu e branco a deslizar pela água, flexível e ágil como o de um golfinho.

Atinka ouviu a comoção no tombadilho acima, e ergueu os olhos do livro que lia. Era um exemplar de Gargantua e Pantagruel, de François Rabelais, que fora impresso particularmente em Paris, com ilustrações eróticas belamente detalhadas, coloridas a mão e naturais. Um jovem que conhecera em Amsterdã antes de seu casamento apressado o enviara a ela. Por experiência íntima e chegada, ele lhe conhecia bem os gostos. Ela relanceou os olhos preguiçosamente pela janela e seu interesse se acendeu. Deixou cair o livro e inclinou-se para ver melhor.

— Lieveling, seu marido — advertiu-a Zelda.

— Para o diabo com meu marido — exclamou Katinka, ao rumar para a galeria de popa e proteger os olhos contra os raios oblíquos do sol poente.

O jovem inglês que a capturara estava de pé na popa de um pequeno bote, não muito distante, nas águas da tranqüila lagoa. Enquanto ela observava, ele arrancou a roupa suja e rasgada, até que estava nu e sem qualquer vergonha, a se equilibrar com graça no banco do remador.

Quando jovem, ela acompanhara o pai à Itália. Lá, subornara Zelda para que a levasse a ver a coleção de esculturas de Michelangelo, enquanto seu pai se reunia com os sócios mercadores italianos. Passara quase uma hora naquela tarde abafada parada diante da estátua de Davi.

Sua beleza despertara nela um turbilhão de emoções. Era a primeira representação de nudez masculina que vira, e tinha mudado sua vida.

Agora, olhava para outra escultura de Davi, mas essa não era em mármore frio. Claro, desde o primeiro encontro na cabine, ela vira o rapaz muitas vezes. Ele espreitava seus passos como um bichinho de estimação muito afeiçoado. Sempre que ela deixava a cabine, ele aparecia como por milagre, a olhá-la como no mundo da lua, à distância. Aquela adoração transparente provocava nela nada mais que um ligeiro divertimento, pois não estava acostumada a menos de cada homem entre as idades de quatorze e dezoito anos. Mal dispensava mais que um olhar para aquele rapaz bonito vestido de trapos largos e sujos. Depois do primeiro e violento encontro, o cheiro dele se impregnara em sua cabine, tão fortemente que ela mandara Zelda espargir perfume para dissipá-lo. Então, porém, ela descobrira por amarga experiência que todos os marinheiros fediam, pois não havia água no navio a não ser para beber, e em pouca quantidade.

Agora que o rapaz se livrara daquela roupa malcheirosa, tornara-se uma coisa de surpreendente beleza. Embora seus braços e a face fossem bronzeados pelo sol, seu torso e as pernas eram talhados num puro branco sem manchas. O sol baixo ressaltava as curvas e os ângulos de seu corpo, e os cabelos escuros escorriam-lhe pelas costas. Seus dentes eram muito brancos na face queimada, e sua risada tão



musical e cheia de uma tal satisfação, que lhe trouxe um sorriso aos lábios.

Então olhou para baixo, e sua boca abriu-se de espanto. Os olhos violeta se estreitaram e se tornaram calculistas. As linhas doces de sua face assumiram um ar de frustração. Ele não era mais um rapazinho. A barriga era lisa, estriada por uma musculatura fina e jovem como as areias de uma duna esculpida pelo vento. Na base, florescia um arbusto escuro de pêlos crespos, e os genitais rosados penduravam-se cheios e pesados, com uma autoridade que faltava àquele Davi de Michelangelo.

Quando mergulhou na lagoa, ela pôde seguir cada movimento dele sob a água clara. Ele veio à superfície e, rindo, sacudiu o cabelo ensopado da face com um meneio da cabeça. As gotas em voo luziram como o sagrado aro de luz em torno da cabeça de um anjo.

Ele avançou na direção de onde ela se postava, no alto da popa, a deslizar pela água com uma graça peculiar que Katinka não notara que ele possuía, quando vestido nos trapos de lona. Passou quase que diretamente abaixo de onde ela estava, alheio a seu escrutínio. Ela podia divisar os nós da coluna flanqueados por estrias de musculatura dura que corria para baixo, a se mesclar com a profunda depressão entre as nádegas firmes e redondas, que se apertavam eroticamente a cada golpe das pernas, como se fizesse amor com a água ao passar.

Katinka se debruçou no gradil para segui-lo com os olhos, porém ele nadou para longe de sua vista, contornando a popa. Ela franziu os lábios de frustração e foi pegar o livro. Mas as ilustrações nele tinham perdido seu encanto, pálidas contra o contraste da carne verdadeira e da lustrosa pele jovem.

Ela se sentou com o livro aberto no colo e imaginou aquele corpo duro todo branco e reluzente sobre ela, as nádegas firmes se apertarem e mudarem de forma conforme ela enterrava as unhas agudas na carne rija. Sabia por instinto que ele era virgem — podia quase lhe sentir o cheiro de castidade, doce como o mel, e sentiu-se a sorvê-lo como uma vespa a uma fruta madura. Seria sua primeira vez com um inocente sexual.

O pensamento acrescentou uma pitada de pimenta à beleza natural do rapaz.

Seus devaneios eróticos eram agravados pelo longo período de forçada abstinência, e ela recostou-se e comprimiu as coxas juntas, com força, começando um balanço gentil para trás e para a frente na cadeira, a sorrir secretamente para si mesma.

Hal passou as próximas três noites acampado na praia, abaixo do pontal de areia. Seu pai o colocara como responsável por levar os canhões para a praia e por construir os embasamentos de pedra para abrigá-los, dominando a estreita entrada da lagoa.

Sir Francis, naturalmente, remara até lá para aprovar os locais que o filho escolhera, porém nem mesmo ele pôde encontrar falha para a visão de Hal de um campo de fogo que poderia arrasar um navio inimigo que procurasse passar pelas pontas de areia.

No quarto dia, quando o trabalho estava terminado e Hal remava de volta pela lagoa, viu de longe que o trabalho de reparos no galeão estava a pleno vapor. O carpinteiro e seus companheiros tinham construído plataformas sobre a popa, a partir das quais ajustavam novas tábuas para substituir aquelas danificadas pelo tiroteio, para grande desconforto dos hóspedes a bordo. A deselegante guindola, erguida pelo capitão holandês para tomar o lugar do mastro principal destruído pelo vendaval, fora posto abaixo, e as linhas do galeão mostravam-se desajeitadas e pouco harmoniosas com um mastro em falta.

Contudo, quando Hal subiu para o convés pelo enfrechate, viu que Ned Tyler e sua turma içavam os toros maciços de madeira exótica que constituíam a parte mais pesada da carga do navio e as baixavam para a lagoa, para flutuarem até a praia.

O mastro de reserva estava armazenado no fundo do porão, onde o compartimento selado continha os baús de moeda e de lingotes. A carga tivera de ser removida para se chegar lá.

— Seu pai está procurando por você — disse Aboli a Hal, e Hal apressou-se a atender.

— Você perdeu três dias de seus estudos enquanto estava em terra — disselhe Sir Francis, sem preâmbulos.

— Sim, papai. — Hal sabia que era inútil argumentar que não se evadira dos deveres deliberadamente. Porém, pelo menos não me desculparei por isso, resolveu, em silêncio, e encarou o olhar do pai sem pestanejar.

— Depois de seu jantar desta noite, tomarei de você o catecismo da ordem. Venha até minha cabine aos sinos das oito, no segundo turno de vigia.

O catecismo de iniciação para a Ordem de São Jorge e do Santo Graal jamais fora escrito, e, por aproximadamente quatro séculos, as duzentas questões e respostas esotéricas eram passadas boca a boca; o mestre a instruir o noviço na Estrita Observância.

Sentado ao lado de Aboli no convés de proa, Hal devorou biscoitos quentes fritos em gordura e peixe fresco assado. Agora, com um ilimitado suprimento de lenha e comida fresca à mão, as refeições do navio eram substanciais. Hal estava silencioso enquanto comia. Em sua mente repassava o catecismo, pois seu pai seria rígido no julgamento. Tão logo o sino do navio bateu e conforme a última nota se desvanecia, Hal bateu à porta da cabine do pai.

Enquanto o pai se sentava à escrivaninha, Hal se ajoelhou nas pranchas nuas do convés. Sir Francis usava o manto de seu posto sobre os ombros, e em seu peito reluzia o magnífico selo de ouro, a insígnia de um Cavaleiro Nautonnier que passara por todos os graus da ordem. Representava o leão de patas dianteiras levantadas da Inglaterra segurando em suspenso a croix pattée e, acima dele, as estrelas e a lua crescente da deusa-mãe. Os olhos do leão eram de rubis, e as estrelas, de diamantes. No segundo dedo de sua mão direita, Sir Francis usava um estreito anel de ouro, gravado com uma bússola e um sextante, os instrumentos de um navegador, e, acima deles, um leão coroadado. O anel era pequeno e discreto, não tão ostentoso como o selo.

Seu pai conduziu o catecismo em latim. O uso desse idioma assegurava que somente homens educados e letrados eram capazes de se tornar membros da ordem.

— Que é você? — Sir Francis fez a primeira pergunta.

— Henry Courtney, filho de Francis e Edwina.

— Qual é seu objetivo aqui?

— Venho me apresentar como acólito da Ordem de São Jorge e do Santo Graal.

— De onde vem?

— Do mar oceânico, pois esse é meu início e ao meu final será minha mortalha. — Com esta resposta, Hal reconhecia as rotas marítimas da ordem. As próximas cinquenta questões tratavam de compreensão pelo noviço da história da ordem.

— Quem veio antes de você?

— Os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. — Os Cavaleiros do Templo da Ordem de São Jorge e do Santo Graal eram os ucessores para a extinta Ordem dos Cavaleiros Templários.

Depois disso, Sir Francis fez Hal descrever em linhas gerais a história da Ordem; no ano de 1312, os Cavaleiros Templários haviam sido atacados e destruídos pelo rei de França, Filipe, o Belo, em conivência com seu fantoche, o papa Clemente V, de Bordeaux. A vasta fortuna em ouro e prata em lingotes e as terras foram confiscadas pela coroa, e a maioria deles fora torturada e queimada na estaca. Entretanto, avisados por seus aliados, os marinheiros templários esgueiraram-se de suas amarrações idos portos do canal francês e se fizeram ao mar. Rumaram para a Inglaterra e procuraram a proteção do rei Eduardo II. Desde então, tinham aberto suas lojas na Escócia e Inglaterra sob novos nomes, porém com os dogmas lásicos da ordem intactos.

A seguir, Sir Francis fez o filho repetir as palavras arcanas de reconhecimento, e o aperto de mãos

que identificava os cavaleiros uns para os outros.

— In Arcadia habito. Moro na Arcádia — entoou Sir Francis, e debruçou— e sobre Hal para tomar sua mão direita no aperto duplo. — *Flumen sacrum bene cognosco!* Conheço bem o rio sagrado! — etrucou Hal com reverência, entrelaçando o dedo indicador com o do pai, em resposta.

— Explique o significado dessas palavras — insistiu seu pai.

— É nosso pacto com Deus e cada um dos outros. O templo é Arcádia, e nós somos o rio.

O sino do navio tocou duas vezes à passagem das horas, antes que as duzentas questões fossem perguntadas e respondidas, e Hal tivesse permissão de se levantar dos joelhos.

Quando chegou à pequena cabine, Hal estava cansado demais até mesmo para acender a candeia e afundou todo vestido em seu catre para jazer ali num estupor de exaustão mental. As perguntas e respostas do catecismo ecoavam, num refrão sem fim, por seu cérebro fatigado, até que significado e realidade pareceram se retirar.

Foi então que ouviu leves sons de movimento vindos de além do anteparo, e, miraculosamente, seu cansaço se desvaneceu. Sentou-se, os sentidos voltados para a outra cabine. Não iria acender o candeeiro, pois o som da pederneira no aço iria atravessar o painel. Rolou para fora do catre e, no escuro, moveu-se silencioso nos pés descalços até o anteparo.

Ajoelhou-se e correu os dedos levemente pela junta entre as placas até encontrar o pino que lá pusera. Removeu-o em silêncio e colocou o olho no orifício.

Seu pai permitia que, todo dia, Katinka van de Velde e a criada, com Aboli para guardá-las, fossem para terra e caminhassem pela praia por uma hora. Naquela tarde, enquanto as mulheres estavam longe do navio, Hal aproveitara a ocasião para se esgueirar até sua cabine. Usara a ponta do punhal para alargar o buraco no anteparo. Depois, enfiara um pino de madeira para fechar e esconder a abertura.

Agora, estava cheio de culpa, porém não conseguia se controlar. Colocou o olho no buraco alargado. Sua visão para a pequena cabine além estava desimpedida. Um alto espelho veneziano estava afixado ao anteparo do lado oposto a ele, e, em seu reflexo, podia ver claramente as outras áreas da cabine que, não fora o espelho, estariam escondidas de sua vista. Era evidente que aquela cabine menor era um anexo da maior e mais esplêndida cabine principal. Parecia servir como quarto de vestir e um lugar de retiro onde a esposa do governador poderia tomar seu banho e proceder à toalete íntima e particular. A banheira estava assentada no centro do convés, uma tina pesada de cerâmica em estilo oriental, os lados decorados com cenas de paisagens montanhosas e florestas de bambu.

Katinka estava sentada num banco baixo do outro lado da cabine, e sua criada lhe penteava os cabelos com uma das escovas com cabo de prata. A cabeleira lhe caía até a cintura, e cada escovada a fazia luzir à luz da lamparina. Usava um vestido de brocado, duro, com bordados em ouro, mas Hal maravilhou-se por seus cabelos serem mais brilhantes que os fios do precioso metal.

Olhou para ela, em transe, tentando memorizar cada gesto daquelas mãos brancas e cada movimento delicado da adorável cabeça. O som da voz e a risada suave de Katinka eram um bálsamo para seu corpo e mente exaustos. A criada terminou a tarefa e afastou-se. Katinka levantou-se do banco, e o ânimo de Hal se anuviou, pois ele supôs que ela fosse pegar a lamparina e sair da cabine. Em vez disso, porém, ela veio em sua direção. Embora ela passasse fora da linha direta de sua visão, ele podia ver o seu reflexo no espelho. Havia apenas a espessura do painel entre os dois agora, e Hal teve receio de que ela pudesse notar sua respiração ofegante.

Pregou o olho no reflexo quando ela se inclinou e ergueu a tampa do gabinete de higiene que estava preso ao lado oposto do anteparo ao qual Hal se comprimia. De súbito, antes que ele se desse conta do que Katinka pretendia, ela ergueu as saias acima da cintura e, no mesmo movimento, empoleirou-se como um pássaro no assento do gabinete.

Continuou a rir e conversar com a criada enquanto a urina escorria para dentro do urinol, embaixo. Quando se levantou outra vez, Hal teve mais um relance das longas pernas antes que as saias caíssem sobre elas e Katinka se retirasse graciosamente da cabine.

Hal jogou-se no catre duro, as mãos enlaçadas no peito, e tentou dormir. Porém, as imagens da beleza de Katinka o atormentavam. Seu corpo queimava, e ele rolou, sem cessar, de um lado para o outro.

— Serei forte! — murmurou alto, e fechou os punhos até os nós dos dedos estalarem. Tentou arrancar a visão da mente, mas ela zunia em seu cérebro tal como um enxame de abelhas zangadas. Mais uma vez ouviu, em sua imaginação, a risada de Katinka a misturar-se com o tinido alegre que sua urina produzira no urinol, e não pôde resistir mais. Com um gemido de culpa, capitulou, e levou as duas mãos ao membro inchado e pulsante.

Assim que a carga de madeira foi erguida para fora do porão principal, o mastro de reserva pôde ser içado para o tombadilho. Era um trabalho que requeria a metade da guarnição do navio.

O vergalhão maciço era quase tão comprido como o galeão e teve de ser cuidadosamente manobrado de seu lugar de descanso no ventre do porão. Foi derriçado na água e deixado a flutuar pelo canal e depois arrastado para a praia. Lá, numa clareira sob a larga abóbada da floresta, os carpinteiros assentaram os cavaletes e começaram a desbastá-lo e modelá-lo, para que pudesse ser fincado no casco a fim de substituir o mastro destruído pelo vendaval.

Somente quando o porão ficou vazio, Sir Francis pôde chamar toda a tripulação para testemunhar a abertura do compartimento do tesouro que as autoridades holandesas tinham deliberadamente coberto com a carga mais pesada. Era prática comum da VOC proteger seus bens mais valiosos dessa maneira. Várias centenas de toneladas de estorvos empilhadas sobre a entrada do quarto forte impediriam mesmo os mais determinados ladrões de mexer em seu conteúdo.

Enquanto a tripulação se amontoava na abertura da escotilha, Sir Francis e os contramestres desceram, cada um carregando uma lanterna acesa, e se ajoelharam no fundo do porão para examinar os lacres que o governador holandês de Trincomalee colocara na entrada.

— Os lacres estão intactos! — gritou Sir Francis, para tranquilizar os espectadores, e eles soltaram um berro estridente.

— Quebre as dobradiças — ordenou a Daniel Grande, e o contramestre investiu contra a porta com vontade.

A madeira se espatifava e os parafusos de bronze gemiam conforme eram arrancados de seus assentos. O interior do quarto forte era apainelado com folhas de cobre, porém a barra de ferro de Daniel Grande penetrou pelo metal, e um zumbido de prazer brotou dos espectadores quando o conteúdo do compartimento foi revelado.

As moedas estavam acondicionadas em grossos sacos de lona, dos quais havia quinze. Daniel arrastou-os para fora e empilhou-os numa rede de carga que seria içada para o tombadilho. A seguir, os lingotes de ouro foram erguidos. Estavam colocados, dez de cada vez, em baús de madeira crua nas quais o número e o peso das barras haviam sido marcados com ferro quente.

Ao sair do porão, Sir Francis ordenou que tudo, a não ser dois sacos de moedas, fosse carregado para baixo, para sua cabine.

— Dividiremos apenas esses dois sacos de moedas agora — disselhes Sir Francis. — O resto de sua parte vocês receberão quando chegarmos em casa, na velha e querida Inglaterra. — Debruçou-se sobre os dois sacos restantes de moedas com uma adaga na mão e cortou a costura. Os homens uivaram como uma matilha de lobos quando um rio de moedas de prata de dez florins escorreu pelo convés.

— Não é preciso contá-las. Os cabeças-de-queijo fizeram esse trabalho por nós. — Sir Francis apontou para os números gravados nos sacos. — Cada homem dará um passo à frente quando seu nome

for chamado — disse-lhes.

Com risadas excitadas e comentários irreverentes, os homens formaram filas. Conforme cada um era chamado, saltava adiante com o gorro estendido, e sua parte de florins de prata lhe era entregue.

Hal foi o único homem a bordo que não recebeu parte alguma do butim. Embora tivesse direito a uma cota de aspirante, uma centésima parte da porção da tripulação, quase duzentos florins, seu pai tomaria conta disso para ele.

— Não há tolo como um menino com prata ou ouro no bolso — explicara ele, com sensatez, a Hal. — Um dia, me agradecerá por guardar isso para você. — Então, voltou-se com fúria fingida para a tripulação. — Só porque são ricos agora, isso não quer dizer que eu não tenha trabalho para vocês — esbravejou. — O resto da carga pesada precisa ser transportado para terra antes que possamos levar a nau para a praia e virá-la de querena para limpar seu casco imundo e colocar o novo mastro e as colubrinhas dentro dela. É trabalho suficiente para mantê-los ocupados por um mês ou dois.

Nenhum homem tinha permissão de ficar ocioso por muito tempo em qualquer navio de Sir Francis. Tédio era o inimigo mais perigoso que poderiam alguma vez encontrar. Enquanto um dos grupos prosseguia com o trabalho de descarga, ele mantinha os fora de turno ocupados. Nunca podiam esquecer que aquele era um navio de batalha e que deveriam estar prontos a qualquer momento para enfrentar um inimigo desesperado.

Com as escotilhas abertas e as enormes barricadas de especiarias a serem içadas para fora, não havia espaço no tombadilho para exercício de armas, de maneira que Daniel Grande levou os homens fora de turno para a praia. Ombro a ombro, formavam filas e praticavam conforme o manual de armas. Brandir o alfanje — dar uma cutilada para a esquerda, investir e recuar, uma cutilada à direita, investir e recuar — até que o suor escorria deles e todos arquejavam por fôlego.

— Basta com isso! — disselhes Daniel Grande por fim, porém eles não estavam liberados ainda.

— Um assalto ou dois de luta agora, só para aquecer o sangue — gritou ele, e caminhou entre eles, emparelhando homem a homem, escolhendo um par pelo tamanho do cangote e os empurrando um contra o outro, como se fossem galos de briga na rinha.

Logo, a praia estava coberta por pares de homens em luta, aos gritos, nus até a cintura, a erguer e arrancar um ao outro dos pés e a rolar na areia branca.

Parada entre a primeira fileira de árvores da floresta, Katinka e sua criada observavam com interesse. Aboli postava-se poucos passos atrás delas, encostado ao tronco de uma das gigantes árvores de madeira amarela da floresta.

Hal era parceiro de um marujo mais velho que ele, de uns vinte anos. Eram da mesma altura, porém o outro era mais pesado que uma rocha. Ambos se engalinharam num aperto de pescoço e ombro conforme dançavam num círculo, tentando forçar um desequilíbrio ou dar um gancho de tornozelo para lançar o oponente no chão.

— Use o quadril. Jogue-o sobre o seu quadril! — murmurou Katinka, enquanto observava Hal. Estava tão absorta no espetáculo, que, inconscientemente cerrou os punhos e batia com eles nas próprias coxas, de excitação, conforme incitava Hal, suas faces mais rosadas que o pote de ruge ou o calor poderiam fazê-lo.

Katinka adorava ver homens ou animais atacadados um ao outro. A cada oportunidade, seu marido tinha de acompanhá-la às touradas e brigas de galo ou às competições de caça ao rato com cães terriers.

— Sempre que o vinho tinto é derramado, minha adorável queridinha está feliz. — Van de Velde se sentia orgulhoso do pendor incomum da esposa por esportes sanguínários. Ela nunca perdia um torneio de épée, e sempre apreciara a prática inglesa de boxe com os punhos nus. Contudo, luta corpo a corpo era uma de suas diversões favoritas, e Katinka conhecia todos os golpes e quedas.

Agora, estava encantada com os movimentos graciosos do rapaz e impressionada com sua técnica. Podia afirmar que ele fora bem instruído, pois, embora o oponente fosse mais pesado, era mais rápido e mais forte. Usava o peso do oponente contra o próprio, e o homem mais velho tinha de grunhir e bater os pés para se recobrar dos golpes conforme Hal o forçava ao limite do equilíbrio. Na próxima investida, Hal não ofereceu qualquer resistência, mas cedeu ao impulso do oponente, caindo de costas e ainda mantendo o aperto. Ao atingir o chão, interrompeu a própria queda com um arco das costas, ao mesmo tempo lançando os calcanhares na barriga do adversário para se catapultar sobre a cabeça. Enquanto o mais velho jazia atordoado, Hal rodeou para montar em suas costas e enterrar-lhe a face no chão. Agarrou o rabo-de-cavalo do homem e forçou-lhe o rosto contra a areia branca e fina, até que ele bateu no chão com ambas as mãos, em sinal de rendição.

Hal soltou-o e saltou de pé com a agilidade de um gato. O marujo ergueu-se de joelhos, ofegante e cuspiendo areia. Depois, inesperadamente, arrojou-se sobre Hal logo quando este começava a se afastar. Pelo canto do olho, Hal percebeu o giro do punho fechado na direção de sua cabeça e desviou-se do golpe, porém não com suficiente rapidez.

O soco deslizou-lhe pela face, arrancando um borrifo de sangue de uma narina. Ele agarrou o pulso do oponente quando este chegou ao limite da extensão, torceu o braço do marujo para trás e depois ergueu-lhe o punho na direção das espáduas. O marujo esgoelou de dor conforme era forçado a ficar na ponta dos pés.

— Pelo leite de Maria, mestre John, mas você deve gostar do gosto de areia. — Hal colocou um pé descalço sobre as costas do homem e o empurrou, cabeça primeiro, para se esparramar na praia mais uma vez.

— Está ficando muito esperto e atrevido, mestre Hal! — Daniel Grande caminhou para ele, testa franzida, e sua voz saiu áspera enquanto ele tentava esconder o prazer diante do desempenho do pupilo. — Da próxima vez, eu lhe darei um par mais duro. E não deixe o capitão ouvir essa sua blasfêmia sobre leite, ou será mais do que uma boa areia limpa da praia que você irá saborear.

Ainda rindo, deliciado com a aprovação mal escondida de Daniel e os urras de encorajamento dos outros lutadores, Hal cambaleou até a beira da lagoa e pegou uma concha de água nas mãos para lavar o sangue do lábio superior.

— José e Maria, mas ele adora vencer. — Daniel sorriu, por trás das costas de Hal. — Por mais que tente, o capitão Franky não dobrará esse aí. O velho cão gerou um filhote de seu próprio sangue.

— Quantos anos você acha que ele tem? — perguntou Katinka à criada, numa entonação reflexiva.

— Não sei com certeza — murmurou Zelda, com afetação. — É apenas uma criança.

Katinka meneou a cabeça, sorrindo, a relembrar-se do rapaz nu, de pé, na popa da pinaça.

— Pergunte a nosso cão negro de vigia.

Obediente, Zelda olhou para Aboli e perguntou-lhe, em inglês:

— Que idade tem o garoto?

— Idade bastante para aquilo que ela quer dele — resmungou Aboli, em sua própria língua, um ar intrigado na face ao fingir não entender. Naqueles últimos dias, enquanto a guardava, ele estudara aquela mulher de cabelos de sol. Reconhecera o luzir brilhante e predatório nas profundezas daqueles incríveis olhos cor de violeta. Ela observava um homem do jeito que um mangusto observa uma galinha gorda, e sustentava a cabeça numa afetação de inocência que era desmentida pelo devasso gingar de seus quadris debaixo das camadas de sedas brilhantes e rendas transparentes. — Uma prostituta é sempre uma prostituta, qualquer que seja a cor de seu cabelo, e não importa se vive numa cabana miserável ou no palácio de um governador. — A cadência profunda de sua voz era pontuada pelos cortes em staccato de seu sotaque tribal. Zelda voltou-se de costas para ele com um gesto de desdém.

— Animal estúpido. Não entende nada.

Hal saiu da beira d'água e subiu rumo às árvores. Levou a mão para um galho de árvore onde se pendurava sua camisa descartada. Seus cabelos ainda estavam molhados, e seu peito nu e ombros tinham manchas avermelhadas do rude contato da luta. Uma crosta de sangue ainda estava grudada à sua face.

A mão erguida na direção da camisa, ele ergueu os olhos, que encontraram o olhar violeta de Katinka, no mesmo nível. Até aquele momento, ele estivera alheio à presença da mulher. Instantaneamente, seu jeito arrogante se evaporou, e ele cambaleou para trás como se tivesse sido esbofeteado de surpresa. Um rubor escuro espalhou-se por sua face, ocultando as manchas de um rosado mais claro deixadas pelos socos de seu oponente.

Com frieza, Katinka correu o olhar pelo peito nu de Hal. E ele cruzou os braços, como se envergonhado.

— Tem razão, Zelda — disse ela, com um aceno displicente da mão. — Não passa de uma criança encardida — emendou, em latim, para ter certeza de ser compreendida. Hal fitou-a, com ar miserável, enquanto ! ela reunia as saias e, seguida por Aboli e a criada, caminhava regamente pela praia até a pinaça que esperava.

Naquela noite, enquanto jazia no encaroçado catre de palha em seu estreito beliche, ele ouviu movimento, vozes suaves e risadas na cabine ao lado. Ergueu-se sobre um cotovelo. Então, recordou-se do insulto que ela lhe lançara com tamanho desdém.

— Não pensarei mais nela outra vez — prometeu a si mesmo, ao se afundar na enxerga e colocar as mãos sobre os ouvidos para bloquear a cadência ritmada daquela voz. Numa tentativa de afastá-la da mente, repetiu, baixinho: — *In Arcadia habito*. — Porém, passou-se um longo tempo antes que a exaustão lhe permitisse por fim cair num sono profundo, negro e sem sonhos.

Aponta da lagoa, quase a dois quilômetros e meio de onde o Resolução estava ancorado, um riacho de água doce e clara escorria através de uma estreita garganta para se misturar com as águas mais escuras, abaixo.

Conforme os dois botes se moviam lentamente contra a corrente, na boca da garganta, assustavam os bandos de aves aquáticas dos baixios para o ar. Erguiam-se numa cacofonia de grasnidos, guinchos e cacarejos, vinte diferentes variedades de patos e gansos em nada parecidas com quaisquer das que conhecessem do norte. Havia outras espécies também, com bicos de formas estranhas e longas pernas desproporcionais, a andar por ali, e garças, maçaricos e garças-reais que não eram semelhantes às suas correlatas inglesas, maiores ou mais brilhantes em plumagem. O céu estava escuro com o número delas, e os homens descansaram um momento sobre os remos para observar, atônitos, aquela multidão.

— É uma terra de maravilhas — murmurou Sir Francis, a olhar para o amplo espetáculo. — E, no entanto, exploramos apenas uma parte trivial dela. Que outras maravilhas jazem além daquele limiar profundo no interior, sobre o qual nenhum homem pôs os olhos?

As palavras do pai excitaram a imaginação de Hal e conjuraram mais uma vez as imagens de dragões e monstros que decoravam as cartas que ele estudava.

— Avante! — ordenou seu pai, e se inclinaram para os longos remos outra vez. Os dois estavam sozinhos no bote de vanguarda: Sir Francis puxava o remo de estibordo com um longo e poderoso impulso que combinava com o incansável remar de Hal. Entre eles estavam as barricas de água vazias, e enchê-las de novo era o propósito evidente daquela expedição à ponta da lagoa. A verdadeira razão, contudo, jazia no fundo, aos pés de Sir Francis. Durante a noite, Aboli e Daniel Grande carregaram os sacos de lona de moedas e os baús de lingotes de ouro da cabine e os esconderam sob um pano alcatroado no fundo do bote. Na proa, enfileiravam-se cinco barricas de pólvora e diversas armas, capturadas juntamente com o tesouro do galeão, alfanjes, pistolas e mosquetes, e sacos de couro de balas

de chumbo.

Ned Tyler, Daniel Grande e Aboli seguiam de perto no segundo bote, os três da tripulação em quem Sir Francis confiava acima de todos os outros. Seu bote também estava carregado de barricas de água.

Assim que estavam bem dentro da desembocadura do riacho, Sir Francis parou de remar e debruçou-se sobre o lado para pegar uma concha de água e prová-la. Meneou a cabeça de satisfação.

— Pura e doce. — Gritou para Ned Tyler: — Comece a encher as barricas aqui. Hal e eu subiremos a corrente.

Conforme Ned manobrava o bote na direção da margem do rio, um brado selvagem e retumbante ecoou pela garganta. Todos ergueram os olhos.

— O que são essas criaturas? Serão homens? — indagou Ned. — Algum tipo de estranhos duendes cabeludos? — Havia medo e respeito em sua voz, enquanto olhava para as fileiras de formas humanóides que se alinhavam na borda do precipício, acima deles.

— Macacos — gritou Sir Francis, ao descansar o remo. — Como aqueles da Costa Bárbara.

Aboli deu uma risada e depois jogou a cabeça para trás, a voz a imitar com perfeição fidedigna o desafio do babuíno macho que liderava o bando. A maioria dos animais mais jovens saltou, ao som, e fugiu se arrastando pelo penhasco.

O enorme macaco macho aceitou o desafio. Debruçou-se nas quatro patas à beira do precipício e arreganhou a boca para mostrar um conjunto de terríveis presas brancas. Encorajados por aquela demonstração, alguns dos mais jovens retornaram e começaram a lançar pequenas pedras e cascalho para baixo. Os homens foram forçados a se inclinar e se desviar dos projéteis.

— Dê um tiro para dispersá-los — ordenou Sir Francis.

— Um bem longo. — Daniel tirou o mosquete da tipóia e soprou a ponta da mecha de queima lenta enquanto levava o cano ao ombro.

A garganta ecoou ao estouro de trovão, e todos explodiram em risadas diante das cabriolas dos macacos, que entraram em pânico com o tiro. A bala arrancou uma lasca da borda do penhasco, e os mais jovens do grupo deram um salto mortal para trás de espanto. As mães agarraram as crias, enfiaram-nas sob a barriga e escalaram a face íngreme da saliência, e mesmo o bravo macho abandonou a dignidade e juntou-se à correria por segurança. Em questão de segundos, o penhasco estava deserto e os sons da retirada motivada pelo terror se enfraqueceram.

Aboli saltou por sobre a borda do bote, a cintura mergulhada dentro do rio, e arrastou a embarcação para a margem, enquanto Daniel e Ned Tyler tiravam as tampas das barricas de água, para enchê-las. No outro bote, Sir Francis e Hal inclinaram-se sobre os remos e subiram corrente acima. Depois de uns novecentos metros, o rio se estreitava como um funil e os penhascos de ambos os lados se tornavam mais íngremes. Sir Francis parou para avaliar o ângulo de direção e depois girou o bote para debaixo do penhasco e levou a proa para se chocar com uma árvore morta que se pendurava de uma fenda na rocha. Deixando Hal no bote, saltou na estreita protuberância abaixo do rochedo e começou a escalá-lo. Não havia nenhuma trilha óbvia a seguir, mas Sir Francis se movia com confiança, apoiando mão após mão. Hal o observava com orgulho: a seus olhos, o pai, apesar de velho — deveria ter passado fazia tempo da venerável idade de quarenta anos —, subia as pedras com força e agilidade. De repente, quinze metros acima do rio, Sir Francis chegou a uma saliência invisível por debaixo e se arrastou por uns poucos passos nela. Então se ajoelhou para examinar a estreita fenda na face do penhasco; a abertura estava bloqueada por rochas caprichosamente assentadas. Ele sorriu com alívio ao perceber que estavam exatamente como as deixara, muitos meses antes. Com cuidado, puxou-as para fora da abertura e colocou-as de lado, até que a abertura se tornasse larga o bastante para ele agachar por ela.

A caverna além estava na escuridão, mas Sir Francis ficou de pé e levou a mão a uma prateleira de



pedra acima de sua cabeça, onde tateou em busca da pederneira e do aço que lá deixara. Acendeu a candeia que trouxera consigo e então olhou ao redor, pela caverna.

Nada fora tocado desde sua última visita. Cinco baús estavam contra a parede dos fundos. Eram o butim do Heerlycke Nacht, a maioria em prata e uns cem mil florins em moeda, que serviriam como pagamento da guarnição holandesa em Batávia, na Indonésia. Um monte de equipamentos estava empilhado ao lado da entrada, e Sir Francis começou a trabalhar com eles de imediato. Custou-lhe quase meia hora para montar a pesada trave de madeira como um pórtico da saliência do lado de fora da entrada da caverna e depois baixar o guincho até o bote atracado lá embaixo.

— Amarre o primeiro baú — gritou ele para Hal.

Hal fez o que ele mandava, e seu pai içou a carga para cima, a roldana a guinchar a cada giro. O baú desapareceu, e uns poucos minutos mais tarde a ponta da corda era lançada para baixo e pendia onde Hal poderia alcançá-la. Ele amarrou nela o próximo baú.

Levou mais de uma hora para içarem todos os lingotes e sacos de moedas e empilhá-los no fundo da caverna. Então começaram a trabalhar com as barricadas de pólvora e os fardos de armas. O último item a subir foi o menor: uma caixa dentro da qual Sir Francis colocara uma bússola e um sextante, um rolo de cartas náuticas tiradas do Standvastigheid pederneira e bastão de aço, um conjunto de instrumentos cirúrgicos num rolo de lona, e uma seleção de outros equipamentos que poderiam fazer a diferença entre a sobrevivência e uma morte demorada para um grupo detido naquela costa selvagem, inexplorada.

— Suba, Hal — gritou por fim Sir Francis, e Hal escalou o penhasco com a rapidez e facilidade de um dos jovens babuínos.

Quando alcançou seu pai, este estava sentado confortavelmente na estreita saliência, as pernas penduradas, o cachimbo e o saco de tabaco nas mãos.

— Ajude-me aqui, rapaz. — Apontou com o cachimbo vazio para a fenda vertical na face do rochedo. — Feche aquilo de novo.

Hal passou outra meia hora colocando de volta as pedras soltas na entrada, para escondê-la e desencorajar os intrusos. Havia pouca probabilidade de que homens descobrissem o depósito secreto naquela garganta deserta, porém ele e o pai sabiam que os babuínos poderiam retornar. Eram tão curiosos e travessos como qualquer humano.

Quando Hal ia começar a descer o penhasco, Sir Francis o impediu, ao pousar-lhe a mão no ombro.

— Não há pressa. Os outros não terminaram de encher as barricadas de água.

Sentaram-se em silêncio na saliência, enquanto Sir Francis acendia o longo cachimbo. Então, perguntou, por entre uma nuvem de fumaça

— O que eu fiz aqui?

— Escondeu nossa parte do tesouro.

— Não apenas nossa parte, mas aquela da Coroa e de cada homem a bordo — Sir Francis corrigiu-o. — Agora, por que fiz isso?

— Ouro e prata são uma tentação mesmo para um homem honesto. — Hal repetia a ladainha que seu pai enfiara em sua cabeça muitas vezes antes.

— Não deveria eu confiar em minha tripulação? — perguntou Sir Francis.

— Se não confiar em nenhum homem, então ninguém irá desapontá-lo. — Hal repetiu a lição.

— Acredita nisso? — Sir Francis voltou-se para observar a face do filho à medida que ele respondia, e Hal hesitou. — Você confia em Aboli?

— Sim, confio nele — admitiu Hal, com relutância, como se aquilo fosse um pecado.

— Aboli é um bom homem, não há melhor. Porém, veja que nem mesmo a ele eu trago para este lugar — Sir Francis fez uma pausa e em seguida perguntou: — Confia em mim, rapaz?

— Claro.

— Por quê? Por certo sou um homem e lhe disse para não confiar em nenhum homem, não é assim?

— Porque o senhor é meu pai e eu o amo.

Os olhos de Sir Francis se nublaram e ele fez um gesto como se fosse afagar a face de Hal. Então, suspirou, deixou cair a mão e olhou para o rio, abaixo. Hal esperava que o pai o censurasse pela resposta, porém ele não o fez. Depois de uns instantes, Sir Francis formulou outra pergunta:

— E sobre as outras coisas que escondi aqui? A pólvora e as armas, as cartas marítimas e os assemelhados. Por que as coloquei aqui?

— Para um futuro incerto — retrucou Hal, com confiança; ouvira a pergunta muitas vezes antes. — Uma raposa esperta tem muitas saídas para sua toca.

Sir Francis concordou.

— Todos nós que velejamos na guerre de course estamos sempre em risco. Um dia, aqueles poucos baús podem valer nossas próprias vidas.

Seu pai ficou em silêncio outra vez enquanto fumava os últimos poucos fragmentos de tabaco no forno do cachimbo. Então, disse, baixinho:

— Se Deus for misericordioso, chegará o momento, talvez não muito distante no futuro, em que esta guerra com os holandeses terminará. Então voltaremos aqui e resgataremos nosso prêmio e rumaremos para casa, em Plymouth. Faz tempo que meu sonho é possuir a herdade de Gainesbury, cujas terras correm ao longo de High Weald... — Interrompeu-se, como se não se atrevesse a tentar o destino com tanta imaginação. — Se algum mal me abater, é preciso que você saiba e se recorde onde estão armazenados nossos ganhos. Será meu legado a você.

— Nenhum mal jamais interceptará o seu caminho! — exclamou Hal, agitado. Era mais um pedido que uma demonstração de convicção. Ele não conseguia imaginar uma existência sem aquela presença majestosa no seu centro.

— Nenhum homem é imortal — disse Sir Francis, com suavidade. — Todos devemos a Deus a morte. — Desta vez, ele permitiu que a mão pousasse brevemente sobre o ombro de Hal. — precisamos encher as barricadas de água de nosso bote antes de escurecer.

Quando os botes desceram pela beira da lagoa escura, Aboli tomara o lugar de Sir Francis no banco do remador, e agora o pai de Hal sentava-se na popa, enrolado num manto escuro de lã contra o frio da noite. Sua expressão era remota e sombria. Enquanto trabalhava num dos longos remos, Hal podia estudá-lo de soslaio. Aquela conversa à boca da caverna deixara-o preocupado, com um pressentimento de má sorte adiante.

Imaginou que, desde que tinham ancorado na lagoa, seu pai tivesse elaborado o próprio horóscopo. Vira a carta do zodíaco, coberta com notações arcanas, a jazer aberta sobre a escrivaninha em sua cabine. Aquilo deveria contribuir para seu humor retraído e introspectivo. Como dissera Aboli, as estrelas eram seus filhos, e ele conhecia seus segredos.

De súbito, seu pai ergueu a cabeça e farejou o frio ar noturno. Então sua face mudou, à medida que examinava a borda da floresta. Nenhum pensamento negro poderia absorvê-lo a ponto de deixá-lo alheio às redondezas.

— Aboli, leve-nos para a margem, por favor.

Voltaram o bote em direção à estreita praia, e o segundo o seguiu. Depois que todos tinham saltado para a praia e atracado ambas as embarcações, Sir Francis deu uma ordem, em voz baixa:

— Tragam suas armas. Sigam-me, porém em silêncio. Conduziuos para a floresta, a avançar com firmeza pela vegetação

rasteira, até que parou de repente numa trilha batida. Olhou para trás para se certificar de que era

seguido e em seguida apressou-se à frente.

Hal estava abismado com as ações do pai, até que sentiu um traço do cheiro de fumaça de madeira no ar e notou pela primeira vez a bruma azulada ao longo das copas das árvores da densa floresta. Deveria ter sido aquilo que alertara o pai.

De repente, Sir Francis pisou numa pequena clareira e estacou. Os quatro homens que já estavam lá não o notaram. Dois jaziam como cadáveres numa batalha, um ainda a segurar uma pesada garrafa marrom nos dedos inertes, o outro a babar fios de saliva do canto da boca enquanto roncava.

O segundo par estava completamente absorto pelas pilhas de florins de prata e dados de marfim que se espalhavam entre eles. Um apanhou um dado e sacudiu-o perto do ouvido antes de rolá-lo pelo retalho de terra batida. — Mãe de um porco! — resmungou. — Este não é meu dia de sorte. — Você não deveria falar com grosseria da dama que o deu à luz — disse Sir Francis, suavemente. — Porém, o resto do que disse é verdade este não é seu dia de sorte. Eles ergueram os olhos para seu capitão com incredulidade horrorizada, mas não tentaram resistir ou escapar quando Daniel e Aboli os ergueram nos pés e os prenderam com cordas, pescoço a pescoço, da maneira usada pelos negreiros.

Sir Francis avançou para inspecionar o alambique que se erguia no fundo da clareira. Tinham usado um pote de ferro preto para ferver a massa fermentada de biscoito velho e cascas, e um tubo de cobre roubado dos estoques do navio para a serpentina. Chutou a engenhoca, e a aguardente sem cor inflamou-se no braseiro sobre o qual estava o pote. Havia uma fila de garrafas cheias, fechadas com chumaços de folhas, debaixo de uma árvore de madeira amarela. Ele as pegou, uma de cada vez, e estourou-as contra o tronco. Ao se espatifarem, a exalação que se evaporava era tão acre, que produziu lágrimas nos olhos. Então Sir Francis voltou até onde estavam Daniel e Ned, que haviam arrancado os bêbados a chutes de seu estupor, e arrastando-os pela clareira para amarrá-los com os outros cativos.

— Daremos a eles um dia para dormir, mestre Ned. Então, amanhã, no começo do turno da tarde, reuniremos a guarnição do navio para testemunhar sua punição. — Olhou para Daniel Grande. — Creio que você ainda sabe manejar o azorrague, mestre Daniel.

— Por favor, capitão, não queríamos fazer mal algum. Só um pouco de diversão. — Tentaram se arrastar até onde ele estava, mas Aboli puxou-os de volta como cães no laço.

— Eu não me ressinto com sua diversão — disse Sir Francis —, se você não se ressentir com a minha.

O carpinteiro tinha instalado uma fileira de quatro tripés no tombadilho superior, e os bêbados e jogadores foram ali amarrados pelos pulsos e tornozelos. Daniel Grande caminhou pela fila e lhes abriu as camisas do colarinho à cintura, para que suas costas nuas ficassem expostas. Eles pendiam indefesos nos laços como porcos atados na traseira de uma carroça de mercado.

— Cada homem a bordo sabe muito bem que não tolerarei bebedeiras e jogos, ambos uma ofensa e abominação aos olhos do Senhor. — Sir Francis dirigiu-se à guarnição reunida em filas solenes no centro do navio. — Cada homem a bordo sabe da punição. Cinquenta chibatadas do azorrague. — Observou-lhes as faces. Cinquenta vergastadas das tiras de couro cheias de nós poderiam mutilar um homem pela vida toda. Uma centena de golpes era uma sentença de morte certa e horrível. — Eles fizeram por merecer todas as cinquenta. Contudo, lembro-me que esses quatro tolos lutavam bem neste próprio convés quando capturamos a embarcação. Ainda temos algumas batalhas duras diante de nós, e aleijados não são de utilidade para mim quando as colubrinhas estiverem fumegando e os alfanjes desembainhados.

Parou para lhes examinar as faces e viu o terror do azorrague nos olhos de todos, mesclado com o alívio de que não fossem eles a estar amarrados nos tripés. Diferentemente dos capitães de muitos navios corsários, mesmo de alguns cavaleiros da ordem, Sir Francis não extraía prazer naquela punição. Contudo, não vacilava diante da necessidade. Comandava um navio cheio de homens rudes, desregrados,

a quem escolhera a dedo pela ferocidade e que tomariam qualquer demonstração de bondade como fraqueza.

— Sou um homem misericordioso — disselhes, e alguém nas fileiras de trás soltou uma risadinha de escárnio. Sir Francis parou e, com um olhar glacial, fulminou o ofensor. Quando o culpado deixou pender a cabeça e arrastou os pés, ele continuou, suavemente: — Porém, estes malandros haveriam de testar minha misericórdia a seus limites.

Voltou-se para Daniel Grande, que se postava ao lado do primeiro tripé. Estava despido até a cintura, e seus músculos fortes salientavam-se nos braços e ombros. Amarrara para trás os longos cabelos grisalhos com um pedaço de pano, e de seu pulso marcado de cicatrizes, as tira do azorrague pendiam até as pranchas do convés como as serpentes da cabeça de Medusa.

— Quinze para cada um, mestre Daniel — ordenou Sir Francis —, mas penteie bem o seu chicote entre os golpes.

A menos que os dedos de Daniel separassem as tiras do azorrague depois de cada golpe, o sangue iria grudá-las e fechá-las num único instrumento pesado que cortaria a carne humana como uma cutilada de espada. Mesmo quinze chibatadas com um azorrague despenteado arrancariam a carne das costas de um homem até as vértebras da coluna.

— Que sejam quinze, capitão — aquiesceu Daniel, e, sacudindo o chicote para separar as tiras cheias de nós, deu um passo para a primeira vítima. O homem torceu a cabeça para observá-lo por sobre o ombro, a expressão pálida de medo.

Daniel ergueu o braço e deixou as tiras escorrerem por sobre o ombro; depois, com uma graça peculiar para um homem tão grande, girou-o para a frente. O chicote assobiou como o vento nas folhas de uma árvore alta e estalou alto na pele nua.

— Um! — cantou a tripulação em uníssono, enquanto a vítima guinchava de choque e agonia. O chicote deixou-lhe um padrão grotesco sobre as costas, cada linha vermelha crivada de estrelas de escarlate mais vivo onde os nós tinham rompido a pele. Parecia a ferroadada das venenosas gavinhas de uma água-viva.

Daniel penteou seu chicote, e os dedos de sua mão esquerda ficaram lambuzados de sangue fresco e brilhante.

— Dois! — os observadores contaram, e o homem gritou de novo e se debateu nos laços, os pés a dançar uma dança de dor nas tábuas do convés.

— Alto com a punição! — gritou Sir Francis, ao ouvir uma ligeira comoção na ponta da guarnição, em direção às cabines na popa. Obedientemente, Daniel baixou o látigo e esperou, enquanto Sir Francis caminhava para a escada.

O chapéu emplumado do governador van de Velde apareceu acima do rebordo, seguido por sua face gorda e corada. Ele ficou de pé, ofegante, à luz do sol, a enxugar a papada com um lenço de seda, e olhou ao redor. Sua face iluminou-se de interesse ao ver os homens que pendiam em fila nos tripés.

— Ja! Goed! Vejo que não estamos atrasados — disse, com satisfação. Logo atrás dele, Katinka emergiu da escotilha com um passo leve e ágil, as saias ao alto o bastante para revelar os sapatinhos de cetim bordados com aljôfares.

— Bom dia, Mijnheer — Sir Francis cumprimentou o governador com uma mesura superficial —, há uma punição em andamento. É um espetáculo impróprio para uma dama de criação delicada como a de sua esposa testemunhar.

— Realmente, capitão — Katinka riu enquanto intervinha —, não sou uma criança. Os céus sabem, há uma grande penúria de diversão a bordo deste navio. Pense, o senhor não recolheria nenhum resgate se eu morresse de tédio. — Bateu no braço de Sir Francis com o leque, porém ele se afastou daquele toque

condescendente e dirigiu-se de novo ao marido dela.

— Mijnheer, creio que o senhor deveria acompanhar sua esposa até os alojamentos.

Katinka deu um passo entre ambos como se ele não tivesse dito nada e fez um gesto a Zelda para que a seguisse.

— Coloque meu banco lá, à sombra. — Espalhou as saias conforme se acomodava no banco e fez um beicinho para Sir Francis. — Ficarei tão quieta que o senhor nem mesmo saberá que estou aqui.

Sir Francis olhou zangado para o governador, mas van de Velde ergueu as mãos gorduchas num gesto teatral de impotência.

— Sabe como é, Mijnheer, quando uma bela mulher coloca seu coração em algo... — Postou-se atrás de Katinka e colocou uma das mãos numa pose orgulhosa e indulgente sobre os ombros dela.

— Não posso ser responsável pela sensibilidade de sua esposa, se ficar ofendida com o espetáculo — advertiu Sir Francis, num tom sombrio, aliviado pelo menos por seus homens não poderem compreender sua troca de palavras em holandês e ciente de que fora liberado para cuidar dos cativos.

— Creio que não precisa se preocupar profundamente. Minha esposa tem o estômago forte — murmurou van de Velde. Durante a temporada de trabalho em Kandy e Trincomalee, sua esposa jamais perdera as execuções que eram realizadas com regularidade no pátio do forte. Dependendo da natureza da ofensa, aquelas punições variavam desde ser queimado na estaca a ser marcado com ferro em brasa, garroteado e ter a cabeça decepada. Mesmo naqueles dias em que ela sofrera de dores da febre da dengue e, de acordo com as ordens do médico, deveria permanecer acamada, a carruagem de Katinka estava sempre estacionada em seu lugar costumeiro, com vista para o cadafalso.

— Então, isso será de sua inteira responsabilidade, Mijnheer — murmurou Sir Francis secamente, e voltou-se para Daniel.

— Prossiga com a punição, mestre Daniel — ordenou.

Daniel jogou para o alto o azorrague, por trás do ombro, e as tatuagens coloridas que decoravam seu grande bíceps pareceram ganhar vida própria.

— Três! — gritou a tripulação, e o látigo cantou e estalou. Katinka retesou-se e inclinou-se para a frente em seu banco.

— Quatro!

Ela se assustou com o estalo do azorrague e com o grito alto de dor que se seguiu. Lentamente, sua face tornou-se pálida como um tolete de vela.

— Cinco!

Finas serpentes escarlates escorriam pelas costas do homem e encharcavam a cintura de seus calções de lona. Katinka deixou os longos cílios caírem até quase se fecharem para esconder o brilho dos olhos violetas.

— Seis!

Katinka sentiu uma minúscula gota de líquido atingi-la, como um único pingo de cálida chuva tropical. Desviou os olhos do corpo que se debatia e gemia no tripé, e olhou para as mãos graciosas.

Uma gota de sangue, que voara do látigo encharcado, pousara em seu dedo indicador. Como um rubi colocado num precioso anel, luzia contra sua pele branca. Ela a cobriu com a outra mão em concha, e escondeu-a no colo, enquanto relanceava os olhos para as faces que a rodeavam. Cada olhar estava fixo em total fascinação no espetáculo medonho à frente. Ninguém vira o sangue espirrar nela. Ninguém a observava agora.

Ela ergueu a mão até os polpudos lábios macios como se num involuntário gesto de aflição. A ponta rosada de sua língua avançou e lambeu a gota de seu dedo. E Katinka saboreou o gosto metálico de sal. Recordou-a do esperma de um amante, e ela sentiu uma umidade viscosa a escorrer por entre as pernas,

tanto que, quando esfregou as coxas apertadas, elas deslizaram uma contra a outra, escorregadias como enguias em acasalamento.

Haveria necessidade de alojamentos em terra enquanto o Resolução fosse submetido a manutenção na praia, seu casco limpo de sargaços e examinado em busca de qualquer sinal de teredo.

Sir Francis colocou Hal a cargo da construção do recinto que deveria acomodar os reféns. Hal tomou um cuidado especial com a cabana que abrigaria a esposa do governador, fazendo-a espaçosa e confortável, numa localização mais privativa e segura contra animais selvagens. Depois, fez seus homens construírem uma paliçada de ramos quebrados em torno de todo o recinto da prisão.

Quando a escuridão obrigou à interrupção do primeiro dia de trabalho, ele desceu para a praia da lagoa e ensopou-se nas águas cálidas e ligeiramente salgadas. Então esfregou o corpo com mãos cheias de areia molhada até que sua pele ardesse. Contudo, ainda se sentia maculado pela lembrança dos açoites que fora forçado a ver naquela manhã. Somente quando sentiu o odor hipnótico de biscoito quente a flutuar pela água, vindo da cozinha do navio, seu ânimo se alterou, e ele enfiou as pernas nas calças e correu pela praia para se escarranchar na pinaça que se afastava da praia.

Enquanto Hal estivera em terra, seu pai escrevera na lousa uma série de problemas navegacionais para ele resolver. Ele tomou a lousa sobre o braço, pegou uma caneca de peltre de cerveja, uma tigela de peixe cozido e, segurando o biscoito quente entre os dentes, desceu pela escada para a sua cabine, o único lugar no navio onde poderia ficar sozinho para se concentrar na tarefa.

De súbito, ergueu os olhos ao ouvir água a escorrer na cabine ao lado. Notara os baldes de água fresca sobre o braseiro na cozinha e rira quando o cozinheiro reclamara amargamente que seu fogo estava sendo usado para aquecer água de banho. Agora Hal sabia para quem aquelas panelas fumegantes haviam sido preparadas. Os tons guturais de Zelda chegavam a ele através do painel enquanto ela arengava com Oliver o criado de Sir Francis. A resposta de Oliver foi truculenta:

— Não entendo uma palavra do que diz, sua velha cadela pavorosa. Mas se não gosta, pode encher essa amaldiçoada banheira sozinha!

Hal riu consigo mesmo, meio divertido e meio ansioso, ao soprar o lampião e ajoelhar-se para remover o pino de madeira do orifício. Viu que a cabine estava cheia de nuvens de vapor, que embaçavam o espelho no anteparo do outro lado, de modo que tinha a visão restrita. Zelda estava enxotando Oliver da cabine quando Hal ajustou o olho na abertura.

— Tudo bem, sua velha rameira! — provocou-a Oliver, ao carregar com esforço os baldes vazios da cabine. — Não há nada que possa fazer que me mantenha aqui um minuto a mais.

Quando Oliver se foi, Zelda entrou na cabine principal, e Hal ouviu-a a conversar com a patroa. Um minuto mais tarde, ela precedia Katinka pela porta. Katinka parou ao lado da banheira fumegante e tocou de leve a água com a ponta dos dedos. Soltou uma exclamação aguda e puxou a mão. Zelda adiantou-se, apressada, pedindo desculpas, e jogou água fria na banheira, do balde que estava ao lado. Katinka testou a temperatura de novo. Desta vez, sacudiu a cabeça com satisfação e foi se sentar no banco. Zelda veio por detrás, ergueu-lhe a esplêndida cascata de cabelos com ambas as mãos para empilhá-lo no topo da cabeça de Katinka e prendê-lo com grampos ali, como um feixe de trigo maduro.

Katinka inclinou-se para a frente e, com a ponta dos dedos, abriu uma estreita clareira na superfície embaçada do espelho. Examinou a vinheta de si mesma naquele ponto limpo. Esticou a língua para fora para procurar algum traço de cobertura branca. Estava rosada como uma pétala de rosa. Então, arregalou os olhos e espiou nas profundezas, tocando a pele abaixo deles com a polpa do dedo.

— Olhe para essas rugas horríveis! — lamentou-se. Zelda negou com veemência.

— Não há uma única!

— Jamais quero ficar velha e feia. — A expressão de Katinka era trágica.

— Então é melhor morrer agora! — exclamou Zelda. — Esse é o único jeito de evitar isso.

— Que coisa horrível de se dizer. Você é tão cruel comigo — reclamou Katinka.

Hal não conseguia entender o que diziam, porém o tom daquela voz o tocou até as profundezas do ser.

— Ora essa — repreendeu-a Zelda. — A senhora sabe que é linda.

— Sou, Zelda? Você realmente pensa assim?

— Sim. E a senhora também. — Zelda ergueu nos pés. — Porém, se não se banhar agora, vai cheirar mal que é uma beleza.

Soltou os laços do vestido da patroa e, em seguida, postou-se atrás dela para lhe erguer o vestido por sobre os ombros, e Katinka ficou de pé, nua, diante do espelho. O arquejo involuntário de Hal foi abafado pelo painel e pelos pequenos estalos do casco do navio.

Daquele pescoço esguio até os tornozelos delicados, o corpo de Katinka formava uma linha de pureza de partir o coração. Suas nádegas salientavam-se em dois orbes perfeitamente simétricos, como um par de ovos de avestruz que Hal vira à venda nos mercados de Zanzibar. Porém, havia covinhas infantis, vulneráveis, no verso de seus joelhos.

A própria imagem de Katinka no espelho nublado era etérea e não poderia reter a atenção daquela mulher mimada por muito tempo. Ela se afastou e ficou de pé, de frente para a banheira. O olhar de Hal correu para os seios dela. Eram grandes para os ombros estreitos. Cada um deles poderia encher-lhe a mão em concha, e no entanto não eram perfeitamente redondos como esperava que fossem.

Fitou-os até que os olhos marejaram de lágrimas e ele foi forçado a piscar. Então, deixou o olhar escorregar para baixo, sobre a pequena porém fascinante protuberância daquela barriga, e para a indistinta nuvem de finos pêlos que se aninhavam entre aquelas coxas. A luz do lampião incidia sobre eles, que brilhavam como ouro puro.

Ela ficou um longo tempo assim, mais do que ele ousaria esperar que ela fosse capaz, a olhar para a banheira enquanto Zelda espargia óleo perfumado de uma garrafa de cristal na água e depois se ajoelhava para espalhá-lo com a mão. Katinka continuou de pé, seu peso apoiado numa perna, de maneira que sua pelve se inclinava num ângulo encantador, e havia um ligeiro sorriso enviesado em seus lábios quando ela ergueu a mão lentamente e tomou um dos mamilos entre o polegar e o indicador. Por um momento, Hal pensou que ela o encarava diretamente e começou a se afastar culposamente do orifício de vigia. Então percebeu que era uma ilusão, pois ela baixara os olhos e fitava a gorda amora que apontava entre seus dedos.

Ela mexeu no mamilo suavemente para trás e para a frente, e enquanto Hal olhava, incrédulo, ele mudava de cor e forma. Inchava-se e endurecia e ficava mais escuro. Hal jamais imaginara algo como aquilo — um pequeno milagre que deveria enchê-lo de reverência, mas que, em vez disso, dilacerava-lhe o ventre com as garras da luxúria.

Zelda ergueu os olhos da banheira que mexia, e quando viu o que sua patroa fazia, deu-lhe uma áspera reprimenda. Katinka riu e apontou-lhe a língua, mas deixou cair a mão e entrou no banho. Com um suspiro langoroso, sentou-se na água quente e perfumada, até que apenas o grosso rolo de cabelos dourados se mostrava acima da beirada da banheira.

Zelda debruçou-se sobre ela, ensaboando uma flanela, a esfregar e lavar, murmurando palavras afetuosas e rindo com as respostas da patroa. De súbito, girou nos calcanhares e deu outra instrução, ao que Katinka levantou-se e a água ensaboada caiu em cascata por seu corpo. Suas costas estavam voltadas para Hal, e agora as nádegas redondas brilhavam mais rosadas da água quente. Conforme as instruções de Zelda, ela se moveu para permitir que a velha lhe ensaboasse uma perna de cada vez.

Por fim, Zelda ergueu-se de pé e saiu da cabine. Tão logo ela se fora, Katinka, ainda no banho, olhou por sobre o ombro. Hal, outra vez, teve a culposa ilusão de que ela o fitava diretamente no olho que

espiava. Foi apenas por um momento; então, num requebrar lento e voluptuoso, ela se ajoelhou e se inclinou para a frente. As nádegas mudaram de forma ao movimento. Katinka levou as duas mãos para baixo, sobre as reluzentes nádegas rosadas, e puxou-as para separá-las. Desta vez, Hal não pôde afogar o pequeno grito que lhe subiu aos lábios conformeprofunda depressão do traseiro se abria a seu fervente olhar.

Zelda irrompeu pela cabine com uma braçada de toalhas. Katinka endireitou-se, e aquela encantadora fenda fechou-se com firmeza, seus segredos escondidos mais uma vez do olhar de Hal. Saiu do banho, e Zelda envolveu-a com uma toalha pelos ombros que pendia até os tornozelos. Zelda soltou o rolo dos cabelos da patroa e escovou-os; em seguida, trançou-os numa grossa corda dourada. Estava atrás de Katinka e segurava um vestido para que ela pudesse enfiar os braços dentro das mangas, mas Katinka sacudiu a cabeça e deu uma ordem peremptória. Zelda protestou, mas Katinka insistiu e a criada jogou o vestido sobre o banco e deixou a cabine num claro amuo.

Quando a criada se fora, Katinka deixou a toalha cair sobre o convés e, nua mais uma vez, foi até a porta e colocou o pino da tramela no gar. Então, voltou e passou fora da vista de Hal. Ele viu um confuso borrão rosado de movimento no espelho embaçado, mas não conseguia saber ao certo o que ela estava fazendo, até que, abrupta e espantosamente, os lábios dela estavam a centímetros do lado oposto do buraco de espia e ela murmurava com voz perversa para ele:

— Seu piratinha sujo! — Falava em latim, e ele se encolheu como se ela tivesse jogado um balde de água fervente em sua face. Mesmo em sua confusão, no entanto, o insulto o espicçou ao extremo, e ele respondeu, sem pensar:

— Não sou um pirata. Meu pai tem Cartas de Marca.

— Não ouse me contradizer! — De uma forma confusa, ela misturava latim, holandês e inglês. A entonação, porém, era aguda e ferina como um açoite.

De novo ele se viu incitado a responder.

— Não tinha intenção de ofendê-la.

— Quando meu nobre marido descobrir que você tem me espionado, irá até seu pai pirata, e você será flagelado no tripé como aqueles outros homens, esta manhã.

— Eu não a estava espionando...

— Mentiroso! — Ela não o deixou terminar. — Seu pirata sujo e falso. — Por um instante, ela arquejou entre os insultos.

— Eu só queria...

A fúria de Katinka se reacendeu.

— Sei o que você queria. Queria olhar para minha katjie... — ele sabia que era a palavra holandesa para gatinha — e depois pegar seu pinto e enfiá-lo...

— Não! — quase gritou Hal. Como ela soubera de seu segredo vergonhoso? Sentiu-se enojado e mortificado.

— Quietos! Zelda vai nos ouvir — sibilou ela de novo. — Se o pegarem, provará as chibatadas.

— Por favor — murmurou ele, de volta. — Não pretendia nenhum mal. Por favor, perdoe-me. Eu não queria isso.

— Então me mostre. Prove sua inocência. Mostre-me seu pinto.

— Não posso. — A voz de Hal tremeu de vergonha.

— Levante-se! Ponha-o perto do buraco para que eu possa ver se você está mentindo.

— Não. Por favor, não me faça fazer isso.

— Depressa, ou gritarei para que meu marido venha aqui. Lentamente, ele ficou de pé. O orifício de



espia ficava quase exatamente no mesmo nível que seus genitais doloridos.

— Agora, mostre-me. Abra a virilha — estimulou-o a voz dela. Devagar, consumido de vergonha e constrangimento, Hal ergueu a

camisa, e, antes que estivesse no alto, seu pênis pulou para fora como um rebento de árvore nova. Ele sabia que Katinka deveria estar nauseada e sem fala, de desgosto por ver uma coisa assim. Depois de um minuto de espesso e carregado silêncio que pareceu o mais longo de sua vida, ele começou a baixar a camisa.

Instantaneamente, ela o impediu com uma voz que pareceu a Hal tremer de repulsa, tanto que ele mal conseguia compreender as palavras em inglês distorcido.

— Não! Não procure cobrir sua vergonha. Essa sua coisa o condena. Ainda finge não ser culpado?

— Não — admitiu ele, miseravelmente.

— Então precisa ser punido — disse ela. — Devo contar a seu pai.

— Por favor, não faça isso — implorou ele. — Ele me matará com as próprias mãos.

— Muito bem. Terei de puni-lo eu mesma. Traga seu pinto mais para perto.

Obediente, ele impulsionou os quadris para a frente.

— Mais perto, para que eu possa alcançá-lo. Mais perto.

Ele sentiu a ponta do pênis distendido tocar a madeira rústica que rodeava o orifício de espia, e então, chocado, percebeu que dedos frios te fechavam sobre a ponta. Tentou puxá-lo, mas o aperto aumentou, e a voz de Katinka soou, aguda:

Fique quieto!

Katinka ajoelhou-se na antepara e puxou-lhe a glândula pela abertura; e então, soltou-a sob a luz do lampião. Estava tão inchada que quase não conseguia caber no buraco.

— Não, não puxe — disselhe ela, com voz severa e zangada, enquanto o segurava com um aperto mais firme.

Hal, obediente, relaxou e cedeu à insistente pressão dos dedos de Katinka, permitindo que ela puxasse todo o comprimento do pênis pela abertura.

Katinka olhou para o membro, fascinada. Na idade dele, ela não esperava que fosse tão grande. A cabeça intumescida era do púrpura brilhante de uma ameixa madura. Ela puxou o prepúcio solto, como um capuz de monge, e então empurrou a pele para trás de novo, tão longe quanto conseguiu. A cabeça pareceu inchar mais, a ponto de explodir, e Katinka sentiu aquele eixo duro pulsar em suas mãos.

Repetiu o movimento, lentamente para a frente e depois para trás, e ouviu-o gemer além do painel. Era estranho, mas quase se esquecera do garoto. Aquele boneco anatômico que segurava nas mãos tinha uma vida e uma existência próprias.

— Esta é sua punição, seu garoto sujo e sem-vergonha.

Katinka podia ouvir as unhas de Hal rasparem na madeira, à medida que sua mão começou a voar para trás e para a frente ao longo de todo o comprimento daquele membro, como se ela estivesse manejando a lançadeira de um tear.

Aconteceu mais depressa do que ela esperava. O jato quente e viscoso contra seus seios foi tão forte que a espantou, porém ela não se afastou.

Depois de algum tempo, disse:

— Não pense que o perdoei ainda pelo que fez a mim. Sua penitência apenas começou. Compreende?

— Sim. — A voz de Hal soou entrecortada e rouca.

— Você precisa fazer uma abertura secreta nesta parede. — Ela bateu na antepara com o nó dos dedos. — Soltar este painel para que possa passar por ele e vir até a mim e eu possa puni-lo com mais severidade. - Compreende?

— Sim — ofegou ele.

— Precisa esconder a abertura. Ninguém mais deve saber.

— É minha impressão — disse Sir Francis a Hal — que sujeira e doença têm uma peculiar afinidade uma com a outra. Não sei por que seria assim, mas é. Respondia à cautelosa indagação do filho sobre a razão de levar a efeito a onerosa e detestável operação de fumigar o navio. Com toda a carga fora dele e a maioria da tripulação alojada em terra, Sir Francis estava determinado a tentar livrar o casco de vermes. Parecia que cada fenda na madeira pululava de piolhos e os porões estavam abarrotados de ratos. A cozinha estava coberta de pelotas pretas de excrementos, e Ned Tyler informara ter encontrado algumas das carcaças fedorentas e inchadas a apodrecer nas barricas de água.

Desde o dia da chegada na lagoa, um grupo na praia queimava lenha e recolhia as cinzas para obter a barrela, e Sir Francis mandara Aboli para a floresta a fim de procurar por aquelas ervas especiais que sua tribo usava para manter as cabanas livres de vermes nojentos. Agora, um grupo de marinheiros esperava no convés de proa, armados com baldes da substância cáustica.

— Quero cada fenda e junta do casco esfregado, mas sejam cuidadosos — advertiu-os Sir Francis. — O fluido corrosivo pode queimara pele de suas mãos... — Interrompeu-se abruptamente. Cada cabeça abordo se voltou em direção às distantes pontas rochosas, e cada homem na praia parou o que estava fazendo e inclinou a cabeça para escutar.

O estouro nítido de um canhão ecoou dos penhascos à entrada da lagoa, e o som reverberou pelas águas calmas da extensa baía.

— Esse é o sinal de alarme do vigia nas pontas, capitão — gritou Ned Tyler, e apontou para a água para onde um penacho de fumaça branca ainda flutuava sobre um dos locais que guardavam a entrada. Enquanto olhavam, uma pequena bola preta pairou no ar no topo do mastro improvisado no cume da ponta de terra a oeste e, depois, desfraldou-se numa bandeira vermelha de formato de cauda de andorinha. Era o sinal geral de alarme, e só poderia significar que uma vela estranha estava à vista.

— Chamar a postos, mestre Daniel! — ordenou Sir Francis, secamente. — Destranque os baús de armas e arme a tripulação. Vou para a entrada. Quatro homens para remar o escaler, e o restante assumam seus postos de batalha em terra.

Embora sua face continuasse inexpressiva, no íntimo ele estava furioso que tivesse se permitido ser surpreendido assim, com os mastros desenfurnados e todos os canhões fora do casco. Voltou-se para Ned Tyler. — Quero os prisioneiros levados para terra e colocados sob sua mais estrita guarda, bem longe da praia. Se souberem que há um navio estranho na costa, isso pode lhes dar a idéia de tentar atrair atenção.

Oliver subiu pela escada com a capa de Sir Francis no braço. Enquanto a espalhava por sobre os ombros do patrão, Sir Francis terminou de distribuir suas ordens. Então se voltou e seguiu para a amurada de embarque ao longo da qual jazia o escaler e Hal esperava, receoso de que pudesse não receber ordem para se juntar a ele. Ali, seu pai não poderia ignorá-lo.

— Muito bem, então — esbravejou Sir Francis. — Venha comigo. Posso precisar desses seus olhos. — E Hal correu para o cabo de amarração e soltou-o no momento em que o pai pisava no escaler.

— Puxem até estourarem as entranhas! — disse Sir Francis aos homens nos remos, e o escaler deslizou pela lagoa.

Sir Francis saltou pelo lado e vadeou até a praia abaixo do penhasco com a água a lhe chegar ao topo das botas altas. Hal teve de correr para alcançá-lo na trilha do elefante. Pararam no topo, cem metros acima da lagoa, com vista total para o oceano. Embora o vento que os esbofeteava nas alturas tivesse chutado o mar numa massa confusa de ondas que se quebravam em rendas, os olhos agudos de Hal divisaram os salpicos mais claros que persistiam entre as efêmeras cristas brancas antes que o vigia pudesse apontá-las a ele.

Sir Francis olhou pela luneta.

— O que acha? — indagou a Hal.

— Há dois navios — respondeu Hal.

— Vejo apenas um ... não, espere! Você tem razão. Há outro, um pouco mais para o leste. É uma fragata, não acha?

— Três mastros — Hal protegeu os olhos com a mão —, e plenamente aparelhados. Eu diria que é uma fragata. A outra embarcação ainda está muito distante. Não posso lhe dizer o tipo. — Doía a Hal admitir isso, e ele estreitou os olhos em busca de algum outro detalhe. — Ambos rumam diretamente para nós.

— Se pretendem seguir para Boa Esperança, então precisam mudar de rumo em breve — murmurou Sir Francis, sem baixar a luneta. Todos observavam ansiosamente.

— Pode ser um par de mercantes holandeses ainda em tráfego para oeste — sugeriu Hal, esperançoso.

— Então por que estariam num curso tão próximo de uma praia a sotavento? — perguntou Sir Francis. — Não, parece muito mais estarem rumando direto para a entrada. — Fechou a luneta com um baque. — Vamos! — Num trote, ele liderou a descida pela trilha até onde o escaler esperava na praia. — Mestre Daniel, rume para as baterias do lado oposto. Assuma o comando lá. Não abra fogo até que eu o faça.

Ficaram a observar o escaler deslizar rapidamente pela lagoa e ser enfiado pelos homens de Daniel numa cova estreita onde ficava escondido da vista. Então, Sir Francis rumou para a plataforma de artilharia no penhasco e deu uma curta série de ordens aos homens que se dobravam sobre as colubrinhas com as mechas de queima lenta.

— A meu comando, atirem no navio líder. Uma salva de tiro redondo — disselhes. — Mirem para a linha-d'água. Depois, carreguem com palanqueta e derrubem os cordames. Não haverão de tentar manobrar nesses canais estreitos com metade das velas abatida. — Saltou para o parapeito da plataforma e olhou para o mar pela entrada estreita, porém as naus que se aproximavam ainda estavam escondidas da vista pelos penhascos.

De súbito, da ponta oeste do cabo surgiu um navio a todo pano. Estava a menos de duas milhas de terra, e, mesmo enquanto a observavam em consternação, alterou o curso e ajustou as vergas, rumando diretamente para a entrada.

— Seus canhões estão corridos, então é por uma briga que estão procurando — disse Sir Francis, muito sério, ao sair do parapeito. — E nós lhe daremos isso, rapazes.

— Não, papai — gritou Hal. — Eu conheço aquele navio.

— Quem... — Antes que Sir Francis pudesse fazer a pergunta, teve a resposta. Do topo de mastro do navio, desfraldou-se uma bandeira com cauda de andorinha. Escarlate e branco nevado, chicoteou e estalou ao vento.

— A croix pattée — berrou Hall. — É o Gull of Moray. É lorde Cumbrae, papai!

— Por Deus, é mesmo. Como o açougueiro barba-ruiva soube que estávamos aqui?

À popa do Gull of Moray, o navio estranho surgiu à vista. Também alterava seu rumo, seguindo o Gavião à medida que este se postava no caminho da entrada.

— Conheço aquele navio também — gritou Hal, contra o vento. — Lá, agora. Posso mesmo reconhecer sua figura de proa. É o Goddess. Não sei de nenhum outro navio neste oceano com uma Vênus nua no pranchão de proa.

— Capitão Richard Lister, é ele — concordou Sir Francis. — Fico mais tranqüilo por tê-lo aqui. É um bom homem. Embora, Deus sabe, eu não confie em nenhum deles, de qualquer forma.

Conforme o Gavião vinha velejando canal abaixo e passava pela plataforma de artilharia, deve ter avistado a mancha brilhante do manto de Sir Francis contra as rochas cobertas de líquen, pois baixou seu estandarte em saudação.

Sir Francis ergueu o chapéu em resposta, mas resmungou, entre os dentes:

— Eu preferiria saudá-lo com um buquê de metralha, seu bastardo escocês. Farejou o butim, não foi? Veio pedir ou roubar, não é isso? Mas, como soube?

— Papai! — gritou Hal outra vez. — Olhe lá, nas arreigadas das enxárcias da gávea! Eu reconheceria aquele safado sorridente em qualquer lugar. Eis como eles souberam. Ele os conduziu até aqui.

Sir Francis ajustou suas lentes.

— Sam Bowles. Parece que mesmo os tubarões não tiveram estômago para aquela peça de carniça. Eu deveria ter deixado os companheiros lidarem com ele quando tivemos a chance.

O Gull passou lentamente por eles, reduzindo as velas progressivamente enquanto costurava seu caminho para dentro da lagoa. O Goddess o seguia a uma cautelosa distância. Também ostentava a croix pattée no mastaréu da gávea, junto com a cruz de São Jorge e a bandeira da União. Richard Lister também era um cavaleiro da ordem. Eles distinguiram sua diminuta figura no tombadilho superior quando ele chegou à amurada e gritou alguma coisa pela água, que foi levada pelo vento.

— Você está em estranha guarnição, Richard. — Mesmo que o galês não pudesse ouvi-lo, Sir Francis acenou com o chapéu, em resposta. Lister estivera com ele quando tinham capturado o Heerlycke Nacht, haviam partilhado amigavelmente os espólios e ele o tinha em conta de um amigo. Lister deveria ter estado com eles, Sir Francis e o Gavião, quando passaram aqueles tenebrosos meses no bloqueio ao largo do cabo Agulhas. Contudo, perdera o ponto de encontro em Port Louis, nas ilhas Maurício. Depois de esperá-lo por um mês, Sir Francis fora obrigado a aceder aos reclamos do Gavião, e tinham partido sem ele.

— Bem, é melhor fazermos uma expressão de coragem e iremos cumprimentar nossos hóspedes não convidados — disse Sir Francis a Hal, e desceu para a praia enquanto Daniel trazia o escaler pelo canal, entre as pontas.

Assim que remaram pela lagoa, as duas naus recém-chegadas lançaram âncora no canal principal. O Gull of Moray estava apenas a meia amarra de distância à proa do Resolução. Sir Francis ordenou a Daniel para que rumasse diretamente para o Goddess. Richard Lister estava na amurada de desembarque para saudá-lo quando ele e Hal subiram a bordo.

— Pelas chamas do inferno, Franky. Ouvi dizer que tinha feito uma grande presa. Agora eu vejo a nau holandesa ali, ancorada. — Richard apertou-lhe a mão. Em altura, não passava dos ombros de Sir Francis, porém seu aperto de mão era forte. Cheirou o ar com o rubicundo nariz e prosseguiu, em seu cantante dialeto celta. — E não é especiaria que sinto no ar? Maldigo a mim mesmo por não tê-lo encontrado em Port Louis.

— Onde estava, Richard? Esperei trinta e dois dias por sua chegada.

— Me entristece ter de admitir, porém peguei um furacão logo ao sul da Maurício. Ele me desmantelou e me empurrou pela costa da ilha de St. Lawrence.

— Seria a mesma tempestade que arrebentou o mastro do holandês. — Sir Francis apontou pelo canal, para o galeão. — Estava com as vergas avariadas quando o capturamos. Mas, como acabou se encontrando com o Gavião?

— Decidi que, tão logo o Goddess estivesse preparado para o mar outra vez, eu procuraria por você ao largo do cabo Agulhas, se por acaso ainda estivesse a postos ali. Foi quando cruzei com o Gavião. Ele me conduziu até aqui.

— Bem, é bom vê-lo, meu velho amigo. Mas, diga-me, tem alguma notícia de casa? — Sir Francis

inclinou-se para a frente, ansioso.

Esta era sempre uma das perguntas principais que os homens faziam um ao outro quando se encontravam ali, além da Linha. Poderiam viajar até os confins dos mares não mapeados, porém seus corações sempre haveriam de ansiar pelo lar. Quase um ano se passara desde que Sir Francis recebera notícias da Inglaterra.

Diante da pergunta, a expressão de Richard Lister tornou-se sombria.

— Cinco dias depois que zarpei de Port Louis, encontrei Windsong, uma das fragatas de Sua Majestade. Saíra a cinqüenta e seis dias antes de Plymouth, rumo à costa Coromandel.

— Então, que notícias tinha? — interrompeu-o Sir Francis, impaciente.

— Nenhuma boa, como o Senhor pode testemunhar. Disseram que toda a Inglaterra foi atingida por uma praga e que homens, mulheres e crianças morriam aos milhares e dezenas de milhares, de maneira que não podiam enterrá-los depressa o bastante e os corpos jaziam apodrecendo e fedendo nas ruas.

— A praga! — Sir Francis fez o sinal-da-cruz, de horror. — A ira de Deus.

— Então, enquanto a praga ainda devastava cada cidade e vila, Londres foi destruída por um poderoso incêndio. Dizem que as chamas mal deixaram uma casa em pé.

Sir Francis encarou, alarmado.

— Londres, queimada? Não pode ser. O rei... está a salvo? Foram os holandeses que puseram fogo em Londres? Conte-me mais, homem, conte-me mais.

— Sim, o Menino Negro está a salvo. Mas, não, desta vez não são os holandeses os culpados. O fogo começou num forno de um padeiro em Pudding Lane e queimou por três dias sem parar. A Catedral de São Paulo está queimada até o chão, assim como a prefeitura, a Bolsa de Valores Real, uma centena de igrejas paroquiais, e só Deus sabe o que mais. Dizem que o prejuízo excederá dez milhões de libras.

— Dez milhões! — Sir Francis encarou, abismado. — Nem mesmo o mais rico monarca no mundo poderia levantar uma tal quantia. A receita pública total da Coroa para um ano é de menos de um milhão! Isso deve reduzir à miséria o rei e a nação.

Richard Lister meneou a cabeça, com sombrio prazer.

— Além disso, há mais notícias ruins. Os holandeses nos desferiram um golpe poderoso. Aquele demônio, de Ruyter, navegou diretamente para dentro do rio Medway e do Tâmis. Perdemos dezesseis navios de linha para ele, e ele capturou o Royal Charles no atracadouro nas docas de Greenwich e rebocou-o para Amsterdã.

— A nau capitania, flor e orgulho de nossa frota. Pode a Inglaterra sobreviver a uma tal derrota, a lhe chegar tão perto dos calcanhares da praga e do incêndio?

Lister meneou a cabeça outra vez.

— Dizem que o rei está pedindo paz aos holandeses. A guerra pode estar terminada neste exato momento. Pode ter acabado meses atrás, por tudo que sabemos.

— Vamos rezar com fervor para que não seja assim. — Sir Francis olhou para o Resolução. — Mal fiz aquela presa, três semanas atrás. Se a guerra tiver acabado, então minha comissão da Coroa teria expirado. Minha captura poderia ser considerada um ato de pirataria.

— As sinas da guerra, Franky. Você não tinha conhecimento da paz. Ninguém, a não ser os holandeses, o culpará por isso. — Richard Lister apontou com seu nariz de inflamado trompete para o Gull of Moray. — Parece que meu senhor Cumbrae se ressentia ligeiramente por ser excluído desta reunião. Veja, ele vem se juntar a nós.

O Gavião acabara de lançar um escaler. Estava sendo remado pelo canal agora, em direção a eles, o próprio Cumbrae postado na popa. O bote chocou-se contra o costado do Coddess, e o Gavião começou a escalar a escada de corda para o tombadilho.

— Franky! — saudou a Sir Francis. — Desde que nos separamos, não deixei passar um único dia sem fazer uma prece por você. — Veio em passadas largas pelo convés, sua manta xadrez balançando ao movimento. — E minhas preces foram ouvidas. É um belo galeãozinho o que temos ali, e cheio até a apostura de especiarias e prata, assim ouvi dizer.

— Você deveria ter esperado mais um ou dois dias, antes de desertar de seu posto. Poderia ter uma parte dele.

O Gavião abriu as mãos, divertido.

— Mas, meu caro Franky, o que está querendo dizer? Nunca deixei meu posto. Fiz um curto giro para leste, para ter certeza de que os holandeses não estavam tentando nos passar a perna ficando mais longe no mar. Voltei depressa, tão logo pude. Mas, então, você já se fora.

— Deixe-me lembrá-lo de suas próprias palavras, senhor: "Estou completamente sem paciência. Sessenta e cinco dias são suficientes para mim e meus bravos camaradas."

— Minhas palavras, Franky? — O Gavião meneou a cabeça. — Seus ouvidos devem ter lhe pregado uma peça. O vento o enganou, você não me ouviu direito.

Sir Francis riu ligeiramente.

— Desperdiça seu talento como o maior mentiroso da Escócia. Não há ninguém aqui para você divertir. Richard e eu, ambos o conhecemos muito bem.

Franky, espero que isso não signifique que você tentaria me lesar minha parte justa dos espólios, não? — Mostrou-se triste e incrédulo — Concordo que eu não estava à vista na captura, e não esperaria a partilha ao meio. Dê-me um terço e não ficarei tergiversando. — Respire fundo, senhor. — Sir Francis pousou casualmente a mão no cabo da espada. — Esse aroma de especiarias é toda a parte que terá de mim.

Milagrosamente, o Gavião animou-se e soltou uma estrondosa risada.

— Franky, meu velho e caro companheiro de armas. Venha e jante a bordo de meu navio esta tarde, e poderemos discutir a iniciação de seu rapaz na ordem, com um trago de bom uísque das Terras Altas.

— Então é a iniciação de Hal que o traz de volta para me ver, não é? Não a prata e as especiarias?

— Sei o quanto o rapaz significa para você, Franky — para todos nós. Ele é um grande crédito a você. Todos queremos que se torne um cavaleiro da ordem. Você falou disso muitas vezes. Não é verdade?

Sir Francis olhou para o filho e concordou, quase imperceptivelmente.

— Bem, então não teremos uma oportunidade como esta outra vez num ano. Aqui estamos, três cavaleiros Nautonniers juntos. É o número mínimo que se exige para admitir um acólito ao primeiro grau. Quando encontraríamos outros três cavaleiros para estabelecer uma loja, aqui, além da Linha?

— Que atencioso da sua parte, senhor. E, é claro, isso não tem nenhuma ligação com a partilha de meu butim que estava reclamando, um minuto atrás, não é? — A entonação de Sir Francis era eivada de ironia.

— Não falaremos disso outra vez. Você é um homem honesto, Franky. Jamais lesaria um irmão cavaleiro, lesaria?

Sir Francis retornou pouco antes do turno da meia-noite do jantar com lorde Cumbrae, a bordo do Gull of Moray. Tão logo estava em sua cabine, mandou Oliver chamar Hal.

— No próximo domingo. Três dias a contar de hoje. Na floresta — disse ao filho. — Está arranjado. Abriremos a loja ao nascer da lua, um pouco depois dos dois sinos no segundo turno de vigia.

— Mas, o Gavião — protestou Hal —, o senhor não gosta dele nem confia nele. Ele nos deixou...

— E, no entanto, Cumbrae tinha razão. Podemos nunca ter três cavaleiros reunidos juntos outra vez até que voltemos à Inglaterra. Devo aproveitar esta oportunidade para vê-lo em segurança abrigado

dentro da Ordem. O bom Senhor sabe que poderia não haver outra oportunidade.

— Ficaremos à mercê dele enquanto estivermos em terra — lembrou Hal. — Ele poderia nos fazer de tolos.

Sir Francis meneou a cabeça.

— Jamais ficaremos à mercê do Gavião, não tema por isso. — Levantou-se e foi até seu baú. — Estou preparado para o dia de sua iniciação — Ergueu a tampa. — Aqui está seu uniforme. — Atravessou a cabine com um embrulho nas mãos e deixou cair no catre. — Ponha o. Teremos certeza de que serve em você. — Ergueu a voz e chamou: — Oliver!

O criado aproximou-se de imediato com sua pequena caixa de costura enfiada debaixo do braço. Hal tirou o velho e usado gibão de lona e as calças, e, com a ajuda de Oliver, começou a envergar o uniforme cerimonial da Ordem. Jamais sonhara possuir roupa tão esplêndida.

As meias eram de seda branca, e as calças e colete, de cetim azulescuro as mangas recortadas em ouro. Os sapatos tinham fivelas de prata pesada, e o couro preto polido combinava com o cinto trançado. Oliver penteou os grossos cachos emaranhados e depois colocou o chapéu oficial de cavaleiro na cabeça de Hal. Pegara as mais belas penas de avestruz no mercado em Zanzibar para decorar a aba larga.

Quando Hal estava vestido, Oliver rodeou com ar crítico, a cabeça pendida de lado.

— Está apertado nos ombros, Sir Francis. Mestre Hal fica maior a cada dia. Mas dá para consertar isso num piscar de olhos.

Sir Francis aquiesceu e aproximou-se de novo do baú. O coração de Hal saltou ao ver o manto dobrado nas mãos do pai. Era o símbolo da classe dos cavaleiros que ele estudara com tanto afincamento para alcançar. Sir Francis veio até Hal e abriu-lhe o manto sobre os ombros, fechando depois a fivela no pescoço. O tecido branco caiu até os joelhos, e a cruz escarlata assentou-se em seus ombros.

Sir Francis deu um passo atrás e esquadrinhou o filho atentamente,

— Falta apenas um detalhe — resmungou, e retornou ao baú. De lá, tirou uma espada, porém não uma espada comum. Hal a conhecia bem. Era um legado da família Courtney, mas mesmo assim sua magnificência ainda o deixava admirado. Enquanto trazia até onde ele estava, Sir Francis recitou a Hal sua história e proveniência mais uma vez. — Esta espada pertenceu a Charles Courtney, seu bisavô. Oitenta anos atrás, foi-lhe entregue como prêmio pelo próprio Sir Francis Drake, por sua parte na captura e saque do porto de Rancheria, na parte meridional do mar das Caraíbas. Foi entregue como rendição a Drake pelo governador espanhol, don Francisco Manso.

Estendeu a bainha de ouro e prata marchetado para Hal examinar. Era decorada com coroas e golfinhos e espíritos marinhos reunidos ao redor da figura heróica de Netuno entronizado. Sir Francis inverteu a arma e ofereceu o punho a Hal. Uma enorme safira em estrela estava assentada no botão do punho da espada. Hal sacou a lâmina e viu de imediato que aquilo não era apenas um ornamento de algum almofadinha espanhol. A lâmina era do mais fino aço de Toledo cinzelado de ouro. Flexionou-a entre os dedos e rejubilou-se com sua elasticidade e têmpera.

— Tenha cuidado — advertiu-o seu pai. — Pode se cortar com essa borda.

Hal devolveu a arma à bainha, e seu pai colocou a espada na cesta de couro do cinto de Hal; depois, deu um passo atrás, outra vez, para examiná-lo com olhar crítico.

— O que acha dele? — perguntou a Oliver.

— Só os ombros. — Oliver correu as mãos pelo cetim do colete. — É toda essa luta e prática de esgrima que lhe muda a forma. Terei de refazer as costuras.

— Então, leve-o até a sua cabine e providencie isso. — Sir Francis dispensou a ambos e voltou-se para a escrivaninha. Sentou-se e abriu o diário de capa de couro.

Hal parou à soleira da porta.

— Obrigado, papai. Esta espada... — Tocou a safira ao lado do quadril, porém não encontrou palavras para continuar. Sir Francis resmungou alguma coisa sem erguer os olhos, mergulhou a pena no tinteiro e começou a escrever na página de pergaminho. Hal demorou-se um pouco mais na entrada, até que o pai o encarou, com irritação. Hal recuou e fechou a porta suavemente. Ao se voltar para a passagem, a porta oposta abriu-se e a esposa do governador holandês saiu por ela tão depressa, num farfalhar de sedas, que quase colidiram.

Hal saltou de lado e tirou o chapéu emplumado da cabeça.

— Perdoe-me, senhora.

Katinka parou e o encarou. Examinou-o lentamente, das fivelas de prata reluzentes dos novos sapatos para cima. Quando lhe alcançou os olhos, fitou-o com frieza e disse, baixinho:

— Um filhotinho de pirata vestido como um grande nobre. — Então, de repente, inclinou-se sobre ele até que sua face quase tocasse a de Hal e murmurou: — Verifiquei o painel. Não há abertura. Você não fez a tarefa que lhe designei.

— Meus deveres me mantiveram em terra. Não tive oportunidade — gaguejou ele, enquanto procurava as palavras em latim.

— Providencie isso esta noite mesmo — ordenou ela, e afastou-se. Seu perfume permaneceu no ar, e o colete de veludo pareceu a Hal muito quente e apertado. Sentia o suor escorrer-lhe pelo peito.

Oliver trabalhou no ajuste do colete por um tempo que pareceu a Hal metade do resto da noite. Soltou as costuras, alfinetou e voltou a coser a linha do ombro por duas vezes antes que ficasse satisfeito. Hal fungava de impaciência.

Quando Oliver finalmente saiu, levando todas as novas vestimentas com ele, Hal mal podia esperar para colocar a travessa na porta e se ajoelhar na antepara. Descobriu que o painel estava fixado na esquadria de carvalho por cavilhas de madeira, rente ao madeiramento.

Com a ponta do punhal, ele extraiu e torceu as cavilhas de seus assentos perfurados. Era um trabalho lento, e ele não ousava fazer nenhum barulho. Qualquer golpe ou raspar poderia reverberar pelo navio.

O alvorecer se aproximava quando ele foi capaz de remover a última peça e em seguida deslizar a lâmina da adaga pela junta e abrir o painel. Ele cedeu de repente, com um guincho de madeira contra o quadro de carvalho, rangido que pareceu ser transportado pelo casco, e que possivelmente poderia alarmar tanto Sir Francis como o governador.

Com o fôlego contido, ele esperou que uma terrível retribuição lhe caísse na cabeça, porém os minutos escoaram, e por fim ele pôde respirar direito outra vez.

Desajeitadamente, enfiou a cabeça e os ombros pela abertura retangular. A cabine de toalete de Katinka, além, estava na escuridão, mas o odor do perfume dela tornou-lhe a respiração entrecortada. Hal apurou os ouvidos, mas não conseguiu ouvir nada da cabine principal. Então, o som do sino do navio chegou-lhe debilmente do convés acima, e ele percebeu, com aflição, que era quase o alvorecer e em meia hora seu turno iria começar.

Tirou a cabeça da abertura e recolocou o painel, prendendo-o com as cavilhas de madeira, porém tão de leve que poderiam ser removidas em segundos.

Vai permitir que os homens do Gavião vão a terra. — perguntou Hal respeitosamente ao pai. — Perdoe-me, papai, mas pode confiar assim nele?

— Posso impedi-lo sem provocar uma briga? — respondeu Sir Francis com outra pergunta. — Ele diz que precisa de água e lenha, e não somos donos desta terra ou mesmo desta lagoa. Como posso proibi-lo?

Hal poderia ter continuado com os protestos, mas seu pai o silenciou com um rápido fechar de cenho



e voltou-se para cumprimentar lorde Cumbrae conforme a quilha de seu escaler beijava as areias da praia e ele punha os pés em terra, as pernas a apontarem debaixo da manta forrada de um pêlo amarelado como o de um urso.

— Todas as bênçãos de Deus sobre você nesta adorável manhã, Franky — gritou ele, ao ir na direção deles. Seus pálidos olhos azuis se mexiam inquietos como peixinhos numa lagoa sob as hirsutas sobranceiras ruias.

— Ele vê tudo — murmurou Hal. — Veio para descobrir onde estocamos as especiarias.

— Não podemos esconder as especiarias. Há montanhas delas — disselhe Sir Francis. — Porém, podemos tornar o roubo difícil para ele. — Então, sorriu em frieza para Cumbrae, quando se aproximou. — Espero vê-lo com boa saúde, e que o úisque não tenha atrapalhado seu sono na noite passada, senhor.

— O elixir da vida, Franky. O sangue em minhas veias. — Seus olhos estavam eivados de sangue enquanto disparavam pelo acampamento nos limites da floresta. — Preciso encher minhas barricas de água. Deve haver boa água doce nas imediações.

— Um quilômetro e meio pela lagoa. Há um riacho que vem das colinas.

— Abundante de peixe. — O Gavião gesticulou para as fileiras de estacas fincadas na clareira, nas quais os peixes divididos ao meio jaziam sobre a fumaça de madeira verde. — Mandarei meus rapazes pegarem alguns para nós também. Mas, e carne? Há algum veado ou boi selvagem na floresta?

— Há elefantes, e hordas de búfalos selvagens. Porém todos são ferozes, e mesmo uma bala de mosquete em suas costelas não os abate. Contudo, tão logo o navio seja carenado, pretendo mandar um grupo de caçadores para o interior, além das colinas, para ver se encontramos presa mais fácil.

Era evidente que Cumbrae perguntara por outro motivo, e mal se importou em ouvir a resposta. Quando seus olhos inquietos luziram, Hal seguiu-lhe o olhar. O Gavião descobrira a fila de cabanas cobertas de palha a uns cem passos, por entre as árvores, sob as quais os enormes barris de especiaria se enfileiravam em série.

— Então planeja trazer o galeão à praia e fazer a querena. — Cumbrae desviou os olhos do estoque de especiarias e apontou com a cabeça para o casco do Resolução. — Um plano prudente. Se precisar de ajuda, tenho três carpinteiros de primeira classe.

— É muito amável — disse Sir Francis. — Posso vir a precisar.

— Tudo para ajudar um companheiro cavaleiro. Sei que faria o mesmo por mim. — O Gavião deu-lhe um tapinha caloroso no ombro. — Agora, enquanto meu grupo na praia vai encher de novo as barricas de água, você e eu podemos procurar um lugar adequado para estabelecer nossa loja. Devemos deixar o jovem Hal aqui orgulhoso. É um dia importante para ele.

Sir Francis olhou para Hal.

— Aboli está esperando por você. — Fez um gesto de cabeça na direção de onde o enorme preto se postava pacientemente, um pouco mais distante, na praia.

Hal ficou a observar o pai se afastar com Cumbrae e desaparecer pela trilha para dentro da floresta. Então correu para se juntar a Aboli.

— Estou pronto, por fim. Vamos.

Aboli afastou-se de imediato, a correr pela praia em direção à ponta da lagoa. Hal seguia ao lado dele.

— Não tem varas?

— Iremos cortá-las na floresta. — Aboli bateu no cabo de uma machadinha de mão, cuja cabeça de aço estava enganchada em seu ombro, e desviou-se da praia enquanto falava. Conduziu Hal por um quilômetro e meio ou mais terra adentro, até que chegaram a um bosque cerrado. — Marquei estas árvores mais cedo. Minha tribo as chama de kweti. Delas, faremos as melhores varas de lança.

Enquanto se embrenhavam no matagal denso, houve uma explosão de folhas que voavam e galhos partidos, como se algum enorme animal fugisse à frente. Viram de relance uma pelagem preta sarnenta e um lampejo de grandes chifres salientes.

— Nyati! — disse Aboli a Hal. — O búfalo selvagem. — Deveríamos caçá-lo. — Hal tirou o mosquete do ombro e levou mão, ansioso, à pederneira e ao aço na algibeira para acender a mecha : queima lenta. — Um tal monstro daria carne para todos da guarnição do navio. Aboli sorriu e meneou a cabeça. — Ele o caçaria primeiro. Não existe animal mais feroz em toda a floresta, nem mesmo o leão. Irá rir de suas pequenas balas de chumbo enquanto abre sua barriga com aqueles poderosos espetos que carrega no topo da cabeça. — Tirou o machado do ombro. — Deixe estar o velho nyati, encontraremos outra carne para alimentar a tripulação.

Aboli deu uma machadada na base de um dos kweti mais novos e com uma dúzia de golpes, expôs a raiz bulbosa. Depois de umas poucas machadadas a mais, ergueu a terra, com o tronco junto.

— Minha tribo chama este porrete de iwisa — disse a Hal, enquanto trabalhava —, e hoje eu lhe mostrarei como usá-lo. — Com cortes hábeis, desbastou a extensão do eixo e arrancou a casca. Então cortou a raiz numa bola dura, como a cabeça de um macete. Quando terminou, ergueu o porrete, testando seu peso e equilíbrio. Depois, deixou de lado e procurou por outra árvore. — Precisamos de dois para cada um.

Hal agachou-se nos calcanhares e ficou a observar as lascas de madeira voarem sob o aço.

— Que idade tinha quando os negreiros o capturaram, Aboli? — perguntou, e as mãos negras pararam com a tarefa.

Uma sombra perpassou pelos olhos escuros, mas Aboli começou a trabalhar novamente antes de responder:

— Não sei, apenas era muito jovem.

— Você se lembra disso, Aboli?

— Lembro que era noite quando chegaram, homens de mantos brancos com longos mosquetes. Foi há muito tempo, mas me recordo das chamas na escuridão, quando eles rodearam nossa vila.

— Onde seu povo morava?

— Longe, ao norte. Nas praias de um grande rio. Meu pai era um chefe e no entanto o arrastaram da cabana e o mataram como um animal. Mataram todos os nossos guerreiros, poupando apenas as crianças muito jovens e as mulheres. Acorrentaram-nos juntos em filas, pescoço a pescoço, e nos fizeram marchar por muitos dias, em direção ao nascer do sol, pela costa abaixo. — Aboli levantou-se de repente e apanhou o feixe de porretes que terminara. — Falamos como velhas enquanto deveríamos estar caçando.

Voltou para trás, pelas árvores, pelo caminho por onde tinham vindo. Quando chegaram à lagoa outra vez, olhou para Hal.

— Deixe seu mosquete e o frasco de pólvora aqui. Não terão utilidade para você na água.

Enquanto Hal escondia a arma no mato rasteiro, Aboli escolheu um par dos mais leves e mais retos do iwisa. Quando Hal voltou, estendeu-lhe os porretes.

— Observe. Faça o que eu faço — ordenou, ao tirar as roupas e vadear para os baixios da lagoa. Hal o seguiu, nu, para dentro do espesso feixe de juncos.

Com água pela cintura, Aboli parou e puxou as hastes dos longos juncos sobre a cabeça, apertando-os juntos para formar uma cobertura. Então, afundou na água, deixando apenas a cabeça para fora. Hal se postou não muito longe dele e, com gestos rápidos, fez para si mesmo um teto semelhante de juncos. Podiam ouvir debilmente as vozes do grupo de aguadeiros do Gull e o rumorejar dos remos enquanto se guiam de volta para a ponta da lagoa, onde tinham enchido as barricas de água doce.

— Ótimo! — disse Aboli, baixinho. — Esteja pronto agora, Gundwane! Eles espantarão os pássaros

para nós no ar.

De repente, ouviu-se um ruflar de asas, e o céu encheu-se da mesma vasta nuvem de pássaros que tinham observado antes. Um bando de gansos que se parecia com o marreco inglês, a não ser por seus brilhantes bicos amarelos, voou numa baixa formação em V na direção de onde estavam escondidos.

— Lá vêm eles — avisou Aboli, num sussurro, e Hal ficou tenso, aface para cima para observar o velho ganso macho que conduzia o bando. Suas asas eram como lâminas de faca à medida que cortavam o ar com golpes rápidos e agudos.

— Agora! — gritou Aboli, e levantou-se à plena altura, o braço direito já dobrado para trás com o iwisa no punho. Conforme ele o lançava girando no ar, a fila de patos selvagens abriu-se em leque, em pânico.

Aboli antecipara aquela reação, e seu porrete em giro atingiu o ganso macho no peito e o parou no ar, morto. Ele caiu numa confusão de asas e pés espalmados, penas que voavam, mas, bem antes que se chocasse na água, Aboli lançara o segundo macete. Ele subiu rodando para atingir um pássaro mais jovem no pescoço esticado, derrubando-o perto, ao lado do corpo flutuante do velho ganso macho.

Hal lançou seus próprios porretes em rápida sucessão, porém ambos passaram ao largo da marca, e o bando disperso voou para longe, por sobre os canteiros de junco.

— Logo você vai aprender, passou perto em ambos os arremessos encorajou-o Aboli, ao se enfiar por entre os juncos, primeiro para pegar os pássaros mortos e depois para recuperar seus iwisas. Deixou as duas carcaças a flutuar numa poça de água aberta à frente, e, em questão de minutos, tinham engodado outro bando de clângulas que descera até quase o topo dos juncos antes que ele os atingisse.

— Bom arremesso, Gundwane! — Aboli riu para Hal quando este vadeou pela água para apanhar outros dois pássaros mortos. — Chegou mais perto. Logo vai atingir um.

A despeito daquela profecia, era quase metade da manhã quando o rapaz abateu seu primeiro pato. Mesmo assim, estava de asa quebrada, e Hal teve de mergulhar e nadar pela lagoa antes de pôr a mão nele e torcer-lhe o pescoço. No meio do dia, os pássaros pararam de voar e pousaram em águas mais profundas, onde não poderiam ser alcançados.

— Já chega! — Aboli pôs um fim à caçada e recolheu as peças abatidas.

De uma árvore à beira d'água, cortou tiras de casca e torceu-as para amarrar os patos mortos em pencas. Fizeram uma carga quase pesada demais até mesmo para seus ombros largos, porém Hal carregava seu mísero fardo sem dificuldade, ao voltarem ao longo da praia.

Quando chegaram à volta da ponta e puderam olhar para a baía onde os três navios jaziam ancorados, Aboli deixou cair os pássaros mortos na areia.

— Vamos descansar aqui. — Hal afundou-se ao lado dele, e por um instante ficaram sentados em silêncio, até que Aboli perguntou: — Por que o Gavião veio aqui? O que seu pai disse?

— O Gavião disse que veio para abrir uma loja para minha iniciação. Aboli fez um gesto de assentimento.

— Em minha própria tribo, o jovem guerreiro tinha de entrar na cabana de circuncisão antes de se tornar um homem.

Hal estremeceu e tocou sua virilha como se para verificar se tudo ainda estava no lugar.

— Fico contente que não tenha de me submeter à faca, como você.

— Mas essa não é a verdadeira razão pela qual o Gavião nos seguiu até aqui. Ele segue seu pai como a hiena segue o leão. O cheiro de traição é forte nele.

— Meu pai o sentiu também — assegurou-lhe Hal baixinho. — Mas estamos à sua mercê, pois o Resolução não tem o mastro principal e os canhões estão fora dele.

Ambos olharam pela lagoa, para o Gull of Moray até que Hal se agitou, inquieto.

— O que o Gavião está aprontando agora?

O escaler do Gull era remado de seu costado para onde o cabo da âncora se afundava na lagoa. Observaram a tripulação agarrar-se a ele e trabalhar ali por vários minutos.

— Estão protegidos da vista da praia para que meu pai não possa perceber o que estão aprontando.

— Hal estava pensando alto. — E têm um ar furtivo, e não gosto disso nem um pouco.

Enquanto ele falava, os homens terminaram sua tarefa secreta e começaram a remar de volta para o costado do Gull. Agora Hal podia perceber que estavam esticando um segundo cabo sobre a popa conforme se afastavam. Diante disso, ele saltou de pé, agitado.

— Estão puxando uma regeira da âncora! — exclamou.

— Uma regeira? — Aboli encarou-o. — Por que fariam isso?

— Para que, com alguns giros do cabrestante, o Gavião possa virar seu navio em qualquer direção que escolha.

Aboli postou-se ao lado dele, a expressão grave.

— Assim ele pode virar seu costado de canhões para nosso navio indefeso ou varrer nosso acampamento na praia com metralha — disse. — Precisamos voltar depressa para avisar o capitão.

— Não, Aboli, não corra. Não devemos alertar o Gavião para o fato de que vimos seu truque.

Sir Francis ouviu atentamente aquilo que Hal dizia, e quando seu filho terminou, coçou o queixo, com ar reflexivo. Então, seguiu até a amurada do Resolução e ergueu casualmente a luneta até o olho. Fez um lento reconhecimento pela larga expansão da lagoa, mal parando quando seu olhar passou pelo Gull, de maneira que ninguém pudesse notar seu súbito interesse no navio do Gavião. Então, fechou a luneta e voltou até onde Hal esperava. Havia respeito nos olhos de Sir Francis quando disse:

— Muito bem, meu rapaz. O Gavião está aprontando seus truques costumeiros. Você tinha razão. Eu estava na praia e não pude vê-lo colocando

aregeira. Poderia nunca tê-la percebido. — Vai ordenar que ele a retire, papai? Sir Francis sorriu e meneou a cabeça.

— Melhor não deixá-lo saber que percebemos sua intenção.

— Mas o que podemos fazer?

— Já tenho as colubrinhas na praia apontadas para o Gull. Daniel e Ned avisaram cada homem..

— Mas, papai, não há artimanha que possamos preparar para o Gavião que se compare à surpresa que ele claramente planeja contra nós, não é? — Em sua agitação, Hal encontrara coragem para interromper, mas seu pai fechou o cenho e sua resposta foi dura.

— Sem dúvida, você tem uma sugestão, mestre Henry.

Diante daquele tratamento formal, Hal se viu alertado para a raiva crescente do pai e imediatamente mostrou-se contrito.

— Perdoe minha presunção, papai, não pretendia ser impertinente.

— Fico contente em ouvir isso. — Sir Francis começou a se afastar, as costas ainda rígidas.

— Meu bisavô, Charles Courtney, não estava com Drake na batalha de Gravelines?

— Estava, realmente. — Sir Francis se voltou. — Mas como você já sabe a resposta muito bem, não é uma estranha pergunta para me fazer agora?

— Então, pode muito bem ter sido meu próprio bisavô quem propôs a Drake o uso dos navios do demônio contra a Armada Espanhola enquanto ela estava ancorada em Calais, não pode?

Sir Francis virou lentamente a cabeça e olhou para o filho. Começou a sorrir e então a casquinar, e, por fim, explodiu numa gargalhada.

— Deus do céu, mas o sangue dos Courtney corre de verdade em suas veias! Desça até minha cabine agora e mostre-me o que tem em mente.

Sir Francis postou-se por trás do ombro de Hal enquanto ele desenhava um projeto na lousa.

— Não precisam ter construção rija, pois não irão longe, e não terão mares duros a enfrentar — explicou Hal, com deferência.

— Sim, mas, uma vez lançados à água, deveriam ser capazes de manter um curso firme e ainda carregar um bom peso em carga — murmurou seu pai, e tomou o giz da mão do filho. Desenhou umas poucas linhas na lousa. — Poderemos trancafiar dois cascos juntos. Assim, eles não seriam capturados ou consumidos antes que chegassem a seu destino.

— O vento tem ficado firme do sudeste desde que estamos ancorados aqui — disse Hal. — Não há sinal de que vá enfraquecer. Portanto, poderemos mantê-los na direção do vento. Se os colocarmos na pequena ilha pelo canal, o vento trabalhará por nós quando os lançarmos.

— Muito bem — concordou Sir Francis. — De quantos precisaremos? — Podia ver quanto prazer dava ao rapaz consultando-o daquela maneira.

— Drake mandou oito contra a Invencível Armada, porém não temos tempo para construir tantos. Cinco, talvez? — Ergueu os olhos para o pai, e Sir Francis concordou de novo.

— Sim, cinco, talvez. De quantos homens precisaremos? Daniel deve ficar no comando das colubrinhas na praia. O Gavião pode acionar sua armadilha antes que estejamos prontos. Porém, mandarei Ned Tyler o carpinteiro para ajudá-lo a construí-los... e Aboli, é claro.

Hal olhou para o pai com admiração e respeito.

— Confiará a mim o encargo da construção? — perguntou.

— É seu plano; portanto, se falhar, devo ser capaz de lançar a culpa toda sobre você — retrucou seu pai, com apenas um ligeiro sorriso nos lábios. — Pegue seus homens e vá para praia de imediato para começar o trabalho. Porém, seja circunspecto. Não facilite com o Gavião.

Os machadeiros de Hal limpam uma pequena clareira no lado mais afastado da ilha densamente coberta de floresta, do outro lado do canal, onde estavam ocultos do Gull of Moray. Depois de uma volta em círculo pela floresta em terra firme, ele pudera transportar seus homens e o material para o outro lado da ilha, fora da vista dos vigias na nau do Gavião.

Naquela primeira noite, trabalharam à luz bruxuleante de tochas encharcadas de breu até a meia-noite. Todos estavam cientes da urgência da tarefa, e quando ficaram exaustos, simplesmente se lançaram na cama macia de folhas sob as árvores e dormiram até que a alvorada trouxe luz suficiente para recomeçar o trabalho.

Pelo meio-dia, na manhã seguinte, as cinco estranhas embarcações estavam prontas para serem transportadas de seu local escondido no matagal para a beira da lagoa. Com a maré baixa, Sir Francis atravessou pelo vau de terra firme e seguiu o caminho pela trilha através da densa floresta que recobria a ilha, para inspecionar o trabalho. Fez um gesto de dúvida.

— Espero sinceramente que flutuem — resmungou, ao contornar uma das naus desajeitadas.

— Só saberemos quando as lançarmos na água pela primeira vez. — Hal estava cansado, e seu temperamento, exacerbado. — Mesmo para agradá-lo, papai, eu não poderia fazer uma demonstração prévia, beneficiando lorde Cumbræ.

O pai encarou, ocultando a surpresa. O filhotinho se transforma num jovem cão e aprende a rosnar, pensou, com uma pontada de orgulho paternal. Exige respeito e, verdade seja dita, faz por merecê-lo.

Em voz alta, disse:

— Saiu-se bem no tempo que tinha. Tais palavras baniram, em definitivo, a raiva de Hal. — Mandarei homens descansados para ajudá-lo a transportá-las e colocá-las no matagal.

Hal estava tão cansado que mal conseguia se arrastar para cima da escada de corda que levava à amura de embarque do Resolução. Porém, embora sua tarefa estivesse completa, seu pai não iria deixá-lo

escapar para a cabine.

— Estamos ancorados diretamente atrás do Gull. — Sir Francis apontou pelo canal iluminado pelo luar para a forma escura do outro navio. — Já pensou o que poderá acontecer se uma de suas embarcações diabólicas passar além da marca e vier sobre nós, aqui? Sem mastro como estamos, não poderemos manobrar o navio.

— Aboli já cortou longas estacas de bambu na floresta. — A entonação de Hal não conseguia ocultar que ele estava exausto até os ossos. — Nós as usaremos para desviar de nós quaisquer barcos errantes e mandálos sem danos para a praia além. — Voltou-se e apontou na direção de onde as fogueiras do acampamento fulguravam entre as árvores. — O Gavião será tomado de surpresa e não estará equipado com estacas de bambu.

Por fim, seu pai estava satisfeito.

— Vá descansar agora. Amanhã à noite, abriremos a loja, e você deve ser capaz de dar as respostas ao catecismo.

Hal voltou relutante do abismo do sono no qual afundara. Por alguns instantes, não teve certeza do que o acordara. Então, o suave rangido surgiu de volta, vindo da antepara. No mesmo instante, estava completamente desperto, cada vestígio de fadiga esquecido. Rolou para fora do catre e ajoelhou-se diante do painel. O raspar era agora impaciente, exigente. Ele tamborilou uma resposta rápida no madeiramento e depois tateou a escuridão para localizar o pino do orifício de espia. No momento em que o removeu, um raio amarelado de luz de lampião brilhou pelo buraco, mas foi cortado quando Katinka colocou os lábios no lado oposto e murmurou, com voz zangada:

— Onde esteve na noite passada?

— Tinha deveres em terra — murmurou ele de volta.

— Não acredito em você — disselhe ela. — Tentou escapar de sua punição. Você me desobedeceu deliberadamente.

— Não, não, eu não iria...

— Abra este painel agora mesmo.

Ele levou a mão para o punhal que pendia em seu cinto, no gancho ao pé do catre, e arrancou as cavilhas. O painel soltou-se em suas mãos com apenas um leve som rascante. Ele colocou-o de lado, e um quadrado de luz suave passou pela escotilha improvisada.

— Venha — ordenou a voz de Katinka, e ele se esgueirou pela abertura. Era um espaço apertado, porém, depois de algum esforço, Hal se

viu com as mãos e os joelhos no convés da cabine dela. Começou a se erguer, mas ela o impediu.

— Fique onde está.

Hal fitou-a quando ela se postou diante dele. Estava vestida numa florida camisola de algum material transparente. Seus cabelos estavam soltos e pendiam em esplendor até a cintura. A luz do lampião se filtrava pela roupa e lhe contornava a silhueta do corpo, o lustro de sua pele a reluzir através das dobras diáfanas de seda.

— Você não tem vergonha — disselhe Katinka, quando ele se ajoelhou diante dela como se ela fosse a imagem sagrada de uma santa. — Veio até mim nu. Não me demonstra respeito.

— Sinto muito — gaguejou ele. Em sua ansiedade para obedecer Katinka, ele se esquecera da própria nudez, e agora cobria com as mãos em concha as partes privadas. — Não pretendia desrespeitá-la.

— Não! Não cubra sua vergonha. — Ela se inclinou e lhe puxou as mãos.

Ambos olharam para o pênis. Viram-no lentamente se distender e engrossar, a se erguer na direção de Katinka, o prepúcio a recuar por sua própria conta.

— Não há nada que eu possa fazer para impedir esse comportamento revoltante? Está mergulhado nas malhas de Satã?

Pegou um punhado dos cabelos de Hal e puxou-o para cima, obrigando-oa ficar de pé e a segui-la até a esplêndida cabine onde ele pusera os olhos pela primeira vez naquela beleza.

Empurrou para a cama e sentou-se, a encará-lo. A saia de seda branca se abriu e caiu para os lados das longas coxas esguias. Ela torceu-lhe o punhado de cabelos e disse, numa voz de repente ofegante:

— Você deve me obedecer em todas as coisas, seu filho de pirata. Suas coxas se afastaram e ela empurrou-lhe o rosto para baixo, apertando—

ocom força contra as entrepernas, para os cachos incrivelmente macios e sedosos de pêlos dourados.

Ele sentiu o cheiro de mar nela, de sal e iodo, o aroma de coisas vivas dos oceanos, o odor cálido e suave das ilhas, de ondas salgadas quebrando numa praia banhada de sol. Saboreou aquele fabuloso aroma pelas narinas infladas e depois traçou o contorno da sua fonte com os lábios.

Katinka jogou o corpo para a frente, escorregando pelas cobertas de cetim para lhe encontrar a boca, as coxas mais abertas, e ergueu os quadris para se abrir para ele. Com o punhado de cabelos nas mãos, moveu-lhe a cabeça para guiá-lo até aquele pequeno botão cor-de-rosa, de carne rija, que se aninhava na fenda escondida. Quando ele o encontrou com a ponta da língua, ela arquejou e começou a se contorcer contra a face de Hal como se cavalgasse nua um garanhão em galope. E se pós a dar gritinhos incoerentes e contraditórios.

— Oh, pare! Por favor, pare! Não! Não pare! Continue para sempre! Então, de repente, puxou-lhe a cabeça de entre as coxas abertas e

caiu de costas, sobre as cobertas, arrastando-o para cima de si. Hal sentiu os duros tornozelos de Katinka se enterrarem na parte inferior de suas costas, conforme ela enrodilhava as pernas em torno dele, e as unhas, como facas, a lhe cortarem os músculos tensos dos ombros. Então a dor desapareceu, perdida na sensação escorregadia de calor envolvente quando ele deslizou para dentro dela; sufocou os gritos no emaranhado louro daqueles cabelos.

Os três cavaleiros tinham estabelecido a loja no declive das colinas acima da lagoa, ao pé de uma pequena cascata que caía numa bacia de água escura rodeada por árvores altas cheias de líquens e cipós.

O altar ficava dentro do círculo de pedras, a fogueira a queimar diante dele. Assim, todos os antigos elementos estavam representados. A lua estava em seu primeiro quarto, significando renascimento e ressurreição.

Hal esperou sozinho na floresta enquanto os três cavaleiros da Ordem abriam a loja no primeiro grau. Depois, seu pai, a espada nua na mão, veio caminhando pela escuridão para buscá-lo e o conduziu pela trilha.

Os outros dois cavaleiros aguardavam, ao lado da fogueira, no círculo sagrado. Suas espadas estavam desembainhadas, as lâminas a reluzir sob o reflexo das chamas. Sobre a pedra do altar, num pano de veludo ele viu a forma da espada de Netuno de seu bisavô. Pararam do lado de fora do círculo de pedras, e Sir Francis pediu licença para entrar na loja.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

— Quem entraria na Loja do Templo da Ordem de São Jorge e do Santo Graal? — estrondeou lorde Cumbrae numa voz que ressoou pelas colinas, sua longa espada escocesa de dois gumes a cintilar em seu punho cabeludo.

— Um noviço que se apresenta para iniciação aos mistérios do templo — retrucou Hal.

— Entre com risco de sua vida eterna — advertiu-o Cumbrae, e Hal entrou para o círculo. De súbito, o ar pareceu mais frio, e ele estremeceu, mesmo enquanto se ajoelhava na radiância do fogo.

— Quem apadrinha este noviço? — indagou o Gavião.

— Eu o faço. — Sir Francis deu um passo à frente, e Cumbrae voltou-se para Hal.

— Quem é você?

— Henry Courtney, filho de Francis e Edwina.

O longo catecismo começou, enquanto o eixo estrelado do firmamento girava lentamente por sobre as cabeças e as chamas da fogueira perdiam o vigor.

Passava da meia-noite quando, por fim, Sir Francis ergueu a cobertura de veludo da espada de Netuno. A safira no punho refletiu um pálido feixe azul de luar nos olhos de Hal enquanto o pai lhe colocava a empunhadura nas mãos.

— Sob esta espada você confirmará os dogmas de nossa fé.

— Nessas coisas eu creio — começou Hal —, e as defenderei com minha vida. Creio que existe apenas um Deus na Trindade, o Pai eterno, o Filho eterno e o Espírito Santo eterno.

— Amém! — entoaram em coro os três cavaleiros Nautonniers.

— Creio na comunhão da Igreja da Inglaterra, e no divino direito de seu representante na terra, Carlos, rei de Inglaterra, Escócia, França e Irlanda, Defensor da Fé.

Amém!

Assim que Hal recitou suas crenças, Cumbrae chamou-o para fazer os votos da classe da cavalaria.

— Apoiarei a Igreja da Inglaterra. Confrontarei os inimigos de meu senhor soberano, Carlos. — A voz de Hal tremia de convicção e sinceridade. — Renuncio a Satã e todos os seus trabalhos. Abstenho-me de todas as falsas doutrinas e heresias e cismas. Voltarei minha face para longe de todos os outros deuses e seus falsos profetas.

— Protegerei o fraco. Defenderei o peregrino. Socorrerei o necessitado e aqueles que precisam de justiça. Erguerei a espada contra o tirano e o opressor.

— Defenderei os locais sagrados. Procurarei e protegerei as preciosas relíquias de Jesus Cristo e Seus Santos. Jamais abandonarei minha busca pelo Santo Graal que continha Seu sangue sagrado.

Os cavaleiros Nautonniers fizeram o sinal-da-cruz quando ele pronunciou esse juramento, pois a busca do Graal estava no centro de sua crença. Era a coluna granítica que sustentava o teto de seu templo.

— Comprometo-me à Estrita Observância. Obedecerei ao código de minha Cavalaria. Abster-me-ei da libertinagem e da fornicação — a língua de Hal se atrapalhou com a palavra, mas ele se recobrou depressa —, e honrarei meus companheiros cavaleiros. Acima de tudo mais, mantereí segredo de todos os procedimentos de minha loja.

— E possa o Senhor ter misericórdia de sua alma! — entoaram em uníssono os três cavaleiros Nautonniers. Então, deram um passo à frente e formaram um anel em torno do noviço ajoelhado. Cada um pousou a mão em sua cabeça inclinada, e a outra no punho de sua espada, as mãos sobrepostas umas às outras.

— Henry Courtney, seja bem-vindo à sociedade do Graal. Nós o aceitamos como irmão cavaleiro do Templo da Ordem de São Jorge e do Santo Graal.

Richard Lister falou primeiro, em sua sonora voz galesa, quase cantando sua bênção:

— Eu lhe dou as boasvindas ao templo. Possam as águas dos oceanos distantes se abrir largas diante da proa de seu navio, e possa a força do vento empurrá-lo.

Então Sir Francis Courtney falou, com a mão firmemente posta sobre a testa de Hal.

— Eu lhe dou as boasvindas ao templo. Possa você sempre ser verdadeiro para com seus votos, para com seu Deus e para consigo mesmo.

Então, os cavaleiros Nautonniers o ergueram de pé e, um após o outro, o abraçaram. As suíças de lorde Cumbrae eram duras e picavam como uma guirlanda de espinhos.

Tenho um porão cheio com minha parte das especiarias que ambos tomamos do Heerlycke Nacht,



suficiente para eu comprar um castelo e cinco mil acres das mais belas terras em Gales — disse Richard Lister, enquanto apertava a mão direita de Sir Francis na sua, usando o aperto secreto de mãos dos Nautonniers.— E tenho uma esposa jovem e dois filhos robustos em quem não ponho os olhos em três anos. Um ligeiro descanso em lugares verdes e agradáveis com aqueles a quem amo e depois, eu sei, o vento irá me convocar. Talvez possamos nos encontrar de novo em águas distantes, Francis.

— Siga a maré de seu coração, então, Richard. Agradeço por sua amizade e pelo que fez por meu filho. — Sir Francis correspondeu ao aperto. — Espero um dia dar as boas-vindas a seus dois rapazes no templo.

Richard virou-se em direção ao seu escaler, que esperava, mas hesitou e voltou atrás. Colocou um braço em torno dos ombros de Sir Francis, e sua fisionomia estava séria, a voz baixa, enquanto dizia:

— Cumbrae me fez uma proposta com relação a você, mas não gostei disso na cara. Tome cuidado, Franky, e durma com um olho aberto enquanto ele estiver a seu redor.

— Você é um bom amigo — disse Sir Francis, e ficou a observar Richard seguir para o escaler e cruzar a lagoa para o Goddess. Assim que ele subiu a escada para o tombadilho superior, a tripulação içou a âncora. Todas as velas enfunadas, a nau deslizou pelo canal, baixando seu pendão em despedida enquanto desaparecia entre as pontas para o mar aberto.

— Agora, temos apenas o Gavião para nos fazer companhia. — Hal olhou para o Gull of Moray, que estava atracado no centro do canal, seus botes em torno a descarregar barricas de água, feixes de lenha e peixe defumado para dentro dos porões.

— Faça os preparativos para levar o navio à praia, por favor, Sr. Courtney — retrucou Sir Francis, e Hal endireitou a espinha. Não estava acostumado com seu pai se dirigindo a ele assim. Era estranho ser tratado como um cavaleiro e um oficial pleno, em vez de um alferes. Mesmo seu modo de se vestir mudara com o novo status. Seu pai lhe providenciara a camisa de fino algodão branco de Madras, assim como as novas calças de molesquim, tecido forte de algodão que parecia macio como seda contra sua pele depois da aspereza da lona rude que usara até aquele dia.

Ficou ainda mais surpreso quando o pai teve a deferência de explicar a ordem.

— Devemos prosseguir com nossas atividades como se não suspeitássemos de traição. Além disso, o Resolução estará mais seguro na praia, se ocorrer uma luta.

— Compreendo, senhor. — Hal olhou para o sol para avaliar a hora. — A maré estará boa para isso aos dois sinos no turno matutino de amanhã. Estaremos preparados.

Durante todo o resto daquela manhã, a tripulação do Gull comportou-se como a de qualquer outro navio se preparando para o mar, e embora Daniel e seus artilheiros, com canhões carregados e apontados e mechas queimando, observassem o Gull de seus postos escondidos enterrados no solo arenoso, ao longo da fimbria da floresta, não havia pistas de traição.

Um pouco antes do meio-dia, o próprio lorde Cumbrae remou para terra e foi encontrar Sir Francis onde estava, ao pé da fogueira sobre a qual um caldeirão de breu borbulhava, pronto para começar a calafetagem do casco do Resolução, quando fosse querenado.

— É adeus, então. — Abraçou Sir Francis, lançando o grosso braço ruivo em torno de seus ombros. — Richard tinha razão. Não existe presa a ser capturada se nos sentarmos aqui na praia e rasparmos nossos costados.

— Então, está pronto para zarpar? — Sir Francis manteve a entonação uniforme, sem trair seu espanto.

— Com a maré de amanhã de manhã, partirei. Mas detesto deixá-lo, Franky. Não tomaria um último trago a bordo do Gull comigo agora? Estou ansioso para discutir com você minha parte do dinheiro pelo apresamento do Standvastigheid.

— Meu senhor, sua parte é nada. Isso encerra nossa discussão, e eu lhe desejo bons ventos.

Cumbrae soltou uma gargalhada explosiva.

— Sempre adorei seu senso de humor, Franky. Sei que você só quer me poupar o trabalho de carregar aquela pesada carga de especiarias de volta ao estuário de Forth. — Voltou-se e apontou com a barba cacheada para as especiarias estocadas sob as árvores da floresta. — Portanto, deixarei que faça isso por mim. Porém, nesse ínterim, confio em que manterá uma contabilidade justa de minha parte e a entregará a mim quando nos encontrarmos da próxima vez... mais o juro usual, é claro.

— Confio no senhor da mesma forma, milorde.. — Sir Francis ergueu o chapéu e varreu a areia com as plumas, ao fazer uma medida.

Cumbrae retornou para a proa e, ainda a soltar gargalhadas, acomodou-se no escaler e seguiu remando para o Gull.

Durante o transcurso da manhã, os reféns holandeses tinham sido levados para terra e instalados nos novos alojamentos que Hal e seu grupo haviam construído para eles. As acomodações eram localizadas bem longe da lagoa e separadas do conjunto em que a tripulação do Resolução estava abrigada.

Agora o navio estava vazio e pronto para ser levado à praia. Conforme a maré subia pelas pontas, a tripulação, sob a direção de Ned Tyler e Hal, começou a rebocar a nau em direção à praia. Tinham prendido os mais fortes moitões e cadernais nas maiores das árvores. Foram amarrados à proa e à popa do Resolução pesados cabos de reboque, e com cinqüenta homens a estirar as linhas, o navio veio em paralelo para a praia.

Quando seu fundo tocou a areia branca, eles o prenderam ali. A medida que a maré recuava, viraram-no de querena com a talha amarrada à mezena e aos mastros de proa que ainda estavam enfiados. O navio adernou a pique até que os mastaréis da gávea tocaram as copas das árvores. O lado inteiro de estibordo de seu casco, assim como aquilha, estava exposto, e Sir Francis e Hal vadearam a água para inspecioná-lo. Ficaram satisfeitos em descobrir apenas ligeiros sinais de infestação de teredos.

Um pouco de seções do emplacamento tinham de ser substituídas e o trabalho começou de imediato. Quando a escuridão caiu, foram acesas tochas, pois a obra no casco continuaria até que o retorno da maré o interrompesse. Quando isso aconteceu, Sir Francis foi jantar em seus novos alojamentos, enquanto Hal dava ordens para proteger o casco durante a noite. As tochas foram apagadas, e Ned levou os homens para o jantar atrasado. Hal não estava faminto por comida. Seu apetite era de uma ordem diferente, mas levaria pelo menos outra hora para que ele pudesse satisfazê-lo. Sozinho na praia, estudou o Gull pela faixa estreita de água. Parecia que se acomodara tranquilamente para a noite. Seus pequenos botes ainda jaziam ao lado, porém não tomaria muito tempo içá-los a bordo e fechar as escotilhas. Virou-se e voltou para as árvores. Caminhou até a linha do posto de artilharia, conversando baixinho com os homens de vigia atrás das colubrinhas. Verificou mais uma vez o assentamento de cada uma, certificando-se de que estavam realmente miradas para a forma escura do Gull que jazia num fulgor do reflexo das estrelas na calma e escura lagoa.

Por um momento, sentou-se perto de Daniel Grande, pendurando as pernas no ressalto da arma.

— Não se preocupe, Sr. Henry. — Mesmo Daniel usava a nova e mais respeitosa forma de tratamento com naturalidade. — Estamos mantendo

um olho firme naquele bastardo de barba ruiva. Pode ir e comer seu jantar.

— Quando foi a última vez que dormiu, Daniel? — perguntou Hal.

— Não se preocupe comigo. O turno logo vai mudar. Serei rendido por Timothy.

Do lado de fora de sua cabana, Hal encontrou Aboli sentado quieto como uma sombra ao lado do fogo, esperando por ele com uma tigela que continha pato assado e nacos de pão, e uma caneca de cerveja fraca.

— Não estou com fome, Aboli — protestou Hal.

— Coma. — Aboli enfiou-lhe a tigela nas mãos. — Precisarás de força

para a tarefa que jaz diante de você esta noite. Hal aceitou a tigela, porém tentou desvendar a expressão de Aboli e ler nela o significado mais profundo de sua admoestação. A luz da fogueira dançava naquelas feições escuras e enigmáticas, como as de um ídolo pagão, realçando-lhe as tatuagens nas faces; porém os olhos estavam imperscrutáveis. Hal usou o punhal para dividir o pedaço do pato em dois e ofereceu uma porção a Aboli. — Que tarefa é essa que tenho de realizar? — perguntou, cauteloso. Aboli pegou um pedaço do peito do pato e deu de ombros, enquanto mastigava.

— Você deve ter cuidado para não arrancar suas partes mais tenras num espinho quando passar pelo buraco na paliçada, para cumprir seu dever.

A mandíbula de Hal parou de se mover e o pato em sua boca perdeu o sabor. Aboli devia ter descoberto a estreita passagem pela cerca de espinhos, atrás da cabana de Katinka, que Hal deixara aberta com tanto segredo.

— Há quanto tempo sabe? — perguntou, de boca cheia.

— Não deveria saber? — perguntou Aboli. — Seus olhos são como a lua cheia, quando você olha numa certa direção, e ouvi seus berros como de um búfalo ferido que vinham da popa, à meia-noite.

Hal estava estupefato. Fora tão cuidadoso e dissimulado.

— Acha que meu pai sabe? — perguntou, com ansiedade.

— Você ainda está vivo — ponderou Aboli. — Se ele soubesse, não poderia estar.

— Você não contaria a ninguém? — murmurou Hal. — Principalmente, não a ele?

— Principalmente, não a ele — concordou Aboli. — Porém, tome cuidado para não cavar sua própria cova com essa espada entre suas pernas.

— Eu o amo, Aboli — sussurrou Hal. — Não consigo dormir pensando nela.

— Não ouvi você dormindo. Acho que poderia acordar toda a guarnição do navio com sua insônia.

— Não caçoe de mim, Aboli. Morrerei por falta dela.

— Então preciso salvar sua vida levando-a até lá.

— Iria comigo? — Hal estava chocado com a oferta.

— Esperarei no buraco na paliçada. Para protegê-lo. Você pode precisar de minha ajuda se o marido o encontrar no lugar em que gostaria de estar.

— Aquele animal gordo! — exclamou Hal, furioso, sentindo que detestava o homem de todo o coração.

— Gordo, talvez. Matreiro, quase com certeza. Poderoso, sem dúvida. Não o subestime, Gundwane.

— Aboli levantou-se. — Irei primeiro, para ter certeza de que o caminho está limpo.

Os dois se esgueiravam em silêncio pela escuridão, e pararam nos fundos da paliçada.

— Não tem de esperar por mim, Aboli — murmurou Hal. — Eu posso me demorar um pouco.

— Se não se demorasse, eu ficaria desapontado com você — disse Aboli a Hal em sua própria língua. — Lembre-se sempre deste conselho, Gundwane, pois lhe será útil em todos os dias de sua vida. A paixão de um homem é como um fogo em grama alta e seca, quente e furioso, mas logo se acaba. Uma mulher é como o caldeirão de um mágico, que deve cozinhar em fogo lento sobre as brasas até que possa produzir sua magia. Seja rápido em todas as coisas, a não ser no amor.

Hal suspirou na escuridão.

— Por que as mulheres são tão diferentes de nós, Aboli?

— Graças a todos os seus deuses, e aos meus também, que são. — Os dentes de Aboli luziram na escuridão enquanto ele ri. Empurrou Hal gentilmente para a abertura. — Se você chamar, estarei aqui.

O lampião ainda queimava na cabana de Katinka. Os feixes de luz amarela brilhavam nos locais mais

desprotegidos do teto de sapé. Hal encostou o ouvido à parede, mas não ouviu vozes. Tentou a porta, que se abriu num estalo. Espiou para dentro, para a enorme cama de dossel que seus homens tinham carregado da cabine dela, no Resolúção. As cortinas estavam fechadas para manter longe os insetos, de maneira que ele não poderia ter certeza de que havia apenas uma pessoa atrás.

Sem qualquer ruído, ele se esgueirou pela porta e chegou até a cama. Ao tocar as cortinas, uma pequena mão branca estendeu-se por entre as dobras, segurou-lhe a mão estendida e puxou-o para dentro.

— Não fale! — sussurrou Katinka. — Não diga uma palavra! Seus dedos correram ansiosos para os botões da frente da camisa,

abrindo-a até a cintura, e depois suas unhas se enterraram dolorosamente no peito de Hal.

Ao mesmo tempo, sua boca cobria a dele. Ela jamais o beijara antes, e o calor e a suavidade de seus lábios o deixaram aturdido. Hal tentou agarrar-lhe os seios, mas Katinka segurou-o pelos punhos e empurrou para o lado, enquanto sua língua deslizava para dentro da boca de Hal e se trançava com a dele, a escorregar e se retorcer como uma enguia viva, excitando-o e provocando-o lentamente, para um nível mais alto do que antes.

Então, ainda a lhe prender as mãos para o lado, ela forçou-o a deitar de costas. Seus dedos rápidos voaram para abrir as calças de molesquim e depois, num farfalhar de sedas e rendas, ela sentou-se sobre os quadris de Hal e o comprimiu contra as cobertas de cetim. Sem usar as mãos, contorceu a pelve até encontrá-lo e sugou-o para dentro de seu calor secreto.

Muito mais tarde, Hal caiu num sono tão profundo, que era como uma pequena morte.

Uma mão insistente em seu braço nu o acordou, e ele saltou, alarmado.

— O que... — começou, mas a mão fechou-se sobre sua boca e lhe cortou as próximas palavras.

— Gundwane! Não faça barulho. Ache suas roupas e venha comigo. Depressa!

Hal rolou para fora da cama com cuidado para não perturbar a mulher ao lado, e achou as calças onde Katinka as jogara.

Nenhum dos dois falou outra vez até que tinham saído pela fenda na paliçada. Lá, pararam, enquanto Hal erguia os olhos para o céu e via, pelo ângulo do grande Cruzeiro do Sul com o horizonte, que faltava apenas uma hora ou pouco mais para o amanhecer. Aquela era a hora perigosa, em que todos os recursos humanos estavam em sua maré mais baixa. Hal olhou de volta, para a forma escura de Aboli.

— O que é Aboli? — indagou. — Por que me chamou?

— Ouça! — Aboli pousou-lhe a mão no ombro, e Hal deixou pender a cabeça.

— Não ouço nada.

— Espere! — Aboli apertou-lhe o ombro, pedindo silêncio. Então, Hal ouviu, distante e débil, abafada pelas árvores, uma descontrolada risada.

— Onde...? — Hal estava intrigado.

— Na praia.

— Pelas chagas de Cristo! — exclamou Hal. — Que bruxaria é essa agora? — Começou a correr, com Aboli ao lado, rumo à lagoa, tropeçando na escuridão no chão irregular da floresta, com os galhos mais baixos a lhes vergastarem as faces.

Ao chegarem às primeiras cabanas do acampamento, ouviram mais barulho adiante, um retalho de uma canção ininteligível e uma vaia de risadas enlouquecidas.

— Os canhões. — Hal ofegou, e viu, naquele momento, no último lampejo de uma fogueira que morria, uma pálida forma humana adiante.

Então, a voz de seu pai o confrontou:

— Quem é?

— É Hal, papai.

— O que está acontecendo? — Era evidente que Sir Francis acabara de acordar, pois estava em mangas de camisa e sua voz era engrolada de sono, porém a espada estava em sua mão.

— Não sei — disse Hal. Ouviu-se outro borbulhar de risadas estúpidas. — Vem da praia. Os canhões!

Sem mais palavras, os três saíram correndo e chegaram juntos à primeiracolubrina. Ali, à beira da lagoa, a abóbada de folhas ao alto era mais espessa, permitindo que os últimos raios da lua se filtrassem por ela, dando luz suficiente para que vissem um dos atiradores debruçado sobre o longo cano de bronze. Quando Sir Francis atingiu-o com um chutezangado, o homem caiu na areia.

Foi quando Hal avistou a pequena barrica de pé na beira do buraco. Alheio à chegada deles, um dos outros atiradores estava agachado, mãos e joelhos no chão, em frente a ela, como um cachorro, a lamber o líquido que pingava do espicho. Hal sentiu o perfume adocicado, pesado na noite como a emanção de alguma flor venenosa. Saltou para dentro do buraco e segurou o artilheiro pelos cabelos.

— Onde conseguiu o rum? — esbravejou. O homem fitou-o com os olhos nublados. Hal armou o punho e desferiu um soco que fez os dentes do marujo estalarem nas mandíbulas. — Beberão maldito! Onde o conseguiu? — Hal picou-o com a ponta do punhal. — Responda-me ou lhe corto a traquéia.

A dor e a ameaça mobilizaram sua vítima.

— Um presente de despedida de Sua Senhoria. — Ele ofegou. — Mandou uma barrica do Gull para bebermos à sua saúde e desejar-lhe os bons ventos de Deus.

Hal jogou o bêbado para longe e saltou sobre o parapeito.

— Os outros artilheiros? Será que o Gavião mandou presentes para todos eles?

Correram pela linha de plataformas de peças de artilharia e em cada uma encontraram barricadas de carvalho de cheiro adocicado e corpos inertes. Poucos dos tripulantes ainda estavam de pé, porém mesmo esses cambaleavam e babavam, embriagados. Poucos marujos ingleses conseguiam resistir à essência ardente da cana-de-açúcar.

Até mesmo Timothy Reilly, um dos mais confiáveis timoneiros de Sir Francis, havia sucumbido e, embora tentasse responder às perguntas do patrão, girava nos pés. Sir Francis desferiu-lhe um golpe com o cabo da espada pelo lado da cabeça, e o timoneiro esparramou-se na areia.

Naquele momento, Daniel Grande chegou correndo do acampamento.

— Ouvi o tumulto, capitão. O que aconteceu?

— O Gavião supriu os atiradores de bebida. Estão todos sem sentidos. — Sua voz tremeu de fúria. — Só pode significar uma coisa. Não há um momento a perder. Acorde o acampamento. Dê armas aos homens... mas sem alarde, tenha em mente!

Enquanto Daniel se afastava correndo, Hal ouviu um leve som que vinha do navio escuro, pelas águas calmas da lagoa, um ranger distante de lingüeta de catraca, que lhe enviou choques pela espinha acima.

— O cabrestante! — exclamou. — O Gull está apertando sua regeira de âncora.

Olharam pelo canal e, ao luar, viram a silhueta do Gull começar a se alterar, conforme o cabo de reboque, correndo da âncora para o cabrestante, puxava-lhe a popa ao redor, e seu costado se mostrava para a praia.

— Seus canhões estão corridos! — exclamou Sir Francis, quando o luar iluminou os canos. Atrás de cada um, podiam agora divisar o brilho débil das mechas de queima lenta nas mãos dos artilheiros do Gull

— Pelo hálito de Satã, vão disparar em nós! Para baixo! — gritou Sir Francis. — Desçam! — Hal saltou por sobre o parapeito do buraco do canhão e caiu de barriga no chão arenoso.

De súbito, a noite se acendeu num brilho tremeluzente, como se por um relâmpago. Um instante depois, um estrondar atingiu-lhe os ouvidos, e o tornado de metralha varreu a praia e arremessou-se

pela floresta em torno. O Gull disparara todos os canhões contra o acampamento numa única surriada devastadora.

A metralha devastou a folhagem acima e os galhos, e montes de folhas e lascas de casca molhada choveram em cima deles. O ar estava cheio de um enxame mortal de estilhaços arrancados dos troncos das árvores.

As frágeis cabanas não tinham nenhuma proteção para os homens lá dentro. A surriada varreu as cabanas, fazendo as estacas voarem e derrubando as estruturas inconsistentes como se elas tivessem sido atingidas por uma onda da maré alta. Ouviram-se os gritos terrificados de homens a acordar num pesadelo, e os soluços, berros e gemidos daqueles cortados pela saraivada de tiros ou perfurados pelos estilhaços agudos e desiguais.

O Gull desaparecera atrás da mortalha da própria fumaça de artilharia, mas Sir Francis saltou de pé e arrancou a mecha da mão insensível de um atirador embriagado. Olhou pela mira da colubrina e viu que ela ainda estava apontada para a fumaça serpeante atrás da qual jazia o Gull. Comprimiu a mecha ao detonador. A colubrina berrou com uma longa golfada de fumaça prateada e saltou em ricochete em suas amarras. Ele não conseguiu ver o golpe de seu tiro, mas rugiu uma ordem

para os artilheiros ainda sóbrios o bastante para obedecer:

— Fogo! Abram fogo! Continuem disparando tão depressa quanto puderem!

Escutou uma salva desigual; então, viu que muitos dos atiradores se levantavam e cambaleavam entre as árvores.

Hal saltou para a beira da plataforma, gritando por Aboli e Daniel.

### III

— Vamos! Cada um traga uma mecha e me siga. Precisamos chegar à ilha!

Daniel já ajudava Sir Francis a recarregar a colubrina, limpando com lambaz o cano fumegante para apagar as fagulhas acesas.

— Basta, Daniel. Deixe esse trabalho para outros. Preciso de sua ajuda.

Ao olharem ao mesmo tempo para a praia, a névoa que cobria o Gull dispersou-se para o lado e a nau abriu fogo numa nova surriada, nada mais que dois minutos desde a primeira. Seus artilheiros eram rápidos e bem treinados e tinham a vantagem da surpresa. De novo, a tempestade de metralha varreu a praia e lavrou a floresta com efeito mortífero.

Hal viu uma das colubrinas ser atingida em cheio por uma bola de chumbo. A amarra escapou e ela foi arrancada de seu trilho, tanto que seu cano apontava para as estrelas.

Os gritos dos feridos e moribundos aumentavam gradualmente de volume no pandemônio de desespero, à medida que os homens desertavam de seus postos e fugiam entre as árvores. O desconexo fogo de retorno dos canhões na praia mirrou até que não passava de um estouro ocasional e o faiscar de um canhão. Assim que a bateria foi silenciada, o Gavião voltou seus canhões para as cabanas restantes e os grupos de moitas em que a tripulação do Resolução se abrigara.

Hal podia ouvir a tripulação do Gull a soltar vivas selvagens conforme recarregavam e disparavam.

— O Gull e Cumbrae! — gritavam.

Não houve mais surriadas, porém um contínuo tartamudear de estrondos conforme cada atirador disparava tão logo estava pronto. Os clarões das bocas dos canhões bruxuleavam e tremeluziam dentro da fumaça branca sulfurosa como as chamas do inferno.

Enquanto corria, Hal ouviu a voz do pai atrás de si, fraca com a distância, enquanto ele tentava reunir sua tripulação dispersa e desmoralizada. Aboli corria lado a lado com ele, e Daniel Grande estava alguns poucos passos atrás, perdendo terreno para os dois corredores mais rápidos.

— Precisaremos de mais homens para lançá-las à água. — Daniel ofegou. — São pesadas.

— Você não vai encontrá-los para nos ajudarem agora. Estão todos bêbados ou correndo pelas próprias vidas — resmungou Hal, mas, mesmo enquanto falava, ele viu Ned Tyler sair da floresta logo adiante, liderando cinco de seus marujos. Todos pareciam bastante sóbrios.

— Bom homem, Ned! — gritou Hal. — Mas, precisamos nos apressar. O Gavião mandará seus homens para a praia tão logo tenha silenciado nossas baterias.

Avançaram num grupo pelo canal raso entre eles e a ilha. A maré estava baixa, e a princípio cambalearam pelo fundo de lama viscosa que lhes sugava os pés; porém, então, chegaram à água aberta. Vadearam o banco de areia, nadaram e se arrastaram para o outro lado, com o estrondo da barragem do Gull a esporeá-los para diante.

— Há apenas um sopro de vento do sudoeste. — Daniel Grande ofegou, ao subirem, escorrendo água, pela praia da ilha. — Não será o bastante para nos servir.

Hal não respondeu, mas quebrou um galho seco e acendeu-o com sua mecha de queima lenta. Segurou-o no alto para ter luz suficiente para enxergar o caminho e correu para dentro da floresta. Em minutos, tinham cruzado a ilha e chegaram à praia do lado oposto. Hal parou e olhou para o Gull, no canal principal.

A alvorada se aproximava passo a passo, e a noite fugia diante dela. A luz se tornava cinza e prateada, a lagoa a luzir suavemente como um lençol de peltre polido.

O Gavião assestava seus canhões para trás e para a frente, com o uso da regeira da âncora, virando o

Gull em sua atracação para que pudesse atingir qualquer alvo na praia.

Houve apenas um esparso clarão de resposta dos canhões na praia, e o Gavião respondeu de imediato, girando o navio e fazendo-os suportar a plena carga de sua surriada, calando-os com uma saraivada de metralha, areia que voava e árvores que caíam.

Todos do grupo de Hal estavam abatidos pela dura corrida pelos baixios lamacentos e o mergulho no canal.

— Não há tempo para descansar. — A respiração de Hal assobiava em sua garganta.

Os navios do demônio estavam cobertos com montes de ramos cortados, e eles os retiraram. Então, formaram um círculo em torno da primeira das embarcações, e cada um pegou um suporte de mão.

— Juntos, agora! — exortou-os Hal, e todos ergueram as quilhas da nau de casco duplo para fora da areia. Era pesada com sua carga, feixes de lenha seca encharcada de breu para torná-los mais inflamáveis.

Arrastaram-se para a praia transportando a nau e a deixaram cair nos baixios, onde chapinhou e rolou nas ondulações da água, o quadrado de lona suja do mastro curto e grosso a se enfunar preguiçosamente aos leves sopros de vento que vinham das pontas. Hal enrolou uma volta do proiz no pulso, para impedir que a embarcação derivasse para longe.

— Não há vento suficiente — lamentou Daniel Grande, olhando para o céu. — Pelo amor de Deus, uma brisa.

— Guarde suas preces para mais tarde. — Hal prendeu a nau e conduziu todos de volta numa corrida para as árvores. Carregaram, arrastaram e lançaram mais dois dos botes na beira da água.

— Ainda não há vento bastante. — Daniel olhou na direção do Gull. No curto tempo que lhes custara lançar as embarcações à água, a luz

da manhã se firmara, e, agora, conforme haviam parado para recuperar o fôlego, viram que os homens do Gavião abandonavam seus canhões e, dando vivas selvagens, brandindo alfanjes e lanças, pulavam para os botes.

— Vamos dar um jeito naqueles porcos. Eles consideram a luta terminada — resmungou Ned Tyler. — Vão em busca do saque.

Hal hesitou. Mais dois navios do demônio ainda jaziam na fímbria da floresta, porém lançá-los demandaria muito tempo.

— Então precisamos dar-lhes algo para mudarem de opinião — disse, muito sério, e prendeu a mecha de queima lenta entre os dentes. Vadeou, até a profundidade de suas axilas, para onde a primeira embarcação do demônio boiava, logo além da praia, e enfiou a mecha na pilha alta de cipó. Ela faiscou e se inflamou, uma fumaça azul a se desprender e a se dispersar na brisa débil conforme os troncos ensopados de breu pegavam fogo.

Hal pegou o proiz amarrado na proa e puxou a embarcação para dentro do canal. Dentro de três metros, estava em água mais profunda, e o casco não se arrastava mais no fundo. Hal nadou para a popa e, ao encontrar um ponto de apoio nela, bateu as pernas com força e o bote avançou.

Aboli viu o que ele estava fazendo e mergulhou de cabeça na lagoa. Com poucas e poderosas braçadas, estava ao lado de Hal. Com ambos a empurrá-lo, o bote se moveu mais depressa.

Com uma das mãos na popa, Hal ergueu a cabeça fora d'água para se orientar e viu a flotilha de pequenos escaleres do Gull rumando em direção à praia. Estavam lotados de marujos que gritavam enlouquecidos, as armas a reluzirem à luz da manhã. Tão certo estava o Gavião de sua vitória, que poderia ter deixado apenas uns poucos homens a bordo para guardar o navio.

Hal olhou por sobre o ombro e viu que tanto Ned como Daniel tinham seguido seu exemplo. Conduziam o resto do grupo para a água e se agarravam às popas das duas outras embarcações, chutando a água até deixar um rastro de espuma atrás, enquanto avançavam pelo canal. Dos três botes subiam



filetes de fumaça à medida que as chamas tomavam conta das cargas de lenha ensopadas de breu.

Hal voltou para o lado de Aboli e continuou a bater as pernas com força, empurrando o barco à frente, pelo canal, para onde o Gull jazia ancorado. Então, a maré que entrava pegou-os com firmeza em seu fluxo e, como se fossem um trio de patos mancos, empurrou-os mais rapidamente.

Conforme o bote de Hal girou sua proa, ele teve uma visão melhor da praia. Reconheceu a cabeça ruiva flamejante e a barba do Gavião no escaler de liderança que rumava para o ataque ao acampamento, e imaginou que, mesmo com o tumulto, ouvia sons de sua gargalhada carregados pelas águas.

Então, teve algo mais em que pensar, pois o fogo na carga acima dele ganhara força e rugia agora vivo e turbulento. As chamas crepitavam e saltavam para o alto em colunas de densa fumaça negra. Dançavam e ondulavam como se seu calor criasse a própria correnteza de ar, e a única vela enfunou-se com mais determinação.

— Mantenha-o em movimento! — ordenou Hal, ofegante a Aboli, a seu lado. — Vire-o dois pontos mais para bombordo.

Uma golfada de calor o envolveu com tamanha força que pareceu sugar-lhe o ar dos pulmões. Ele enfiou a cabeça abaixo da superfície e tirou-a a tossir, a água a lhe escorrer em cascata pela face dos cabelos ensopados, mas mesmo assim ele continuou a bater os pés com toda a força. O Gull estava a menos de uma amarra de distância, bem à frente. Daniel e Ned seguiam logo atrás, ambas as embarcações envoltas em fumaça negra e chamas de um laranja escuro. O ar sobre eles tremia e voluteava com o calor como uma miragem no deserto.

— Mantenha-o indo em frente — resmungou Hal. Suas pernas começavam a doer insuportavelmente, e ele falou mais para si mesmo que para Aboli. O proiz amarrado à proa do navio do demônio corraera para trás, ameaçando enrolar-se em suas pernas; ele chutou-o para longe — não havia tempo para soltá-lo.

Viu o primeiro dos escaleres do Gull chegar à praia e Cumbrae saltarem terra, a girar sua espada escocesa de dois gumes em círculos reluzentes em torno da cabeça. Ao pisar na areia, jogou a cabeça para trás, soltou o sanguinário grito de guerra gaélico e, depois, escalou a praia íngreme. Ao chegar às árvores, olhou para trás para se assegurar de que seus homens o seguiam. Parou ali, com a espada ao alto, e olhou para o canal. Avistou a pequena esquadra de navios do demônio, afogueado de fumaça e chamas, que rumava firme para o Gull ancorado.

— Quase lá — arquejou Hal, e as ondas de calor que sopravam sobre sua cabeça pareceram fritar suas órbitas. Ele mergulhou a cabeça na água outra vez para esfriá-la, e desta vez, quando subiu, viu que o Gull estava apenas quarenta metros à frente.

Mesmo acima do crepitante rugir das chamas, ouviu o rosnado do Gavião:

— De volta! De volta para o Gull. Os bastardos estão mandando naus em chamas para ele. — A fragata estava recheada com o butim de um longo e duro cruzeiro de pirataria, e sua tripulação soltou um revoltado urro de ultraje quando viu os frutos de três anos tão ameaçados. Todos correram de volta para seus escaleres ainda mais depressa do que tinham avançado para a praia.

O Gavião postou-se na proa do seu, agitado e gesticulando de tal maneira, que seu equilíbrio era precário.

— Deixe-me pôr as mãos naquele porco coberto de feridas. Vou cortar-lhe a traquéia, arrancar-lhe os intestinos... — Naquele momento, reconheceu a cabeça de Hal na popa do navio em chamas que ia à dianteira, iluminado pelo clarão das chamas espiraladas, e sua voz subiu uma oitava. — E o fedelho do Franky, por Deus! Eu o pegarei! Vou tostar-lhe o fígado no próprio fogo! — esgoelou, e então se afundou numa ira inarticulada de faces cor de carmim, a rasgar o ar com a espada escocesa para incitar a tripulação a avançar mais depressa.

Hal estava apenas a uns dês metros agora do costado do Gull e encontrou força renovada para impelir as pernas exaustas. Incansavelmente, Aboli nadava a seu lado, usando o impulso à moda dos sapos para empurrar a água numa esteira espumante atrás de si.

Com o escaler do Gavião a rumar rapidamente sobre eles, cobriram os últimos poucos metros, e Hal sentiu a proa do bote em chamas bater pesadamente nas tábuas do Gull. O empurrão das ondas o imprensou ali, balançando o bote de modo que as chamas eram sopradas pela brisa matinal para lambar a lateral do Gull, chamuscando e escurecendo o costado.

— Agarrem o barco! — berrou o Gavião. — Peguem um cabo e o reboquem! — Seus remadores dispararam na direção do bote incendiado,mas, ao sentirem o calor vindo em sua direção, fraquejaram. Na proa,! o Gavião ergueu as mãos para cobrir o rosto, e sua barba ruiva se enrolava e cantava. — Para trás! — rugiu. — Ou seremos fritos! — Olhou para o timoneiro. — Dê-me a âncora. Eu a lançarei e iremos rebocá-lo.

Hal estava prestes a mergulhar e nadar sob a água fora do círculo de calor, mas ouviu a ordem do Gavião. O proiz ainda se esticava em torno de suas pernas, e ele agarrou abaixo da superfície pela ponta, prendendo-o entre os pés. Então, afundou e nadou sob o casco do bote em chamas,! subindo à tona na estreita abertura entre ele e o Gull.

O cabo do leme do Gull estava à superfície, e, cuspidando água da boca, Hal fez um laço com o proiz em torno do pino. Sua face parecia prestes a empolar à medida que o calor atingia sua cabeça com golpes de martelo, porém ele amarrou a nau incendiada com firmeza na popa do Gull.

Então, mergulhou de novo e emergiu perto de Aboli.

— Para a praia! — gritou, ofegante. — Antes que o fogo alcance o estoque de pólvora do Gull.

Ambos se afastaram com longas braçadas, e Hal viu o escaler, bem próximo, quase tão perto que poderia tocá-lo, mas o Gavião perdera o interesse neles. Girava a pequena âncora em torno da cabeça e, enquanto Hal o observava, lançou-a sobre o bote em chamas, enganchando-a nele.

— Força nos remos para trás! — gritou o escocês para a tripulação. — Reboquem-na.

Os remadores usaram de toda a força, mas de imediato o bote em chamas resistiu na linha de amarração que Hal firmara, e as pás bateram na água em vão. Ele não seria rebocado, e, agora, o emplacamento do costado do Gull entrava em combustão lenta de forma ameaçadora.

Fogo era o terror de todo marinheiro. O navio era construído de material inflamável e estava recheado de explosivos, madeira e breu, lonas e cânhamo, sebo, barris de especiarias e pólvora. As faces da tripulação do escaler mostravam-se contorcidas de pavor. Mesmo o Gavião estava de olhos arregalados diante do fogo, quando desviou o olhar para o lado e viu os dois outros botes em chamas a avançar impiedosamente sem remorso sobre ele.

— Parem aqueles outros! — apontou com a espada. — Afastem-nos! — Então voltou a atenção para a embarcação incendiada atracada ao Gull.

Já então, Hal e Aboli estavam a cinqüenta metros de distância, nadando para a praia, mas Hal virou-se de costas para observar e boiar. Viu de imediato que os esforços do Gavião para rebocar o bote em chamas para longe haviam falhado.

Agora, ele remara em torno da proa do Gull e subia para o convés. Conforme sua tripulação o seguia, ele esbravejou:

— Baldes! Façam uma cadeia de baldes. Bombas! dês homens nas bombas. Joguem água nas chamas!

Os homens apressaram-se em obedecer, mas o fogo se espalhava rapidamente, comendo a popa e dançando ao longo da amurada, a chegar faminto na direção das velas recolhidas e das vergas esticadas.

Um dos homens nos escaleres do Gull agarrara o bote em chamas de Ned e, com frenéticas batidas de remo, puxava-o para longe. Outro tentava lançar um cabo ao barco de Daniel Grande, mas as chamas o

forçaram a manter distância. A cada vez que tinham sucesso em enganchá-lo, Daniel girava ao redor e cortava a corda com um golpe de faca. Os homens no escaler que carregavam mosquetes e pistolas atiravam furiosamente em sua cabeça boiando, mas, embora as balas lançassem borrifos em torno de si, Daniel parecia invulnerável.

Aboli nadara para a frente, e Hal agora rolara de barriga e o seguia para a praia. Juntos, correram pela areia branca e para a floresta devastada pelos tiros. Sir Francis ainda estava na plataforma de canhão onde o tinham deixado, porém reunira em torno de si uma tripulação conseguida com dificuldade entre os sobreviventes do Resolução. Carregavam o grande canhão.

Hal correu para eles e gritou:

— O que querem que eu faça?

— Leve Aboli com você para encontrar mais alguns homens. Carregue outra colubrina. Vamos colocar o Gull sob fogo. — Sir Francis não ergueu os olhos da arma, e Hal correu de volta entre as árvores. Encontrou meia dúzia de homens, e ele e Aboli os chutaram e os arrastaram dos buracos e arbustos em que estavam escondidos, levando-os de volta às baterias silenciadas.

Nos poucos minutos que levava para reunir os atiradores, o cenário na lagoa havia mudado completamente. Daniel guiara seu bote em chamas para o lado do Gull e o prendera lá. As novas chamas acrescentavam confusão e pânico a bordo da fragata. Agora, Daniel nadava de volta para a praia. Agarrara dois de seus homens, que não sabiam nadar, e os arrastava pela água.

A tripulação do Gull conseguira apresar o bote de Ned — tinham posto cabos nele e o arrastavam para longe. Ned e seus três camaradas o abandonaram e também voltavam para a praia. Um deles, porém Hal pôde observar, não resistiu e afundou.

Ver o afogamento espicçou a raiva de Hal: ele enfiou um punhado cheio de pólvora na caçoleta da colubrina enquanto Aboli usava uma lança de ferro para virar o cano. A arma soltou um berro de ensurdecer e os homens de Hal gritaram deliciados quando a plena carga de metralha atingiu o escaler que rebocava a nau abandonada de Ned. O escaler desintegrou-se com o choque, e os homens dentro dele foram arremessados à lagoa. Ficaram a se debater, gritando por ajuda e tentando subir para outro escaler ali perto, mas este já estava lotado, e os que estavam nele tentaram empurrar para longe com os remos, os frenéticos marujos. Alguns, no entanto, conseguiram segurar na borda e, gritando e brigando entre si, fizeram o escaler adernar pesadamente, até que, de repente, ele emborcou. A água em torno dos cascos em chamas estava cheia de destroços e de cabeças de nadadores em desespero.

Hal concentrou-se em recarregar a arma, e, quando ergueu os olhos outra vez, viu que alguns dos homens na água tinham chegado ao Gull e subiam as escadas de corda para o convés.

O Gavião pusera por fim suas bombas a funcionar. Vinte homens as bombeavam para cima e para baixo como monges em prece à medida que lançavam seu peso nas alavancas e jatos brancos de água jorravam dos bocais das mangueiras de lona, dirigidos para a base das chamas, que agora se espalhavam pela popa do Gull.

O próximo tiro de Hal arreventou a amurada de madeira do lado de bombordo do Gull e prosseguiu para varrer a turma que trabalhava na bomba de proa. Quatro foram arremessados longe como se por um par invisível de garras, o sangue a espirrar nos outros, ao lado, nas alavancas.

O jato de água da mangueira parou de jorrar.

— Mais homens aqui! — A voz de Cumbrae ressoou pela lagoa, enquanto ele gritava a outros para que tomassem o lugar dos mortos. De imediato, o jato d'água foi reavivado, mas fazia pouca diferença nas chamas que lambiam o casco e agora tomavam toda a popa do Gull.

Daniel Grande chegou à praia e deixou cair na areia os dois homens que resgatara. Correu para as árvores, e Hal gritou:

— Assuma o comando de uma das armas. Carregue a metralha e mire para os tombadilhos. Impeça-os de combater o fogo.

Daniel Grande sorriu para Hal com os dentes pretos e deu uma pancadinha na testa com o nó dos dedos.

— Tocaremos uma bela melodia para Sua Senhoria dançar — prometeu.

A tripulação do Resolução, que fora desmoralizada pelo ataque sorrateiro do Gull, agora começava a tomar coragem novamente diante da virada na sorte. Um ou dois mais emergiram de onde haviam se escondido na floresta. Então, enquanto os disparos começaram a espocar das baterias da praia e a se chocar contra o casco do Gull, os outros criaram coragem e voltaram para ajudar com as armas.

Logo, um lençol de chamas e fumaça se esticava das árvores pela água. As chamas alcançaram as vergas de mezena do Gull e tomavam conta das velas recolhidas.

Hal viu o Gavião andando em meio à fumaça, iluminado pelas chamas do navio, um machado na mão. Parou sobre a corda de âncora onde ela se esticava tesa através da sapata e, com um giro gigantesco do machado, cortou-a fora. De imediato, o navio começou a ser carregado pelo vento. Ele ergueu a cabeça e berrou uma ordem a seus marujos, que subiam pelas enxárcias.

Soltaram a vela mestra, e a nau respondeu rapidamente. Assim que o navio colheu a brisa crescente, as chamas sopraram para o outro lado, e os combatentes do incêndio puderam avançar e dirigir a água das mangueiras para a base do fogo.

O Gull rebocou os dois botes em chamas por uma curta distância, mas, quando os cabos que os prendiam queimaram também, deixou-os para trás, enquanto rumava lentamente canal abaixo.

Ao longo da praia, as colubrinhas continuaram a disparar salva após salva sobre o Gull, mas, à medida que a nau ficava fora de alcance, a bateria foi silenciando. Com a fumaça e chamas alaranjadas ainda a ondearem por trás, o Gull rumou para mar aberto. Então, quando entrava no canal entre as pontas e procurava velejar livre, as baterias escondidas nos penhascos abriram fogo contra ele. A fumaça dos disparos rodopiava por entre as rochas cinzentas, e as balas de canhão arrancavam jatos de espuma ao longo da linha-d'água do Gull, ou abria buracos em suas velas.

Penosamente, a nau correu suas defesas e, por fim, deixou as baterias fumegantes fora de alcance.

— Sr. Courtney! — gritou Sir Francis para Hal. — Mesmo no calor da batalha, ele usava o tratamento formal. — Tome um bote e cruze para as pontas. Mantenha o Gull sob observação.

Hal e Aboli chegaram ao lado oposto da baía e escalaram o terreno alto até o topo das cabeceiras. O Gull já estava um quilômetro e meio ao largo, a colher o vento com o conjunto de velas dos dois mastros da frente. Filetes de fumaça cinza-escura dispersavam-se de sua popa, e Hal pôde ver que a tripulação apagara os últimos vestígios de fogo e se esforçava para colocar o navio sob controle e a velejar novamente.

— Demos uma lição a Sua Senhoria que será lembrada por muito tempo — exultou Hal. — Duvido que tenhamos mais problemas com ele por um tempo.

— O leão ferido é o mais perigoso — resmungou Aboli. — Neutralizamos seus dentes, mas ele ainda tem suas garras.

Quando Hal pulou do bote para a praia, abaixo do acampamento, descobriu que seu pai já tinha uma turma de homens notrabalho, reparando o dano à bateria de colubrinhas ao longo da praia. Estavam construindo parapeitos e nivelando as duas armas que haviam sido arrancadas de seus trilhos pelas surriadas do Gull.

Onde jazia de querena, na praia, o Resolução fora atingido por um tiro. O disparo do Gull abriu grandes feridas nas tábuas. A metralha perfurara o costado, porém não penetrara nas pranchas robustas. O carpinteiro e seus companheiros já estavam na lida, cortando fora as seções danificadas e verificando as

esquadrias sob elas, num preparativo para recolocar novas tábuas de carvalho dos estoques do navio. Os caldeirões de breu borbulhavam e fumegavam sobre os carvões, e o raspar de serras e o murmúrio de plainas ressoavam pelo acampamento.

Hal encontrou o pai mais além, entre as árvores, onde jaziam os feridos sob um abrigo improvisado de lona. Contou dezessete e, num olhar, pôde dizer que pelo menos três dificilmente veriam a alvorada do dia seguinte. A aura da morte já pairava sobre eles.

Ned Tyler desdobrava-se como cirurgião do navio — fora treinado para o papel na rústica e empírica escola do convés de armas, e manejava seus instrumentos com o mesmo brusco abandono com que os carpinteiros trabalhavam no casco perfurado do Resolução.

Hal viu que ele realizava uma amputação. Um dos homens do mastaréu da gávea levava uma rajada de metralha na perna, logo abaixo do joelho, e o membro pendia num farrapo de carne e nervos brancos expostos do qual se projetavam as lascas brancas do osso da canela. Dois dos companheiros de Ned tentavam segurar o paciente num lençol de lona encharcado de sangue, enquanto ele se debatia e se retorcia. Tinham passado um cinto dobrado de couro entre seus dentes. O marinheiro o mordia com tanta força que os nervos de seu pescoço saltavam como cordas esticadas. Seus olhos pulavam da face retorcida e escarlate, e seus lábios estavam escancarados num ricto terrível. Hal viu um de seus dentes podres e pretos explodir sob a pressão da mordida.

Afastou o olhar para longe e começou seu relatório para Sir Francis:

— O Gull rumava para oeste da última vez que o vi. O Gavião parece ter controlado o fogo, embora a nau esteja fazendo uma nuvem de fumaça...

Foi interrompido por gritos quando Ned pôs de lado a faca e pegou a serra para serrar o osso arreventado. Então, abruptamente, o homem caiu em silêncio e abandonou-se ao aperto dos companheiros que o seguravam. Ned deu um passo atrás e meneou a cabeça.

— O pobre bastardo está se despedindo. Tragam um dos outros. — Limpou o suor e a fumaça da face com a mão cheia de sangue e deixou uma mancha vermelha pela bochecha.

Embora o estômago de Hal se revirasse, ele manteve a voz firme enquanto continuava o relatório.

— Cumbrae está dando duro com todas as velas que o Gull poderia enfunar. — Estava determinado a não mostrar fraqueza em frente aos homens e ao pai, porém sua voz falhou quando Ned começou a arrancar um grosso fragmento de madeira das costas de outro marujo. Hal não conseguia desviar os olhos.

Os dois musculosos assistentes de Ned montaram sobre o corpo do paciente e o seguraram para baixo, enquanto ele agarrava a ponta protuberante da lasca com um par de pinças de ferreiro. Colocou um pé nas costas do homem para ter apoio e inclinou-se para trás com todo o peso. A lasca bruta era tão grossa quanto seu polegar, com farpas como uma cabeça de flecha, e resistiu bastante até finalmente ser extraída. Os gritos do ferido ecoavam pela floresta.

Naquele momento, o governador van de Velde aproximou-se dele, bamboleando, pelas árvores. Sua esposa apoiava-se em seu braço, a chorar copiosamente e quase incapaz de suportar o próprio peso. Zelda a seguia de perto, tentando colocar um frasco de sais aromáticos sob o nariz da patroa.

— Capitão Courtney! — gritou van de Velde. — Devo protestar nos termos mais veementes possíveis. O senhor nos colocou no mais calamitoso perigo. Uma bala passou pelo teto de minha habitação. Eu poderia ter sido morto. — Enxugou as papadas encharcadas de suor com o lenço de pescoço.

O coitado que recebia os cuidados de Ned soltou naquele instante um grito lancinante, quando um dos assistentes despejou breu quente para estancar o sangramento da ferida profunda em suas costas.

— Precisa manter aqueles seus cretinos calados. — Van de Velde apontou com mão trêmula para o

marujo seriamente ferido. Seus balidos de terreiro estão assustando e ofendendo minha esposa.

Com um último gemido, o paciente caiu para trás, em silêncio, morto pela generosidade de Ned. A expressão de Sir Francis era sombria quando ele ergueu o chapéu para Katinka.

— Mevrouw, não pode duvidar de nossa consideração para com suas suscetibilidades. Parece que o sujeito grosseiro prefere morrer a ofendê-la mais. — Suas feições eram duras e pouco gentis quando continuou: — Em vez de ficar com esses mios e se permitir cheirar os vapores de sais, talvez possa gostar de ajudar mestre Ned no trabalho de cuidar dos feridos, não?

Van de Velde empertigou-se todo diante da sugestão e encarou com fúria.

— Mijnheer insulta minha esposa. Como se atreve a sugerir que ela possa atuar como uma criada para esses reles camponeses?

— Peço desculpas a sua esposa, porém sugiro que, se ela não tem nenhuma serventia aqui além de embelezar a paisagem, leve-a de volta para a cabana e a mantenha lá. Quase com certeza haverá outras cenas e sons desagradáveis para testar-lhe os nervos. — Sir Francis fez um gesto a Hal para que o seguisse e deu as costas ao governador. Lado a lado, ele e o filho caminharam para a praia, passaram por onde os encarregados de fazer as velas costuravam os mortos nas mortalhas de lona e uma turma já cavava suas sepulturas. Num tal calor, precisavam ser enterrados no mesmo dia. Hal contou os embrulhos.

— Só vinte são nossos — disselhe o pai. — Os outros sete são do Gull, lançados à praia. Fizemos oito prisioneiros também. Vou tratar deles agora.

Os cativos estavam sob guarda na praia, sentados em fila com as mãos entrelaçadas atrás das cabeças. Ao se aproximarem deles, Sir Francis disse, alto o bastante para ser ouvido:

— Sr. Courtney, faça seus homens armarem oito laços naquela árvore. — Apontou para os galhos esparramados de uma imensa figueira. — Vamos pendurar alguns novos frutos nela. — Soltou uma risadinha tão macabra que Hal ficou espantado.

Os oito deixaram escapar um gemido de protesto.

— Não nos enforque, senhor. Eram ordens de Sua Senhoria. Só fizemos o que ele mandou.

Por um instante mais, Hal hesitou. Estava abalado diante da perspectiva de ter de levar a efeito uma execução assim, tão a sangue-frio, mas quando viu a expressão do pai, apressou-se em obedecer.

Rapidamente foram lançadas cordas por sobre os galhos robustos e laços feitos nas pontas pendentes. Um grupo de marinheiros do Resolução postou-se pronto para içar as vítimas ao alto.

Um de cada vez, os oito prisioneiros do Gull foram arrastados para as pontas das cordas, as mãos atadas atrás das costas e as cabeças enfiadas entre os laços. Sob as ordens do pai, Hal percorreu a fila e ajustou os nós sob as orelhas de cada vítima. Então se voltou para encarar o pai, o rosto pálido e o estômago enjoado. Tocou a testa, numa continência.

— Pronto para proceder à execução, senhor.

Sir Francis desviou a face dos condenados e falou baixinho, pelo canto da boca.

— Implore por suas vidas.

— Senhor? — Hal parecia abobalhado.

— Maldição. — A voz de Sir Francis falhou. — Peça-me para poupá-los — murmurou.

— Perdão, senhor, mas não irá poupar estes homens? — disse Hal, bem alto.

— Os patifes não merecem nada além da ponta da corda — esbravejou Sir Francis. — Quero vê-los dançar um sapateado para o diabo.

— Estavam apenas cumprindo as ordens de seu capitão. — ponderou Hal, no papel de advogado. — Não vai lhes dar uma chance?

As cabeças nos laços dos oito homens viravam para trás e para frente enquanto seguiam a

argumentação. Suas expressões eram abjetas, porém seus olhos guardavam um débil luz de esperança.

Sir Francis levou o dedo ao queixo.

— Não sei. — Sua expressão ainda era feroz. — O que fazer com eles? Soltá-los na floresta para servirem de pasto para os animais selvagens e os canibais? Seria mais misericordioso pendurá-los.

— Poderíamos usá-los como tripulação para substituir os homens que perdemos — pediu Hal.

Sir Francis pareceu ainda mais em dúvida.

— Não prestariam um juramento de lealdade, prestariam? — Olhou carrancudo para os condenados, que, não tivessem os laços no pescoço para contê-los, teriam caído de joelhos.

— Nós o serviremos com lealdade, senhor. O jovem cavalheiro tem razão. Não encontrará homens melhores nem mais leais do que nós.

— Traga minha Bíblia de minha cabana — resmungou Sir Francis, os oito marujos fizeram o juramento de serviço com os laços em torno dos pescoços.

Daniel Grande libertou-os e conduziu-os para longe, e Sir Francis ficou a observá-los ir com satisfação.

— Oito espécimes de primeira linha para substituir algumas de nossas perdas — murmurou. — Precisaremos de cada mão que pudermos encontrar, se quisermos ter a Resolução pronto para o mar antes do fim deste mês. — Olhou pela lagoa, para a entrada entre as pontas de terra — Só o bom Senhor sabe quem poderá ser nosso próximo visitante, se nos demormos aqui.

Voltou-se para Hal.

— Isso deixa apenas os bêbados que caíram no rumo do Gavião. Pensa em outra seção de chicotadas, Hal?

— É hora de tornar metade de nossa tripulação inútil com o azorrague, papai? Se o Gavião voltar antes que estejamos prontos para o mar, então eles não lutarão melhor com metade da carne arrancada das costas.

— Então está dizendo para deixá-los se safar livres? — perguntou Sir Francis com frieza, a face perto da de Hal.

— Por que não tirar deles a parte do espólio do Standvastigheia e dividi-la entre os outros que lutaram sóbrios?

Sir Francis encarou por um momento a mais e depois sorriu, com um ar sério.

— O julgamento de Salomão! Seus bolsos lhes darão mais dor que suas costas, e acrescentarão um guinéu ou três à nossa própria parte.

Angus Cochran, conde de Cumbrae, subiu até o cume do passo da montanha, pelo menos uns trezentos metros acima da praia, onde tinha chegado em terra, vindo do Gull. Seus contramestres e dois marujos o seguiam. Todos carregavam mosquetes e alfanjes. Um dos homens equilibrava uma pequena barrica de água de beber no ombro, pois o sol africano seca rapidamente a umidade do corpo de uma pessoa.

Custara metade da manhã de dura escalada seguir as trilhas de caça ao longo das saliências íngremes e estreitas, para alcançar aquele ponto de vigia, que Cumbrae conhecia bem. Ele o usara mais de uma vez, antes. Um hotentote que tinham capturado na praia o levara ali pela primeira vez. Agora, enquanto se acomodava confortavelmente numa rocha que formava um assento parecido com o de um trono, os ossos brancos do hotentote jaziam a seus pés, no chão. O crânio brilhava como uma pérola, pois estava ali fazia três anos, e as formigas e outros insetos tinham-no deixado limpo. Teria sido tolice de Cumbrae permitir que o selvagem contasse histórias de sua chegada à colônia holandesa de Boa Esperança.

De seu trono de pedra, Cumbrae tinha uma vista panorâmica, de tirar o fôlego, de dois oceanos e do cenário irregular montanhoso que se espalhava por toda parte ao redor de si. Quando olhou de volta para o caminho pelo qual tinham vindo, pôde avistar o Gull of Moray ancorado não muito distante de um

pequeno trecho de praia que se abrigava precariamente ao pé dos altos penhascos onde as montanhas caíam para ornar. Havia 12 picos diferentes naquela faixa marítima, marcadas como os 12 Apóstolos nas cartas náuticas holandesas que ele capturara.

Olhou para o Gull através da luneta, porém pôde divisar apenas uma pequena evidência do incêndio que a nau sofrera na popa. Ele conseguiu substituir as vergas de mezena e enrolar novas velas sobre elas. Daquela grande altura e distância, ela parecia adorável como sempre, afastada de olhos inquisitivos na enseada de águas verdes abaixo dos Apóstolos.

O escaler que trouxera Cumbrae através das ondas ainda estava na praia, pronto para uma rápida partida se ele se defrontasse com problemas em terra. Contudo, não esperava nenhum. Poderia encontrar uns poucos hotentotes entre os arbustos, mas eram uma tribo inofensiva, meio despida, gente pastoril com maçãs do rosto salientes e olhos puxados asiáticos, que poderiam ser dispersos desordenadamente por um tiro de mosquete por sobre suas cabeças.

Muito mais perigosos eram os animais selvagens que abundavam naquela terra inóspita e indomável. Na noite anterior, do tombadilho do Gull ancorado, tinham ouvido rugidos terríveis de enregelar o sangue, a aumentar e diminuir, culminando numa série de grunhidos e resmungos mais baixos que soava como o coro de todos os demônios do inferno.

— Leões! — tinham sussurrado, uns para os outros, os mais velhos, que conheciam a costa, e a guarnição do navio ficara a escutar em silêncio respeitoso. De madrugada, tinham visto um dos terríveis gatos amarelos, do tamanho de um pônei, com uma densa juba escura a lhe cobrir a cabeça e que chegava até abaixo de seu ombro, a caminhar pelas areias brancas da praia com régia indolência. Depois disso, fora preciso a ameaça do chicote para forçar a tripulação do escaler a remar e levar Cumbrae e seu grupo para a praia.

Ele levou a mão para o saco de couro que se pendurava em frente a seu manto xadrez e tirou um frasco de peltre. Inclinou sua base para o céu e tomou dois longos goles; depois, suspirou com prazer e torceu a rosca de volta no pescoço do frasco. Seus contramestres e os dois marujos o fitaram intensamente, porém ele sorriu e meneou a cabeça.

— Não faria bem nenhum a vocês. Guardem minhas palavras, uísque é a própria urina quente do diabo. Se não tiverem um pacto com ele, como eu tenho, seria melhor nunca deixá-lo passar por seus lábios.

Enfiou o frasco de volta no saco e ergueu a luneta para o olho. A sua esquerda, erguia-se o cume da montanha em forma de esfinge que os marinheiros mais antigos chamavam de Cabeça de Leão, quando a viam do mar. A direita se elevava o íngreme penhasco que subia em torre até o topo chato da poderosa montanha da Mesa, que dominava o horizonte e dava nome à baía que se abria abaixo dela.

Bem abaixo de onde ele se sentava, a baía da Mesa era uma adorável curva de água aberta a abrigar uma pequena ilha em seus braços. Os holandeses a chamavam de ilha Robben, pois esse era o nome dos milhares de focas que a infestavam.

Além, ficava a expansão interminável do Atlântico Sul, varrida pelo vento. Cumbrae esquadrinhou a vista em busca de qualquer sinal de uma vela estranha, porém, quando não divisou nada, transferiu a atenção para baixo, para a povoação holandesa de Boa Esperança.

Havia pouco que a fizesse se destacar da terra selvagem e rochosa que a rodeava. Os tetos de poucas edificações eram de sapé e se misturavam aos arredores. As hortas da companhia, que haviam sido plantadas para fornecer provisões para os navios da VOC na passagem para o leste, eram os mais evidentes sinais de intrusão humana. Os campos regulares em retângulo eram ou de um verde-claro com a cultura ou marrom-chocolate com a terra recém-revolvida.

Logo acima da praia, ficava o forte holandês. Mesmo daquela distância, Cumbrae podia ver que



estava incompleto. Ouvira de outros capitães que, desde o início da guerra com a Inglaterra, os holandeses tentavam acelerar a construção, porém havia ainda aberturas nas paredes externas defensivas, como dentes em falta.

O forte e seu estado semi-acabado eram de interesse para Cumbrae apenas no que dizia respeito a oferecer proteção aos navios que jaziam ancorados na baía, sob seus canhões. Naquele momento, três grandes embarcações estavam ali, e ele lhes dirigiu a atenção.

Uma delas parecia uma fragata naval. Desfraldava a insígnia da república, laranja, branco e azul, do topo de mastro. Seu casco era pintado de preto, mas as portinholas dos canhões eram destacadas em branco. Cumbrae contou dezesseis do lado que se apresentava para ele. O Gull poderia ser derrotado se alguma vez chegassem a um enfrentamento. Porém, essa não era sua intenção. Queria presas mais fáceis, e isso significava uma das outras duas naus na baía. Ambas eram mercantes, e ambas desfraldavam a insígnia da companhia.

— Qual será? — resmungou, ao olhar para elas com maior atenção. Uma parecia familiar. Rodava alto na água, e ele supunha que estava

provavelmente lastreada e no percurso a leste de sua viagem, rumando para as possessões holandesas a fim de recolher carga valiosa.

— Não, por Deus, reconheço o corte de sua bujarrona agora — exclamou ele, em voz alta. — É o Lady Edwina, o velho navio de Franky. Ele me disse que o mandara de volta ao cabo com seu pedido de resgate. — Estudou a embarcação um pouco mais. — Foi deixado nu; até mesmo os canhões estão fora dele.

Perdendo o interesse na nau como uma possível presa, Cumbrae virou sua luneta para o segundo mercante. Era ligeiramente menor que o Lady Edwina, porém estava pesado de carga, a rodar tão baixo que suas portinholas inferiores estavam quase à flor d'água. Obviamente estava em viagem de retorno, e recheado com os tesouros do Oriente. O que o tornava mais atraente era que jazia ancorado mais longe da praia que o outro mercante, pelo menos a duas amarras de distância das muralhas do forte. Mesmo nas melhores condições, seria impossível um longo tiro de canhão dos atiradores holandeses sobre a praia.

— Uma vista adorável. — O Gavião sorriu para si mesmo. — Faz a boca da gente se encher de água.

Passou outra meia hora estudando a baía, notando as linhas de espuma que marcavam o fluxo da corrente ao longo da praia e o comportamento do vento à medida que descia das alturas. Planejou sua entrada na baía da Mesa. Sabia que os holandeses tinham um pequeno posto nas escarpas da Cabeça de Leão, cujos vigias iriam alertar o povoado da aproximação de um navio estranho com um tiro de canhão.

Mesmo à meia-noite, na presente fase da lua, poderiam ser capazes de avistar o brilho de suas velas enquanto ele ainda estivesse longe no mar. Teria de fazer um círculo largo, bem abaixo do horizonte, e depois vir do oeste, usando a massa da ilha Robben como disfarce para passar sem ser observado até mesmo pelo mais atento vigia.

Sua tripulação era bem versada na arte de abocanhar uma presa sob as baterias de costa. Era um truque inglês especial, adorado tanto por Hawkins como por Drake. Cumbrae o polira e refinara, e se considerava tão mestre quanto aqueles grandes piratas elisabetanos. O prazer de furtar uma presa sob o nariz do inimigo o recompensava muito além do espólio resultante.

— Montar a boa esposa enquanto o marido ronca na cama ao lado dela... — muito mais doce que lhe erguer as saias enquanto ele está fora, no mar, sem oferecer risco. — Ele soltou uma risadinha e varreu a baía com a luneta, a verificar se nada havia mudado desde sua última visita, se não havia perigos à espreita, tal como um canhão recém-colocado ao longo da costa.

Embora o sol tivesse passado de seu zênite e houvesse uma longa jornada de volta até onde o escaler esperava na praia, ele se demorou um pouco mais estudando os cordames da presa através das lentes.

Assim que pusesse as mãos nele, seus homens precisavam ser capazes de içar as velas com rapidez e tirar a nau da costa de sotavento na escuridão.

Passava da meia-noite quando o Gavião, usando como marco de terra o imenso volume da montanha da Mesa, que obliterava metade do céu ao sul, levou o Gull para dentro da baía, vindo do oeste. Ele estava confiante em que, mesmo numa clara noite estrelada como aquela, com metade da lua brilhando, ainda estaria fora das vistas do vigia na Cabeça de Leão.

O formato escuro de baleia da ilha Robben ergueu-se com espantosa brusquidão da obscuridade adiante. Ele sabia que não havia destacamento permanente naquele pedaço nu de rocha, de maneira que poderia levar o Gull para perto de sua costa de sotavento e lançar âncora em sete braças de água protegida.

O escaler no convés estava pronto para ser lançado. Tão logo a âncora no turco de ferro mergulhou espadanando água nas ondas suaves, o bote balançava ao lado da amurada e descia para a superfície. O Gavião já inspecionara o grupo de abordagem. Estavam armados com pistolas e alfanjes e porretes de carvalho, e suas faces escurecidas com fuligem para que parecessem um bando de selvagens com apenas os olhos e os dentes reluzindo. Estavam vestidos com gibões enegrecidos de piche, e dois homens tinham machados para cortar o cabo de âncora da presa.

O Gavião foi o último a descer a escada para o escaler, e, assim que estava a bordo, eles partiram. Os remos estavam abafados, as toleteiras almofadadas, e o único som era o mergulho das pás, porém mesmo este se perdia no quebrar das ondas e no cantar gentil do vento.

Quase imediatamente depois que saíram de detrás da ilha, puderam ver as luzes do continente, duas ou três pequenas marcas das fogueiras de vigia nas muralhas do forte, e feixes de lamparina das edificações fora das muralhas, espalhadas ao longo da orla marítima.

As três naus que ele avistara da depressão das montanhas ainda estavam ancoradas na enseada. Cada uma exibia uma luz de ancoragem no topo do mastro, e outra na popa. Cumbrae sorriu na escuridão.

— Muita gentileza dos cabeças-de-queijo colocar um aviso de boasvindas para nós. Não sabem que há uma guerra em curso?

Daquela distância, ele não conseguia ainda distinguir um navio dos outros, porém sua tripulação forçou os remos, ansiosa, o cheiro da presa em suas narinas. Meia hora mais tarde, embora estivessem ainda fora na baía, Cumbrae pôde divisar o Lady Edwina. Descartou-o de seus cálculos e desviou todo o interesse para a outra embarcação, que não mudara de posição e ainda jazia a distância maior das baterias do forte.

— Aproe para o navio do lado de bombordo — ordenou ele a seu contramestre num sussurro.

O escaler alterou um ponto, e o bater dos remos recomeçou. O segundo estava perto, à popa, como um cão de caça nos calcanhares, e Cumbrae espiou para trás, para sua forma escura, grunhindo de aprovação. Todas as armas estavam cobertas, não havia nenhum reflexo de luar numa lâmina nua ou cano de pistola que pudesse luzir e avisar o vigia de bordo da caça. Nem havia uma mecha acesa para mandar a diante um fiapo de fumaça pelo vento ou um brilho de luz, avisando de suachegada.

Ao deslizarem furtivamente na direção da nau ancorada, Cumbrae leu seu nome do pranchão. De Swael, a Andorinha. Estava alerta para qualquer sinal de um vigia de âncora: aquela era uma costa de sotavento, com o sudeste a dançar imprevisível em torno da montanha, mas o capitão holandês era descuidado ou o vigia dormira, pois não havia nenhum sinal de vida a bordo do navio escuro.

Dois marinheiros postavam-se prontos para aparar o choque com o costado do Andorinha, e chumaços de estopa nodosa pendiam do lado do escaler para suavizar o impacto. Um sólido contato de tábuas contra o casco se espalharia pelo navio como o corpo ressonante de uma viola e acordaria cada pessoa a bordo.

Tocaram a embarcação com a gentileza de um beijo de virgem, e um dos homens, escolhido por sua habilidade simiesca como escalador, saltou e imediatamente escalou depressa o costado, puxando um cabo atéo arganéu de âncora de um trilho de canhão, que deixou cair de volta para o escaler abaixo.

Cumbræ parou o tempo suficiente para erguer o postigo da lanterna e acender a mecha de queima lenta com a chama e, depois, segurou a corda e subiu com os pés descalços, calejados de caçar veados sem botas. Numa pressa silenciosa, as tripulações de ambos os botes, também descalços, o seguiram.

Cumbræ tirou a lança do cinto e, com o contramestre a seu lado, correu sorrateiramente para a proa. O vigia de âncora estava encolhido no convés, fora do vento, dormindo como um cachorro em frente à lareira. O Gavião parou sobre ele e lhe perfurou o crânio com um golpe forte da lança de ferro. O homem suspirou, esticou as pernas e mergulhou num estado ainda mais profundo de inconsciência.

Seus homens já estavam em cada escotilha do Andorinha, rumando para os conveses inferiores, e, enquanto Cumbræ corria de volta para a popa, fechavam as cobertas e corriam as escotilhas, aprisionando a tripulação holandesa abaixo dos tombadilhos.

— Não há mais que vinte da guarnição a bordo — resmungou ele para si mesmo. — E, provavelmente, de Ruyter terá recrutado a maioria de marujos de primeira viagem para a Marinha. Serão apenas garotos e velhos gordos em seu último percurso. Duvido que nos causem muitos problemas.

Olhou para as figuras escuras de seus homens silhuetados pelas estrelas enquanto corria para as enxárcias e dançava ao longo das vergas. Conforme as velas se enfunavam, ele ouviu adiante a suave pancada de um machado quando o cabo da âncora foi cortado. Imediatamente o Andorinha ganhou vida e desacorrentou-se sob seus pés assim que caiu a sotavento. Seus contramestres já estavam na vara de leme.

— Para a frente. Rumo oeste! — falou Cumbræ asperamente, e os homens puseram a embarcação de cabeça tão virada para o vento quanto foi possível.

Cumbræ viu de imediato que o navio pesado de carga era surpreendentemente fácil de manobrar, e que seriam capazes de levá-lo para a ilha Robben naquela amura de bombordo. dés homens armados esperavam, prontos para segui-lo. Dois carregavam lanternas de tempestade com os postigos fechados, todos tinham mechas queimando para as pistolas. Cumbræ pegou uma das lanternas e conduziu seus homens numa corrida para baixo, para os alojamentos dos oficiais, na popa. Tentou a porta da cabine que deveria se abrir para as galerias de popa e encontrou-a destrancada. Esgueirou-se por ela, rápida e silenciosamente. Quando acendeu a lanterna, um homem num camisolão enfeitado com borlas sentou-se no beliche.

— Wie is ditf — resmungou ele, sonolento.

Cumbræ puxou-lhe os lençóis sobre a cabeça para abafar qualquer outro grito, deixou que seus homens subjugassem e amarrassem o capitão, correu pelo corredor e irrompeu dentro da próxima cabine. Ali, outro oficial holandês já acordara. Gordo e de meia-idade, seus cabelos grisalhos a lhe caírem pelos ombros, ele ainda cambaleava de sono ao levar a mão para a espada que pendia de sua bainha ao pé da cama. Cumbræ lançou-lhe um fecho de luz da lanterna nos olhos e colocou a ponta aguda da espada escocesa na garganta do homem.

— Angus Cumbræ, a seu serviço — disse o Gavião. — Renda-se, ou irei dá-lo às gaivotas aos bocadinhos.

O holandês poderia não ter compreendido o enrolado sotaque escocês, porém o propósito de Cumbræ era inconfundível. Fungando, ergueu ambas as mãos acima da cabeça; o grupo de abordagem rodeou e empurrou para o tombadilho, enrolando os lençóis em torno de sua cabeça.

Cumbræ correu para a última cabine, porém, ao pôr a mão na porta ela se abriu de dentro com tanta força que ele foi lançado pela passagem contra a antepara. Uma figura robusta irrompeu pela soleira com

um berro de enregelar o sangue. Desferiu um golpe sobre a cabeça do Gavião, mas, no espaço estreito do corredor, a lâmina de sua espada vergastou o dintel da porta, dando a Cumbrae um instante para se recobrar. Ainda berrando de raiva, o estranho investiu contra ele de novo. Desta vez, o Gavião aparou o golpe, e a espada passou por cima de seu ombro para despedaçar o painel atrás dele. Os dois homens fortes lançaram-se pelo corredor, lutando a curta distância, quase peito a peito. O holandês gritava insultos numa mistura de inglês e seu próprio idioma, e Cumbrae respondia num inflamado sotaque escocês:

— Seu cabeça-de-queijo tagarela, comedor de freira! Vou lhe enfiar os miúdos pela orelha. — Seus homens dançavam ao redor deles com porretes erguidos, esperando para derrubar o oficial holandês, mas Cumbrae gritou: — Não o matem! É um janota e valerá um belo resgate.

Mesmo à luz incerta da lanterna, ele reconhecera a qualidade do adversário. Acabado de levantar do beliche, o holandês não usava peruca na cabeça raspada, mas seus belos bigodes de ponta mostravam que era um homem na moda. Seu camisolão de linho bordado e a espada que brandia com ostentação de um mestre em duelo, tudo comprovava que era um cavalheiro, e não havia engano.

A lâmina mais longa da espada escocesa era uma desvantagem num espaço restrito, e Cumbrae foi forçado a usar a ponta em vez das bordas duplas. O holandês investiu e depois fez uma finta baixa e esgueirou-se por baixo de sua guarda. Cumbrae assobiou de raiva quando aço voou sob o braço direito erguido, perdendo-o pela largura de um dedo e arrancando uma chuva de lascas do painel atrás do oponente.

Antes que seu adversário pudesse recobrar-se, o Gavião enlaçou o braço esquerdo no pescoço do homem e agarrou num abraço de urso. Atracados na estreita passagem, nenhum deles podia usar a espada. Deixaram-nas cair e se arrastaram em luta de uma ponta à outra do corredor, a rosnar e xingar como um par de cães, para depois grunhir e uivar de dor e afronta quando, primeiro um e depois o outro, desferiu um soco potente sobre a cabeça ou enterrou o cotovelo na barriga do outro.

— Arrebentem-lhe o crânio — gritou Cumbrae, ofegante para seus homens. — Abatam o bruto. — Não estava acostumado a ser superado numa disputa de músculos, porém o outro era páreo para ele. O joelho do oponente, lançado para cima, atingiu a entreperna do Gavião, e ele urrou novamente: — Ajudem-me, seus malditos sífilíticos amarelos. Derrubem o bastardo!

Conseguiu livrar uma das mãos e cravou-a na cintura do adversário; depois, a face escarlate com o esforço, ergueu-o e girou-o para que suas costas se apresentassem para um marujo que esperava com um porrete erguido no punho. A arma se abateu com um prático e controlado choque na parte de trás da cabeça raspada, não com força bastante para rachar o osso, mas com violência suficiente para atordoar o holandês e fazer com que suas pernas bambeassem como geléia. Ele desabou nos braços de Cumbrae.

Ofegante, o Gavião jogou-o sobre o convés, e todos os quatro marujos se lançaram sobre o holandês, prendendo-lhe as pernas e montando-lhe as costas.

— Passe uma corda nesse endiabrado — arquejou Cumbrae —, antes que se recobre e nos arrebente, arruinando nosso trabalho.

— Outro nojento pirata inglês! — murmurou o holandês debilmente, balançando a cabeça para clarear os pensamentos e a se debater pelo convés conforme tentava se livrar dos captores.

— Não vou tolerar seus insultos — resmungou Cumbrae, furioso, enquanto esfregava a barba ruiva desgrenhada e pegava sua espada. — Pode me chamar de pirata nojento se quiser, porém não sou inglês e lhe agradecerá se se lembrasse disso.

— Piratas! Todos vocês, escória, são piratas.

— E quem é você para me chamar de escória, você com seu enorme traseiro apontado para o ar? — Na refrega, o camisolão do holandês tinha se enrolado em torno de sua cintura, deixando-o nu para baixo.

— Não falarei com um homem com trajas tão indecentes. Arrume suas roupas, senhor, e depois continuaremos com esta discussão.

Cumbrae subiu para o tombadilho e viu que todos já tinham rumado para o mar. Gritos e baques abafados subiam das escotilhas corridas, porém seus homens tinham pleno controle do convés.

— Serviço bem-feito, seu bando de espertos ratos do mar. Os cinqüenta guinéus mais fáceis que já puseram nos bolsos. Dêem um viva a si mesmos e façam uma micagem para o diabo — bradou ele para que até mesmo os homens nas vergas pudessem ouvi-lo.

A ilha Robben estava apenas uma légua à frente, e conforme a baía se abriu diante deles, puderam divisar o Gull à luz da lua.

— Ice uma lanterna ao topo do mastro — ordenou Cumbrae —, e poremos um grande trecho de água entre nós antes que os cabeças-dequeijo no forte esfreguem os olhos de sono.

Assim que a lanterna subiu, O Gull repetiu o sinal em confirmação, Então içaram a âncora e seguiram com a presa para o mar.

— Com certeza há um bom desjejum na cozinha — disse Cumbrae a seus homens. — Os holandeses sabem como cuidar de suas barrigas. Assim que os tiverem trancafiado nos próprios grilhões, podem cuidardo repasto. Contramestre, mantenha a nau firme enquanto ela se afasta. Vou descer para dar uma espiada no manifesto e descobrir do que nos apoderamos.

Os oficiais holandeses foram atados pelos pés e pelas mãos e deixados numa fila no convés da cabine principal. Um marinheiro armado postou-se junto a cada homem. Cumbrae acendeu-lhes a lanterna nas faces e examinou-os em seguida. O oficial grandalhão e belicoso ergueua cabeça e berrou:

— Peço a Deus que eu viva para vê-lo balançando na ponta da corda, junto com todos os outros piratas ingleses germinados pelo demônio que infestam os oceanos. — Era óbvio que estava plenamente recuperado da pancada na parte de trás da cabeça.

— Devo condecorá-lo pelo domínio da língua inglesa — disselhe Cumbrae. — Sua escolha de palavras é bastante poética. Qual é seu nome, senhor?

— Sou o coronel Cornelius Schreuder, a serviço da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

— Como vai, senhor? Sou Angus Cochran, conde de Cumbrae.

— Você, senhor, nada mais é que um vil pirata.

— Coronel, suas repetições estão se tornando um pouquinho cansativas. Imploro que não estrague uma amizade bastante promissora dessa maneira. Afinal, deve ser meu hóspede por algum tempo, até que seu resgate seja pago. Sou um corsário, velejando sob comissão de Sua Majestade o Rei Carlos. Vocês, cavalheiros, são prisioneiros de guerra.

— Não há guerra! — rugiu o coronel Schreuder para ele, com escárnio.— Demos uma boa surra em vocês, ingleses, e a guerra acabou. A paz foi assinada dois meses atrás.

Cumbrae encarou, horrorizado, e então recobrou a voz:

— Não acredito no que diz, senhor. — De repente, mostrava-se moderado e abatido. Negara mais para dar a si mesmo tempo para pensardo que por qualquer convicção. Notícias da derrota da Inglaterra no rio Medway e da batalha do Tâmisia eram velhas de alguns meses quando Richard Lister as contara a ele, acrescentando que o rei estava em tentativas de paz com a república holandesa. Qualquer coisa poderia ter acontecido nesse íterim.

— Ordene a esses seus patifes que me soltem, e lhe provarei. — O coronel Schreuder ainda espumava de uma raiva profunda, e Cumbrae hesitou antes de fazer um gesto de assentimento para seus homens.

— Soltem-no e desamarrem-no — ordenou.

O coronel Schreuder saltou de pé e alisou os bigodes desarrumados enquanto saía enfurecido para a

própria cabine. Ali, pegou um roupão de seda da cabeceira do beliche. Amarrando o cinto em torno da cintura, foi até a escrivaninha e abriu a gaveta. Com gélida dignidade, voltou até Cumbrae e estendeu um grosso maço de papéis.

O Gavião viu que a maior parte era de proclamações holandesas tanto em holandês como inglês, porém uma delas era um boletim informativo inglês. Desdobrou-o com ansiedade e esticou-o ao comprimento do braço. Era datado de agosto de 1667. O cabeçalho estava em maiúsculas de encorpado negrito com cinco centímetros de altura:

ASSINADA A PAZ COM A REPÚBLICA HOLANDESA!

Conforme seu olhar corria pela página, sua mente tentou se ajustar àquela desconcertante mudança nas circunstâncias. Sabia que, com a assinatura do tratado de paz, todas as Cartas de Marca, expedidas por qualquer lado no conflito, tinham se tornado nulas e inválidas. Mesmo que houvesse qualquer dúvida a respeito disso, o terceiro parágrafo da página o confirmava:

É ordenado que todos os corsários de ambas as nações combatentes, a velejar sob comissão e Cartas de Marca, cessem doravante as expedições belicosas e retornem a seus portos para se submeterem a interrogatório através de inquérito judicial do Almirantado.

O Gavião continuou a fitar o boletim informativo sem ler adiante, a ponderar os vários cursos de ação que se abriam diante dele. O Andorinha era uma rica presa, só o Bom Senhor sabia o quanto era rico. Coçando a barba, ele brincou com a idéia de escarnecer do inquérito judicial do Almirantado e aferrar-se à recompensa a todo custo. Seu bisavô fora um famoso fora-da-lei, astuto o suficiente para voltar o conde de Moray e outros senhores escoceses contra Maria, rainha da Escócia.

Depois da batalha de Carberry Hill, tinham forçado Maria a abdicar e colocar seu filho infante, James, no trono. Por sua parte na campanha, meu antepassado recebera um condado.

Antes dele, todos os Cochrane tinham sido ladrões de ovelha e saltantes de fronteira, que fizeram fortuna matando e roubando não apenas ingleses mas também membros de outros clãs escoceses. O sangue dos Cochrane corria em suas veias, e portanto a consideração não era um problema de ética. Era um cálculo de suas chances de se safar com aquela presa.

Cumbrae era orgulhoso de sua linhagem, porém também ciente de que seus antepassados haviam chegado à proeminência evitando astutamente a força e o serviço do carrasco. Durante o último século, todas as nações navegantes do mundo tinham se coligado para reprimir o tormento dos corsários e piratas, que, desde os tempos dos faraós do antigo Egito; eram uma praga para o comércio nos oceanos.

— Você não se safará com isso, rapazinho — resolveu ele, em silêncio, e meneou a cabeça com tristeza. Passou o boletim informativo diante dos olhos de seus marinheiros, nenhum dos quais sabia ler. — Parece que a guerra acabou, que pena. Teremos de deixar esses cavalheiros livres.

— Capitão, isso significa que perdemos nossa recompensa? — perguntou o timoneiro, aflito.

— A menos que queira balançar na forca, nas docas de Greenwich por pirataria, certamente significa. — Então, voltou-se e fez uma mesura para o coronel Schreuder. — É com prazer que lhe devolvo sua espada. Lutou como um guerreiro e um verdadeiro cavalheiro. — O coronel inclinou-se com mais graça. — Darei ordens para que a tripulação de seu navio seja libertada de imediato. O senhor está, é claro, livre para voltar à baía da Mesa e continuar sua viagem dali. Qual é seu destino, senhor? — perguntou, polidamente.

— Estávamos prestes a zarpar para Amsterdã antes de sua intervenção, senhor. Levo cartas de resgate para o conselho da VOC em nome do governador designado do cabo da Boa Esperança, que, junto com sua santa esposa, foi capturado por outro pirata inglês, ou, preferível mente — corrigiu-se —, por outro corsário inglês.

Cumbrae encarou.

— O governador designado se chama Petrus van de Velde e foi capturado a bordo do navio da companhia, o Standvastigheid — perguntou. — E seu captor é um inglês, Sir Francis Courtney?

O coronel Schreuder pareceu espantado.

— Exatamente, senhor. Porém, como sabe desses detalhes?

— Responderei a sua pergunta no devido curso, coronel, mas primeiro preciso saber. Tem ciência se o Standvastigheid foi capturado depois que o tratado de paz foi assinado por nossos dois países?

— Meu senhor, eu era um passageiro a bordo do Standvastigheid quando ele foi capturado. Certamente estou ciente que era uma presa ilegal.

— Uma última pergunta, coronel. Não seriam sua reputação e posição profissional grandemente valorizadas se pudesse capturar esse pirata, Courtney, para assegurar, pela força das armas, a libertação do governador van de Velde e de sua esposa, e devolver ao tesouro da Companhia Holandesa das Índias Orientais a valiosa carga do Standvastigheid.

O coronel ficou sem fala diante de uma perspectiva tão magnífica. Aquela imagem de olhos cor de violeta e cabelos como os raios de sol, que, desde a última vez que os vira, jamais lhe saíra da mente, agora retornava em cada vivido detalhe. A promessa daqueles doces lábios vermelhos sobrepujava para ele até mesmo o tesouro de especiarias e ouro e prata em lingotes que estava em perigo. Quão agradecida ficaria a senhora Katinka por sua liberdade, e o pai dela também, que era presidente do conselho de administração da VOC? Aquele poderia ser o mais significativo golpe da fortuna que lhe aparecera no caminho.

Estava tão empolgado que mal pôde fazer um gesto de concordância com a proposta do Gavião.

— Então, senhor, creio realmente que ambos tenhamos assuntos a discutir que podem redundar em nossa mútua vantagem — disse o Gavião, com um sorriso expressivo.

Na manhã seguinte, o Gull e o Andorinha velejaram juntos de volta à baía da Mesa e tão logo tinham ancorado sob os canhões do forte, o coronel e Cumbrae foram para terra. Avançaram pelas ondas, onde um grupo de escravos e condenados vadeou com água pelos ombros para puxar o bote até a praia antes que a próxima vaga pudesse emborcá-lo, e pisaram em solo seco sem molhar as botas. Ao caminharem juntos em direção aos portões do forte, faziam um par surpreendente e incomum: Schreuder estava em pleno uniforme, seus galões, fitas e as plumas no chapéu a flutuar ao sudeste. Cumbrae estava resplandecente com seu manto de xadrez escocês em vermelho, castanho, amarelo e preto. A população daquela remota estação de passagem nunca vira um homem vestido com tanto garbo e acorreu em multidão para a beira do passeio não pavimentado para vê-lo, embasbacada.

Algumas das moças escravas javanesas com feições de boneca chamaram a atenção de Cumbrae, pois ele estivera no mar por meses sem o lenitivo de companhia feminina. A pele das jovens brilhava como marfim polido, e os olhos escuros eram lânguidos. Muitas haviam sido embonecadas ao estilo europeu por seus donos, e os bustos pequenos e firmes pareciam livres sob os corpetes de renda.

Cumbrae correspondeu-lhes a admiração como a realeza em trajeto erguendo a boina adornada de fitas para as mais jovens e mais bonitas das moças, deixando-as a se rir e se ruborizar com aquele ousado olhar azul sobre a moita feroz das suíças.

As sentinelas do forte saudaram Schreuder, que era bem conhecido deles, e os dois passaram para o pátio interior. Cumbrae olhou ao redor de si com um olhar atento, avaliando a força das defesas. Poderia haver paz agora, mas quem ousaria dizer o que haveria de transpirar dentro de uns poucos anos adiante? Um dia ele poderia fazer um cerco contra aquelas muralhas.

Viu que as fortificações eram projetadas no formato de uma estrela de cinco pontas. Claramente, tinham, como modelo, a nova fortaleza de Antuérpia, que fora a primeira a adotar aquele inovador plano de terreno. Cada uma das cinco pontas era coroada por um baluarte, cujos ângulos salientes tornavam

possível aos defensores assentar um fogo de cobertura sob os lances das muralhas, no que seria antes terreno mortal e indefensável. Assim que as robustas paredes externas de alvenaria fossem completadas, o forte seria quase inexpugnável para qualquer outra coisa que não fosse um elaborado cerco. Poderia levar meses para solapar e minar as muralhas antes que elas pudessem ser violadas.

Entretanto, o trabalho estava longe de ser terminado. Turmas de centenas de escravos e condenados trabalhavam no fosso e no topo das paredes meio erguidas. Muitos dos canhões estavam estocados no pátio e não haviam ainda sido assentados em seus baluartes no topo das muralhas que dominavam a baía.

— Uma oportunidade perdida! — gemeu o Gavião. Aquela informação chegara a ele muito tarde para ser lucrativa. — Com outros poucos cavaleiros da ordem para me ajudar — Richard Lister e até mesmo Franky Courtney, antes de rompermos —, eu poderia ter tomado este forte e saqueado a cidade. Se combinássemos nossas forças, nós três poderíamos nos sentar aqui, com conforto, comandando todo o Atlântico Sul e abocanhando cada galeão holandês que precisasse contornar o cabo.

Ao olhar ao redor pelo pátio, viu que parte do forte era também usada como uma prisão. Uma fila de condenados e escravos com grilhões nas pernas era conduzida para cima, vinda dos calabouços sob a parede norte. Barracas para a guarnição militar haviam sido construídas acima daquelas fundações.

Embora pilhas de alvenaria e andaimes enchessem o pátio, uma companhia de mosqueteiros com os gibões em verde e dourado da VOC se exercitava no único espaço aberto em frente ao arsenal.

Carroças puxadas por bois, pesadamente carregadas com tábuas e pedras, entravam e saíam pelos portões ou se amontoavam no pátio, e um cocheiro, de pé e sozinho, esperava do lado de fora da entrada na ala sul da edificação. Os cavalos do coche eram uma parelha de animais cinzentos, escovados até que seus lombos reluzissem ao sol. O cocheiro e o lacaios estavam com librés verdes e douradas da companhia.

— Sua Excelência está em seu escritório cedo esta manhã. Normalmente não o vemos antes do meio-dia — resmungou Schreuder. — Deve ter recebido notícias de nossa chegada em sua residência.

Subiram a escadaria da ala sul e entraram por portas de teca com o timbre da companhia entalhado nelas. No saguão de entrada, com seus assoalhos de madeira amarela polida, um ajudante-de-ordens tomoulhe os chapéus e espadas e conduziu-os para a antecâmara.

— Direi a Sua Excelência que os senhores estão aqui — disse, enquanto saía do aposento. Retornou em minutos. — Sua Excelência irá vê-los agora.

A sala de audiência do governador dominava a baía através de estreitas janelas. Era mobiliada com uma estranha mistura da pesada mobília holandesa e artefatos orientais. Tapetes chineses, brilhantemente coloridos, cobriam os assoalhos polidos, e os gabinetes com frente de vidro exibiam uma coleção de delicadas porcelanas com os padrões esmaltados distintos e coloridos da dinastia Ming.

O governador Kleinhans era um homem alto e dispéptico, de avançada meia-idade, sua pele amarelada pela vida nos trópicos, e as feições marcadas e vincadas pelos ossos do ofício. Sua compleição era esquelética, o pomo-de-adão tão proeminente como se fosse deformado, e a peruca inteira, jovial demais em estilo para o semblante enrugado sob ela.

— Coronel Schreuder. — Saudou o oficial formalmente, sem tirar os olhos cansados, em suas bolsas de pele amarela, do Gavião. — Quando acordei esta manhã e vi que seu navio se fora, pensei que tivesse partido para casa sem minha permissão.

— Peço-lhe perdão, senhor. Eu lhe darei uma explicação cabal, mas poderia primeiro apresentar-lhe o conde de Cumbrae, um nobre inglês?

— Escocês, não inglês.

O governador Kleinhans, no entanto, ficara impressionado com o título e mudou para um inglês muito bom gramaticalmente, marcado apenas ligeiramente por seu sotaque gutural.



— Ah, seja bem-vindo ao cabo da Boa Esperança, meu senhor. Por favor, sente-se. Posso lhe oferecer um refresco leve... um copo de Madeira, talvez?

Com os cálices de haste longa de vinho âmbar nas mãos, as cadeiras de assento alto colocadas num círculo, o coronel inclinou-se para Kleinhans e murmurou:

— Senhor, o que tenho a lhe dizer é um assunto da maior delicadeza — e olhou para os criados que andavam por ali e para o ajudante-de-ordens.

O governador bateu palmas e eles desapareceram como fumaça ao vento. Intrigado, inclinou a cabeça na direção de Schreuder.

— Ora, coronel, o que é esse segredo que tem para me contar? Lentamente, enquanto Schreuder falava, as feições do governador se acenderam de ganância e ansiedade, porém, quando Schreuder terminou sua exposição, ele demonstrou relutância e ceticismo.

— Como saberemos que esse pirata, Courtney, ainda está ancorado no lugar onde o viu da última vez? — perguntou a Cumbrae.

— Recentemente, doze dias atrás, o galeão roubado, o Standvastigheid estava de querena sobre a praia, com a carga descarregada e o mastro principal desenfurnado. Sou um marinheiro e posso assegurar ao senhor que Courtney não poderia tê-lo deixado pronto para o mar outravez em menos de trinta dias. Isso significa que temos ainda duas semanas para fazer nossos preparativos e desferir um ataque contra ele — explicou o Gavião.

Kleinhans concordou.

— Então, em que redondezas é a ancoragem na qual esse patife está escondido? — O governador tentou tornar a pergunta casual, mas seus olhos amarelados de febre luziam.

— Posso apenas assegurar que está bem escondido. — O Gavião esquivou-se da pergunta com um sorriso seco. — Sem minha ajuda, seus homens não serão capazes de caçá-lo.

— Compreendo. — Com seu indicador ossudo, o governador cutucou o nariz e em seguida inspecionou o fragmento de ranho seco que retirara. Sem erguer os olhos, continuou, ainda casualmente: — Naturalmente, você não iria reivindicar uma recompensa por tal desempenho, que é, afinal de contas, simplesmente seu dever legal e moral, destruir o ninho desse pirata.

— Eu não pediria outra recompensa além de uma modesta quantia para me compensar por meu tempo e despesas — concordou Cumbrae.

— Uma centésima parte do que formos capazes de recuperar da carga do galeão — sugeriu Kleinhans.

— Não tão modesta assim — objetou Cumbrae. — Eu tinha em mente a metade.

— Metade! — O governador Kleinhans sentou-se empertigado, e suas feições se tornaram da cor de um velho pergaminho. — Está brincando, certamente, senhor.

— Eu lhe asseguro, senhor, que, quando se trata de dinheiro, eu raramente brinco — disse o Gavião. — Já levou em consideração quão agradecido ficará o diretor-geral de sua guarnição quando lhe devolver a filha ileso e sem ter de fazer o pagamento do resgate? Isso por si só seria um fator compulsório para aumentar sua pensão, sem mesmo levar em conta o valor da carga de especiarias e lingotes de metal precioso.

Enquanto o governador Kleinhans ficava a considerar a questão, começou a escarafunchar a outra narina e permaneceu em silêncio. Cumbrae prosseguiu, persuasivo:

— Claro, assim que van de Velde for libertado das garras daquele vilão e chegue aqui, o senhor poderá transferir seus deveres a ele e depois estará livre para retornar a seu lar, na Holanda, onde as recompensas de seu longo e leal serviço o esperam. — O coronel Schreuder havia comentado como o governador estava ansioso por sua iminente aposentadoria, depois de trinta anos a serviço da companhia.

Kleinhans agitou-se diante de tal perspectiva animadora, porém sua voz saiu dura:

— Um décimo do valor da carga recuperada, mas que não incluirá o valor de quaisquer piratas capturados e vendidos no mercado de escravos. Um décimo, e esta é minha oferta final.

Cumbrae fez um ar trágico.

— Terei de dividir a recompensa com minha tripulação. Eu não poderia considerar uma quantia inferior que um quarto.

— Um quinto — regateou Kleinhans.

— Concordo — disse Cumbrae, bastante satisfeito. — E, é claro, precisarei dos serviços daquela bela fragata naval ancorada na baía, e de três guarnições de seus mosqueteiros com o coronel Schreuder aqui para comandá-las. E minha própria embarcação precisa ser recarregada com pólvora e cartuchos, para não mencionar água e outras provisões.

Custou um prodigioso esforço ao coronel Schreuder, mas, no fim da tarde do dia seguinte, as três guarnições de infantaria, cada uma compreendendo noventa homens, apresentavam-se no passeio fora das muralhas do forte, prontas para embarque. Os oficiais e não-comissionados eram todos holandeses, porém os mosqueteiros eram uma mistura de tropas nativas, malacanos da Malásia, hotentotes recrutados das tribos do cabo e cingaleses e tâmile das possessões da companhia no Ceilão. Estavam curvados como corcundas sob as armas e os pesados pacotes nas costas, mas, numa incongruência, tinham os pés descalços.

Enquanto os observava a marchar para fora dos portões, em suas simples boinas pretas, gibões verdes e cintos brancos cruzados, os mosquetes carregados a tiracolo, Cumbrae comentou, com azedume:

— Espero que lutem tão bem quanto marcham, mas creio que podem se mostrar uma pequena surpresa quando encontrarem os ratos do mar de Franky.

Ele poderia transportar uma única guarnição com toda a sua bagagem a bordo do Gull. Mesmo assim, seus tombadilhos ficariam lotados e desconfortáveis, principalmente se pegassem tempo ruim no caminho.

As outras duas guarnições de infantaria embarcaram na fragata naval. Fariam uma viagem mais fácil, pois o De Sonnevogel, o Pássaro do Sol, era uma nau rápida e cômoda. Fora capturada da frota de Oliver Cromwell pelo almirante holandês de Ruyter durante a batalha de Kentish Knock, e estivera na esquadra de de Ruyter durante sua incursão pelo Tâmisia, apenas meses antes de sua chegada ao cabo. Era esguia e adorável em sua lustrosa pintura negra e com debuxos em branco nevado. Era fácil constatar que suas velas tinham sido renovadas antes de ela zarpar da Holanda, e todas as escotas e massames eram ótimos e novos. Sua tripulação era na maior parte de veteranos das duas guerras recentes com a Inglaterra, guerreiros de primeira linha endurecidos pela batalha.

Seu comandante, o capitão Ryker, era também um marinheiro duro, grosseiro, de águas profundas, largo de ombros e de barriga grande. Não fez nenhuma tentativa de esconder seu desprazer ao se descobrir sob a direção de um homem que, até recentemente, fora seu inimigo, um irregular a quem considerava pouco menos que um ganancioso pirata. Sua postura com relação a Cumbrae era fria e hostil, seu desprezo mal disfarçado.

Tinham levado a efeito um conselho de guerra a bordo do De Sonnevogel que não fora fácil, com Cumbrae a se recusar a revelar seu destino, e Ryker a fazer objeção a cada sugestão e a discutir cada proposta que lhe era apresentada. Apenas o arbítrio do coronel Schreuder impedira a expedição de fracassar irremediavelmente antes que tivessem deixado a proteção da baía da Mesa.

Foi com profundo sentimento de alívio que o Gavião viu por fim a fragata recolher âncora e, com quase duzentos mosqueteiros alinhados em sua amurada a acenar adeus para a multidão de mulheres hotentotes, espalhafatasas em seus vestidos ou seminuas na praia, seguir o pequeno Gull em direção à

entrada da baía.

O próprio tombadilho do Gull estava lotado de homens de infantaria que acenavam e tagarelavam e apontavam para os marcos na montanha e na praia, um para o outro, e atrapalhavam os marujos que trabalhavam para tirar o Gull da costa de sotavento.

Assim que o navio contornou o ponto abaixo da Cabeça de Leão e fez sua primeira investida majestosa para o Atlântico Sul, um estranho silêncio caiu sobre os barulhentos passageiros, e quando mudaram de direção e seguiram em alta velocidade rumo ao leste, os primeiros mosqueteiros correram para a amura e lançaram uma longa golfada amarela de vômito no olho do vento. Um espocar de gargalhadas subiu da tripulação à medida que o vento mandava aquilo de volta para as faces pálidas dos infelizes e emplastava seus gibões verdes com a biliosa evidência da última refeição.

Em questão de uma hora mais, os outros soldados tinham seguido o exemplo, e os tombadilhos estavam tão escorregadios e traiçoeiros com as oferendas a Netuno, que o Gavião ordenou que as bombas fossem acionadas e ambos os conveses e os passageiros lavados com jorros d'água.

— Serão uns poucos dias interessantes — disse ele ao coronel Schreuder. — Espero que essas belezas tenham força para se arrastarem para terra quando chegarmos a nosso destino.

Antes que tivessem completado metade da viagem, tornou-se evidente que aquilo que ele dissera de brincadeira era, de fato, a dura realidade. A maioria das tropas parecia moribunda, a jazer como cadáveres no convés, com nada nas barrigas para sustentá-los. Um sinal do capitão Ryker indicou que aqueles a bordo do Sonnevogel não estavam em melhor situação.

— Se pusermos esses homens direto do tombadilho para dentro de uma luta, os rapazes de Franky irão comê-los sem cuspir os ossos. Teremos de mudar nossos planos — disse o Gavião a Schreuder, que enviou um sinal para o Sonnevogel. Enquanto ele deixava o navio à capa, o capitão Ryker se aproximava em seu esquife com evidente má vontade para discutir o novo plano de assalto.

Cumbrae desenhara um esboço de mapa da lagoa e do litoral que ficava de cada lado das pontas. Os três oficiais debruçaram-se sobre o croqui na minúscula cabine do Gull. O humor de Ryker melhorara diante dadescoberta do destino final, pela perspectiva de ação e o dinheiro do prêmio, e por um trago de uísque que Cumbrae lhe servira. Pela primeira vez estava disposto a concordar com o plano que Cumbrae lhe apresentava. — Há outra ponta de terra aqui, cerca de oito ou nove léguas oeste da entrada da lagoa. — O Gavião pousou a mão no mapa. — Com este vento, haverá água calma suficiente a sotavento para mandar os botes à praia e desembarcar o coronel Schreuder e seus mosqueteiros na praia. Então ele começará sua marcha de aproximação. — Apontou para o desenho com o indicador coberto de pêlos cor de gengibre. — O intervalo em terra seca e o exercício darão a seus homens a oportunidade de se recobrem de sua moléstia. Quando alcançarem o covilde Courtney, terão algum ânimo de novo.

— Os piratas armaram quaisquer defesas na entrada da lagoa? — quis saber Ryker.

— Têm baterias aqui e ali, cobrindo o canal. — Cumbrae desenhara uma série de cruces de cada lado da entrada. — Estão bem protegidos para ficar invulneráveis e retornar fogo disparado por um navio a entrar ou deixar a ancoragem. — Parou ao se recordar do vibrante bota fora que aquelas colubrinhas tinham dado ao Gull enquanto ele fugia pela lagoa, depois do ataque abortado ao acampamento.

Ryker pareceu sombrio diante da perspectiva de submeter seu navio a salvas de curto alcance das baterias entrincheiradas em terra.

— Poderei lidar com as baterias com uma aproximação de oeste — prometeu-lhe Schreuder. — Mandarei um pequeno destacamento para escalar as colinas. Não haverão de esperar um ataque da retaguarda. Contudo, não serei capaz de cruzar o canal e alcançar os canhões da ponta de terra a leste.

— Mandarei outro grupo de incursão para colocar aquelas armas fora do jogo — interrompeu-o Ryker vamos estabelecer um sistema de sinais para coordenar nossos ataques.

Passaram outra hora a trabalhar num código com bandeiras e fumaça entre os navios e a costa. Já então, o sangue, tanto de Ryker como de Schreuder, estava em ebulição, e eles visualizavam a oportunidade de ganhar honras de batalha.

Por que haveria eu de arriscar meus próprios marinheiros, quando esses heróis estão ansiosos para fazer o trabalho por mim? pensou o Gavião, contente. Em voz alta, disse:

— Eu os cumprimento, cavalheiros. É um plano excelente. Suponho que o senhor atrasará os ataques às baterias na entrada até que o coronel Schreuder tenha levado sua força principal de infantaria através da floresta e esteja em posição para desferir o assalto maior à retaguarda do acampamento pirata.

— Sim, é bem assim — concordou Schreuder, ansioso. — Porém, tão logo as baterias das pontas sejam colocadas fora de ação, seus navios providenciarão a evasiva, velejando por elas e bombardeando o acampamento dos piratas. Será o sinal para que eu deslanche meu ataque por terra pela retaguarda.

— Nós lhe daremos nosso pleno apoio — concordou Cumbrae, a pensar satisfeito consigo mesmo, "Como ele está faminto por glória", e refreou um impulso fraternal de lhe dar um tapinha no ombro. O idiota é bem-vindo em minha parte de balas de canhão, contanto que eu possa pôr minhas mãos na recompensa.

Então, ergueu os olhos especulativos para o capitão Ryker. Restava providenciar para que o Sonnevogel conduzisse a esquadra pelas pontas para dentro da lagoa e, no processo, atraísse a atenção total das colubrinhas de Franky ao longo da beira da floresta. Poderia ser de sua vantagem que a nau sofresse danos pesados antes que Franky fosse dominado. Se ele estivesse no comando do único navio em condições de navegação ao fim da batalha, seria capaz de ditar os próprios termos quando chegasse a hora de dispor do espólio de guerra.

— Capitão Ryker — disse, com um arrogante floreio —, reclamo a honra de liderar a esquadra para dentro da lagoa com meu galante e pequeno Gull. Meus rufiões não me perdoarão se eu deixá-lo ir adiante de nós.

Os lábios de Ryker se repuxaram de teimosia.

— Senhor! — disse, empertigado. — O Sonnevogel é mais pesadamente armado e mais capaz de resistir às balas do inimigo. Devo insistir que me permita liderar a entrada na lagoa.

E isso resolve a questão, pensou o Gavião, ao inclinar a cabeça em relutante concordância.

Três dias depois, colocaram o coronel Schreuder e suas três guarnições de mosqueteiros enjoados em terra, numa praia deserta, e os observara marchar para o interior africano numa longa coluna desordenada.

A noite africana era calada, porém nunca silenciosa. Quando Hal parou na trilha estreita, as leves passadas de seu pai soaram abafadas adiante e Hal pôde ouvir os sons suaves de miríades de vidas que pululavam na floresta ao seu redor: o chamado modulado de um pássaro noturno, mais assombrosamente belo que qualquer outtro que um musicista pudesse arrancar de um instrumento de corda; o raspar de roedores e outros pequenos mamíferos entre as folhas mortas, e o repentino grito pavoroso dos pequenos felinos predadores que os caçavam; o cantar e o zunir dos insetos, e o eterno murmúrio do vento. Tudo era parte do coro escondido naquele templo de Pã.

O feixe de luz da lanterna de tempestade desapareceu à frente, e agora Hal apressava o passo para alcançá-la. Quando haviam deixado o acampamento, seu pai lhe ignorara as perguntas, porém, quando emergiram por fim da floresta ao pé das colinas, ele percebeu para onde estavam indo. As pedras que ainda marcavam a loja dentro da qual ele fizera seus juramentos formavam um círculo fantasmagórico ao brilho da lua minguante. A entrada dela, Sir Francis caiu sobre um joelho e inclinou a cabeça, em prece. Hal ajoelhou-se ao lado dele.

— Senhor Deus, faça-me valoroso — rezou Hal. — Dê-me a força para manter os votos que fiz aqui,

em Seu nome.

Seu pai ergueu a cabeça por fim. Levantou-se, tomou a mão de Hal e ergueu-o de pé. Então, lado a lado, entraram no círculo e se aproximaram da pedra do altar.

— In Arcadia habito! — disse Sir Francis, em sua voz profunda emusical. E Hal deu a resposta.

— Flumen sacrum bene cognosco!

Sir Francis colocou a lanterna sobre a pedra alta e, sob sua luz amarelada, ajoelharam-se novamente. Por um longo tempo, rezaram em silêncio, até que Sir Francis ergueu os olhos para o céu.

— As estrelas são as chaves de código do Senhor. Iluminam nossas idas e nossas vindas. Guiam-nos pelos oceanos não mapeados. Guardam nosso destino em suas espirais. Medem o número de nossos dias.

Os olhos de Hal buscaram de imediato sua própria estrela particular, Regulo. Atemporal e imutável, luzia no signo de Leão.

— Na noite passada, fiz seu horóscopo — disselhe Sir Francis. — Existe muita coisa que não posso revelar, porém isto posso lhe dizer. As estrelas guardam um destino singular reservado a você. Não pude imaginar de que natureza.

Havia um tom pungente na voz de seu pai, e Hal o fitou. O semblante de Sir Francis estava abatido, as sombras sob seus olhos, profundas e escuras.

— Se as estrelas estão inclinadas tão favoravelmente, o que o preocupa, papai?

— Tenho sido severo com você. Tenho-o tratado com dureza. Hal meneou a cabeça.

— Papai...

Sir Francis, porém, aquietou-o ao lhe pousar a mão no braço.

— Deve se lembrar sempre por que fiz isso com você. Se o amasse menos, teria sido mais gentil. — Seu aperto no braço do filho aumentou quando ele sentiu que Hal tomava fôlego para falar. — Tentei prepará-lo e lhe dar conhecimento e força para ir ao encontro desse destino particular que as estrelas lhe reservaram. Compreende isso?

— Sim. Sei disso faz tempo. Aboli me explicou.

— Aboli é sábio. Estará com você quando eu me for.

— Não, papai. Não fale nisso.

— Meu filho, olhe para as estrelas — retrucou Sir Francis, e Hal hesitou, incerto de sua significação. — Você sabe qual é minha própria estrela. Eu a mostrei a você centenas de vezes antes. Procure por ela agora no signo de Virgem.

Hal ergueu a face para os céus e voltou-a para leste, onde Regulo ainda se mostrava, brilhante e clara. Seu olhar correu para o signo de Virgem, que jazia perto, ao lado de Leão, e ele arquejou, a respiração a sibilar através dos lábios, com temor supersticioso.

O signo de seu pai estava cortado de uma ponta a outra por uma cimitarra em chamas. Uma flamejante pena vermelha, vermelha como sangue.

— Uma estrela cadente — murmurou ele.

— Um cometa — corrigiu-o o pai. — Deus me envia um aviso. Meu tempo aqui chega a seu término. Mesmo os gregos e os romanos sabiam que o fogo celestial é o presságio do desastre, de guerra e fome e praga, e da morte dos reis.

— Quando? — perguntou Hal, sua voz pesada de terror.

— Em breve — retrucou Sir Francis. — Deve ser logo. Mas certamente antes que o cometa tenha completado seu trânsito por meu signo. Esta pode ser a última vez que você e eu fiquemos sozinhos assim.

— Não há nada que possamos fazer para evitar esse infortúnio? Não podemos fugir dele?

— Não sabemos quando ele chegará — disse Sir Francis, com gravidade. — Não podemos escapar

daquilo que foi decretado. Se corrermos, então certamente seguiremos direto para suas mandíbulas.

— Ficaremos para encontrá-lo e lutar, então — disse Hal, com determinação.

— Sim, lutaremos — concordou o pai —, mesmo que o resultado tenha sido ordenado. Porém, não foi por isso que eu o trouxe aqui. Quero passar a você, nesta noite, sua herança, os legados tanto materiais como espirituais que lhe pertencem, como meu único filho. — Tomou a face de Hal entre as mãos e voltou-a para que ele o fitasse dentro dos olhos.

— Depois de minha morte, a posição e o título honorífico de baronete, outorgado a seu bisavô, Charles Courtney, pela boa Rainha Bess, depois da destruição da Armada Espanhola, pertencem a você. Você se tornará Sir Henry Courtney. Compreende isso?

— Sim, papai.

— Seu pedigree foi registrado no Colégio de Armas na Inglaterra — Parou quando um grito selvagem ecoou pelo vale, o berro de um leopardo caçando pelos penhascos à luz do luar. A medida que os pavorosos rugidos rascantes morreram, Sir Francis continuou, tranqüilamente: — É meu desejo que progrida na ordem até que obtenha o posto de cavaleiro Nautonnier.

— Eu me esforçarei por atingir esse objetivo, papai.

Sir Francis ergueu a mão direita. O círculo de ouro em seu dedo anular luziu à luz da lanterna. Ele torceu-o e tirou-o, erguendo-o para captar o luar.

— Este anel é parte das insígnias do ofício de Nautonnier. — Pegou a mão direita de Hal e enfiou o anel em seu segundo dedo. Era muito largo e portanto ele o colocou no indicador do filho. Depois, abriu o colarinho alto do manto e expôs o grande selo de seu ofício que jazia contra seu peito. Os pequenos rubis nos olhos do leão de patas erguidas da Inglaterra e as estrelas de diamantes acima dele luziram suavemente à luz incerta. Ele tirou a corrente do selo em torno do pescoço, ergueu-o sobre a cabeça de Hal e depois o baixou sobre os ombros. — Este selo é a outra parte das insígnias da ordem. É sua chave para o templo.

— Estou honrado, porém humilhado, pela confiança que deposita em mim.

— Há uma outra parte do legado espiritual que deixo a você — disse Sir Francis, enquanto levava a mão para as dobras do manto. — É a memória de sua mãe. — Abriu a mão; na palma, jazia um camafeu com a miniatura de Edwina Courtney.

A luz não era forte bastante para que Hal divisasse os detalhes do retrato, porém a face da mãe estava gravada em sua mente e seu coração. Sem fala, ele o colocou no bolso do peito do gibão.

— Deveríamos rezar juntos pela paz da alma de sua mãe — disse Sir Francis, calmamente, e ambos inclinaram as cabeças. Depois de alguns minutos, Sir Francis ergueu a cabeça de novo. — Agora, resta apenas a discutir a herança terrestre que deixo a você. Primeiramente, há High Weald, nossa herdade da família, em Devon. Você sabe que seu tio Thomas administra a casa e as terras em minha ausência. As escrituras do título estão com meu advogado, em Plymouth... — Sir Francis continuou falando por um longo tempo, relacionando e detalhando suas posses e domínios na Inglaterra. — Escrevi tudo isso em meu diário para você, porém ele pode ser perdido ou roubado antes que possa estudá-lo. Lembre-se de tudo que eu lhe disse.

— Não esquecerei nada — assegurou-lhe Hal.

— Depois, há as presas que fizemos neste cruzeiro. Você estava comigo quando escondemos os espólios tanto do Heerlycke Nacht como do Standvastigheid. Quando retornar com aquele butim para a Inglaterra, certifique-se de pagar a cada homem da tripulação a sua parte.

— Eu o farei sem falta.

— Pague também cada pêni da parte da Coroa aos oficiais da alfândega do rei. Apenas um patife procuraria enganar seu soberano.

— Não me furtarei a pagar meu rei.

— Eu jamais descansaria em paz se soubesse que todas as riquezas que amealhei para você e para mim fossem perdidas. Exijo que você faça um juramento por sua honra como um cavaleiro da ordem — disse Sir Francis. — Deve jurar que jamais revelará o paradeiro dos espólios a qualquer outra pessoa. Nos dias de dificuldade que jazem adiante de nós, enquanto o cometa vermelho rege meu signo e dita nossos negócios, pode haver inimigos que tentarão forçá-lo a quebrar seu juramento. Você precisa sustentar no frontispício de sua mente o lema da família. Durabo! Persistirei.

— Por minha honra, e em nome de Deus, eu persistirei — prometeu Hal. As palavras lhe passaram fáceis pela língua. Ele não poderia saber que, quando retornassem a ele, seu peso seria doloroso e cruel o bastante para lhe despedaçar o coração.

Durante toda a sua carreira militar, o coronel Cornelius Schreuder fizera campanha com tropas nativas em vez de com homens de sua própria raça e país. Ele os preferia, pois eram habituados à adversidade e provavelmente menos afetados pelo calor e o sol, ou pelo frio e umidade. Eram resistentes às febres e pragas que derrubavam os brancos que se aventuravam naqueles climas tropicais, e sobreviviam com menos comida. Podiam viver e lutar com a refeição frugal que aquela terra selvagem e terrível oferecia, enquanto as tropas européias adoeceriam e morreriam se forçadas a se submeter a privações semelhantes.

Havia outra razão para sua preferência. Ao passo que as vidas das tropas cristãs deviam ser computadas como caras, aqueles pagãos podiam ser perdidos sem tal consideração, assim como o gado que não tem o mesmo valor que os homens e pode ser mandado para o matadouro sem remorso. Claro, eram ladrões famosos e não poderiam ser de confiança perto de mulheres ou bebida, e, quando forçados a depender da própria iniciativa, eram como crianças, mas, com bons oficiais holandeses em cima deles, sua coragem e espírito de luta sobrepujavam as fraquezas.

Schreuder postou-se numa elevação de solo e observou a longa coluna de infantaria passar em fila. Era notável como tinham se recuperado rapidamente da terrível aflição dos enjôos que, apenas um dia antes deixaram prostrados a maioria deles. Uma noite de descanso no chão duro e uns poucos bocados de peixe seco e bolos de sorgo assados sobre as brasas, e, naquela manhã, estavam alegres e fortes como quando tinham embarcado. Passavam por ele de pés descalços, seguindo seus oficiais de escalão inferior de branco, a se movimentar facilmente sob os fardos, a conversar entre si em suas próprias línguas.

Schreuder sentia mais confiança neles agora do que a qualquer tempo, desde que tinham embarcado na baía da Mesa. Levantou o chapéu e enxugou a testa. O sol apenas se mostrava acima da copa das árvores, mas já estava quente como uma bafurada de um forno de padeiro. Ele olhou adiante, para as colinas e florestas que os esperavam. O mapa que o escocês ruivo desenhara para ele era um croqui rudimentar que simplesmente debruava a linha da costa e não avisava daquele terreno difícil que tinham encontrado.

A princípio, ele marchara ao longo da praia, porém aquilo se provara pesado — sob os pacotes, os homens afundavam o tornozelo fundo na areia a cada passo. Além disso, as praias abertas eram intercaladas de penhascos e cabos rochosos, que poderiam provocar mais atraso. Assim, Schreuder se voltara para o interior e mandara seus batedores à frente para achar um caminho através das colinas e da floresta.

Naquele momento, ouviu-se um grito do alto, adiante. Um corredor voltava pela fila. Ofegante, o hotentote aproximou-se e saudou-o com um floreio.

— Coronel, há um rio largo adiante. — Como a maioria daquelas tropas, ele falava um bom holandês.

— Em nome do cão! — praguejou Schreuder. — Devemos estar bem mais para trás, e nosso encontro está apenas a dois dias de hoje. Mostre-me o caminho. — O batedor conduziu em direção ao cume da

colina.

No topo da elevação, um íngreme vale de rio se abriu sob seus pés. Os lados tinham quase sessenta metros de profundidade e eram densamente cobertos por floresta. Ao fundo, o estuário era largo e amarronzado, correndo para dentro do mar com a maré. Ele tirou a luneta da caixa de couro e esquadrinhou o vale com cuidado, no ponto onde este se enfiava profundamente para dentro das colinas, no interior.

— Não parece ser um caminho mais fácil para cruzar, e não poderemos desperdiçar mais tempo procurando. — Olhou para o precipício. — Amarre cordas naquelas árvores no topo, para dar apoio aos homens na descida.

Tomoulhes metade da manhã fazer descer duzentos homens para o vale. Num certo estágio, uma corda rompeu-se sob o peso de cinquenta deles que se penduravam nela para manter o passo enquanto desciam. Contudo, embora a maioria sofresse esfoladuras, cortes e arranhões conforme rolavam até a margem do rio, não houve uma séria fatalidade. A perna direita de um jovem cingalês da infantaria ficou presa na raiz de uma árvore enquanto ele caía e foi fraturada em uma dúzia de partes abaixo do joelho, as lascas agudas do osso a saltar da pele.

— Bem, descemos com apenas um homem perdido — disse Schreudera seu tenente, com satisfação. — Poderia ter sido pior. Poderíamos ter passado dias procurando outro ponto de travessia.

— Mandarei fazer uma liteira para o homem ferido — sugeriu o tenente Maatzuyker.

— Está louco da cabeça? — esbravejou Schreuder. — Ele apenas atrasaria a marcha. Deixe o idiota trapalhão aqui com uma pistola carregada. Quando as hienas caírem sobre ele, pode escolher em quem atirar numa delas ou em si mesmo. Chega de conversa! Vamos fazer a travessia

Da margem, Schreuder olhou pela extensão de cerca de cem metros do rio, a superfície revolta com pequenos redemoinhos conforme a maré cheia se chocava com as águas barrentas em sua corrida para o mar.

— Teremos de construir balsas... — aventurou-se a dizer o tenente Maatzuyker, mas Schreuder retorquiu, com rispidez:

— Não temos tempo para isso. Passe uma corda até a outra margem. Preciso ver se o rio é vadeável.

— A corrente é forte — ponderou Maatzuyker, com tato.

— Mesmo um pateta pode ver isso, Maatzuyker. Daí, talvez, você não ter tido dificuldade em fazer a observação — retrucou Schreuder, num tom agourento. — Pegue seu nadador mais forte!

Maatzuyker bateu continência e correu pelas fileiras das tropas. Os homens adivinharam o que lhes estava reservado, e cada um encontrou algo de interesse para estudar no céu ou na floresta, em vez de encarar o olhar de Maatzuyker.

— Ahmed! — gritou ele para um de seus cabos, agarrando-o pelo ombro e puxando-o de um grupo de homens entre os quais ele tentava passar despercebido.

Resignado, Ahmed entregou o mosquete a um dos companheiros de tropa e começou a se despir. Seu corpo nu era sem pêlos e amarelo, revestido de musculatura flexível e rija.

Maatzuyker amarrou uma corda sob suas axilas e mandou-o para a água. Conforme Ahmed entrava na corrente, a água subiu gradualmente até sua cintura. E as esperanças de Schreuder de uma travessia rápida e fácil subiram com ela. Os companheiros de Ahmed, na margem, gritavam palavras de encorajamento enquanto soltavam a corda.

Então, quando estava em meio à travessia, Ahmed tropeçou abruptamente no canal principal do rio, e sua cabeça desapareceu abaixo da superfície.

— Puxem-no de volta! — ordenou Schreuder, e os homens arrastaram Ahmed para trás, para uma parte mais rasa, onde ele cambaleou para recuperar o pé, a espirrar e tossir com a água que tinha



engolido.

De repente, Schreuder gritou, com mais urgência.

— Puxem! Tirem-no da água!

A quarenta metros, corrente acima, ele vira um poderoso redemoinho na superfície das águas opacas. Então, uma forma em V, veloz, lançou-se pelo canal onde o cabo chapinhava, nos baixios. A turma com a corda também viu, e, com gritos de consternação, todos puxaram Ahmed com tamanho vigor que ele caiu de costas e foi arrastado, a se debater e chutar em direção à margem. Contudo, a coisa abaixo da superfície moveu-se mais rapidamente ainda e disparou para o homem indefeso.

Quando estava apenas a alguns metros dele, sua boca deformada, nodosa e escamosa como um tronco preto, investiu para a superfície, e, seis metros atrás da cabeça, uma cauda em crista de sáurio explodiu para fora. O hediondo monstro disparou pela distância e ergueu-se acima da água, as mandíbulas abertas a exhibir as fileiras pontudas de dentes amarelos.

Então Ahmed o avistou e soltou um berro pavoroso. Com um estalo, como de uma grade levadiça caindo, as mandíbulas se fecharam sobre a parte inferior de seu corpo. Homem e animal afundaram abaixo da superfície num redemoinho de espuma cremosa. Os soldados na fila foram arrancados dos pés e arrastados em pilha para baixo da margem.

Schreuder saltou atrás deles e segurou a ponta da corda. Deu duas voltas em torno do punho e retesou o peso todo para trás. No encontro amarronzado de maré e rio, houve outra efervescente explosão de espuma conforme o imenso crocodilo, as mandíbulas travadas na barriga de Ahmed, rolava sobre si com espantosa velocidade. Os outros homens na corda recobriram o pé e puxaram a corda. As águas barrentas se tingiram de vermelho enquanto Ahmed era decepado pelo meio, do jeito que um glutão poderia arrancar a perna de um peru assado.

A mancha de sangue foi levada para longe e dissipou-se rio abaixo na corrente veloz, e os homens retesados caíram para trás quando a resistência da outra ponta da corda cedeu. O torso superior de Ahmed foi puxado para terra, os braços a se agitarem e a boca a se abrir e fechar convulsivamente, como de um peixe moribundo.

A distância, no rio, o crocodilo emergiu novamente, segurando as pernas e o torso inferior de Ahmed atravessado nas mandíbulas. Ergueu a cabeça para o céu e tragou vorazmente o pedaço, mastigando-o entre os dentes para engolir. Conforme a carcaça desmembrada deslizava para dentro de seu papo, os homens podiam vê-lo arquear a garganta macia e pálida.

Schreuder rugia de raiva.

— Aquele maldito animal irá nos atrasar por dias, se permitirmos. — Voltou-se contra os abalados mosqueteiros que arrastavam o cadáver coberto de areia de Ahmed. — Tragam esse pedaço de carne para cá!

Eles deixaram cair o cadáver aos pés dele e viram, admirados, quando Schreuder livrou-se das próprias roupas e se postou nu, diante deles, a musculatura dura e firme ondulando em sua barriga e o grossopênis a saltar de um emaranhado de pêlos escuros na base. Diante de sua ordem impaciente, eles amarraram uma corda sob as suas axilas e depois lhe estenderam um mosquete carregado com a mecha queimando na trava, o qual Schreuder ergueu no ombro. Com a outra mão, agarrou o braço inanimado de Ahmed. Um burburinho incrédulo de admiração espalhou-se pela margem à medida que Schreuder punha os pés no rio, arrastando os restos sangrentos consigo.

— Venha, então, seu animal nojento! — berrou ele, raivoso, quando a água chegou-lhe aos tornozelos e ele continuava adiante. — Quer comer? Bem, tenho algo para você mastigar.

Um murmúrio de horror escapou de cada garganta quando, rio acima de onde Schreuder se postava, com a água nos quadris, houve outro tremendo redemoinho e o crocodilo disparou corrente abaixo em

direção a ele, deixando uma longa esteira lisa pela superfície barrenta.

Schreuder preparou-se e então, com um giro do braço, lançou o torso do cadáver desmembrado de Ahmed adiante de si, na trilha da investida fulminante do crocodilo.

— Coma isso! — gritou ele, ao erguer o mosquete do ombro e mirando nos restos humanos que boiavam apenas dois braços de distância à frente.

A cabeça monstruosa irrompeu para a superfície, e a bocarra abriu-se escancarada o suficiente para abocanhar os restos esfaçalhados de Ahmed. Pela mira da arma, Schreuder olhou para aquelas mandíbulas abertas. Viu as lanças desiguais dos dentes, ainda festonados com farrapos de carne humana, e, além deles, a linha da garganta, que era de um belo amarelo cor de manteiga. Conforme as mandíbulas se abriam, uma forte membrana automaticamente fechava a garganta para impedir que a água entrasse nos pulmões do animal.

Schreuder mirou nas profundezas da garganta aberta e apertou o gatilho. A mecha caiu e houve um instante de atraso enquanto a pólvora se inflamava na caçoleta. Então, conforme Schreuder firmava a mira, veio um berro ensurdecido, e uma longa baforada de fumaça prata azulada fluiu do cano, direto para a garganta do crocodilo. Três onças de balas de chumbo endurecidas com antimônio atravessaram a membrana, rasgaram a traquéia, artéria e carne, enterrando-se fundo na cavidade do peito, esfaçalhando o coração e os pulmões do réptil frio.

Uma tal poderosa convulsão tomou conta do enorme lagarto, que quatro metros e meio de seu comprimento se arquearam fora d'água e a cabeça grotesca quase tocou a cauda em crista antes de cair para trás, numa alta coluna de espuma. Então o animal rolou, afundou e emergiu outra vez, a rodopiar em contorções de Leviatã.

Schreuder não parou para observar aqueles hediondos estertores de morte, mas deixou cair o mosquete fumegante e mergulhou de cabeça para a parte mais profunda do canal. Confiante no frenesi do animal para confundir e distrair quaisquer outros dos répteis mortais, arrancou para a margem distante com braçadas vigorosas.

— Soltem a corda para ele! — gritou Maatzuyker para os homens de pé, paralisados de choque, e eles recobriram o bom senso. Segurando o cabo ao alto para mantê-lo livre da corrente, soltaram-no conforme Schreuder se lançava pelo canal.

— Olhem! — berrou Maatzuyker, quando o primeiro e depois outro crocodilo deslizaram pela superfície. Os olhos se situavam em calombos nodosos protuberantes, de maneira que podiam ver as convulsões do companheiro moribundo sem expor o todo das cabeças.

O esparrinhar mais suave de Schreuder não lhes atraiu a atenção até que ele estava apenas a uma dúzia de braçadas da outra margem, quando um dos monstros sentiu-lhe a presença. Voltou-se e disparou na direção dele, as ondulações da água a se abrirem como um leque de cada lado dos calombos gêmeos de sua testa.

— Mais depressa! — berrou Maatzuyker. — Ele está atrás do senhor! Schreuder redobrou a força das braçadas à medida que o crocodilo

investia rapidamente sobre ele. Cada homem na margem gritava, buscando encorajá-lo, mas o réptil medonho estava um corpo atrás, quando os pés de Schreuder tocaram o fundo. O animal estava nos seus calcanhares enquanto ele se lançava para a frente, e as poderosas mandíbulas se fecharam apenas alguns centímetros atrás de suas passadas.

Arrastando a corda como uma cauda, ele cambaleou em direção à linha de árvores — porém ainda não estava livre do perigo, pois a criatura semelhante a um dragão, ergueu-se nos tocos das pernas encurvadas quando chegou em terra e investiu atrás dele numa velocidade em que os observadores mal podiam acreditar. Schreuder chegou à primeira árvore da floresta apenas centímetros à frente e saltou

para um galho estendido. Quando as mandíbulas denteadas estalaram, fechadas, ele pôde erguer as pernas além do alcance da mordida e, com a última de suas forças, içar-se para mais alto no galho.

O réptil, frustrado, começou a se mover sorratoeiro, embaixo, circularia o tronco da árvore. Então, com um rugido sibilante, recuou lentamente para a margem. Carregava ao alto a longa cauda, denteada como uma gigantesca crista de galo, mas, ao chegar ao rio, abaixou-a e deslizou para baixo da superfície.

Mesmo antes que tivesse desaparecido, Schreuder gritou, pelo rio:

— Amarrem forte sua ponta!

Enrolou a própria ponta da corda em torno do grosso tronco ao lado do qual estava pendurado e amarrou-a. Depois, berrou:

— Maatzuyker! Mantenha esses homens ocupados a construírem uma balsa. Podem se puxar pela corda contra a correnteza.

O casco do Resolução fora limpo de algas e cracas, e, assim que a tripulação arriou os cabos, ele se endireitou lentamente sob a pressão da maré que subia. Enquanto ficara de querena, na praia, os carpinteiros tinham terminado de moldar e vestir o mastro principal, que estava, por fim, pronto para ser enfundado. Foi preciso cada mão para carregar a longa e pesada vergôntea pela praia e erguer a ponta grossa sobre a amurada. A talha foi fixada depressa aos outros dois mastros de pé, e as lingas ajustadas para erguer a nova verga.

Com turmas a puxar cautelosamente os cabos, e com Daniel Grande e Ned a dirigi-las, ergueram a compacta extensão de pinho reluzente para a vertical. Sir Francis não confiava em ninguém mais para supervisionar o trabalho crucial de ajustar o calcanhar do mastro pelo buraco no tombadilho principal e depois deslizá-lo para dentro, através do casco, para fincá-lo na sobrequilha do navio e fixá-lo na carlinga. Era uma operação delicada, que precisava da força de cinqüenta homens, e levou a maior parte do dia.

— Muito bem-feito, rapazes! — disselhes Sir Francis quando, por fim, a maciça vergôntea deslizou para seu lugar pelos últimos poucos centímetros e o pé encaixou-se pesadamente em seu caixilho preparado. — Afrouxar! — Não mais apoiado pelas cordas, o mastro de quinze metros ficou de pé por sua própria conta.

Daniel Grande gritou para o convés de onde estava, com água na cintura, dentro da lagoa.

— Agora, pobres daqueles cabeças-de-queijo. Daqui a dés dias a contar de hoje, zarparemos pelas pontas, pode marcar minhas palavras.

Sir Francis sorriu para ele da amurada.

— Não antes que coloquemos as enxárcias naquele mastro mestre. E isso não acontecerá enquanto você ficar aí, com a boca aberta e a língua tagarelando.

Ia se afastar quando, de repente, fechou o cenho ao olhar para a praia. A esposa do governador saía das árvores, seguida pela criada, e agora parava na linha da praia, girando o cabo do guarda-sol entre os longos dedos brancos de modo que volteasse sobre sua cabeça numa roda brilhantemente colorida que atraía o olhar de cada homem da tripulação. Mesmo Hal, que supervisionava a turma no convés de proa, desviara-se de seu trabalho para fitá-la, embasbacado como um bobo. Naquele dia, ela se vestira com um novo e atraente costume, de decote tão baixo que seus seios estavam à mostra quase até os mamilos.

— Sr. Courtney — exclamou Sir Francis, alto o bastante para envergonhar o filho em frente a seus homens —, atente para seu trabalho. Onde estão os calços para firmar aquela verga?

Hal se assustou e corou profundamente sob a pele bronzeada, ao se voltar para a amurada e erguer uma pesada marreta.

— Ouviram o capitão — esbravejou, para sua turma.

— Aquela meretriz é a Eva neste paraíso — disse Sir Francis, baixando a voz e falando com o canto

da boca para Aboli, em seu ombro.

— Vi Hal extasiado por ela antes e, céus, ela o encara de volta com a ousadia de uma rameira com as tetas à mostra. Ele é apenas um menino.

— Você o vê com olhos de pai. — Aboli sorriu e meneou a cabeça.

— Ele não é mais um menino. É um homem. Você me disse uma vez que seu santo livro fala de uma águia no céu e uma serpente numa rocha, e um homem com uma donzela.

Embora Hal pudesse roubar pouco tempo de seus deveres, respondia às convocações de Katinka como um salmão retornando a seu rio nativo na estação da desova. Quando ela o chamava, nada poderia impedi-lo de atender. Corria pelo caminho com o coração em compasso com os pés que voavam. Fazia quase um dia inteiro desde a última vez em que ficara sozinho com Katinka, o que era de mais para seu gosto. Algumas vezes, conseguia se esgueirar do acampamento para encontrá-la duas ou três vezes num único dia. Com frequência podiam ficar juntos apenas por uns poucos minutos, mas era tempo suficiente para ter o negócio feito. Os dois desperdiçavam pouco do tempo precioso juntos em cerimônias ou conversas.

Tinham sido forçados a encontrar um lugar de encontro que não fosse a cabana dela. As visitas noturnas de Hal à paliçada dos reféns quase tinham terminado em desastre. O governador van de Velde talvez não dormisse tão profundamente como seus roncossugeriam, e os doisse tornaram descuidados e atrevidos nos jogos de amor.

Certa noite, acordado pelos gritos não reprimidos da esposa e a resposta alta de Hal, o governador van de Velde pegara a lamparina e corra para a cabana. Aboli, em guarda lá fora, vira o brilho a tempo de assobiar um aviso, dando a Hal tempo para que apanhasse suas roupas e se esgueirasse pelo buraco na parede da paliçada, justamente quando van de Velde irrompia para dentro da cabana com a lamparina numa das mãos e a espada nua na outra.

O homem reclamara amargamente com Sir Francis, na manhã seguinte.

— Um de seus marujos ladrões — acusara.

— Há alguma coisa de valor sumida da cabana de sua esposa? — quis saber Sir Francis, e quando van de Velde meneou a cabeça, foi duro na resposta. — Talvez sua esposa não devesse fazer um tal espetáculo com suas jóias, pois provocam idéias gananciosas. No futuro, senhor, poderia ser prudente tomar mais cuidado com todas as suas posses.

Sir Francis interrogou os vigias fora de turno, mas, como a esposa do governador não conseguia fornecer nenhuma descrição do intruso — estava profundamente adormecida na ocasião —, o assunto logo morreu. Aquela fora a última visita noturna que Hal se atrevera a se arriscar à paliçada.

Acabaram encontrando aquele lugar secreto para se encontrar. Era bem escondido, porém situado suficientemente perto do acampamento para que Hal pudesse atender às convocações e chegar ali apenas em poucos minutos. Ele parou por um breve instante no terraço estreito da caverna, respirando fundo com a pressa e a excitação. Ele e Aboli tinham descoberto o local quando retornavam de uma das incursões de caça nas colinas. Não era realmente uma caverna, mas uma saliência onde o arenito macio e avermelhado fora erodido do estrato de rocha mais dura para formar uma varanda profunda.

Não eram os primeiros humanos a passar por aquele caminho. Havia cinzas velhas no fogão de pedra contra a parede dos fundos do abrigo, e o teto baixo estava manchado de fuligem. Pelo chão, havia ossos de peixe e pequenos mamíferos, restos de uma refeição preparada no fogão. Os ossos estavam secos e limpos, e as cinzas, frias e dispersas. O fogão havia longo tempo estava em desuso.

Entretanto, não eram apenas os únicos sinais de ocupação humana. A parede de trás estava coberta do chão ao teto com uma selvagem e exuberante cavalgada de pinturas. Antílopes chifrudos e gazelas que Hal não reconhecia corriam em grandes hordas pela face macia do rochedo, caçados por arqueiros de

feições humanas, de nádegas protuberantes e membros sexuais incongruentemente eretos. As pinturas eram infantis e coloridas, a perspectiva e o tamanho relativo de homens e animais, fantásticos. Algumas figuras humanas pareciam anões diante do elefante que perseguiram, e águias eram duas vezes o tamanho das manadas de búfalos negros abaixo de suas asas esticadas. Muitas vezes, nos intervalos de quietude entre os selvagens arroubos de sexo, Hal ficava ali, deitado, a olhar para aqueles estranhos homens pequeninos que caçavam ou lutavam entre si. Nessas ocasiões, sentia uma estranha ansiedade de saber mais sobre os artistas e aqueles heróicos caçadores e guerreiros que retratavam.

Quando perguntou a Aboli sobre eles, o negro enorme deu de ombros com desdém.

— São os san. Não são homens realmente, mas pequenos macacos amarelos. Se tiver alguma vez a infelicidade de encontrá-los, uma sina da qual seus três deuses deveriam protegê-lo, descobrirá mais sobre suas flechas envenenadas do que sobre seus potes pintados.

Naquele dia, as pinturas poderiam lhe prender o interesse por apenas um momento, pois o leito de mato que ele pusera contra o chão da parede estava vazio. Não era surpresa, pois estava adiantado para o encontro marcado. Mesmo assim, ficou a imaginar se Katinka viria ou se a convocação fora um capricho. Então, atrás de si, Hal ouviu o estalar de um ramo quebrado, adiante, abaixo, na encosta.

Olhou ao redor rapidamente, procurando um lugar para se esconder. Caindo de um lado da entrada, havia uma cortina de trepadeiras, sua folhagem verde-escura enfeitada de flores de um brilhante amarelo, seu leve e doce perfume a invadir a caverna. Hal esgueirou-se para debaixo dela e agachou-se contra a parede de pedra.

Um momento depois, Katinka entrou com passos ligeiros no terraço do lado de fora da entrada e espiou ansiosa para o interior. Quando percebeu que estava vazio, seu corpo enrijeceu-se de raiva. Ela disse uma palavra em holandês que, pelo uso regular que dela fazia, Hal viera a conhecer bem. Era um dito obscuro, e ele sentiu a pele formigar de excitação diante das delícias que aquela palavra prenunciava.

Silenciosamente, saiu do lugar de esconderijo e saltou por trás dela cobriu-lhe os olhos com a mão e, com o outro braço a lhe rodear cintura, ergueu dos pés e correu com ela para a cama de capim.

Muito depois, Hal estirou-se de costas sob o leito de mato, o peito nu ainda a arquejar e coberto de suor. Katinka mordiscou-lhe um mamilo como se fosse uma uva-passa. Então, brincou com o medalhão de ouro pendurado no pescoço de Hal.

— Isto é bonito — murmurou ela. — Gosto dos olhos de rubi do leão. O que é?

Hal não entendeu a pergunta complexa no idioma natal de Katinka, e deu de ombros. Ela repetiu a pergunta lentamente e com clareza.

— É uma coisa dada por meu pai. Tem grande valor para mim retrucou ele, evasivo.

— Eu o quero — disse ela. — Você o dará a mim? Ele sorriu, com indolência.

— Jamais poderia fazer isso.

— Você me ama? — murmurou ela, com um beicinho. — Está louco por mim?

— Sim, eu a amo loucamente — admitiu ele, e, com o verso do braço, enxugou o suor dos olhos.

— Então, dê-me o medalhão.

Ele balançou a cabeça sem dizer nada, e depois, para evitar discussão, perguntou:

— Você me ama como eu a amo? Katinka soltou uma alegre risada.

— Não seja tolo! Claro que não o amo. Lorde Ciclope é o único a quem eu amo. — Ela lhe apelidara o sexo com o nome do gigante de um só olho da lenda, e, para reafirmar isso, levou a mão até a virilha de Hal. — Porém, mesmo a ele eu não amo, quando está tão mole e pequeno. — Seus dedos ficaram ocupados por um momento; depois, ela riu outra vez, desta vez um riso rouco. — Agora, eu o amo muito mais. Ah, sim! Ainda mais. Quanto maior fica, mais eu o amo. Vou beijá-lo agora para mostrar o quanto

eu o amo.

Deslizou a ponta da língua pelo ventre de Hal, mas enquanto mergulhava a face no emaranhado escuro dos pêlos pubianos, um som a mobilizou. Vinha rolando pela lagoa abaixo e quebrou-se numa centena de ecos ribombantes das colinas.

— Trovões! — gritou Katinka, e sentou-se. — Detesto trovão. Desde que era uma menininha.

— Não é trovão! — disse Hal, e empurrou-a tão rudemente que ela gritou outra vez.

— Oh! Seu filho de um porco, você me machucou.

Hal, porém, não deu atenção à queixa e saltou de pé. Nu, correu para a entrada da caverna e olhou para fora. A entrada ficava situada numa altura suficiente para possibilitar-lhe uma visão sobre as copas das árvores da floresta que rodeava a lagoa. Os mastros nus do Resolução avançavam para o céu azul do meio-dia. O ar estava cheio de pássaros marinhos — o som trovejante os espantara da superfície da água, e o sol cintilava em suas asas de tal modo, que, circulando lá no alto, pareciam ser criaturas de gelo e cristal.

Um banco de névoa que rodopiava obscureceu metade da lagoa, enegrecendo os penhascos rochosos das pontas em vagalhões azul-prateados que de repente cintilavam com estranhas luzes bruxuleantes. Aquilo, porém, não era névoa.

O trovão espocou de novo, alcançando Hal muito depois do faiscar de luzes, o som distante a levar tempo para lhe alcançar os ouvidos. As nuvens revolutas se espessaram, espalhando-se densas e pesadas como óleo pelas águas da lagoa. Acima daquele banco de nuvens, os mastros altos e os velames de dois grandes navios flutuavam como se suspensos acima das águas. Hal fitou-os, estupefato, enquanto deslizavam serenos entre as pontas. Outra surriada irrompeu do navio líder. E ele percebeu de imediato que era uma fragata, o casco negro debruado de branco, as portinholas dos canhões arregaçadas, e o fogo e a fumaça a borbulhar para fora delas. No alto, acima dos bancos de fumaça, a bandeira tricolor da república holandesa ondulava à brisa ligeira. Em fila, atrás dela, o Gull of Moray seguia suavemente, as cores de São Jorge e Santo André da e a grande cruz vermelha do templo decorando seus mastros e cordames, as colubrinas a esgoelar seu coro de guerra.

— Deus misericordioso! — gritou Hal. — Por que as baterias nas entradas não retribuem o fogo?

Então, de olhos nus, viu estranhos soldados em uniforme verde espalhando pelas plataformas de artilharia ao pé dos penhascos, as espadas e cabeças de aço de suas lanças a faiscarem ao sol à medida que matavam os atiradores e jogavam seus corpos por sobre os parapeitos para o mar, lá embaixo.

— Surpreenderam nossos homens no forte. O Gavião trouxe os holandeses até nós e lhes mostrou onde nossos atiradores estavam colocados. — Sua voz tremia de abominação. — Pagará com seu sangue por este dia, eu juro.

Katinka saltou da cama de capim e correu para a entrada, ao lado dele.

— Olhe! É um navio holandês, veio me resgatar do covil de seu pai pirata. Graças a Deus! Logo estarei longe deste lugar esquecido e salva em Boa Esperança. — Dançava de excitação. — Quando pendurarem você e seu pai do cadafalso no passeio do lado de fora do forte, estarei lá para lhe soprar um último beijo e acenar em despedida. — Riu, com escárnio.

Hal ignorou-a. Correu de volta para dentro da caverna, enfiou-se rapidamente nas roupas e prendeu no cinto a espada de Netuno.

— Haverá luta e grande perigo, mas você ficará segura aqui até que tudo tenha acabado — disse a ela, e começou a descer.

— Você não pode me deixar aqui! — gritou ela, às suas costas. Volte aqui, eu ordeno!

Ele, porém, não lhe deu atenção e correu pela trilha entre as árvores. Eu não deveria ter me permitido sair do lado de meu pai, lamentou-se silenciosamente, enquanto corria. Ele me avisou do perigo do

cometa vermelho. Mereço qualquer que seja a sina cruel que me aguar da agora.

Estava em tamanha aflição, que ficou alheio a tudo a não ser à necessidade de assumir seus deveres negligenciados e quase correu para dentro das linhas de atiradores que se moviam pelas árvores, adiante dele. Em tempo, sentiu o cheiro da fumaça das mechas de queima lenta e então avistou seus gibões verdes e os cintos brancos cruzados enquanto seguiam caminho pelas árvores da floresta. Atirou-se ao chão e rolou para baixo do tronco de uma alta figueira selvagem. Espiou dali e viu que o estranho grupamento em verde movia-se adiante, avançando para o acampamento, lanças e mosquetes à mão, mantendo boa ordem sob a direção de um oficial branco.

Hal ouviu o oficial falar baixinho, em holandês.

— Mantenham espaço. Não se amontoem!

Não poderia haver dúvidas agora de que tropas eram aquelas. As costas do holandês ainda estavam voltadas para ele, e Hal teve um momento para pensar. "Devo chegar ao acampamento para avisar meu pai, mas não há tempo suficiente para encontrar um caminho ao redor. Terei de abrir caminho pelas fileiras do inimigo. Tirou a espada da bainha e ergueu-se sobre um joelho, quando parou, enquanto um pensamento o fuzilava com força. "Estamos superados em número em terra e na água. Desta vez não haveria naus em fogo para expulsar o Gavião e a fragata holandesa. "A batalha pode se tornar dura para nós.

Usando a ponta da espada, abriu um buraco no solo macio e fértil, na base da figueira selvagem. Então, tirou o anel do dedo e o camafeu com a miniatura da mãe do bolso e colocou-os no buraco. Depois disso, tirou o selo de Nautonnier do pescoço e o depositou por cima dos outros tesouros. Espalhou a terra solta sobre eles e tampou o buraco.

Isso lhe tomara apenas um minuto, porém, quando ficou de pé, o oficial holandês desaparecera na floresta adiante. Hal avançou em frente, guiado para o objeto em perseguição pelo estalar e pisotear de galhos no solo. Sem seus oficiais, aqueles soldados não lutariam tão bem, pensou ele. Se eu o pegar, posso esfriar um pouco do fogo em suas barrigas. Diminuiu o passo ao se aproximar do homem que seguia e chegou por trás do holandês enquanto este abria caminho pelo terreno, o barulho de seus passos mascarando os suaves sons da investida de Hal.

O holandês suava, manchas úmidas e escuras a marcar as costas de seu casaco de sarja. Pelos galões, Hal percebeu que era um tenente no exército da companhia. Era magro e anguloso, com zangadas pústulas vermelhas a apontar no verso de seu pescoço ossudo. Carregava a espada nua na mão direita. Não se banhava fazia muitos dias e cheirava como um javali selvagem.

— Em guarda, Mijneer. — desafiou-o Hal, em holandês, pois não poderia atacá-lo pelas costas.

O tenente virou-se num repelão para encará-lo, erguendo a espada, em guarda. Seus olhos eram de um azul pálido e se arregalaram de choque e susto ao descobrir Hal tão perto, atrás de si. Era não muito mais velho que Hal, e sua face branqueou-se de terror, enfatizando a erupção de acne púrpura que lhe cobria o queixo.

Hal investiu, e suas espadas tilintaram, ao se cruzarem. Com aquele primeiro contato leve, avaliara o adversário. O holandês era lento, e seu pulso faltavam a maleabilidade e o poder de um espadachim comprática. As palavras do pai lhe ecoaram aos ouvidos: "Lute desde o primeiro golpe. Não espere até ficar zangado." E ele entregou o coraçãoa uma raiva fria e assassina.

— Ah! — rosou, e fintou para o alto, mirando a ponta nos olhos do holandês, mas equilibrado para seu desvio.

O tenente foi lento no contra-ataque, e Hal sentiu que poderia arriscar a investida veloz que Daniel lhe ensinara contra aquele idiotaIria partir para o golpe final.

Seu pulso temperado até o aço por horas com Aboli no convés de exercício, ele apanhou a lâmina do

holandês e girou-a com um movimento violento que lançou a ponta fora da linha de defesa. Criara uma abertura, mas, para explorá-lo com o ataque fulminante, precisava abrir própria guarda e se colocar em pleno risco da resposta natural do holandês — suicídio em face de um oponente hábil.

Empenhou-se, lançando o peso para a frente sobre o pé esquerdo, e desferiu a ponta através da guarda do outro homem. A resposta veio muito tarde, e o aço de Hal espetou a roupa de sarja manchada de suor. Deslizou numa costela e então encontrou uma abertura entre elas. Aj despeito dos dias que passara com uma espada na mão, esta era a primeira morte de Hal a sangue-frio, e ele não estava preparado para a sensação de sua lâmina a correr pela carne humana.

Era uma sensação pesada, horrível, que suavizou a velocidade de sua investida. O tenente Maatzuyker arquejou e deixou cair a espada quando a ponta da de Hal parou por fim contra sua espinha. Agarrou a lâmina afiada de Hal com as mãos nuas. Ela cortou-lhe as palmas até o osso, secionando os tendões num rápido fluxo de sangue brilhante. Seus dedos se abriram, desenervados, e ele afundou de joelhos, olhando para a face de Hal com os olhos azuis aguados, como se estivesse prestes a explodir em lágrimas.

Hal postou-se sobre ele e puxou com força o punho de safira da espada de Netuno, mas o aço de Toledo se prendera na carne fresca. Maatzuyker gemeu, em agonia, e ergueu as mãos mutiladas num apelo.

— Sinto muito — murmurou Hal, horrorizado, e puxou novamente o cabo da espada.

Desta vez, Maatzuyker escancarou a boca e choramingou. A lâmina lhe passara pelo pulmão direito, e uma súbita golfada de sangue explodiu por seus lábios pálidos, escorreu pelo casaco e espirrou nas botas de Hal.

— Oh, Deus! — resmungou Hal, à medida que Maatzuyker tombava de costas com a lâmina entre suas costelas. Por um momento, ficou de pé, imóvel, vendo o outro homem entrar em colapso e se afogar no próprio sangue. Então, de bem perto, atrás, veio um grito selvagem dos arbustos.

Um soldado de gibão verde o avistara. Um mosquete estourou, as balas a devastar a folhagem acima da cabeça de Hal e se enterrando no tronco de árvore ao lado dele. Hal ficou galvanizado. O tempo inteiro soubera o que precisava fazer, mas, até aquele momento, não fora capaz de agir. Agora, colocava a bota firmemente no peito arquejante de Maatzuyker e se inclinava para trás, contra a resistência da lâmina presa. Puxou uma vez e depois de novo com todo o peso para trás. Relutante, a lâmina deslizou para fora, até que, de repente, ficou livre, e Hal cambaleou para trás.

De imediato, recuperou o equilíbrio e saltou sobre o corpo de Maatzuyker justamente quando outro tiro de mosquete espocava e as balas passavam assobiando por sua cabeça. O soldado que atirara se atrapalhava com o frasco de pólvora ao tentar recarregar a arma, e Hal correu direto para ele. O mosqueteiro ergueu os olhos de susto e depois deixou cair a arma vazia e voltou-se para correr.

Hal não usaria a ponta novamente, mas vergastou a espada contra o pescoço do homem, logo abaixo da orelha. A borda afiada cortou até o osso, e o lado do pescoço abriu-se como uma boca vermelha sorridente. O homem caiu sem um som no chão. Porém, por toda parte, ao redor dele, o mato estava vivo com figuras em jaquetas verdes. Hal percebeu que deveriam ser centenas deles. Aquele não era um grupo de incursão, mas um pequeno exército a atacar o acampamento.

Hal ouviu gritos de alarme e de raiva, e, agora, uma constante barragem de fogo de mosquete, boa parte selvagem e não direcionada, mas com alguns disparos a se enterrar no chão por perto, a seu lado, conforme ele corria com toda a velocidade e força. No meio do tumulto, Hal reconheceu, por sua força e autoridade, uma voz estentórea.

— Peguem aquele homem! — berrava em holandês. — Não deixem que fuja! Quero aquele homem.

Hal relanceou o olhar na direção de onde vinha a voz, e quase caiu de espanto ao ver Cornelius Schreuder a correr entre as árvores para pegá-lo. Seu chapéu e a peruca haviam sido arrancados de sua



cabeça e a cabeça raspada luzia como uma casca de ovo. Os bigodes se grudavam em sua face. Para um homem tão grande, era rápido nos pés, mas o medo fez Hal ser mais rápido.

— Eu o quero! — berrou Schreuder. — Desta vez, você não vai se safar.

Hal irrompeu numa corrida veloz e, em trinta passadas rápidas como o vento, tinha avançado até o ponto em que podia ver a paliçada do acampamento através das árvores. Estava deserta, e ele percebeu que seu pai e todos os outros homens deveriam ter sido atraídos para a beira da lagoa pelo fogo pesado das duas naus de guerra, e que poderiam estar manejando as colubrinas nas plataformas.

— Às armas! — gritou ele enquanto corria, com Schreuder a se aproximar, distante apenas três passos dele. — Cerrar fileiras comigo, Resolução. A retaguarda!

Ao irromper pelo acampamento, viu, com imenso alívio, Daniel Grande e uma dúzia de marujos que respondiam a seu chamado, correndo da praia para lhe dar apoio. Imediatamente, Hal parou e enfrentou o holandês.

— Venha, então — disse, e se pôs em guarda.

Mas Schreuder estacou ao ver os homens do Resolução partindo com ele, e percebeu que abandonara suas próprias tropas, deixara seus soldados sem um líder e agora se encontrava inferiorizado em número de 12 para um.

— De novo você tem sorte, filhote de um cão — esbravejou para Hal. — Mas antes que este dia acabe, eu e você falaremos de novo.

Trinta passos atrás dele, Daniel Grande parou e ergueu o mosquete que carregava. Mirou para Schreuder, mas, assim que o gatilho foi acionado, o coronel abaixou-se e girou nos calcanhares, e o tiro passou aolargo; ele voltou para a floresta, gritando para reunir seus mosqueteiros enquanto eles avançavam pelas árvores.

— Mestre Daniel — Hal ofegava —, o holandês lidera uma força poderosa. A floresta está cheia de homens.

— Quantos?

— Uma centena ou mais. Lá! — Hal apontou para os primeiros dos atacantes que chegavam correndo e rumavam em direção a eles, parando apenas para disparar, recarregar os mosquetes e em seguida avançar novamente.

— O que é pior, há dois navios de guerra na baía — disselhe Daniel. — Um é o Gull, mas o outro é uma fragata holandesa.

— Eu os vi da colina. — Hal havia recobrado o fôlego. — Estamos em desvantagem de armas na vanguarda e superados em número na retaguarda. Não podemos ficar aqui. Estarão sobre nós num minuto. Vamos voltar para a praia.

As tropas coloridas atrás deles uivavam como um bando de cães quando Hal se voltou e conduziu seus homens numa corrida. Balas e tiros zumbiam e assobiavam em torno deles, arrancando chispas de terra úmida em seus calcanhares, a impulsioná-los pelo caminho.

Através das árvores, ele podia ver a terra empilhada das plataformas dos canhões e o enovelado banco de fumaça. Conseguia divisar as cabeças de seus próprios artilheiros quando recarregavam as colubrinas. Na lagoa, a imponente fragata holandesa chegou perto da praia, envolta na própria fumaça de pólvora. Enquanto Hal olhava, a nau girou o leme, trazendo o costado para o lado, e, de novo, suas portinholas de artilharia se iluminaram com grandes relâmpagos de chamas. Segundos depois, o estrondo do canhoneio e a rajada de metralha uivante varreram as imediações.

Hal esquivou-se no turbilhão de ar desintegrado, os tímpanos a cantar. árvores inteiras desabavam, e galhos e flores choviam sobre eles. Bem em frente, ele viu uma das colubrinas ser atingida em cheio e saltar dos trilhos. Os corpos de dois dos marujos do Resolução foram lançados em giro para o alto, no ar.

— Papai, onde está você? — Hal tentou se fazer ouvido acima do pandemônio, porém, então, através dos estampidos, ouviu a voz de Sir Francis.

— Firmes em seus canhões, rapazes. Mirem nas portinholas do holandês. Dêem nossa boa salva inglesa àqueles cabeças-de-queijo.

Hal saltou para dentro da fossa de artilharia ao lado do pai, segurou-lhe o braço e sacudiu-o, aflito.

— Onde esteve, menino? — Sir Francis encarou, mas então viu o sangue em suas roupas e não esperou resposta. — Assuma o comando dos canhões no flanco esquerdo. Dirija seu fogo...

Hal interrompeu-o, num ímpeto sem fôlego.

— Os navios inimigos estão apenas criando uma distração, papai.

O perigo real está em nossa retaguarda. A floresta está cheia de soldados holandeses, centenas deles. — Apontou para a espada manchada de sangue. — Estarão sobre nós em um minuto.

Sir Francis não hesitou.

— Desça pela fila de canhões. Ordene que cada segunda colubrina seja girada e carregada com metralha. As da frente continuem a travar combate com os navios, mas contenham o fogo com as armas de trás até que o ataque em nossa retaguarda seja à queima-roupa. Darei a ordem para disparar. Agora, vá! — Enquanto Hal saltava para fora da vala, Sir Francis voltou-se para Daniel Grande. — Pegue esses seus homens e quaisquer outros que possa encontrar, volte e retarde o avanço do inimigo em nossa retaguarda.

Hal correu pela fila, parando ao lado de cada plataforma para gritar as ordens e depois seguir em frente. O som da barragem e o fogo de resposta da praia era ensurdecido e confuso. Ele titubeou e quase caiu esparramado no chão quando outra surriada da fragata negra varreu o ar sobre ele, como os ventos demoníacos de um tufão, espalhando-se pela floresta e arrancando terra ao redor de onde ele estava. Sacudiu a cabeça para clareá-la e correu, saltando por sobre um tronco caído.

Conforme passava em cada plataforma e alertava os atiradores, eles começaram a girar as colubrinas, mirando-as para trás, para a floresta. Ao fundo, já podiam ouvir o fogo de mosquete e os gritos zangados de Daniel Grande e seu pequeno grupo de marujos a disparar contra as hordas em avanço que escorriam da floresta.

Hal chegou à vala de fogo ao final da linha e saltou para dentro, ao lado de Aboli, que capitaneava a equipe de artilheiros ali. Aboli enfiou a mecha no buraco de toque. A colubrina saltou e trovejou. Enquanto a fumaça fedorenta rodopiava de volta em torno deles, Aboli sorriu para Hal, sua face negra manchada ainda mais escura de fuligem, e os olhos, raiados de sangue com o fumo.

— Ah! Pensei que você não iria pôr sua raiz para fora do açúcar a tempo de se juntar à luta. Temi que tivesse de subir até a caverna e soltá-lo com uma barra de ferro.

— Você vai sorrir menos contente com uma bala de mosquete nas penas de seu rabo — disselhe Hal, nervoso. — Estamos cercados. Os bosques atrás de nós estão cheios de holandeses. Daniel os está segurando, mas isso não durará muito tempo. Há centenas deles. Gire essa peça do outro lado e carregue com metralha. — Enquanto recarregavam, Hal continuou a distribuir ordens: — Teremos tempo apenas para um tiro e depois investiremos sobre eles com a fumaça — disse, ao empurrar a carga para baixo com o longo soquete. Ao retirá-lo, um marujo ergueu o pesado saco de lona cheio de balas de chumbo e forçou-o pelo cano. Hal empurrou para que se assentasse sobre a carga de pólvora. Depois, inclinaram-se atrás do parapeito de ambos os lados do canhão, mantendo limpa a área onde a arma iria dar o coice, e olharam além da paliçada, para a floresta. Podiam ouvir o tilintar de aço em aço e os berros selvagens enquanto Daniel e seus homens enfrentavam e faziam recuar o contra-ataque dos gibões verdes. O fogo de mosquete martelava sem cessar conforme os homens de Schreuder recarregavam e avançavam para disparar novamente.

Agora, tinham relances pelas árvores de seus próprios marujos que recuavam. Daniel avolumava-se

acima dos outros: carregava um ferido sobre um ombro e brandia o alfanje na outra mão. Os gibões verdes pressionavam duro a ele e seu grupo.

— Prontos agora! — berrou Hal com estridência para os marinheiros ao lado, e eles se agacharam abaixo do parapeito e agarraram suas lanças e alfanjes. — Aboli, não dispare até que Daniel esteja fora da linha de fogo.

De repente, Daniel jogou seu fardo no chão e voltou-se para trás. Correu para dentro do grosso do inimigo e dispersou-os com uma grande saraivada de seu alfanje. Depois, correu de volta para o marinheiro ferido, ergueu-o sobre o ombro e rumou de novo para onde Hal estava agachado.

Hal olhou pela linha das valas de artilharia. Embora os canhões de frente estivessem ainda mirados nos navios na lagoa, cada segunda colubrina estava direcionada para a floresta, esperando pelo momento de soltar uma tempestade de metralha para dentro das linhas da infantaria de ataque.

— Em tal faixa de alcance, a metralha não se espalhará, e eles estão mantendo espaço — resmungou Aboli.

— Schreuder os mantém bem sob controle — concordou Hal, muito sério. — Não poderemos esperar abater muitos com uma simples rajada.

— Schreuder! — Os olhos de Aboli se estreitaram. — Não me disse que era ele.

— Lá está ele! — Hal apontou para a figura alta sem peruca que seguia em passadas rápidas pelas árvores. Seus galões brilhavam, e o bigode se retorcia enquanto ele incitava os mosqueteiros à frente.

Aboli resmungou por entre os dentes:

— Aquele sujeito é o demônio. Teremos trabalho com ele. — Enfiou uma barra de ferro sob a colubrina e girou-a uns poucos graus, tentando levar a mira para o coronel.

— Fique parado — murmurou — o tempo suficiente para me dar a chance de um tiro.

Schreuder, contudo, andava de um lado para o outro pela fileira de soldados, urgindo-os a ir em frente. Estava tão próximo agora, que suavoz chegava até Hal, enquanto esbravejava com seus homens.

— Mantenham sua fila! Mantenham o avanço. Firmes agora, contenham o fogo!

Seu controle sobre eles era evidente, no avanço determinado porém calculado. Deviam estar cientes da fila de atiradores à espera, porém seguiam em frente sem vacilar, mantendo os disparos, sem desperdiçar um único tiro.

Estavam perto o suficiente para que Hal divisasse suas feições individuais. Ele sabia que a companhia recrutava a maioria de suas tropas ! nas colônias orientais, e aquilo era evidente nas faces asiáticas de muitos dos soldados em avanço. Seus olhos eram escuros e no formato de amêndoa, e suas peles, de um âmbar escuro.

De súbito, Hal percebeu que as surriadas dos dois vasos de guerra haviam cessado e se permitiu dar uma espiada por sobre o ombro. Viu que tanto a fragata negra como o Gull tinham ancorado a apenas uma amarra de distância, se tanto, da praia. Seus canhões estavam silenciosos, e Hal se deu conta de que Cumbrae e o capitão da fragata haviam acertado com Schreuder um código de sinais. Tinham cessado fogo com receio de ferir seus próprios homens.

Isso nos dá um espaço para respirar, pensou, e olhou para trás novamente.

Viu que o bando de Daniel estava muito esgotado: tinham perdido metade de seu número, e os sobreviventes estavam claramente exaustos pela correria e o feroz embate. Seu andar era errático — muitos mal conseguiam se arrastar. Suas roupas estavam empapadas de suor e de sangue das feridas. Um de cada vez, cambalearam e se jogaram por sobre o parapeito, para jazer ofegantes no fundo da vala.

Daniel sozinho era infatigável. Passou o ferido pelo parapeito para os atiradores, e tão assassino era seu ânimo, que teria voltado e corrido para o inimigo mais uma vez, se Hal não o impedisse.

— Volte aqui, seu touro cabeçudo! Deixe-nos amaciá-los com uma pequena rajada de metralha. Então

pode ir ter com eles de novo.

Aboli ainda tentava alinhar o cano sobre a forma fugidia de Schreuder.

— Ele vale cinqüenta dos outros — resmungou para si mesmo, em sua própria língua.

Hal, contudo, não lhe prestava qualquer atenção; tentava, ansioso, ter um relance do pai na plataforma mais distante, e receber uma orientação sua.

— Por Deus, ele os está deixando chegar muito perto! — preocupou-se. — Um tiro mais longo daria à metralha uma chance de se espalhar, mas não abriremos fogo antes que ele dê a ordem.

Então, ouviu a voz de Schreuder novamente.

— Fileira de vanguarda! Preparar para disparar!

Cinqüenta homens caíram, obedientes, de joelhos, bem em frente ao parapeito, e apoiaram os cabos de seus mosquetes no chão.

— Pronto agora, homens! — falou Hal baixinho aos marujos que se amontoavam em torno dele. Percebera por que seu pai tinha atrasado a salva de colubrinas até aquele momento: esperara que os atacantes descarregassem seus mosquetes; depois, os teria em nítida desvantagem quando tentassem descarregar.

— Firmes agora! — repetiu Hal. — Esperem pelos disparos!

— Apresentem suas armas! — O comando de Schreuder ecoou no súbito silêncio. — Façam mira!

A fila de homens ajoelhados ergueu seus mosquetes e apontou para o parapeito. A fumaça azul da mecha nas caçoletas serpeava em torno de suas cabeças, e eles estreitaram os olhos para mirar.

— Cabeças para baixo! — berrou Hal.

Os marujos nas valas de artilharia inclinaram-se abaixo do parapeito, justamente quando Schreuder rugia

— Fogo!

A longa saraivada desigual de mosquetaria matraqueou pela fila de homens ajoelhados, e balas de chumbo assobiavam sobre as cabeças dos artilheiros, fazendo-os enterrarem-se na rampa de terra. Hal saltou de pé e olhou para a ponta mais distante da fila de valas de canhões. Viu o pai pular para o parapeito, brandindo sua espada, e embora estivesse muito longe para que sua ordem fosse ouvida com clareza, seus gestos eram inequívocáveis.

— Fogo! — gritou Hal, a plenos pulmões, e a linha de canhões irrompeu numa sólida rajada de fumaça, chamas e sibilante metralha, varrendo a estreita linha verde da infantaria holandesa à queimadura.

Bem à sua frente, Hal viu um holandês atingido pela plena fúria da saraivada. O homem desintegrou-se num estouro de sarja verde destroçada e carne rosa em farrapos. Sua cabeça girou para o alto e depois caiu na terra e rolou como uma bola de criança. Depois disso, tudo foi obscurecido pela densa nuvem de fumaça, mas embora seus ouvidos ainda cantassem com a descarga estrondosa, Hal podia ouvir os gritos e gemidos dos feridos a ressoar na fedida névoa azul.

— Todos juntos! — gritou Hal, quando a fumaça começou a clarear. — Ferro neles agora, rapazes!

Depois da explosão enlouecedora dos canhões, suas vozes eram finas e fracas ao se elevarem juntas das valas de artilharia.

— Por Franky e o rei Carlos! — gritaram, e o aço dos alfanjes e das lanças piscava e luzia conforme saltavam do parapeito e investiam para a fila desbaratada de uniformes verdes.

Aboli estava do lado esquerdo de Hal e Daniel, à direita, enquanto ele os liderava para dentro do entrevero. Por concordância não verbal, os dois homens enormes, um preto, o outro branco, colocavam as asas protetoras sobre Hal, mas tinham de correr com a máxima velocidade para se emparelharem a ele.

Hal viu que suas apreensões tinham se confirmado plenamente. A saraivada de metralha não

provocara a devastação entre a infantaria holandesa que poderiam ter esperado. O alcance fora muito curto: quinhentas balas de chumbo de cada colubrina tinham se abatido sobre eles como uma única carga de bala de canhão. Homens pegos pela descarga haviam sido eliminados, porém, para cada disparo, cinco outros estavam incólumes.

Aqueles sobreviventes estavam aturdidos e atordoados, os olhos esgazeados e as expressões nulas. A maioria se ajoelhava, a piscar e sacudiras cabeças, sem tentar recarregar os mosquetes vazios.

— A eles, antes que se recuperem! — esgoelou Hal, e os marujos que o seguiam gritaram vivas com mais ansiedade. Em face da carga, os mosqueteiros começaram a se recobrar. Alguns saltaram de pé, jogando fora as armas vazias e puxando as espadas. Um ou dois suboficiais tinham pistolas enfiadas nos cintos, que puxaram e dispararam enlouquecidamente contra os marinheiros que investiam contra eles. Uns poucos se voltaram de costas e tentaram fugir por entre as árvores, mas Schreuder estava lá, para rechacá-los.

— Voltem, seus cães e filhos de um cão. Mantenham terreno como homens!

Os homens voltaram e se alinharam em torno dele.

Cada um da tripulação do Resolução que ainda se agüentava em pé estava naquela investida — mesmo os feridos cambaleavam atrás do resto, a gritar tão alto como seus companheiros.

As duas linhas se defrontaram, e, imediatamente, tudo era confusão. A sólida fileira de atacantes dividiu-se em pequenos grupos de homens em luta, mesclada aos casacos de sarja verde dos holandeses. Por toda parte, ao redor de Hal, homens engalfinhados praguejavam, aos gritos, atracados um ao outro. Sua existência se fechou, tornou-se um círculo de faces zangadas e terrificadas junto com o clamor das armas de aço, a maioria já embotada com sangue novo.

Um gibão verde apontou uma longa lança para a face de Hal. Ele se dobrou sob ela e, com a mão esquerda, segurou o eixo logo atrás da cabeça em farpa. Quando o mosqueteiro o puxou para trás, Hal não resistiu, mas usou o ímpeto para desferir seu contra-ataque, com a espada de Netuno na mão direita. Mirou para a garganta amarela distendida acima do alto colarinho verde, e a ponta deslizou por ali sem dificuldade. Conforme o homem deixava cair a lança e desabava de costas, Hal permitiu que o peso do corpo em queda deixasse livre a lâmina.

Saltou para trás, em guarda, e relanceou o olhar rapidamente em torno, para o próximo oponente, mas a investida dos marinheiros tinha quase varrido a fila de mosqueteiros. Poucos estavam de pé, e se viam rodeados por aglomerados de atacantes.

Hal sentiu o espírito se desanuviar. Pela primeira vez, desde que avistara aquelas duas velas de navios na lagoa, sentiu que havia uma chance de poderem vencer aquela luta. Nos últimos poucos minutos, tinham arrasado o ataque principal. Agora, teriam de lidar com os marinheiros da fragata holandesa e do Gull, quando tentassem vir à terra.

— Muito bem, rapazes. Podemos fazer isso! Podemos arrasá-los — gritou, e os marujos que o ouviram deram vivas outra vez.

Olhando ao redor, podia ver o triunfo na face de cada um de seus homens enquanto abatiam o último dos jaquetas verdes. Aboli ria e cantava um de seus cantos pagãos de guerra numa voz que ultrapassava o clamor da batalha e inspirava cada um que o ouvia. Davam vivas a ele e a si próprios, rejubilando-se em delírio pela facilidade da vitória.

A figura alta de Daniel assomou do lado direito de Hal. Sua face e os braços grossos e musculosos estavam empapados do sangue dos ferimentos que infligira a suas vítimas, e sua boca estava escancarada enquanto ele ria com ferocidade, mostrando os dentes cariados.

— Onde está Schreuder? — berrou Hal, e Daniel mostrou-se sóbrio instantaneamente. A risada morreu em sua boca fechada, e ele relanceou os olhos raivosos pelo campo de batalha, que silenciava.

Então, a pergunta de Hal foi respondida sem equívoco pelo próprio Schreuder:

— Segunda leva! Em frente! — berrou ele, com vigor.

Estava parado na fímbria da floresta, apenas a uns cem passos de distância. Hal, Aboli e Daniel partiram em direção a ele e depois, estacaram, quando outra coluna em massa de jaquetas verdes escorreu da floresta, por detrás de onde se postava Schreuder.

— Por Deus! — disse Hal ofegante, em desespero. — Não vimos metade deles ainda. O bastardo manteve sua força principal na reserva.

— Deve haver duas centenas daqueles suínos! — Daniel sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Dividir colunas! — berrou Schreuder, e a infantaria em avanço mudou sua formação: espalharam-se atrás deles em três precisas fileiras espaçadas. Schreuder conduziu-os à frente num trote, as fileiras apertadas e as armas em riste. — Primeira fileira! Preparar para atirar! — Seus homens afundaram-se de joelhos, embora, atrás deles, as duas fileiras permanecessem de pé.

”Apresentar suas armas! — Uma linha de mosquetes foi erguida e nivelada para o grupo de marujos espantados. — Fogo! — rosnou Schreuder

A saraijada crepitou. De uma distância de apenas cinquenta passos, varreu os homens de Hal, e quase todo tiro encontrou seu alvo. Homens caíam e cambaleavam quando as pesadas balas de chumbo os atingiam. A linha de ingleses recuou e se dispersou. Havia um coro de berros — de dor, raiva e medo.

— Carga! — gritou Hal. — Não fiquem parados para que eles os abatam! — Ergueu a espada de Netuno ao alto. — Vamos, rapazes. A eles!

De cada lado dele, Aboli e Daniel avançaram, mas a maioria dos outros recuou. Era manifesto a eles que a luta estava perdida, e muitos olharam para trás, para a segurança das plataformas de artilharia. Era um sinal perigoso. Uma vez que olhavam por sobre os ombros, tudo estava perdido.

— Segunda fila — berrou Schreuder —, preparar para atirar! Cinquenta outros mosqueteiros deram um passo à frente, as armas carregadas e as mechas queimando. Passaram pelas aberturas da fileira ajoelhada que tinha acabado de atirar, avançaram outros dois passos de um modo vigoroso e então se ajoelharam.

— Apresentem suas armas!

Mesmo Hal e o destemido par que o flanqueava titubearam ao olharem para os canos de cinquenta mosquetes nivelados, enquanto um gemido de medo e horror brotou do peito de seus homens. Nunca tinham antes se defrontado com tropas tão disciplinadas.

— Fogo! — Schreuder baixou a espada, e a próxima rajada de balas espalhou-se entre os marujos vacilantes.

Hal encolheu-se quando uma bala passou tão perto de sua orelha que a deslocação de ar jogou-lhe uma mecha de cabelos nos olhos. A seu lado, Daniel arquejou:

— Fui ferido!

Revirou-se como uma marionete e caiu sentado, pesadamente. A saraijada de balas tinha atingido outra dúzia de homens do Resolução e ferido outros mais. Hal abaixou-se para ajudar Daniel, porém o enorme timoneiro resmungou:

— Não fique indeciso aqui, seu tolo. Corra! Estamos batidos e há outra saraijada a caminho.

Como se para comprovar aquelas palavras, as próximas ordens de Schreuder ecoaram perto.

— Terceira fileira, apresentar suas armas!

Ao redor deles, os homens do Resolução que ainda estavam de pé recuaram e se esparramaram em face dos mosquetes nivelados, correndo e tropeçando em direção às valas dos canhões.

— Ajude-me, Aboli — gritou Hal, e Aboli agarrou o outro braço de Daniel. Ergueram-no de pé e rumaram para a praia.

— Fogo! — gritou Schreuder, e, naquele instante, sem esperar uma palavra um do outro, Hal e Aboli se atiraram de barriga no chão, puxando Daniel para baixo com eles.

A fumaça e a saraivada de tiros da terceira investida passou por sobre suas cabeças. Imediatamente eles saltaram de pé novamente e, arrastando Daniel, correram para o abrigo das valas.

— Está ferido? — resmungou Aboli para Hal, que meneou a cabeça, poupando o fôlego.

Poucos dos marujos ainda estavam de pé. Apenas um punhado chegou à linha das valas de artilharia e saltou para o abrigo.

Quase arrastando Daniel, eles cambalearam para a frente, enquanto, atrás deles, ouviam-se gritos jubilosos, e os mosqueteiros vestidos de verde avançavam, brandindo suas armas. Os três chegaram à vala e puxaram Daniel para dentro.

Não foi preciso perguntar de seu ferimento, pois todo o lado esquerdo de Daniel estava vermelho de sangue. Aboli arrancou o pano que tinha em torno da cabeça, enrolou-o numa bola e apertou-o na frente da camisa de Daniel.

— Segure isso na ferida — disse a Daniel. — Comprima com a força que puder. — Deixou no fundo do buraco e postou-se ao lado.

— Oh, minha doce Maria! — murmurou Hal. Sua face esfriada de suor estava pálida de horror e fúria enquanto ele se erguia sobre o parapeito.

— Olhe para aqueles açougueiros sanguinários!

Conforme os jaquetas-verdes avançavam num clamor, paravam apenas para espetar os marujos que jaziam em seu caminho. Algumas das vítimas rolavam de costas e erguiam as mãos nuas para tentar desviar o golpe, outros gritavam por misericórdia e procuravam engatinhar para longe; porém, rindo e uivando, os mosqueteiros corriam atrás deles, a investir e retalhar. Seu trabalho sangrento foi concluído depressa, com Schreuder berrando para que cerrassem fileiras e continuassem avançando.

Naquele instante de alívio, Sir Francis veio em ziguezague pela linha e saltou para a vala ao lado do filho.

— Fomos batidos, papai! — exclamou Hal, desanimado, e olharam ao redor, para os mortos e os feridos. — Já perdemos quase metade de nossos homens.

— Hal tem razão — concordou Aboli. — Acabou. Devemos tentar dar o fora daqui.

— E ir para onde? — perguntou Sir Francis, com um sorriso triste.

— Por ali? — Apontou em direção à lagoa, onde botes rumavam velozes para a praia, impulsionados pelos remos dos marujos inimigos ansiosos para se juntar à luta.

Tanto a fragata como o Gull tinham baixado os escaleres, lotados de homens. Seus alfanjes estavam desembainhados, e a fumaça das mechas das armas de fogo deixava azulado o ar, flutuando sobre a superfície das águas. Gritavam e davam vivas com a selvageria dos jaquetas-verdes à frente.

Quando os primeiros botes tocaram a praia, os homens armados saltaram de dentro deles e correram pela faixa estreita de areia branca. Uivando como um bando de selvagens, tomaram de assalto a linha de valas de artilharia na qual as colubrinhas vazias apontavam de bocas silenciosas, e a tripulação restante do Resolução acovardou-se, estupefata.

— Não podemos esperar por mercê, rapazes — gritou Sir Francis.

— Olhem o que aqueles sanguinários pagãos fazem com os que tentam se render a eles. — Com a espada, indicou os cadáveres dos homens mortos que coalhavam o chão em frente aos canhões. — Mais um viva ao Rei Carlos, e cairemos lutando!

As vozes de seu minúsculo grupo estavam fracas e roucas de exaustão quando eles se arrastaram para cima do parapeito mais uma vez e se aprumaram para ir de encontro à carga de duzentos mosqueteiros descansados e ansiosos. Aboli estava uns doze passos à frente e retalhou o primeiro jaqueta-verde em

seu caminho. Sua vítima caiu sob o golpe, mas a lâmina de Aboli escapuliu do cabo. Ele jogou-a de lado, inclinou-se e apanhou uma lança das mãos mortas de um dos marujos ingleses caídos.

Enquanto Hal e Sir Francis corriam para o seu lado, Aboli ergueu o longo eixo de carvalho e enterrou-o na barriga de outro mosqueteiro que investia contra ele com a espada erguida ao alto. A cabeça da lança acertou-o logo abaixo das costelas e transfixou-o, saindo quase um braço de comprimento entre suas espáduas. O homem estrebuchou como um peixe num arpão, e o pesado eixo se quebrou nas mãos de Aboli. Ele usou o toco como um porrete para derrubar o terceiro mosqueteiro com quem se confrontou. Depois, olhou ao redor, sorrindo como uma gárgula enlouquecida, os grandes olhos a rolar nas órbitas.

Sir Francis enfrentava um sargento holandês branco, trocando golpe por golpe, as lâminas a se chocar e raspar uma na outra.

Hal matou um cabo com um simples golpe em sua garganta e, então, olhou para Aboli.

— Os homens dos botes estarão sobre nós em um instante. — Podia ouvir os gritos loucos à retaguarda conforme os marujos inimigos se derramavam sobre as valas de artilharia, liquidando depressa os poucos homens escondidos ali. Hal e Aboli não precisavam olhar para trás — ambos sabiam que estava acabado.

— Adeus, velho amigo — disse Aboli, ofegante. — Foram bons tempos. Quem dera tivessem durado mais.

Hal não teve chance de retrucar, pois naquele momento uma voz rouca gritou, em inglês:

— Hal Courtney, seu filhote atrevido, sua sorte terminou neste instante.

— Cornelius Schreuder empurrou dois de seus homens e caminhou direto para Hal. — Você e eu! — berrou, e avançou, com o pé direito, dando os rápidos passos duplos de um mestre espadachim, recobrando-se instantaneamente de cada uma da rápida série de investidas com as quais empurrava Hal para trás.

Hal viu-se aturdido diante da força daquelas investidas e reuniu toda a sua habilidade e força para apará-las e desviá-las. O aço de Toledo de sua lâmina tinha sob os poderosos golpes, e ele foi tomado de desespero ao se dar conta de que não poderia esperar conter tamanha força.

Os olhos de Schreuder eram azuis, frios e implacáveis. Ele antecipava cada um dos movimentos de Hal, oferecendo-lhe uma parede de aço reluzente quando ele tentava a resposta, batendo a espada de lado e depois avançando de novo, impiedosamente.

Ali perto, Sir Francis estava absorvido em seu próprio duelo e não via o enfrentamento mortal do filho. Aboli tinha apenas o toco do eixo da lança na mão; nenhuma arma com a qual enfrentar um homem como Cornelius Schreuder. Viu Hal, sua imatura resistência já gasta pelos excessos anteriores, definhar visivelmente ante a avassaladora força daqueles ataques.

Aboli antecipou, pela expressão de Schreuder, que este julgava ser o momento e concentrava energias para a matança. Era certo, inevitável, pois Hal jamais poderia resistir à ameaça terrível que pairava sobre si.

Aboli moveu-se com a velocidade de uma cobra preta, mais rápido mesmo que Schreuder, antes que este pudesse desferir sua investida final. Avançou por trás de Hal e ergueu o porrete de carvalho. E, numa fração de segundo, derrubou-o no chão com uma pancada em sua orelha, atingindo com dureza sua têmpora.

Schreuder ficou admirado ao ver vítima cair ao chão, sem sentidos, logo quando estava prestes a desferir a investida mortal. Enquanto ele hesitava, Aboli deixou cair o eixo da lança arrebatado e postou-se protetoramente sobre o corpo inerte de Hal.

— Não pode matar um homem caído, coronel. Não pela honra de um oficial holandês.



— Seu Satã negro! — rugiu Schreuder, com frustração. — Se não posso matar o filhote de um cão, pelo menos posso matar você!

Aboli mostrou-lhe as mãos vazias, estendendo as palmas pálidas diante dos olhos de Schreuder.

— Estou desarmado — disse, baixinho.

— Eu poderia poupar um cristão desarmado. — Schreuder encarou, os olhos a fuzilar. — Mas você é um animal sem deus. — Puxou para trás a espada e mirou a ponta no centro do peito de Aboli, onde os músculos luziam com o suor, à luz do sol.

Sir Francis saltou para a frente do negro, ignorando a lâmina do coronel.

— Por outro lado, coronel Schreuder, sou um cavalheiro cristão — disse, suavemente —, e me rendo, e a meus homens, à sua mercê. — Inverteu a própria espada e estendeu o cabo a Schreuder.

Schreuder encarou, sem fala, de fúria e frustração. Não fez qualquer gesto para aceitar a espada de Sir Francis, mas colocou a ponta da arma sobre a garganta do oponente e picou-a ligeiramente.

— Para o lado, ou, por Deus, eu o cortarei de cima a baixo, cristão ou pagão. — Os nós de sua mão direita ficaram brancos no cabo da arma, conforme se preparava para desferir o golpe.

Outro grito o fez hesitar.

— Ora essa, coronel, estou relutante em interferir numa questão de honra. Se matar meu irmão do peito, Franky Courtney, quem irá nos levar até o tesouro daquele seu belo galeão, o Standvastigheid.

O olhar de Schreuder correu para a face de Cumbrae à medida que ele se aproximou em largas passadas, o grande manto xadrez manchado de sangue na mão.

— A carga? — indagou Schreuder. — Capturamos o ninho dos piratas. Descobriremos que o tesouro está aqui.

— Ora, não esteja tão certo disso. — O Gavião coçou a barba ruiva desgrenhada com ar de tristeza. — Se bem conheço meu caro irmão em Cristo, Franky, ele terá escondido a melhor parte de tudo longe daqui, em algum lugar. — Seus olhos luziam com ganância de sob a boina. — Não, coronel, vai ter de deixá-lo vivo, pelo menos até que possamos nos recompensar com um punhado de moedas de prata por fazer o serviço de Deus no dia de hoje.

Quando Hal recobrou a consciência, encontrou o pai ajoelhado sobre si. Murmurou: — O que aconteceu, papai? Nós vencemos?

O pai meneou a cabeça, sem fitá-lo nos olhos, e acumulou-o de atenções, limpando o suor e a fuligem da face do filho com um pedaço de pano sujo, rasgado da barra da própria camisa.

— Não, Hal. Não vencemos.

Hal olhou para além dele, e tudo lhe voltou. Viu a ínfima quantidade de tripulantes do Resolução que havia sobrevivido. Estavam juntos, num grupo, em torno de onde Hal jazia, guardados por jaquetas-verdes com mosquetes carregados. Os restantes estavam dispersos onde tinham caído, em frente às valas de artilharia, ou envoltos na morte, sobre os parapeitos.

Hal viu que Aboli cuidava de Daniel, amarrando a ferida em seu peito com uma tira vermelha. Daniel estava sentado e parecia de certa forma ter se recuperado, embora evidentemente tivesse perdido uma grande quantidade de sangue. Sua face, sob a sujeira da batalha, estava tão branca como as cinzas da fogueira do último dia no acampamento.

Hal virou a cabeça e viu lorde Cumbrae e o coronel Schreuder de pé, ali perto, em profunda e séria conversação. O Gavião afastou-se por fim e gritou uma ordem para um de seus homens:

— Georgie, traga os grilhões de escravos do Gull. Não querem que o capitão Courtney nos deixe de novo.

O marinheiro correu de volta à praia, e o Gavião e o coronel viera até onde os prisioneiros se agachavam, sob os mosquetes de seus guardas.

— Capitão Courtney. — Schreuder dirigiu-se a Sir Francis com ar agourento. — Eu o estou prendendo e à sua tripulação por pirataria em altos-mares. Será levado a Boa Esperança para enfrentar julgamento por estas acusações.

— Protesto, senhor. — Sir Francis ergueu-se com dignidade. — Exijo que trate meus homens com a consideração devida a prisioneiros de guerra.

— Não há nenhuma guerra — disselhe Schreuder com voz glacial. — As hostilidades entre a República da Holanda e a Inglaterra cessaram sob tratado alguns meses atrás.

Sir Francis encarou, abalado, embora se recobrasse do choque daquelas notícias.

— Eu não estava ciente de que a paz fora firmada. Agi em boa-fé — disse, por fim —, porém, em qualquer circunstância, eu viajava sob uma comissão de Sua Majestade.

— Falou de sua Carta de Marca durante nosso encontro anterior. Irá me considerar presunçoso se eu insistir em ver o documento? - perguntou Schreuder.

— Minha comissão de Sua Majestade está em meu baú, em minha cabana. — Sir Francis apontou para a paliçada, onde muitas das choças haviam sido destruídas pelo fogo do canhão. — Se me permitir, eu a trarei ao senhor.

— Por favor, não se incomode, Franky, meu velho amigo. — O Gavião deu-lhe um tapinha no ombro. — Eu a trarei para você. — Afastou-se e ao passar pela baixa soleira da porta da cabana que Sir Francis indicara, inclinou-se.

Schreuder defrontou-se com o prisioneiro novamente.

— Onde está guardando seus reféns, senhor? O governador van de Velde e sua pobre esposa, onde estão?

— O governador deve estar ainda na paliçada com outros reféns, sua esposa e o capitão do galeão. Não os vi desde o início da luta.

Hal levantou-se, trêmulo, segurando o pano na cabeça.

— A esposa do governador buscou refúgio da luta numa caverna no lado da colina, lá em cima.

— Como sabe disso? — perguntou Schreuder, com aspereza.

— Para sua própria segurança, eu mesmo a levei para lá. — Hal falava com intrepidez, evitando os olhos severos do pai. — Estava retornando da caverna, quando me deparei com vocês na floresta, coronel.

Schreuder olhou para a colina, dividido entre o dever e o desejo de correr para ajudar a mulher cujo resgate era, pelo menos para ele, o objetivo principal daquela expedição. Porém, naquele instante, o Gavião saiu da cabana. Carregava um rolo de pergaminho atado com uma fita escarlate. Os selos reais de cera vermelha pendiam dele.

Sir Francis sorriu com satisfação e alívio.

— Eis que tem o documento, coronel. Exijo que me trate e à minha tripulação como honrados prisioneiros, capturados numa luta justa.

Antes de chegar a eles, o Gavião parou e desenrolou o pergaminho. Estendeu-o à distância do braço e virou-o para que pudesse ver a caligrafia floreada escrita por algum escrivão do Almirantado em tinta indiana preta. Por fim, com um gesto de cabeça, chamou um de seus marujos. Pegou a pistola carregada da mão do homem e soprou a mecha de queima lenta na trava. Então, sorriu para Sir Francis e colocou a chama ao pé do documento em sua mão.

Sir Francis ficou abismado quando o fogo pegou e o pergaminho começou a se enrolar e escurecer conforme a chama de um pálido amarelo se alastrava.

— Por Deus, Cumbrae, seu bastardo traiçoeiro! — Deu um passo para a frente, mas a ponta da espada de Schreuder espetou-lhe o peito.

— Me daria o maior prazer enterrar até o fundo — murmurou o coronel. — Para seu próprio bem, não tente mais minha paciência, senhor

— Aquele porco está queimando minha comissão.

— Não vejo nada — disselhe Schreuder, com as costas voltadas deliberadamente para o Gavião. — Nada, a não ser um notório pirata diante de mim com o sangue de homens inocentes ainda quente e úmido nas mãos.

Cumbrae ficou a ver o pergaminho queimar, um grande e largo sorriso a lhe separar as suíças amarelo-avermelhadas. Passou a folha que estalava de mão para mão à medida que o calor lhe chegava aos dedos virando-a para permitir que as chamas consumissem cada pedaço.

— Ouvi-o falar com jactância de sua honra, senhor. — Sir Francis olhou furioso para Schreuder. — Parece que isso é um bem ilusório.

— Honra? — Schreuder riu friamente. — Ouço um pirata falar comigo sobre honra? Certamente meus ouvidos estão me pregando uma peça.

Cumbrae permitiu que as chamas lambessem a ponta de seus dedos antes de deixar cair o último farrapo enegrecido do documento na terra e pisotear as cinzas, esmagando-as até virarem pó. Então, aproximou-se de Schreuder.

— Receio que Franky tenha usado um de seus truques novamente. Não consegui achar nenhuma Carta de Marca assinada pelo punho real.

— Eu suspeitava disso. — Schreuder embainhou a espada. — Coloco os prisioneiros a seu encargo, meu senhor Cumbrae. Preciso ver o bem-estar dos reféns. — Olhou para Hal. — Você me levará imediatamente ao lugar onde deixou a esposa do governador. — Olhou ao redor, para seu sargento holandês que se postava atencioso ao seu lado. — Amarre-lhe as mãos atrás das costas e ponha-lhe uma corda em torno do pescoço. Puxe-o pelo laço como o filhote sarnento que é.

O coronel Schreuder retardou a expedição de resgate enquanto era conduzida uma busca por sua peruca perdida. Sua vaidade não lhe permitiria ir até Katinka naquele estado de desalinho. Encontraram-na na floresta através da qual ele caçara Hal. Estava coberta de terra úmida e folhas mortas, mas Schreuder bateu-a contra a coxa e depois arrumou os cachos com cuidado antes de colocá-la na cabeça. Sua beleza e dignidade restauradas, fez um gesto a Hal.

— Mostre-nos o caminho!

Quando chegaram finalmente ao terraço em frente à caverna, Hal era uma triste criatura. Ambas as mãos estavam atadas atrás de suas costas, e o sargento tinha outra corda em torno de seu pescoço. Sua face estava enegrecida de sujeira e fumaça das armas, e as roupas, rasgadas e manchadas de sangue diluído pelo próprio suor. A despeito da exaustão e do esgotamento, sua preocupação ainda era por Katinka, e ele sentiu um tremor de alarme quando entrou na caverna.

Não havia sinal dela. Não posso viver se algo aconteceu a ela, pensou, porém disse em voz alta para Schreuder:

— Deixei Mevrouw van de Velde aqui. Nenhum mal pode ter lhe acontecido.

— Para seu bem, é melhor que esteja correto quanto a isso. — A ameaça era mais assustadora por ter sido murmurada tão baixo. Então, Schreuder ergueu a voz. — Mevrouw van de Velde! — chamou. — Senhora, está a salvo. É o coronel Schreuder, vim para resgatá-la!

As trepadeiras que velavam a entrada da caverna farfalharam suavemente, e Katinka saiu timidamente de detrás delas. Seus enormes olhos violeta estavam marejados de lágrimas, e sua face era pálida e trágica, aumentando-lhe o encanto.

— Oh! — arquejou, com emoção. Então, com dramaticidade, ergueu ambas as mãos na direção de Cornelius Schreuder. — Você veio! Cumpriu sua promessa! — Correu para ele e ficou na ponta dos pés

para envolvê-lo com os braços pelo pescoço. — Eu sabia que você viria! Sabia que nunca me deixaria para ser humilhada e molestada por esses terríveis criminosos.

Por instante, Schreuder ficou surpreso pelo abraço, mas então envolveu-a nos braços, protegendo-a e confortando-a enquanto ela soluçava contra as fitas e galões que lhe enfeitavam o peito.

— Se a senhora sofreu a menor afronta, juro que a vingarei cem vezes mais.

— Meu calvário foi terrível demais para que eu possa contar — gemeu ela.

Schreuder olhou para Hal e perguntou a Katinka:

— Foi esse um dos que a maltrataram?

Katinka olhou de soslaio para Hal, a face ainda comprimida contra o peito de Schreuder. Seus olhos se estreitaram maliciosamente, e um pequeno sorriso sádico lhe torceu os lábios lascivos.

— Ele foi o pior de todos. — Ela prorrompeu em mais soluços. — Não posso encontrar forças para lhe contar as coisas horríveis que ele me disse, ou como me atormentou e me humilhou. — Sua voz falhou. — Só agradeço a Deus pela força que me deu para me defender até o fim da importunação desse homem.

Schreuder pareceu inchar com a violência de sua fúria. Com gentileza, afastou Katinka para o lado e depois se voltou para Hal. Cerrou o punho direito e desferiu um soco duro do lado da cabeça do rapaz. Hal foi tomado de surpresa e cambaleou para trás. Schreuder seguiu-o rapidamente e seu próximo soco apanhou Hal na boca do estômago, expulsando-lhe o ar dos pulmões e fazendo-o se dobrar.

— Como se atreve a insultar e maltratar uma dama de alto nascimento? — Schreuder tremia de fúria. Perdera todo o controle do temperamento.

A testa de Hal quase lhe tocava os joelhos, conforme ele arquejava e resfolegava para recobrar a respiração. Schreuder mirou-lhe um chute na face, mas Hal viu o pé chegando e jogou a cabeça de lado. A bota atingiu-o no ombro e o mandou cambaleando para trás.

A raiva de Schreuder borbulhava.

— Você não merece lamber as solas dos sapatos desta dama. Concentrou-se para investir novamente, porém Hal foi mais rápido. Embora suas mãos estivessem amarradas nas costas, ele avançou um passo para encontrar Schreuder e desferiu-lhe um chute na virilha; contudo, faltou força ao golpe, já que estava tolhido pelas cordas. Schreuder ficou mais espantado que ferido.

— Por Deus, filhote, foi longe demais!

Hal estava ainda meio desequilibrado, e o próximo soco de Schreuder tirou-lhe os pés do chão. Ele caiu e Schreuder avançou, usando ambos os pés, as botas a bater com um estampido no corpo curvado de Hal. Hal gemeu e rolou de costas, tentando desesperadamente evitar a barragem de chutes que desabava sobre ele.

— Sim! Oh, sim! — Katinka gorjeava de excitação. — Puna-o por aquilo que fez a mim. — Incitava Schreuder, conduzindo o temperamento violento do coronel a seu limite. — Faça-o sofrer, como eu fui obrigada.

Hal sabia em seu coração que ela era forçada a rejeitá-lo agora, na frente daquele homem, e, mesmo em seu sofrimento, perdoou-a. Dobrou-se para proteger as partes mais vulneráveis, levando a maioria dos chutes nos ombros e coxas, mas não podia se esquivar de todos. Um pegou-o no lado da boca, e o sangue espirrou-lhe pelo queixo.

Katinka gritou e bateu palmas ao vê-lo sangrar.

— Eu o odeio. Sim. Machuque-o! Arrebente essa carinha bonita e insolente!

Contudo, o sangue pareceu trazer Schreuder ao bom senso novamente. Com evidente esforço, controlou o ânimo exacerbado e recuou, respirando pesadamente e ainda a tremer de raiva.

— Isso é uma pequena amostra do que está reservado para você. Cria-me, Mevrouw, ele há de pagar

por tudo quando chegarmos a Boa Esperança. — Voltou-se para Katinka e inclinou-se numa mesura.

— Por favor, deixe-me levá-la de volta para a segurança do navio que espera na baía.

Katinka deu um gritinho patético, os dedos nos macios lábios rosados.

— Oh, coronel, receio que eu vá desmaiar. — Cambaleou, e Schreuder saltou para a frente para segurá-la. Ela se recostou contra ele. — Não creio que minhas pernas possam me agüentar.

Ele ergueu nos braços e carregou-a, colina abaixo, com infinito cuidado. Ela se agarrava a ele como se fosse uma criança sendo levada para a cama.

— Vamos, isca de cadafalso! — O sargento puxou Hal de pé pelo laço em torno do pescoço e conduziu, ainda sangrando, para o acampamento. — Melhor seria se o coronel acabasse com você aqui e agora.

O carrasco de Boa Esperança é famoso. É um artista, ah, isso é. — Puxou firme a corda. — Vai se divertir com você, eu garanto.

Uma pinaça trouxe os grilhões para a praia, até onde os sobreviventes da tripulação do Resolução tanto os feridos como os incólumes, esperavam agachados sob guarda, no sol abrasador. Levaram o primeiro conjunto para Sir Francis.

— É bom vê-lo de novo, capitão. — O marujo com os ferros nas mãos postou-se diante dele. — Tenho pensado no senhor todo dia desde a última vez em que nos vimos.

— Eu, por outro lado, não lhe destinei um só pensamento, Sam Bowles.

— Sir Francis mal o olhou, porém havia escárnio em sua voz.

— Contramestre Sam Bowles, agora. Sua Senhoria me promoveu — disse Sam, com um sorriso insolente.

— Então, desejo que o Gavião desfrute de seu novo contramçstre. Esse é um casamento feito nos céus.

— Estenda suas mãos, capitão. Vamos ver o quanto é poderoso e altivo com braceletes de ferro — tripudiou Sam Bowles. — Por Cristo, nunca saberá quanto prazer isso me dá. — Fechou as algemas nos pulsos e tornozelos de Sir Francis, e, com a chave, apertou-as tão forte que elas lhe morderam a carne. — Espero que se ajustem no senhor tão bem quanto seu elegante manto. — Deu um passo para trás e cuspiu de repente na face de Sir Francis; depois, irrompeu numa gargalhada. — Prometo-lhe solenemente que, no dia que lhe encurtarem o mastaréu, estarei no campo da Boa Esperança, para lhe desejar felicidades. Fico a imaginar de que maneira o mandarão. Acha que será pelo fogo, ou vão pendurá-lo e estripá-lo? — Riu de novo e seguiu até Hal. — Bom dia para você, mestre Henry. É seu humilde servo, o contramestre Sam Bowles, que vem cuidar de suas necessidades.

— Não vi um relance de sua figura amarela durante a luta — disse Hal, calmamente. — Onde estava escondido desta vez?

Sam corou e arremessou o punhado de correntes pesadas contra a cabeça de Hal. Hal recuperou-se e fitou-o friamente nos olhos. Sam ia investir de novo, mas uma enorme mão negra se estendeu e agarrou-o pelo pulso. Ele olhou para os olhos nublados de Aboli, que se agachava ao lado de Hal. Aboli não disse uma palavra, mas Sam Bowles sustou o golpe. Não podia enfrentar aquele olhar assassino, e deixou cair os olhos, mantendo-os desviados ao se ajoelhar depressa para prender as cadeias nos membros de Hal.

Levantou-se e foi para Aboli, que ficou a observá-lo com o mesmo olhar inexpressivo enquanto ele fechava rapidamente os grilhões nele; depois, passou para onde estava Daniel Grande. Daniel pestanejou, mas não murmurou uma palavra enquanto ele o puxava brutalmente pelos braços. O ferimento de bala tinha parado de sangrar, porém, com aquele rude tratamento, abriu-se de novo, e começou a vazar sangue aguçado de sob o pano vermelho que Aboli usara para enfaixá-lo. O sangue escorreu pelo peito e pingou na areia.

Quando estavam todos sob grilhões, foi-lhes ordenado que ficassem de pé. Apoiando Daniel entre si, Hal e Aboli quase o carregaram enquanto eram conduzidos numa fila para uma das árvores maiores. Denovo, foram forçados a se sentar enquanto a ponta da corrente era passada em torno do tronco e fechada com dois pesados cadeados de ferro.

Havia apenas vinte e seis sobreviventes da guarnição do Resolução. Entre esses, quatro ex-escravos, dos quais Aboli era um. Quase todos estavam pelo menos ligeiramente feridos, porém quatro, incluindo Daniel, estavam gravemente machucados e correndo risco de vida.

Ned Tyler recebera um profundo corte de alfanje na coxa. Mesmo tolhidos pelas algemas, Hal e Aboli haviam-no enfaixado com outra tira de pano rasgado da camisa de um dos mortos que coalhavam o campo de batalha, como destroços de naufrágio numa praia varrida pelo vento.

Grupos de mosqueteiros de gibão verde trabalhavam sob as ordens dos sargentos holandeses para reunir os cadáveres. Puxando-os pelos calcanhares até uma clareira entre as árvores, eles despiam os corpos e procuravam por moedas de prata e outros itens de valor que fossem parte do butim do Standvastigheid.

Uma dupla de suboficiais rebuscava cuidadosamente as roupas descartadas, rasgando costuras e tirando as solas dos sapatos. Outro grupo de três homens, as mangas enroladas no alto e os dedos escorregadios de graxa, inspecionava os orifícios dos corpos dos mortos, em busca de quaisquer valores que pudessem ter sido enfiados naqueles tradicionais lugares escondidos.

O butim recuperado era lançado numa barrica de água, vazia sobre a qual se postava um sargento branco com uma pistola carregada, enquanto a barrica se enchia lentamente. Quando o trio vampiresco

terminava com os cadáveres nus, outra turma os arrastava para longe e os lançava dentro de altas piras funerárias. Abastecidas de lenha seca, as chamas chegavam tão alto que murchavam as folhas verdes das árvores majestosas que rodeavam a clareira. A fumaça de carne carbonizada era doce e nauseante, como gordura de porco queimada.

Enquanto isso, Schreuder e Cumbrae, assistidos por Limberger, capitão do galeão, faziam a contagem dos barris de especiarias. Eram cuidadosos como coletores de impostos, com suas listas e livros, verificando se o conteúdo e peso dos bens recuperados conferia com o manifesto original do navio e marcando as aduelas dos barris com giz branco.

Quando tinham feito seus registros, outra turma de marinheiros rolava os grandes barris para a praia e os carregava na pinaça maior para serem levados para o galeão, que jazia ancorado no canal, sob seu novo mastro mestre e cordames. O trabalho prosseguiu por toda aquela noite, à luz de lampiões e fogueiras, e as chamas amarelas das piras de cremação.

Conforme as horas passavam, Daniel Grande tornou-se febril. Sua pele estava quente, e às vezes ele delirava. A bandagem tinha por fim estancado o sangue, e, sob ela, uma suave crosta começou a se formar sobre o feio buraco. Porém, a pele ao redor estava inchada e se tornando lívida.

— A bala ainda está lá — murmurou Hal para Aboli. — Não há ferimento nas costas, pois ela não saiu do corpo.

Aboli resmungou:

— Se tentarmos cortá-lo, acabaremos matando-o. Pelo ângulo em que entrou, deve estar alojada perto do coração e dos pulmões.

— Receio que vá gangrenar. — Hal meneou a cabeça.

— Ele é forte como um touro — retrucou Aboli. — Talvez forte o bastante para derrotar os demônios. — Aboli acreditava que toda doença era causada por demônios que invadiam o sangue. Era uma superstição sem fundamento, mas Hal era indulgente com aquela crença.

— Deveríamos cauterizar os ferimentos de todos os homens com breu quente. — Era a panacéia dos marinheiros, e Hal pediu em holandês aos guardas hotentotes que trouxessem um dos potes de piche da cabana do carpinteiro na paliçada, porém eles o ignoraram.

Passava da meia-noite quando viram Schreuder de novo. Ele saiu da escuridão e caminhou diretamente para onde Sir Francis estava acorrentado, junto aos outros, ao pé da árvore. Como o resto de seus homens, ele estava exausto e conseguia cochilar apenas por breves momentos de sono interrompido, perturbado pela algazarra incansável e os movimentos das turmas de trabalho, e pelos gritos e gemidos débeis dos feridos.

— Sir Francis. — Schreuder inclinou-se e sacudiu-o até vê-lo plenamente acordado. — Posso aborrecê-lo por uns poucos minutos de seu tempo? — Pelo tom de sua voz, parecia que seu temperamento estava equilibrado.

Sir Francis sentou-se.

— Primeiro, coronel, posso aborrecê-lo e pedir um pouco de compaixão? Nenhum de meus homens viu uma gota d'água desde a tarde de ontem. Como pode ver, quatro estão gravemente feridos.

Schreuder franziu a testa, e Sir Francis imaginou que ele não dera ordens para que os prisioneiros fossem deliberadamente maltratados. Ele próprio nunca pensara que Schreuder fosse um homem brutal ou sádico. Seu comportamento selvagem anteriormente fora, com certeza, causado pela natureza excitável e pela tensão e exigências da batalha. Schreuder, então, voltou-se para os guardas e deu ordens para que trouxessem água e comida para os prisioneiros, e mandou um sargento encontrar o baú de suprimentos médicos na cabana destruída de Sir Francis.

Enquanto esperava que suas ordens fossem cumpridas, Schreuder ficou a andar de um lado para outro

na areia, o queixo no peito e as mãos engatadas atrás das costas. Hal, de repente, sentou-se mais ereto.

— Aboli — murmurou ele. — A espada.

Aboli resmungou ao se dar conta que na bainha de Schreuder estava a espada de Netuno, estampada em relevo, da classe de cavaleiro de Hal, que um dia pertencera ao avô de Sir Francis. Aboli pousou a mão sobre o ombro do jovem, para acalmá-lo e evitar que interpelasse Schreuder, e disse, baixinho:

— O espólio de guerra, Gundwane. Está perdida para você, porém pelo menos um verdadeiro guerreiro ainda a usa.

Hal afundou-se, percebendo a lógica cruel do conselho do amigo. Por fim, Schreuder voltou-se para Sir Francis.

— O capitão Limberger e eu verificamos as especiarias e a carga de madeira que o senhor tinha armazenado nos depósitos e descobrimos que a maior parte está em ordem e ainda intacta. A quantidade em falta deve ser provavelmente resultante de dano de água do mar durante a tomada do galeão. Soube que uma de suas colubrinas atingiu o porão principal, e parte da carga foi inundada.

— Fico satisfeito — murmurou Sir Francis, com leve ironia — que tenha podido recuperar toda a propriedade de sua companhia.

— Ora, não é o caso, Sir Francis, como deve estar bem ciente. Há ainda uma grande parte da carga do galeão sumida. — Parou quando o sargento retornou, e deu-lhe uma ordem. — Tire as correntes do preto edomenino. Deixe que distribuam água entre os outros. — Alguns homens traziam uma barrica d'água, que colocaram ao pé da árvore. Hal e Aboli começaram imediatamente a servir água fresca aos feridos, e todos beberam, engolindo o precioso líquido de olhos fechados e gargantas pendidas para trás.

O sargento dirigiu-se ao coronel Schreuder:

— Encontrei os instrumentos do cirurgião. — Mostrou o rolo de lona. — Mas, Mijnheer, aqui dentro há facas afiadas que poderiam ser usadas como armas, e o conteúdo dos potes de piche poderia ser empregado contra meus homens.

Schreuder olhou para baixo, para Sir Francis, onde este se acorava, pálido e desgrenhado, ao lado do tronco de árvore.

— Tenho sua palavra de cavalheiro de que não usará esses suprimentos médicos para ferir meus homens?

— Tem minha palavra solene — concordou Sir Francis. Schreuder voltou-se para o sargento.

— Deixe tudo isso ao encargo de Sir Francis — ordenou, e o sargento estendeu o pequeno baú de suprimentos médicos, o pote de breu, um rolo de pano limpo que poderia ser usado como atadura.

— Ora, capitão — Schreuder retomou a conversa de onde a interrompera —, recuperamos as especiarias e a madeira roubada, porém mais da metade das moedas e todos os lingotes de ouro que estavam no porão do Standvastigheid ainda estão desaparecidos.

— Os espólios foram distribuídos para minha tripulação. — Sir Francis sorriu sem humor. — Não sei o que fizeram com sua parte, e a maioria está bem morta para ser capaz de nos esclarecer.

— Recuperamos o que eu calculo seja a maior parte da cota de sua tripulação. — Schreuder apontou para o barril contendo os valores recolhidos daquela maneira macabra entre as fatalidades no campo de batalha. Estava sendo carregado por um grupo de marujos para uma pinaça que esperava, guardada por oficiais holandeses com as espadas desembainhadas. — Meus oficiais procuraram nas cabanas de seus homens na paliçada, porém ainda não há nenhum sinal da outra metade.

— Por mais que eu gostasse de lhe servir, sou incapaz de dar conta da porção perdida — respondeu Sir Francis, com calma.

Diante daquela negativa, Hal ergueu os olhos de onde estava, cuidando dos feridos, mas seu pai não olhou em sua direção.



— Lorde Cumbrae acredita que o senhor escondeu o tesouro perdido — comentou Schreuder. — E concordo com ele.

— Lorde Cumbrae é um mentiroso famoso e um trapaceiro — disse Sir Francis. — E o senhor está enganado em sua crença.

— Lorde Cumbrae é de opinião que, se lhe fosse dada a oportunidade de interrogá-lo em pessoa, poderia extrair do senhor o paradeiro do tesouro perdido. Está ansioso para tentar persuadi-lo a revelar o que sabe. Tive muita dificuldade para impedi-lo de fazer isso.

Sir Francis deu de ombros.

— O senhor deve fazer o que julgar adequado, coronel, porém, a menos que eu seja um pobre juiz, a tortura de cativos não é algo que um soldado como o senhor pudesse endossar. Sou grato pela compaixão que demonstrou para com meus feridos.

A resposta de Schreuder foi interrompida por um grito de agonia de Ned Tyler, quando Aboli despejou um colherão cheio de breu fumegante na cutilada de espada em sua coxa. Conforme o grito se transformava em soluços, Schreuder continuou, com suavidade:

— O tribunal que o julgará por pirataria no forte em Boa Esperança será encabeçado por nosso novo governador. Tenho sérias dúvidas de que o governador Petrus Jacobus van de Velde se mostre tão constrangido a ser misericordioso quanto eu. — Schreuder parou e então prosseguiu: — A propósito, Sir Francis, estou seguramente informado de que o carrasco empregado pela companhia em Boa Esperança se orgulha de sua perícia.

— Terei de dar ao governador e a seu carrasco a mesma resposta que lhe dei, coronel.

Schreuder acocorou-se e baixou a voz até uma entonação conspiratória, quase amistosa.

— Sir Francis, em nosso curto tempo de conhecimento, formei um alto conceito a seu respeito, como um guerreiro, um navegante e um cavalheiro. Se eu prestasse depoimento junto ao tribunal de que sua Carta de Marca existia, e que o senhor era um legítimo corsário, o resultado de seu julgamento poderia ser diferente.

— O senhor deve ter uma fé no governador van de Velde que me falta — retrucou Sir Francis. — Gostaria de poder impulsionar sua carreira para a frente aparecendo com os lingotes sumidos, porém não posso ajudá-lo, senhor. Não sei absolutamente nada de seu paradeiro.

O semblante de Schreuder se fechou enquanto ele se levantava.

— Tentei ajudá-lo. Lamento que rejeite minha oferta. Contudo, está correto, senhor. Não tenho estômago para vê-lo interrogado sob tortura. E mais, impedirei que lorde Cumbrae assuma essa tarefa por conta própria. Simplesmente cumprirei meu dever e o entregarei à misericórdia do tribunal em Boa Esperança. Eu lhe peço, senhor, não irá reconsiderar?

Sir Francis meneou a cabeça.

— Lamento não poder ajudá-lo, senhor. Schreuder suspirou.

— Muito bem. O senhor e seus homens serão levados a bordo do Gull of Moray tão logo a nau esteja pronta para zarpar, amanhã pela manhã. A fragata Sonnevogel tem outros deveres nas índias e partirá à mesma hora para um destino diferente. O Standvastigheid permanecerá aqui sob seu verdadeiro comandante, o capitão Limberger, para recolher a carga de especiarias e madeira antes de retomar a viagem interrompida para Amsterdã.

Girou nos calcanhares e desapareceu nas sombras, na direção do depósito de especiarias.

Quando foram acordados por seus captores, na manhã seguinte, quatro dos feridos, inclusive Daniel e Ned Tyler, eram incapazes de caminhar, e seus companheiros foram forçados a carregá-los. Os grilhões de escravo permitiam pouca liberdade de movimento, e foi uma linha confusa de homens que se arrastou pela praia. Cada passo era embaraçado pelas algemas tilintantes, de maneira que não podiam erguer os

pés alto o bastante para pisar na borda da pinaça e tinham que ser jogados lá dentro pelos guardas.

Quando a pinaça foi amarrada ao pé da escada de corda no costado do Gull, a subida que esperava os homens acorrentados se revelou terrível e perigosa. Sam Bowles se postava na amurada, acima deles. Um dos guardas na pinaça gritou para ele:

— Podemos soltar as algemas dos prisioneiros, contramestre?

— Por que quer fazer isso? — berrou Sam de volta.

— Os feridos não podem se ajudar. Os outros não poderão puxá-los. Caso contrário, não conseguirão subir a escada.

— Se não conseguirem, que se danem — respondeu Sam. — Ordens de Sua Senhoria. As algemas devem continuar onde estão.

Sir Francis conduziu a subida, cada um de seus movimentos atrapalhado pela fileira de homens ligados atrás dele. Os quatro feridos, gemendo em seu delírio, eram pesos mortos que tinham de ser arrastados pela força. Daniel Grande, em particular, testava a resistência de todos. Se permitissem que se lhes escapasse das mãos, ele desabaria dentro da pinaça e puxaria a corrente toda de vinte e seis homens consigo, certamente fazendo emborcar o pequeno bote. Uma vez na lagoa, o peso dos pesados grilhões de ferro os levaria ao fundo, a quatro braças de profundidade.

Se não fosse pela força de touro de Aboli, jamais teriam chegado ao convés do Gull. Contudo, mesmo ele estava completamente exaurido quando, por fim, ergueu a forma inerte de Daniel por sobre a amurada e caiu ao lado, no convés branco de tanta esfregação. Todos ficaram ali, ofegantes e abatidos, para serem espicaçados por uma esfuziante risada.

Com esforço, Hal ergueu a cabeça. No tombadilho superior do Gull, sob um toldo de lona, uma mesa de desjejum estava posta. Os copos eram de cristal, e a baixaria de prata reluzia ao sol da manhã. Ele sentiu o pesado aroma de bacon ovos frescos e biscoito quente a subir do réchaud.

A cabeceira da mesa, sentava-se o Gavião. Ele ergueu o copo na direção daquele monte de corpos humanos espalhados na parte central do navio.

— Bem-vindos a bordo, cavalheiros, e um brinde à sua espantosa boa saúde! — Bebeu o uísque que erguera, depois enxugou as suíças amarelo-avermelhadas com um guardanapo de linho adamascado. — Os mais belos alojamentos a bordo foram preparados para vocês. Desejo-lhes uma boa viagem.

Katinka van de Velde riu outra vez, um som musical. Sentava-se à esquerda do Gavião. Sua cabeça estava nua, os cachos dourados presos ao alto, os olhos violeta enormes e inocentes no perfeito oval da face empoada, e com uma bela pinta desenhada com cuidado no canto da linda boca pintada.

O governador sentava-se do lado oposto ao da esposa. Parou no ato de erguer um garfo de prata carregado de bacon crocante e queijo para a boca, mas continuou a mastigar. Um pingo amarelo de gema de ovo escapou-lhe dos lábios beijudos e correu pelo queixo, conforme ele falava de boca cheia:

— Não se desespere, Sir Francis. Lembre-se do lema de sua família. Tenho certeza de que resistirá. — Enfiou a garfada na boca e falou de novo: — Esta é realmente uma excelente refeição, fresca, de Boa Esperança. Pena que não possa se juntar a nós.

— Que gentileza de Sua Senhoria nos providenciar um entretenimento. Será que aqueles trovadores cantarão para nós ou irão nos divertir com mais acrobacias? — perguntou Katinka em holandês e depois fez um belo beicinho e bateu no braço de Cumbrae com seu leque pintado chinês.

Naquele momento, Daniel Grande rolou a cabeça de um lado para outro, batendo-a nas pranchas, e gritou em delírio. O Gavião soltou uma gargalhada.

— Como vê, eles tentam fazer o melhor, madame, porém seu repertório não agrada a cada gosto. — Fez um gesto para Sam Bowles. — Mostre-lhes os alojamentos, mestre Samuel, e certifique-se de que sejam bem cuidados.

Com a ponta de uma corda com nós, Sam Bowles vergastou os prisioneiros para que se levantassem. Eles ergueram os feridos e se arrastaram para a escada da gaiúta. Nas profundezas do casco, abaixo do porão principal, estendia-se o baixo convés dos escravos. Quando Sam Bowles ergueu a escotilha que se abria para ele, o fedor que subiu para saudálos o fez recuar. Era a essência do sofrimento de centenas de almas condenadas que tinham definhado ali.

O pé-direito daquele convés não era mais alto que a cintura de um homem, de maneira que foram forçados a se agachar e arrastar os feridos com eles. Anéis de ferro estavam presos à antepara, soldados no pesado eixo de carvalho que corria pelo comprimento do porão. Sam e seus quatro companheiros agacharam-se depois deles e passaram as correntes pelos anéis. Quando terminaram, os cativos foram deixados como arenques numa barrica, lado a lado, presos pelos pulsos e tornozelos, capazes apenas de sentar, mas impossibilitados de se virar ou mover as pernas mais que os poucos centímetros que as correntes permitiam.

Hal jazia ao lado do pai, de um lado, e da figura inerte de Daniel Grande, do outro. Aboli estava do outro lado de Daniel, e Ned Tyler, além dele.

Quando o último homem já fora acorrentado, Sam saiu e agachou-se na escotilha; fez uma careta para eles.

— dés dias até Boa Esperança, com este vento. Uma caneca de água por dia para cada homem e três onças de biscoito, quando eu me lembrar de trazer. Estão liberados para cagar e urinar onde estão. Eu os vejo em Boa Esperança, meus amores.

Bateu a escotilha com força para fechá-la, e eles ouviram-no do outro lado martelar os pinos de trava em seus assentos. Quando os baques demarreta cessaram, a súbita quietude era assustadora. A princípio, a escuridão era completa, porém, então, conforme seus olhos se ajustavam, puderam divisar as formas escuras de seus companheiros amontoados ao redor.

Hal olhou para a fonte de luz e descobriu uma pequena grade colocada no convés diretamente acima de sua cabeça. Mesmo sem as barras, não teria largura suficiente para deixar passar a cabeça de um homem adulto, e ele descartou-a imediatamente como possível rota de fuga. Pelo menos liberava uma lufada de ar fresco.

O fedor era difícil de suportar, e todos ofegavam na atmosfera pesada. Cheirava como uma cova de urso. Daniel Grande gemeu, e o som soltou-lhes as línguas. Começaram a falar todos de uma vez.

— Pelo amor de Deus, cheira como uma latrina na estação dos damascos aqui embaixo.

— Acha que existe uma chance de escapar daqui, capitão?

— Claro que há, meu valentão — respondeu um dos homens por Sir Francis. — Quando chegarmos a Boa Esperança.

— Eu daria metade de minha parte da mais rica presa que já navegou pelos sete mares por cinco minutos a sós com Sam Bowles.

— Toda a minha cota por outros cinco com aquele sanguinário do Cumbræ.

— Ou com aquele bastardo cabeça-de-queijo, Schreuder. De súbito, Daniel tartamudeou:

— Oh, mãe, vi sua adorável face. Venha beijar seu pequeno Daniel. O lamento dolorido desconcertou-os, e o silêncio de desespero caiu sob o escuro e barulhento convés dos escravos. Gradualmente, afundaram num torpor de impotência, quebrado ocasionalmente pelos resmungos de delírio e pelo tilintar das correntes quando tentavam encontrar uma posição mais confortável.

Aos poucos, a passagem do tempo perdeu toda a significação, e nenhum deles tinha certeza se era noite ou dia quando o som do cabrestante da âncora do tombadilho superior reverberou pelo casco e eles ouviram os gritos débeis dos suboficiais retransmitindo as ordens para colocar o Gull a caminho.

Hal tentou avaliar o curso e a direção do navio pelo ímpeto e adernamento do casco, mas logo perdeu

a noção. Só quando o Gull investiu subitamente e começou a deslizar com um movimento leve e folgazão, foi que ele percebeu que tinham deixado a lagoa e passado pelas pontas.

Hora após hora, o Gull batalhou com o sudeste para se fazer ao largo. O movimento os lançava para trás e para a frente sobre as pranchas nuas, fazendo-os escorregarem de costas pelos poucos centímetros que suas cadeias permitam, antes de lhes dar um solavanco nas algemas, e em seguida, fazêlos deslizar de volta para o outro lado. Foi um grande alívio quando, por fim, a nau acomodou-se num curso mais tranqüilo.

— Lá vamos. É um sinal melhor — disse Sir Francis a todos. — O Gavião fez-se ao largo. Virou de bordo e estamos velejando livres com o sudeste à popa de nosso lado, rumando a oeste para o cabo.

Conforme o tempo passava, Hal fez algumas estimativas da passagem dos dias pela intensidade da luz que passava pela grade acima de sua cabeça. Durante as longas noites, havia uma negrura sufocante no convés dos escravos, como a do fundo de uma mina de carvão. Depois, uma luz mais suave se filtrava até ele conforme a alvorada surgia, que crescia em intensidade até que ele conseguia divisar a forma da cabeça negra e redonda de Aboli além da face mais clara de Daniel Grande.

Entretanto, mesmo ao meio-dia, os cantos mais fundos do convés dos escravos ficavam imersos em escuridão, na qual os suspiros e gemidos e os ocasionais murmúrios dos outros homens ecoavam, lúgubres, entre as anteparas de carvalho. Depois, novamente a luz fenecia para aquela negrura absoluta, marcando a passagem de outro dia.

Na terceira manhã, uma mensagem sussurrada foi passada de homem a homem:

— Timothy o' Reilly está morto.

Era um dos feridos; levava um golpe de espada no peito de um dos jaquetas-verdes.

— Era um bom homem — fez-lhe o epitáfio Sir Francis. — Que Deus dê descanso a sua alma. Gostaria de poder dar a ele um enterro cristão.

Na quinta manhã, porém o cadáver de Timothy acrescia o miasma de podridão e degenerescência que permeava o convés dos escravos e lhes enchia os pulmões a cada respiro.

Muitas vezes, enquanto Hal jazia num estupor de desespero, os rápidos ratos acinzentados, grandes como coelhos, subiam por seu corpo. Suas unhas agudas provocavam arranhões dolorosos por sua pele nua. Por fim, ele desistiu da impossível tarefa de tentar expulsá-los chutando cempurrando-os, e acomodou-se para suportar o desconforto. Apenas quando um enterrou os dentes curvos e afiados nas costas de sua mão, ele gritou e tentou agarrar o bicho, que chiava agudamente pela garganta; esganou-o com as mãos nuas.

Quando Daniel urrou de dor a seu lado, Hal se deu conta de que os ratos o tinham encontrado também, e que ele era incapaz de se defender daqueles ataques. Depois disso, ele e Aboli assumiram turnos, sentados, na tentativa de manter os roedores vorazes longe do homem inconsciente.

Seus ferros os impediam de se acorarem sobre a estreita canaleta que corria ao longo do pé da antepara, projetada para levar embora os dejetos. De vez em quando, Hal ouvia o borbulhante alívio quando um dos homens evacuava onde jazia, e, imediatamente depois, vinha o cheiro fétido de fezes frescas nos espaços confinados e já malcheirosos.

Quando Daniel esvaziou sua bexiga, o líquido quente se espalhou pelas pranchas sob Hal e ensopou-lhe a camisa e as calças. Não havia nada que ele pudesse fazer para evitar isso, a não ser erguer a cabeça.

Na maioria dos dias, em torno do que Hal julgava ser meio-dia, os pinos de trava da escotilha era subitamente retirados com estrondosos baques de marreta. Quando era erguida, a luz febril que se infiltrava no porão quase os cegava, e eles erguiam as mãos, pesadas de correntes, para proteger os olhos.

— Tenho uma bebida especial para vocês, alegres cavalheiros, no dia de hoje — cantava a voz de Sam Bowles. — Uma caneca d'água de nossos barris mais velhos, com uns poucos bichinhos andando nela e uma gota de meu cuspe para lhe dar sabor.

Ouviam-no escarrar com força e então estourar na risada antes de estender a primeira caneca de peltre. Cada caneca era passada ao longo do convés, de mão para mão presa em algemas, e, quando uma se emborcava, não era substituída.

— Uma para cada um de nossos cavalheiros. São vinte e seis canecas e nenhuma a mais — dizia-lhes Sam Bowles, alegremente.

Daniel Grande estava agora muito longe de poder beber sem ajuda, e Aboli tinha de lhe erguer a cabeça enquanto Hal derramava água entre seus lábios. Os outros doentes precisavam ser tratados da mesma maneira. Muito da água se perdia ao escorrer de suas bocas bambas, e era uma coisa custosa. Sam Bowles perdia a paciência antes que tivessem tomado metade.

— Nenhum de vocês quer mais? Bem, estou saindo, então.

E batia a escotilha, fechando-a, e colocava os pinos nas travas, deixando a maioria dos cativos a implorar em vão por sua parte, pelas gargantas ressecadas e os lábios descarnados. Porém, Sam se mostrava implacável, e eles eram forçados a esperar outro dia pela próxima ração.

Depois disso, Aboli enchia a própria boca com água da caneca, colocava os lábios sobre os de Daniel e forçava o líquido para dentro da boca do homem inconsciente. Os homens faziam o mesmo para os outros feridos. Aquele método era rápido o bastante para satisfazer mesmo Sam Bowles, e menos do precioso líquido era perdido.

Sam Bowles riu quando um dos homens lhe gritou:

— Pelo amor de Deus, contramestre, há um homem morto aqui. Timothy o'Reilly está fedendo até os céus. Não pode sentir o cheiro?

Ele respondeu:

— Estou contente que tenha me contado. Isso quer dizer que não irá usar sua ração de água. A partir de amanhã serão apenas vinte e cinco canecas que estarei servindo.

Daniel estava morrendo. Não mais gemia, e se debatia em delírio. Jazia imóvel como um cadáver. Mesmo sua bexiga se secara e não se esvaziava espontaneamente sobre as pranchas fedidas onde ele se achava largado. Hal ergueu-lhe a cabeça e murmurou ao seu ouvido, tentando incentivá-lo a continuar vivo:

— Não pode desistir agora. Agüente um pouco mais e estaremos no cabo antes que perceba. Toda aquela água fresca que você pode beber, belas escravas para tratá-lo. Pense nisso, Danny.

Ao meio-dia, naquele que julgou fosse o sexto dia no mar, Hal chamou por Aboli:

— Tenho algo a lhe mostrar aqui. Dê-me sua mão. — Pegou os dedos de Aboli e guiou-o pelas costelas de Daniel. A pele estava tão quente que era quase dolorosa de se tocar, e a carne tão consumida que as costelas apontavam como aduelas de barril.

Hal rolou Daniel de lado tanto quanto as cadeias permitiam e dirigiu os dedos de Aboli para as espáduas.

— Aqui. Pode sentir esse calombo? Aboli resmungou:

— Posso senti-lo, mas não posso vê-lo. — Estava tão restrito por seus grilhões que não conseguia olhar por sobre o volume do corpo inerte de Daniel.

— Não tenho certeza, mas acho que sei o que é isso. — Hal abaixou a face para mais perto e estreitou os olhos à luz diminuta. — Há um inchaço do tamanho de uma noz. Está preto como uma contusão.

— Tocou o lugar gentilmente, mas mesmo a leve pressão fez Daniel gemer e se debater nos liames.

— Deve estar muito sensível — Sir Francis tinha se erguido e se inclinava para tão perto como podia. — Não posso enxergar bem. Onde é?

— No meio da espádua — respondeu Hal. — Creio que seja a bala de mosquete. Passou direto pelo peito e está aqui, debaixo da pele.

— Então é isso que o está matando — retrucou Sir Francis. — É olugar e a fonte da gangrena que o está comendo por dentro.

— Se tivéssemos uma faca — murmurou Hal —, poderíamos tentar arrancá-la. Mas Sam Bowles tomou o baú de medicamentos.

Aboli resmungou:

— Não antes que eu escondesse uma das facas. — Procurou na cintura de suas calças e estendeu uma lâmina fina. Ela luziu suavemente na luz fraca que vinha da grade acima da cabeça de Hal. — Estava esperando por uma oportunidade para cortar a garganta de Sam com isto.

— Precisamos nos arriscar e tirar a bala daí — disselhe Sir Francis.

— Se ficar em seu corpo, ela o matará com mais certeza do que o escalpelo.

— Não consigo enxergar para fazer o corte onde ela está — retrucou Aboli. — Você terá de fazer isso.

Houve um arrastar e tilintar de elos de corrente, e então Sir Francis resmungou:

— Minhas cadeias são muito curtas. Não posso encostar um dedo nele.

Ficaram todos silenciosos por um momento, e então Sir Francis falou:

— Hal.

— Papai! — protestou Hal. — Não tenho o conhecimento ou a habilidade.

— Então Daniel morrerá — disse Aboli, secamente. — Você lhe deve a vida, Gundwane. Aqui, pegue a faca.

Na mão de Hal, a faca pareceu pesada como uma barra de chumbo. Com a boca seca de medo, ele testou o corte da lâmina no polegar e descobriu-a cega por muito uso.

— Está cega — protestou.

— Aboli está certo, meu filho. — Sir Francis pousou a mão no ombro de Hal e apertou-o. — Você é a única chance de Daniel.

Lentamente, Hal estendeu a mão esquerda e tateou o duro calombo na carne quente de Daniel. Moveu-o sob os dedos e sentiu-o raspar contra o osso da espádua.

A dor acordou Daniel, e ele se debateu contra as correntes. Gritava:

— Ajude-me, Jesus. Pequei contra Deus e os homens. O demônio veio até mim. Ele é negro. Tudo está negro.

— Segure-o, Aboli — murmurou Hal. — Mantenha-o imóvel. Aboli passou os braços em torno de Daniel, como os anéis de um grande píton negro.

— Faça — disse. — Faça depressa.

Hal inclinou-se para perto de Daniel, tão perto quanto as algemas lhe permitiam, a face a um palmo de distância das costas do outro homem. Agora conseguia ver o inchaço com mais clareza. A pele estava tão esticada que parecia lustrosa e arroxeada como uma ameixa madura. Ele colocou os dedos da mão esquerda de cada lado do calombo e repuxou ainda mais a pele.

Respirou fundo e colocou a ponta do escalpelo contra o inchaço. Concentrou coragem, contando silenciosamente até três, e depois comprimiu a lâmina para baixo com a força de um braço treinado na espada. Sentiu a lâmina escorregar fundo para as costas de Daniel e então atingir algo duro e resistente, metal contra metal.

Daniel soltou um guincho de dor e em seguida caiu frouxo nos braços dobrados de Aboli. Um jato de pus roxo e amarelo irrompeu do profundo corte do escalpelo. Quente e espesso como cola de carpinteiro, espirrou na boca de Hal e escorreu pelo queixo. O cheiro era pior que todos os outros odores do convés de escravos, e uma ânsia subiu pela garganta de Hal, escaldando-a. Ele engoliu de volta o próprio vômito e limpou o pus da face com as costas do braço, antes que pudesse se recompor para espiar mais uma vez para o ferimento.

Um pus negro ainda borbulhava dele, mas ele viu uma coisa estranha no corte fresco. Cutucou-o com a ponta do bisturi e puxou para fora um pedaço de material negro e fibroso no qual lascas de osso da escápula estilhaçada se misturavam ao sangue geleificado e com o pus.

— É um pedaço do gibão de Danny — arquejou ele. - A bala deve tê-lo empurrado para dentro da ferida.

— Achou a bala? — indagou Sir Francis.

— Não, ainda deve estar lá dentro. Cutucou ainda mais fundo no ferimento.

— Sim. Ei-la aqui.

— Pode tirá-la?

Por uns poucos minutos, Hal trabalhou em silêncio, grato que Daniel estivesse inconsciente e não sofresse durante a crua exploração. O fluxo de pus diminuiu, e agora sangue limpo e fresco brotava da ferida escura.

— Não consigo pegar com a faca. Escorrega para longe — murmurou ele. — Pôs de lado a lâmina e enfiou o dedo na carne quente e viva de Daniel. Com a respiração a resfolegar de pavor, enfiou mais e mais fundo até poder tocar a ponta do dedo por trás do calombo de chumbo.

— Ei-la! — exclamou, de súbito, quando a bala de mosquete pulou para fora do ferimento e caiu nas pranchas com um baque. Estava deformada pelo violento contato com o osso, e havia uma nódoa brilhante no chumbo macio. Ele fitou-a, aliviado, e depois tirou o dedo do ferimento.

Seguiu-se uma nova onda suave de pus e material estranho encaroçado.

— É a bucha do mosquete — balbuciou. — A coisa toda está fora agora. — Olhou para as mãos lambuzadas. O fedor delas atingiu-o como um soco na face.

Por uns instantes, ficaram todos em silêncio. Então Sir Francis sussurrou:

— Muito bem, Hal!

— Acho que ele está morto — respondeu Hal, numa voz desconsolada. — Está tão quieto.

Aboli soltou Daniel dos braços e depois puxou-o contra o peito nu.

— Não, está vivo. Posso sentir seu coração. Agora, Gundwane, precisa lavar a ferida para ele.

Entre os dois, arrastaram o corpo inerte de Daniel até o limite das cadeias, e Hal dobrou os joelhos, acima dele. Abriu as calças imundas e, desidratado pela limitada ração de água, dirigiu um jato fraco de urina para o ferimento. Foi o suficiente para lavar os últimos restos de pus e infecção. Hal usou as últimas gotas para limpar a sujeira das mãos e então caiu de costas, desgastado pelo esforço.

— Fez a coisa como um homem, Gundwane — disselhe Aboli, e estendeu a Hal o pano vermelho, preto e duro com sangue seco e pus. — Use isso para vedar a ferida. É tudo que temos.

Enquanto Hal enfaixava o ferimento, Daniel jazia como um cadáver. Não mais gemia ou lutava contra as correntes.

Três dias depois, quando Hal se inclinou sobre Daniel para lhe dar água, ele de repente ergueu a mão, jogou a cabeça para trás e pegou a caneca das mãos de Hal. Secou-a em três longos goles. Então arrotou poderosamente e disse, numa voz fraca, porém lúcida:

— Por Deus, isso estava bom. Gostaria de mais umas gotas.

Hal estava tão encantado e aliviado que lhe entregou a própria ração e ficou a vê-lo beber. No dia

seguinte, Daniel já tinha condições de sentar-se conforme seus grilhões permitiam.

— Sua cirurgia teria matado uma dúzia de mortais comuns — murmurou Sir Francis, enquanto observava a recuperação de Daniel Grande com admiração —, mas Daniel Pescador supera qualquer um em saúde.

No nono dia de viagem, Sam Bowles abriu a escotilha e cantou, alegremente: — Boas-novas para vocês, cavalheiros. O vento tem pregado uma peça nestas últimas cinquenta léguas. Sua Senhoria avalia que serão outros cinco dias antes que rodeemos o cabo. Portanto, seu cruzeiro maravilhoso irá durar um pouquinho mais.

Poucos tinham força ou interesse para se revoltar com aquela horrível notícia, e estenderam as mãos para as canecas de peltre com água com gestos frenéticos. Quando a cerimônia diária de lhes dar de beber estava terminada, Sam Bowles alterou a rotina. Em vez bater a escotilha e fechá-la por outro dia, enfiou a cabeça pelo vão e berrou:

— Capitão Courtney, senhor, os cumprimentos de Sua Senhoria, e, se não tiver nenhum compromisso previamente agendado, lorde Cumbrae ficaria lisonjeado se fosse jantar com ele. — Saltou para o convés dos escravos e, com dois de seus companheiros para ajudá-lo, soltou as algemas de Sir Francis dos pulsos e dos tornozelos e tirou as correntes dos anéis de ferro na antepara.

Mesmo depois que Sir Francis estava livre, foram precisos todos os três homens para erguê-lo de pé. Estava tão fraco e com tantas câibras que balançava e cambaleava como um bêbado enquanto o ajudavam a subir penosamente para a escotilha.

— Perdão, capitão — Sam riu-lhe na cara —, o senhor não estava exatamente em nenhuma cama de rosas, não estava. Já cheirei chiqueiros de porcos e latrinas um pouco mais doces que o senhor, isso já, Franky, meu camarada.

Arrastaram-no para o convés e rasgaram-lhe as roupas fétidas do corpo mirrado. Depois, quatro marujos foram para as manivelas da bomba do convés, e Sam voltou o jato de água da mangueira de lona em cheio sobre ele. O Gull entrara na ponta final da verde corrente de Benguela que escorria pela costa oeste do continente. O jorro de água gelada do mar da mangueira quase arrancou Sir Francis de seus pés, e ele teve de se agarrar às enxárcias para manter o equilíbrio. Tremendo e engasgado quando Sam direcionou a mangueira para sua face, ele conseguiu mesmo assim esfregar a sujeira encrostada dos cabelos e do corpo. Não o preocupou o fato de que Katinka van de Velde se debruçasse na amurada do convés de popa e escrutinasse sua nudez sem a menor indicação de modéstia.

Somente quando a mangueira foi desligada e ele ficou de pé ao vento, para secar, foi que teve a chance de olhar ao redor e formar alguma estimativa da posição e condição do Gull. Embora seu corpo emaciado estivesse azul de frio, ele se sentia refrescado e fortalecido pelo banho. Seus dentes batiam e sua compleição inteira estremecia com espasmos involuntários de frio enquanto ele olhava para o lado, e dobrava os braços sobre o peito para se aquecer. O continente africano jazia des léguas ou pouco mais ao norte, e ele reconheceu os penhascos e rochedos do ponto que guardava a entrada da baía Falsa. Teriam de agüentar firme para ultrapassar aquele ponto selvagem antes que pudessem entrar na baía da Mesa, no ponto mais distante da península.

O vento estava quase morto, e a superfície do mar tão lustrosa como óleo, com longas e lentas vagas a subir e cair como a respiração de um monstro adormecido. Sam Bowles dissera a verdade: a menos que aparecesse vento, seriam muitos dias antes que rodeassem o cabo e lançassem âncora na baía da Mesa. Sir Francis ficou a imaginar quantos mais de seus homens seguiriam Timothy antes que fossem libertados do confinamento do convés dos escravos.

Sam Bowles jogou umas poucas peças de roupas esfarrapadas, porém limpas, no convés, aos pés de Sir Francis.



— Sua Senhoria o está esperando. Não o faça aguardar agora.

— Franky! — Cumbrae levantou-se para cumprimentá-lo quando ele passou pela soleira, para dentro da cabine de popa do Gull. — Estou contente por ver que não parece tão mal, apesar de sua pequena estada abaixo dos conveses. — Antes que Sir Francis pudesse evitar, Cumbrae o envolveu num abraço de urso. — Devo pedir desculpas sinceramente pelo tratamento que lhe é dado, porém foi por insistência do governador holandês e de sua esposa. Eu jamais trataria um irmão cavaleiro de maneira tão desprezível.

Enquanto falava, o Gavião corria as grandes mãos rapidamente pelo corpo de Sir Francis, em busca de alguma faca escondida ou outra arma, e depois o empurrou para a maior e mais confortável cadeira da cabine.

— Um copo de vinho, meu caro e velho amigo?

Serviu-o ele próprio e depois fez um gesto ao camareiro de bordo para que colocasse uma tigela de ensopado à frente de Sir Francis. Embora a saliva lhe enchesse a boca com o aroma da primeira comida quente que lhe era oferecida em quase duas semanas, Sir Francis não fez nenhuma menção de pegar o copo ou a colher ao lado da tigela de ensopado.

Cumbrae notou-lhe a recusa e, embora erguesse uma das sobrancelhas hirsutas, não insistiu; simplesmente mas pegou a própria colher e encheu-a com um bocado da própria tigela. Mastigou com todos os sons de apetite e aprovação e então tomou um generoso gole do copo de vinho e enxugou as suíças ruivas com as costas da mão.

— Não, Franky, por minha própria escolha, eu jamais o teria tratado com tamanha mesquinhez. Você e eu tivemos nossas diferenças no passado, porém foi sempre com o espírito cavalheiresco de esporte e competição, não é assim?

— Esporte tal como disparar suas surriadas em meu acampamento sem avisar? — perguntou Sir Francis.

— Ora, não vamos perder tempo com recriminações ociosas. — O Gavião fez um gesto de descaso para o comentário. — Isso não teria sido necessário se você simplesmente tivesse concordado em dividir o butim do galeão comigo. O que realmente interessa é que você e eu entendemos um ao outro. De coração, somos irmãos.

— Acho que posso compreendê-lo — concordou Sir Francis.

— Então saberá que o que lhe causa sofrimento, me penaliza ainda mais. Tenho sofrido com você cada minuto de seu encarceramento.

— Detesto vê-lo sofrer, meu senhor, então por que não me liberta e a meus homens?

— Esse é meu mais fervoroso desejo e intenção, eu lhe asseguro. Contudo, ainda resta um pequeno empecilho que me impede de fazer isso. Preciso de um sinal de sua parte de que meus calorosos sentimentos com relação a você são recíprocos. Ainda estou profundamente magoado por não querer partilhar comigo, meu velho amigo, o que era por direito meu nos termos de nosso acordo.

— Tenho certeza de que os holandeses lhe deram a parte que lhe faltava antes. De fato, eu o vi carregando o que me pareceu uma generosa porção de especiarias a bordo deste mesmo navio. Fico a imaginar o que fará o Alto Almirantado da Inglaterra ao saber de tal tráfico com o inimigo.

— Umás poucas barricadas de especiaria; mal valem o fôlego de mencioná-las. — Cumbrae sorriu. — Mas não havia nada como prata e ouro para despertar meus instintos fraternais. Ora, vamos, Franky, já perdemos bastante tempo com amenidades. Ambos sabemos que você tem os lingotes de ouro do galeão escondidos em algum lugar perto de seu acampamento, na lagoa do Elefante. Sei que os encontrarei se procurar o tempo suficiente, mas até então você estará morto, mandado para o inferno pelo carrasco em Boa Esperança.

Sir Francis sorriu e meneou a cabeça.

— Não escondi nenhum tesouro. Procure se quiser, porém não há nada para você encontrar.

— Pense nisso, Franky. Você sabe o que os holandeses fizeram com os mercadores ingleses que capturaram na ilha de Bali? Crucificaram-nos e queimaram-lhes as mãos e os pés com chamas de enxofre. Quero salvá-lo disso.

— Se você não tem mais nada para discutir, voltarei para minha tripulação. — Sir Francis levantou-se. Suas pernas estavam mais fortes agora.

— Sente-se! — berrou o Gavião. — Diga-me onde escondeu isso, homem, e eu porei você e seus homens em terra sem mais maus-tratos, juro por minha honra.

Cumbrae esbravejou e tentou persuadi-lo por outra hora. Então, por fim, suspirou.

— Você é duro numa barganha, Franky. Eu lhe direi o que farei. Não o faria para ninguém mais, porém eu o amo como a um irmão. Se me levar de volta e me conduzir ao butim, eu o dividirei com você.

Cinquenta por cento, metade para cada um. Ora, não posso ser mais justo que isso, posso?

Sir Francis encarou aquela oferta com um calmo e tranqüilo sorriso, e Cumbrae não conseguiu ocultar sua fúria. Bateu na mesa tão violentamente com a palma da mão, que os copos entornaram e o vinho se espalhou pela cabine. Berrou, furioso, para Sam Bowles:

— Leve este arrogante bastardo para longe e prenda-o em algemas de novo. — Quando Sir Francis deixava a cabine, gritou, às suas costas: — Descobrirei onde o escondeu, Franky, juro a você. Sei mais do que você pensa. Tão logo eu o tenha visto no topo do campo da Boa Esperança, voltarei para a lagoa e não sairei de lá até encontrar o tesouro.

Mais um dos marujos de Sir Francis morreu em seus grilhões antes que ancorassem na marinha d'água na baía da Mesa. Os outros estavam tão enrijecidos e fracos que foram forçados a se arrastar como animais para cima da escada até o tombadilho superior. Agacharam-se ali, suas roupas rasgadas encrostadas com a própria sujeira, a esgazear o olhar em volta, pestanejando e tentando proteger os olhos do sol brilhante da manhã.

Hal nunca estivera tão perto de terra em Boa Esperança. No percurso em terras estrangeiras de seu cruzeiro, no começo da guerra, tinham ficado bem ao largo e olhado para a baía de grande distância. Contudo, aquele breve relance não o preparara para o esplendor de sua paisagem marítima, onde o azul real do Atlântico, pintalgado de espuma do vento, lavava as praias de forma tão impressionante que fazia doer seus olhos fracos.

A fabulosa montanha de topo aplainado parecia encher a maior parte do céu azul africano, um grande penhasco de rocha amarelada cortado por profundas ravinas e afogado em densa floresta verde. O cume da montanha era tão geometricamente nivelado, e suas proporções tão agradáveis, que parecia ter sido projetado por um arquiteto celestial. Sobre o topo daquele imenso tabuleiro espalhava-se uma onda permanente de nuvem de luz difusa, cremosa como leite a ferver sobre a beirada de um caldeirão. Aquela cascata prateada nunca chegava aos declives mais baixos da montanha, porém, quando caía, evaporava-se em meio vôo com uma subitaneidade mágica, deixando os taludes abaixo resplandecentes em sua roupagem de floresta natural verdejante.

A grandeza apequenava e tornava inconstantes as edificações que se espalhavam como uma coceira irritante ao longo do litoral, acima da praia branca como a neve, da qual uma frota de pequenos barcos saiu para encontrar o Gull tão logo a nau lançou âncora.

O governador van de Velde recusou-se a descer a escada e foi içado do convés, a balançar para fora numa pequena cadeira de contramestre, durante todo o tempo a gritar ordens nervosas para os homens nas cordas.

— Cuidado agora, seus paspalhos atrapalhados! Deixem-me cair e eu mandarei arrancar a pele de suas costas.

Foi baixado para o escaler ao lado do Gull, na qual sua esposa já esperava. Assistida pelo coronel Cornelius Schreuder, sua descida fora consideravelmente bem mais graciosa que a do marido.

Foram levados a remo para beira-mar, onde cinco fortes escravos ergueram o novo governador do bote que dançava no quebra-mar de espuma branca na orla da praia. Eles vadearam o trecho com ele e o depositaram na areia.

Conforme os pés do governador tocaram o solo africano, os primeiros tiros de canhão de uma salva de quatorze se ouviram. Uma longa pluma de fumaça prateada subiu da troneira no topo do reduto sul, e o retumbante cumprimento assustou o novo representante da companhia, que saltou com um pé no ar e quase perdeu o chapéu emplumado para o vento sudoeste.

O governador Kleinhans, deslumbrado que seu sucessor tivesse por fim chegado, estava na orla para encontrá-lo. O comandante da guarnição, igualmente ansioso para passar o cargo ao coronel Schreuder e sacudir dos pés a fértil terra africana, aguardava nos taludes da fortaleza, sua luneta focalizada nos dignitários que chegavam.

A carruagem oficial esperava acima da praia, seis belos cavalos acinzentados nos varais. O governador Kleinhans desceu dela para cumprimentar os recém-chegados, agarrando o chapéu por causa do vento. Uma guarda de honra da guarnição se postava em torno da carruagem. Reunidas ao longo da linha-d'água, havia diversas centenas de homens, mulheres e crianças. Cada residente da povoação que podia andar ou se arrastar se reunira para dar as boasvindas ao governador van de Velde, enquanto ele porfiava em seu caminho pela areia solta.

Quando, por fim, chegou em terreno firme e recuperou o fôlego e a dignidade, aceitou as boasvindas do governador Kleinhans. Apertaram-se as mãos diante dos vivas e aplausos dos oficiais da companhia e dos burgueses livres e escravos reunidos a observar. O acompanhamento militar apresentou as armas, e a banda iniciou uma melodia de espírito patriótico. A música terminou com um bater de címbalos e o rufar de tambores. Os dois governadores espontaneamente se abraçaram, Kleinhans deliciado por estar livre para retornar a Amsterdã, e van de Velde cheio de alegria por ter escapado da morte na tempestade e no ataque pirata, e por ter o solo holandês sob os pés mais uma vez.

Enquanto Sam Bowles e seus companheiros removiam os cadáveres dos grilhões e os jogavam pela amurada, Hal agachou-se na fileira dos cativos e ficou a observar de longe enquanto Katinka era conduzida para a carruagem pelo governador Kleinhans num braço e o coronel Schreuder no outro.

Sentiu o coração retorcer-se de amor por ela, e murmurou para Daniel e Aboli:

— Ela não é a mais linda mulher do mundo? Usará a influência por nós. Agora que o marido tem plenos poderes, irá persuadi-lo a nos tratar com justiça.

Nenhum dos dois homens enormes retrucou, porém trocaram um olhar. Daniel sorriu com os dentes quebrados, e Aboli revirou os olhos.

Assim que Katinka se acomodou nos assentos de couro, os homens empurraram o marido para dentro da carruagem. Tão logo ele estava instalado em segurança ao lado da esposa, a banda iniciou uma marcha festiva e a escolta ergueu os mosquetes para o ombro e saiu marchando, uma visão impressionante com seus cintos brancos cruzados e os gibões verdes. A procissão espalhou-se pelo passeio aberto em direção ao forte, com a multidão a correr adiante da carruagem e se enfileirando de ambos os lados do percurso.

— Adeus, cavalheiros. Foi um prazer e um privilégio tê-los a bordo. — O Gavião tocou a beira do chapéu numa irônica saudação quando Sir Francis caminhou com passos trôpegos, arrastando as correntes pelo convés, e conduziu a fileira de sua tripulação para baixo, pela escada, para dentro do bote atracado ao lado do costado. Tantos homens acorrentados faziam uma pesada carga para a embarcação, na presente condição das ondas. Sobraram apenas uns poucos centímetros de bordo livre quando se

afastaram do costado do Gull.

Os remadores lutavam para empurrar a popa do escaler para as ondas brancas que rebentavam conforme se aproximavam da praia, porém uma vaga mais alta entrou por baixo da embarcação e jogou-a fora da linha. Ela virou em roda pesadamente, afundou na ombreira e girou sobre si mesma em um metro e meio de água. Tripulação e passageiros foram jogados na água espumosa, e o bote emborcado foi pego pela onda.

Engasgados e tossindo água, os prisioneiros tentaram de arrastar uns aos outros para além do quebra-mar em suas cadeias. Miraculosamente, nenhum se afogou, mas o esforço exigiu-lhe mais do que o limite. Quando os guardas da fortaleza os ergueram com prepotência nos pés e os empurraram na ponta dos mosquetes, com palavrões, para a praia, todos escorriam água e estavam cobertos por uma camada de areia branca.

Tendo visto a carruagem oficial passar em segurança através dos portões do forte, a multidão correu de volta para beira-mar, para se divertir um pouco com aquelas infelizes criaturas. Estudavam-nos como se fossem mercadoria num mercado, as risadas desbragadas, os comentários rudes e vulgares.

— Para mim, parecem mais ciganos e mendigos do que piratas ingleses.

— Estou poupando meus guinéus. Não vou fazer lances quando esse lote de escravos for posto à venda.

— Eles não vendem piratas, simplesmente os queimam.

— Não parecem ser grande coisa, mas pelo menos nos darão alguma diversão. Não temos uma execução realmente boa desde a revolta dos escravos.

— Lá está Stadige Jan, vem dar uma olhada neles. Garanto que terá umas poucas lições a ensinar a esses corsários.

Hal voltou a cabeça na direção em que o homem que falara apontara, para onde se postava um burguês alto, de roupas pretas e grossas, com um chapéu puritano, acima da multidão. Ele olhou para Hal com os pálidos olhos amarelados inexpressivos.

— O que acha dessas belezas, Stadige Jan? Será capaz de fazêlos cantar uma bela canção para nós?

Hal sentiu a repulsão e fascinação que aquele homem despertava nas pessoas ao redor dele. Ninguém se aproximava, e fitavam-no de uma tal maneira que Hal instintivamente percebeu que aquele era o carrasco do qual tinham sido alertados. Sentiu a carne formigar ao olhar para aqueles olhos desbotados.

— Por que acha que o chamam de João Lento? — perguntou a Aboli, pelo canto da boca.

— Vamos esperar que nunca venhamos a descobrir — retrucou Aboli, ao passarem onde a alta e cadavérica figura se postava.

Meninos pequenos, tanto pardos como brancos, dançavam ao lado da coluna de homens acorrentados, zombando e crivando-os de pedras e sujeira dos esgotos abertos que levavam os dejetos da cidade para o mar. Encorajado por aquele exemplo, um bando de cães vira-latas avançava-lhes nos calcanhares. Os adultos na multidão estavam trajados em suas melhores roupas para uma ocasião tão incomum e riam diante das provocações das crianças. Algumas das mulheres levavam sachês de ervas às narinas quando sentiam o cheiro da fila enlameada de prisioneiros, estremecendo em horrorizada fascinação.

— Oh! Que criaturas pavorosas!

— Olhem para aquelas caras cruéis e selvagens.

— Ouvi dizer que alimentam aqueles negros com carne humana. Aboli contorceu a face e revirou os olhos para elas. As tatuagens em seu rosto se salientavam, orgulhosas, e seus grandes dentes brancos estavam expostos, num sorriso de meter medo. As mulheres gritaram, com deliciado terror, e as filhas pequenas escondiam as faces nas saias das mães enquanto ele passava.

Na retaguarda da multidão, afastados da companhia dos melhores e sem tomar parte na diversão de

humilhar os cativos, havia aqueles homens e mulheres que, adivinhou Hal, deviam ser os escravos domésticos dos burgueses. Os escravos entre o povo variavam em cor do negro antracito da África ao âmbar e peles douradas do Oriente. A maioria estava simplesmente vestida nas roupas descartadas de seus donos, embora algumas das mulheres mais bonitas ostentassem os coloridos trajes elegantes que as destacavam como as preferidas de seus proprietários.

Olhavam caladas enquanto os marujos se arrastavam em suas correntes tilintantes, e não havia nenhum som de risadas entre elas. Em vez disso, Hal sentiu uma certa empatia por trás das fechadas expressões impassíveis, pois eram cativas também. Pouco antes de entrarem pelos portões do forte, Hal notou uma garota em particular na traseira da multidão. Subira numa pilha de blocos de alvenaria para ter uma vista melhor e estava mais ao alto que as fileiras intermédias de espectadores. Aquela não era a única razão pela qual Hal a distinguira.

Era mais bonita do que ele jamais esperara que qualquer mulher pudesse ser. Era uma flor de garota, com cabelos fartos e lustrosos, muito negros, e olhos escuros que pareciam grandes demais para sua face oval delicada. Por um momento, seus olhares se encontraram por sobre as cabeças da multidão, e pareceu a Hal que ela tentava lhe passar alguma mensagem que ele foi incapaz de captar. Sabia apenas que ela sentia compaixão por ele, e que partilhava de seu sofrimento. Então, perdeu-a de vista quando foram empurrados pela passagem para dentro do pátio do forte.

Sua imagem ficou com ele durante os dias terríveis que se seguira:: Gradualmente, começou a superar a memória de Katinka e, nas noites algumas vezes retornava para lhe dar a força de que precisava para resistir. Hal sentia que, se houvesse pelo menos uma pessoa com tanta graça e ternura fora dali, além das lúgubres muralhas de pedra, então valia apenas lutar.

No pátio do forte, um armeiro militar tirou-lhe os grilhões. Um grupo em terra, sob o comando de Sam Bowles, postava-se para recolher as algemas descartadas e levá-las de volta ao Gull.

— Sentirei saudades de todos, meus companheiros. — Sam sorriu. — Os tombadilhos inferiores do velho Gull ficarão vazios e solitários sem suas faces sorridentes e seu bom humor. — Acenou-lhes um adeus do portão enquanto liderava seu grupo para fora. — Espero que cuidem de vocês tão bem quando seu bom amigo Sam Bowles. Mas, não tenham medo, estarei no campo quando derem o último espetáculo aqui.

Quando Sam se foi, Hal olhou pelo pátio. Viu que a fortaleza fora projetada numa escala substancial. Como parte de seu treinamento, seu pai o fizera estudar a ciência das fortificações em terra, e, portanto, ele reconhecia a clássica planta defensiva das muralhas de pedra e redutos. Percebeu que, assim que aqueles trabalhos fossem completados, seria preciso um exército muito bem equipado e preparado em termos de cerco para superar tais obstáculos.

Contudo, o trabalho estava ainda com menos da metade terminada, e, do lado de terra do forte, ou, como os novos carcereiros se referiam a ele, *het kasteel* o castelo, havia simplesmente fundações abertas sobre as quais as maciças muralhas de pedra seriam algum dia erguidas. No entanto, era evidente que a obra fora apressada. Quase com certeza, as duas guerras anglo-holandesas recentes tinham contribuído para aquela arrancada. Tanto lorde Oliver Cromwell, o Protetor da Comunidade da Inglaterra, Escócia e Irlanda, durante o interregno, como o Rei Carlos, filho do homem que ele decapitara, podiam reclamar algum crédito pelo frenesi de construção que havia ali em torno. Tinham forçado os holandeses a se recordar da vulnerabilidade de suas colônias distantes. As muralhas semi-acabadas enxameavam de centenas de trabalhadores, e o pátio onde se encontravam estava cheio de madeira de construção e blocos de alvenaria revestida, cortados das montanhas que assomavam sobre tudo.

Como cativos perigosos, Sir Francis e os demais foram mantidos à parte dos outros prisioneiros e conduzidos do pátio por uma curta escada em espiral abaixo da muralha sul do forte. Os blocos de pedra

que se alinhavam no chão, no teto em arco e nas paredes, luziam com a umidade que minava do solo encharcado ao redor. Mesmo num dia ensolarado de outono, a temperatura naquelas úmidas imediações proibidas os fazia tremer de frio.

Ao pé do primeiro lance de escadas, Sir Francis foi arrastado para fora da fila por seus carcereiros e jogado numa pequena cela larga o suficiente para caber um homem. Integrava uma fileira de meia dúzia ou mais de cubículos idênticos, cujas portas eram de madeira sólida guarnecidas de tachões e com um pequeno orifício de vigia tampado. Não havia sinais dos outros internos.

— Alojamentos especiais para você, senhor Pirata — disse o robusto carcereiro holandês ao bater a porta na cara de Sir Francis e girar a chave de ferro do molho em sua cintura. — Nós o estamos colocando no Covil do Esqueleto, com todos os realmente maus, os assassinos e rebeldes e ladrões. Você se sentirá em casa aqui, disso estou certo.

O resto dos prisioneiros foi arrebanhado para baixo, para o próximo nível das masmorras. O sargento carcereiro destrancou uma porta gradeada ao final do túnel e eles foram empurrados para dentro de uma longa e estreita cela. Assim que a grade foi trancada atrás deles, mal havia espaço para todos se esticarem na estreita camada de palha úmida que cobria o chão de paralelepípedos. Uma única barrica de latrina estava a um canto, mas murmúrios de prazer dos homens saudaram a vista da larga cisterna ao lado do portão gradeado. Pelo menos, aquilo significava que não estavam mais sob as rações de água de quando a bordo do navio.

Havia quatro pequenas janelas postadas no topo de uma parede, e, assim que tinham inspecionado os arredores, Hal olhou para elas. Aboli ergueu-o nos ombros e ele pôde chegar a uma daquelas estreitas aberturas. Era pesadamente gradeada, como as outras; ainda assim Hal testou os ferros com as mãos nuas. Estavam firmemente assentados na rocha, e ele foi forçado a afastar da mente qualquer idéia de escapar por aquele caminho.

Pendurado na grade, ele se ergueu e espiou pelo buraco. Descobriu que seus olhos estavam a um palmo ou pouco mais acima do nível do chão, e, dali, ele tinha uma visão de parte do pátio interior do castelo. Podia ver a passagem de entrada e os grandes portais do que imaginava devessem ser os escritórios da companhia e a suíte do governador. De um lado, através do vão onde as muralhas ainda não tinham sido erigidas, ele podia ver uma porção dos penhascos da montanha em topo de tabuleiro, e, acima deles, o céu. Contra o azul sem nuvens, passava um bando de gaiivotas brancas.

Hal se deixou cair e abriu caminho entre o amontoado de marinheiros, passando sobre os corpos dos doentes e feridos. Quando chegou à grade, olhou para o alto da escada, porém não pôde ver a porta para acela do pai.

— Papai! — chamou, hesitante, esperando uma censura de um dos carcereiros, porém, quando não houve resposta, ergueu a voz e gritou novamente.

— Eu o ouvi, Hal — gritou de volta seu pai.

— Tem alguma ordem para nós, papai?

— Espero que nos deixem em paz por um dia ou dois, pelo menos até que tenham convocado um tribunal. Teremos de esperar. Diga aos homens que se mantenham animados.

Diante disso, uma voz estranha interveio, falando em inglês porém com um sotaque pouco familiar.

— São os piratas ingleses de que ouvimos falar tanto?

— Somos marinheiros honestos, falsamente acusados — gritou de volta Sir Francis. — Quem é o que é você?

— Sou seu vizinho no Covil do Esqueleto, duas celas adiante. Estou condenado a morrer, como você.

— Ainda não fomos condenados — protestou Sir Francis.

— É apenas uma questão de tempo. Ouvi dos carcereiros que logo o será.

— Qual é seu nome? — Hal juntou-se à conversa. Não estava interessado no estranho, porém aquilo servia para passar o tempo e para desviá-lo das próprias preocupações. — Qual é seu crime?

— Sou Althuda, e meu crime é de me empenhar em ficar livre e delivrar outros homens.

— Então, somos irmãos, Althuda, você, eu e cada homem aqui. Todos lutamos por liberdade.

Houve um desconcertado coro de concordância, e quando feneceu, Althuda falou novamente:

— Liderei uma revolta dos escravos da companhia. Alguns foram recapturados. Esses, Stadige Jan queimou vivos, porém a maioria de nós escapou para as montanhas. Muitas vezes mandaram soldados atrás de nós, porém lutamos e os rechaçamos e não puderam nos escravizar novamente. — Era uma voz jovem e enérgica, orgulhosa e forte, e antes mesmo que lhe visse a face, Hal descobriu-se em empatia com aquele Althuda.

— Então, se escapou, como é que está de volta aqui, no Covil do Esqueleto? — quis saber um dos marinheiros ingleses. Todos o ouviam agora. A história de Althuda comovera mesmo o mais empedernido deles.

— Voltei para resgatar alguém, outro escravo que ficara para trás — disselhes Althuda. — Quando entrei na colônia novamente, fui reconhecido e traído.

Ficaram todos em silêncio por um espaço de tempo.

— Uma mulher? — perguntou uma voz. — Voltou pôr causa de uma mulher?

— Sim — disse Althuda. — Uma mulher.

— Há sempre uma Eva no meio do Éden para tentar-nos a fazer papel de bobos — cantarolou um dos marujos, e todos caíram na risada.

Então, algum outro perguntou:

— Era sua namorada?

— Não — respondeu Althuda. — Voltei por causa de minha irmãzinha.

Trinta convidados se sentavam no banquete que o governador Kleinhans mandou servir para dar as boasvindas a seu sucessor. Todos os homens mais importantes da administração da colônia, junto com suas esposas, estavam sentados em torno da longa mesa.

Do lugar de honra, Petrus van de Velde olhou com deleitada satisfação pela extensão da mesa de roseira acima da qual pendiam enormes candelabros, cada um a queimar cinqüenta velas perfumadas. Iluminavam o grande salão como se fosse dia, e faziam luzir a prataria e os copos de cristal.

Durante meses até então, desde que tinham zarpado da costa de Trincomalee, van de Velde fora forçado a subsistir com a lavagem e o rebotalho cozinhado no galeão e depois com as refeições ordinárias que os piratas ingleses lhe forneciam. Agora, seus olhos brilhavam e a saliva brotava de sua boca ao contemplar as extravagâncias culinárias que se espalhavam diante de si. Estendeu a mão para o copo alto à sua frente e tomou um gole farto do raro vinho de Champagne. As minúsculas bolhas fervilhantes picaram-lhe o palato e estimularam seu apetite já desenfreado.

Van de Velde considerava aquele um posto muito auspicioso, pelo qual tinha de agradecer às relações da esposa no Conselho dos Dezesete. Posicionado ali, na ponta da África, uma constante procissão de navios passava em ambas as direções, trazendo os luxos da Europa e do Oriente para a baía da Mesa. Não haveria de querer mais nada.

Silenciosamente, xingou Kleinhans pelo longo discurso de boasvindas, do qual mal ouvia uma palavra. Toda a sua atenção estava na disposição das travessas de prata e réchauds que se espalhavam diante de si, um após outro.

Havia pequenos leitõezinhos em crocantes arranjos de torresmos; medalhões de carne a escorrer os ricos sucos, arrumados em torno de fumegantes tabuleiros de batatas assadas; pilhas de tenros frangos e pombos e patos e gansos gordos; cinco diferentes tipos de peixe fresco do Atlântico, cozidos de cinco

maneiras diferentes, fragrantas com os curries e especiarias de Java e Kandy e da Índia ulterior; altas pirâmides das enormes lagostas escarlates sem as patas que abundavam naquele oceano meridional; um imenso arranjo de frutos e vegetais suculentos dos pomares da companhia; e refrescos e cremes e bolinhos açucarados e bolos e tortas de ovos e frutas e compotas e cada delícia doce que os chefes escravos nas cozinhas poderiam conceber. Tudo isso era acompanhado por robustas fileiras de queijo trazido pelos navios da Companhia da Holanda, e frascos de arenque apanhado no mar do Norte, e postas defumadas de javali e salmão.

Em contraste com aquela superabundância, o serviço de mesa era todo em delicados padrões de azul e branco. Atrás de cada cadeira se postava um escravo da casa no uniforme verde da companhia, pronto para encher de novo os copos e os pratos com mãos imaculadas em luvas brancas. Será que o homem não iria parar de falar e deixá-los com a comida? Ficou a imaginar van de Velde, e sorriu e aquiesceu diante das futilidades de Kleinhans.

Por fim, com uma mesura para o novo governador e uma mais profunda para a esposa de van de Velde, Kleinhans sentou-se em sua cadeira e todos olharam para o novo dignitário, na expectativa. Ele correu os olhos por aquelas faces asininas e, então, com um suspiro, levantou-se para responder. Dois minutos e está feito, disse a si mesmo, e disse o que todos esperavam ouvir, terminando jovialmente:

— Para concluir, quero apenas desejar ao governador Kleinhans um retorno seguro a seu velho país e uma longa e feliz aposentadoria.

Sentou-se com alacridade e pegou a colher. Aquela era a primeira vez que os burgueses tinham o privilégio de testemunhar o novo governador à mesa, e um silêncio admirado e respeitoso caiu sobre os convidados enquanto observavam o nível em sua tigela de sopa descer como uma maré vazante pela extensão de terra lamacenta do Zuiderzee, braço do mar do Norte. Então, ao perceberem subitamente que, quando o convidado de honra terminasse um prato, ele seria trocado e o próximo prato servido, dedicaram-se a um frenético esforço para alcançá-lo. Havia muitos corpulentos comilões entre eles, porém nenhum que se comparasse ao governador, principalmente quando estava a uma cabeça de distância.

Conforme sua tigela de sopa se esvaziou, cada tigela foi tirada e substituída por um prato cheio de pilhas de nacos grossos de leitãozinho. Os primeiros dois pratos foram consumidos em virtual silêncio, quebrado apenas pelos ruídos de mastigar e engolir.

Durante o terceiro prato, Kleinhans se animou e, como anfitrião, fez uma valente tentativa de reviver as conversas. Inclinou-se para a frente para desviar a atenção de van de Velde da comida.

— Espero que queira tratar do assunto dos piratas ingleses antes de quaisquer outros negócios — disse, e van de Velde aquiesceu vigorosamente, embora sua boca estivesse muito cheia da suculenta lagosta para permitir uma resposta verbal.

— Já decidi como irá levar a efeito o julgamento e a sentença? — inquiriu Kleinhans, lugubrememente. Van de Velde engoliu o bocado com ruído antes de retrucar.

— Serão executados, é claro, mas não antes que seu capitão, aquele notório corsário Francis Courtney, revele o local onde escondeu a carga faltante da companhia. Eu gostaria de convocar um tribunal imediatamente para esse propósito.

O coronel Schreuder tossiu polidamente, e van de Velde encarou, impaciente.

— Sim? Quer dizer alguma coisa? Desembuche, então!

— Hoje, tive a oportunidade de inspecionar o trabalho das fortificações do kasteel, senhor. Só o bom Senhor sabe quando estaremos em guerra com a Inglaterra novamente, porém pode ser em breve. Os ingleses são ladrões por natureza e piratas por vocação. Foi por essa razão, senhor, que os Dezessete em Amsterdã deram a mais alta prioridade ao término de nossas fortificações. Tal fato é explicitado muito



claramente em minhas ordens e em minha carta de indicação para o comando do kasteel.

Cada homem na mesa pareceu grave e atento à menção dos sagrados Dezesete, como se o nome de uma deidade tivesse sido invocado. Schreuder deixou o silêncio perpassar por algum tempo para dar ênfase a suas palavras, e então disse:

— O trabalho está muito mais atrasado do que suas excelências tinham imaginado.

O major Loten, o comandante de saída da guarnição, interveio:

— É verdade que o trabalho está de certa forma atrasado, porém há boas razões para isso.

A construção era de absoluta responsabilidade do comandante, e os olhos de van de Velde se voltaram para a face do major. O governador; pôs outra garfada de lagosta na boca. O molho estava verdadeiramente delicioso, e ele suspirou de prazer ao contemplar outros cinco anos de! refeições daquela ordem. Certamente precisaria comprar o chefe de cozinha de Kleinhans antes que partisse. Forçou o semblante a assumir a expressão mais solene enquanto ouvia Loten desfiar suas desculpas.

— Fiquei assoberbado com uma carência de trabalhadores. Essa mais que lamentável revolta entre os escravos nos deixou severamente destituídos de mão-de-obra — disse, de modo pouco convincente, e van de Velde fechou o cenho.

— Precisamente o ponto que eu estava prestes a abordar — adiantou-se Schreuder, com suavidade. — Se estamos tão necessitados de homens para fazer frente às expectativas dos Dezesete, seria sábio executar vinte e quatro fortes e hábeis piratas ingleses, em vez de empregá-los nos trabalhos?

Cada olhar na mesa se voltou para van de Velde para avaliar sua reação, esperando que ele lhes desse um indício. O novo governador engoliu e depois usou o indicador para soltar um fiapo de lagosta que se prendera em seus dentes de trás, antes de falar:

— Courtney não pode ser poupado — murmurou, por fim. — Nem mesmo para trabalhar nas fortificações. De acordo com lorde Cumbrae, cuja opinião eu respeito — fez ao Gavião uma mesura —, o inglês sabe onde a carga desaparecida está escondida e, além disso, minha esposa e eu — apontou para Katinka, que se sentava entre Kleinhans e Schreuder —, fomos forçados a sofrer muitas indignidades em suas mãos.

— Concordo plenamente — disse Schreuder. — Ele deve ser obrigado a falar tudo que sabe sobre os lingotes desaparecidos. Porém, e os outros? Seria um desperdício executá-los, quando são necessários nas muralhas, não acha, senhor? São, afinal, gado de cabeça dura, com pouco entendimento da gravidade de sua ofensa, porém com costas fortes para pagar por isso.

Van de Velde resmungou, de modo a não se comprometer:

— Gostaria de ouvir a opinião do governador Kleinhans sobre esse assunto — disse, e encheu a boca de novo, a cabeça abaixada entre os ombros e os pequenos olhos focalizados em seu predecessor. Astutamente, passava adiante a responsabilidade de chegar a uma decisão. Mais tarde, se houvesse repercussões, sempre poderia descarregar uma parcela da culpa.

— Claro — disse o governador Kleinhans, com um airoso aceno de mão —, escravos de primeira linha são vendidos por quase mil guinéus por cabeça no momento. Uma tal adição substancial à bolsa da companhia seria levada em alta conta por suas excelências. Os Dezesete estão determinados a conseguir que a colônia possa se custear e não se torne um dreno para o erário da companhia.

Todos os presentes deram às palavras a mais solene consideração. No silêncio, Katinka disse, numa entonação de cristal cantante:

— Eu, por exemplo, precisarei de escravos em minha casa. Saudaria como bem-vinda a oportunidade de adquirir bons trabalhadores mesmo a esses preços exorbitantes.

— Por acordo e protocolo internacional, é proibido vender cristãos para a escravatura — ponderou Schreuder, ao ver as perspectivas de conseguir mão-de-obra para suas fortificações começarem a recuar.

— Mesmo ingleses.

— Nem todos os piratas capturados são cristãos — insistiu Kleinhans.

— Vi algumas caras pretas entre eles. Escravos negros têm muita demanda na colônia. São boa mão-de-obra e procriadores. Não seria um compromisso bastante desejável vendê-los por alguns florins para agradar os Dezessete? Poderíamos então condenar os piratas ingleses a trabalho forçado perpétuo. Usá-los para apressar o término dos trabalhos e também para agradar os Dezessete.

Van de Velde resmungou novamente, e raspou o prato com barulho para chamar a atenção para o fato de que estava pronto para experimentar a carne. Ponderou sobre aqueles argumentos conflitantes enquanto um prato lotado de novo era colocado à sua frente. Havia outra consideração a levar em conta da qual ninguém mais estava ciente: seu ódio amargo pelo coronel Schreuder. Não queria lhe facilitar a vida e, verdade seja dita, ficaria deliciado se o coronel fracassasse miseravelmente no novo comando e recebesse ordem para voltar para casa, em desgraça — contanto que aquele fracasso não redundasse em seu próprio descrédito.

Olhou feio para Schreuder enquanto brincava com a idéia de se recusar a lhe aceitar as propostas. Sabia muito bem o que aquele sujeito tinha em mente, e voltou sua atenção do coronel para a esposa. Katinka parecia radiante naquela noite. Em questão de poucos dias da chegada ao cabo, e agora a se movimentar com liberdade pelos alojamentos temporários no castelo, estava plenamente recuperada da longa viagem e do cativeiro forçado que lhes impusera Sir Francis Courtney. Ela era, claro, jovem e com capacidade de recuperação rápida, ainda não completara vinte e quatro anos de idade, porém apenas isso não contava para sua alegria e vivacidade naquela noite. Sempre que o presunçoso Schreuder falava, o que era muito freqüente, ela voltava aqueles enormes e inocentes olhos sobre ele com total atenção. Quando se dirigia diretamente a ele, o que também era muito freqüente, tocava-o, pousando uma das mãos delicadas e brancas em sua manga, e, uma vez, para intensa mortificação de van de Velde, pousara os dedos na pata ossuda de Schreuder, deixando-os se demorarem ali para que todos os convidados vissem e fizessem ar de riso insolente.

O governador quase perdera o apetite ao ver aquele ousado ritual de corte a ter lugar não apenas debaixo de seu nariz, mas sob o nariz coletivo da colônia inteira. Já seria ruim o suficiente se, em particular, ele fosse forçado a encarar o fato de que o valente coronel em breve estaria fazendo uma busca minuciosa sob aquelas farfalhantes anáguas. Era intolerável que ele devesse partilhar desse conhecimento com todos os subordinados. Como poderia exigir respeito e obediência dos bajuladores, enquanto sua esposa lhe colocava publicamente chifres na testa? Quando o embarquei para Amsterdã para negociar meu resgate, pensei que estávamos vendo o coronel Schreuder pela última vez, pensou ele, mal-humorado. Parece que terei de tomar medidas mais duras no futuro. E, enquanto se empenhava em prosseguir pelos próximos dezesseis pratos, revirou na mente as várias alternativas.

Van de Velde estava tão estufado de boa comida, que a curta caminhada do grande salão do castelo para a câmara do conselho só foi completada com muito resfolegar pesado e uma pausa ocasional, ostensivamente para admirar as pinturas e outras obras de arte que decoravam as paredes, porém, em realidade, para recobrar suas forças.

Na câmara, acomodou-se com um enorme suspiro nas almofadas de uma das cadeiras de espaldar alto e aceitou um copo de conhaque e um cachimbo de tabaco.

— Convocarei a corte para julgar os piratas na semana que vem, ou seja, imediatamente depois de ter assumido a governadoria do Mijneer Kleinhans — anunciou. — Não há sentido em desperdiçar algum tempo a mais com essa gentalha. Indico o coronel Schreuder para agir como procurador-geral e para instaurar o processo do caso. Assumirei os deveres de juiz. — Olhou pela mesa para seu anfitrião. — Espero que peça a seus oficiais que façam os arranjos necessários, por favor, Mijneer Kleinhans.

— Certamente, Mijnheer van de Velde. Chegou a pensar em indicar um advogado para defender os piratas acusados?

Era claro, pela expressão de van de Velde, que ele não pensara, porém, agora, ele fazia um gesto de descaso com a mão gorducha e disse, com ar decoroso:

— Providenciará isso, não é? Tenho certeza de que um de seus escreventes terá conhecimento suficiente da lei para desempenhar o dever de forma adequada. Afinal, o que haveria a defender? — perguntou, e deu uma risadinha rouca.

— Um nome me vem à mente — concordou Kleinhans. — Irei indicá-lo e providenciar para que tenha acesso aos prisioneiros a fim de lhes receber as declarações.

— Por Deus! — Van de Velde pareceu escandalizado. — Por que faria isso? Não quero aquele rufião inglês, Courtney, pondo toda sorte de idéias na cabeça do homem. Eu colocarei os fatos por ele. Ele precisa apenas recitá-los na corte.

— Compreendo — concordou Kleinhans. — Estará tudo pronto para o senhor antes que eu deixe o cargo na próxima semana. — Olhou para Katinka. — Minha cara senhora, certamente, gostará de mudar de seus alojamentos temporários aqui no castelo para a residência do governador, mais cômoda e mais confortável, tão logo seja possível. Creio que podemos arranjar uma inspeção em sua nova casa depois do serviço religioso no domingo. Ficaria honrado em conduzi-la pessoalmente num passeio pelo lugar.

— Isso é bastante gentil, senhor. — Katinka sorriu para ele, feliz por ser o foco de atenção mais uma vez.

Por um momento, Kleinhans desfrutou do calor daquela aprovação e depois prosseguiu, timidamente:

— Como bem pode imaginar, adquirei uma considerável equipe doméstica durante meu tempo de serviço na colônia. Coincidentemente, os cozinheiros que prepararam a humilde refeição que partilhamos esta noite são parte de meu próprio plantel de escravos. — Olhou para van de Velde. — Espero que os esforços deles tenham ido ao encontro de sua aprovação, não? — Quando o governador aquiesceu com benevolência ele se voltou de novo para Katinka. — Como sabe, muito em breve voltarei para a velha pátria, e para a aposentaria em meu pequeno domínio no campo. Vinte escravos serão de longe um excesso para meus futuros requisitos. A senhora Mevrouw vocalizou seu interesse em comprar escravos de qualidade. Gostaria de aproveitar a oportunidade de sua visita à residência para lhe mostrar essas criaturas que tenho para vender. Foram todas escolhidas a dedo, e creio que achará mais conveniente e mais barato fazer uma compra em particular do que dar lances num leilão público. O problema em comprar escravos é que aqueles que parecem ter bom valor em hasta pública podem ter sérios defeitos escondidos. É sempre reconfortante saber que o vendedor tem sonoras e suficientes razões para vender, não é?

Hal instalou uma vigilância constante na alta janela da cela. Havia sempre um homem de pé sobre os ombros de outro, agarrado às barras, para manter observação sobre o pátio do castelo. O vigia informava tudo que via a Hal, que, por sua vez, transmitia o que fora visto, pela escada, ao pai.

Em questão de poucos dias, eram capazes de estabelecer o horário da guarnição e anotar as idas e vindas de rotina dos oficiais da companhia e dos burgueses livres que visitavam o castelo regularmente.

Hal passou uma descrição de cada uma dessas pessoas ao líder não visto da rebelião dos escravos no Covil do Esqueleto. Althuda conhecia as características pessoais de cada habitante do povoado e transferiu todo esse conhecimento acumulado, de maneira que, nos primeiros poucos dias, Hal veio a conhecer não apenas a aparência mas também a personalidade e caráter de cada um.

Iniciou um calendário, marcando a passagem de cada dia com um risco numa laje de arenito em um dos cantos da cela, e registrou os acontecimentos mais importantes ao lado. Não sabia se iria ganhar

alguma coisa com esses registros, mas pelo menos isso dava aos homens algo sobre o que falar e favorecia a ilusão de que tinham um plano para serem libertados ou, em caso de fracasso, para a fuga.

— Carruagem do governador na escada! — avisou o vigia, e Hal saltou de onde estava sentado entre Aboli e Daniel, contra a parede.

— Desça — ordenou. — Deixe-me subir.

Pelas barras, ele viu a carruagem oficial estacionada ao pé da larga escadaria que levava aos escritórios da companhia e à suíte do governador. O nome do cocheiro era Fredricus, um escravo javanês de idade que pertencia ao governador Kleinhans. De acordo com Althuda, ele não era nenhum amigo. Durante trinta anos, fora o cão de Kleinhans, e não era confiável. Althuda suspeitava que fora ele quem o traíra, informando seu retorno das montanhas ao major Loten.

— É provável que fiquemos livres dele quando Kleinhans deixar a colônia. Certamente levará Fredricus com ele para a Holanda — disselhes Althuda.

Houve um súbito alvoroço quando um destacamento de soldados correu pelo pátio, do arsenal e entrou em formação ao pé da escadaria.

— Kleinhans saindo — gritou Hal, reconhecendo os preparativos, e, enquanto falava, as portas duplas se abriram e um pequeno grupo emergiu à luz do sol e desceu em direção à carruagem que aguardava.

A figura alta e curvada de Kleinhans, com sua triste face dispéptica, contrastava agudamente com a da adorável jovem em seu braço. O coração de Hal falhou ao reconhecer Katinka, porém seus sentimentos por ela não eram mais tão intensos como certa vez tinham sido. Agora, seus olhos se estreitaram quando ele viu que a espada de Netuno pendia da bainha cinzelada e incrustada de ouro do lado de Schreuder, enquanto o coronel seguia Katinka pelas escadas. A cada vez que via Schreuder usando a espada, sua raiva aumentava.

Fredricus desceu empertigado de seu alto assento, dobrou para baixo os degraus, abriu a porta da carruagem e depois se postou de lado para permitir que os dois cavalheiros ajudassem Katinka a subir e se acomodar confortavelmente.

— O que está acontecendo aí embaixo? — gritou seu pai, e, com uma pontada de culpa, Hal se deu conta de que não abrira a boca desde que pusera os olhos na mulher que amava. Contudo, já então ela estava fora de sua vista. A carruagem rolou suavemente pelos portões do castelo, e as sentinelas saudaram enquanto Fredricus incitava os cavalos a um trote pelo campo.

Era um reluzente dia de outono, e o constante vento sudeste de verão tinha cessado. Katinka sentava-se ao lado do governador Kleinhans, olhando para a frente. Cornelius Schreuder sentava-se do lado oposto a ela. Katinka deixara o marido no escritório do castelo, trabalhando nos relatórios para os Dezessete, e agora ela sentia o diabo dentro de si. Agitou as saias, e as farfalhantes crinolinas cobriram as botas macias de couro do coronel.

Enquanto conversava animadamente com Kleinhans, estendeu um pé sob a coberta das saias e encontrou o dedo de Schreuder. Comprimiu-o com coqueteria, e o assustou. Pressionou novamente, e sentiu que ele respondia com timidez. Então, ela se voltou e dirigiu-se a Schreuder, diretamente:

— Não concorda, coronel, que uma avenida de carvalhos, levando à residência, pareceria esplêndida? Posso imaginar aqueles grossos troncos duros empinados, vigorosamente. Que lindo seria. — Arregalou os grandes olhos violeta para dar ênfase ao comentário, e pressionou-lhe o pé novamente.

— Realmente, Mevrouw. — A voz de Schreuder estava rouca de segundas intenções. — Concordo inteiramente. De fato, a imagem que retrata é tão vivida que seria possível até mesmo ver o broto crescer diante dos próprios olhos.

Com aquela insinuação, ela relanceou os olhos para baixo, para o colo dele, e, para seu divertimento,

viu o efeito que provocava nele. Schreuder armara uma tenda nas calças por sua causa.

Quase um quilômetro e meio além do terreno proibido do castelo, a residência do governador erguia-se no sopé da montanha, nos pomares da companhia. Era uma edificação graciosa, com teto de palha escuro e paredes caiadas de branco, rodeada por largas e sombreadas varandas. Desenhada em formato de uma cruz, os oitões das quatro pontas da casa eram decorados com frisos de gesso representando as estações. Os jardins estavam bem cultivados; um séquito de jardineiros da companhia se dedicava com amor e cuidado a eles.

Mesmo à distância, Katinka estava encantada com a nova casa. Receara ser alojada em alguma choupana feia e bucólica, mas aquilo ultrapassava de longe suas expectativas mais otimistas. Toda a equipe doméstica da residência se alinhava no largo terraço da frente para cumprimentá-la.

A carruagem parou, e os dois acompanhantes apressaram-se em ajudar Katinka a descer. Num sinal preestabelecido, os criados que aguardavam ergueram seus chapéus e se dobraram ao meio numa mesura tão profunda, que varreram o chão diante dela com os cabelos, enquanto as mulheres se abaixavam em reverente cortesia. Katinka respondeu ao cumprimento com um frio acenar de cabeça, e Kleinhans apresentou-a a cada um dos serviçais. A maioria era de faces pardas ou amarelas que

lhe causavam impressão, e ela apenas se dignou a relancear um olhar em sua direção enquanto passava, apressada em terminar o pequeno ritual o mais depressa que pudesse.

Contudo, um ou dois captaram e prenderam sua atenção por mais que uns poucos instantes.

— Este é o jardineiro-chefe. — Kleinhans chamou o homem com um estalar de dedos, e o criado se postou de cabeça descoberta diante dela, segurando contra o peito o chapéu puritano de copa alta com sua banda prateada e as abas largas. — É um homem de alguma importância para nossa comunidade — disse Kleinhans. — É não apenas o responsável por essas belas imediações — indicou os grandes gramados verdejantes e os canteiros de flores —, e por prover cada navio da companhia que chega à baía da Mesa com frutas frescas e vegetais, mas também o carrasco oficial.

Katinka caminhava para adiante, mas, diante de tais palavras, voltou-se, com um pequeno arrepio de excitação, para estudar aquela criatura. Avultava acima dela, e ela ergueu o olhar para aqueles estranhos olhos pálidos, imaginando que cenas horríveis teriam visto. Então, fitou-lhe as mãos. Eram mãos de lavrador, largas, fortes e calosas, as costas cobertas com pêlos rijos. Imaginou-as a segurar uma espada ou um ferro em brasa, um forcado ou um rolo cheio de nós na corda.

— É chamado de Stadige Jan? — Ela ouvira o nome pronunciado com fascinação e repulsa, do jeito como se fala de uma cobra venenosa mortal.

— Ja, Mevrouw — concordou ele. — É como me chamam.

— Um nome estranho. Por quê? — Julgou aquele olhar amarelado inquietante, como se olhasse para algo atrás dela.

— Porque falo devagar. Porque nunca me apresso. Porque sou meticuloso. Porque as plantas crescem lentamente e frutificam sob minhas mãos. Porque homens morrem lenta e dolorosamente sob essas mesmas mãos.

Estendeu uma para que ela a examinasse. Sua voz era sonora e melodiosa.

Ela se percebeu engolindo em seco, com uma ansiedade estranha e perversa.

— Logo teremos chance de observar seu trabalho, Stadige Jan.— Sorriu, ligeiramente, sem fôlego. — Creio que as masmorras do castelo estão cheias de rufiões esperando por seus cuidados. — Anteviu uma imagem daquelas mãos largas e fortes trabalhando no corpo esguio de Hal Courtney, o corpo que Ja conhecia tão bem, transformando-o e, gradualmente, destroçando-o. Os músculos em suas coxas e ventre se comprimiram, ao pensamento. Seria uma emoção avassaladora ver o belo brinquedo do qual se cansara ser mutilado e desfigurado, porém lenta e vagarosamente.

— Precisamos conversar de novo, Stadige Jan — disse ela, apressada. — Tenho certeza de que tem muitas histórias divertidas para me contar, sobre repolhos e outras coisas.

Ele se curvou novamente, colocou o chapéu na cabeça raspada e recuou um passo, para a fila de criados. Katinka passou.

— Esta é minha governanta — disse Kleinhans, porém Katinka estava tão imersa nos próprios pensamentos, que, por vários segundos, não deu indicação de que o ouvira. Então, lançou um olhar preguiçoso para a mulher que Kleinhans lhe apresentava e, de súbito, seus olhos se arregalaram. Voltou a plena atenção para a mulher. — O nome dela é Sukeena. — Havia algo na entonação de Kleinhans que ela não pôde detectar de imediato.

— Ela é muito jovem para uma posição tão importante — disse Katinka, para ganhar tempo e permitir que seus instintos assomassem. De uma maneira inteiramente diferente, julgou aquela mulher tão fascinante quanto o executor. Era tão primorosamente delicada e elegante, que parecia a criação de um artista, e não de carne e osso.

— É uma característica da sua raça parecer mais jovem do que é - disse Kleinhans a Katinka. — Têm corpos pequenos e infantis; pode observar a cintura estreita e as mãos e pés, como os de uma boneca. — Calou-se, de repente, como se percebesse que poderia estar cometendo um ato falho ao comentar as partes corporais de outra mulher.

A expressão de Katinka não se alterou para revelar o divertimento que sentia. O velho bode se derrete de luxúria por ela, pensou, e estudou as qualidades de pedra preciosa para as quais ele lhe chamara a atenção. A jovem usava um decote alto, porém o tecido de sua blusa era diáfano e leve como uma teia de aranha. Aquele vestido, embora simples e no clássico desenho ocidental, deveria ter custado cinqüenta guinéus no mínimo. As sandálias eram bordadas em ouro, um acessório rico para uma escrava da casa. Na garganta, usava um ornamento de jade esculpido, uma jóia adequada para a favorita de um mandarim. Certamente a jovem deveria ser o belo brinquedinho de Kleinhans, decidiu Katinka.

O primeiro relacionamento carnal de Katinka acontecera nos seus treze anos, no limiar da puberdade. Na reclusão de seu quarto, a babá a iniciara naquelas delícias proibidas. Ocasionalmente, quando sua fantasia ditava e a oportunidade se apresentava, ela ainda viajava para a encantada ilha de Lesbos. Muitas vezes, achava ali encantos que nenhum homem era capaz de lhe proporcionar. Agora, ao erguer o olhar do corpo infantil para os olhos escuros, sentiu um tremor de desejo lhe percorrer o ventre e derreter-se no vão das pernas.

O olhar de Sukeena fumegava como as lavas dos vulcões em sua Bali nativa. Aqueles não eram olhos de uma criança escrava subserviente, porém os de uma mulher orgulhosa e desafiadora. Katinka sentiu-se provocada e excitada. Para subjugá-la, e tê-la e, depois, destroçá-la. Sentiu que o pulso se acelerava e sua respiração se encurtava à medida que visualizava isso acontecendo.

— Siga-me, Sukeena — ordenou. — Quero que me mostre a casa.

— Minha senhora.

Sukeena juntou as palmas das mãos e tocou os lábios com a ponta dos dedos enquanto se inclinava, porém seus olhos se fixavam em Katinka com a mesma sombria e furiosa expressão. Seria ódio?, imaginou Katinka, e a idéia aumentou-lhe a excitação.

Sukeena intrigou-a, como eu imaginava. Katinka irá comprá-la de mim, pensou Kleinhans. Ficarei livre da bruxa por fim. Ele percebera aquela interação de paixões e emoções entre as duas mulheres. Embora não se gabasse de ter podido penetrar na mente oriental da escrava, ela fora sua escrava por quase cinco anos e ele aprendera a reconhecer muitas das nuances de seus humores. A idéia de separar-se dela o enchia de aflição, porém, para a própria paz e sanidade, sabia que precisava fazê-lo. Ela o estava destruindo. Kleinhans não conseguia se lembrar o que era ter uma mente tranqüila, de não ser

importunado e atormentado por paixões e desejos insatisfeitos, de não estar escravizado por aquela bruxa. Por causa dela, perdera a saúde. Seu estômago vinha sendo comido pelos ácidos quentes da dispepsia, e ele não conseguia se lembrar de uma noite de sono não interrompido em todos aqueles longos cinco anos.

Pelo menos estava livre do irmão dela, que fora um tormento quase tão grande para si. Agora, ela também, deveria ir embora. Kleinhans não conseguiria mais suportar aquela praga em sua existência.

Sukeena separou-se da fila dos criados e se postou obedientemente atrás dos três, do repulsivo dono, do gigante e rústico soldado, e daquela bela e cruel dama loura, que, ela sentia de certa forma, já lhe sustinha o destino nas mãos esguias e brancas.

Vou arrebatá-lo dela, jurou Sukeena. Aquele velho vil não pôde me dominar, embora durante os últimos cinco anos não sonhasse com outra coisa. Nem essa tigresa loura irá ser minha dona. Juro pela memória sagrada de meu pai.

Passaram em grupo pelos aposentos altos e arejados da residência. Pelas persianas pintadas de verde, filtrava-se o sol suave do cabo, lançando sombras zebreadas no chão de tijolos. Katinka sentia uma leveza de espírito naquelas colônias ensolaradas. Era tomada de uma inquietude, uma ansiedade por estranhas aventuras e por excitações inimagináveis.

Em cada aposento, encontrava uma sutil e delicada influência feminina. Não apenas o perfume remanescente de flores e incenso, mas também o de alguma outra presença viva que sabia não poder jamais ter emanado daquele velho triste e doente a seu lado. Não precisou olhar para trás para ter consciência de que era a jovem que criava aquela aura, com suas roupas de seda a murmurar, as sandálias douradas a sussurrar nos pés miúdos, o cheiro de flor de jasmim em seus cabelos escuros como o carvão e o doce almíscar de sua pele.

Em contraponto, havia o duro bater em staccato dos calcanhares do coronel nos tijolos, o crepitar do couro e o tilintar da bainha que balançava a seu lado. O cheiro dele era mais poderoso que o da garota. Era masculino e pungente, adocicado com um toque de couro e animal, como de um garanhão a dar marradas, preso entre suas coxas. Naquela estufa emocional em que Katinka se encontrava, cada um de seus sentidos estava plenamente envolvido.

Por fim, o governador Kleinhans conduziu-os para fora da casa e pelos gramados até onde se erguia um pequeno mirante, escondido atrás dos carvalhos. Um repasto ao ar livre fora preparado para eles, e Sukee postou-se por perto, dirigindo o serviço da refeição com um olhar ou um sutil gesto gracioso.

Katinka notou que conforme cada travessa ou garrafa era apresentada, Sukeena provava um bocado ou tomava um delicado gole, como uma borboleta numa orquídea aberta. O silêncio que mantinha não era discreto, pois todos os três sentados à mesa estavam plenamente cientes da sua presença. Cornelius Schreuder sentara-se tão perto de Katinka que sua perna comprimia a dela sempre que ele se inclinava para lhe falar. Provaram vinho e depois olharam para a baía, onde o Standvastigheid jazia ancorado, tão longe do Gull of Moray. O galeão chegara durante a noite, completamente carregado com a carga de especiarias e madeira recuperada. Levaria Kleinhans para o norte no próximo percurso da viagem, de maneira que ele estava com pressa de resolver seus negócios ali, no cabo. Katinka orriu docemente para o velho sobre a borda de seu cálice de vinho, sabendo que o tinha em desvantagem na barganha que haveria de se seguir.

— Quero vender quinze de meus escravos — disselhe ele — e preparei uma lista deles, destacando as características pessoais, as habilidades e o treinamento, as idades e estado de saúde. Cinco das mulheres estão grávidas e, portanto, o comprador já terá assegurado um aumento de seu investimento.

Katinka olhou para o documento que ele lhe estendia e então o deixou cair sobre o tampo da mesa.

— Fale-me sobre Sukeena — exigiu. — Estou enganada, ou detectei nela uma gota de sangue

nórdico? O pai dela era holandês?

Embora Sukeena estivesse por perto, Katinka falava sobre a garota como se ela fosse um objeto inanimado, sem audição ou sensibilidade humana, uma bela peça de joalheria ou uma pintura em miniatura, quem sabe.

— É observadora, Mevrouw. — Klein hans inclinou a cabeça. — Porém, não, o pai dela não era holandês. Era um mercador inglês, e a mãe, balinesa, mas, não obstante, uma mulher de alta criação. Quando a conheci, já era de meia-idade. Contudo, creio que na juventude devia ter sido muito bela. Embora fosse simplesmente sua concubina, o mercador inglês a tratava como esposa.

Todos os três estudaram as feições de Sukeena abertamente.

— Sim, pode-se ver o sangue europeu. Está no tom da pele e no conjunto e formato dos olhos — disse Katinka.

Sukeena manteve os olhos baixos, e sua expressão não se alterou. Continuou com seus deveres, com gestos suaves.

— O que pensa da aparência dela, coronel? — Katinka voltou-se para Schreuder e comprimiu a perna contra a dele. — Estou sempre interessada naquilo que um homem julga atraente. Acha que ela é uma criaturinha deliciosa?

Schreuder enrubescceu ligeiramente e moveu-se na cadeira de modo a não mais olhar diretamente para Sukeena.

— Mevrouw, jamais tive pendor por moças nativas, mesmo que fossem meio castas. — O semblante de Sukeena continuou impassível, ainda que, a seis passos do coronel, ela tivesse ouvido claramente a descrição desairosa. — Meu gosto se inclina muito mais para nossas adoráveis moças holandesas. Não trocaria o ouro puro pelo refugo.

— Oh, coronel, é tão galante. Invejo as garotas holandesas de ouro puro que despertam sua fantasia. — Riu, e ele lhe endereçou um olhar mais eloqüente que as palavras que lhe subiram aos lábios, mas que, por força das circunstâncias, continuaram impronunciadas.

Katinka voltou-se de novo para Klein hans.

— Então, se o pai dela era inglês, ela fala esse idioma? Seria um predicado útil, não?

— Na verdade, ela o fala com grande fluência, porém isso não é tudo. Tem muito jeito com dinheiro e dirige a casa com grande economia e eficiência. Os outros escravos a respeitam e a obedecem. Tem conhecimento íntimo da medicina oriental e de remédios para todas as enfermidades...

— Um modelo! — Katinka interrompeu-lhe a recitação. — Porém o que me diz de sua natureza? É tratável, dócil?

— É o que aparenta — disse Klein hans, ocultando a evasiva com uma pronta resposta e o semblante aberto. — Eu lhe asseguro, Mevrouw eu a tenho faz cinco anos e sempre a julguei absolutamente obediente.

As feições de Sukeena continuavam como se esculpidas em jade, adoráveis e remotas, porém sua alma fervilhava de ultraje diante da mentira. Por cinco anos ela o repelira, e apenas em poucas ocasiões, quando ele a espancara até deixá-la inconsciente, ele fora capaz de lhe invadir o corpo. Porém, isso não representara uma vitória para o governador, ela sabia, e extraía conforto dessa constatação. Por duas vezes ela recobrou os sentidos enquanto Klein hans ainda grunhia e se postava sobre ela como um animal, forçando-lhe a carne seca e relutante. Sukeena contabilizava essas vezes como uma derrota, nem mesmo admitia para si mesma que ele a conquistara, pois no momento em que ganhara consciência, começara a lutar contra ele de novo, com toda a força e determinação de antes.

"Você não é uma mulher", gritara ele, em desespero, enquanto ela se debatia e chutava e se contorcia para sair de sob ele. "Você é um demônio", e, sangrando nos lugares onde ela o mordera e coberto de profundas estrias e arranhões, ele escapulira, deixando-a batida, porém triunfante. Por fim, Klein hans



desistira de forçá-la à submissão, preferindo tentar todo tipo de agrado.

Certa vez, chorando como uma velha, ele até mesmo lhe oferecera liberdade e casamento, seu documento de emancipação no dia em que o desposasse. Ela chiara como um gato ao pensamento.

Por duas vezes ela tentara matá-lo. Uma, com um punhal, e outra, com veneno. Agora, ele a fazia provar cada prato e tigela que lhe servia, porém Sukeena continuava a acalentar a idéia de que um dia poderia ter sucesso e vê-lo morrer.

— Ela realmente parece ter uma presença angélica — concordou Katinka, sabendo instintivamente que a descrição iria enfurecer o objeto do comentário. — Venha cá, Sukeena — ordenou, e a moça se aproximou, movendo-se como um junco ao vento.

— Ajoelhe-se! — disse Katinka, e Sukeena ajoelhou-se diante dela, mantendo os olhos baixos. — Olhe para mim! — A moça ergueu a cabeça.

Katinka estudou-lhe a face e se dirigiu a Kleinhans sem olhar para o governador.

— Diz que ela é saudável?

— Jovem e saudável, jamais ficou doente um dia de sua vida.

— Está grávida? — perguntou Katinka, e correu a mão ligeiramente pelo ventre da jovem. Era liso e duro.

— Não! Não! — exclamou Kleinhans. — Ela é virgem.

— Nunca há qualquer garantia dessa condição. O demônio entra mesmo na mais fechada fortaleza. — Katinka sorriu. — Mas, aceitarei sua palavra sobre isso. Quero ver-lhe os dentes. Abra a boca!

Por um momento, pensou que Sukeena fosse se recusar, mas então os lábios dela se abriram, e os dentes pequenos luziram à luz do sol, mais brancos que o marfim recém-esculpido.

Katinka pousou a ponta do dedo no lábio inferior da jovem. Era macio como uma pétala de rosa, e Katinka deixou o momento perdurar, extraindo prazer do ato e prolongando a humilhação de Sukeena. Então, com lentidão e voluptuosidade, correu o dedo entre os lábios da garota. O gesto era carregado de sexualidade, uma paródia da penetração masculina de uma mulher. Enquanto observava, a mão de Kleinhans começou a tremer tão violentamente que o doce vinho de Constança derramou-se pela borda do cálice que ele segurava. Cornelius Schreuder franziu a testa e remexeu-se, desconfortável, no assento, cruzando uma perna sobre a outra.

O interior da boca de Sukeena era macio e úmido. As duas mulheres se encaravam. Então Katinka começou a mover o dedo lentamente para a frente e para trás, explorando e sondando a cavidade, enquanto perguntava a Kleinhans:

— O pai dela, aquele inglês, o que aconteceu a ele? Se amava a concubina, como você disse, por que permitiu que a filha fosse vendida no leilão dos escravos?

— Ele era um dos bandidos ingleses que foi executado enquanto eu era governador da Batávia. Estou certo de que teve conhecimento do incidente, não é, Mevrouw?

— Sim, lembro-me bem. Os acusados foram torturados pelo carrasco da companhia para se apurar a extensão de sua vilania — disse Katinka, com suavidade, ainda olhando para os olhos de Sukeena. A profundidade do sofrimento que viu neles a intrigou e divertiu. — Eu não sabia que você era o governador naquela época. O pai da garota foi executado por suas ordens, então? — perguntou Katinka, e os lábios de Sukeena tremeram e se fecharam levemente em torno do longo dedo branco de Katinka.

— Ouvi dizer que foram crucificados — arquejou Katinka, num tom rouco, e os olhos de Sukeena se encheram de lágrimas, embora suas feições continuassem serenas. — Soube que aplicaram chamas de enxofre nos pés deles — continuou Katinka, e sentiu a língua da garota escorregar por seu dedo conforme ela engolia o sofrimento. — E depois as chamas foram erguidas sob as mãos dos condenados. — Os denti-nhos de Sukeena fecharam-se sobre o dedo, não com força suficiente para que doesse e nem para

rasgar ou marcar a pele branca, mas a ameaça estava nos olhos dela, cheios de ódio.

— Lamento que isso tenha sido necessário. A obstinação do homem era extraordinária. Deve ser um traço nacional dos ingleses — sugeriu Kleinhans. — Para endossar a punição, ordenei que a concubina do condenado, seu nome era Ashreth, fosse obrigada a presenciar a execução, ela e os dois filhos. Claro, nessa época eu não sabia nada sobre Sukee e seu irmão. Não foi uma crueldade gratuita de minha parte, e sim uma política da companhia. Essa gente não corresponde com gentileza o que toma erroneamente por fraqueza. — Kleinhans soltou um suspiro de tristeza diante de tamanha intransigência.

As lágrimas escorriam silenciosamente pelas faces de Sukeena enquanto Kleinhans continuava:

— Assim que tinham confessado plenamente a culpa, os criminosos foram queimados. As chamas foram lançadas nas achas de lenha a seus pés e tudo o mais se incendiou, o que foi um alívio misericordioso para todos nós.

Com um pequeno arpejo, Katinka tirou o dedo de entre os lábios trêmulos da jovem. Com a ternura de um amante satisfeito, acariciou a face acetinada, o dedo ainda molhado da saliva da garota deixando estrias úmidas pela pele cor de âmbar.

— O que aconteceu à mulher, à concubina? Foi vendida também para a escravatura com as crianças? — perguntou Katinka, sem tirar o olhar dos olhos tristes e marejados de lágrimas à sua frente.

— Não — disse Kleinhans. — Essa é a parte estranha da história. Ashreth lançou-se nas chamas e pereceu na mesma pira que seu amante inglês. Não há como se compreender a mente nativa, não é?

Houve um longo silêncio, e quando uma nuvem passou por sobre o sol, o dia pareceu de repente sombrio e gelado.

— Ficarei com ela — disse Katinka, tão baixinho que Kleinhans levou a mão em concha à orelha.

— Ficarei com ela — repetiu Katinka. — Esta garota, Sukeena, eu a comprarei de você.

— Não acordamos ainda o preço. — Kleinhans pareceu espantado: - Não esperava que fosse assim tão fácil.

— Tenho certeza de que o preço será razoável... isto é, se também deseja me vender os outros escravos de seu plantel.

— É uma dama de grande compaixão. — Kleinhans meneou a cabeça, admirado. — Vejo que a história de Sukeena tocou-lhe o coração e que quer tomá-la a seus cuidados. Obrigado. Sei que a tratará com gentileza.

Hal pendurou-se no gradil da janela da cela e informou o que via a Aboli, que o segurava nos ombros. — Voltaram na carruagem do governador. Os três, Kleinhans, Schreuder e a esposa do governador van de Velde. Estão subindo a escadaria...—Interrompeu-se e exclamou: — Espere! Há mais alguém descendo dacarruagem. Alguém que não conheço. Uma mulher.

Daniel, que estava no portão gradeado, repassou a mensagem pela escada até as celas da solitária, acima.

— Descreva essa mulher estranha — gritou Sir Francis. Naquele momento, a mulher voltou-se para dizer alguma coisa a Fredricus, o cocheiro, e, num estalo, Hal a reconheceu como a escrava que se postara na multidão enquanto eles eram levados em marcha pelo passeio.

— Ela é pequena e jovem, quase uma criança. Balinesa, talvez, ou malacana, pela aparência. — Hesitou. — É provável que tenha sangue misturado, e quase com certeza é uma criada ou uma escrava. Kleinhans e Schreuder caminham à frente dela.

Daniel passou a informação, e, de súbito, a voz de Althuda chegou até eles pela escada.

— É muito bonita? Longos cabelos negros torcidos no alto da cabeça, com flores? Usa um ornamento verde de jade no pescoço?

— Tudo isso — gritou Hal de volta. — Só que ela não é apenas bonita, é adorável além das palavras.

Você a conhece? Quem é?

— Seu nome é Sukeena. Ela é uma daquelas pelas quais voltei das montanhas. É minha irmãzinha.

Hal ficou a olhar Sukeena subir as escadas, movendo-se com a leveza e a suavidade de uma folha de outono ao sabor do vento. De alguma forma, enquanto observava aquela garota, seus pensamentos sobre Katinca não eram tão exaustivos. Quando a jovem desapareceu de sua vista, a luz que se filtrava para as masmorras pareceu reduzir-se em intensidade, e as paredes de pedra de repente se tornaram mais úmidas e frias.

A princípio, ficaram intrigados com o tratamento reservado a eles nos calabouços do castelo. Tinham permissão para esvaziar a barrica da latrina toda manhã, fazendo o sorteio para o privilégio. Ao fim da primeira semana, uma carga de palha fresca foi entregue por um dos escravos de campo da companhia, que dirigia um carro de bois, e puderam jogar fora a palha velha cheia de vermes que cobria o chão. Através de um cano de cobre, a água da cisterna era alimentada continuamente por um dos riachos que descia das montanhas, e portanto não sofreram nenhuma provação pela sede. Toda noite, um pão de textura áspera, do tamanho de uma roda de carroça, e um grande caldeirão de ferro eram enviados para baixo, das cozinhas. O caldeirão estava cheio de peles e talos de vegetais, fervidos com a carne de focas capturadas na ilha Robben. Aquele ensopado era mais rico e mais saboroso que muitas das comidas que tinham comido a bordo do navio.

Althuda riu quando os ouviu discutindo sobre isso.

— Eles também alimentam bem seus bois. Animais estúpidos trabalham melhor quando são fortes.

— Não estamos trabalhando muito aqui e agora — comentou Daniel, satisfeito, e esfregou a barriga.

Althuda riu de novo.

— Olhe para fora da janela — avisou-os. — Há um forte a construir. Não ficarão sentados aqui por muito tempo. Acreditem no que lhes digo.

— Ei, Althuda — gritou Daniel —, sua irmã não é inglesa, portanto você também não deve ser inglês. Como é que fala como um?

— Meu pai era de Plymouth. Nunca estive lá. Conhece o lugar? Houve uma explosão de risadas e comentários e palmas, e Hal falou por todos:

— Por Deus, a não ser por Aboli e os outros escravos africanos, somos todos de Devon, na verdade. Você é um de nós, então, Althuda?

— Vocês nunca me viram. Devo avisá-los de que não me pareço com um de vocês — advertiu-os Althuda.

— Se tem metade da boa aparência de sua irmãzinha, então já é o suficiente — retrucou Hal, e os homens irromperam em risadas.

Durante a primeira semana no cativo, viram o sargento carcereiro, de nome Manseer, apenas quando o caldeirão de ensopado era trazido ou quando a cama de palha fora trocada. Então, de repente, na oitava manhã, a porta de ferro no topo da escada se abriu com um estalo, e Manseer berrou pelo vão:

— Dois de cada vez, em formação para cima. Vamos levá-los para lavar um pouco do fedor em vocês, ou o juiz ficará sufocado antes que tenha a chance de mandá-los para Stadige Jan. Agora, vamos, sacudam esses ossos.

Com uma dúzia de guardas a manter vigia sobre eles, foram levados aos pares, obrigados a se despir e lavar os corpos e as roupas sob a bomba, atrás dos estábulos.

Na manhã seguinte, foram retirados novamente das masmorras com a alvorada, e, desta vez, o armeiro do castelo esperava com sua forja e abigorna, para agrilhoá-los juntos, não mais em uma longa fila desajeitada, porém aos pares.

Quando a porta chapeada de ferro para a cela de Sir Francis foi aberta, e seu pai emergiu com os

cabelos pendendo lisos até os ombros e uma barba grisalha a lhe cobrir o rosto, Hal avançou para a frente, para que fossem algemados juntos.

— Como está, papai? — perguntou Hal com preocupação, pois nunca vira o pai com aparência tão abatida.

Antes que Sir Francis pudesse responder, um acesso de tosse assaltou-o. Quando passou, ele respondeu, com voz rouca:

— Prefiro um bom vendaval no canal ao ar aqui embaixo, porém estou bem o suficiente para o que tem de ser feito.

— Eu não poderia gritar ao senhor, mas Aboli e eu estamos trabalhando num plano para escapar — sussurrou-lhe Hal. — Demos um jeito de erguer uma das lajes do chão no fundo da cela e vamos cavar um túnel sob as muralhas.

— Com as mãos nuas? — Sir Francis sorriu para o filho.

— Precisamos achar uma ferramenta — admitiu Hal —, mas quando acharmos...

Meneou a cabeça com séria determinação, e Sir Francis sentiu que o coração poderia estourar de orgulho e amor. Eu o ensinei a ser um lutador, pensou, e a continuar lutando mesmo quando a batalha está perdida. Deus do céu, espero que os holandeses o poupem da sina que reservaram para mim.

No meio da manhã, os guardas os levaram em marcha do pátio acima da escada para o saguão principal do castelo, que fora convertido num tribunal. Algemados dois a dois, foram conduzidos para as quatro fileiras de baixos bancos de madeira no centro do aposento e neles sentados, Sir Francis e Hal no meio da fila da frente. Os guardas, com espadas desembainhadas, alinharam-se ao longo da parede, atrás deles.

Uma plataforma fora construída contra a parede diante deles, e nela, de frente para os bancos dos prisioneiros, havia uma mesa pesada e uma cadeira de espaldar alto de teca escura. Era o trono do juiz. Numa ponta da mesa, havia uma banquetas, na qual o escrivão da corte já estava sentado, ocupado a escrever em seus papéis. Abaixo da plataforma, havia outro par de mesas e cadeiras. Numa delas, sentava-se alguém que Hal vira muitas vezes através da janela da cela. De acordo com Althuda, era o escrivão assistente da administração da companhia. Seu nome era Jacobus Hop, que, depois de um olhar nervoso aos prisioneiros, não os fitou novamente. Agitava e rebuscava um maço de documentos, parando de vez em quando para enxugar a face suada com um grande lenço branco.

Na segunda mesa, sentava-se o coronel Cornelius Schreuder. Era a imagem poético-romântica do galante e afável soldado, todo luzidio com seus medalhões e estrelas e o largo galão atravessado num ombro. Sua peruca fora lavada fazia pouco, os cachos a penderem até seus ombros. Suas pernas estavam esticadas à frente, as botas de cano alto de couro macio cruzadas nos tornozelos. No tampo da mesa defronte a ele estavam espalhados livros e papéis e, pousados displicentemente sobre eles, o chapéu emplumado e a espada de Netuno. Conforme se balançava para trás e para a frente na cadeira, olhava fixamente para Hal, e embora Hal tentasse enfrentar-lhe o olhar, foi forçado por fim a baixar os olhos.

Houve um súbito burburinho nas portas principais, e quando elas se abriram, a multidão da cidade irrompeu por elas e se apressou em tomar assento nos bancos de cada lado do saguão. Assim que o último lugar foi ocupado, as portas foram fechadas à força nas caras dos pouco afortunados na retaguarda. Agora, o saguão ressoava com o clamor dos comentários e com a ansiedade, enquanto os felizes espectadores estudavam os prisioneiros e emitiam em voz alta a opinião que tinham deles, um para o outro.

De um lado, uma área fora reservada, e dois soldados de gibões verdes com espadas fora da bainha postavam-se para guardá-la. Atrás da grade, fora disposta uma fila de cadeiras estofadas confortáveis. O burburinho cresceu e a atenção da multidão voltou-se dos acusados para os dignitários que passavam

pelas portas da câmara de audiência. O governador Kleinhans os liderava, com Katinka van de Velde pelo braço, seguido por lorde Cumbrae e o capitão Limberger, a conversar casualmente, ignorando a comoção que sua entrada provocava entre a gente comum.

Katinka tomou a cadeira no centro da fila. Hal fitou-a, desejando que ela olhasse em sua direção, para lhe dar um sinal de reconhecimento e conforto. E tentou sustentar dentro de si a crença de que ela jamais o abandonaria, e que já usara da influência e intercedera junto ao marido por misericórdia. Ela, contudo, estava imersa em conversação com o governador Kleinhans, e, quando muito, relanceou o olhar pelas filas de marinheiros ingleses. Não queria que os outros percebessem preferência e preocupação em relação a eles, Hal consolou-se; quando chegar a hora de prestar depoimento, pensou, certamente ela falará por nós.

O coronel Schreuder descruzou as pernas, bateu com os calcanhares pesadamente no chão e se levantou. Olhou para o saguão lotado com imenso desdém, e as mulheres presentes deixaram escapar pequenos suspiros e gritinhos de admiração.

— Este tribunal foi convocado em virtude do poder conferido à honorável Companhia Holandesa das Índias Orientais nos termos do decreto expedido para a citada companhia pelo governo da República da Holanda e das Terras Baixas. Façam silêncio e levantem-se para o presidente do tribunal, Sua Excelência o governador Petrus van de Velde.

Os presentes ficaram de pé, com um murmúrio abafado, e fitaram, em antecipada ansiedade, a porta atrás da plataforma. Alguns dos prisioneiros se ergueram, tilintando suas correntes, porém, quando viram Sir Francis Courtney e Hal sentados, imóveis, caíram de volta nos bancos.

Pela porta traseira, apareceu o presidente da corte. Ele subiu pesadamente para a plataforma e fuzilou com os olhos as fileiras sentadas de prisioneiros.

— Façam esses rufiões ficarem de pé! —berrou, de súbito, e a multidão encolheu-se diante daquela expressão assassina.

No silêncio espantado que se seguiu àquela explosão, Sir Francis falou claramente, em holandês:

— Nem eu nem qualquer de meus homens reconhecemos a autoridade desta assembléia, nem aceitamos o direito do auto-indicado presidente para examinar e sentenciar ingleses nascidos livres, sujeitos apenas a Sua Majestade, o Rei Carlos II.

Van de Velde pareceu inchar como um enorme sapo. Sua face tornou-se uma escura e furiosa sombra de escarlate, e ele rugiu:

— Você é um pirata e um assassino. Pela soberania da República e o decreto da Companhia, pelo direito da moral e das leis internacionais, temos autoridade para conduzir este tribunal. — Interrompeu-se, arquejante, para recuperar o fôlego, e depois continuou, mais alto ainda: — Eu o julgo culpado de grosseiro e flagrante desrespeito a esta corte, e o sentencio a dez golpes de vara a serem aplicados em seguida. — Olhou para o comandante da guarda. — Mestre-de-armas, leve o prisioneiro para o pátio e execute a sentença de imediato.

Quatro soldados avançaram dos fundos do saguão e ergueram Sir Francis de pé. Hal, algemado ao pai, foi arrastado com ele para as portas principais. Atrás deles, homens e mulheres saltaram dos bancos e esticaram o pescoço para enxergar e, depois, correram como um bloco para a soleira da porta e janelas, enquanto Sir Francis e Hal eram empurrados pelas escadas até o pátio.

Sir Francis manteve-se calado, a cabeça altiva e as costas eretas, enquanto era levado até o gradil de amarrar os cavalos dos oficiais à entrada da armaria. Com as ordens gritadas pelo sargento, ele e Hal foram colocados de cada lado do gradil, de frente um para o outro, seus pulsos algemados pendurados em anéis de ferro.

Hal se via impotente para intervir. O sargento colocou o indicador no verso do colarinho da camisa

de Sir Francis e puxou, rasgando o algodão até a cintura. Depois, recuou um passo e estalou sua leve bengala de cana-da-índia.

— Você fez um juramento em sua admissão à cavalaria. Você o mantém por sua honra? — murmurou Sir Francis para o filho.

— Mantenho, papai. A bengala sibilou e estalou na carne nua, e Sir Francis pestanejou.

— Esta surra é apenas uma coisinha, uma brincadeira de criança comparada ao que deve se seguir. Compreende isso?

— Compreendo muito bem. O sargento vibrou a bengala novamente. Desferia as pancadas uma sobre a outra, a dor a se multiplicar a cada golpe.

— Não importa o que você faça ou diga, nada e ninguém pode mudar o vôo do cometa vermelho. As estrelas determinaram meu destino, e você não pode interferir.

A bengala novamente assobiou e desceu cantando, e o corpo de Sir Francis se retesou para depois relaxar.

— Se você for forte e resoluto, irá persistir. Essa será minha recompensa.

Desta vez, deixou escapar um arquejo rouco quando a vara acertou-lhe os músculos retesados das costas.

— Você é minha carne e meu sangue. Através de você, eu também persistirei.

A bengala sibilava e estalava, vezes seguidas.

— Jure a mim pela última vez. Reforce seu voto de que jamais revelará qualquer coisa a essas pessoas numa fútil tentativa de salvar-me.

— Papai, juro ao senhor — murmurou Hal de volta, sua face branca como um osso descorado, conforme a bengala cantava, numa sucessão de golpes cruéis.

— Ponho toda a minha fé e confiança em você — disse Sir Francis, e os soldados o tiraram do gradil.

Conforme seguiam de volta para a escada, Sir Francis apoiou-se ligeiramente sobre o braço de Hal. Quando tropeçou, Hal o sustentou, de maneira que sua cabeça estivesse ainda alta e as costas ensangüentadas eretas ao entrarem no saguão e marcharem juntos para os assentos no primeiro banco.

O governador van de Velde estava agora sentado na plataforma. Uma bandeja de prata fora colocada perto de seu cotovelo, cheia de pequenas tigelas de porcelana com aperitivos e petiscos condimentados. Ele mastigava satisfeito um daqueles antepastos e bebia cerveja fraca numa caneca de peltre, enquanto conversava com o coronel Schreuder, à mesa, abaixo. Assim que Sir Francis e Hal foram novamente empurrados para o banco, a expressão amistosa do governador mudou drasticamente. Ergueu a voz, e um denso e imediato silêncio caiu sobre a assembléia.

— Creio que deixei claro que não permitirei mais obstáculos a estes procedimentos. — Encarou Sir Francis com fúria e depois ergueu os olhos para varrer o saguão. — Isso vale para todas as pessoas reunidas aqui. Quem quer que seja que de alguma maneira faça uma tentativa de ridicularizar este tribunal, receberá o mesmo tratamento do prisioneiro. — Olhou para Schreuder. — Quem se apresenta pela promotoria?

Schreuder levantou-se.

— O coronel Cornelius Schreuder, a seu serviço, Excelência.

— Quem se apresenta pela defesa? — Van de Velde fuzilou Jacobus Hop, e o escriturário saltou de pé, mandando metade dos documentos à sua frente pelo chão.

— Eu, Excelência.

— Especifique seu nome, homem! — rosou van de Velde para ele, e Hop encolheu-se como um cachorrinho. Gaguejou:

— Jacobus Hop, escriturário e copista da honorável Companhia Holandesa das índias Orientais. —

Essa declaração demorou para ser enunciada.

— Doravante, fale claro e em bom tom — avisou-o van de Velde e, em seguida, voltou-se de novo para Schreuder. — Pode iniciar os procedimentos para apresentar o caso, coronel.

— Esta é uma matéria sobre pirataria em altos-mares, juntamente com assassinato e seqüestro. Os acusados são em número de vinte e quatro. Cada prisioneiro se levantará quando seu nome for lido, para que a corte possa reconhecê-lo. — Da manga da túnica, tirou um rolo de pergaminho e estendeu-o à distância do braço. — A pessoa primeiramente acusada é Francis Courtney, capitão da nau pirata Lady Edwina. Excelência, ele é o líder e o instigador de todos os atos criminosos perpetrado pelo bando de lobos-do-mar e corsários. — Van de Velde meneou a cabeça em concordância, e Schreuder prosseguiu: — Henry Courtney, oficial e imediato. Ned Tyler, contramestre. Daniel Pescador, contramestre... Recitou o nome e o posto de cada homem nos bancos, e cada um levantou brevemente, alguns inclinando as cabeças e sorrindo sem graça para van de Velde. Os últimos quatro nomes na lista de Schreuder eram dos marinheiros negros. "— Matesi, um escravo negro.

— Jiri, um escravo negro.

— Kimatti, um escravo negro.

— Aboli, um escravo negro.

— A promotoria provará que no quarto dia de setembro no ano de Nosso Senhor de mil seiscentos e sessenta e sete, Francis Courtney, no comando da caravela de nome Lady Edwina, de cuja tripulação os outros prisioneiros eram todos membros, investiu contra o galeão De Standvastigheid, sob o comando do capitão Limberger... — Schreuder falava sem referência a notas ou papéis, e Hal sentiu uma admiração relutante pela minúcia e clareza de suas acusações.

— E agora, Excelência, se me permitir, eu gostaria de chamar minha primeira testemunha. — Van de Velde concordou com a cabeça, e Schreuder voltou-se e olhou pelo saguão. — Chamo o capitão Limberger."

O capitão do galeão deixou a confortável cadeira no recinto, dirigiu-se à plataforma e subiu nela. A cadeira da testemunha ficava ao lado da mesa do juiz, e Limberger se sentou.

— Compreende a gravidade desta matéria e jura em nome de Deus Todopoderoso dizer a verdade diante desta corte? — inquiriu-o van de Velde.

— Juro, Excelência.

— Muito bem, coronel, pode questionar sua testemunha. Schreuder conduziu Limberger rapidamente por um recital de nome, posto e deveres para com a companhia. Depois, pediu-lhe uma descrição do Standvastigheid, de seus passageiros e sua carga. Limberger leu as respostas da lista que havia preparado. Quando terminou, Schreuder lhe perguntou:

— Quem era o proprietário desse navio e da carga que carregava?

— A honorável Companhia Holandesa das Índias Orientais.

— Agora, capitão Limberger, em quatro de setembro deste ano, seu navio viajava perto da latitude de 34 graus sul e longitude de quatro graus leste, isto é, aproximadamente cinquenta léguas ao sul do cabo Agulhas?

— Sim.

— Isso foi algum tempo depois da cessação das hostilidades entre Holanda e Inglaterra?

— Sim, foi.

Schreuder pegou um diário de bordo com capa de couro da mesa à sua frente e passou-o para cima, para Limberger.

— É este o diário que mantinha a bordo de seu navio durante aquela viagem?

Limberger examinou o livro brevemente.

— Sim, coronel, este é o meu diário. Schreuder olhou para van de Velde.

— Excelência, creio que deveria informá-lo de que o diário foi encontrado na posse do pirata Courtney após sua captura pelas tropas da companhia. — Van de Velde concordou, e Schreuder olhou para Limberger. — Poderia, por favor, ler para nós o último registro de seu diário?

Limberger virou as páginas e depois leu, em voz alta:

— Quatro de setembro de mil seiscentos e sessenta e sete. Dois sinos no turno da manhã. Cálculo de posição de 4 graus, 23 minutos de latitude sul, 34 graus, 45 minutos de longitude leste. Vela estranha à vista rumando de sul-sudeste. Ostentando cores amistosas. — Limberger fechou o diário e ergueu os olhos. — O registro termina aqui — disse — Essa estranha vela notada em seu diário era da caravela Lad Edwina, e ostentava as cores da república e da companhia?

— Sim, para ambas as questões.

— Poderá contar os acontecimentos que tiveram lugar depois que senhor avistou o Lady Edwina, por favor?

Limberger fez uma clara descrição da captura de seu navio, com Schreuder fazendo-o enfatizar o uso de falsas cores por Sir Francis para se colocar em distância de ataque. Depois de Limberger ter contado da abordagem e da luta dentro do galeão, Schreuder pediu-lhe uma conta detalhada do número de marinheiros holandeses feridos e mortos. Limberger tinha uma lista preparada por escrito e estendeu-a para a corte.

— Obrigado, capitão. Pode nos dizer o que aconteceu ao senhor, sua tripulação e a seus passageiros assim que os piratas assumiram controle de seu navio?

Limberger continuou a descrever como tinham velejado para leste sob a escolta do Lady Edwina, falou da transferência da carga e equipamentos da caravela para o galeão, e do despacho do Lady Edwina sob o comando de Schreuder para o cabo, com cartas de exigência de resgate, da viagem a bordo do galeão capturado para a lagoa do Elefante e do cativo dele e de seus eminentes passageiros ali até o resgate pela força expedicionária vinda do cabo, liderada por Schreuder e lorde Cumbrae.

Quando Schreuder havia terminado a inquirição, van de Velde olhou para Hop.

Tem alguma pergunta, Mijneer

Com ambas as mãos cheias de papéis, Hop levantou-se e corou violentamente; depois, respirou fundo e saiu-se com um longo e ininterrupto palavrório incompreensível pela gagueice. Todos no saguão ficaram a observar sua agonia com interesse, e, por fim, van de Velde falou:

— O capitão Limberger pretende partir para a Holanda dentro de duas semanas. Acha que terá feito sua inquirição a ele até lá, Hop?

Hop meneou a cabeça.

— Sem perguntas — conseguiu gaguejar, e sentou-se pesadamente.

— Quem é sua próxima testemunha, coronel? — perguntou van de Velde, tão logo Limberger deixara a cadeira de testemunha e voltava a sentar-se no recinto.

— Gostaria de chamar a esposa do governador, Mevrouw Katinka van de Velde. Isto é, se não houver inconveniente para ela.

Houve um burburinho masculino de aprovação quando Katinka seguiu farfalhando as sedas e as rendas para a cadeira de testemunha. Sir Francis sentiu Hal empertigar-se a seu lado, porém não se voltou para fitá-lo na face. Dias apenas antes da captura, quando Hal estivera ausente do acampamento por longos períodos e começara a negligenciar os deveres, ele percebera que o filho caíra no laço da prostituta loura. Já então, era muito tarde para intervir, e, de qualquer modo, ele recordara o que era ser jovem e apaixonado, mesmo com uma mulher absolutamente inadequada, e compreendera a futilidade de tentar evitar o que já acontecera. Havia esperado pelo momento correto e os meios certos de terminar a



ligação, quando Schreuder e o Gavião atacaram o acampamento.

Com grande deferência, Schreuder conduziu Katinka gentilmente pelo ritual de proclamar o nome e posição e depois lhe pediu para que descrevesse a viagem a bordo do Standvastigheid e como fora feita prisioneira. Ela respondeu numa voz doce e clara que palpitava de emoção, e Schreuder prosseguiu:

— Por favor, diga-nos, madame, como foi tratada por seus captores. Katinka começou a soluçar baixinho.

— Tentei expulsar isso de minha memória, pois era por demais doloroso de se suportar. Porém, jamais poderei esquecer. Fui tratada como um nimal enjaulado, xingada e cuspada, mantida trancada numa tapera de mato.

Mesmo van de Velde pareceu admirado com aquele testemunho, porém percebeu que pareceria impressionante no relatório que enviaria a Amsterdã. Depois de lê-lo, o pai de Katinka e os outros membros dos Dezesset não teriam outra opção a não ser aprovar mesmo a mais dura punição aos prisioneiros.

Sir Francis estava ciente do torvelinho de emoções que assaltava Hal enquanto ele ouvia a mulher em quem depositava tanta confiança desfiar aquelas mentiras. E sentiu que o filho descaía fisicamente à medida que Katinka seguia destruindo sua fé nela.

— Tenha o coração firme, meu rapaz — disse, baixinho, pelo canto da boca, e sentiu que Hal se sentava ereto no banco.

— Minha cara senhora, sabemos que sofreu um calvário terrível nas mãos desses monstros inumanos. — Já então Schreuder tremia de raiva por ouvir aquela experiência penosa. Katinka meneou a cabeça e enxugou os olhos com um lençinho de renda. — Acredita que animais como esses deveriam ser tratados com piedade, ou deveriam ficar sujeitos à plena força e majestade da lei?

— O doce Jesus sabe que sou apenas uma pobre mulher, com um coração brando e amoroso para toda a criação de Deus. — A voz de Katinka se quebrou dolorosamente. — Mas sei que todos nesta assembléia concordarão comigo que um simples enforcamento é bom demais para essa escória inominável. — Um murmúrio de assentimento espalhou-se lentamente pelos bancos dos espectadores e em seguida se transformou num profundo burburinho. Como um buraco cheio de ursos na hora da comida, eles queriam sangue.

— Queime-os! — gritou uma mulher. — Não podem ser chamados de homens.

Katinka ergueu a cabeça e, pela primeira vez desde que entrara no saguão, olhou diretamente para Hal, a fitá-lo através das lágrimas que lhe marejavam os olhos.

Hal ergueu o queixo e a encarou. Sentiu o amor e o respeito que nutrira por ela definharem, como a hera terra atingida pelo bolor negro. Sir Francis sentiu também e voltou-se para fitar o filho. Viu o brilho glacial nos olhos de Hal e quase pôde sentir o calor das chamas em seu coração.

— Ela jamais o mereceu — disse baixinho Sir Francis. — Agora que renunciou a ela, deu outro grande passo para a maturidade.

Será que seu pai realmente compreendia? imaginou Hal. Será que sabia o que havia acontecido? Conhecia os seus sentimentos? Voltou-se olhou dentro dos olhos de Sir Francis, com receio de ver ali escárnio e repulsa. Porém, o olhar do pai era impregnado de compreensão. Hal

deu conta de que ele sabia de tudo, e provavelmente desde longo tempo. Muito longe de rejeitá-lo, o pai lhe oferecia força e redenção.

Cometi adultério e desgracei minha condição de cavaleiro — murmurou Hal. — Não mais sou merecedor de ser chamado de seu filho. A algema de seu pulso tilintou quando Sir Francis pousou a mão no joelho do rapaz.

Foi essa meretriz que o conduziu para o mau caminho. A culpa não é sua. Você será sempre meu filho e sempre me orgulharei de você — murmurou ele.

Van de Velde fechou o cenho e encarou Sir Francis.

— Silêncio! Nada de resmungos! É outra surra de vara que está querendo? — Voltou-se para a esposa. — Mevrouw, você foi muito corajosa. Tenho certeza que o Mijnheer Hop não desejará aborrecê-la mais. — Desviou o olhar para o infeliz escrevente, que saltou de pé.

— Mevrouw! — A palavra saiu aguda e clara como um tiro de pistola, surpreendendo Hop tanto quanto todos na corte. — Agradecemos por seu testemunho, e não temos nenhuma pergunta. — Houve apenas um engasgo, na palavra "testemunho", e Hop sentou-se outra vez, triunfante.

— Muito bem, Hop — cumprimentou-o van de Velde com um ar amistoso, e depois voltou um sorriso tonto de amor para a esposa. — Pode voltar a seu assento, Mevrouw. — Instalou-se um silêncio carregado de sensualidade, e cada homem no saguão baixou o olhar quando Katinka ergueu as saias o suficiente para expor os tornozelos perfeitos vestidos em seda branca e desceu da plataforma.

Assim que ela se sentou, Schreuder disse:

— Agora, lorde Cumbrae, posso aborrecê-lo?

Com todas as suas insígnias reais, o Gavião subiu na plataforma e, conforme prestava o juramento, colocou a mão no reluzente remate cheio de pedras preciosas amarelas de sua adaga. Assim que estabelecera quem e o que ele era, Schreuder perguntou-lhe:

— Conhece o capitão pirata, Courtney?

— Como a um irmão. — Cumbrae sorriu para Sir Francis. — Certa vez fomos próximos.

Não mais? — perguntou Schreuder, com voz ferina.

— Ai de mim! É algo doloroso... porém, quando meu velho amigo começou a mudar, houve uma separação em nossos caminhos, embora eu ainda sinta grande afeição por ele.

— Como ele mudou?

— Bem, ele sempre fora um sujeito agradável, sem dúvida. Viajamos juntos muitas vezes, em dias de tempestade e em dias amenos. Não há homem algum que eu tenha amado mais, justo como era e honesto bravo e generoso com os amigos... — Cumbrae interrompeu-se, e uma expressão de profunda tristeza vincou-lhe a testa.

— Fala no tempo pretérito, meu senhor; o que mudou?

— Foi Francis quem mudou. A princípio, em coisinhas: mostrava-se cruel com seus cativos e duro com a tripulação, fustigando e enforcando quando não era necessário. Depois, mudou com relação aos velhos amigos, mentindo e enganando-os na partilha do que era apreendido. Tornou-se um homem duro e amargo.

— Obrigado por sua honestidade — disse Schreuder. — Posso ver que não lhe causa nenhum prazer revelar essas verdades.

— Nenhum mesmo — confirmou Cumbrae com tristeza. — Detesto ver meu velho amigo em algemas, embora o Todopoderoso saiba bem que ele não merece nenhuma misericórdia por seu comportamento desumano em relação a honestos marinheiros holandeses e mulheres inocentes.

— Quando foi a última vez que viajou em companhia de Courtney?

— Não faz muito tempo, em abril deste ano. Nossos dois navios estavam em patrulha, juntos, ao largo de Agulhas, esperando para interceptar os galeões da companhia quando eles rodeassem o cabo para vir para cá, para a baía da Mesa. — Houve um murmúrio de raiva patriótica dos espectadores, que van de Velde ignorou.

— Era o senhor, então, também um pirata? — Schreuder encarou com olhos agudos. — Também ia apresar um navio holandês?

— Não, coronel Schreuder, não sou um pirata. Durante a recente guerra entre nossos dois países, fui um corsário comissionado.

— Por favor, meu senhor, explicita a diferença entre um pirata e um corsário.

— Simplesmente, um corsário navega sob as Cartas de Marca outorgadas por seu soberano em tempos de guerra, sendo, portanto, um legítimo soldado. Um pirata é um ladrão e um fora-da-lei, levando a efeito suas depredações sem qualquer aprovação, além daquela do Senhor das Trevas, o próprio Satã.

— Compreendo. Portanto, o senhor tinha uma Carta de Marca quando estava em incursão contra a navegação holandesa?

— Sim, coronel, eu tinha.

Pode nos mostrar esse documento?

Naturalmente! — Cumbrae levou a mão para dentro da manga

tirou um rolo de pergaminho. Inclinou-se e estendeu-o para Schreuder.

Obrigado. — Schreuder desenrolou-o e ergueu-o ao alto para todos verem; era pesado, com fitas escarlates e lacres de cera. Leu em voz alta Saibam por este presente documento que nosso caro e amado Angus Cochran, conde de Cumbrae...

— Muito bem, coronel — interrompeu-o van de Velde, irritado. — Não há necessidade de ler a coisa toda. Deixe-me ver o documento aqui, por favor.

Schreuder inclinou-se numa mesura.

Como quiser, Excelência. — Estendeulhe o documento. Van de

Velde relanceou os olhos pelo texto e colocou-o de lado. — Por favor, prossiga com as perguntas.

— Meu senhor, tinha Courtney, o prisioneiro, também uma dessas Cartas de Marca?

— Bem, se ele tinha, eu não estava ciente disso. — O Gavião sorriu ostensivamente para Sir Francis.

— Teria esperado ter ciência disso, se ela de fato existisse?

— Sir Francis e eu éramos muito próximos. Não havia segredos entre nós. Sim, ele teria me dito.

— Ele nunca conversou sobre a carta com o senhor? — Schreuder pareceu aborrecido, como um professor cujo aluno tivesse se esquecido das lições. — Nunca?

— Oh, sim. Agora eu me recordo de uma ocasião. Perguntei-lhe se tinha uma comissão real.

— E qual foi a resposta?

— Ele disse: "Isso não passa de um pedaço de papel. Não me preocupo com bobagens como essa!

Então o senhor sabia que ele não tinha nenhuma carta e não obstante viajava em sua companhia?

Cumbrae deu de ombros.

— Era tempo de guerra, e aquilo não me dizia respeito.

Portanto, o senhor estava ao largo do cabo Agulhas com o prisioneiro depois que a paz fora assinada e, mesmo assim, em incursão contra a navegação holandesa. Pode explicar isso para nós?

É simples, coronel. Não sabíamos da paz até que cruzei com uma caravela portuguesa que rumava de Lisboa para Goa. Eu a abordei e o capitão me contou que a paz fora assinada.

— Qual era o nome desse navio português?

— Dragão.

— Estava o prisioneiro Courtney presente a esse encontro?

— Não, seu posto de patrulha era ao norte do meu. Estava além do horizonte e fora da vista na ocasião.

Schreuder assentiu, inclinando a cabeça.

— Onde está esse navio agora?

— Tenho aqui uma cópia de um boletim informativo de Londres de apenas três meses atrás. Chegou há três dias no navio da companhia que está na baía neste momento. — O Gavião tirou o boletim da

manga com um floreio de mágico. — O Dragão se perdeu com todos os tripulantes numa tempestade na baía de Biscaia enquanto fazia sua viagem de volta.

— Isso significa que jamais teremos como anular a prova de seu encontro com essa nau ao largo do cabo Agulhas?

— Terá de aceitar minha palavra quanto a isso, coronel. — Cumbrae alisou a enorme barba ruiva.

— O que o senhor fez quando soube da paz entre a Inglaterra e a Holanda?

— Como um homem honesto, só havia uma coisa a fazer. Interrompi minha patrulha e fui em busca do Lady Edwina

— Para avisar que a guerra havia terminado? — sugeriu Schreuder.

— Claro, e para dizer a Franky que minha Carta de Marca não mais era válida e que eu iria para casa.

— Encontrou Courtney? Deu-lhe essa mensagem?

— Encontrei-o dentro de poucas horas de viagem. Estava ao norte de minha posição, a cerca de vinte léguas.

— O que ele disse quando o senhor lhe contou que a guerra havia acabado?

— Disse: "Pode estar acabada para você, não para mim. Chuva ou sol, vento ou calmaria, guerra ou paz, vou pegar eu mesmo um gordo cabeça-de-queijo.

Houve um feroz retinir de algemas, e Daniel Grande levantou-se, arrastando a diminuta figura de Ned Tyler para fora do banco com ele.

— Não há uma palavra de verdade nisso, seu escocês mentiroso e bastardo — trovejou.

Van de Velde saltou de pé e sacudiu o dedo para Daniel.

Sente-se, seu animal inglês, ou será chicoteado, e não com uma vara leve.

Francis voltou-se e estendeu a mão para agarrar o braço de Daniel.

Calma, mestre Daniel — disse, baixinho. — Não dê ao Gavião o prazer de vê-lo se remoer.

Daniel Grande afundou-se no banco, resmungando furioso consigo mesmo, porém não ousou desobedecer seu capitão.

Tenho certeza de que o governador van de Velde irá perceber a desregrada e desesperada natureza desses vilões — disse Schreuder, e depois voltou a atenção de novo para o Gavião. — Viu Courtney alguma vez antes do dia de hoje?

— Sim, vi. Quando eu soube que, a despeito de meu aviso, ele apresara um galeão da companhia, fui encontrá-lo e protestar com ele. Pedi-lhe para liberar o navio e sua carga, e para soltar os reféns que mantinha para resgate.

— Como ele respondeu a seu pedido?

— Voltou suas armas contra meu navio, matando doze de meus marinheiros, e atacou-me com embarcações em chamas. — O Gavião meneou a cabeça com a lembrança daquele tratamento pérfido por parte de um velho amigo e companheiro. — Foi quando vim para cá, para a baía de Mesa, para informar o governador Kleinhans do paradeiro do galeão e me oferecer para liderar uma expedição para recapturar o navio e a carga dos piratas.

— Como um soldado que sou, só posso cumprimentá-lo, meu senhor, por sua conduta exemplar. Não tenho mais perguntas, Excelência. — Schreuder inclinou-se para van de Velde.

— Hop, tem alguma pergunta? — inquiriu van de Velde. Hop pareceu confuso e relanceou os olhos para Sir Francis.

— Excelência — tartamudeou —, eu poderia falar com Sir Francis sozinho, nem que seja por um minuto?

Por um instante, pareceu que van de Velde poderia recusar o pedido, porém ele juntou as

sobrancelhas com ar feroz.

— Se insistir em manter esse procedimento durante todo o tempo, op, ficaremos aqui por toda a semana. Muito bem, homem, pode falar com o prisioneiro, porém tente ser rápido.

Hop correu até Sir Francis e inclinou-se para perto dele. Fez uma Pergunta e ouviu a resposta com uma expressão de crescente horror na face Pálida. Meneou a cabeça e continuou a sacudi-la enquanto Sir Francis e cochichava ao ouvido e em seguida, voltou para sua mesa.

Olhou para os papéis, respirando como um pescador de pérolas preste a pular da canoa para vinte braças de água. Finalmente ergueu os olhos e exclamou para Cumbrae:

— A primeira vez que soube do fim da guerra foi quando tentou se apossar do Andorinha na fortaleza, aqui na baía da Mesa, e isso lhe foi contado pelo coronel Schreuder.

As palavras saíram numa única enxurrada, sem trégua nem pausa porém foi uma frase longa, e Hop recuou, arquejante pelo esforço.

— Perdeu o juízo, Hop? — berrou van de Velde. — Está acusando um nobre de mentir, seu monte de excremento?

Hop puxou outro fôlego, pegou a frágil coragem em ambas as mãos e gritou outra vez:

— O senhor segurou a Carta de Marca do capitão Courtney em suas próprias mãos e depois a brandiu na face dele enquanto a queimava até as cinzas. — De novo aquilo lhe saiu com fluência, porém Hop estava esgotado. Ficou resfolegando por ar.

Van de Velde já estava de pé, então.

— Se quiser avançar na companhia, Hop, está seguindo um caminho muito estranho. Fica aí postado a berrar acusações malucas contra um homem de alta hierarquia. Não sabe seu lugar, seu inútil apanhador de papel? Como se atreve a se comportar assim? Sente-se, antes que eu tenha de mandar retirá-lo e flagelá-lo.

Hop caiu no assento como se tivesse recebido uma bala de mosquete na cabeça. A fungar, van de Velde inclinou a cabeça, numa ligeira reverência, para o Gavião.

— Devo pedir escusas, meu senhor. Todos aqui sabem que o senhor foi vital no resgate dos reféns e na salvação do Standvastigheid das garras desses vilões. Por favor, ignore essas colocações insultantes e retorne para sua cadeira. Estamos gratos por sua ajuda nesta questão.

Enquanto Cumbrae atravessava o espaço, van de Velde tomou ciência, subitamente, de que o escrivão parecia extremamente ocupado, a seu lado.

— Não escreva isso, seu idiota. Não foi parte dos procedimentos da corte. Deixe-me ver sua transcrição. — Arrancou a ata do escrivão e, conforme lia, sua face se escureceu. Inclinou-se e tomou a pena da mão do escriturado. Com uma série de largos golpes, expurgou aquelas partes do texto que o ofendiam. Depois, empurrou o livro de volta para o homem. — Use sua inteligência. Papel é um bem muito caro. Não o desperdice escrevendo bobagens sem importância. — Em seguida, transferiu atenção para os dois advogados. — Cavalheiros, gostaria de ver esta matéria resolvida hoje. Não quero impor à companhia uma despesa desnecessária perdendo mais tempo. Coronel Schreuder, julgo que o senhor fez uma profunda e convincente apresentação do caso contra os piratas. Espero que não pretenda aprimorar as coisas chamando mais alguma testemunha, não é?

Como quiser Excelência. Eu tinha intenção de chamar mais dés...

Pelos céus! — Van de Velde pareceu horrorizado. — Isso não será necessário, em absoluto.

Schreuder inclinou-se profundamente e se sentou. Van de Velde baixou a cabeça como um touro pronto a atacar e olhou para o advogado de defesa.

Hop! — rosou. — Você acabou de ver como o coronel Schreuder se mostrou razoável, e que excelente exemplo deu a esta corte na economia de palavras e tempo. Quais são suas intenções?

— Posso chamar Sir Francis para prestar depoimento? — gaguejou Hop.

— Eu me oponho veementemente a isso — objetou van de Velde com voz sombria. — Certamente não trará nenhum bem ao caso.

— Quero demonstrar que ele não sabia que a guerra terminara e que navegava sob uma comissão do rei inglês — tartamudeou Hop com obstinação, e van de Velde tornou-se escarlate.

— Maldição, Hop. Não ouviu uma palavra do que eu disse? Sabemos tudo acerca dessa linha de defesa e a tomarei em consideração quando ponderar sobre minha decisão. Não precisa regurgitar todas essas mentiras de novo.

— Eu gostaria de ouvir o prisioneiro se manifestar apenas para os registros da corte. — Hop estava à beira das lágrimas, e suas palavras lhe saíam penosamente pela língua travada.

— Está testando minha paciência, Hop. Continue assim e estará no próximo navio de volta a Amsterdã. Não posso ter um funcionário desleal da companhia a espalhar dissensão e sedição pela colônia.

Hop pareceu alarmado ao se ouvir descrito em tais termos, e capitulou com humildade.

Peço desculpas por retardar o funcionamento desta honrada corte encerro o caso pela defesa.

— Bom sujeito! Realizou um belo trabalho, Hop. Farei uma anotação sobre isso em meu próximo despacho para os Dezessete. — A face de van de Velde readquiriu sua coloração natural, e ele voltou-se para o salão com ar jovial. — Vamos fazer um recesso para a refeição do meio-dia e para a corte considerar seu veredicto. Voltaremos a nos reunir às quatro da tarde. Levem os prisioneiros de volta aos calabouços

Para não retirar os grilhões, Manseer, o carcereiro, colocou Hal que ainda estava algemado ao pai, dentro da cela solitária perto do topo da escada em espiral, enquanto os demais prisioneiros eram levados para baixo. Hal e Sir Francis sentaram-se lado a lado na saliência de pedra que servia como cama. Assim que ficaram sozinhos, Hal exclamou, aflito:

— Papai, quero explicar sobre Katinka... quero dizer, a esposa do governador.

Sir Francis abraçou-o de uma forma desajeitada, impedido pelos grilhões

— Diferentemente do que parece, certa vez eu fui jovem, meu filho. Não precisa falar outra vez sobre aquela rameira. Ela não merece sua consideração.

— Jamais amarei outra mulher, não enquanto eu viver — murmurou Hal, com amargura.

— O que você sentiu por aquela mulher não foi amor, meu filho. — Sir Francis meneou a cabeça. — Seu amor é um bem precioso. Gaste-o apenas no mercado onde não será enganado de novo.

Nesse instante, ouviu-se uma batida nas barras de ferro da cela próxima, e Althuda gritou:

— Como vai o julgamento, Sir Francis? Já lhe deram uma boa amostra da justiça da companhia?

Sir Francis ergueu a voz para responder:

— Vai como você disse que iria. É óbvio que você também a experimentou.

— O governador é o único deus neste pequeno céu chamado Boa Esperança. Aqui, justiça é aquilo que dá lucro para a Companhia Holandesa das Índias Orientais ou paga propina para seus empregados. O júri já o declarou culpado?

— Ainda não. Van de Velde foi encher a pança.

— O senhor deve rezar para que ele valorize mais o trabalho para o forte do que a vingança. Assim, poderia escapar das mãos de João Lento. Há alguma coisa que esteja escondendo deles? Alguma coisa que querem do senhor: trair um companheiro, quem sabe? — perguntou Althuda. — Se não há, então talvez ainda possa escapar do pequeno quarto sob a armaria, onde João Lento faz seu trabalho.

— Não estamos escondendo nada — disse Sir Francis. — Estamos, Hal?

Nada — concordou Hal, por lealdade.

— Mas — continuou Sir Francis — van de Velde acredita que estamos.

Então, tudo o que eu posso dizer, meu amigo, é que o Todopoderoso tenha piedade do senhor.

Aquelas últimas horas juntos passaram muito depressa para Hal. Ele e o pai ficaram o tempo todo conversando baixinho. E muitas vezes Sir Francis se interrompia, tomado por um acesso de tosse. Seus olhos luziam de febre na claridade débil, e quando Hal o tocava, sua pele estava quente e pegajosa. Sir Francis falava de High Weald como alguém que sabia que jamais veria sua casa de novo. Quando descreveu o rio e a colina, Hal recordou-se deles de uma forma nebulosa, dos salmões a subir

corrente acima na primavera e dos veados berrando no cio. Quando falou da esposa, Hal tentou se lembrar da face da mãe, porém visualizou apenas a mulher na pintura em miniatura que havia enterrado na lagoa do Elefante, e não a verdadeira pessoa viva.

— Nestes últimos anos, ela havia se desvanecido em minha memória — admitiu Sir Francis. — Porém, agora, sua face me voltou de forma vivida, tão jovem e fresca como sempre foi. Fico a imaginar, será porque logo estaremos juntos novamente? Será que ela está esperando por mim?

— Sei que está, papai. — Hal deu-lhe a confiança de que ele precisava. — Mas, eu preciso muito do senhor e sei que ficaremos juntos por muitos anos mais, antes que o senhor vá se juntar à mamãe.

Sir Francis sorriu com tristeza e olhou para a pequena janela assentada no alto da muralha de pedra.

— Na noite passada, subi e olhei pelas barras, e o cometa vermelho ainda estava no signo de Virgem. Pareceu mais próximo e mais vigoroso, pois sua cauda poderosa obliterava completamente minha estrela.

Ouviram o tropel dos guardas que se aproximavam e o tilintar de chaves na porta de ferro. Sir Francis voltou-se para Hal.

— Pela última vez, deixe-me beijá-lo, meu filho.

Os lábios do pai estavam secos e quentes com a febre em seu sangue. O contato foi breve, e, então, a porta da cela foi aberta.

Não façam o governador e João Lento esperarem agora — disse o sargento Manseer, num tom jovial. — Fora com vocês dois.

A atmosfera entre os presentes na sala do tribunal era como a de uma rinha, antes que os galos com esporas fossem soltos para se atacarem numa nuvem de penas arrancadas.

Sir Francis e Hal lideravam a longa fila de prisioneiros, e, antes que pudesse se impedir, Hal olhou rapidamente para a área reservada na ponta oposta do saguão. Katinka sentava-se em seu lugar, no centro da primeira fila, com Zelda logo atrás. A criada olhou de soslaio para Hal com maldade, porém um leve sorriso de contentamento surgiu na face de Katinka, e seus olhos reluziram de luzes violeta que pareceram iluminar os sombrios recessos do aposento.

Hal desviou o olhar depressa, espantado com o ódio fervente e repentino que substituíra a adoração que até recentemente sentira por aquela mulher. Como poderia ter acontecido assim, tão rapidamente, pensou, e soube que, se tivesse uma espada na mão, não hesitaria em colocar a ponta entre os picos daqueles macios seios brancos.

Ao se afundar no banco, sentiu-se compelido a erguer os olhos novamente para o grupo de espectadores. Desta vez, ficou gelado ao encontrar outro par de olhos, pálidos e observadores como os de um leopardo, fixos na face de Sir Francis.

João Lento sentava-se na primeira fila da galeria. Parecia um religioso em seus trajes pretos puritanos, o chapéu de aba larga assentado reto na cabeça.

— Não olhe para ele — disse Sir Francis, baixinho, e Hal percebeu que o pai também estava profundamente ciente do escrutínio daqueles estranhos olhos desbotados.

Assim que osalão se acomodou num silêncio de expectativa, van de Velde apareceu à porta da

câmara de audiência. Quando se instalou no assento, seu sorriso era expansivo e a peruca estava ligeiramente fora de lugar. Ele arrotou discretamente, pois era evidente que comera bem. Então, baixou os olhos para os prisioneiros com uma expressão tão benigna, que Hal sentiu uma onda de esperança inundá-lo.

— Considerei as evidências que foram trazidas diante desta corte — começou o governador, sem preâmbulos — e quero dizer de princípio que fiquei impressionado com a maneira com que ambos os advogados apresentaram o caso. O coronel Schreuder foi um paradigma de concisão... — Tropeçou nas palavras e então arrotou novamente. Hal julgou ter detectado um toque de cominho e alho no bafo quente que chegou até ele poucos segundos depois.

Van de Velde voltou, em seguida, um olhar paternal para Jacobus Hop.

— O advogado de defesa comportou-se admiravelmente e fez um bom trabalho num caso irremediável, e eu farei uma notação quanto a isso em seu registro da companhia.

Hop inclinou a cabeça e enrubesceu de gratidão.

— Não obstante! — O governador agora olhava incisivamente para o banco de prisioneiros. — Analisando as evidências, pensei muito sobre a defesa levantada por Mijnheer Hop, ou seja, que os piratas operavam sob uma Carta de Marca concedida pelo rei de Inglaterra e que quando atacaram o galeão da companhia, o *Standvastigheid*, não estavam cientes da cessação das hostilidades entre os beligerantes na guerra recente. Fui forçado pelas irrefutáveis evidências a rejeitar, inteiramente essa linha de defesa. Assim sendo, julgo todas as vinte e quatro das pessoas acusadas culpadas de pirataria em altos-mares, roubo, sequestro e assassinato.

Os marinheiros nos bancos o encararam em pálido silêncio.

— Há alguma coisa que queiram dizer antes que eu pronuncie a sentença? — perguntou van de Velde, e abriu sua caixa prateada de rapé.

Sir Francis falou numa voz que percorreu o comprimento e a largura da sala:

— Somos prisioneiros de guerra. O senhor não tem o direito de algemar-nos como escravos. Nem tem o direito de nos julgar ou passar uma sentença sobre nós.

Van de Velde levou uma pitada de rapé até cada narina e depois espirrou deliciado, em cima do escrivão da corte, que se sentava a seu lado. O escrivão fechou um olho do lado mais próximo do governador, mas manteve a pena a voar pela página, num esforço para registrar todos os procedimentos.



— Creio que o senhor e eu já tenhamos discutido esse ponto de vista antes. — Van de Velde meneou a cabeça e olhou com ar de zombaria para Sir Francis. — Procederei à sentença desses piratas. Primeiramente, cuidarei dos quatro negros. Façam as seguintes pessoas dar um passo à frente: Aboli! Matesi! Jiri! Kimatti!

Os quatro estavam algemados aos pares, e, agora, os guardas os obrigavam a ficar de pé. Foram empurrados para a frente e se postaram abaixo da plataforma. Van de Velde os encarou então, com ar sombrio.

— Levei em conta que vocês são selvagens ignorantes e que por conseguinte, não se pode esperar que se comportem como cristãos decentes. Embora seus crimes infectem os céus e clamem por retribuição, estou inclinado à misericórdia. Eu os condeno à escravidão perpétua. Serão vendidos pelo leiloeiro da Companhia Holandesa das Índias Orientais Pelo maior lance em leilão, e o dinheiro arrecadado pela venda será integrado aos cofres da companhia. Leve-os, sargento.

Conforme eram conduzidos para fora do salão, Aboli olhou para Sir Francis e Hal. Sua face negra estava impassível por trás da máscara de tatuagens, porém seus olhos enviavam a eles uma mensagem do coração

— A seguir, cuidarei dos piratas brancos — anunciou van de Velde — Façam os seguintes prisioneiros se adiantarem: Henry Courtney, oficial e imediato. Ned Tyler, contramestre. Daniel Pescador, contramestre. William Rogers, marinheiro... — Leu cada nome, exceto o de Sir Francis. Quando Sir Francis se levantou ao lado do filho, van de Velde esbravejou:

— Você não! Você é o capitão e o instigador desse bando de rufiões. Tenho outros planos para você. Façam com que o armeiro o separe do outro prisioneiro.

O homem correu dos fundos da corte com o saco de couro contendo suas ferramentas e trabalhou com rapidez para abrir as algemas que prendiam Hal ao pai.

Sir Francis sentou-se sozinho no banco enquanto Hal o deixava e seguia em frente para tomar lugar à frente dos prisioneiros em fila, abaixo do tablado. Van de Velde estudou-lhes as faces, começando pelo fim da fila e movendo o olhar sombrio lentamente até chegar a Hal.

— Um bando de corta-gargantas assassino como jamais vi antes. Nenhum homem ou mulher honestos está a salvo quando criaturas como vocês andam por aí. Vocês servem apenas para o cadafalso.

Ao fitar Hal, ocorreu-lhe um pensamento súbito, e ele olhou para o Gavião, que se sentava ao lado da adorável Katinka, do lado do salão.

— Meu senhor! — exclamou. — Posso aborrecê-lo com uma pequena conversa em particular? — Deixando os prisioneiros postados, van de Velde ergueu o corpanzil de pé e rumou para as portas da câmara de audiência, aos fundos.

O Gavião inclinou-se numa mesura floreada para Katinka e seguiu o governador. Ao entrar na câmara, encontrou van de Velde escolhendo um petisco na bandeja de prata sobre a polida mesa de madeira amarela. O governador voltou-se para o Gavião, a boca já cheia.

— Um pensamento súbito me ocorreu. Se estou para mandar Francis Courtney para o carrasco, para ser interrogado sobre o paradeiro da carga desaparecida, não deveria o filho dele ir também? Certamente Courtney teria dito ao filho, ou o levou consigo quando escondeu o tesouro. O que acha, meu senhor?

O Gavião ficou muito sério e cofiou a barba, ao fingir considerar a pergunta. Imaginara quanto tempo levaria aquele grande porco para chegar a essa maneira de pensar, e, de longa data, tinha preparado a resposta. Sabia que poderia confiar no fato de que Sir Francis Courtney jamais revelaria o paradeiro de

sua fortuna, nem mesmo para o mais pérfido e persistente torturador. Era muito obstinado e cabeça-dura, a menos que — e ali estava o único possível caso em que poderia capitular para salvar o filho.

— Excelência, creio que não precisa ter nenhum receio de que algum ser vivente saiba onde o tesouro está, afora o próprio pirata. Ele é muito avarento e suspeito para confiar em outro ser humano.

Van de Velde pareceu duvidoso e serviu-se de outro acepipe cheio de curry da travessa de prata. Enquanto ele mastigava, o Gavião elaborou a melhor linha de argumentos, caso van de Velde insistisse em continuar a debater o assunto. Não havia dúvidas, na mente do Gavião, de que Hal Courtney sabia onde estava o tesouro do Standvastigheid. Mais ainda, quase certamente saberia do outro butim do Heerlycke Nacht. Diferentemente de seu pai, o rapaz seria incapaz de suportar o interrogatório de João Lento, e, mesmo que se comprovasse mais durão do que o Gavião acreditava, o pai certamente cederia quando visse o filho sob tortura. De um jeito ou de outro, os dois conduziriam os holandeses ao tesouro, e essa era a última coisa nesta terra que o Gavião queria que acontecesse.

Sua expressão grave quase se abriu num sorriso quando ele se deu conta da ironia de ser forçado a salvar Henry Courtney das atenções de João Lento. Porém, se quisesse o tesouro para si próprio, precisaria assegurar-se de que nem pai nem filho o conduzissem primeiro aos cabeças-de-queijo. O melhor lugar para Sir Francis era o patíbulo, e o melhor lugar para seu filhote era o calabouço sob as muralhas do castelo.

Dessa vez, não pôde impedir o sorriso que lhe subiu aos lábios ao pensar que, enquanto João Lento estivesse esfriando os ferros em brasa no sangue de Sir Francis, o Gull estaria voando de volta à lagoa do Elefante para desentocar aqueles sacos de guinéus e aquelas barras de ouro de qualquer que fosse a fresta ou greta em que ele as tivesse enfiado. Voltou o sorriso agora para van de Velde.

— Não, Excelência, eu lhe garanto que Francis Courtney é o único homem vivo que sabe onde o tesouro está. Ele pode parecer duro e falar com coragem, mas vai rolar de costas e abrir as coxas como uma meretriz a quem ofereceram um guinéu de ouro assim que João Lento começar a trabalhar com ele. Meu conselho é que mande Henry Courtney Para trabalhar no castelo e se concentre no pai para conduzi-lo ao butim.

— Ja! — concordou van de Velde. — Foi isso mesmo que pensei. Só queria que o senhor confirmasse o que eu já sabia. — Enfiou o último petisco na boca e falou, com voz enrolada: — Vamos voltar e encerrar o assunto então.

Os prisioneiros ainda esperavam em seus grilhões, abaixo do tablado, como bois nos varais, enquanto van de Velde se acomodava na cadeira novamente.

— O patíbulo e o cadafalso, esses são seus lugares naturais, porém são muito bons para você. Sentencio até o último homem a uma vida inteira de trabalhos forçados para a Companhia Holandesa das Índias Orientais, contra a qual conspiraram para enganar e roubar, e cujos empregados sequestraram e maltrataram. Não pensem que é gentileza de minha parte ou fraqueza. Chegará um dia em que chorarão ao Todopoderoso, a implorar pela morte fácil que lhes neguei no dia de hoje. Levem-nos e os ponham para trabalhar imediatamente. A vista deles ofende meus olhos e os de todos os homens honestos.

Conforme os prisioneiros eram tocados como rebanho para fora do salão, Katinka resmungou de frustração e fez um gesto de aborrecimento. Cumbrae inclinou-se para mais perto dela e perguntou:

— O que a aborrece, senhora?

— Receio que meu marido tenha cometido um engano. Deveria tê-los mandado para uma pira no campo. — Agora lhe seria negada a emoção de observar João Lento trabalhar no belo rapazinho e ouvir-lhe os gritos. Teria sido um desfecho profundamente satisfatório para aquele romance. O marido prometera isso a ela e agora a privava daquele prazer. Ela o faria sofrer por isso, decidiu.

— Ah, senhora, a vingança é mais bem saboreada como um cachimbo de bom fumo da Virgínia. Não

engolida às pressas. A qualquer tempo, no futuro, quando a fantasia assomar, a senhora só precisará erguer os olhos para as muralhas do castelo e lá estarão eles, sendo consumidos lentamente pelo trabalho até a morte.

Hal passou perto de onde Sir Francis se sentava, no banco. O pai parecia abatido e doente, com os cabelos e a barba desgrenhados e sombras negras sob os olhos, num pavoroso contraste com a pele pálida. Hal não conseguiu suportar e gritou, de repente:

— Papai!

Teria corrido para ele se o sargento Manseer não se antecipasse e desse um passo à frente com a longa vara na mão direita. Hal recuou.

Sir Francis não ergueu os olhos, e Hal percebeu que ele lhe enviara o seu adeus e se recolhera para aquele território distante onde apenas João Lento seria capaz de alcançá-lo.

Quando a fila de condenados deixou o salão e as portas foram fechadas atrás deles, instalou-se um profundo silêncio no recinto e cada olhar pousou na figura solitária no banco.

— Francis Courtney — exclamou van de Velde, alto e bom som —, levante-se e dê um passo adiante.

Sir Francis jogou a cabeça para trás, tirando os cabelos grisalhos dos olhos. Livrou-se das mãos dos guardas e ergueu-se nos pés sem ajuda. Conservou a cabeça erguida enquanto caminhava para o tablado e sua camisa rasgada dançava em torno de suas costas nuas. Os golpes de vara tinham começado a secar em feridas de crostas negras.

— Francis Courtney, não é por acaso, tenho certeza, que você ostenta o mesmo nome cristão daquele que é o mais notório de todos os piratas, o patife Francis Drake.

— Tenho a honra de ter sido nomeado pelo famoso homem do mar — disse Sir Francis, com suavidade.

— Então, eu tenho a honra ainda maior de passar a sentença contra você. Eu o sentencio à morte. — Van de Velde esperou que Sir Francis demonstrasse alguma emoção, porém este o encarou sem qualquer expressão. Por fim, o governador foi forçado a prosseguir. — Eu repito, sua sentença é a morte, porém como morrerá será de sua própria escolha. — Abrupta e inesperadamente deixou escapar uma gargalhada bem-humorada. — Não há muitos patifes de seu calibre que sejam tratados com tamanha benemerência e condescendência.

— Com sua permissão, devo conter qualquer expressão de gratidão antes de ouvir o resto de seu veredicto — murmurou Sir Francis, e van de Velde parou de rir.

— Nem toda a carga do Standvastigheid foi recuperada. De longe, a porção mais valiosa ainda está desaparecida e não há dúvida em minha mente de que você foi capaz de escondê-la antes que fosse capturado pelas tropas da honorável companhia. Está preparado para revelar o esconderijo da carga desaparecida para os oficiais da Companhia? Nesse caso, sua execução será por uma decapitação rápida e limpa.

— Não tenho nada a lhe dizer — disse Sir Francis, num tom desinteressado.

— Então, receio que será interrogado sobre a mesma questão sob extrema compulsão pelo carrasco do estado. — Van de Velde estalou os lábios suavemente, como se as palavras soubessem bem à sua língua. — Caso responda a tudo plenamente e sem reservas, o machado do executor porá um fim a seu sofrimento. Caso continue obstinado, o interrogatório prosseguirá. A qualquer momento, a escolha permanecerá sua.

— Vossa Excelência é um paradigma de misericórdia — Sir Francis inclinou a cabeça, numa reverência —, mas eu não posso responder à pergunta porque não sei nada da carga de que está falando.

— Então, que Deus Todopoderoso tenha misericórdia de sua alma — disse van de Velde, e voltou-se para o sargento Manseer. — Leve embora o prisioneiro e entregue-o ao encargo do carrasco do estado.

Hal equilibrou-se no alto do andaime na muralhainacabada do bastião leste do castelo. Aquele era apenas o segundo dia dos trabalhos que deveriam durar pelo resto de sua vida natural, e já as palmas de suas mãos e ambos os ombros estavam ralados pelas cordas e os blocos rústicos de pedra. Uma das pontas de seus dedos fora prensada, e a unha tinha a cor de uma uva roxa. Cada bloco de alvenaria pesava uma tonelada ou mais e tinha de ser levado a mão para cima pelo andaime inseguro, feito de bambu e pranchas.

Na turma de condenados que trabalhava com ele estavam Daniel Grande e Ned Tyler, nenhum dos quais se recuperara plenamente dos ferimentos. As marcas eram fáceis de ver, pois todos vestiam apenas calções de lona rasgada.

A bala de mosquete deixara uma cratera funda e de um roxo escuro no peito de Daniel, e uma presa de leão cruzava por suas costas, onde Hal tivera de cortá-lo. As crostas em cima das feridas haviam se rompido com o esforço, fazendo minar uma linfa tingida de sangue.

O ferimento de espada subia como uma videira vermelha pela coxa de Ned, e ele mancava acentuadamente conforme se movimentava no andaime. Depois das privações no convés dos escravos do Gull, estavam todos despojados do último grama de gordura. Pareciam magros como cães de caça, e os músculos fibrosos e os ossos saltavam claramente por baixo da pele avermelhada pelo sol.

Embora o sol ainda brilhasse com força, o vento do inverno soprava de noroeste e parecia raspar seus corpos como vidro moído. Em conjunto, puxavam a ponta da pesada corda de cânhamo, e as roldanas gemiam em seus suportes conforme a grande laje de pedra amarela se erguia da carroça lá embaixo e começava a perigosa ascensão para a estrutura ao alto.

No dia anterior, um andaime no bastião sul desabara sob o peso das pedras e levava consigo três dos condenados que ali trabalhavam para a morte nos paralelepípedos, bem abaixo. Hugo Barnard, o supervisor, ao se postar sobre os três cadáveres esmagados, murmurara:

— Três pássaros com uma só pedra. O próximo bastardo descuidado que se matar será esmigalhado até virar papa — exclamou, e irrompeu numa gargalhada, rindo do próprio humor negro.

Daniel enrolou uma volta da ponta da corda no ombro bom e ancorou-a, enquanto o resto da turma segurava o bloco oscilante e o puxava para o cavalete. Manejaram para enfiá-lo na abertura no topo da muralha, com o pedreiro holandês, com seu avental de couro, a gritar instruções.

Recuaram ofegantes depois de ter colocado a laje no lugar, cada músculo do corpo a doer e tremer pelo esforço, porém não havia tempo para descansar. Do pátio abaixo, Hugo Barnard já gritava:

— Baixem essa prancha para cá. E depressa com isso, ou subirei e lhes darei um toque de persuasão. — E agitou as tiras de couro cheias de nós de seu chicote.

Daniel espiou pela beirada do andaime. De súbito, retesou-se e olhou por sobre o ombro para Hal.

— Lá vão Aboli e os outros rapazes.

Hal postou-se ao lado dele e olhou para baixo. Da porta da masmorra, emergia uma pequena procissão. Os quatro prisioneiros negros eram conduzidos para fora, para o sol hibernal. Mais uma vez usavam grilhões leves.

— Olhe para aqueles bastardos felizardos — resmungou Ned Tyler. Os negros não haviam sido incluídos nas turmas de trabalho, porém

tinham ficado no calabouço, descansando e recebendo comida extra a cada dia para engordá-los enquanto esperavam para ir à leilão. Naquela manhã, Manseer ordenara aos quatro que ficassem nus. Depois, o Dr. Saar, o médico da companhia, descera até a cela e os examinara, inspecionando-os e espiando em seus ouvidos e bocas para avaliar o estado de saúde de cada um. Quando o médico se fora, Manseer ordenara que se untassem com o óleo de uma jarra de pedra.

Agora, suas peles brilhavam ao sol como ébano polido. Embora ainda estivessem magros e bem

chupados pela estada a bordo do Gull, a cobertura de óleo os fazia parecer lustrosos espécimes humanos da melhor qualidade. Foram conduzidos pelos portões do castelo para o campo, onde uma multidão já se aglomerava.

Antes de passar pelos portões, Aboli ergueu a grande cabeça redonda e olhou para Hal, no andaime ao alto. Por um instante, seus olhos se encontraram. Não foi preciso que nenhum dos dois gritasse uma mensagem, arriscando-se a ser cortado de vara pelos guardas, e Aboli avançou em seguida sem olhar para trás.

O recinto do leilão era uma estrutura temporária que, em outras ocasiões, era usada como um patíbulo sobre o qual os cadáveres dos criminosos executados ficavam em exibição ao público. Os quatro homens foram alinhados na plataforma, e o Dr. Saar subiu com eles e se dirigiu à multidão:

— Examinei todos os quatros escravos que serão vendidos em leilão no dia de hoje — exclamou, baixando a cabeça para olhar por cima dos óculos. — Asseguro que todos gozam de boa saúde. Seus olhos e dentes são saudáveis e eles são robustos de membros e corpos.

A multidão mostrava um ânimo festivo. Todos bateram palmas diante do anúncio do doutor e lhe deram um viva irônico quando ele desceu da plataforma e correu de volta para os portões do castelo.

Jacobus Hop deu um passo à frente e ergueu a mão, pedindo silêncio. Então, leu a proclamação de venda, com a multidão a remedá-lo e imitá-lo a cada vez que gaguejava.

— Por ordem de Sua Excelência, o governador desta colônia da honorável Companhia Holandesa das Índias Orientais, estou autorizado a oferecer para venda, pelo mais alto lance, quatro negros escravos...

Interrompeu-se e tirou o chapéu respeitosamente quando a carruagem aberta do governador desceu a avenida, vinda da residência, passando pelos jardins e rumando para o campo, puxada por seis lustrosos cavalos cinzentos. Lorde Cumbrae e a esposa do governador sentavam-se lado a lado nos bancos de couro, e o coronel Schreuder sentava-se do lado oposto.

A multidão abriu-se para deixar que a carruagem se aproximasse da plataforma, ao pé da qual Fredricus, o cocheiro, puxou as rédeas e acionou o breque de mão. Nenhum dos passageiros desceu. Katinka acomodou-se com elegância no assento, a rodar a sombrinha, enquanto continuava a conversar animadamente com os dois homens.

Na plataforma, Hop fora tomado de confusão pela chegada daqueles ilustres visitantes. Ruborizado, ficou a tartamudear e pestanejar ao sol até que Schreuder gritou, impaciente.

— Vamos com isso, homem! Não viemos aqui para vê-lo revirar os olhos e ficar embasbacado.

Hop colocou o chapéu na cabeça e fez uma mesura, primeiro para Schreuder e depois para Katinka. Ergueu a voz:

— O primeiro do lote é o escravo Aboli. Tem cerca de trinta anos e acredita-se que seja membro da tribo Qwanda, da costa leste da África. Como estão cientes, os negros Qwanda são muito apreciados como escravos de campo e pastores. Poderia também ser treinado para ser um excelente condutor de carroças ou cocheiro. — Parou para enxugar a face suada e ajeitar a língua presa, e, em seguida, continuou: — Aboli é tido como um experiente caçador e pescador. Poderia proporcionar uma boa renda para seu proprietário em qualquer dessas ocupações.

— Mijnheer Hop, está escondendo alguma coisa de nós? — exclamou Katinka, e Hop mais uma vez foi tomado de confusão pela pergunta. Sua gagueira tornou-se tão agonizante que ele mal conseguia formular as palavras.

— Reverenciada senhora, mui estimada dama — ele abriu as mãos, impotente —, eu asseguro...

— Iria oferecer à venda um touro vestido? — indagou Katinka. — Espera que façamos lance por algo que não podemos ver?

Ao entender o significado das palavras de Katinka, a face de Hop clareou e ele se voltou para Aboli.

— Dispa-se — ordenou, em voz alta, para ganhar coragem ao encarar o enorme selvagem.

Por um momento, Aboli fitou-o sem se mover, e, depois, desdenhosamente, soltou o nó da tanga e deixou-a cair nas pranchas a seus pés.

Nu e magnífico, ele olhou por sobre as cabeças, para a montanha com tampo de mesa. Houve um sibilante tomar de fôlego por parte da multidão abaixo. Uma das mulheres soltou um gritinho histérico, e outra caiu numa risadinha nervosa, porém ninguém desviou os olhos.

— Nossa! — Cumbrae rompeu a pausa prenhe de lascívia com uma gargalhada. — O comprador fará um bom negócio. Não há contrapeso naquela carga de chouriço. Quinhentos guinéus!

— Cem mais! — gritou Katinka.

O Gavião relanceou os olhos para ela e falou pelo canto da boca:

— Eu não sabia que pretendia dar lances, senhora.

— Terei aquele escravo a qualquer preço, meu senhor — avisou ela, com doçura —, pois ele me diverte.

— Eu não ficaria no caminho de uma bela dama. — O Gavião inclinou a cabeça, numa mesura. — Porém, não vai dar lances contra mim pelos outros três, vai?

— É uma barganha, meu senhor. — Katinka sorriu. — Aquele é meu, pode ficar com os outros.

Cumbrae cruzou os braços no peito e meneou a cabeça quando Hop olhou para ele, à espera que aumentasse o lance.

— Um preço alto demais para minha digestão — disse, e Hop procurou em vão por outro comprador, no resto da multidão.

Ninguém era estúpido o bastante para se opor à mulher do governador. Tinham visto recentemente um vislumbre do temperamento de Sua Excelência no julgamento público.

— O escravo Aboli é vendido para Mevrouw van de Velde pela soma de seiscentos guinéus — cantou Hop inclinando-se numa reverência na direção da carruagem. — Quer que os grilhões sejam tirados, Mevrouw?

Katinka riu.

— E vê-lo fugir para as montanhas? Não, Mijnheer, esses soldados o escoltarão até o alojamento dos escravos, na residência. — Relanceou os olhos para Schreuder, que deu uma ordem a um destacamento de gibões-verdes que aguardavam sob as ordens de um cabo, à beira da multidão.

Eles abriram caminho às cotoveladas para a frente, puxaram Aboli para baixo da plataforma e o conduziram pela avenida, rumo à residência.

Katinka ficou a observá-lo ir. Então, cutucou o ombro do Gavião com um dedo.

— Obrigada, meu senhor.

— O próximo do lote é o escravo Jiri — disselhes Hop, lendo suas anotações. — E, como podem ver, outro belo e forte espécime...

— Quinhentos guinéus! — trovejou o Gavião, e olhou feio para os outros compradores, como que os intimidando. Porém, sem a esposa do governador para competir, os burgueses da colônia se sentiram mais corajosos.

— E mais cem! — berrou um mercador da cidade.

— E cem mais! — gritou um carroceiro com uma jaqueta de pele de leopardo.

Os lances alcançaram rapidamente mil e quinhentos guinéus, só com o carroceiro e Cumbrae no páreo.

— Maldição e praga de sujeito estúpido! — resmungou Cumbrae, e virou a cabeça para lançar um olhar por sobre o ombro para seu contramestre, que, junto com três de seus marujos, encostava-se indolentemente na roda traseira da carruagem. Sam Bowles fez um gesto de concordância e seus olhos

luziram. Com seus homens na retaguarda, ele se esgueirou pela aglomeração até se postar atrás do carroceiro.

— Mil e seiscentos guinéus — rugiu o Gavião —, e maldito seja você!

O carroceiro abriu a boca para cobrir o lance e sentiu alguma coisa picá-lo sob as costelas. Olhou para baixo, para a faca no punho fechado de Sam Bowles, cerrou a boca e ficou pálido como cera.

— O lance é contra o senhor, Mijnheer Tromp! — gritou Hop, mas o carroceiro escafedeu-se do campo, de volta à cidade.

Kimatti e Matesi foram ambos arrematados pelo Gavião por bem menos que mil guinéus cada um. Os outros compradores potenciais na multidão tinham visto o pequeno drama entre Sam e o carroceiro, e nenhum deles mostrou mais qualquer interesse em oferecer lances contra Cumbrae.

Os três escravos foram arrastados pelo grupo de Sam Bowles em direção à praia. Quando Matesi lutou para escapar, um violento golpe em seu crânio com um arpão aquietou-o, e, com seus companheiros, ele foi jogado no escaler e levado até onde o Gull jazia ancorado, à beira dos baixios.

— Uma expedição bem-sucedida para ambos de nós, meu senhor. — Katinka sorriu para o Gavião. — Para celebrar nossas aquisições, espero que possa jantar conosco na residência esta noite.

— Nada me daria maior prazer, mas, ai de mim, senhora, eu estava me demorando aqui apenas pela venda e pela oportunidade de conseguir uns poucos marujos de excelente qualidade. Agora, meu navio está pronto na baía, e o vento e a maré vão me levar para longe.

— Sentiremos sua falta, meu senhor. Sua companhia foi muito divertida. Espero que venha nos visitar e que fique um pouco mais de tempo da próxima vez que rodear o cabo da Boa Esperança.

— Não há nenhum poder nesta terra, nenhuma tempestade, vento ruim ou inimigo que possa me impedir de fazer isso — disse Cumbrae, e beijou-lhe a mão.

Cornélius Schreuder fechou o cenho: não conseguia suportar ver outro homem encostar um dedo naquela mulher que começava a regular toda a sua existência.

Assim que os pés do Gavião tocaram o tombadilho do Gull, ele gritou para o leme: — Geordie, meu rapaz, prepare-se para recolher âncora e se pôr a caminho.

Então, cantarolou para Sam Bowles.

— Quero os três negros no convés de popa, e depressa. — Quando foram postados à sua frente, ele os examinou com cuidado. — Será que uma das três belezas pagãs fala a própria língua de Deus? — perguntou, e eles o fitaram com ar alheado. — Então, é apenas a sua linguagem ignorante não é? — Balançou a cabeça com tristeza. — Isso torna minha vida muito mais difícil.

— Peço desculpas — Sam Bowles tocou obsequiosamente o gorro de Monmouth —, mas eu os conheço bem, todos três. Fomos companheiros juntos, sim, fomos. Estão querendo que o senhor faça papel de bobo. Todos três falam um bom inglês.

Cumbrae sorriu para eles com um brilho assassino nos olhos.

— Vocês pertencem a mim agora, meus queridinhos, do cocuruto de suas cabeças felpudas até as solas rosadas de seus pés chatos. Se quiserem manter o costado preto numa só peça, não brinquem comigo outra vez, ouviram? — E, com um giro do enorme punho cabeludo, fez Jiri estatelar-se no convés. — Quando eu falar com vocês, responderão em claro e bom som com doces palavras inglesas. Vamos voltar à lagoa do Elefante, e, para o bem de sua saúde, vocês irão me mostrar onde o capitão Franky escondeu o tesouro. Estão me ouvindo?

Jiri voltou a ficar de pé.

— Sim, capitão, meu senhor! Nós ouvimos. O senhor é nosso pai.

— Eu iria preferir arrancar meu próprio saco com uma espada cega a ser pai de gente como vocês! — O Gavião sorriu para eles. — Agora, subam na verga principal para puxar os panos nela. — E

mandou Jiri voando para a frente com um chute no traseiro.

Katinka sentava-se ao sol, num canto protegido do terraço, fora do vento, com Cornélius Schreuder a seu lado. No aparador, Sukeena serviu ela mesma o vinho e levou os dois cálices para a mesa de lanche, com decoração de frutas e flores dos jardins de João Lento. Colocou a taça alta com haste em espiral na frente de Katinka, que estendeu a mão e acariciou-lhe o braço levemente.

— Mandou buscar o novo escravo? — perguntou, com um ronronar na voz.

— Aboli está sendo banhado e vestido com um uniforme, como ordenou, patroa — respondeu Sukeena com suavidade, como se alheia ao toque da outra mulher. Contudo, Schreuder viu o gesto, e divertiu Katinka observá-lo franzir o cenho de ciúmes.

Ela ergueu o cálice e sorriu por sobre a borda.

— Devemos beber por uma rápida viagem para lorde Cumbrae?

— Naturalmente. — O coronel ergueu a taça. — Uma curta e rápida viagem ao fundo do oceano para ele e todos os seus compatriotas.

— Meu caro coronel — ela sorriu —, tão espirituoso. Mas, ora, eis que chega meu novo brinquedo.

Dois gibões-verdes do castelo escoltavam Aboli para o terraço. Ele estava vestido com um par de calças pretas justas e uma camisa branca de corte amplo para conter seu peito largo e os braços musculosos. Parou em silêncio diante dela.

Katinka mudou a fala para o inglês.

— No futuro, irá se inclinar numa reverência quando estiver em minha presença e se dirigirá a mim como patroa, e, se esquecer, pedirei a João Lento que o lembre. Sabe quem é João Lento?

— Sim, patroa — resmungou Aboli, sem olhar para ela.

— Oh, ótimo. Pensei que pudesse se mostrar maçante e eu tivesse de dobrá-lo e domá-lo. Isso torna as coisas mais fáceis para ambos. — Tomou um gole de vinho e depois o examinou detidamente, com a cabeça pendida para o lado. — Eu o comprei num impulso e não decidi ainda o que farei com você. Contudo, o governador Kleinhans levará seu cocheiro para casa quando partir. Precisarei de um novo cocheiro. — Voltou-se para o coronel Schreuder. — Ouvi dizer que esses negros são bons com animais. E o que lhe diz a experiência também, coronel?

— Realmente, Mevrouw. Sendo eles próprios animais, parecem ter uma conexão com todos os bichos selvagens e domésticos — concordou Schreuder e, então estudou Aboli sem pressa. — Ele é um belo espécime físico, porém, é claro, não se deve buscar inteligência neles. Eu a congratulo pela compra.

— Mais tarde, posso cruzá-lo com Sukeena — murmurou Katinka. A escrava continuou imóvel, mas suas costas estavam voltadas, de maneira que não lhe puderam ver a face. — Seria divertido ver como o sangue negro se mistura com o amarelo.

— Uma mistura muito interessante — concordou Schreuder. — Porém, não está preocupada com a possibilidade de que escape? Vi-o lutar no tombadilho do Standvastigheid, e ele é um selvagem truculento. Uma perna de ferro poderia ser um traje adequado para ele, pelo menos até que tenha sido dobrado.

— Não creio que eu precise chegar a esses extremos — disse Katinka. — Pude observá-lo bem durante meu cativeiro. Como um cão fiel, ele é devotado ao pirata Courtney e ainda mais a seu filhote. Creio que não tentará escapar enquanto algum deles estiver vivo nas masmorras do castelo. Claro, será trancado nos alojamentos dos escravos à noite com eles, porém, durante as horas de trabalho, terá permissão para se movimentar livremente para atender a seus deveres.

— Tenho certeza de que sabe o que faz, Mevrouw. Eu, no entanto, não confiaria numa tal criatura — avisou-a Schreuder.

Katinka voltou-se para Sukeena.



— Arranjei com o governador Kleinhans para que Fredricus ensine a Aboli seus deveres como cocheiro e lacaio. O Standvastigheid não zarpará em menos de dez dias. Isso é tempo suficiente. Providencie tudo imediatamente.

Sukeena fez uma graciosa mesura oriental.

— Como a senhora ordenar — disse, e fez um gesto a Aboli para que a seguisse.

Caminhou adiante dele pela trilha para os estábulos, onde Fredricus estacionara o coche, e Aboli se recordou da postura e dos modos das jovens virgens de sua própria tribo. Quando garotinhas, eram treinadas pelas mães a carregar bilhas de água equilibradas nas cabeças. Suas costas ficavam eretas e elas pareciam deslizar pelo chão, como fazia aquela moça.

— Seu irmão, Althuda, lhe manda seu coração. Diz que você ainda é sua orquídea tigrina.

Sukeena parou tão de repente, que Aboli, caminhando atrás, quase se chocou com ela. Ela parecia um beija-flor assustado, empoleirado numa flor de prótea, pronto para voar. Quando se moveu novamente, Aboli percebeu que ela tremia.

— Viu meu irmão? — perguntou, sem voltar a cabeça para encará-lo.

— Nunca lhe vi a face, mas ele fala pela porta da cela onde está. Disse que o nome de sua mãe era Ashreth e que o broche de jade que você usa foi dado à sua mãe por seu pai no dia de seu nascimento. Disse que, se eu lhe contasse essas coisas, você saberia que sou amigo dele.

— Se ele confiou em você, então eu também confio. Eu também serei sua amiga, Aboli.

— E eu serei seu — retrucou Aboli, baixinho.

— Oh, por favor, me conte, como está Althuda? — pediu ela. — Eles o machucaram muito? Entregaram-no a João Lento?

— Althuda está intrigado. Eles não o condenaram ainda. Está nas masmorras faz longos meses e não o maltrataram.

— Ergo meus agradecimentos a Alá! — Sukeena voltou-se e sorriu para ele, a face adorável como a orquídea tigrina à qual Althuda a comparara. — Eu tinha alguma influência com o ex-governador Kleinhans. Consegui persuadi-lo a retardar o julgamento de meu irmão. Porém, agora que ele está de partida, não sei o que acontecerá daqui para a frente. Meu pobre Althuda, tão jovem e tão corajoso. Se o entregarem a João Lento, meu coração morrerá com ele devagar e penosamente.

— Há uma pessoa que eu amo como você ama seu irmão — resmungou Aboli, baixinho. — Os dois partilham o mesmo calabouço.

— Creio que conheço a pessoa de quem fala. Acho que o vi no dia em que os trouxeram para terra em grilhões e os fizeram marchar pelo passeio. Não é um empertigado e orgulhoso como um jovem príncipe?

— Esse mesmo. Como seu irmão, ele merece ser livre.

De novo, os pés de Sukeena vacilaram, mas então ela continuou em frente.

— O que estava dizendo, Aboli, meu amigo?

— Você e eu juntos. Podemos trabalhar para colocá-los em liberdade.

— É possível? — murmurou ela.

— Althuda um dia se libertou. Quebrou suas peias e voou a grande altura, como um falcão. — Aboli ergueu os olhos para o dolorido céu africano. — Com nossa ajuda, ele pode ser livre novamente, e Gundwane com ele.

Chegaram ao estábulo, e Fredricus levantou-se do assento da carruagem. Olhou para Aboli, e seus lábios se curvaram para exhibir dentes manchados de marrom de tanto mascar tabaco.

— Como pode um macaco preto aprender a dirigir meu coche e meus seis queridinhos? — perguntou para o nada.

— Fredricus é um inimigo. Não confie nele. — Os lábios de Sukeena mal se moveram quando ela

alertou Aboli. — Não confie em ninguém nesta casa até podermos conversar de novo.

Assim como os escravos da casa e a maioria do mobiliário da residência, Katinka comprara de Kleinhans todos os cavalos do plantel e o conteúdo do quarto de equipagem. Dera-lhe uma ordem de pagamento para seus banqueiros em Amsterdã. Era uma grande soma, porém ela sabia que o pai cobriria qualquer falta de fundos.

O mais belo de todos os cavalos era uma égua baia, um animal soberbo com pernas fortes e graciosas e uma lindíssima cabeça bem conformada. Katinka era uma perita amazona, porém não tinha nenhum sentimento ou amor pela criatura sob ela, e suas mãos esguias e pálidas eram fortes e cruéis. Cavalgava com um freio espanhol que machucava horrivelmente a boca da égua, e seu uso do chicote era brutal. Quando tivesse arruinado uma boca, sempre poderia vender o animal e comprar outro.

A despeito dessas falhas, era destemida, e seu estilo era impecável. Quando a égua dançava sob ela e sacudia a cabeça contra a agonia do chicote e do freio, Katinka continuava com facilidade na sela e parecia maravilhosamente elegante. Agora, forçava a égua à plena extensão do passo e esforço, a voar pela trilha íngreme, usando o chicote quando o animal falseava ou quando parecia que fosse se recusar a saltar uma árvore caída que bloqueava o caminho.

O cavalo deitava espuma, ensopado de suor como se tivesse mergulhado dentro de um rio. A baba que escorria de sua boca ofegante tingia-se de rosa de sangue arrancado pelo aço da borda da brida. Espirrava nas botas e nas saias de Katinka, que ria de um modo selvagem conforme galopavam para a depressão da montanha. Ela olhou para trás, por sobre o ombro. Schreuder estava a cinquenta corpos ou mais de distância: viera por outro caminho para encontrá-la em segredo. Seu garanhão negro se esforçava heroicamente sob o peso do coronel, e embora Schreuder usasse o chicote livremente, sua montaria não conseguia se equiparar à égua.

Katinka não parou na depressão, e, com chicote e a espora fina como agulha por baixo do traje de montaria, incitou a égua para a frente e a fez descer uma colina abrupta. Ali, uma queda seria desastrosa, pois o terreno era traiçoeiro e a égua voava. O perigo excitou Katinka. Ela se deliciava com a sensação do poderoso corpo sob o seu e com o couro da sela a bater contras suas coxas suadas e as nádegas.

Desceram resvalando pela colina íngreme e irromperam numa clareira aberta ao lado de um riacho. Ela correu em paralelo com o curso d'água por uma meia légua, mas quando chegou a um bosquete escondido de árvores cor de prata, puxou as rédeas em uma dúzia de estocadas, reduzindo o pleno galope a uma total parada.

Desenroscou a perna de sobre o arção da sela e, num voluteio de saias e anáguas de renda, deslizou com leveza para o chão. Aterrissou como um gato, e enquanto a égua resfolegava como o fole de um ferreiro e dançava nos pés de exaustão, ela se postou de punhos nos quadris, a observar Schreuder, que descia a colina.

Ele chegou à clareira e galopou até onde ela estava. Tinha a face tingida de raiva. Desceu num salto.

— Isso foi loucura, Mevrouw — gritou. — Podia ter caído!

— Mas eu nunca caí, coronel. — Katinka riu na cara dele. — Não, a menos alguém me leve a isso. — Estendeu a mão de repente e enlaçou os dois braços em torno do pescoço de Schreuder. Como uma lampreia, grudou-se aos lábios dele, sugando tão forte que lhe chupou a língua para dentro da própria boca.

Conforme ele a apertava entre os braços, Katinka mordeu-lhe o lábio inferior com força o bastante para arrancar sangue, e saboreou o gosto metálico com a língua. Quando ele rosnou de dor, ela rompeu o abraço e, erguendo as saias, correu pela margem do riacho.

— Pela doce Maria, você pagará caro por isso, seu pequeno demônio! — Ele passou a mão pela boca, e quando viu a mancha de sangue na palma, correu atrás dela.

Naqueles últimos dias, Katinka brincara com ele, impelindo-o para as fronteiras da sanidade, prometendo e depois recuando, provocando e então se esquivando, fria como o vento norte num momento e, em seguida, quente como o sol tropical ao meio-dia. Ele estava aturdido e confuso de luxúria e ansiedade, mas seu desejo a contagiara. Ao atormentá-lo, ela se instigara com a mesma força e ardor. Desejava-o agora quase tanto quanto ele a ela. Queria senti-lo enterrado fundo dentro do corpo, tinha de fazê-lo apagar o incêndio que ela própria acendera nas entranhas. Chegara o momento em que não poderia esperar mais.

Ele alcançou-a, e ela se esquivou. Com as costas contra as árvores de folhas prateadas, encarou como uma corça encurralada pelos cães. Viu a raiva tornar os olhos de Schreuder opacos como o mármore. Ele tinha a face inchada e avermelhada, os lábios repuxados a expor os dentes cerrados.

Com um arrepio de terror verdadeiro, ela se deu conta de que aquela raiva para o qual o impelira era um tipo de loucura sobre a qual o coronel não tinha controle. Ela sabia que estava em perigo de vida, e, sabendo disso, sua própria lascívia transbordou de suas margens como um rio poderoso em plena enchente.

Lançou-se sobre ele e com ambas as mãos agarrou-lhe os laços das calças.

— Quer me matar, não quer?

— Sua cadela — bufou ele, e cerrou as mãos em torno da garganta de Katinka. — Sua vagabunda. Não posso aguentar mais. Eu a farei...

Katinka puxou-lhe o membro para fora pela abertura das calças, duro e grosso, inchado e vermelho, e tão quente que pareceu lhe queimar os dedos.

— Mate-me com isto, então. Enfie-o dentro de mim tão fundo até que espete meu coração. — Inclinou-se para trás sobre a casca rija da árvore e plantou os pés bem separados. Ele ergueu-lhe as saias, e, com ambas as mãos, Katinka o guiou para dentro de si.

Conforme ele investia e se espremia furiosamente contra ela, a árvore em que se apoiavam sacudia como se um vendaval a atingisse. As folhas prateadas choviam sobre eles, luzindo como moedas recém-polidas a girar e vultear ao sol. Ao chegar ao clímax, Katinka se pôs a gritar, e os ecos ressoaram ao longo dos penhascos amarelos, acima deles.

Katinka desceu da montanha como uma fúria, cavalgando nas asas do noroeste que começava a soprar subitamente do ensolarado céu de inverno. Seus cabelos soltaram-se, livres do chapéu, e esvoaçavam como uma bandeira brilhante a flutuar e se embaraçar ao vento. A égua corria como se perseguida por leões. Quando chegou aos vinhedos no alto da colina, Katinka desviou-a para a muralha de pedra e cavalgou por ali, a planar tal qual um falcão.

Galopou pelos pomares até o estábulo. João Lento voltou-se para vê-la passar. As verduras que ele cultivava eram desenraizadas, reviradas e pisoteadas sob as patas voadoras da égua. Quando ela se afastou, João Lento abaixou-se e pegou um broto despedaçado. Levou-o até a boca e mordeu-o de leve, provando o sumo doce. Não sentiu nenhum ressentimento. As plantas que cultivava eram feitas para serem cortadas e destruídas, assim como o homem nasce para morrer. Para João Lento, apenas a maneira de morrer tinha significado. Olhou para a égua e para sua condutora e sentiu a mesma reverência e admiração respeitosa que sempre o dominava no momento em que libertava um de seus pequenos pardais dessa existência mortal. Pensava em todas as almas condenadas

que morriam sob suas mãos como seus pequenos pardais. Da primeira vez que pusera os olhos em Katinka van de Velde, caíra completamente dominado pelo feitiço que emanava dela. Sentira que tinha esperado durante a vida toda por aquela mulher. Reconhecera nela aquelas qualidades místicas que lhe ditavam a própria existência, porém, comparado a ela, ele sabia que era uma coisa rastejando no limo primevo.

Ela era uma deusa cruel e intocável, e ele a venerava. E assim, era como se aquelas plantas destroçadas que ele segurava nas mãos fossem um sacrifício para essa deusa. Como se ele as tivesse depositado em seu altar e ela as tivesse aceitado. Estava comovido a ponto das lágrimas pela sua condescendência. Pestanejou aqueles estranhos olhos amarelos e, por uma vez, eles espelharam a emoção que sentia.

— Ordene — murmurou ele. — Não há nada que eu não faria por você.

Katinka incitou a égua a pleno galope pelo caminho até as portas da frente da residência e saltou de seu lombo antes que o animal parasse de todo.

Nem lançou um olhar para Aboli quando este desceu do terraço, pegou as rédeas e levou a égua para o estábulo.

Ele falou gentilmente com o animal na linguagem das florestas.

— Ela a fez sangrar, garota, mas Aboli vai curar sua ferida. — No quintal, ele desafivelou a cilha e enxugou o suor fumegante da égua, caminhando com ela em lentos círculos e depois lhe dando de beber antes de conduzi-la à baia. — Veja onde o chicote e a brida a cortaram. Ela é uma bruxa — murmurou ele, conforme untava com unguento os cantos rasgados e machucados da boca do animal. — Mas Aboli está aqui agora para protegê-la e cuidá-la.

Katinka atravessou os aposentos da residência, cantarolando baixinho para si mesma, a face iluminada com o brilho tardio da paixão. No quarto, chamou por Zelda, e então, sem esperar que a velha chegasse, arrancou as roupas e deixou-as cair num monte no chão. O ar de inverno que entrava pelas venezianas era frio em seu corpo, que estava úmido com o suor e os sucos do ato sexual. Seus pálidos mamilos rosados eriçaram-se em halos de arrepios, e ela gritou novamente:

— Zelda, onde está você? — Quando a criada chegou correndo ao quarto, ela a confrontou: — Pelo doce Jesus, onde esteve, sua velha Preguiçosa? Feche aquelas venezianas! Meu banho está pronto, ou você ficou cochilando de novo na frente do fogo? — Contudo, faltavam a suas palavras o veneno habitual, e quando ela se recostou nas águas fumegantes e perfumadas de sua banheira de cerâmica, que fora retirada da cabine de popa do galeão, sorria calorosa e secretamente para si mesma.

Zelda rodeou a banheira, erguendo os fartos cachos dos cabelos da patroa para longe da espuma cheirosa e prendendo-os no alto da cabeça, para depois lhe ensaboar os ombros com um pano.

— Não me amole assim! Deixe-me em paz por um momento! — ordenou Katinka imperiosamente, e Zelda deixou cair o pano e afastou-se da banheira.

Katinka ficou recostada por algum tempo, cantarolando para si mesma e erguendo um pé de cada vez para inspecionar os tornozelos delicados e os dedinhos rosados. Então, um movimento no espelho embaçado de vapor chamou-lhe a atenção, e ela sentou-se ereta e com um olhar incrédulo. Levantou-se depressa e saiu da banheira, enrolou uma toalha em torno dos ombros para conter as gotas que escorriam por seu corpo e seguiu para a porta do quarto.

O que vira no espelho fora Zelda recolhendo as roupas sujas de onde as deixara no chão. A velha agora tinha as peças íntimas de Katinka nas mãos e examinava as manchas que havia nelas. Enquanto Katinka observava, ela levou o pano até o rosto e cheirou-o, como uma velha cadela a farejar a entrada de uma toca de coelho.

— Gosta do cheiro do creme de um homem adulto, não gosta? — perguntou Katinka, com frieza.

Ao som da voz, Zelda virou-se para encará-la. Escondeu a roupa atrás das costas e suas faces ficaram pálidas como cinza, enquanto ela gaguejava coisas incoerentes.

— Sua velha vaca ressecada, quando foi a última vez que sentiu o cheiro disso? — perguntou Katinka.

Deixou cair a toalha e avançou pelo quarto, esguia e sinuosa como uma cobra ereta, e com o olhar

gélido e venenoso. Seu chicote de montaria estava onde o deixara, e ela o apanhou ao passar.

Zelda recuou.

— Patroa — gemeu —, eu estava preocupada apenas que suas belas coisas pudessem estar estragadas.

— Você estava cheirando isso como uma velha porca gorda fareja uma trufa — disselhe Katinka, e seu braço com o chicote se ergueu.

O relho apanhou Zelda na boca. Ela gritou e caiu de costas na cama.

Katinka postou-se sobre ela, nua, e aplicou-lhe o chicote pelas costas, braços e pernas, em golpes fortes, e as camadas de gordura bamboleavam e tremiam no corpo da criada conforme o relho as atingia.

— Este é um prazer por longo tempo negado — berrou Katinka, a própria fúria a aumentar conforme a velha urrava e se retorcia na cama.

— Cresci cansada de seus modos de ladra e de glutona. Agora, você me revolta com esse lascivo trespasse em áreas íntimas de minha vida, sua velha dissimulada, bisbilhoteira e chorona.

— Patroa, está me matando!

— Que ótimo! Porém, se viver, estará a bordo do Standvastigheid quando ele zarpar para a Holanda, na próxima semana. Não posso mais suportar você ao meu redor. Eu a mandarei de volta na mais insignificante das cabines, sem um tostão de pensão. Pode passar o resto de seus dias num asilo. — Katinka ofegava penosamente agora, fazendo chover seus golpes sobre a cabeça e os ombros de Zelda.

— Por favor, patroa, a senhora não seria tão cruel com sua velha Zelda, que foi sua ama-de-leite quando a senhora era um bebê.

— A ideia de ter mamado nessas grandes tetas gordas me faz querer vomitar. — Katinka chicoteou-lhe os seios, e Zelda ganiu e cobriu o peito com ambas as mãos. — Quando for embora, vou mandar revistar sua bagagem para que não leve nada que tenha roubado de mim. Não haverá um único guinéu em sua bolsa, eu me certificarei disso. Sua bruxa velha, ladra e mentirosa.

A ameaça transformou Zelda de uma criatura patética e bajuladora numa mulher possessa. Seu braço se esticou, e o punho gordo agarrou o pulso de Katinka, que estava prestes a golpeá-la de novo. Zelda apertou-a com uma força que impressionou a patroa, e olhou para a face de Katinka com um ódio terrível.

— Não! — exclamou. — Você não tomará tudo o que tenho. Não vai me transformar em mendiga. Eu a servi por vinte e quatro anos, e você não vai me jogar fora agora. Partirei no galeão, sim, e nada me dará maior alegria que ver pela última vez sua venenosa beleza. Porém, quando eu me for, levarei comigo tudo o que possuo e, além disso, terei em minha bolsa os mil guinéus de ouro que você me dará como pensão.

Katinka estava tão aturdida que esqueceu a raiva, e a encarava com olhar incrédulo.

— Você delira como uma lunática. Mil guinéus? É mais provável que sejam mil lambadas de chicote.

Tentou livrar o braço, mas Zelda o apertou com uma força louca.

— Uma lunática, você diz! Porém, o que fará Sua Excelência quando eu lhe apresentar a prova de como você tem tido relações libidinosas com o coronel?

Katinka franziu a testa diante da ameaça e depois abaixou lentamente o braço do chicote. Sua mente corria, e uma centena de mistérios se desvendara conforme fitava os olhos de Zelda. Confiara naquela bruxa sem questionamento, nunca duvidando de sua completa lealdade, sem nem pensar sobre isso. Sabia agora como o marido sempre parecia ter conhecimento íntimo de seus amantes e de seu comportamento, que deveriam ser secretos.

Pensava com rapidez agora, a expressão impassível a mascarar o ultraje que sentia diante daquela traição. Pouco importava que o marido soubesse daquela nova aventura com Cornélius Schreuder. Seria simplesmente um aborrecimento, pois Katinka ainda não se cansara do coronel. As consequências seriam,

é claro, mais sérias para o novo amante.

Olhando para trás, percebeu o quanto Petrus van de Velde poderia ser vingativo: todos os seus amantes tinham sofrido algum grave acidente assim que seu marido deles tomava conhecimento. Como ele sabia, sempre fora um mistério para Katinka, até aquele momento. Devia ter sido estúpida, porém jamais lhe ocorrera que Zelda fora a serpente que aninhara entre os seios.

— Zelda, errei com você — disse Katinka, com suavidade. — Não deveria tê-la tratado com tamanha dureza. — Estendeu a mão e afagou o feio vergão na face gorducha da criada. — Você foi gentil e fiel a mim durante todos estes anos, e é hora de seguir para uma feliz aposentadoria. Falei com raiva. Eu jamais sonharia em lhe negar o que você merece. Quando partir no galeão, levará não mil mas dois mil guinéus em sua bolsa, e meu amor e gratidão irão com você.

Zelda lambeu os lábios machucados e sorriu com malicioso triunfo.

— E tão gentil e boa comigo, minha doce patroa.

— Claro, você não dirá nada a meu marido sobre minhas pequenas indiscrições com o coronel Schreuder, dirá?

— Eu a amo demais para lhe causar mal, e meu coração se partira no dia em que tiver de deixá-la.

João Lento ajoelhava-se no canteiro de flores na ponta do terraço, com a faca de podar nas mãos. Quando uma sombra caiu sobre ele, ergueu os olhos e levantou-se. Tirou o chapéu e colocou-o sobre o peito, respeitosamente.

— Bom dia, patroa — disse, em sua profunda e melodiosa voz.

— Por favor, continue com sua tarefa. Adoro observá-lo trabalhar. Ele se afundou de joelhos novamente, e a lâmina da pequena faca afiada faiscou em suas mãos. Katinka sentou-se num banco ali perto e ficou a observá-lo em silêncio por alguns instantes.

— Admiro suas habilidades — disse, por fim, e embora não erguesse a cabeça, ele sabia que ela não se referia apenas à sua destreza com a faca de podar. — Tenho uma urgente necessidade dessas habilidades, João Lento. Haveria uma bolsa de mil guinéus como recompensa. Fará algo por mim?

— Mevrouw, não há nada que eu não faria por você. — Ele ergueu a cabeça por fim e fitou-a com aqueles pálidos olhos amarelos. — Eu não vacilaria em lhe entregar minha vida, se me pedisse. Não quero pagamento. Saber que cumpri sua ordem é toda a recompensa que eu poderia alguma vez almejar.

As noites de inverno tornaram-se frias, e rajadas de chuva sopravam montanha abaixo, para bater nos painéis das janelas e uivar como chacais nos beirais do telhado de colmo. Zelda puxou a camisola por sobre o corpanzil amplo. Todo o peso que perdera na viagem desde o Oriente voltara a se acomodar em sua pança e nas coxas. Desde que se mudara para a residência, alimentava-se bem no canto da cozinha, devorando os restos saborosos conforme eram retirados da grande mesa no salão principal de jantar, empurrando-os para baixo com os goles na caneca cheia das sobras dos cálices de vinho dos patrões e convidados, vinho do Reno e tinto misturado com gim e genebra.

Com a barriga cheia de boa comida e bebida, preparou-se para dormir. Primeiro, verificou se os caixilhos da janela do pequeno quarto estavam vedados contra o aguaceiro. Enfiou pedaços de trapos nas frestas e cerrou as cortinas. Empurrou o aquecedor de cobre para debaixo das cobertas da cama e o manteve ali até que sentiu o cheiro do linho começando a queimar. Tirou-o então e apagou a vela, para depois se enfiar sob as grossas cobertas de lã.

Bufando e suspirando, acomodou-se na maciez e no calor, e seus últimos pensamentos foram para a bolsa de moedas de ouro escondida debaixo do colchão. Adormeceu sorrindo.

Uma hora depois da meia-noite, quando toda a casa estava silenciosa e dormia, João Lento apurou os ouvidos à porta do quarto de Zelda. Ao ouvir o ressonar mais forte que o vento nos caixilhos, abriu a porta sem ruído e deslizou para dentro o braseiro de carvões reluzentes. Ouviu por um minuto, porém o

ritmo da respiração da velha era regular e uniforme. Fechou a porta suavemente e seguiu em passos silenciosos pela passagem até a porta ao final do corredor.

De manhã, Sukeena veio acordar Katinka uma hora antes da hora determinada. Depois de ajudá-la a vestir um roupão quente, conduziu-a para os alojamentos dos criados, onde um grupo silencioso e assustado de escravos se reunia do lado de fora do quarto de Zelda. Postaram-se de lado para Katinka entrar, e Sukeena murmurou:

— Sei o quanto ela significava para a senhora, patroa. Meu coração se condói.

— Obrigada, Sukeena — respondeu Katinka, com tristeza, e olhou rapidamente pelo quarto minúsculo. O braseiro fora removido. João Lento fora eficiente e confiável.

— Ela parece tão plácida, e que cor adorável tem. — Sukeena postou-se ao lado da cama. — É quase como se ainda estivesse viva.

Katinka veio se colocar ao lado dela. Os fumos venenosos do braseiro tinham enrubescido as faces da velha. Na morte, era mais bonita que já fora alguma vez em vida.

— Deixe-me sozinha com ela por um momento, por favor, Sukeena — disse, baixinho. — Quero fazer uma prece por Zelda. Ela era tão cara para mim.

Enquanto a patroa se ajoelhava ao lado da cama, Sukeena fechou a porta suavemente atrás de si. Katinka enfiou a mão sob o colchão e puxou a bolsa para fora. Podia dizer, pelo peso, que nenhuma moeda se perdera. Enfiou a bolsa no bolso da camisola, juntou as mãos no peito e fechou os olhos com tanta força que seus longos cílios dourados se entrelaçaram.

— Vá para o inferno, sua velha cadela — resmungou.

João Lento veio por fim. Durante muitos longos dias e noites atormentadas, tinham esperado por ele; fora tanto tempo que Sir Francis Courtney começara a imaginar que ele não viria. A cada noite, quando a escuridão punha um fim ao trabalho nas muralhas do castelo, os grupos de prisioneiros chegavam arrastando os pés. O inverno apertava suas garras no cabo, e eles muitas vezes estavam ensopados pela chuva penetrante e enregelados até os ossos.

Ao final de cada turno, ao passar pelas portas de ferro da cela do pai, Hal chamava:

— Como vai, papai?

A resposta, numa voz rouca e entrecortada pela expectoração de sua doença, era sempre a mesma:

— Melhor hoje, Hal. E você?

— O trabalho foi fácil. Estamos com bom ânimo. Então Althuda dizia, da cela próxima:

— O médico veio esta manhã. Disse que Sir Francis está bem o bastante para ser interrogado por João Lento. — Ou, em outra ocasião: — A febre está pior. Sir Francis ficou tossindo o dia todo.

Tão logo os prisioneiros eram trancados no calabouço inferior, iriam engolir a única refeição do dia, a raspar as tigelas com os dedos para depois cair como mortos na toalha úmida.

Na escuridão antes do alvorecer, Manseer batia nas barras das celas.

— Levantem! Levantem, seus bastardos preguiçosos, antes que Barnard mande seus cães para pô-los de pé.

Trôpegos, iriam se levantar e se alinhar em fila novamente para a chuva e o vento. Ali, Barnard esperava para saudá-los, com seus dois enormes cães negros a rosnar e forçar as correntes. Alguns dos marinheiros tinham encontrado pedaços de saco ou lona com as quais enrolavam os pés descalços ou cobriam suas cabeças, porém mesmo aqueles trapos ainda estavam molhados do dia anterior. A maioria, contudo, ficava descalça e meio despida sob o vento hibernal.

Então, João Lento veio. Ao meio-dia. Os homens nos andaimes mais altos caíram em silêncio e todo o trabalho parou. Mesmo Hugo Barnard postou-se de lado enquanto ele passava pelos portões do castelo. Em seus trajes sombrios, e com o chapéu de aba larga puxado para baixo, sobre os olhos, parecia um

pregador a caminho do púlpito.

Parou à entrada dos calabouços, e o sargento Manseer veio correndo pelo pátio, balançando suas chaves. Abriu a porta baixa, recuou de lado para lhe dar passagem e depois o seguiu para dentro. A porta fechou-se atrás dos dois, e os observadores despertaram como se acordados de um pesadelo, voltando a suas tarefas. Porém, enquanto João Lento estava lá dentro, um silêncio profundo e ansioso perdurou sobre as muralhas. Nenhum homem praguejava ou falava, mesmo Hugo Barnard parecia reprimido, e, a cada oportunidade, as cabeças se voltavam para a porta de ferro fechada.

João Lento desceu a escada, com Manseer a iluminar-lhe os passos com uma lanterna, e parou do lado de fora da porta da cela de Sir Francis. O sargento puxou o ferrolho do buraco de espia, e João Lento deu um passo à frente na sua direção. Havia um feixe de luz da janela alta da cela. Sir Francis, sentado na saliência de pedra que servia como cama, ergueu a cabeça e encarou os olhos amarelos de João Lento.

A face de Sir Francis era a de uma caveira embranquecida pelo sol, tão pálida que parecia luminosa sob a parca luz, as longas madeixas de seus cabelos de um negro mortal e os olhos, cavidades escuras.

— Estive esperando por você — disse, e tossiu até que sua boca se encheu de catarro. Cuspiu na palha que recobria o chão.

João Lento não deu resposta. Seus olhos, a luzir pelo buraco, estavam afivelados na face de Sir Francis. Os minutos se arrastaram. Sir Francis foi dominado por um selvagem desejo de gritar-lhe: "Faça o que tem de fazer. Diga o que tem a dizer. Estou pronto para você."

Porém, forçou-se a continuar em silêncio e encarar João Lento de volta.

Por fim, João Lento afastou-se do buraco de espia e fez um gesto a Manseer. Este fechou o postigo e correu de volta pela escada para abrir a porta de ferro para o carrasco. João Lento cruzou o pátio com cada olhar sobre si. Quando saiu pelo portão, os homens respiraram de novo e ouviu-se mais uma vez o grito de ordens e os murmúrios de resposta em forma de pragas e reclamações vindas das muralhas.

— Aquele era João Lento? — falou Althuda baixinho, da cela ao lado da de Sir Francis.

— Ele não disse nada. Não fez nada — murmurou Sir Francis com voz rouca.

— Esse é o jeito dele — disse Althuda. — Estou aqui por tempo bastante para vê-lo jogar o mesmo jogo muitas vezes. Ele vai cansá-lo de tal maneira, que, por fim, você acabará por lhe contar tudo que ele deseja saber antes mesmo que ele o toque. É por isso que o chamam de João Lento.

— Doce Jesus, isso me apavora. Ele veio alguma vez olhar para você, Althuda?

— Ainda não.

— Como foi tão afortunado?

— Não sei. Sei apenas que, um dia, ele virá atrás de mim também. Como o senhor, sei o que é esperar.

Três dias antes de o Standvastigheid estar pronto para zarpar para a Holanda, Sukeena deixou a cozinha da residência com seu chapéu cônico de sol de palha trançada na cabeça elegante, com a sacola no braço. Sua saída não causou qualquer surpresa entre os outros membros da equipe da casa, pois era costume dela ausentar-se várias vezes por semana pelas encostas da montanha, para recolher ervas e raízes. Sua habilidade e conhecimento das plantas curativas eram famosos na colônia.

Da varanda da residência, Kleinhans observou-a sair, e a lâmina da agonia torceu-se em suas entranhas. Era como se uma ferida aberta estivesse sangrando dentro dele, e mesmo suas fezes estavam negras de sangue coagulado. Contudo, não era apenas a dispepsia que o devorava. Ele sabia que assim que o galeão zarpasse, com ele a bordo, nunca mais poria o olho de novo na beleza de Sukeena. Agora que o momento da partida estava próximo, ele não conseguia dormir de noite, e mesmo o leite e o arroz cozido e empapado tornavam-se ácido em seu estômago.



Mevrouw van de Velde, sua hospedeira desde que assumira a residência, fora gentil com ele. Até mesmo mandara Sukeena sair naquela manhã para colher as ervas especiais que, quando fervidas e destiladas sob as mãos peritas da escrava, eram o único remédio que poderia lhe aliviar a agonia, mesmo que por curto espaço de tempo — o suficiente pelo menos para lhe permitir desfrutar de umas poucas horas de sono reparador. Sob as ordens de Katinka, Sukeena iria preparar o suficiente daquela infusão para acompanhá-lo durante a longa viagem ao norte. Ele rezava que, assim que chegasse à Holanda, os médicos fossem capazes de curar aquela aflição pavorosa.

Sukeena seguiu silenciosamente pela vegetação raquítica que cobria as encostas da montanha. Por uma ou duas vezes, olhou para trás, porém ninguém a seguia. Continuou, parando apenas para cortar um galho verde de um dos arbustos florescentes. Enquanto caminhava, arrancou-lhe as folhas e, com a faca, aparou-lhe a ponta numa forquilha.

Por toda parte a seu redor, a vegetação selvagem crescia em profusão esplêndida; mesmo agora que o inverno reinava, uma centena de espécies diferentes estava à vista. Algumas eram tão grandes como cabeças maduras de alcachofra, algumas tão pequenas como minúsculas unhas, todas adoráveis além da imaginação de um artista ou os poderes de sua paleta para retratá-las. Ela as conhecia todas.

Vagando aparentemente sem direção, em realidade ela seguia gradualmente e em círculos rumo a uma profunda ravina que cortava a face da montanha de tampo de mesa. Com um olhar mais atento ao redor, ela se lançou subitamente para baixo, pelo íngreme declive pesadamente coberto de arbustos. Havia um riacho no fundo, a rumorejar através de alegres cascatas e sonhadoras lagoas. Ao se aproximar de uma, ela se moveu com mais suavidade e lentidão. Enfiada numa fenda rochosa ao lado das águas escuras, havia uma pequena tigela de cerâmica. Ela a colocara ali durante sua última visita. Da saliência acima, ela olhou para baixo e viu que o fluido leitoso com a qual ela a enchera fora sorvido. Apenas umas poucas gotas opalescentes continuavam no fundo.

Delicadamente, subiu com cautela para uma posição da qual pudesse olhar mais fundo na fenda da rocha. Conteve o fôlego ao ver as sombras do brilho suave de escamas de um ofídio. Abriu a tampa da cesta, pegou o galho forçado na mão direita e chegou-se para mais perto. A serpente estava enrolada ao lado da tigela. Não era grande, nem mais grossa do que seu indicador. Sua cor era de um bronze reluzente e profundo, cada escama uma pequena maravilha. Quando Sukeena se arrastou para mais perto, a cobra ergueu a cabeça uns centímetros e fitou-a com os negros olhos raiados. Porém não fez nenhuma tentativa de escapar, deslizando para trás para as profundezas da fenda, como fizera da primeira vez em que a descobrira.

Estava preguiçosa e sonolenta, acalentada pela cocção leitosa com que a alimentara. Depois de um momento, baixou a cabeça de novo e pareceu dormir. Sukeena não foi tentada a fazer qualquer movimento súbito ou apressado. Sabia bem que, das agulhas ósseas da mandíbula superior, o pequeno réptil poderia proporcionar a morte em uma de suas mais horríveis e agonizantes manifestações. Estendeu a mão gentilmente com o forçado e de novo a serpente ergueu a cabeça. Sukeena imobilizou-se, o galho apenas alguns centímetros acima do pescoço esguio do réptil. Lentamente, a pequena cobra abaixou-se de novo na terra, e, conforme sua cabeça se esticou, Sukeena prendeu-a contra a rocha. O animal sibilou baixinho e seu corpo curvou e se enrodilhou em torno do galho que a segurava.

Sukeena levou a mão e segurou-a por trás da cabeça, com dois dedos travados contra os ossos duros do crânio. A serpente enrodilhou o longo corpo sinuoso em torno de seu pulso. Ela segurou-a pela cauda e desenrolou-a, e depois deixou a serpente cair dentro da cesta. No mesmo movimento, fechou a tampa sobre a cobra.

O governador aposentado Kleinhans subiu a bordo do galeão na noite anterior à partida. Antes que a carruagem o levasse para beira-mar, toda a equipe da casa se reunira no terraço fronteiro da residência

para dizer adeus ao ex-patrão. Ele seguiu pela fila, dizendo uma palavra para cada um. Quando chegou a Sukeena, esta fez um gesto gracioso, os dedos juntos a tocarem os lábios, o que fez seu coração doer de amor e anseio por ela.

— Aboli levou sua bagagem para bordo do navio e colocou-a toda em sua cabine — disse ela suavemente. — Sua caixa de remédios está no fundo do baú maior, porém há uma garrafa cheia em sua valise de viagem, que deve durar por vários dias.

— Eu nunca a esquecerei, Sukeena — disse ele.

— E eu jamais o esquecerei, patrão — respondeu ela.

Por um momento louco, ele quase perdeu o controle das emoções. Estava a ponto de abraçar a escrava, mas, então, ela ergueu os olhos, e Kleinhans encolheu-se ao ver o ódio imorredouro naquele olhar.

Quando o galeão zarpou de manhã, com a maré da alvorada, Fredricus veio acordá-lo e ajudá-lo a sair da cama. Enrolou o grosso casaco forrado de pele em torno dos ombros do patrão, e Kleinhans foi até o convés e postou-se na amurada de popa enquanto o navio capturava o vento noroeste e rumava para o Atlântico. Esperou ali até que a grande montanha de topo plano se afundou abaixo do horizonte e sua vista se nublou de lágrimas.

Durante os próximos quatro dias, a dor em seu estômago foi pior do que jamais a conhecera. Na quinta noite, ele acordou depois da meia-noite, os ácidos a lhe esquentar os intestinos. Acendeu a lamparina e levou a mão para a garrafa marrom que poderia lhe dar algum alívio. Quando a sacudiu, estava quase vazia.

Dobrado com a dor, ele levou a lamparina pela cabine e ajoelhou-se diante do maior dos baús. Ergueu a tampa e achou a caixa de teca com remédios que Sukeena lhe dissera que estava ali. Pegou-a e carregou-a até o tampo da mesa contra a antepara, colocando a lamparina para iluminá-la, a fim de que pudesse encaixar a chave de bronze na fechadura.

Levantou a tampa de madeira e assustou-se. Colocada cuidadosamente sobre o conteúdo da caixa, havia uma folha de papel. Leu os caracteres negros e, intrigado, percebeu que era uma cópia antiga do jornal da companhia. Correu os olhos pela página e, conforme se dava conta, seu estômago revoltou-se de náusea. A proclamação estava assinada por ele mesmo. Era uma ordem de morte. A ordem para o interrogatório e execução de um certo Robert David Renshaw. O inglês que fora o pai de Sukeena.

— Que diabos é isso? — esbravejou em voz alta. — A pequena bruxa colocou isso aqui para me recordar de um ato cometido faz muito tempo. Será que nunca irá se compadecer? Pensei que ela estava fora de minha vida para sempre, porém ainda me faz sofrer.

Levou a mão para pegar o papel e rasgá-lo em pedaços, mas, antes que seus dedos o tocassem, houve um som suave e sibilante por baixo da folha e depois um ligeiro movimento.

Alguma coisa o atingiu num bote leve no pulso, e um corpo reluzente e sinuoso deslizou por sobre a beirada da caixa e caiu no convés. Ele saltou para trás, alarmado, porém a coisa desapareceu nas sombras e ele ficou a procurá-la, abismado. Lentamente, tomou consciência de um leve requeimar no pulso e ergueu-o para a luz da lamparina.

As veias do lado interno do pulso salientavam-se como cordas azuis sob a pele pálida, manchada de sardas senis. Ele olhou mais perto do lugar onde havia a sensação de queimação e viu duas minúsculas gotas de sangue brilhando sob a luz da lanterna, como gemas preciosas conforme minavam das punções gémeas. Cambaleou para trás e sentou-se na beirada do beliche, apertando o pulso e fitando as gotas cor de rubi.

Como uma nuvem lenta, uma imagem de longo tempo atrás se formou diante de seus olhos. Ele viu dois pequenos órfãos solenes de pé, mão na mão, diante das cinzas fumegantes de uma pira funerária.

Depois, a dor o engolfou por dentro até que lhe encheu a mente e todo o corpo.

Havia apenas e tão somente a dor agora. Fluía através de suas veias como fogo líquido e enterrava-se até as profundezas de seus ossos. Dilacerava cada ligamento, tendão e nervo em seu corpo. Kleinhans começou a gritar e continuou gritando até o fim.

Algumas vezes, João Lento vinha duas vezes por dia até o calabouço do castelo e se postava no buraco de espia na porta da cela de Sir Francis. Nunca falava. Ficava ali, em silêncio, com uma imobilidade reptiliana, algumas vezes por uns poucos minutos, e outras por uma hora. Por fim, Sir Francis não conseguia olhar para ele. Voltava a face para a parede de pedra, mas ainda assim podia sentir os olhos amarelos cravados em suas costas.

Era um domingo, dia do Senhor, quando Manseer e quatro soldados de gibões verdes vieram buscar Sir Francis. Não disseram nada, porém ele poderia dizer por aquelas faces para onde o levavam. Não conseguiam encará-lo nos olhos, e ostentavam a expressão pesarosa de um grupo de carregadores de féretro.

Fazia um dia frio e ventoso quando Sir Francis pisou no pátio. Embora não chovesse mais, as nuvens que se penduravam baixo pela face da montanha eram de um tenebroso cinza azulado, da cor de uma velha ferida. O calçamento sob seus pés reluzia molhado com o aguaceiro que acabara de passar. Ele tentou controlar o tremer com o vento rude, para que os guardas não pensassem que era de medo.

— Deus o mantenha a salvo! — Uma clara voz juvenil chegou até ele, acima do vento tormentoso, e Sir Francis parou e olhou para o alto. Hal se postava no alto do andaime, os cabelos negros emaranhados e o peito nu molhado e reluzente das gotas de chuva.

Sir Francis ergueu as mãos atadas diante de si e gritou de volta:

— In Arcádia habito! Lembre-se do juramento. Mesmo de tão distante, podia ver a face contraída do filho. Então, seus guardas o impeliram em direção a uma porta baixa que conduzia ao porão abaixo da armaria do castelo. Manseer levou-o pela passagem e pela escada. No fundo, parou e bateu hesitante diante da porta revestida de ferro. Sem esperar por uma resposta, abriu-a e conduziu Sir Francis para dentro. O quarto além estava bem iluminado, com uma dúzia de velas de cera a bruxulear em seus suportes com a corrente de ar da porta aberta. De um lado, Jacobus Hop sentava-se numa escrivaninha. Havia pergaminho e um tinteiro à sua frente, e uma pena em sua mão direita. Ergueu os olhos para Sir Francis, com uma pálida expressão terrificada. Uma zangada espinha vermelha luzia em sua face. Ele baixou rapidamente o olhar, incapaz de fitar o prisioneiro.

Ao longo da parede dos fundos, estava uma armação de um instrumento de tortura. Sua moldura era de teca maciça, a cama longa o suficiente para acomodar o mais alto dos homens com os membros esticados à plena extensão. Havia rodas fortes em cada ponta, com linguetas de ferro e fendas nas quais as alavancas poderiam ser ajustadas. Na parede lateral oposta à mesa do escrivanão, um braseiro fumegava. Em ganchos colocados no teto acima, pendia um arranjo de estranhos e terríveis instrumentos. O fogo irradiava um calor agradável e aconchegante.

João Lento postava-se ao lado da roda. Seu casaco e seu chapéu estavam pendurados num gancho atrás dele. Usava um avental de couro preto de ferreiro.

Uma roda de polia estava fincada no teto e uma corda pendia dele com um gancho de ferro na ponta. João Lento não disse nada enquanto os guardas conduziam Sir Francis para o centro do aposento e passavam o gancho através dos laços que lhe prendiam os pulsos. Manseer puxou a corda pela roldana até que os braços de Sir Francis foram estendidos em pleno comprimento acima de sua cabeça. Embora ambos os pés estivessem firmemente no chão, ele estava indefeso. Manseer saudou João Lento e então ele e seus homens recuaram para fora do quarto e fecharam a porta atrás de si. Os painéis eram de teca sólida, espessa o bastante para impedir que qualquer som passasse por eles.

No silêncio, Hop pigarreou com ruído e leu a transcrição do julgamento pronunciado contra Sir Francis pela corte da companhia. Seu tartamudear era penoso, porém, no fim, ele depositou o documento sobre a mesa e exclamou, com clareza:

— Com Deus por minha testemunha, capitão Courtney, eu desejaria estar a cem léguas deste lugar. Não é um dever que eu aprecie. Imploro ao senhor para que coopere com esta inquisição.

Sir Francis não respondeu, mas olhou com firmeza dentro dos olhos amarelos de João Lento.

Hop pegou o pergaminho mais uma vez, e sua voz tremeu e vacilou conforme ele lia:

— Pergunta número um: está o prisioneiro, Francis Courtney, ciente do paradeiro da carga desaparecida do manifesto do navio da Companhia, o Standvastigheid — Não — retrucou Sir Francis, ainda olhando para os olhos amarelos diante de si. — O prisioneiro não tem conhecimento da carga da qual está falando.

— Imploro para que reconsidere, senhor — murmurou Hop com voz rouca. — Tenho uma disposição delicada. Sofro do estômago.

Para os homens no andaime varrido pelo vento, as horas passavam com agonizante lentidão. Seus olhos se mantinham voltados para a pequena e insignificante porta abaixo dos degraus da armaria. Não havia nenhum som ou movimento vindo dali, até que, de súbito, no meio da fria manhã chuvosa, a porta se abriu e Jacobus Hop saiu precipitadamente para o pátio. Cambaleou até a cerca de prender animais dos oficiais e pendurou-se num dos anéis de ferro como se suas pernas não pudessem mais suportar o peso de seu corpo. Parecia alheio a tudo em torno de si enquanto se postava ofegante como um homem recém-resgatado do afogamento.

Todo o trabalho nas muralhas parou. Hugo Barnard e seus supervisores ficaram calados e tolhidos, a encarar o miserável escrivão. Com cada par de olhos sobre si, Hop dobrou-se subitamente sobre si mesmo e vomitou no calçamento. Enxugou a boca com o verso da mão e olhou ao redor com olhar desvairado como se procurasse uma via de escape.

Arrojou-se para longe da cerca e disparou numa corrida pelo pátio e pelas escadas até os aposentos do governador. Uma das sentinelas no topo das escadas tentou impedi-lo, mas Hop gritou:

— Tenho de falar com Sua Excelência — e lançou-se para a frente, passando por ela.

Irrompeu sem ser anunciado para dentro da câmara de audiência do governador. Van de Velde sentava-se à cabeceira da longa mesa polida. Quatro burgueses da cidade estavam assentados ao lado dele, e ele ria com algo que acabara de lhe ser dito.

A risada morreu em seus lábios gordos quando Hop se postou a tremer no limiar da porta, a face de uma palidez mortal, os olhos cheios de lágrimas. Suas botas estavam lavadas de vômito.

— Como se atreve, Hop? — vociferou van de Velde, enquanto arrancava o corpanzil para fora da cadeira. — Como ousa irromper aqui desse jeito?

— Excelência — gaguejou Hop —, não posso fazer isso. Não posso voltar para aquele quarto. Por favor, não insista que eu o faça. Mande alguma outra pessoa.

— Volte para lá imediatamente — ordenou van de Velde. — Essa é sua última chance, Hop. Eu o advirto, você fará seu dever como um homem ou sofrerá por isso.

— O senhor não compreende. — balbuciava Hop abertamente agora. — Não posso fazer isso. O senhor não tem ideia do que está acontecendo lá. Eu não posso...

— Vá! Vá imediatamente, ou receberá o mesmo tratamento. Hop recuou lentamente, e van de Velde gritou às suas costas:

— Feche essas portas atrás de você, seu verme.

Hop cambaleou de volta pelo pátio silencioso como um cego, os olhos novamente cheios de lágrimas. Diante da pequena porta, parou e encheu-se visivelmente de coragem. Então, lançou-se por ela e

desapareceu da vista dos observadores mudos.

No meio da tarde, a porta se abriu novamente, e João Lento saiu para o pátio. Como sempre, estava vestido nos trajes pretos e com o chapéu alto. Sua face estava serena, e o passo lento e firme, quando ele passou pelos portões do castelo e tomou a avenida pelos jardins em direção à residência.

Minutos depois que ele se fora, Hop irrompeu para fora da armaria e pelo bloco principal. Voltou conduzindo o médico da companhia, que carregava sua maleta de couro, e desapareceu pelas escadas da armaria. Um longo tempo depois, o médico surgiu e falou brevemente com Manseer e seus homens, que estavam esperando à porta.

O sargento fez uma continência, e ele e seus homens desceram as escadas. Quando saíram novamente, Sir Francis estava com eles. Não conseguia caminhar sem ajuda, e suas mãos e pés estavam envoltos em bandagens. Manchas vermelhas já ensopavam os panos.

— Oh, doce Jesus, eles o mataram — murmurou Hal, enquanto eles arrastavam seu pai, as pernas balançando e a cabeça pendida, pelo pátio.

Quase como se tivesse ouvido as palavras, Sir Francis ergueu a cabeça e olhou para ele. Então gritou, numa voz alta e clara:

— Hal, lembre-se de seu juramento!

— Eu o amo, papai! — gritou Hal de volta, engasgado de tristeza, e Barnard desferiu-lhe uma chicotada nas costas.

— Volte ao trabalho, seu bastardo.

Naquela noite, conforme a fila de condenados se arrastava pela escada que passava pela porta da cela de seu pai, Hal parou e exclamou, suavemente:

— Rezo a Deus e a todos os Seus santos para que o protejam, papai.

Ouviu o pai mover-se na palha sussurrante e então, depois de um longo momento, sua voz:

— Obrigado, meu filho. Deus nos conceda a ambos a força para suportar os dias à frente.

Por detrás das venezianas de seu quarto, Katinka viu a alta figura de João Lento caminhar pela avenida, vindo do campo. Passou fora de sua vista por trás do muro de pedra ao fundo dos gramados, e ela soube que ele ia diretamente para sua cabana. Esperara metade do dia por sua volta e estava impaciente. Colocou o chapéu na cabeça, inspecionou a própria imagem no espelho e não ficou satisfeita. Pegou um cacho de cabelo, arrumou-o com cuidado por sobre o ombro e então sorriu para o reflexo e saiu do quarto pela pequena porta que dava para a varanda dos fundos. Seguiu a trilha pavimentada sob as videiras nuas que cobriam a pérgula, destituídas de suas últimas folhas acastanhadas pela chegada dos ventos do inverno.

A cabana de João Lento situava-se sozinha à fímbria da floresta. Não havia pessoa na colônia, não importava quão inferior fosse sua situação, que o quisesse como vizinho. Ao se aproximar, Katinka encontrou a porta da frente aberta e entrou sem um instante de hesitação. O único cómodo era nu como uma cela de eremita. O chão estava coberto com esterco de vaca, e o ar recendia a fumaça e urina e às cinzas frias do fogão aberto. Uma única cama, uma única mesa e uma única cadeira eram a mobília.

Ao parar no centro do cómodo, ouviu o barulho de água no quintal dos fundos e seguiu o som. João Lento estava ao lado do cocho de água. Nu até a cintura, recolhia água do cocho com um balde de couro e a despejava por sobre a cabeça.

Ergueu o olhar para ela, com a água a escorrer dos cabelos ensopados pelo peito e braços. Seus membros estavam cobertos com a musculatura lisa e rija de um lutador profissional, ou, como ela pensou extravagantemente, um gladiador romano.

— Não está surpreso por me ver aqui — constatou Katinka. Não era uma pergunta, pois ela podia ver a resposta naquele olhar direto.

— Eu a estava esperando. Estava esperando a deusa Kali. Ninguém mais ousaria vir aqui — disse ele.

Katinka pestanejou diante daquela forma incomum de tratamento. Sentou-se no muro baixo de pedra ao lado da bomba e ficou calada por um instante. Então, perguntou:

— Por que me chama assim? — A morte de Zelda forjara um elo estranho e místico entre eles.

— Em Trincomalee, na bela ilha do Ceilão, ao lado da sagrada lagoa do Elefante, ergue-se o templo de Kali. Fui lá todos os dias em que estive na colônia. Kali é a deusa hindu da morte e da destruição. Eu a venero.

Ela percebeu então que ele era louco. A constatação intrigou-a e fez os finos pêlos descorados de seus braços se eriçarem.

Ficou sentada por um longo tempo, em silêncio, e observou-o completar a toalete. Ele espargiu a água dos cabelos com ambas as mãos e depois enxugou os braços magros e duros com um pedaço de pano. Puxou as ceroulas e depois pegou o casaco escuro de onde pendurara num gancho sobre a parede, enfiou-se dentro dele e abotoou-o até o queixo.

Por fim, encarou-a.

— Você veio ouvir sobre meu pequeno pardal.

Com aquela bela e melodiosa voz, ele poderia ser um pregador ou um tenor de ópera, pensou ela.

— Sim — disse Katinka. — Foi por isso que vim.

Era como se ele pudesse ler-lhe os pensamentos. Ele sabia exatamente o que ela queria e começou a falar sem hesitação. Contou-lhe o que acontecera naquele dia no quarto abaixo da armaria. Não omitiu nenhum detalhe. Quase cantava as palavras, fazendo os terríveis atos que descrevia soarem tão nobres e inevitáveis como as letras de alguma tragédia grega. Transportou-a, tanto que ela se abraçou e começou a se embalar lentamente para trás e para a frente no muro, enquanto ouvia.

Quando ele terminou de falar, ela continuou sentada por um longo tempo com uma expressão venturosa na face adorável. Por fim, estremeceu suavemente e disse:

— Pode continuar a me chamar de Kali. Mas somente quando estivermos sozinhos. Ninguém mais deve ouvi-lo pronunciar esse nome.

— Obrigado, deusa.

Os pálidos olhos luziram com um fervor quase religioso enquanto ele a observava seguir pelo portão do muro.

Ali, ela parou e, sem olhar para ele, perguntou:

— Por você o chama de seu pequeno pardal? João Lento deu de ombros.

— Porque, desse dia para frente, pertence a mim. Todos pertencem mim e à deusa Kali, para sempre.

Katinka sentiu um pequeno arrepio de êxtase com as palavras e, então, seguiu pela trilha através do jardim, rumo à residência. A cada passo do caminho, podia sentir o olhar de João Lento sobre si.

Sukeena esperava por ela quando ela retornou à residência. — A senhora mandou me chamar, patroa. — Venha comigo, Sukeena. Conduziu a jovem até seu quarto de vestir e sentou-se na chaise-longue de frente para a janela com venezianas. Fez um gesto a Sukeena para que se postasse diante dela.

— O governador Kleinhans falou muitas vezes sobre suas habilidades como médica — disse Katinka. — Quem lhe ensinou?

— Minha mãe era uma estudiosa. Em tenra idade, eu saía com ela para colher plantas e ervas. Depois de sua morte, estudei com meu tio.

— Conhece as plantas daqui? Não são diferentes daquelas da terra em que nasceu?

— Existem algumas que são as mesmas; outras, eu aprendi a conhecer por mim mesma.

Katinka já sabia de tudo isso por meio de Kleinhans, mas apreciava a música da voz da escrava.

— Sukeena, ontem minha égua tropeçou e quase me lançou fora da ela. Minha perna foi pega no arção e tenho uma marca feia. Minha

pele se machuca facilmente. Tem em sua caixa de medicamentos algum que possa me curar?

— Sim, patroa.

— Aqui! — Katinka recostou no sofá e puxou as saias acima dos joelhos. Lenta e sensualmente, enrolou para baixo uma das meias brancas. — Olhe! — ordenou, e Sukeena ajoelhou-se com graça no tapete de seda em frente a ela. Seu toque tão suave sobre a pele era como o de uma borboleta esvoaçando sobre uma flor, e Katinka suspirou. — Posso sentir que você tem mãos que curam.

Sukeena não respondeu, e uma mecha de seus cabelos negros escondeu-lhe os olhos.

— Que idade você tem? — perguntou Katinka.

Os dedos de Sukeena se imobilizaram por um instante e depois se moveram para examinar o hematoma que se espalhava em torno do verso do joelho de sua patroa.

— Nasci no ano do tigre — disse ela — portanto, em meu próximo aniversário terei dezoito anos de idade.

— Você é muito bonita, Sukeena. Mas creio que já sabe disso, não?

— Não me sinto bonita, patroa. Não creio que uma escrava possa alguma vez se sentir bonita.

— Que ideia singular. — Katinka não escondeu a irritação com aquela reviravolta na conversa. — Diga-me, seu irmão é tão bonito como você?

De novo, os dedos de Sukeena tremeram sobre a pele de Katinka. Ah! Aquela cutucada achara seu alvo. Katinka sorriu suavemente em silêncio, e depois indagou:

— Ouviu minha pergunta, Sukeena?

— Para mim, Althuda é o homem mais bonito que já viveu sobre a terra — retrucou baixinho Sukeena, e, em seguida, lamentou-se por dizer aquilo. Sabia instintivamente que era perigoso permitir que aquela mulher descobrisse as áreas em que era mais vulnerável, porém não poderia mais retirar as palavras.

— Que idade tem Althuda?

— Ele é três anos mais velho que eu. — Sukeena manteve os olhos baixos. — Preciso buscar meus remédios, patroa.

— Esperarei — retrucou Katinka. — Seja rápida.

Katinka recostou-se de novo contra as almofadas e sorriu ou franziu a testa diante da vívida procissão de imagens e palavras que lhe correram pela mente. Sentia-se ansiosa e alvoroçada, e, ao mesmo tempo, inquieta e insatisfeita. As palavras de João Lento ressoavam-lhe na cabeça como sinos de catedral. Perturbavam-na. Não conseguia ficar quieta um momento mais. Levantou-se e andou pelo quarto de vestir como um leopardo em caça.

— Onde está aquela garota? — indagou, e, então, teve um vislumbre do próprio reflexo no espelho e voltou-se para estudá-lo. — Kali! — murmurou, e sorriu. — Que nome maravilhoso. Que nome secreto e esplêndido.

Viu a imagem de Sukeena aparecer no espelho atrás de si, porém não se voltou de imediato. Avaliou as duas faces juntas e sentiu a excitação mudar seus nervos e cantar através das veias.

— Tenho unguento para seu machucado, patroa. — Sukeena estava perto, atrás dela, porém seus olhos eram imperscrutáveis.

— Obrigada, meu pequeno pardal — murmurou Katinka. Quero que você pertença a mim para sempre, pensou. Quero que pertença a Kali.

Voltou para o sofá, e Sukeena ajoelhou-se diante dela outra vez. A princípio, o unguento era frio na pele de sua perna e depois um cálido calor se espalhou. Os dedos de Sukeena eram hábeis e capazes.

— Detesto ver algo bonito destruído sem necessidade — murmurou Katinka. — Você disse que seu irmão é bonito. Você o ama muito, Sukeena?

Quando não houve nenhuma resposta, Katinka estendeu a mão e empalmou o queixo de Sukeena. Ergueu-lhe a face para que pudesse fitá-la dentro dos olhos. A agonia que viu ali fez seu pulso disparar.

— Meu pobre e pequeno pardal — disse. Toquei o lugar mais profundo em sua alma, exultou por dentro. Ao tirar a mão, deixou os dedos traçarem uma trilha pela face da garota.

— Vim faz pouco da casa de João Lento — murmurou —, mas você me viu no caminho. Estava me observando, não estava?

— Sim, patroa.

— Devo repetir o que João Lento me contou? Devo lhe falar sobre o seu quarto especial no castelo, e o que acontece lá? — Katinka não esperou pela resposta da garota, e começou a narrativa terrível com tranquilidade. Quando os dedos de Sukeena se imobilizaram, ela interrompeu a narrativa para ordenar: — Não pare o que está fazendo, Sukeena. Você tem um toque mágico.

Quando, por fim, Katinka terminou de falar, Sukeena chorava sem um som. Suas lágrimas eram lentas e viscosas como gotas de óleo espremido das prensas de olivas. Brilhavam contra o ouro avermelhado de suas faces. Depois de alguns instantes, Katinka perguntou:

— Há quanto tempo seu irmão está aqui nno castelo? Ouvi dizer que faz quatro meses que ele voltou das montanhas para buscá-la. Um longo tempo, e ele não foi julgado e nenhuma sentença foi passada contra ele.

Katinka esperou, deixando os momentos se escoarem, numa lenta gota por vez, devagar como as lágrimas da jovem.

— O governador Kleinhans foi negligente, ou foi persuadido por alguém, suponho. Porém, meu marido é um homem enérgico e dedicado. Não deixará a justiça ser negada. Nenhum renegado pode escapar dele por muito tempo.

Agora Sukeena não mais fazia qualquer gesto de fingimento; fitava Katinka com um olhar ferido quando esta continuou:

— Ele mandará Althuda para o quarto secreto com João Lento. Althuda não mais será bonito. Que pena. Podemos evitar que isso aconteça?

— Patroa — murmurou Sukeena —, seu marido, ele tem o poder. Está nas mãos dele.

— Meu marido é um servo da companhia, um servo leal e incorruptível. Não fugirá a seu dever.

— Patroa, a senhora é tão bonita. Nenhum homem pode lhe negar alguma coisa. A senhora pode persuadi-lo. — Sukeena baixou lentamente a cabeça e pousou-a sobre o joelho nu de Katinka. — Com todo meu coração, com toda minha alma, eu lhe imploro, patroa.

— O que faria para salvar a vida de seu irmão? — perguntou Katinka. — Que preço pagaria, meu pequeno pardal?

— Não há nenhum preço demasiado alto, nenhum sacrifício ao qual eu pudesse me recusar. Qualquer coisa e tudo o que pedir de mim, patroa.

— Não podemos esperar que ele seja posto em liberdade, Sukeena. Compreende isso, não compreende? — indagou Katinka, gentilmente. Nem eu jamais desejaria isso, pensou, pois enquanto o irmão estiver no castelo, o pequeno pardal estará em segurança na minha gaiola.

— Eu nem mesmo me permitiria esperar por isso.

Sukeena ergueu a cabeça e de novo Katinka empalmou-lhe o queixo, desta vez com ambas as mãos, e inclinou-se para a frente num gesto lento.

— Althuda não morrerá. Nós o salvaremos de João Lento, você e eu — prometeu, e beijou Sukeena em plena boca. Os lábios da garota estavam molhados de lágrimas. Tinham o sabor quente de sal, quase



como o de sangue.

Sukeena abriu lentamente os lábios, como as pétalas de uma orquídea a se afastar para o bico do beija-flor em sua busca pelo néctar.

Althuda. Sukeena fortaleceu-se com o pensamento no irmão, quando, sem romper o beijo, Katinka tomoulhe a mão e deslizou-a lentamente para baixo das saias até que pousavam em seu macio ventre branco. Althuda, isso é por você e somente por você, disse a si mesma Sukeena em silêncio, enquanto fechava os olhos e obrigava os dedos a correrem timidamente sobre o ventre acetinado e para baixo, para dentro do ninho de finos e densos pêlos dourados, na base.

Odia seguinte amanheceu com um céu sem nuvens. Embora o ar estivesse frio, o sol era brilhante e o vento cessara. Do andaime, Hal vigiava a porta fechada dos calabouços. Daniel se postava perto, a seu lado; ao tomar a parte do trabalho de Hal em seus ombros largos, ele o protegia da chibata de Barnard.

Quando João Lento veio pelos portões e cruzou o pátio para a armaria, com seus passos medidos de agente funerário, Hal encarou com olhos rasos d'água. De súbito, quando ele passou por baixo do andaime, Hal apoderou-se do pesado martelo do pedreiro que jazia nas pranchas a seus pés e ergueu-o para girá-lo para baixo e arrebentar o crânio do carrasco. Porém, o punho forte de Daniel se fechou em torno de seu pulso. Daniel soltou o martelo do aperto de Hal como se tomasse um brinquedo de uma criança e colocou-o no topo da muralha, fora de seu alcance.

— Por que fez isso? — protestou Hal. — Eu poderia ter matado o porco.

— Sem nenhuma finalidade — disselhe Daniel, com compaixão. — Você não pode salvar Sir Francis matando um subalterno. Iria sacrificar sua própria vida e não conseguiria nada com isso. Eles simplesmente mandariam outro cuidar de seu pai.

Manseer trouxe Sir Francis para cima, dos calabouços. O prisioneiro não conseguia caminhar sem ajuda, com seus pés quebrados e em bandagens, porém sua cabeça estava alta quando o arrastaram pelo pátio.

— Papai! — gritou Hal, atormentado. — Não posso deixar isso acontecer.

Sir Francis ergueu o olhar para ele e gritou numa voz alta o bastante para chegar até ele, no alto da muralha.

— Seja forte, meu filho. Pelo meu bem, seja forte. Manseer forçou-o a descer os degraus para baixo da armaria.

O dia foi longo, mais longo que qualquer um que Hal já tivesse vivido, e o lado norte do pátio estava imerso em sombras profundas quando, por fim, João Lento reapareceu de sob a armaria.

— Desta vez, matarei o porco venenoso — esbravejou Hal, mas Daniel o conteve de novo num aperto do qual ele não pôde se livrar, enquanto o carrasco caminhava lentamente por debaixo do andaime e para fora Pelos portões do castelo.

Hop surgiu precipitadamente no pátio, sua face lívida. Convocou o médico da companhia, e os dois homens desapareceram mais uma vez pelas escadas. Desta vez, os soldados trouxeram Sir Francis para fora numa maca.

— Papai! — gritou Hal para ele, porém não houve nem resposta nem sinal de vida em retorno.

— Eu o avisei por muitas vezes — berrou Hugo Barnard para ele. Seguiu em passos largos pelas pranchas e desferiu uma dúzia de chicotadas nas costas de Hal.

Hal não fez menção de impedir os golpes, e Barnard recuou, atónito, ao ver que ele não mostrava dor.

— Qualquer conversa imbecil a mais e eu lançarei os cães contra você — prometeu, ao se afastar.

Enquanto isso, no pátio, o médico da companhia olhava muito sério enquanto os soldados carregavam a forma inconsciente de Sir Francis de volta à cela. Depois, acompanhado por Hop, rumou para os aposentos do governador, do lado sul do pátio.

Van de Velde ergueu os olhos com irritação dos papéis que enchiam sua mesa.

— Sim? O que é, Dr. Saar? Sou um homem ocupado. Espero que não tenha vindo aqui desperdiçar meu tempo.

— É o prisioneiro, Excelência. — O médico parecia atrapalhado e arrependido ao mesmo tempo.

Van de Velde não permitiu que ele continuasse, mas voltou-se para Hop, que se postava nervosamente atrás do doutor, torcendo o chapéu nos dedos.

— Bem, Hop, o pirata já sucumbiu? Disse-nos o que queremos saber? — gritou, e Hop retraiu um passo.

— Ele é muito teimoso. Eu não teria acreditado que fosse possível, que algum ser humano... — Interrompeu-se, num longo e atormentado gaguejar.

— Eu o considero responsável, Hop. — berrou van de Velde ameaçadoramente, erguendo-se de por detrás da escrivaninha. Aquencia-se para a diversão de humilhar o miserável escrivão, porém o médico interveio.

— Excelência, temo pela vida do prisioneiro. Outro dia de interrogatório... ele pode não sobreviver.

Van de Velde voltou-se para ele agora.

— Isso, doutor, é o objetivo principal desse negócio todo. Courtney é um homem condenado à morte. Morrerá, e você tem minha palavra solene quanto a isso. — Recuou e abaixou o corpanzil para a cadeira macia. — Não venha aqui para me dar notícias de seu iminente falecimento. Tudo que quero saber de você é se ele é ou não ainda capaz de sentir dor, e se é capaz de falar ou pelo menos dar algum sinal de compreender a pergunta. Bem, e então, doutor? — Van de Velde encarou com olhos fuzilantes.

— Excelência — o doutor removeu os óculos e poliu as lentes vigorosamente enquanto compunha uma resposta. Sabia o que van de Velde queria ouvir e sabia também que não era boa política negar-lhe isso —, no momento o prisioneiro não está compôs mentis.

Van de Velde fez uma careta e interrompeu-o.

— E as decantadas habilidades do carrasco? Pensei que ele jamais tivesse perdido um prisioneiro, não sem intenção, de qualquer modo.

— Senhor, não estou depreciando as habilidades do carrasco do estado. Tenho certeza que, amanhã, o prisioneiro terá recobrado a consciência.

— Quer dizer que amanhã ele estará saudável o suficiente para continuar o interrogatório?

— Sim, Excelência. Essa é minha opinião.

— Bem, Mijnheer, eu o responsabilizarei por isso. Se o pirata morrer antes que possa ser formalmente executado de acordo com o julgamento da corte, você responderá a mim. O populacho precisa ver a justiça feita. Não é nada bom que o homem passe desta vida para outra pacificamente num quarto fechado abaixo das muralhas. Queremos que esteja lá fora, no passeio, para todos verem. Quero que façam dele um exemplo, compreende?

— Sim, Excelência. — O doutor recuou até a porta.

— Você também, Hop. Compreendeu, estúpido? Quero saber onde ele escondeu a carga do galeão e, depois, quero uma boa e vibrante execução. Para seu próprio bem, é melhor arranjar ambas essas coisas.

— Sim, Excelência.

— Quero falar com João Lento. Mande-o até mim antes que comece a trabalhar amanhã de manhã. Quero me certificar de que ele compreende plenamente suas responsabilidades.

— Trarei o carrasco eu mesmo — prometeu Hop.

Mais uma vez estava escuro quando Hugo Barnard parou o trabalho nas muralhas e ordenou que as filas de prisioneiros exaustos descessem para o pátio. Quando Hal passou Pela cela do pai, no caminho para a escada, chamou desesperadamente Por ele:

— Papai, pode me ouvir?

Quando não houve resposta, socou a porta com ambos os punhos.

— Papai, fale comigo. Em nome de Deus, fale comigo! — Por uma vez, Manseer foi indulgente. Não fez menção de forçar Hal a descer a escada, e Hal implorou de novo: — Por favor, papai. É Hal, seu filho. Não me reconhece?

— Hal — crocitou uma voz que ele não reconheceu. — E você, meu garoto?

— Oh, Deus! — Hal caiu de joelhos e comprimiu a testa contra o painel. — Sim, papai. Sou eu.

— Seja forte, meu filho. Isso não vai durar muito tempo, porém eu lhe peço: se me ama, então mantenha o juramento.

— Não posso deixá-lo sofrer. Não posso permitir que isso continue.

— Hal! — A voz de seu pai estava de repente poderosa de novo. — Não há mais sofrimento. Passei desse ponto. Eles não podem me ferir agora, a não ser através de você.

— O que posso fazer para tranquilizá-lo? Diga-me, o que posso fazer? — implora Hal.

— Só existe apenas uma coisa que você pode fazer agora. Deixe-me levar comigo a constatação de sua resistência e de sua fortaleza. Se me falhar agora, tudo terá sido em vão.

Hal mordeu os nós dos dedos do punho fechado, arrancando sangue na inútil tentativa de sufocar os soluços. A voz de seu pai soou novamente.

— Daniel, está aí?

— Sim, capitão.

— Ajude-o. Ajude meu filho a ser um homem.

— Eu lhe prometo, capitão.

Hal ergueu a cabeça, e sua voz saiu mais forte.

— Não preciso de ninguém para me ajudar. Mantereí minha fé com o senhor, papai. Não trairei sua confiança.

— Adeus, Hal. — A voz de Sir Francis começou a fenecer, como se ele caísse num poço infinito. — Você é meu sangue e minha promessa de vida eterna. Adeus, minha vida.

Na manhã seguinte, quando carregaram Sir Francis para cima, do calabouço, Hop e o Dr. Saar caminhavam de cada lado da maca. Eram ambos homens preocupados, pois não havia nenhum sinal de vida na figura quebrada que jazia entre os dois. Mesmo quando Hal desafiou o chicote de Barnard e chamou o pai das muralhas, Sir Francis não ergueu a cabeça. Eles o levaram para baixo pela escada até onde João Lento já esperava, mas em questão de uns poucos minutos os três saíram à luz do sol, Saar, Hop e João Lento, e ficaram a conversar baixinho por um curto espaço de tempo. Depois, seguiram juntos para os aposentos do governador e subiram as escadas.

Van de Velde estava de pé ao lado da janela envidraçada, espiando os navios que jaziam ancorados à beira-mar. Na noite passada, outro galeão da companhia chegara à baía da Mesa, e ele esperava que o capitão do navio o visitasse para lhe apresentar os respeitos e um pedido de provisões e mercadorias. Van de Velde voltou-se impaciente da janela para encarar os três homens, quando estes entraram em seu escritório.

— Ja, Hop? — Encarou a vítima favorita. — Lembrou-se de minhas ordens por uma vez, hein? Trouxe o carrasco do estado para falar comigo. — Virou-se para João Lento. — Então, o pirata lhe disse onde escondeu o tesouro? Vamos, camarada, fale de uma vez.

A expressão de João Lento não se alterou quando ele disse, com suavidade:

— Trabalhei com cuidado para não danificar o respondente além da utilidade. Porém, estou perto do final. Logo, ele não mais ouvirá minha voz, nem será sensível a qualquer persuasão a mais.

— Você falhou? — A voz de van de Velde tremia de raiva.

— Não, ainda não — disse João Lento. — Ele é forte. Eu jamais teria acreditado o quanto era forte. Porém, ainda há a roda. Não creio que ele seja capaz de suportar a roda. Nenhum homem pode resistir à roda.

— Você não a usou ainda? — indagou van de Velde. — Por que não?

— Para mim, é o último recurso. Uma vez que tenha sido posto na roda, nada sobrar. É o fim.

— Irá funcionar com esse pirata? — quis saber van de Velde. — O que acontecerá se ele ainda resistir?

— Então, restarão apenas o cadafalso e o patíbulo — disse João Lento.

Lentamente van de Velde voltou-se para o Dr. Saar.

— É essa a sua opinião, doutor?

— Excelência, se o senhor exige uma execução, então ela deveria ser levada a efeito tão logo o homem seja tirado da roda.

— Tão logo quando? — indagou van de Velde.

— Hoje. Antes do cair da tarde. Depois de ser colocado na roda, ele não durará até a noite.

Van de Velde voltou-se para João Lento.

— Você me desapontou. Estou desgostoso. — João Lento nem pareceu ouvir a reprimenda. Seus olhos nem mesmo piscaram ao encarar van de Velde. — Contudo, devemos fazer o que for possível para encenar do melhor modo este triste assunto. Ordenarei a execução para as três horas desta tarde. Nesse ínterim, você vai voltar lá e colocar o pirata na roda.

— Compreendo, Excelência — disse João Lento.

— Você me falhou uma vez. Não falhe de novo. Ele precisa estar vivo quando for para o cadafalso. — Van de Velde virou-se para o escrivão. — Hop, mande mensageiros pela cidade. Estou declarando feriado o resto do dia por toda a colônia, exceto para o trabalho nas muralhas do castelo, é claro. Francis Courtney será executado às três horas desta tarde. Cada burguês na colônia deve estar lá. Quero que todos vejam como lidamos com um pirata. Oh, a propósito, certifique-se de que Mevrouw van de Velde seja informada. Ela ficará muito zangada se perder a diversão.

As duas da tarde, trouxeram Sir Francis Courtney numa maca da cela abaixo da armaria. Não se importaram em cobrir seu corpo nu. Mesmo do alto da muralha sul do castelo, e com a vista borrada pelas lágrimas, Hal podia ver que o corpo do pai fora grotescamente deformado pela roda. Cada uma das grandes articulações em seus membros, ombros e pelve estava deslocada, inchada e com hematomas de um negro púrpura.

Um destacamento de execução de gibões-verdes foi encaminhado para o pátio. Liderados por um oficial com a espada desembainhada, eles rodearam a maca. Vinte homens marchavam em frente, e vinte seguiam atrás, os mosquetes a tiracolo. O rataplã do tambor da morte marcava o passo. A procissão serpeou pelos portões do castelo para fora, para o campo.

Daniel colocou o braço em torno do ombro de Hal, enquanto o rapaz observava, a face pálida e tremendo, ao vento glacial. Hal não fez menção de se afastar dele. Os marinheiros que tinham cobertas nas cabeças as tiraram, a arrumar os trapos sujos e todos postados de pé, sérios e mudos conforme o pelotão passou por baixo deles.

— Deus o abençoe, capitão — gritou Ned Tyler. — O senhor foi tão bom como homem quanto uma vela içada! — Houve um burburinho e um viva desigual dos outros, e um dos enormes cães pretos de Hugo Barnard uivou pesarosamente, um som estranho e angustiante.

Lá fora, no campo, a multidão esperava em torno do patíbulo em tenso e ansioso silêncio. Cada alma viva na colônia parecia ter respondido à convocação. Acima de suas cabeças, João Lento aguardava, no alto da plataforma. Usava seu avental de couro, e sua cabeça estava coberta com a máscara do ofício, a

máscara da morte. Seus olhos e sua boca eram tudo que mostrava através das aberturas no pano preto.

Conduzida pelo tambor, a procissão marchou com passo lento e medido em direção a ele, e João Lento esperou com os braços cruzados no peito. Porém, mesmo ele virou a cabeça conforme a carruagem do governador desceu pela avenida através dos jardins e cruzou o campo. João Lento inclinou-se para o governador e sua esposa enquanto Aboli guiava os seis cavalos cinzentos para o pé do cadafalso e fazia o veículo estacionar.

Os olhos amarelos de João Lento encontraram os de Katinka através das fendas do pano preto. Ele se inclinou novamente, desta vez diretamente para ela. Katinka sabia, sem que palavras fossem ditas, que ele estava dedicando o sacrifício a ela, à sua deusa Kali.

— Ele não tem nenhuma razão para se portar com tamanha pretensão. O estúpido fez uma porcaria de trabalho até agora — resmungou com raiva van de Velde. — Matou o homem sem arrancar uma palavra dele. Não sei o que seu pai e os outros membros dos Dezesete irão dizer quando souberem que a carga está perdida. Vão me culpar, é claro. Sempre fazem isso.

— Como sempre, você me terá para protegê-lo, meu querido marido — disse ela, e levantou-se na carruagem para ter uma visão melhor.

A escolta parou ao pé do patíbulo, e a maca com a figura imóvel foi erguida e colocada aos pés de João Lento. Um longo murmúrio subiu dos espectadores quando o carrasco se ajoelhou ao lado dela para dar início à sua medonha tarefa.

Um pouco mais tarde, quando a multidão deixou escapar um rugido lascivo, feito de excitação e horror e prazer obscuro, os cavalos cinzentos se agitaram e dançaram nervosamente nas travessas com o som e o cheiro de sangue humano fresco. Com uma expressão impassível e mãos gentis nas rédeas, Aboli os conteve e os trouxe de volta ao controle Lentamente, desviou a cabeça do pavoroso espetáculo que tinha lugar diante de seus olhos e olhou para as muralhas inacabadas do castelo.

Reconheceu a figura de Hal entre os outros condenados. Ele se postava quase tão alto como Daniel Grande agora, e tinha a compleição e o jeito de um homem plenamente maduro. Porém, ainda tinha um coração de menino. Não conseguia se defrontar com aquela coisa. Nenhum homem ou garoto jamais deveria ver o pai morrer. O próprio coração enorme de Aboli ficou como se fosse estourar a barreira de seu peito, porém sua face ainda continuava impassível sob as cicatrizes das tatuagens. Olhou de volta para o patíbulo enquanto o corpo de Sir Francis Courtney subia lentamente no ar e a multidão berrava novamente. A pressão de João Lento na corda era suave e segura enquanto erguia Sir Francis da maca pelo pescoço. Isso requeria um toque delicado, para não esmagar as vértebras e pôr um fim a tudo com brevidade. Era uma questão de orgulho para ele que o último espasmo de vida não fosse arrancado daquela concha quebrada até depois da evisceração.

Com firmeza, Aboli desviou os olhos e fitou de novo a figura deplorável e trágica de Hal Courtney nas muralhas do castelo. Não deveríamos nos lamentar por ele, Gundwane. Ele foi um homem e viveu a vida de um homem. Velejou por todos os oceanos e lutou como um guerreiro deve lutar. Conhecia as estrelas e os modos dos homens. Não chamou a nenhum homem de patrão e não se desviou de nenhum inimigo. Não, Gundwane, não deveríamos nos lamentar por ele, você e eu. Ele jamais morrerá enquanto viver em nossos corações.

Por quatro dias, o corpo desmembrado de Sir Francis Courtney permaneceu em exibição pública. Cada manhã, assim que a luz se firmava, Hal olhava das muralhas e via que ainda estava dependurado lá. As gaiotas vinham da praia numa nuvem barulhenta de asas pretas e brancas e brigavam aos gritos pelo festim. Quando estavam satisfeitas, empoleiravam-se na cerca do patíbulo e lavavam as pranchas com as fezes líquidas.

Pela primeira vez, Hal detestou a clareza da própria visão, que não o poupava de nenhum detalhe da

terrível transformação que ocorria enquanto observava. No terceiro dia, os pássaros tinham arrancado a carne do crânio de seu pai, de maneira que ele sorria para o céu com as órbitas vazias. Os burgueses que cruzavam o campo aberto a caminho do castelo andavam contra o vento no cadafalso em que ele se pendurava, e as damas levavam saches de ervas secas às faces quando passavam.

Contudo, no amanhecer do quinto dia, quando Hal olhou para baixo, o patíbulo estava vazio. Os restos patéticos de seu pai não mais se penduravam lá, e as gaiotas tinham voltado para a praia.

— Graças ao Senhor misericordioso — murmurou Ned Tyler para Daniel. — Agora, o jovem Hal pode começar a se curar.

— Contudo, é bem estranho que tenham tirado o cadáver tão cedo.

— Daniel estava intrigado. — Eu não julgava que van de Velde pudesse ser tão compassivo.

Sukeena lhe mostrara como se esgueirar pela fresta de uma das pequenas janelas dos fundos do alojamento dos escravos e passar o corpo grande por ela. O guarda da noite tornara-se relapso com os anos, e Aboli teve pouca dificuldade em se evadir da vigia. Por três noites consecutivas, ele escapara do alojamento dos escravos. Sukeena o advertira de que deveria retornar pelo menos duas horas antes do amanhecer, pois, nessa hora, a guarda iria despertar e fazer uma mostra de vigilância para impressionar a equipe da casa.

Assim que pulou os muros, Aboli levou menos de uma hora para correr pela escuridão até os limites da colônia, marcada por uma cerca de amendoeiras amargas plantada por ordem do governador. Embora a cerca fosse ainda raquítica e houvesse mais aberturas que barreiras em sua extensão, era uma linha que nenhum burguês poderia ultrapassar sem a permissão do governador. Por outro lado, nenhuma das dispersas tribos hotentotes que habitavam a ilimitada vastidão de planícies, montanhas e florestas além tinha autorização de cruzar a cerca e entrar na colônia. Por ordens da companhia, seriam recebidos a tiros ou enforcados se transgredissem o limite. A VOC não mais estava disposta a tolerar a traição dos selvagens, seus modos furtivos de ladrões ou suas bebedeiras quando conseguiam colocar as mãos em aguardente. A despudorada Prostituição de suas mulheres, que ergueriam as saias de couro por um punhado de contas ou uma bugiganga vistosa, era uma ameaça para a moral dos burgueses tementes a Deus da colônia. Homens de tribos selecionadas que poderiam ser úteis como soldados e criados tinham permissão para permanecer na colônia, porém os restantes foram expulsos para a terra inculta à qual pertenciam.

A cada noite, Aboli cruzava aquele limite de faz-de-conta e explorava como um silencioso fantasma negro aquela larga expansão cortada da montanha da Mesa e seu bastião de colinas mais baixas da amplitude principal do interior africano. Os animais selvagens não haviam abandonado aquelas planícies, pois a poucos caçadores brancos era permitido deixar os confins da colônia para persegui-los. Ali, Aboli ouvia novamente o coro hostil e de parar o coração de um bando de leões caçadores do qual se lembrava desde a infância. Os leopardos vagueavam e tossiam nas moitas, e, muitas vezes, assustavam hordas não vistas de antílopes, cujos cascos ecoavam como tambores pela noite.

Aboli precisava de um touro preto. Por duas vezes vira um deles muito de perto enquanto farejava a manada de búfalos no mato cerrado. O cheiro o lembrava dos rebanhos de cabra de seu pai, dos quais cuidava quando criança, antes da circuncisão. Ouvira o grunhir dos grandes animais e o mugido dos bezerros, seguira as marcas profundas dos cascos e vira montes de suas fezes úmidas ainda fumegando ao luar. Porém, a cada ocasião, conforme se aproximava do rebanho, o vento o traíra. Eles o tinham sentido e disparado em confusão pelo mato, galopando até que o som de sua fuga mergulhava em silêncio. Aboli não os poderia perseguir mais, pois passava de meia-noite e ele estava ainda a horas de distância da cerca de amendoeiras amargas e de sua cela no alojamento dos escravos.

Na terceira noite, ele teve a chance de se esgueirar para fora da janela do alojamento uma hora antes

daquela que Sukeena lhe dissera ser prudente. Um dos cães correu para ele, porém, antes que pudesse alertar o vigia, Aboli acalmou-o com um assobio suave. O cão o reconheceu e lhe cheirou a mão. Ele afagou-lhe a cabeça e murmurou algumas palavras na linguagem da floresta, deixando-o a ganir baixinho e a agitar a cauda enquanto se esgueirava pelo muro como uma sombra escura sob a lua.

Durante suas incursões anteriores, ele descobrira que, a cada noite, a manada de búfalos deixava as profundezas da densa floresta para beber num poço a um quilómetro ou mais além da cerca de fronteira. Sabia que, se cruzasse o limite antes da meia-noite, seria capaz de alcançar os animais enquanto ainda estivessem na água. Era sua melhor chance de poder divisar um touro e se aproximar rastejando.

Do buraco de uma árvore à fimbria da floresta, ele retirou o arco que havia cortado e talhado de um galho de oliveira silvestre. Sukeena furtara a única cabeça de flecha de ferro da coleção de armas que o governador Kleinhans reunira durante seu serviço nas índias, que agora se pendurava nas paredes da residência. Era improvável que fosse notado o sumiço da peça entre as dúzias de espadas, escudos e facas que compunham a coleção.

— Eu a devolverei a você — prometera ele a Sukeena. — Não a farei sofrer pela sua perda.

— Sua necessidade dela é maior que meu risco — dissera-lhe ela enquanto retirava a cabeça de flecha, enrolava-a num pedaço de pano e a colocava debaixo do banco da carruagem. — Eu também tinha um pai a quem foi negado um funeral decente.

Aboli ajustara a cabeça de flecha a um eixo de cana e o fixara no lugar com fio de vela e piche. Depois, enfeitara-o com as penas mofadas dos falcões caçadores que moravam nas gaiolas além dos estábulos. Contudo, não tinha tempo de procurar as larvas de insetos das quais extrair veneno para as farpas e, portanto, precisava confiar em que aquele único eixo voasse direto para a marca.

Agora, conforme caçava nas sombras, ele próprio uma silenciosa sombra furtiva, Aboli redescobria antigas habilidades esquecidas dentro de si e se recordava das instruções que recebera, quando jovem, dos mais velhos de sua tribo. Sentia o vento noturno acariciar-lhe o peito nu e os flancos, e tinha ciência da direção da aragem durante todo o tempo em que circundava a poça d'água, até que o vento lhe soprou direto na face, trazendo consigo o rico cheiro bovino da presa que ele procurava.

O vento era forte o bastante para sacudir os caniços altos e cobrir qualquer som que ele pudesse fazer, de maneira que ele poderia se mover rapidamente pelos últimos cem passos. Acima do zunido do vento norte e do farfalhar dos juncos, ele ouviu um grunhido rouco. Imobilizou-se e fechou os dedos sobre a única flecha. Talvez os leões tivessem vindo Para a água antes da manada, pensou, pois aquele era um som leonino. Espiou adiante e escutou o som de grandes patas a bater e afundar na lama da poça d'água. Acima das pontas murmurantes dos caniços, uma forma escura se movia, montanhosa à luz do luar.

— Um touro — murmurou ele, contendo o fôlego. — Um senhor touro!

O touro acabara de saciar a sede. O velho animal manhoso viera à frente das vacas e bezerros da manada. Seu lombo estava coberto da cintilante lama úmida do barreiro, e ele rumava na direção de onde Aboli se agachara, os cascos a afundar no barro.

Aboli perdeu a visão da presa conforme se afundou entre os talos oscilantes e a deixou se aproximar. Porém, podia detectá-la pelo som da respiração pesada e pelo raspar dos caniços a se arrastar por seus flancos. O touro estava muito perto, mas ainda fora da visão de Aboli quando, subitamente, sacudiu a cabeça conforme os talos dos juncos se emaranharam em seus chifres, e suas orelhas bateram contra as faces. Se eu estendesse a mão agora, poderia tocar seu focinho, pensou Aboli. Cada nervo em seu corpo estava tão esticado e tenso como a corda do arco em seus dedos.

O banco de junco se abriu em frente a Aboli, e a cabeça maciça passou, o luar a luzir nas bossas curvadas dos cornos. Abruptamente, o touro tomou consciência de alguma coisa errada, de perigo a

espreitar por perto, parando e erguendo a enorme cabeça preta. Ao levantar as narinas para testar o ar, seu focinho estava úmido e brilhante, e a água gotejava de sua boca. Ele inflou as narinas em negros buracos e farejou o ar. Aboli pôde sentir o bafo quente sobre o peito nu e a face.

O touro voltou a cabeça, buscando o cheiro de homem ou felino do caçador escondido. Aboli continuou imóvel como um tronco de árvore. Segurava o pesado arco completamente distendido. A força do galho de oliveira e da corda de tripas era tão poderosa que mesmo os músculos de granito em seus braços e ombro pulsavam e tremiam com o esforço. Conforme o touro voltou a cabeça, revelou o nó atrás da orelha onde o pescoço se fundia com o osso do crânio e a massiva saliência dos chifres. Aboli manteve a mira por um instante mais e, então, soltou a flecha. Esta luziu e fischou ao luar, saltando de sua mão e enterrando-se pela metade no comprimento do maciço pescoço preto.

O touro cambaleou para trás. Se a cabeça da flecha tivesse encontrado a abertura entre as vértebras da espinha, como Aboli havia esperado, ele teria caído onde estava, porém a ponta de ferro atingira a coluna e fora desviada pelo osso. Deslizara para o lado, porém cortara a grande artéria atrás da mandíbula. Enquanto o touro corcoveava e chutava sob o pungente impacto do aço, a artéria seccionada estourou e um jato de sangue subiu alto no ar, negro como uma pena de avestruz à luz da lua.

O touro arremessou-se em direção a Aboli, a sacudir com selvageria aqueles largos chifres curvados. Se Aboli não tivesse deixado cair o arco e se jogasse de lado, a ponta polida que assobiou, a um dedo de seu umbigo tê-lo-ia retalhado e rasgado seus intestinos.

O touro arremeteu e chegou ao solo duro e seco. De joelhos, Aboli apurou os ouvidos para seguir a investida ressoante da presa pelo mato. Abruptamente, o animal estacou. Houve uma longa e carregada pausa, na qual ele podia ouvir a respiração difícil do búfalo e o tamborilar do fluxo de sangue a cair sobre as folhas dos arbustos baixos ao redor. Então, ouviu o touro cambalear e vacilar para trás, tentando continuar de pé enquanto a força fugia de seu corpo imenso naquela maré de sangue escuro. O animal caiu pesadamente, tanto que a terra tremeu sob os pés descalços de Aboli.

Um momento depois, veio um berro rascante de morte, e, depois disso, uma quietude dolorosa. Mesmo os pássaros noturnos e os sapos do pântano tinham sido silenciados por aquele som pavoroso. Era como se a floresta contivesse seu fôlego pelo passamento de uma tão poderosa criatura. Em seguida, com lentidão, a noite ganhou vida de novo, os sapos a coaxar e cantar nos canteiros de juncos; um curiango gritou e, ao longe, uma coruja piou soturnamente.

Aboli despelou o touro com a faca que Sukeena furtara da cozinha da residência. Dobrou a pele crua e amarrou-a com uma corda de casca de árvore. Era pesada o bastante para provar mesmo sua força. Ele cambaleou com o fardo até que pudesse se postar sob ele e equilibrá-lo sobre a cabeça. Deixou a carcaça nua para os bandos de hienas que rondavam de noite e os bandos de abutres, cegonhas carnívoras, milhafres e urubus que a encontrariam com as primeiras luzes da manhã, e rumou de volta para a colônia e a montanha de topo de mesa, sua silhueta a se recortar contra as estrelas. Mesmo sob o fardo, movia-se no trote rápido dos guerreiros de sua tribo, ato que se tornara de novo tão natural a ele depois do confinamento de duas décadas num pequeno navio sobre os mares. Estava se recordando da sabedoria e da erudição tribais havia longo tempo esquecidas, reaprendendo antigas habilidades, tornando-se mais uma vez um verdadeiro filho daquela sazoad terra africana.

Subiu pelas colinas mais baixas da montanha e deixou a pele enrolada numa fenda estreita no penhasco rochoso. Cobriu-a com grandes Pedras erodidas, pois as hienas vagueavam por ali também, atraídas pelo lixo e dejetos e esgotos produzidos pela povoação humana da colônia.

Quando tinha colocado o último penedo, olhou para o céu e viu que Escorpião em curva caía rápido em direção ao horizonte escuro. Só então se deu conta de como a noite passara depressa, e voltou pela colina.



Chegou à beira dos campos cultivados da companhia logo quando o primeiro galo cantava na escuridão.

Mais tarde, naquela manhã, enquanto esperava no banco com os outros escravos do lado de fora da cozinha pela tigela de desjejum com mingau e espesso leite coalhado, Sukeena passou em seu caminho para cuidar dos afazeres da casa.

— Ouvi quando voltou na noite passada. Estava muito atrasado — murmurou ela, sem voltar a cabeça sobre a haste de orquídea em seu pescoço. — Se for descoberto, isso trará um grande problema para todos nós, e nossos planos não darão em nada.

— Minha tarefa está quase concluída — resmungou ele baixinho. — Esta noite será a última vez que precisarei sair.

— Tome cuidado, Aboli. Há muito em risco — disse ela e se afastou. A despeito do aviso, ela lhe daria qualquer ajuda de que precisasse, e, sem observá-la a se afastar, Aboli murmurou consigo mesmo:

— Essa pequena tem o coração de uma leoa.

Naquela noite, quando a casa se acomodara para a noite, ele se esgueirou pela fresta. De novo, os cães foram aquietados por seu suave assobio, e ele tinha nacos de salsicha seca para cada um deles. Quando chegou ao muro abaixo dos gramados, olhou para as estrelas e viu no céu ocidental a primeira suave luminescência do nascer da lua. Saltou as pedras e, mantendo distância da estrada, guiou-se pelo tato ao longo do lado exterior do muro, em direção ao povoado.

Não mais que três ou quatro luzes esmaecidas brilhavam das cabanas e edificações da vila. Os quatro navios ancorados na baía estavam todos queimando lanternas no topo de seus mastros. O castelo era uma forma escura e taciturna contra o céu estrelado.

Ele esperou na beira do passeio e focalizou os ouvidos nos sons da noite. Uma vez, quando estava prestes a sair para campo aberto, ouviu risadas bêbadas e retalhos de cantoria quando um grupo de soldados do castelo voltou de uma noite de libertinagem pelos casebres rústicos de beira-mar, que passavam como tabernas naquele posto remoto, a vender a aguardente desagradável e bruta que os hotentotes chamavam de dop. Um dos farristas carregava uma tocha encharcada de breu.

As chamas oscilaram incertas quando o homem parou diante do patíbulo, no meio do campo, e gritou um insulto para o cadáver que ainda se pendurava nele. Seus companheiros prorromperam em berros e risadas embriagadas diante de seu humor, e depois cambalearam, a se apoiar uns nos outros, rumo ao castelo.

Quando desapareceram pelos portões, e o silêncio e a escuridão caíram, Aboli moveu-se rapidamente pelo campo. Embora não pudesse ver mais que uns poucos passos adiante, o cheiro de podridão o guiava; só um leão morto cheirava tão forte como um cadáver humano apodrecendo.

O corpo de Sir Francis Courtney fora decapitado e completamente esquartejado. João Lento usara um cutelo de açougueiro para extirpar os ossos maiores. Aboli arrancou a cabeça da lança em que ele fora empalado. Enrolou-a num pano branco limpo e colocou-a num alforje de sela que carregava. Depois, recuperou as outras partes do cadáver. Os cães da vila tinham carregado alguns dos ossos menores, porém, mesmo trabalhando na escuridão, Aboli conseguiu recolher o que restava. Fechou e afivelou a aba de couro do saco, jogou-o sobre o ombro e rumou de novo numa corrida em direção à montanha.

Sukeena conhecia intimamente a montanha, cada ravina, penhasco e rochedo. Explicara a ele como encontrar a estreita entrada escondida da caverna onde, na noite anterior, ele deixara a pele crua do búfalo. À luz da lua ascendente, ele voltou sem erro até lá. Quando chegou à entrada, inclinou-se e removeu rapidamente as pedras que cobriam a pele de búfalo. Depois, arrastou-a para dentro da fenda e pôs de lado os arbustos que pendiam do penhasco acima, a esconder a garganta escura da caverna.

Trabalhou habilmente, com pederneira e aço, para acender uma das velas que Sukeena lhe arranjava.

Protegendo a chama com as mãos em concha de qualquer observador abaixo da montanha, avançou e arrastou-se para dentro do baixo túnel natural nas mãos e nos joelhos, puxando o alforje de sela atrás de si. Conforme Sukeena lhe dissera, o túnel se abria de repente numa caverna alta o bastante para que ele ficasse de pé. Ele ergueu a vela por sobre a cabeça e viu que a caverna daria um lugar adequado de enterro para um grande chefe. Havia até mesmo uma prateleira natural de rochas ao fundo. Ele deixou o alforje sobre ela e rastejou de volta para recolher a pele de búfalo. Antes de entrar no túnel de novo, olhou para trás, por sobre o ombro, e orientou-se outra vez pela direção do nascer da lua.

— Voltarei sua face para que possa saudar dez mil luas e todos os nascentes da eternidade! — disse, baixinho, e arrastou a pesada pele Para dentro da caverna, estendendo-a no chão rochoso.

Colocou a vela sobre a prateleira de pedra e começou a esvaziar o saco. Primeiro, pôs de lado as pequenas oferendas e peças de cerimonial que trouxera consigo. Depois, tirou a cabeça coberta de Sir Francis e colocou-a no centro da pele de búfalo. Desenrolou-a com reverência e não demonstrou qualquer repugnância quando o pesado odor de podridão encheu lentamente a caverna. Reuniu todas as partes desmembradas do corpo e arranjou-as na ordem natural, prendendo-as no lugar com tiras finas de casca de árvore, até que Sir Francis jazia de lado, os joelhos dobrados abaixo do queixo e os braços envolvendo as pernas, a posição fetal do útero e do sono. Depois, dobrou a pele úmida de búfalo com força em torno do corpo de modo que apenas a face devastada ainda ficasse exposta. Costurou as dobras da pele em torno dele para que secassem e se transformassem num sarcófago duro como aço. Era uma longa e meticulosa tarefa, e quando a vela se queimou por inteiro e se afogou numa poça de sua própria cera líquida, ele acendeu outra e continuou a trabalhar.

Quando terminou, pegou o pente de tartaruga, outro dos presentes de Sukeena, e penteou as mechas emaranhadas que ainda se grudavam ao crânio de Sir Francis, trançando-as com habilidade. Por fim, ergueu o corpo sentado e colocou-o sobre a prateleira de pedra. Voltou-o cuidadosamente para ficar de frente para o leste, para olhar eternamente para o nascer da lua e da alvorada.

Por um longo tempo ficou acorocado sob a plataforma, a olhar para a cabeça devastada, vendo-a com o olhar da mente como ela fora certa vez. A face do jovem marinheiro vigoroso que o resgatara das mãos dos escravagistas, duas décadas antes.

Por fim, ergueu-se e começou a reunir as oferendas do túmulo que trouxera consigo. Colocou-as uma de cada vez sobre a plataforma diante do corpo de Sir Francis. Primeiro, o modelo de um navio que esculpira com as próprias mãos. Não houvera tido tempo para caprichar na construção, e era rústico e infantil. Contudo, os três mastros tinham velas içadas, e o nome gravado na popa era Lady Edwina.

— Possa meu navio carregá-lo pelos oceanos escuros até a terra onde o espera a mulher cujo nome ele leva — murmurou Aboli.

Em seguida, colocou a faca e o arco de oliveira ao lado do navio.

— Eu não tinha espada com que armá-lo; portanto, que essas armas possam ser sua defesa nos lugares sombrios.

Depois, ofereceu a tigela de comida e a bilha de água.

— Possa o senhor jamais passar fome ou sede outra vez.

Por último, a cruz de madeira que Aboli havia feito e decorado com conchas verdes de madrepérola, osso branco esculpido e pequenas pedras brilhantes do leite do rio.

— Possa a cruz do Deus que o guiou em vida guiá-lo ainda na morte disse, ao colocar a cruz diante dos olhos vazios de Sir Francis. Ajoelhando-se no chão da caverna, construiu uma pequena fogueira e acendeu-a com a vela.

— Possa este fogo aquecê-lo na escuridão de sua longa noite. Depois, em sua própria linguagem, cantou o cântico funerário e a

canção do viajante de uma longa jornada, batendo as mãos suavemente para marcar o compasso e para mostrar respeito. Quando as chamas do fogo queimaram até o fim, ele se levantou e foi para a entrada da caverna.

— Adeus, meu amigo — disse. — Até logo, meu pai.

O governador van de Velde era um homem cauteloso. A princípio, não tinha permitido que Aboli o levasse na carruagem. — Esse é um de seus caprichos que não lhe negarei, minha querida — disse à esposa —, porém o sujeito é um selvagem negro. O que sabe de cavalos?

— Ele é realmente muito bom, bem melhor que o velho Fredricus. — Katinka riu. — E parece esplêndido na nova libré que escolhi para ele.

— Seu elegante casaco marrom e as calças serão de pouco interesse para mim quando ele quebrar meu pescoço — disse van de Velde; porém, a despeito da desconfiança, ficou a observar a maneira como Aboli conduzia a junta de cinzentos.

Na primeira manhã em que Aboli levou o governador da residência até seus escritórios no castelo, houve um rebuliço e um burburinho entre os condenados que trabalhavam nas muralhas, quando a carruagem cruzou o campo e aproximou-se dos portões do castelo. Tinham reconhecido Aboli sentado ereto no assento do cocheiro, com o longo chicote nas mãos cobertas de luvas brancas.

Hal estava a ponto de gritar uma saudação a ele, mas reprimiu-se a tempo. Não foi o ardor da chibata de Barnard que o dissuadiu; ele simplesmente se deu conta de que seria imprudente recordar aos captores que Aboli fora seu companheiro de navio. Os holandeses haveriam de esperar que se dirigisse a um negro como a um escravo e não como a um camarada.

— Ninguém cumprimente Aboli — murmurou, aflito, para Daniel, que trabalhava duro ao seu lado. — Ignore-o. Deixe-o passar.

A ordem correu de boca em boca pela fileira de homens no andaime e depois para aqueles que trabalhavam no pátio. Quando a carruagem veio dos portões para a reunião da guarda de honra e as saudações dos oficiais da guarnição, nenhum dos condenados prestou qualquer atenção. Devotaram-se ao pesado trabalho com os blocos e a roldana e as alavancas de ferro.

Aboli sentava-se como uma figura de proa esculpida no banco do cocheiro, a olhar diretamente para a frente. Seus olhos negros nem mesmo se desviaram de soslaio na direção de Hal. Ele puxou as rédeas da junta de cinzentos para que eles parassem ao pé da escadaria e saltou para abaixar os degraus dobráveis e estender a mão para o governador. Assim que van de Velde subira as escadas e desaparecera em seus aposentos, Aboli retornou a seu assento e aboletou-se, sem se mover, a olhar reto para diante. Num curto espaço de tempo, os carcereiros e guardas esqueceram-se de sua silenciosa presença, voltaram a atenção para seus deveres, e o castelo caiu em sua rotina.

Uma hora se passou, e um dos cavalos jogou a cabeça e se mostrou irrequieto. Pelo canto do olho, Hal notara que Aboli pegara as rédeas para agitar o animal ligeiramente. Agora, descia sem pressa e se dirigia até a cabeça do cavalo. Segurou o freio de couro e afagou-lhe o pescoço enquanto murmurava palavras carinhosas. O cinzento aquietou-se imediatamente sob seu toque, e Aboli abaixou-se sobre um joelho e ergueu-lhe primeiro uma pata da frente e depois a outra, examinando os cascos em busca de algum machucado.

Ainda de joelhos e oculto pelo corpo do cavalo da vista de qualquer dos guardas ou supervisores, ergueu os olhos pela primeira vez para Hal. Seus olhares se encontraram por um instante. Aboli fez um gesto quase imperceptível e abriu o punho direito, para dar a Hal um vislumbre do minúsculo pedaço de papel branco que tinha na palma, depois, fechou o punho e levantou-se. Caminhou pela junta de cavalos, examinando cada animal e fazendo ajustamentos de minutos nos arreios. Por fim, voltou-se e recostou-se contra o muro de pedra ao lado, inclinando-se para limpar a fina camada de poeira das botas.

Hal observou-o pegar o pedaço de papel e enfiá-lo disfarçadamente numa fresta do trabalho de pedra na parede. Então, Aboli endireitou-se e voltou ao assento de cocheiro para aguardar pelo prazer do governador. Van de Velde jamais mostrava consideração por criado, escravo ou animal. Durante toda aquela manhã, a junta de cinzentos postou-se pacientemente nas travessas com Aboli a sossegá-los em intervalos.

Um pouco antes do meio-dia, o governador ressurgiu dos escritórios da companhia e foi levado de volta para a residência para a refeição do almoço.

Ao entardecer, quando os condenados desceram cansados para o pátio, Hal tropeçou ao chegar ao chão e levou as mãos para se firmar. Num gesto rápido, pegou o pedaço de papel dobrado da junta na pedra onde Aboli o deixara.

No calabouço, a luz que se filtrava da tocha no suporte ao topo da escada era suficiente apenas para que Hal pudesse ler a mensagem. Estava escrita em bela caligrafia que ele não reconheceu. A despeito de toda a instrução do pai e a do próprio Hal, a escrita de Aboli nunca passara de um garrancho largo, espalhado e malformado. Parecia que outra mão havia formado aquelas palavras. Um pequeno fragmento de carvão estava enrolado no papel, colocado ali para Hal escrever a resposta no verso.

Capitão enterrado com honra. O coração de Hal saltou ao ler aquilo. Então, fora Aboli que tirara o cadáver mutilado de seu pai do cadafalso. Eu deveria saber que ele prestaria a meu pai essa reverência, pensou.

Havia apenas uma única outra palavra. "Althuda?"

Hal ficou intrigado com isso, até entender que Aboli, ou quem escrevera, devia estar perguntando pelo bem-estar do outro prisioneiro.

— Althuda! — chamou, baixinho. — Está acordado?

— Saudações, Hal. Como se sente?

— Alguém lá fora pergunta por você.

Houve um longo silêncio enquanto Althuda considerava a informação.

— Quem pergunta?

— Não sei. — Hal não poderia explicar, pois tinha certeza de que os carcereiros bisbilhotavam aquelas conversas.

Outro longo silêncio.

— Posso adivinhar — falou Althuda. — E você também. Já conversamos sobre ela antes. Pode mandar uma resposta? Diga a ela que estou vivo.

Hal esfregou o carvão na parede para aguçar a ponta e escreveu: "Althuda bem". Mesmo que sua letra fosse pequena e apertada, não havia espaço para mais nada no papel.

Na manhã seguinte, enquanto eram levados para fora a fim de começar o trabalho no andaime, Daniel deu cobertura a Hal para o momento em que ele precisasse enfiar o pedaço de papel no mesmo buraco do qual o retirara antes.

No meio da manhã, Aboli conduziu o governador da residência e estacionou mais uma vez sob a escadaria. Muito depois que van de Velde desaparecera em seus aposentos, Aboli continuou sentado no banco do cocheiro. Por fim, ergueu os olhos casualmente para um bando de estorninhos de asas tingidas de vermelho que viera dos penhascos para se empoleirar nas muralhas do bastião leste e ficara ali, a cantar seus baixos e lamentosos chamados. Dos pássaros, seu olhar passou por Hal que fez um gesto quase imperceptível. Mais uma vez, Aboli desmontou e foi cuidar dos cavalos, parando ao lado da muralha para ajustar as tiras das botas e, com um movimento de mão de prestidigitador, recuperar a mensagem da fenda na parede. Hal respirou mais fácil quando viu isso, pois tinham estabelecido uma caixa de correspondência.

Não cometeram o erro de tentar trocar mensagens todos os dias. Algumas vezes, uma semana ou mais poderiam passar sem que Aboli fizesse um gesto a Hal e colocasse um bilhete na muralha. Se Hal tinha uma mensagem, daria o mesmo sinal, e Aboli deixaria papel e carvão para ele.

A segunda mensagem que Hal recebeu era naquela caligrafia artística e delicada: A. está a salvo. Orquídea manda seu coração.

— Orquídea é aquela de quem falamos? — gritou Hal para Althuda, naquela noite. — Ela lhe manda seu coração e diz que você está a salvo.

— Não sei como ela conseguiu isso, mas devo acreditar e ser-lhe grato por isso, assim como por tantas outras coisas. — Havia um toque de alívio na entonação de Althuda.

Hal ergueu o pedaço do papel ao nariz e fantasiou que detectava o mais suave perfume nele. Escondeu-o na palha úmida a um canto da cela. Pensou em Sukeena, até que o sono o dominou. A lembrança de sua beleza era como uma chama de vela na escuridão hibernal do calabouço.

Ogovernador van de Velde estava embriagado. Sorvera o vinho do Reno com a sopa, e o Madeira com o peixe e a lagosta. Os tintos da Borgonha tinham acompanhado o ensopado de cordeiro e a torta de pombo. Ele bebera em grandes tragos o clarete com o bife, entremeando-o com goles de bom gim holandês. Quando por fim se erguera da mesa, firmara-se, enquanto cambaleava para o assento ao lado do fogo com a mão apoiada no braço da esposa. Ela não era normalmente tão atenciosa, porém durante toda aquela noite fora afetuosa e se mostrara de ânimo alegre, rindo das tiradas que em outras ocasiões teria ignorado e voltando a encher o copo dele com as próprias mãos graciosas quando estava pela metade. Ao pensar nisso, ele não conseguia se lembrar quando fora a última vez que tinham jantado sozinhos, apenas os dois, como um par de amantes.

Pela primeira vez, ele não fora forçado a suportar a companhia dos rústicos caipiras da povoação, ou a obsequiosa lisonja dos empregados ambiciosos da companhia ou, a maior bênção de todas, a presença imponente e jactanciosa daquele pedante presunçoso do Schreuder.

Caiu de costas na funda cadeira de couro ao lado da lareira, e Sukeena lhe trouxe uma caixa de bons charutos holandeses para escolher. Conforme ela estendia a chama da vela delgada para ele, van de Velde mediu com um olhar lascivo a frente de seu traje. A suave saliência dos seios de menina, entre os quais se aninhava o exótico broche de jade, excitou-o a ponto de ele sentir as virilhas incharem e encorparem agradavelmente.

Katinka estava ajoelhada diante da lareira, porém o olhava tão de soslaio que ele ficou preocupado por um momento que ela pudesse tê-lo visto cobiçar o peito da escrava. Mas, ela sorriu então e pegou o atiçador que aquecia ao fogo e enfiou sua ponta reluzente na bilha de pedra com vinho cheiroso. O líquido ferveu e fumegou, e ela encheu uma caneca com ele e a trouxe para o marido antes que tivesse tempo de esfriar.

— Minha bela esposa! — balbuciou ele indistintamente. — Minha queridinha. — Fez um brinde a ela com a caneca fumegante. Ainda não estava tão ébrio ou fácil de lograr que não percebesse que teria algum preço a pagar por aquela gentileza incomum. Sempre havia.

Ajoelhando-se em frente a ele, Katinka olhou para Sukeena, que estava perto.

— Isso é tudo por hoje, Sukeena. Pode ir. — Deu à escrava um sorriso cúmplice.

— Desejo aos senhores um doce sono e sonhos de paraíso, patrão e patroa. — Sukeena inclinou-se em graciosa genuflexão e saiu do aposento. Correu o biombo oriental esculpido atrás de si e ajoelhou-se ali, silenciosa, com a face colada ao painel. Eram as ordens de sua patroa. Katinka queria que Sukeena testemunhasse o que transpirava entre ela e o marido. Sabia que iria cerrar o elo que a ligava à escrava.

Agora, Katinka se colocava atrás da cadeira do marido.

— Teve uma semana bastante difícil — disse, suavemente —, com o assunto do corpo do pirata

sendo roubado do patíbulo e agora com o novo censo e a taxaço dos Dezesete. Meu pobre querido marido, deixe-me massagear seus ombros.

Retirou-lhe a peruca e beijou-o no topo da cabeça. Os pêlos duros picaram-lhe os lábios e ela se inclinou para trás, afundando os polegares naqueles ombros pesados. Van de Velde suspirou de prazer, não apenas com a sensação dos nós sendo dissolvidos de seus músculos, mas porque reconhecia naquilo o prelúdio para as pouco frequentes concessões dos favores sexuais da esposa.

— Quanto você me ama? — perguntou ela, e inclinou-se para lhe morder a orelha.

— Eu a adoro — balbuciou ele. — Eu a venero.

— Você sempre foi tão gentil comigo. — A voz de Katinka assumiu aquela qualidade rouca que fazia a pele de van de Velde arrepiar-se. — Quero ser gentil com você. Escrevi para meu pai. Expliquei-lhe as circunstâncias do desaparecimento do pirata e de como não foi sua culpa que isso acontecesse. Darei a carta ao capitão do galeão que irá de regresso para casa, ancorado na baía no momento, para que a entregue a papai em pessoa.

— Posso ver a carta antes que você a despache? — pediu ele, cauteloso. — Iria ter mais peso se pudesse acompanhar meu próprio relatório aos Dezesete, que mandarei no mesmo navio.

— Claro que pode. Eu a trarei a você antes que saia para o castelo, de manhã. — Roçou-lhe o topo da cabeça com os lábios novamente, e deslizou os dedos dos ombros para baixo, sobre o peito. Soltou os botões do gibão e enfiou ambas as mãos pela abertura. Pegou em cada um punhado das tetas penduradas e amassou-as como se fossem pedaços de macio pão fresco.

— Você é uma esposa tão boazinha — disse ele. — Gostaria de lhe dar um sinal de meu amor. O que lhe falta? Uma jóia? Um animalzinho de estimação? Um novo escravo? Diga a seu velho Petrus.

— Eu realmente tenho um pequeno capricho — admitiu ela, timidamente. — Há um homem nos calabouços.

— Um dos piratas? — arriscou ele.

— Não, um escravo de nome Althuda.

— Ah, sim! Sei sobre ele. O rebelde e fujão! Deverei lidar com ele na semana entrante. Sua ordem de execução já está em minha escrivania para assinatura. Devo dá-lo a João Lento? Gostaria de observar. É isso? Quer desfrutar do entretenimento? Como posso lhe negar isso.

Katinka estendeu a mão e começou a lhe soltar os laços da calça. Ele espalhou as pernas e recostou-se confortavelmente na cadeira para tornar a tarefa mais fácil para ela.

— Quero que conceda a Althuda uma comutação da pena capital - murmurou ela ao seu ouvido.

Ele se sentou, empertigado.

— Está louca — gaguejou.

— É muito cruel em me chamar de louca. — Ela fez beicinho.

— Mas... ele é um fugitivo. Ele e sua turma de bandidos mataram vinte dos soldados que foram mandados para recapturá-los. Eu jamais poderia libertá-lo.

— Sei que não pode libertá-lo. Só quero que o mantenha vivo. Poderia mandá-lo para trabalhar as muralhas de seu castelo.

— Não posso fazer isso — Ele meneou a cabeça raspada. — Nem mesmo por você.

Katinka rodeou a cadeira e ajoelhou-se em frente a ele. Seus dedos começaram a trabalhar de novo os laços das calças. Ele tentou reaprumar-se, porém ela o empurrou para trás e enfiou as mãos para dentro.

Todos os santos sejam testemunhas, o velho sodomita torna isso difícil para mim. Ele é tão mole e branco como um pão que não cresceu, pensou ela, ao agarrá-lo.

— Nem mesmo para sua própria amorosa esposa? — murmurou, e ergueu o olhar com aqueles deslumbrantes olhos cor de violeta, enquanto pensava: está um pouco melhor, sinto o lírio murcho se

torcendo.

— Quero dizer, bem, que isso seria difícil. — Ele estava num dilema.

— Compreendo — murmurou ela. — Também é difícil para mim escrever uma carta para meu pai. Eu detestaria ser forçada a queimá-la.

Levantou-se e ergueu as saias como se estivesse prestes a subir sobre um banco. Estava nua da cintura para baixo, e os olhos dele saltaram como os de um bacalhau tirado abruptamente da água profunda. Ele lutou para sentar-se ereto e ao mesmo tempo para alcançá-la.

Eu não o terei em cima de mim de novo, sua grande barrica de gordura de porco, pensou ela, enquanto sorria amorosamente para ele e o empurrava para baixo com ambas as mãos em seus ombros. Da última vez, você quase arrancou a vida de mim.

Montou-o como se estivesse montando a égua.

— Oh, doce Jesus, que homem potente você é! — gritou, ao tomá-lo dentro de si. O único prazer que recebia daquilo era o pensamento de que Sukeena ouvia tudo por detrás do biombo. Fechou os olhos e visualizou a imagem das coxas esguias da criada e o tesouro que jazia entre elas. A ideia inflamou-a, e ela sabia que seu marido poderia sentir a resposta úmida e julgar que era por ele somente.

— Katinka — balbuciou e gaguejou ele, como se estivesse se afogando. — Eu a amo.

— A comutação da pena? — perguntou ela.

— Não posso fazer isso.

— Então, nem eu — disse ela, e ergueu-se nos joelhos. Teve de lutar para impedir-se de rir alto enquanto observava a face do marido inchar e seus olhos saltarem para fora. Ele se retorcia e socava sob ela, investindo em vão no ar.

— Por favor! — choramingou ele. — Por favor!

— A comutação da pena? — perguntou ela, mantendo-se em suspenso provocativamente acima dele.

— Sim — gemeu ele. — Qualquer coisa. Eu lhe darei qualquer coisa que quiser.

— Eu o amo, meu marido — murmurou-lhe ela ao ouvido, e afundou como um pássaro se acomodando em seu ninho.

Da última vez, ele demorou até ela contar cem, recordou-se. Desta vez, tentarei levá-lo ao fim da linha antes de chegar a cinquenta. Com quadris ondulantes, ela se ajeitou para bater o próprio recorde.

Manseer abriu a porta da cela de Althuda e esbravejou: — Saia, seu cão assassino. Ordens do governador, você vai trabalhar na muralha. — Althuda saiu pela porta de ferro, e Manseer encarou com olhos fuzilantes. — Parece que não dançará uma quadrilha no cadafalso com João Lento, que pena. Porém, não coaxe muito alto, vai nos dar muito mais divertimento nas muralhas do castelo. Barnard e seus cães providenciarão isso. Você não durará até o fim do inverno, aposto cem guinéus.

Hal liderava a fila de condenados das celas inferiores, e parou no degrau de pedra abaixo de Althuda. Por um longo momento, os dois se estudaram atentamente. Ambos pareciam satisfeitos com o que viam.

— Se me der escolha, então creio que prefiro o jeito de sua irmã ao seu. — Hal sorriu. Althuda era menor em estatura do que sua voz sugeria, e todas as marcas do longo cativeiro eram claras de se ver: sua pele era descorada, e seus cabelos, foscos e emaranhados. O corpo que mostrava através dos buracos dos trapos miseráveis, porém, era elegante e forte e elástico. O olhar era franco, e sua expressão, atraente e aberta. Embora os olhos fossem amendoados, e o cabelo liso e preto, o sangue inglês se misturara bem com o do povo de sua mãe. Havia um jeito orgulhoso e teimoso em seu queixo.

— De que berço você caiu? — perguntou ele a Hal, com um sorriso. Era óbvio que estava feliz por sair das sombras das masmorras. — Eu o julgava um homem e mandaram um garoto.

— Vamos, seu renegado assassino — berrou Barnard, enquanto o carcereiro entregava os condenados

a seu encargo. — Pode ter escapado do laço por um momento, mas eu tenho uns poucos prazeres que lhe estão reservados. Você cortou as gargantas de alguns de meus camaradas na montanha. — Era evidente que toda a guarnição se ressentia amargamente da comutação da pena de Althuda. Então, Barnard voltou-se para Hal. — Quanto a você, seu pirata fedorento, sua língua está muito solta até agora. Uma palavra sua no dia de hoje e eu o chutarei das muralhas e alimentarei meus cães com seus restos.

Barnard separou os dois: mandou Hal para o andaime e destinou Althuda para trabalhar nas turmas de condenados no pátio, a descarregar os blocos de alvenaria dos carros de boi conforme chegavam das pedreiras.

Contudo, naquela noite Althuda foi levado para a cela principal. Daniel e o resto do pessoal amontoaram-se em torno dele na escuridão para ouvir sua história contada em detalhes, e para crivá-lo de todas as perguntas que não haviam podido gritar pelas escadas. Ele era algo de novo na pavorosa e monótona rotina de cativo e no trabalho de abalar o coração. Apenas quando o caldeirão de ensopado foi trazido das cozinhas e os homens se apressaram a disputar a frugal refeição, Hal teve a oportunidade de conversar com ele a sós.

— Se você fugiu uma vez antes, Althuda, então deve haver uma chance de que possamos fazer isso novamente.

— Eu estava em melhores condições então. Tinha meu próprio bote de pesca. Meu patrão confiava em mim e eu podia andar pela colônia. Como poderemos escapar das muralhas que nos rodeiam? Receio que seja impossível.

— Você usa as palavras receio e impossível. Essa não é uma linguagem que eu compreenda. Pensei que talvez tivesse conhecido um homem, não algum medroso.

— Guarde as palavras duras para nossos inimigos, meu amigo.

Althuda devolveu-lhe o olhar crítico. — Em vez de me dizer que herói você é, diga-me como consegue receber recados do lado de fora.

A expressão de Hal desanuviou-se e ele sorriu. Gostava do espírito daquele homem, do jeito que podiam se defrontar ombro a ombro, num ataque verbal. Aproximou-se e baixou a voz enquanto explicava a Althuda como aquilo era feito. Então, estendeu-lhe a última mensagem que havia recebido. Althuda levou-a até o portão gradeado e estudou-a sob a luz da tocha que se filtrava pelas escadas.

— Sim — disse. — É a letra de minha irmã. Não conheço ninguém que possa empunhar a pena tão lindamente.

Naquela noite, os dois escreveram uma mensagem para Aboli recolher, para que ele e Sukeena soubessem que Althuda fora libertado do Covil do Esqueleto.

No entanto, parecia que Sukeena já sabia disso, pois no dia seguinte ela acompanhou a patroa a uma visita ao castelo. Seguiu ao lado de Aboli no assento do cocheiro da carruagem. Na escada, ajudou a patroa a descer. Era estranho, porém Hal estava agora tão acostumado com as visitas de Katinka que não mais se sentia zangado e amargurado quando olhava para aquela face angelical. Ela mal lhe prendeu a atenção, ficando a observar, isto sim, a jovem escrava. Sukeena ficou ao pé da escada e relanceou olhares rápidos em todas as direções enquanto procurava pela face do irmão entre a turma de condenados.

Althuda trabalhava no pátio, aparando e cinzelando os rústicos blocos de pedra no formato certo antes que fossem içados para o portal no topo das muralhas inacabadas. Tinha a face e os cabelos empoados de branco, como se fosse um moleiro exposto ao pó de pedra, e suas mãos sangravam da abrasão das ferramentas e da rocha dura. Por fim, Sukeena avistou-o, e irmão e irmã se fitaram por um longo e extático momento.

A expressão radiante de Sukeena era uma das mais belas que Hal alguma vez presenciara. Porém, foi



apenas por um instante fugidio; depois, Sukeena correu pelas escadas atrás da patroa.

Um curto tempo depois, reapareceram no topo da escada, mas o governador van de Velde estava com elas. Levava a esposa pelo braço, e Sukeena os seguia recatadamente. A escrava parecia estar procurando por alguém mais além do irmão. Quando subiu ao assento do cocheiro na carruagem, murmurou algo a Aboli. Em resposta, Aboli moveu os olhos, e ela lhe seguiu o olhar até o alto do andaime, onde Hal amarrava uma ponta de corda ao calço.

Hal sentiu o pulso acelerar quando se deu conta de que era ele que ela procurava. Olharam um para o outro com expressão solene, e pareceu que eram muito íntimos, pois, depois disso, Hal conseguia se recordar de cada ângulo e plano daquela face e da graciosa curva de seu pescoço. Por fim, ela sorriu, num breve e precioso interlúdio, e depois baixou o olhar. Naquela noite, na cela, Hal deitou-se na palha fria e úmida e reviveu o momento.

Talvez ela volte amanhã, pensou, enquanto o sono o envolvia como uma onda negra. Mas ela não apareceu por muitas semanas.

Tinham escolhido um lugar na palha para que Althuda dormisse perto de Hal e Daniel, de maneira que pudessem conversar baixinho na escuridão.

— Quantos de seus homens estão na montanha? — quis saber Hal.

— Havia dezenove de nós no começo, mas três foram mortos pelos holandeses, e cinco outros morreram depois que escapamos. As montanhas são cruéis e há muitos animais selvagens.

— Que armas têm?

— Têm os mosquetes e as espadas que capturamos dos holandeses, porém há pouca pólvora, e já então deve ter sido toda usada. Meus companheiros precisam caçar para sobreviver.

— Com certeza fizeram outras armas, não? — indagou Hal.

— Devem ter confeccionado arcos e lanças, mas faltam pontas de ferro para ambos.

— Qual a segurança desses seus esconderijos naqueles ermos?

— As montanhas são infinitas. As ravinas são um labirinto emaranhado. Os penhascos são íngremes e não há trilhas, a não ser aquelas feitas pelos babuínos.

— Os soldados holandeses se aventuram por essas montanhas?

— Nunca! Não se atrevem a escalar nem mesmo a primeira ravina. Aquelas conversas enchiam todas as noites, enquanto os ventos do inverno vinham bramindo montanha abaixo como um bando de leões a rugir diante das muralhas do castelo. Os homens nos calabouços jaziam tremendo nos catres de palha. Algumas vezes, apenas a conversa e a esperança eram capazes de impedir que sucumbissem ao frio. Mesmo assim, alguns dos condenados mais velhos e mais fracos adoeceram: suas gargantas e peitos se encheram de espesso catarro amarelo, os corpos Queimavam de febre; morreram, engasgados e tossindo.

A carne consumiu-se naqueles que sobreviveram. Embora tivessem emagrecido, estavam enrijecidos pelo frio e pelo trabalho. Hal alcançou a plena estatura e força naqueles meses terríveis, até que podia se equiparar a Daniel ao ancorar uma corda ou levantar os pesados cochos. Sua barba crescera densa e negra, e o farto rabo-de-cavalo pendia entre as espáduas. As marcas de chicote cortavam-lhe flancos e costas, e seu olhar era duro e inquieto quando ele olhava para os cumes da montanha, azuis à distância.

— Qual a distância daqui até as montanhas? — perguntou a Althuda na escuridão da cela.

— Dez léguas — disselhe Althuda.

— Tão longe, assim! — murmurou Hal. — Como conseguiu alcançá-las numa tal distância, com os holandeses em perseguição?

— Pela água. Eu lhe disse que era um pescador — retrucou Althuda. — Eu saía todo dia para matar focas a fim de alimentar os outros escravos. Meu bote era pequeno, e éramos muitos. Mal servia para nos carregar pela baía Falsa até o pé das montanhas. Minha irmã Sukeena não sabe nadar. Eis porque eu

nunca a deixaria tentar a travessia.

— Onde está o bote agora?

— Os holandeses que nos perseguiram o encontraram-no onde o tínhamos escondido. E queimaram-no.

A cada noite, aquelas assembleias eram efêmeras, pois haviam sido levados ao limite de sua força e resistência. Gradualmente, porém Hal foi capaz de extrair de Althuda cada detalhe que pudesse ser útil.

— Qual é o ânimo dos homens que levou com você para as montanhas?

— São homens corajosos, e mulheres também, pois há três garotas no bando. Fossem menos corajosos, nunca teriam deixado a segurança do cativeiro. Porém, não são guerreiros, exceto um.

— Quem é esse?

— Seu nome é Sabah. Era um soldado até que os holandeses o capturaram. Agora é soldado de novo.

— Poderíamos mandar um recado a ele? Althuda riu com amargura.

— Poderíamos gritar do topo das muralhas do castelo ou sacudir nossas correntes. Ele poderia nos ouvir no cume da montanha onde se esconde.

— Se eu quisesse um piadista, teria chamado Daniel aqui para me divertir. Os gracejos dele fariam um cão vomitar, porém são mais engraçados que os seus. Responda-me agora, Althuda. Não há jeito de chegar a Sabah?

Embora seu tom fosse ligeiro, havia uma ponta de aço nele, e Althuda pensou um instante antes de responder:

— Quando escapei, arranjei com Sukeena um esconderijo além da cerca de amendoeiras amargas da colônia, onde poderíamos deixar mensagens um para o outro. Sabah conhece esse local, pois o mostrei a ele na noite em que voltei para buscar minha irmã. É um lance duvidoso do dado, mas Sabah pode ainda visitá-lo para encontrar uma mensagem minha.

— Pensarei nas coisas que me disse — murmurou Hal, e Daniel, deitado perto dele na cela escura, ouviu o poder e autoridade em sua voz e meneou a cabeça.

É a voz e a maneira do capitão Franky que ele tem agora, maravilhou-se Daniel. O que os holandeses estão fazendo com ele aqui poderia jogar um sujeito inferior nos arrecifes; porém, por Deus, tudo que fizeram foi encher sua vela mestra com um vento forte. Hal assumira o papel de seu pai e a tripulação que sobrevivera reconhecia isso. Mais e mais o encararam como uma liderança, dando-lhes coragem para ir em frente e aconselhando-os, resolvendo as disputas insignificantes que acudiam quase diariamente entre homens em tais condições amargas, e mantendo uma fagulha de esperança e coragem a queimar em todos os corações.

Na noite seguinte, Hal retomou o conselho de guerra que a exaustão interrompera na noite passada.

— Então, Sukeena sabe onde deixar uma mensagem para Sabah, certo?

— Naturalmente. A árvore oca às margens do rio Eerste, o primeiro rio além da cerca de limite — retrucou Althuda.

— Aboli precisa tentar fazer contato com Sabah. Existe algo que seja conhecido apenas por você e Sabah, provando a ele que a mensagem vem de você e que não é uma armadilha dos holandeses?

Althuda pensou um pouco.

— Apenas diga que é do pai do pequeno Bobby — sugeriu, por fim. Hal esperou em silêncio que Althuda se explicasse, e, depois de uma Pausa, ele continuou: — Robert é meu filho, nascido naqueles ermos depois que escapamos da colônia. Neste agosto, ele completará um ano de idade. Sua mãe é uma das garotas de que falei. Em tudo, a não ser no nome, é minha esposa. Ninguém dentro da cerca de amendoeiras amargas, além de mim, poderia saber o nome da criança.

— Então, você tem uma razão tão boa quanto qualquer um de nós Para querer fugir destas muralhas

— murmurou Hal.

O conteúdo das mensagens que puderam passar a Aboli fora severamente restrito pelo tamanho do papel que podiam empregar com segurança sem alertar os carcereiros ou o agudo e faminto escrutínio de Hugo Barnard. Hal e Althuda passaram horas estreitando os olhos sob a luz ténue e puxando pela cabeça para compor as mais sucintas mensagens que ainda assim pudessem ser inteligíveis. As respostas que retornaram eram a voz de Sukeena falando, pequenas jóias de brevidade que os deliciavam com vislumbres ocasionais de bom senso e humor.

Hal descobriu-se a pensar mais e mais em Sukeena, e quando ela voltou novamente ao castelo, seguindo atrás da patroa, seu olhar correu primeiro para o andaime onde ele trabalhava, antes de ir procurar o irmão. Ocasionalmente, quando havia espaço nos bilhetes que Aboli colocava no vão da muralha, ela fazia pequenos comentários pessoais, uma referência à sua barba hirsuta e negra ou à passagem de seu aniversário. Aquilo espantou Hal e o tocou profundamente. Ele ficou a imaginar por um momento como ela soubera daquele detalhe íntimo, até que adivinhou que Aboli lhe contara. Encorajou então Althuda a falar sobre ela na escuridão. Soube pequenas coisas acerca da sua infância, suas fantasias e as coisas de que não gostava. Enquanto jazia deitado, a ouvir Althuda, começou a se apaixonar por ela.

Agora, quando Hal olhava para as montanhas ao norte, elas estavam cobertas por um manto de neve que brilhava à luz do sol hibernal. O vento descia de lá como uma lança e parecia espicaçar-lhe a alma.

— Aboli ainda não soube de Sabah. — Depois de quatro meses de espera, Hal aceitou por fim aquele fracasso. — Teremos de cortá-lo de nossos planos.

— Ele é meu amigo, porém pode ter desistido — concordou Althuda. — Lamento por minha esposa, pois ela também deve estar chorando minha morte.

— Vamos em frente, então, pois não adianta reclamar por aquilo que nos é negado — disse Hal, com firmeza. — Seria mais fácil escapar da pedreira da montanha do que do próprio castelo. Parece que Sukeena arranjou para que sua pena fosse comutada. Talvez possa do mesmo jeito nos mandar para a pedreira.

Despacharam a mensagem, e, uma semana depois, a resposta voltou. Sukeena se via incapaz de influenciar na escolha do local de trabalho e avisou que qualquer tentativa com relação a isso poderia despertar suspeitas imediatas. "Seja paciente, Gundwane", disselhe, numa mensagem mais longa do que jamais lhe mandara antes. "Aqueles que os amam estão trabalhando por sua salvação."

Hal leu a mensagem uma centena de vezes e depois a repetia para si mesmo com a mesma frequência. Ficara comovido com o fato de ela ter usado seu apelido, Gundwane. Claro, Aboli lhe contara isso também.

"Aqueles que os amam? Quer dizer Aboli apenas, ou usa o plural intencionalmente? Existe outra pessoa que me ama também? Ela se refere a mim apenas ou inclui Althuda, o irmão?" Ele se alternava entre a esperança e a aflição. "Como ela pode transtornar minha mente assim, quando jamais nem mesmo ouvi sua voz? Como pode sentir algo por mim, quando nada vê além de um espantalho barbudo em trapos de mendigo? Porém, quem sabe, talvez Aboli seja meu defensor e diga a ela que nem sempre eu fui assim."

Fossem quais fossem os planos, os dias passaram e a esperança definhou. Mais seis dos marujos de Hal morreram durante os meses de agosto e setembro: dois caíram do andaime, um foi esmagado por um bloco de alvenaria em queda, dois mais sucumbiram com o frio e a umidade. O sexto foi Oliver, que fora o criado de Sir Francis. Anteriormente, durante a prisão, seu pé direito fora esmagado sob a roda revestida de ferro de um dos carros de boi que traziam as pedras da pedreira. Mesmo que o Dr. Saar tivesse colocado uma tala no osso partido, o pé não se curaria. Inchou e estourou em úlceras supuradas

que fediam como a carne de um cadáver. Hugo Barnard encaminhou-o de volta ao trabalho, mesmo que mancasse pelo pátio com uma muleta rústica.

Hal e Daniel tentavam proteger Oliver; porém, se interferiam de um jeito muito óbvio, Barnard se tornava ainda mais vingativo. Tudo o que podiam fazer era assumir tanto quando pudessem o trabalho de Oliver e mantê-lo fora do alcance do chicote do supervisor. Quando chegou o dia em que Oliver estava fraco demais para subir a escada até o topo da muralha sul, Barnard mandou-o trabalhar como auxiliar de pedreiro, a cortar e modelar as lajes de pedra. No pátio, ficava direto sob o olhar de Barnard, e, por duas vezes na mesma manhã, Barnard o cortara com o chicote.

A última vez foi um golpe casual, não tão malévolo como muitos que o tinham precedido. Oliver era um alfaiate de profissão e, por natureza, uma criatura tímida e gentil, porém, como um cão vira-lata empurrado para uma via onde não havia escape, voltou-se e atacou. Girou a pesada marreta de madeira na mão direita e arremessou-a; embora barnard saltasse para trás, não foi rápido o bastante, e a marreta alcançou-o numa canela. Foi um golpe de raspão, que não quebrou o osso mas rasgou a pele, e um jato de sangue escureceu as calças de Barnard e respingou-lhe o sapato. Mesmo de seu poleiro no andaime, Hal pôde ver, pela expressão, que Oliver estava abalado e apavorado pelo que fizera.

— Senhor! — gritou ele, e caiu de joelhos. — Eu não pretendia isso. Por favor, senhor, perdoe-me. — Deixou cair a marreta e ergueu as duas mãos à face numa atitude de prece.

Hugo Barnard cambaleou para trás e então se inclinou para examinar o ferimento. Ignorou os frenéticos apelos de Oliver e puxou as calças para expor o longo arranhado pela canela. Depois, sem olhar para Oliver, andou até a cerca de prender animais aos fundos do pátio onde seu par de cães negros estava amarrado. Segurou-os pelas correias e apontou-os para onde Oliver ainda se ajoelhava.

— Peguem-no! — Eles avançaram contra as correias, rosnando e ofegando com enormes bocarras vermelhas e longos dentes brancos. — Peguem-no! — incitou Barnard, e ao mesmo tempo, os reprimiu. A fúria em sua voz enraiveceu os animais, e eles saltavam, forçando as peias, tanto que Barnard quase foi arrancado dos pés.

— Por favor! — gritou Oliver, lutando para se levantar e caindo para trás e depois rastejando até onde sua muleta estava encostada contra a muralha de pedra.

Barnard soltou os cães. Eles investiram pelo pátio, e Oliver teve tempo apenas para erguer as mãos a fim de proteger o rosto antes que estivessem sobre ele.

Eles o derrubaram e o mandaram rolando pelo calçamento e depois o atacaram com as mandíbulas ferozes. Um foi para sua face, porém Oliver ergueu o braço e o animal enterrou-lhe os dentes no cotovelo. Oliver estava sem camisa, e o outro cão pegou-o pela barriga. Ambos o sacudiram.

Do alto do andaime, Hal estava impotente para intervir. Gradualmente, os gritos de Oliver se tornaram mais fracos e suas convulsões cessaram. Barnard e seus cães não se afastaram: continuaram sobre o corpo muito tempo depois que o derradeiro resquício de vida havia se extinguido. Então, Barnard deu ao corpo mutilado um último chute e recuou. Ofegava pesadamente, e o suor escorria de sua face e pingava na frente da camisa, mas ele ergueu a cabeça e sorriu para Hal. Deixou o corpo de Oliver a jazer no calçamento até o fim do turno de trabalho, quando gritou para Hal e Daniel:

— Joguem esse monte de lixo na esterqueira atrás do castelo. Ele será mais útil às gaivotas e corvos do que algum dia foi para mim. — Riu com alegria quando viu o ar assassino nos olhos de Hal.

Quando a primavera chegou novamente, apenas oito haviam restado. Contudo, os oito estavam temperados pela adversidade. Cada músculo e nervo se erguia orgulhoso sob a pele queimada e batida pelas intempéries no peito e braços de Hal. As palmas de suas mãos estavam grossas como couro, seus dedos poderosos com as pinças de um ferreiro. Se fosse se meter numa briga, um único golpe de um de seus punhos arranhados poderia mandar um homem de grande estatura para o chão.

A primeira promessa de primavera dispersou as nuvens varridas pelo vento, e o sol tinha um novo fogo em seus raios. Uma inquietude despertou do desânimo resignado que os possuía a todos durante o inverno. Os ânimos estavam acirrados, as brigas entre eles mais frequentes, e seus olhares miravam muitas vezes as montanhas distantes, nas quais a neve tinha derretido, ou se voltavam para o azul do Atlântico.

Então, chegou uma mensagem de Aboli pela letra de Sukeena. "Sabah saúda A. Bobby e a mãe anseiam por ele."

Aquilo os encheu a todos de uma esperança selvagem e jubilosa que, na verdade, não tinha um firme fundamento, pois Sabah e seu bando somente poderiam ajudá-los assim que tivessem passado a cerca de amendoeiras amargas.

Outro mês se passou, e a vibrante chama de esperança que se acendera em seus corações transformou-se numa brasa. A primavera veio em sua plena glória e transmutou a montanha num prodígio de flores silvestres cujas cores deixavam o olhar atônito e cujo perfume os alcançava mesmo no alto andaime. O vento veio cantando do sudeste, e os pássaros voltaram sabe-se lá de onde, a inflamar o ar com sua plumagem esfuziante.

Então, houve uma mensagem lacônica de Sukeena e Aboli. "É tempo de ir. Quantos são?"

Naquela noite, discutiram a mensagem em murmúrios que vibravam de excitação:

— Aboli tem um plano. Porém, como poderia nos tirar todos daqui? - Para mim, ele é o único cavalo na corrida — resmungou Daniel

Grande. — Estou apostando cada centavo que tenho nele.

— Se pelo menos tivéssemos um centavo para apostar — riu Ned. Era a primeira vez que Hal o ouvia rir desde que Oliver fora rasgado em pedaços pelos cães de Barnard.

— Quantos vão? — perguntou Hal. — Pensem um pouco, camaradas, antes de me dar a resposta. — Na luz ruim, ele olhou para o círculo de cabeças cujas expressões tornaram-se sérias. — Se ficarem aqui, viverão por algum tempo pelo menos, e ninguém pensará mal de vocês. Se partirmos e não chegarmos à montanha, então todos viram como meu pai e Oliver morreram. Não é uma morte adequada para um animal, quanto mais para um homem.

Althuda falou primeiro:

— Mesmo que não fosse por Bobby e minha mulher, eu iria.

— Eu também! — disse Daniel.

— Eu também! — disse Ned.

— São três — murmurou Hal. — E quanto a você, William Rogers?

— Estou com o senhor, Sir Henry.

— Não me teste, Billy. Já lhe disse para não me chamar assim. — Hal franziu a testa. Quando usavam seu título, ele se sentia uma fraude, pois não era merecedor da honra que seu avô ganhara pela mão direita de Drake. O título que seu pai tinha carregado com tamanha distinção. — Sua última chance, mestre Billy. Se sua língua se enrolar novamente, chutarei algum sentido do seu outro lado, ouviu?

— Sim, ouvi alto e bom som, Sir Henry. — Billy sorriu para ele, e os outros caíram na risada enquanto Hal o agarrava pelo cangote e lhe socava as orelhas. Estavam todos borbulhando de excitação. Todos, a não ser Dick Moss e Paul Hale.

— Estou muito velho para uma brincadeira como essa, Sir Hal. Meus ossos estão tão enferrujados que eu não poderia cavalgar um jovem atraente nem que o senhor o amarrasse a um barril para mim, quanto mais escalar uma montanha. — Dick Moss, o velho pederasta, sorriu. — Perdoe-me, capitão, mas Paul e eu estivemos conversando, e ficaremos aqui, onde teremos a barriga cheia de ensopado e um monte de palha a cada noite.

— Talvez sejam mais sábios que o resto de nós — concordou Hal, e não ficou triste com a decisão.

Dicky havia muito passara de seus dias de glória, quando fora o homem a bater o topo de mastro quando içavam uma vela ao pleno vento. Aquele último inverno lhe endurecera os membros e deixara grisalhos seus cabelos. Seria uma carga não paga a carregar naquela viagem. Paul era a esposa de Dicky. Estavam juntos por vinte anos, e embora Paul fosse uma fúria com um alfanje na mão, ficaria com seu amante idoso.

— Boa sorte para vocês. São um par como nenhum outro que já conheci — disse Hal, e olhou para Wally Tentilhão e Stan Andorinha. E quanto a vocês, os dois pássaros? Vão voar conosco, camaradas?

— Tão alto e tão longe quanto forem — falou Wally por ambos, e Hal deu-lhe um tapinha no ombro.

— Isso faz seis de nós, oito com Aboli e Alhuda. E vamos voar tão alto e tão longe, que todos ficarão satisfeitos, eu lhes garanto.

Houve uma troca final de mensagens enquanto Aboli e Sukeena explicavam o plano em que tinham trabalhado. Hal sugeriu alguns refinamentos e relacionou uma lista de itens que Aboli e Sukeena deveriam tentar furtar para poder tornar mais certa a sobrevivência nos ermos. Os principais entre eles eram um mapa e uma bússola; e um sextante, se conseguissem encontrar um.

Aboli e Sukeena fizeram os preparativos finais sem permitir que a ansiedade ou a emoção se tornassem aparentes para o resto da equipe da casa. Os vigias estavam sempre observando tudo o que acontecia nos alojamentos dos escravos, e eles não confiavam em ninguém, agora que estavam tão perto do dia escolhido. Sukeena gradualmente reuniu alguns daqueles itens mencionados por Hal e adicionou uns poucos por sua própria conta dos que sabia que iriam precisar.

No dia anterior ao da fuga planejada, Sukeena chamou Aboli para a sala de estar principal da residência, onde antes ele nunca tivera permissão para entrar.

— Preciso de sua força para mover o armário entalhado no salão de banquete — disselhe ela, na frente da cozinheira e de dois outros membros da equipe de cozinha.

Aboli seguiu-a com ar submisso, tal como um cachorro treinado puxado pelo laço. Assim que estavam sozinhos, Aboli abandonou o comportamento de humilde escravo.

— Seja rápido! — avisou-o Sukeena. — A patroa voltará em breve. Está com João Lento nos fundos do jardim. — Dirigiu-se rapidamente até a veneziana da janela que dava para os gramados e viu que o casal mal combinado ainda estava em animada conversa sob os carvalhos.

— Não há limite para a devassidão daquela mulher — murmurou Para si mesma, enquanto observava Katinka rir de algo que o carrasco lhe dissera. — Ela faria sexo com um porco ou com uma serpente venenosa se lhe ocorresse essa fantasia. — Sukeena estremeceu diante da lembrança daquela língua de ofídio a lhe explorar os recessos secretos de seu próprio corpo. Não acontecerá outra vez, prometeu a si mesma, são apenas mais quatro dias para suportar antes que Alhuda esteja a salvo. Se me chamar para o ninho antes disso, então alegarei que minha menstruação está descendo.

Ouviu algo vultear no ar como um grande pássaro em vôo e relanceou o olhar por sobre o ombro para ver que Aboli tirara uma das espadas da exposição de armas no corredor. Ele testava seu equilíbrio e têmpera, balançando-a em círculos cantantes em torno da cabeça, de tal maneira que os reflexos de luz da lâmina dançavam nas paredes brancas.

Deixou-a de lado e escolheu outra, porém não a apreciou em nada e devolveu-a com uma cara feia.

— Depressa! — exclamou ela baixinho para ele.

Em questão de minutos, ele pegara outras três espadas, não apenas pelas jóias que decoravam seus punhos, mas pela leveza e têmpera de suas lâminas. Todas três eram cimitarras curvas feitas pelos

arheiros de Shah Jahan, em Agra, no continente da Índia.

— Foram feitas para um príncipe mongol e se ajustam mal na mão de um marinheiro rude, porém servirão até que eu possa encontrar um alfanje de bom aço Sheffield para substituí-las. — Então, pegou uma lâmina mais curta, uma faca kukri usada pelo povo dos altiplanos da Índia distante, e cortou uma porção de pêlos do antebraço. — Esta servirá para o trabalho próximo que tenho em mente. — Grunhiu de satisfação.

— Marquei bem as que você escolheu — disselhe Sukeena. — Agora, deixe-as na estante, ou seus lugares vazios serão percebidos pelos outros escravos da casa. Eu as passarei a você na noite antes do dia combinado.

Naquela tarde, ela pegou a cesta e, com o chapéu cônico de palha na cabeça, foi para a montanha. Embora qualquer eventual observador não pudesse adivinhar seu intento, ela certificou-se de ficar fora da vista, escondida na floresta que cobria a grande ravina abaixo do cume. Havia uma árvore morta que ela notara em muitas excursões prévias. Do miolo podre brotava um ajuntamento de pequenos cogumelos cor de púrpura. Ela calçou um par de luvas antes de começar a colhê-los. Os talos abaixo do topo em formato de guarda-sol eram de uma bela coloração amarela. Aqueles fungos eram tóxicos; porém, apenas se comidos em quantidade seriam fatais. Ela os escolheu por essa característica não queria ter a morte de homens inocentes e suas famílias em sua consciência. Colocou-os no fundo da cesta e cobriu-os com outras raízes e ervas antes de descer a lareira íngreme da montanha e caminhar devagar de volta pelos vinhedos até a residência.

Naquela noite, o governador van de Velde daria um jantar de gala no grande salão, e convidara os notáveis da povoação e todos os dignitários da companhia. Aquelas festividades continuaram até tarde, e depois que os convidados partiram, a equipe da casa e os escravos estavam exaustos. Deixaram Sukeena para fazer a ronda e trancar as cozinhas para a noite.

Assim que estava sozinha, ela ferveu os cogumelos roxos e reduziu a essência até a consistência de um mel fresco. Despejou o líquido dentro de uma das garrafas de vinho vazias da festa. Não tinha odor e ela não precisava prová-lo para saber que mostrava apenas um ligeiro gosto de cogumelo. Uma das mulheres que trabalhavam nas cozinhas das barracas do castelo estava em débito para com ela: as poções de Sukeena tinham salvado seu filho mais velho que fora atacado pela varíola. Na manhã seguinte, ela deixou a garrafa numa cesta com remédios e poções na carruagem, para que Aboli a entregasse à mulher.

Quando Aboli levou o governador para o castelo, este tinha a face pálida como cinza e a expressão mal-humorada devido aos efeitos dos excessos da noite anterior. Aboli deixou uma mensagem na fenda da parede, em que se lia: "Não comam nada da cozinha da guarnição de noite."

Naquela noite, Hal despejou o conteúdo do caldeirão de ensopado dentro do balde da latrina antes que qualquer dos homens fosse tentado a prová-lo. O aroma fumegante encheu a cela, e, para os marinheiros esfaimados, aquilo cheirava como a promessa de vida eterna. Resmungaram e rilharam os dentes, e xingaram Hal, sua sorte e a si próprios ao verem tudo desperdiçado.

Na manhã seguinte, na hora costumeira, o calabouço começou a pulsar de vida. Bem antes que a alvorada delineasse as quatro pequenas janelas barradas, os homens resmungavam e tossiam e então se levantavam, um de cada vez, para se aliviar, grunhindo e peidando enquanto evacuavam no balde da latrina. Depois, à medida que a significação do dia desabava sobre eles, um silêncio forçoso e carregado os envolveu.

Lentamente, a luz do dia filtrou-se até eles das janelas, e todos se entreolharam de soslaio. Nunca tinham sido deixados ali até tão tarde. Em todas as outras manhãs, estavam trabalhando nas muralhas uma hora antes.

Quando por fim as chaves de Manseer retiniram na fechadura o homem parecia pálido e adoentado.



Os dois outros com ele não estavam em melhor estado.

— O que é que há com você, Manseer? — perguntou Hal. — pensamos que tinha mudado de afeições e que nunca mais o veríamos de novo. — O carcereiro era um simplório honesto, de pouca malícia e durante aqueles meses, Hal havia cultivado um relacionamento superficialmente amigável com ele.

— Passei a noite sentado na latrina — queixou-se Manseer.

Tinha companhia, pois cada homem da guarnição tentava entrar lá comigo. Mesmo a esta hora, metade deles ainda está deitada nos catres...

— Interrompeu-se quando sua barriga roncou como um trovão distante, e uma expressão desesperada subiu-lhe à face. — Lá vou eu de novo! Juro que matarei aquele cozinheiro sifilítico. — Partiu para as escadas e deixou-os a esperar por outra meia hora, antes que retornasse para abrir o portão gradeado e conduzi-los para o pátio.

Hugo Barnard esperava para assumir o comando. Estava de mau humor.

— Perdemos metade de um dia de trabalho — esbravejou para Manseer.

— O coronel Schreuder vai me culpar por isso, e quando o fizer, cairei em cima de você, Manseer! — Voltou-se para a fila de condenados. — Não fiquem a fazer caretas, seus bastardos! Por Deus, vão me dar um dia inteiro de trabalho, mesmo que eu tenha de mantê-los nos andaimes até a meia-noite. Agora, subam, e bem depressa!

Barnard estava em bom estado, a face rubicunda e o temperamento já em ebulição. Era evidente que a cólica e a diarreia que afligiam o resto da guarnição não o incomodaram. Hal recordou-se de Manseer ter comentado que Barnard vivia com uma jovem hotentote na povoação perto da praia, e não comia da ração da guarnição.

Olhou ao redor rapidamente enquanto caminhava pelo pátio até o pé da escada. O sol já estava alto, e seus raios iluminavam os reductos da parte oeste do castelo. Havia menos da metade do número costumeiro de carcereiros e guardas: uma sentinela em vez de quatro nos portões, nenhuma na entrada da armaria e apenas uma no topo da escada que conduzia aos escritórios da companhia e aos aposentos do governador, no lado sul do pátio.

Quando subiu a escada e chegou ao topo da muralha, olhou pelo passeio até a avenida e pôde apenas divisar o teto da residência do governador entre as árvores.

— Seja rápido, por Deus, Aboli — murmurou. — Estamos prontos para você.

Aboli trouxe a carruagem até a frente da residência uns poucos minutos antes do horário estipulado pela esposa do governador e parou os cavalos abaixo do pórtico. Quase imediatamente, Sukeena apareceu na soleira da porta e o chamou:

— Aboli! A patroa tem alguns pacotes para levar conosco na carruagem. — Sua entonação era leve e tranquila, sem nenhum toque de tensão. — Por favor, entre e carregue-os. — Isso foi dito com vistas aos outros que ela sabia que poderiam estar ouvindo.

Obediente, Aboli travou o breque das rodas da carruagem e, com uma palavra de calma aos cavalos, saltou do assento de cocheiro. Moveu-se sem pressa, e sua expressão era tranquila quando ele seguiu Sukeena para dentro da casa. Saiu de novo um minuto depois, carregando um tapete de seda enrolado e um conjunto de alforjes de sela de couro. Foi até a traseira da carruagem e colocou aquela bagagem nas alcofas e depois fechou a tampa. Não havia nenhum ar de segredo em seus movimentos nem qualquer gesto furtivo para alertar os outros escravos. As duas criadas que estavam ocupadas a varrer o terraço em frente nem mesmo ergueram o olhar para ele. Ele voltou a seu banco e pegou as rédeas, a aguardar com a paciência infinita de um escravo.

Katinka estava atrasada, porém isso não era incomum. Chegou por fim numa nuvem de perfume francês e farfalhar de sedas, e desceu as escadas, a encarar Sukeena com expressão fechada por alguma

imaginária má conduta. Sukeena deslizou ao lado dela em passos silenciosos, contrita e sorridente.

Katinka subiu à carruagem como uma rainha a caminho da coroação e ordenou imperiosamente a Sukeena:

— Venha e sente-se aqui, a meu lado!

Sukeena inclinou-se numa mesura, levando as mãos aos lábios. Esperava que Katinka lhe desse aquela ordem. Quando estava com humor para intimidades físicas, Katinka a queria por perto o bastante para poder esticar a mão e tocá-la. Em outras ocasiões, era fria e alheada, porém sempre imprevisível.

É um presságio bom que ela tenha feito o que eu pretendia, encorajou-se Sukeena, ao tomar o assento do lado oposto ao da patroa e sorrir para ela amorosamente.

— Adiante, Aboli — exclamou Katinka, e depois, conforme a carruagem avançava, dirigiu a atenção para Sukeena. — Como se assenta essa cor em mim à luz do sol? Não me torna pálida e insípida?

— Vai lindamente com sua pele, patroa. — Sukeena lhe disse exatamente o que ela queria ouvir. — Até melhor que dentro de casa. Também salienta as luzes violeta em seus olhos.

— Não haveria um toque a mais de renda no decote, o que acha? — Katinka inclinou a cabeça de um jeito elegante.

Sukeena pensou na resposta:

— Sua beleza não precisa nem mesmo da mais bela renda de Bruxelas — disse a ela. — Persiste por si só.

— Pensa assim, Sukeena? É uma grande lisonjeadora, porém devo dizer que você mesma está parecendo particularmente exuberante esta manhã. — Analisou a jovem, pensativa. A carruagem agora rodava pela avenida num trote, os cinzentos a arquear os pescoços e a pisar de um jeito macio. — Há cor em suas faces e um faiscar em seu olhar. Alguém poderia imaginar que está apaixonada.

Sukeena fitou-a de uma maneira que fez a pele de Katinka formigar.

— Oh, mas estou apaixonada por uma pessoa especial.

— Minha queridinha tola — ronronou Katinka.

A carruagem chegou ao campo e virou em direção ao castelo. Katinka estava tão absorta, que, por algum tempo, não se deu conta de para onde estava rumando. Então, uma sombra de aborrecimento cruzou-lhe a face e ela gritou, com estridência:

— Aboli! O que está fazendo, idiota? Não vamos para o castelo. Estamos indo para Mevrouw de Wall.

Aboli pareceu não tê-la escutado. Os cinzentos trotaram direto rumo aos portões do castelo.

— Sukeena, diga ao estúpido para dar a volta.

Sukeena levantou-se num pulo na carruagem oscilante e depois se sentou ao lado de Katinka, deslizando o braço pelo da patroa, segurando-a com firmeza.

— Pelos céus, o que está fazendo, criança? Não aqui. Perdeu a cabeça? — Tentou puxar o braço, mas Sukeena segurou-a com uma força que a espantou.

— Vamos para o castelo — disse Sukeena, baixinho. — E a senhora fará exatamente o que eu lhe disser.

— Aboli! Pare a carruagem neste instante! — Katinka ergueu a voz e fez menção de levantar-se. Porém, Sukeena puxou-a de volta para o banco.

— Não se debata — ordenou Sukeena — ou serei obrigada cortá-la. Sua face primeiro, de modo que não seja mais linda. Depois, se ainda não obedecer, mandarei esta lâmina através de seu coração nojento e demoníaco.

Katinka olhou para baixo e, pela primeira vez, viu a lâmina que Sukeena apontava a seu lado. Aquela adaga fora um presente de um dos amantes de Katinka, e ela sabia o quanto era afiada sua esguia lâmina.

Sukeena a roubara do quarto de vestir de Katinka.

— Está louca? — Katinka empalideceu de terror e tentou se esquivar da ponta de agulha.

— Sim. Louca o bastante para matá-la e sentir prazer nisso. — Sukeena comprimiu o punhal contra o lado da costela da patroa, e Katinka gritou. Os cavalos empinaram as orelhas. — Se gritar de novo, arrancarei seu sangue — avisou Sukeena. — Agora, contenha a língua e escute enquanto lhe digo o que tem de fazer.

— Eu a entregarei a João Lento e rirei quando ele lhe arrancar as entranhas — esbravejou Katinka, porém sua voz saiu trémula e havia terror em seus olhos.

— Você jamais rirá de novo, a menos que me obedeça. Este punhal cuidará disso — e Sukeena espetou Katinka de novo, com força bastante para romper pano e pele, tanto que uma mancha de sangue do tamanho de um guinéu de prata apareceu no corpete.

— Por favor! — choramingou Katinka. — Por favor, Sukeena, farei o que disser. Por favor, não me machuque de novo. Você disse que me amava.

— E menti — sibilou Sukeena para ela. — Menti pelo bem de meu irmão. Eu a detesto. Você nunca saberá a força de meu ódio. Abomino o toque de suas mãos. Sinto-me revoltada com cada coisa nojenta e asquerosa que me forçou a fazer. Portanto, não espere em troca nenhum amor de minha parte. Eu a esmagarei com tão pouca pena quanto se estivesse tentando livrar meus cabelos de piolhos.

Katinka viu a morte naqueles olhos e teve medo, um medo enorme como raramente tivera em toda a vida.

— Farei conforme me disser — murmurou, e Sukeena instruiu-a num tom duro e baixo que era mais ameaçador que qualquer grito ou vociferação.

Conforme Aboli dirigia a carruagem pelos portões do castelo, o alvoroço usual de atividade saudou sua chegada. A única sentinela postou-se em atitude de prontidão e apresentou o mosquete, Aboli conduziu os cinzentos e levou a carruagem até a frente dos escritórios da companhia. O capitão da guarda veio depressa da armaria afivelando apressado seu cinto da espada. Era um jovem subalterno recém-chegado da Holanda, e fora pego de surpresa pela chegada inesperada da esposa do governador.

— Pelos cornos do diabo! — resmungou para si mesmo. — Por que a cadela escolheu hoje para chegar, quando metade de meus homens está doente como cães?

Olhou ansioso para o único guarda à porta dos escritórios da companhia e viu que a face do homem ainda se tingia de um pálido esverdeado. Depois, percebeu que a esposa do governador o chamava do banco da carruagem. Saiu numa corrida pelo pátio, endireitando o quepe e apertando a tira sob o queixo ao se aproximar. Chegou à carruagem e saudou Katinka:

— Bom dia, Mevrouw. Posso ajudá-la a descer?

A esposa do governador tinha uma expressão tensa e nervosa, e sua voz saiu aguda e ofegante. Instantaneamente, o subalterno alarmou-se.

— Alguma coisa está errada, Mevrouw?

— Sim, algo está muito errado. Chame meu marido!

— Quer ir até seu escritório?

— Não. Ficarei aqui na carruagem. Vá até ele neste instante e diga-lhe que precisa vir imediatamente. É um assunto de extrema importância. De vida e morte! Vá! Depressa!

O capitão pareceu espantado e se inclinou rapidamente, para depois subir os degraus, dois de cada vez, e disparar pelas portas duplas até os escritórios. Enquanto se afastava, Aboli desceu, foi até as alcofas na traseira da carruagem e abriu a tampa. Então olhou ao redor, pelo pátio.

Havia um guarda nos portões e outro no topo da escadaria, porém, como sempre, a mecha de queima lenta em seus mosquetes estava apagada. Não havia sentinela postada nas portas da armaria, contudo, de

onde estava, ele podia ver pela janela que três homens estavam na sala de guarda. Cada um dos cinco supervisores no pátio carregava espadas, assim como o chicotes e varas. Hugo Barnard estava ao fundo do pátio e tinha ambos os cães nas correias. Passava um sermão na turma de condenados comuns que se postava nas pedras de pavimentação ao longo do pé da muralha leste. Aqueles outros condenados que não faziam parte da tripulação do Resolução poderiam ser um perigo quando houvesse a tentativa de fuga. Aproximadamente duzentos trabalhavam nas muralhas, a escória multirracial da humanidade. Poderiam facilmente dificultar a tentativa de resgate bloqueando a rota de fuga ou mesmo ao tentar se juntar à tripulação do Resolução e rodear a carruagem quando percebessem o que estava acontecendo.

Lidaremos com isso oportunamente, pensou Aboli, nervoso, e voltou a plena atenção para os guardas e supervisores armados que eram a ameaça principal. Com Barnard e sua turma, havia dez homens armados à vista, porém qualquer grito de alerta traria outros vinte ou trinta soldados apressados para fora das barracas e pelo pátio. O negócio todo poderia fugir do controle rapidamente.

Ergueu os olhos para encontrar Hal e Daniel Grande a observá-lo do andaime. Hal já tinha a corda do pórtico na mão, a ponta enrolada em torno do pulso. Ned Tyler e Billy Rogers estavam na bancada mais baixa, e os dois pássaros, Tentilhão e Andorinha, trabalhavam perto de Althuda, no pátio. Todos fingiam cumprir suas tarefas, porém, sub-repticiamente, olhavam para Aboli.

Aboli estendeu a mão para a alcofa e soltou o barbante que prendia o tapete enrolado de seda. Abriu uma aba dele e, revelou as três cimitarras mongóis e a faca kukri que escolhera para si mesmo. Sabia que, daquela posição vantajosa, Hal e Daniel Grande poderiam ver dentro da alcofa. Então, recostou-se imóvel e sem expressão na roda de trás da carruagem.

De súbito, o governador irrompeu sem chapéu e em mangas de camisa pelas portas duplas ao topo da escadaria e desceu numa corrida cambaleante e desajeitada.

— O que é, Mevrouw? — gritou, aflito, para a esposa, quando estava a meio caminho. — Disseram que mandou me chamar e que é um assunto de vida e morte.

— Depressa! — exclamou ela, chorosa. — Estou no mais terrível apuro.

Ele chegou à porta da carruagem a ofegar pesadamente.

— Diga-me o que a aflige, Mevrouw — gaguejou.

Aboli aproximou-se por detrás dele e enganchou o braço forte em torno do seu pescoço, apertando-o. Van de Velde começou a se debater. Com toda a sua obesidade, era um homem vigoroso, e mesmo Aboli teve dificuldade em segurá-lo.

— Em nome do diabo, o que está fazendo? — vociferou van de Velde, ultrajado.

Aboli colocou a lâmina do kukri em sua garganta. Quando van de Velde sentiu o toque frio do aço e o picar da ponta da lâmina, seus esforços para se livrar cessaram.

— Cortarei sua garganta como o porco glutão que é — murmurou-lhe Aboli ao ouvido —, e Sukeena tem uma adaga no coração de sua esposa. Diga a seus soldados para ficarem onde estão e jogarem fora as armas.

O capitão avançara ao grito de van de Velde, e sua espada estava a meio caminho para fora da bainha quando correu escada abaixo.

— Pare! — gritou-lhe, van de Velde aterrorizado. — Não se mova, seu tolo. Você me matará. — O soldado estacou e estremeceu, confuso.

Aboli aumentou o aperto em torno da garganta do governador.

— Diga-lhe que jogue fora a espada.

— Jogue fora sua espada! — ganiu van de Velde. — Faça o que ele diz. Não vê que ele tem uma faca em meu pescoço?

O subalterno deixou cair a espada, que retiniu nos degraus.

Quinze metros acima do pátio, Hal pulou do andaime, pendurado na corda passada pelo pórtico, e Daniel Grande atracou-se à outra ponta, freando a velocidade de sua queda. A roldana guinchou conforme ele descia e aterrissava no calçamento, em pleno equilíbrio. Ele saltou para a traseira da carruagem e pegou uma das cimitarras enfeitadas de jóias. Com o próximo salto, estava a meio caminho dos degraus, onde se inclinou e agarrou a espada do capitão na mão esquerda. Colocou a ponta sob o queixo do oficial e disse:

— Ordene a seus homens para jogarem fora suas armas!

— Baixem as armas, todos vocês! — berrou o capitão. — Se algum dentre vocês trazer algum dano ao governador ou sua esposa, pagará por isso com a própria vida.

As sentinelas obedeceram, num burburinho, deixando cair os mosquetes e armas adicionais nas pedras do pavimento.

— Vocês também! — gritou para van de Velde os supervisores, e, com relutância, eles obedeceram.

Contudo, naquele momento Hugo Barnard estava oculto por uma pilha de blocos de alvenaria. Avançou silencioso para dentro da soleira das cozinhas, puxando os dois cães com ele, e agachou-se ali, à espera de uma oportunidade.

Do andaime, saltaram os outros marinheiros. Andorinha e Tentilhão, da bancada mais baixa, foram os primeiros a chegar ao pátio; Ned, Daniel Grande e Billy Rogers estavam segundos atrás deles.

— Vamos, Althuda! — gritou Hal, e Althuda jogou a marreta e o cinzel e correu para se juntar a eles.

— Pegue! — Hal lançou a cimitarra enfeitada de pedras preciosas numa parábola alta e reluzente, e Althuda estendeu a mão e pegou-a pelo punho, apanhando-a com destreza no ar. Hal ficou a imaginar que classe de espadachim era ele. Como pescador, era improvável que tivesse muita prática.

Terei de protegê-lo se houver uma luta, pensou, e olhou ao redor de si rapidamente. Viu Daniel tirando as outras armas da alcofa na traseira da carruagem. As cimitarras gémeas pareciam brinquedos em seu punho enorme. Ele jogou uma para Ned Tyler e guardou a outra para si mesmo enquanto corria para se juntar a Hal.

Hal pegou uma espada que uma sentinela tinha deixado cair e jogou-a para Daniel Grande.

— Esta faz mais o seu estilo, mestre Danny — berrou, e Daniel sorriu, mostrando os dentes pretos quebrados, ao pegar a pesada arma de infantaria e fazê-la assobiar no ar enquanto cortava à esquerda e à direita.

— Doce Jesus, é bom ter uma lâmina de verdade em minha mão outra vez! — exultou, e jogou a leve cimitarra para Wally Tentilhão. — Uma ferramenta para um homem, e um brinquedo para um garoto.

— Aboli, mantenha um aperto firme nesse grande porco. Corte fora suas orelhas se ele tentar alguma manha — berrou Hal. — O resto de vocês me siga. — Desceu a escada e correu rumo às portas da armaria, com Daniel Grande e os outros em seus calcanhares. Althuda ia segui-lo também, porém Hal o impediu. — Você não. Cuide de Sukeena!

Enquanto Althuda corria de volta e eles atravessavam o pátio, Hal gritou para Daniel:

— Onde está Barnard?

— O bastardo assassino estava aqui um momento atrás, porém não o vejo agora.

— Mantenha um bom vigia para suas velas de mastro. Ainda teremos problemas com aquele suíno.

Hal irrompeu dentro da armaria. Os três homens na sala de guarda estavam curvados no banco: dois dormiam, e o terceiro cambaleava nos pés, num aturdimento. Antes que ele pudesse recobrar o bom senso, a Ponta da espada de Hal estava comprimida em seu peito.

— Fique onde está, ou verei a cor de seu fígado. — O homem afundou-se no assento. — Aqui, Ned! — chamou-o Hal enquanto Ned se apressava. — Brinque de ama-seca com esses bebês — e deixou-os a cargo dele enquanto corria atrás de Daniel e os outros marujos.

Daniel investiu contra uma pesada porta de teca ao fim da passagem e arreventou-a. Nunca antes tinham tido a oportunidade de olhar dentro da armaria, porém agora, num relance, Hal viu que tudo estava arrumado de uma maneira limpa e ordenada. As armas ficavam em estantes ao longo das paredes, e as barricas de pólvora armazenadas no teto, ao fundo.

— Pegue as armas e traga uma barrica de pólvora para cada — ordenou, e correu pelas longas prateleiras de espadas de infantaria, polidas, reluzentes e aguçadas até uma ponta brilhante. Mais além, havia as estantes de mosquetes e pistolas. Hal enfiou um par de pistolas na corda que lhe servia de cinto. — Lembrem-se, terão de carregar tudo que pegarem com vocês para as montanhas; portanto, não sejam gananciosos — avisou, e pegou uma barrica de vinte e cinco quilos de pólvora da pirâmide ao fundo da armaria, que ergueu para o ombro. Então, voltou-se para a porta. — É o bastante, camaradas. Vamos cair fora! Daniel, deixe um rastilho de pólvora conforme sair!

Daniel usou o cano de um mosquete para arrancar os tampões de duas das barricas de pólvora. Ao pé da pirâmide de barris, despejou um monte de pólvora negra.

— Esse lote irá explodir com um bum todo-poderoso! — Sorriu, ao recuar em direção à porta, a outra barrica sob o braço, a espalhar uma longa trilha escura atrás de si.

Com os fardos, arrastaram-se para o sol. Hal foi o último a sair.

— Dê o fora daí, Ned! — ordenou, e estendeulhe as armas que carregava conforme Ned corria para a porta. Então, voltou-se para os três soldados holandeses que se encolhiam no banco. Ned os desarmara, suas armas estavam jogadas a um canto da sala de guarda. — Vou explodir este lugar e transformá-lo num inferno — disse a eles em holandês. — Corram para os portões, e, se tiverem juízo, continuem correndo sem olhar para trás. Vão!

Eles saltaram de pé e, na pressa para se safar, entalaram-se na porta. Espremeram-se e lutaram um contra o outro até que irromperam para o pátio e dispararam por ele.

— Olhem lá! — berraram, enquanto corriam para os portões. — Vão explodir o armazém de pólvora!

Os carcereiros e os outros condenados comuns, que, até aquele momento, tinham ficado a olhar boquiabertos para a carruagem e para o governador refém sob o aperto de Aboli, agora voltavam as cabeças em direção à armaria e fitavam o lugar com um ar de surpresa aparvalhada.

Hal apareceu na soleira da porta da armaria com uma espada em uma das mãos e uma tocha fumegante, que apanhara de seu suporte, na outra.

— Vou contar até dez — berrou Hal — e depois vou incendiar o depósito de pólvora! — Em seus trapos, e com a enorme barba preta emaranhada e os olhos selvagens, parecia um louco.

Um murmúrio de horror e medo subiu de cada homem no pátio. Um dos condenados jogou a marreta e seguiu os soldados em fuga numa corrida para o portão. Imediatamente o pandemônio se instalou entre todos. Duzentos condenados e soldados investiram para os portões em busca de segurança.

Van de Velde debateu-se sob o aperto de Aboli e esgoelou:

— Solte-me! O idiota vai explodir tudo até a perdição. Solte-me! Corra! Corra!

Seus gritos juntaram-se ao pânico, e, em questão de um puxar da respiração e da contenção de um longo fôlego, o pátio estava deserto, exceto pelo grupo de marujos em torno da carruagem e Hal. Katinka se pôs a berrar e soluçar histericamente, mas Sukeena esbofeteou-a com força na face.

— Fique quieta, sua tola afetada, ou lhe darei uma boa razão para se debulhar em lágrimas.

E Katinka engoliu de volta a aflição.

— Aboli, leve van de Velde para dentro da carruagem! Ele e sua esposa virão conosco — exclamou Hal, e Aboli ergueu o governador pelo pescoço e empurrou por cima da porta. Ele aterrissou num salto desajeitado no assoalho do veículo e ficou a se debater ali, feito um inseto num alfinete. — Althuda, ponha a ponta da espada no coração desse porco e esteja pronto para matá-lo quando eu lhe der a ordem.

— Estou ansioso por isso! — gritou Althuda. Inclinou-se e arrastou van de Velde para cima e empurrou para o assento, de frente para a esposa. — Onde devo espetá-lo? — perguntou a ele. — Em seu ventre gordo, talvez?

Van de Velde perdera sua peruca na confusão, e sua expressão era abjeta, cada centímetro de sua compleição enorme parecendo tremer de desespero.

— Não me mate. Posso protegê-lo — implorou, e Katinka começou a chorar e gemer de novo.

Desta vez, Sukeena apertou-a simplesmente um pouco mais forte, levou a ponta do punhal até sua garganta e murmurou:

— Não precisamos de você, agora que temos o governador. Não importa nem um pouco se eu a matar.

Katinka engoliu o próximo soluço.

— Daniel, carregue a pólvora e as armas dispersas — ordenou Hal e eles empilharam tudo dentro da carruagem. O veículo elegante não era uma carroça, e cedeu sob o peso em sua suspensão delicada de molas.

— É o suficiente! Não cabe mais nada. — Aboli impediu-os de jogar as últimas poucas barricas de pólvora a bordo.

— Um homem para cada cavalo! — comandou Hal. — Não tentem abordá-los, camaradas. Não são seus cavaleiros. Cairão e quebrarão os pescoços, o que não importará muito, porém seu peso matará os pobres animais antes que tenham andado um quilómetro, e isso importará. Segurem os arreios e deixem que eles os reboquem. — Eles correram para seus lugares em torno da junta de cavalos da carruagem e se agarraram aos arreios. — Deixem espaço para mim na proa de bombordo, camaradas — gritou ele, e mesmo em sua ansiedade e agitação, Sukeena riu alto do uso daqueles termos náuticos. Seus homens compreendem, pensou, e deixaram o cavalo líder do lado de fora para ele.

Aboli saltou para seu lugar no assento do cocheiro, enquanto, no corpo da carruagem, Althuda ameaçava van de Velde, e Sukeena comprimia o punhal contra a garganta branca de Katinka.

Aboli incitou a junta e gritou:

— Vamos, Gundwane. É tempo de partir. A guarnição acordará a qualquer momento agora.

Enquanto dizia isso, ouviram o estampido de um tiro de pistola, e um oficial da guarnição correu da soleira da porta de uma das barracas pelo pátio, sacudindo a pistola fumegante e gritando a seus homens para que entrassem em formação com ele:

— As armas! Comigo a Primeira Companhia!

Hal parou apenas um momento para acender a mecha de queima lenta de uma de suas pistolas com a tocha fumegante; em seguida, jogou a tocha na trilha de pólvora e esperou para ver a faísca se inflamar e pegar fogo. A chama fumarenta começou a comer o rasilho de volta para as portas da armaria, para dentro do corredor que conduzia ao depósito principal de pólvora. Ele então saltou os degraus para o pátio e correu para encontrar a carruagem sobrecarregada enquanto Aboli conduzia os cavalos num círculo e se alinhava aos portões.

Estava quase lá, erguendo a mão para segurar a brida do garanhão cinzento da liderança, quando de repente Aboli gritou, agitado:

— Gundwane, atrás de você! Cuidado!

Hugo Barnard aparecera na soleira da porta onde ele e seus cães tinham buscado abrigo ao primeiro sinal de problemas. Agora, soltava ambos os cachorros das peias, e com gritos selvagens de encorajamento, mandava-os em perseguição a Hal.

— Vát Bom! Peguem-no! — berrava, e os animais correram num ímpeto silencioso, lado a lado, numa velocidade incrível, cobrindo a extensão do pátio como uma dupla de galgos perseguindo uma lebre.

O aviso de Aboli dera a Hal apenas o tempo suficiente para voltar-se e encará-los. Os cães

trabalhavam em equipe, e um saltou para sua face, enquanto o outro lhe atacava as pernas. Hal desviou-se do primeiro enquanto estava em pleno ar e mandou a ponta da espada para a base da garganta negra, onde esta se juntava com as espáduas. O peso em vôo do corpo do cão impeliu a lâmina para dentro em todo o seu comprimento, transfixando o animal claramente pelo coração e pulmão e por dentro das entranhas. Mesmo morto, o impulso do salto empurrou para se chocar contra o peito de Hal, e este cambaleou para trás.

O segundo cachorro rastejou no chão e, enquanto Hal ainda estava desequilibrado, enterrou os dentes em sua canela esquerda, logo abaixo do joelho, sacudindo-o de um lado para outro. O ombro de Hal chocou-se contra o pavimento de pedra, porém, quando ele tentou se levantar, o animal ainda o tinha em suas mandíbulas e puxou-o com as quatro patas, fazendo-o se esparramar no chão de novo. Hal sentiu que os dentes atingiam o osso de sua perna.

— Meus cães! — berrou Barnard. — Está machucando meus queridos. — Com a espada desembainhada, correu para intervir.

De novo, Hal tentou se levantar e outra vez o cachorro o puxou para o chão. Barnard aproximou-se e ergueu a espada a toda altura acima da cabeça desprotegida de Hal. Hal viu o golpe descendo e rolou de lado. A lâmina atingiu as pedras do calçamento ao lado de sua orelha numa chuva de fagulhas.

— Seu bastardo! — rosnou Barnard, e ergueu a espada novamente. Aboli deu uma guinada na junta de cavalos e conduziu deliberadamente

Para cima de Barnard. As costas do supervisor voltavam-se para a carruagem que se aproximava, e ele estava tão absorto em sua disputa com Hal que não a viu chegando. Quando estava prestes a desferir um golpe sobre a cabeça de Hal novamente, a roda traseira pegou-o num choque de raspão no quadril e o mandou a cambalear para o lado.

Com um violento esforço, Hal ergueu-se para uma posição sentada e, antes que o cão o pudesse arrastar outra vez, investiu contra a base do pescoço do animal, dirigindo a lâmina para um ângulo entre as espáduas, tal como o cangote de um touro, e encontrou o coração. O cachorro deixou escapar um urro agonizante e soltou o aperto em sua perna, cambaleou ao redor num círculo e depois desabou sobre o calçamento, a chutar o ar debilmente.

Hal levantou-se sobre os pés logo quando Barnard investia contra ele.

— Você matou minhas belezinhas!

Estava enlouquecido de tristeza, e avançou contra Hal num ímpeto selvagem e descontrolado. Hal desviou-se sem esforço para o lado e deixou que o alfanje passasse a centímetros de sua cabeça.

— Seu pirata nojento, vou arreventá-lo! — Barnard reuniu forças e avançou outra vez.

Com a mesma aparente facilidade, Hal desviou a próxima investida e murmurou, baixinho:

— Lembra-se do que você e seus cães fizeram a Oliver?

Fintou para a esquerda, forçando Barnard a abrir a guarda na linha média, e depois, como um relâmpago, deu uma estocada certa. A lâmina pegou Barnard logo sob o esterno e saiu pela metade do comprimento para fora de suas costas. Ele deixou cair a espada e caiu de joelhos.

— O débito para com Oliver está pago! — disse Hal, colocando o pé descalço sobre o peito de Barnard, e, contra a resistência da lâmina, puxou a espada para fora. Barnard caiu de bruços e ficou ao lado da carcaça de seu cão agonizante.

— Vamos, Gundwane! — Aboli lutava para controlar a junta de cinzentos, pois os gritos e o cheiro de sangue os tinha deixado em pânico. — O depósito!

Fazia apenas umas poucas frações de minuto desde que Hal acendera o rastilho de pólvora, porém, ao olhar naquela direção, ele viu nuvens de acre fumaça azul a sair aos borbotões pela porta da armaria.

— Depressa, Gundwane! — chamou Sukeena, suavemente. — Oh, por favor, depressa!



Sua voz estava tão cheia de preocupação com a segurança de Hal, que ele se sentiu espicaçado. Mesmo naquelas terríveis condições, Hal se deu conta de que era a primeira vez que a ouvia dizer seu apelido. Avançou em frente. O cão mordera fundo sua perna, porém seus dentes não tinham seccionado nervos ou tendões, pois Hal descobriu que, se ignorasse a dor, ainda poderia correr. Saltou e agarrou a brida do cavalo líder. Este jogou a cabeça e revirou os olhos, porém Hal pendurou-se e Aboli pôs a junta no rumo.

A carruagem passou a sacudir e bater sob o arco dos portões, pela ponte, sobre o fosso e para o campo. De súbito, por trás deles, veio uma explosão ensurdecadora, e uma onda de choque de ar deslocado os varreu como uma borrasca tropical. Os cavalos empinaram e dançavam para trás e para a frente, aterrorizados, e Hal foi erguido dos pés. Agarrou-se desesperadamente às travessas e olhou para trás. Uma torre de fumaça da cor de chumbo subia rapidamente do pátio interior do castelo, a girar e se revolver sobre si mesma, junto com chamas escuras e fragmentos de pedras e coisas destroçadas. No meio daquela pluma de destruição, um único corpo humano se revirava a trinta metros no céu.

— Por Sir Hal e o Rei Carlos! — rugiu Daniel Grande, e os outros marujos ergueram um viva para si mesmos, excitados com a fuga.

No entanto, quando Hal olhara para trás, pudera ver que as maciças muralhas exteriores do castelo estavam intocadas pela detonação. As barracas tinha sido construídas do mesmo material pesado e quase com certeza teriam resistido à explosão. Duas centenas de homens estavam alojados ali, três companhias de gibões-verdes, e, mesmo agora, deviam estar provavelmente recuperando o senso depois do estouro. Logo viriam se arrojar pelos portões do castelo em plena perseguição — e onde, ele imaginou, estaria o coronel Cornélius Schreuder?

A carruagem sacolejava pelo campo num galope. Adiante, corria uma multidão de condenados fugitivos. Estavam dispersos em várias direções, alguns a pular sobre os muros de pedra dos jardins da companhia e rumando para a montanha, outros correndo para a praia à procura de um bote no qual pudessem tornar viável sua fuga. Fora do campo, havia uns poucos burgueses e escravos domésticos aparvalhados que estavam fora de casa naquela hora da manhã. Olhavam estupidamente para a maré de fugitivos, em seguida para a nuvem revolvente de fumaça que envolvia o castelo e depois para a visão até mais extraordinária da carruagem do governador que avançava, afestoadada com uma mistura heterogênea de desesperados piratas e fora-da-lei esfarrapados, a gritar como loucos e brandindo suas armas. Conforme o veículo avançava sobre eles começaram a esgoelar freneticamente:

— Os piratas escaparam do castelo. Corram! Corram!

Por fim, recobriram-se do susto e espalharam o alerta. O grito era assumido e passado adiante pelas cabanas e casebres da povoação. Hal podia ver os burgueses e seus escravos correndo para escapar da tripulação de piratas sedentos de sangue. Uma ou duas almas corajosas tinham se armado, e havia um incoerente espocar de fogo de mosquete vindo de algumas das janelas dos chalés, porém o alcance era longo, a mira apressada e incerta. Hal nem mesmo ouviu o zunir de balas, e nenhum dos homens ou cavalos foi atingido. A carruagem passou pelas primeiras edificações, seguindo a única estrada que contornava a praia curva da baía da Mesa, e rumou para o desconhecido.

Hal olhou para trás, para Aboli.

— Diminua a marcha, maldição! Vai estourar os cavalos antes que tenhamos passado a cidade.

Aboli inclinou-se e puxou os cavalos para trás.

— Oa, Régio! Devagar, Nuvem!

Mas a junta seguiu em disparada e quase chegava aos arredores da povoação antes que Aboli fosse capaz de reduzir o passo dos animais a um trote. Estavam todos suados e ofegantes do galope, porém longe de se verem desgastados.

Tão logo os viu sob controle, Hal soltou do arreio e começou a correr ao lado da carruagem.

— Althuda — chamou —, em vez de se sentar aí com um cavalheiro num piquenique de domingo, certifique-se de que todos os mosquetes estão munidos e carregados. Aqui! — Passou-lhe a pistola com a mecha incandescente. — Use isso para acender a mecha de todas as armas. Logo estarão sobre nós. — Então, olhou de Althuda para a irmã. — Ainda não fomos apresentados. Seu criado, Henry Courtney. — Sorriu para ela, e Sukeena riu deliciada com seus modos formais.

— Bom dia, Gundwane. Eu o conheço bem. Aboli me falou sobre o jovem pirata corajoso que você é. — Então, ficou séria. — Está ferido. Eu deveria ver sua perna.

— Não é nada que não possa esperar até mais tarde — assegurou-lhe ele.

— A mordida de um cão pode gangrenar rapidamente se ficar sem tratamento — disse ela.

— Mais tarde! — repetiu ele, e voltou-se para Aboli.

— Aboli, conhece a estrada até o limite da colônia?

— Existe apenas uma estrada, Gundwane. Temos de ir direto pela vila, contornar o pântano e depois seguir pela planície arenosa em direção às montanhas. — Apontou. — A cerca de amendoeiras amargas está oito quilômetros além do pântano.

Olhando para além da povoação, Hal já podia ver o pântano e a lagoa adiante, moitas de juncos e água aberta sobre a qual pairavam bandos de aves aquáticas. Tinha ouvido dizer que crocodilos e hipopótamos espreitavam nas profundezas da lagoa.

— Althuda, haverá algum soldado em nosso caminho? — perguntou-lhe Hal.

— Normalmente há guardas na primeira ponte e uma patrulha na cerca de amendoeiras amargas, pronta para atirar em qualquer hotentote que tente entrar — retrucou Althuda, sem erguer os olhos do mosquete que estava carregando.

Então, Sukeena falou:

— Não haverá piquetes ou patrulhas hoje. Ao amanhecer, fiz uma inspeção na encruzilhada. Nenhum soldado veio para assumir seu posto. Estão todos muito ocupados cuidando das barrigas doloridas. — Riu alegremente, tão excitada e ansiosa como o resto deles. De súbito, saltou para o corpo da carruagem e gritou, em sua voz cantante: — Livre! Pela primeira vez na minha vida, estou livre! — Suas tranças tinham caído e se soltaram. Seus cabelos esvoaçavam atrás da cabeça. Seus olhos faiscavam, e ela estava tão linda que condensava os sonhos de cada um dos marujos esfarrapados.

Eles a brindaram com um viva.

— Você, e nós também, querida!

Era para Hal que ela olhava com aqueles olhos sorridentes. Conforme passavam pelos prédios da povoação, os gritos de alerta os antecediam:

— Cuidado! Os piratas escaparam. Os piratas estão furiosos!

Os bons cidadãos de Boa Esperança se dispersavam diante deles. Mães corriam para a rua a fim de pegar seus rebentos e puxá-los para dentro de casa, correndo as trameças das portas e cerrando as venezianas.

— Estamos a salvo agora. Vocês escaparam. Por favor, não vai me libertar, Sir Henry? — Katinka se recobrou do choque o suficiente para implorar por sua vida. — Juro que jamais tive intenção de feri-lo. Eu o salvei do patíbulo. Salvei Althuda também. Farei qualquer coisa que disse, Sir Henry. Por favor, só me deixe livre — choramingou, agarrada ao lado da carruagem.

— Pode me chamar de Sir agora e me fazer essas declarações de boa vontade, porém elas seriam úteis a meu pai enquanto ele estava a caminho do patíbulo. — A expressão de Hal era tão fria e sem remorso, que Katinka encolheu-se e caiu para trás no banco, ao lado de Sukeena, soluçando como se seu coração estivesse partido.

Os marujos que corriam com Hal gritaram seu escárnio e ódio por ela.

— Você nos queria todos pendurados, sua vagabunda pintada, e vamos dá-la de comer aos leões lá fora nos ermos — tripudiou Billy Rogers.

Katinka soluçou ainda mais tristemente e cobriu a face com as mãos.

— Eu nunca quis fazer mal a qualquer um de vocês. Por favor, deixem-me ir.

A carruagem rolou velozmente pela rua vazia, e as últimas poucas cabanas e casebres da povoação eram tudo que jazia adiante quando Althuda se ergueu de seu assento e apontou para trás, para a estrada coberta de cascalhos rumo ao passeio distante.

— Cavaleiros vindo num galope! — gritou.

— Tão depressa? — resmungou, Daniel Grande cobrindo os olhos para protegê-los do sol. — Não esperava uma perseguição ainda. Eles têm cavalaria para mandar atrás de nós?

— Não tenham medo disso, camaradas — reconfortou-os Aboli. — Não há mais que vinte cavalos em toda a colônia, e nós temos seis deles.

— Aboli tem razão. É apenas um cavaleiro! — gritou Wally Tentilhão. O cavalgante deixava uma pálida fita de poeira no ar atrás de si, deitado sobre o pescoço do cavalo enquanto conduzia o animal a toda velocidade, usando o chicote na mão direita para fustigá-lo para a frente sem clemência. Estava ainda distante, porém Hal o reconheceu pela faixa que flutuava atrás dele com o galope do cavalo.

— Pela doce Maria, é Schreuder! Sabia que ele iria se juntar a nós antes que se passasse muito tempo. — Seu queixo cerrou-se de antecipação. — O idiota de cabeça quente vem sozinho para nos enfrentar. Falta-lhe cérebro, porém tem coragem até as entranhas.

Mesmo de seu banco, Aboli podia ver o que Hal pretendia pelo estreitar de seus olhos e a maneira como mudava a empunhadura na espada.

— Não pense em voltar para trás para tirar satisfação, Gundwane! — gritou Aboli, com firmeza. — Colocará cada alma aqui em risco com qualquer atraso.

— Sei que pensa que eu não sou páreo para Schreuder, mas as coisas mudaram, Aboli. Posso batê-lo agora. Estou certo disso com todo o meu coração.

Aboli julgou que ele bem poderia estar com a razão, pois não era mais um menino. Os meses nas muralhas o tinham endurecido, e Aboli o vira equiparar forças com Daniel Grande.

— Deixe-me aqui para cuidar desse negócio, homem a homem, e eu os seguirei mais tarde — gritou Hal.

— Não, Sir Hal! — berrou Daniel Grande. — Talvez pudesse suplantá-lo, mas não com a perna mordida até o osso. Deixe a rixa com o holandês para outra ocasião. Precisamos de você conosco. Haverá uma centena de gibões-verdes seguindo logo atrás dele.

— Não — concordaram Wally e Stan. — Fique conosco, capitão.

— Pusemos nossa confiança em você — exclamou Ned Tyler. — Podemos jamais encontrar nosso caminho sem um navegador. Não pode desertar de nós agora.

Hal hesitou, ainda a olhar fuzilante para trás, para o cavaleiro que se aproximava rapidamente. Então seus olhos se desviaram para a face da jovem na carruagem. Sukeena o encarava, seus enormes olhos escuros cheios de súplicas.

— Você está seriamente ferido. Olhe para sua perna. — Inclinou-se por sobre a porta da carruagem, de maneira que estava muito perto, e falava tão baixinho que ele apenas conseguia adivinhar as palavras acima do barulho de homens, rodas e cavalos. — Fique conosco, Gundwane.

Ele olhou para baixo, para o sangue e a pálida linfa que escorria das profundas feridas. Enquanto Hal titubeava, Daniel Grande correu para trás e saltou no degrau da carruagem

— Tomarei conta daquele sujeito — disse, e tirou o mosquete carregado das mãos de Althuda. A

segurá-lo, saltou para o pó da estrada e se postou ali, verificando a mecha e o estopim na caçoleta. Não se enfobou enquanto a carruagem trotava para longe e o coronel Schreuder galopava para encontrá-lo.

A despeito de todas as súplicas e avisos, Hal correu para intervir.

— Daniel, não mate o idiota. — Queria explicar que ele e Schreuder tinham um destino a resolver juntos. Era uma questão de honra de cavalaria na qual nenhum outro poderia interferir, porém não havia tempo para vocalizar uma noção tão romântica.

Schreuder galopou até estar ao alcance dos ouvidos e então se ergueu nos estribos.

— Katinka! — berrou. — Não tenha medo, estou vindo para salvá-la, minha querida. Eu jamais deixaria esses vilões a levarem.

Pegou a pistola de cano em sino da faixa da cintura e ergueu a mecha ao vento para que a faísca se acendesse. Depois, deitou-se ao longo do pescoço do cavalo com o braço da pistola esticado.

— Fora de meu caminho, estúpido! — rugiu para Daniel, e disparou. Seu braço foi lançado ao alto pela descarga, e a pluma de fumaça azulada serpeou em torno de sua cabeça, mas a bala voou ao largo, atingindo a terra a um passo da perna direita de Daniel, cobrindo-o com uma chuva de pedriscos.

Schreuder jogou de lado a pistola e sacou a espada de Netuno da bainha a seu lado. O trabalho em relevo de ouro na lâmina luziu quando a empunhou.

— Vou abrir-lhe o crânio até os dentes! — vociferou, e ergueu a espada.

Daniel caiu sobre um joelho e deixou o cavalo do coronel aproximar-se nas últimas poucas passadas.

Muito perto, pensou Hal. Perto demais. Se o mosquete negar fogo, Danny é um homem morto. Daniel, porém, mantinha a mira com firmeza e apertou o gatilho. Por um instante, Hal julgou que seu pior medo tinha se realizado, porém, então, com um ruído agudo, numa baforada de chama e fumaça prateada, o mosquete disparou.

Talvez Daniel tivesse ouvido o grito de Hal, ou talvez o cavalo fosse um alvo maior e mais certo que o cavaleiro em seu lombo, porém ele havia mirado para o peito largo e suado do animal, e a pesada bala de chumbo voou para o alvo. Ao impacto, a montaria de Schreuder desabou sob ele. Ele foi jogado por sobre sua cabeça, aterrissando de face e ombro no chão.

O cavalo debateu-se e chutou, caído de costas, jogando o pescoço de um lado para outro enquanto o sangue de seu coração era bombeado pelo ferimento no peito. Então, sua cabeça caiu para trás na terra, com um baque, e, com um último resfolegar, ele ficou imóvel.

Schreuder jazia inanimado na estrada batida pelo sol, e Hal sentiu um medo momentâneo de que seu pescoço se tivesse quebrado. Quase correu para ajudá-lo, mas Schreuder fez uns poucos movimentos desconjuntados, e Hal estacou. A carruagem se afastava rapidamente, e os outros gritavam para ele:

— Volte, Gundwane!

— Deixe o bastardo, Sir Henry.

Daniel levantou e agarrou Hal pelo braço.

— Ele não está morto, porém nós logo estaremos se ficarmos aparvalhados aqui por muito tempo — disse, e puxou-o para longe.

Pelos primeiros poucos passos, Hal resistiu e tentou livrar-se da mão de Daniel.

— Não pode terminar assim. Não compreende, Danny?

— Entendo muito bem — resmungou Daniel Grande, e, nisso, Schreuder sentou-se atordoado no meio da estrada. O cascalho lhe arrancara a pele de um lado da face, porém ele tentava ficar de pé, cambaleando e caindo e, em seguida, tentando outra vez.

— Ele está bem — disse Hal, com um alívio que quase o surpreendeu, e permitiu que Daniel o puxasse para longe.

— Sim! — exclamou Daniel, ao se aproximarem da carruagem. — Está bem o bastante para lhe

arrancar as bolas da próxima vez que se encontrarem. Não vamos nos livrar desse sujeito assim tão facilmente.

Aboli brecou a carruagem para permitir que eles a alcançassem, e Hal agarrou a brida do cavalo líder e montou-o. Voltou-se para ver Schreuder de pé no meio da estrada, empoeirado e sangrando. Cambaleava atrás da carruagem como um homem com uma garrafa de gim barato na barriga, ainda brandindo a espada.

Afastaram-se dele num rápido trote, e Schreuder desistiu da tentativa de alcançar a carruagem em fuga, começando a gritar impropérios:

— Por Deus, Henry Courtney, irei atrás de você, mesmo que tenha de segui-lo até os próprios portões do inferno. Estou de olho em você, eu o odeio de todo o meu coração.

— Quando vier, traga com você essa espada que roubou de mim — gritou Hal de volta. — Vou rasgá-lo como um leitão não desmamado para o diabo assar. — Seus marujos caíram na risada e enviaram ao coronel um sortimento de gestos obscenos de adeus.

— Katinka! Minha querida! — Schreuder mudou o tom. — Não se desespere. Irei resgatá-la. Juro pelo túmulo de meu pai. Eu a amo com minha própria vida.

Durante todo o tiroteio e fogo de mosquete, van de Velde estivera agachado no chão da carruagem, mas agora se erguia para o assento e encarava a figura batida na estrada.

— Ele está louco delirante? Como se atreve a se dirigir à minha esposa em tais termos odiosos? — Virou-se para Katinka com a face vermelha e as bochechas trémulas. — Mevrouw, espero que não tenha dado motivo a um bobalhão de um soldado para uma tal liberdade.

— Eu lhe asseguro, Mijnheer, o modo de falar daquele homem é um choque maior para mim do que para você. Sinto-me muito ofendida e imploro que o chame às falas seriamente na primeira oportunidade — retrucou Katinka, agarrando-se à porta da carruagem com uma das mãos e ao chapéu com a outra.

— Farei melhor que isso, Mevrouw. Ele estará no primeiro navio de volta para Amsterdã. Não posso permitir uma tal impertinência. Além do mais, ele é responsável pela situação em que estamos agora. Como comandante do castelo, os prisioneiros são responsabilidade dele. Essa fuga se deve à incompetência e abandono dos deveres por parte do coronel. O bastardo não tem o direito de se dirigir a você dessa maneira.

— Oh, sim, ele tem — murmurou Sukeena, docemente. — O coronel Schreuder tem o direito da conquista a seu favor. Sua esposa estava se deitando com ele muitas vezes com as pernas no ar, para que ele a chamasse de querida, ou mesmo de prostituta e vagabunda, se preferisse ser mais honesto.

— Quieta, Sukeena! — sibilou Katinka. — Está fora de si? Lembre-se de seu lugar. Você é uma escrava.

— Não, Mevrouw. Não mais. Uma mulher livre agora, e sua captora; portanto, posso lhe dizer o que me agrada, especialmente se é a verdade. — Sukeena voltou-se para van de Velde. — Sua esposa e o galante coronel pintaram o diabo da forma mais abominável, justificando cada mexerico na colônia. Colocaram em sua cabeça um par de cornos grandes demais até mesmo para seu corpo inchado e balofo.

— Eu a mandarei açoitar! — gorgolejou van de Velde, quase apoplético. — Sua cadela de uma escrava!

— Não, não mandará — disse Althuda, e colocou a ponta da cimitarra contra a barriga pendente do governador. — Em vez disso, vai pedir desculpas por esse insulto à minha irmã.

— Desculpar-me para uma escrava? Nunca! — reagiu van de Velde, num berro, porém, dessa vez, Althuda espetou-o com mais força, e o berro tornou-se um guincho, como o ar escapando da bexiga de um porco.

— Desculpe-se não para uma escrava, mas para uma princesa balinesa nascida livre — corrigiu

Althuda. — E depressa.

— Eu lhe peço perdão, senhora — murmurou van de Velde, de dentes cerrados.

— É tão galante, senhor. — Sukeena sorriu para ele.

Van de Velde afundou-se no assento e não disse mais nada, porém cravara os olhos na esposa com um olhar venenoso.

Assim que tinham deixado a povoação para trás, a superfície da estrada se deteriorou. Havia profundas marcas de rodas deixadas pelas carroças da companhia que iam recolher lenha, e a carruagem sacolejava e se inclinava perigosamente. Ao longo da beira da lagoa, a água secara e transformava o caminho em lama e lodo, e, em muitos lugares, os marinheiros foram forçados a empurrar com os ombros as altas rodas traseiras para ajudar os cavalos a arrastar o veículo para a frente. A manhã terminava, quando viram adiante a estrutura da ponte de madeira sobre o primeiro rio.

— Soldados — gritou Aboli. Do alto de seu banco, vislumbrara o reluzir de uma baioneta e o contorno de grandes elmos.

— Apenas quatro — disse Hal. Seus olhos ainda eram os mais agudos de todos. — Não haverão de esperar problemas desta direção.

Ele tinha razão. O cabo da guarda da ponte adiantou-se para encontrá-los, intrigado, porém sem alarme, a espada na bainha e a mecha da pistola apagada. Hal e sua tripulação o desarmaram e a seus homens, tiraram-lhe as calças e os mandaram a correr de volta rumo à colônia com uma descarga de mosquete sobre as cabeças.

Enquanto Aboli levava a carruagem pela ponte e enfrentava a trilha rudimentar, Hal e Ned Tyler foram para debaixo da estrutura de madeira e amarraram uma barrica de pólvora sob a pesada tora do suporte principal. Quando estava segura, Hal usou o cano da pistola para abrir o buraco da barrica, enfiou um pedaço de mecha nele e o acendeu. Ele e Ned subiram de volta para a estrada e correram atrás da carruagem.

A perna de Hal doía demais agora. Estava inchada e latejando, porém ele olhava para trás por sobre o ombro conforme mancava pela areia que afundava até os tornozelos. O centro da ponte de repente explodiu num jorro de lama, água, pranchas e pilastras destroçadas. Os destroços caíram de volta no rio.

— Isso não irá segurar o bom coronel por muito tempo, mas pelo menos ele terá de molhar as calças — resmungou Hal, ao alcançarem a carruagem.

Althuda saltou e disse a ele:

— Tome meu lugar. Precisa descansar essa perna.

— Há pouca coisa errada com minha perna — protestou Hal.

— Mal pode carregar seu peso — disse Sukeena com firmeza, inclinando-se por sobre a porta. — Suba aqui de uma vez, Gundwane, ou vai piorar as coisas.

Submisso, Hal subiu para o coche e tomou o assento do lado oposto a Sukeena. Sem olhar para o par, Aboli sorriu para si mesmo. Ela já dá as ordens e ele obedece. Parece que estão com a maré e o bom vento por trás deles.

— Deixe-me olhar para essa perna — ordenou Sukeena, e Hal a colocou no assento, entre a jovem e Katinka.

— Tome cuidado, imbecil! — esbravejou Katinka, e afastou as saias. — Vai ensanguentar meu vestido.

— Se não tomar cuidado com a língua, não será a única coisa que enchiere de sangue — assegurou-lhe Hal, e fechou a carranca.

Katinka encolheu-se para o canto do assento.

Sukeena examinou a perna com mãos rápidas e competentes.

— Eu poria uma cataplasma quente nessas mordidas, pois estão fundas e certamente irão infeccionar. Mas preciso de água fervente. — Ergueu os olhos para Hal.

— Terá de esperar até que cheguemos às montanhas — disselhe. Então, por um momento, a conversa morreu e eles ficaram a se encarar, olhos nos olhos, inebriados. Aquela era a maior intimidade que jamais tinham tido, e cada um encontrou algo no outro para admirar e se deliciar.

Então Sukeena pareceu despertar.

— Tenho meus remédios nos alforjes de sela — disse, bruscamente, e subiu no assento para alcançar as alcofas na traseira da carruagem. Pendurou-se ali enquanto remexia nas sacolas de couro.

A carruagem saltava na trilha rude, e Hal olhou com admiração para aquele pequeno traseiro arredondado, apontado para o céu. A despeito dos babados e anáguas que o encobriam, ele julgou que era quase tão encantador como a face de Sukeena.

Ela voltou a sentar-se, com panos e uma garrafa preta na mão.

— Vou limpar as feridas com esta tintura e depois enfaixá-las — explicou, sem olhar de novo para a distração daqueles olhos verdes.

— Basta! — Hal ofegou ao primeiro toque da tintura. — Isso queima como o bafo do demônio.

Sukeena fechou o semblante.

— Você suportou chicote, tiro, espada e ataque de um animal. Porém, ao primeiro toque do remédio, chora como um bebê. Trate de ficar quieto.

A face de Aboli enrugou-se num buque de tatuagens e linhas alegres de risadas, mas, embora seus ombros sacudissem, ele manteve o passo dos cavalos.

Hal sentiu-lhe a diversão e indagou:

— A que distância está a cerca de amendoeiras amargas?

— Falta outra légua.

— Sabah nos encontrará lá?

— Isso é o que eu creio, se os gibões-verdes não caírem sobre nós antes.

— Me parece que teremos algum descanso. Schreuder cometeu um erro correndo sozinho em nossa perseguição. Deveria ter reunido suas tropas e vindo atrás de nós de uma forma ordenada. Meu palpite é que a maioria dos gibões-verdes estará caçando os outros prisioneiros que tornamos livres. Irão se concentrar em nós apenas quando Schreuder assumir o comando.

— E ele não tem cavalo — emendou Sukeena. — Creio que nos safamos, e assim que chegarmos às montanhas... — Calou-se e ergueu os olhos da perna de Hal. Ambos, ela e Hal, olharam à frente, para a alta plataforma azul que enchia o céu adiante.

Van de Velde seguia avidamente a conversa e agora resolveu se intrometer:

— A escrava está certa. Foram bemsucedidos nesse esquema ardiloso de vocês, tanto pior. Contudo, sou um homem razoável, Henry Courtney. Deixe minha esposa e eu livres agora. Ceda a carruagem para nós e deixe que voltemos para a colônia. Em troca, eu lhe darei minha garantia solene de suspender a caçada. Ordenarei ao coronel Schreuder que mande seus homens de volta para as barracas. — Voltou-se para Hal com o que esperava fosse uma expressão franca e sem culpa. — Eu lhe ofereço minha palavra como cavalheiro quanto a isso.

Hal viu a canalhice e a malícia nos olhos do governador.

— Excelência, não estou seguro da validade de sua pretensão quanto ao título de cavalheiro, além do que detestaria ser privado tão cedo de sua encantadora companhia.

Naquele momento, uma das rodas dianteiras da carruagem entalou-se num buraco na trilha.

— Os orictéropos cavaram essas tocas — explicou Althuda, quando Hal desceu do veículo adernado.

— Diga-me, que tipo de homem ou bicho é esse?

— O porco-da-terra, um animal com um longo focinho e uma cauda grossa que cava os buracos das formigas com suas poderosas garras e as devora com sua longa língua pontiaguda — disse Althuda.

Hal jogou a cabeça para trás e caiu na risada.

— Claro, acredito nisso. Também acredito que seu porco-da-terra voa, dança com as gaitas de fole e lê a sorte nas cartas.

— Você tem umas poucas coisas ainda para aprender sobre a terra que se espalha por aqui, meu amigo.

Ainda rindo, Hal afastou-se dele.

— Vamos lá, camaradas! — chamou os marujos. — Vamos tirar este navio do recife e correr à frente do vento de novo.

Fez van de Velde e Katinka aparem, e os restante forçaram, junto com os cavalos, para livrar a carruagem. Dali para frente contudo, a trilha se tornava quase transitável, e o mato de ambos lados crescia mais alto e mais denso à medida que prosseguiam. No próximo quilômetro, por duas vezes ficaram entalados em buracos novamente.

— Está quase na hora de nos livrarmos da carruagem. Podemos ir mais rápido em nossas próprias pernas — disse Hal a Aboli, baixinho. — A que distância estamos da cerca?

— Já deveríamos tê-la alcançado — retrucou Aboli —, mas não pode estar longe.

Chegaram à divisa na próxima curva pela trilha estreita. A famosa cerca de amendoeiras amargas era uma excrescência esparsa e arruinada, que mal chegava à altura do ombro, porém a estrada terminava dramaticamente contra ela. Havia também uma rústica cabana, que servia como um posto de guarda para o piquete de fronteira, e uma placa, em holandês.

"CUIDADO!" advertia a placa, em vívidas letras escarlates, e prosseguia falando da proibição da movimentação de pessoas além daquele ponto, a penalidade para a infração sendo a prisão ou o pagamento de uma multa de mil guinéus, ou ambos. A placa fora erguida em nome do governador da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

Hal chutou e abriu a porta do único cómodo da cabana do guarda e o encontrou deserto. O fogo no fogão aberto estava frio e morto. Uns poucos artigos do uniforme da companhia pendiam de ganchos de madeira na parede, e uma caçarola preta estava sobre os carvões apagados, com tigelas desaparecidas, garrafas e utensílios espalhados sobre a rústica mesa de madeiras ou em prateleiras ao longo das paredes.

Daniel Grande estava prestes a pôr a mecha de queima lenta no telhado de sapé, mas Hal o impediu.

— Não faz sentido dar a Schreuder uma bóia de sinalização de fumaça para seguir — disse —, e não há nada de valor aqui. Deixe estar e o mandou de volta para onde os marinheiros descarregavam a carruagem.

Aboli virava os cavalos nos tirantes e Ned Tyler o ajudava improvisar selas para eles, usando os arreios, pedaços de couro e o toldo de lona da carruagem.

Katinka se postava desolada ao lado do marido.

— O que vai ser de mim, Sir Henry? — murmurou, quando Hal se aproximou.

— Alguns dos homens querem levá-la para o alto das montanhas e dá-la de comer aos animais selvagens — retrucou ele. A mão de Katinka subiu aos lábios e ela empalideceu. — Outros querem cortar-lhe a garganta aqui e agora pelo que você e o sapo desprezível de seu marido gordo fizeram a nós.

— Você não deveria permitir que uma coisa dessas acontecesse — esbravejou van de Velde. — Fiz apenas o que era meu dever.

— Tem razão — concordou Hal. — Creio que cortar garganta seja bom demais para você. Sou a favor de pendurar e esquartejar, como você fez com meu pai. — Encarou friamente, e van de Velde



estremeceu de medo. — Contudo, estou cheio de vocês dois. Não quero mais tratos com qualquer um; portanto, deixo você e sua adorável esposa à mercê de Deus, o demônio e o amoroso coronel Schreuder. — Voltou-se e rumou para onde Aboli e Ned verificavam e apertavam as cargas nos cavalos.

Três dos cinzentos tinham barris de pólvora amarrados de cada lado do lombo, dois carregavam fardos e armas, e o sexto trazia os volumosos alforjes de sela de Sukeena.

— Tudo em boa ordem, capitão. — Ned bateu com os nós nos dedos na testa. — Podemos içar âncora e nos pôr a caminho sob o seu comando.

— Não há nada que nos prenda aqui. A princesa Sukeena cavalgará no cavalo líder. — Olhou ao redor, procurando por ela. — Onde está ela?

— Estou aqui, Gundwane. — Sukeena saiu de trás da cabana de guarda. — E não preciso de nenhum mimo. Caminharei com o resto de vocês.

Hal viu que ela rasgara as longas saias e usava agora calças largas balinesas e uma camisa solta de algodão que lhe chegava até os joelhos. Amarrara uma tira de pano sobre os cabelos, e trazia nos pés fortes sandálias de couro que seriam confortáveis para caminhar. Os homens arregalaram os olhos diante da forma de suas canelas nas calças, porém ela ignorou os olhares rudes, tomou a rédea do cavalo mais próximo e conduziu para a abertura na cerca de amendoeiras amargas.

— Sukeena!

Hal a teria impedido, porém a jovem reconheceu o tom de censura e ignorou-o. Ele se deu conta da tolice em insistir e temperou com prudência a próxima ordem:

— Althuda, você é o único que conhece o caminho daqui. Vá na frente com sua irmã.

Althuda correu para alcançá-la, e irmão e irmã os conduziram para os ermos não explorados além da cerca.

Hal e Aboli fechavam a retaguarda da coluna enquanto ela ondulava pelos arbustos e o mato cerrado. Nenhum homem passara por aquela trilha recentemente. Fora feita por animais selvagens: as marcas de cascos e patas eram fáceis de ver no macio solo arenoso, e suas fezes coalhavam o caminho.

Aboli podia reconhecer cada animal por aqueles sinais, e enquanto avançavam num passo forçado, apontava-os para Hal.

— Aquele é um rastro de leopardo, e ali está o do antílope de chifres torcidos que chamamos de kudu. Pelo menos não morreremos de fome — prometeu. — Há muita caça nesta terra.

Aquela era a primeira oportunidade desde a fuga que tinham tido para conversar, e Hal perguntou, baixinho:

— Esse Sabah, o amigo de Althuda, o que sabe sobre ele?

— Sei apenas das mensagens que mandou.

— Não deveria ter nos encontrado na cerca?

— Disse apenas que iria nos levar para as montanhas. Eu esperava que estivesse aguardando na cerca — Aboli deu de ombros —, mas, com Althuda para guiar-nos, não precisamos dele.

Fizeram bom progresso, a égua cinzenta a trotar facilmente com eles em seu rastro, a correr ao lado. Sempre que passavam por uma árvore que pudesse suportar o peso de Aboli, ele a escalava e olhava para tras em busca de sinais de perseguição. A cada vez, descia e meneava a cabeça.

— Schreuder virá — disselhe Hal. — Ouvi os homens dizerem que aqueles seus gibões-verdes podem perseguir e prender um sujeito montado. Eles virão.

Caminharam com constância pela planície, parando apenas nas poças pantanosas de água por que passavam. Hal pendurou-se no cavalo para aliviar a perna machucada, e, enquanto mancava e seguia adiante, Aboli recontou tudo que acontecera nos meses desde que tinham estado juntos pela última vez. Hal ficou silencioso quando ele descreveu, em sua própria língua, como resgatara o corpo de Sir Francis

do patíbulo e fizera o seu funeral.

— Foi o funeral de um grande chefe. Eu o vesti na pele de um touro negro e coloquei seu navio e suas armas dentro de seu alcance. Deixei comida e água para a sua jornada, e, diante dos olhos, coloquei a cruz de seu Deus.

A garganta de Hal estava apertada demais para que ele pudesse agradecer a Aboli por aquilo que fizera.

O dia se gastou, e o progresso diminuiu à medida que homens e cavalos se cansavam no terreno macio e arenoso. No próximo charco cheio de mato onde pararam para uns poucos minutos de descanso, Hal postou-se ao lado de Sukeena.

— Você tem sido forte e corajosa, porém suas pernas não são tão longas como as nossas, e observei que você cambaleava de fadiga. De agora em diante, precisa ir a cavalo. — Quando ela ia protestar, ele a impediu com firmeza. — Eu a obedeci na questão de meus ferimentos, porém em tudo mais sou capitão, e você deve fazer o que eu digo. Daqui para a frente, você irá cavalgar.

Os olhos dela faiscaram. Sukeena fez um gracioso gesto de submissão, colocando as pontas dos dedos juntas e tocando-as nos lábios.

— Como ordenar, mestre — e permitiu que ele a erguesse para o topo dos alforjes de sela no cinzento de liderança.

Contornaram o charco e seguiram um pouco mais depressa agora. Por duas vezes mais, Aboli subiu numa árvore para olhar para trás e não viu sinal de perseguição. Contra seus instintos naturais, Hal começou a esperar que pudessem ter escapado de seus perseguidores, que pudessem chegar às montanhas que assomavam cada vez mais próximas e mais altas sem serem mais molestados.

No meio da tarde, cruzaram um largo e aberto vale, uma campina de grama verde curta onde pastavam hordas de antílopes selvagens com chifres curvos como cimitarras. Os animais ergueram a cabeça com a aproximação da caravana de cavalos e homens, olhos arregalados, todos imobilizados no lugar de aturdimento, sua pelagem de um cinza-metálico azulado a luzir no sol da tarde.

— Mesmo eu nunca tinha visto animais dessa espécie — admitiu Aboli.

Conforme os bandos fugiam diante deles, envoltos na própria poeira Althuda gritou de volta:

— Aqueles são os animais que os holandeses chamam de blaauwbok o cervo azul. Vi grandes manadas deles nas planícies além das montanhas.

Além do vale, o terreno começou a subir numa série de canteiros ondulantes em direção ao sopé das colinas. Escalaram o primeiro canteiro, com Hal a fechar a retaguarda da coluna. Já então ele caminhava pesadamente, com evidente sofrimento. Aboli viu que sua face estava ruborizada de febre e que sangue e fluido aquoso escorriam da atadura que Sukeena lhe colocara na perna.

No topo da ondulação, Aboli forçou uma parada. Olharam para trás, para a grande montanha da Mesa, que dominava o horizonte ocidental. A esquerda, a larga curva azul da baía Falsa se abria. No entanto, estavam por demais exaustos para passar longo tempo admirando as redondezas. Os cavalos pararam, cabeças penduradas, e os homens se jogaram em qualquer sombra que puderam encontrar. Sukeena escorregou da montaria e correu até onde Hal caía com as costas apoiadas num pequeno tronco de árvore. Ajoelhou-se à frente dele, desenrolou a bandagem da perna e conteve o fôlego quando viu como estava inchada e inflamada. Inclinou-se para mais perto e cheirou os furos que exsudavam. Quando falou, sua voz era severa.

— Não pode caminhar adiante assim. Precisa cavalgar como me forçou a fazer. — Então, ergueu os olhos para Aboli. — Faça um fogo para ferver água — ordenou.

— Não temos tempo para essa bobagem — murmurou Hal, desanimado, porém eles o ignoraram.

Aboli acendeu uma pequena fogueira com a mecha de queima lenta e colocou sobre ela uma caneca

de água. Assim que ferveu, Sukeena preparou uma pasta com as ervas que trazia no alforje de sela e espalhou-a num pano dobrado. Enquanto ainda fumegava de calor, pousou o pano sobre os ferimentos de Hal. Ele gemeu e disse:

— Juro que iria preferir que Aboli urinasse em minha perna a vela queimada com suas cocções demoníacas.

Sukeena fez como se não ouvisse a linguagem indecorosa e prosseguiu na tarefa. Prendeu a cataplasma no lugar com um pano limpo, e depois, dos alforjes de sela, tirou um pão e uma salsicha seca. Cortou-os em fatias, dobrou as fatias com a salsicha dentro e estendeu uma para cada um dos homens.

— Abençoada seja, princesa. — Daniel Grande bateu os nós dos dedos na testa antes de pegar sua ração das mãos dela.

— Deus a ama, princesa — disse Ned, e todos os outros adotaram o nome. De agora em diante, ela era a sua princesa, e os rudes marinheiros a encaravam com crescente respeito e florescente afeição.

— Podem comer em marcha, camaradas. — Hal ergueu-se nos pés. — Fomos afortunados hoje. Logo o demónio irá querer sua vez.

Eles resmungaram e reclamaram, porém seguiram o líder. Enquanto Hal ajudava Sukeena a montar, ouviu-se um grito de alerta de Daniel.

— Eis que os bastardos chegam por fim. — Apontou para o vale aberto ao fundo do declive.

Hal empurrou Sukeena entre os alforjes de sela e mancou de volta para a retaguarda da coluna. Olhou para o lado da colina e viu a longa fila de homens em corrida que emergia da beira de um matagal e cruzavam agora o terreno aberto. Eram conduzidos por um único cavaleiro que vinha num trote.

— É Schreuder outra vez. Achou outra montaria.

Mesmo àquela distância, não havia engano: que era o coronel. Sentava-se ereto e arrogante na sela, e havia um senso de mortal propósito no jeito de seus ombros e na maneira como erguia a cabeça para olhar pelos declives à frente. Era óbvio que ainda não os avistara, escondidos que estavam pelo mato espesso.

— Quantos homens com ele? — perguntou Ned Tyler, e todos olhavam para Hal, para que os contasse. Ele apertou os olhos e observou-os avançar pelo matagal denso. Com o trote oscilante, mantinham o passo facilmente com o cavalo de Schreuder.

— Vinte — contou Hal.

— Por que tão poucos? — indagou Daniel Grande.

— Quase certamente Schreuder escolheu seus mais rápidos corredores para nos pressionar. O resto seguirá da melhor maneira que puder. — Hal protegeu os olhos. — Sim, por Deus, lá estão eles, uma légua além do primeiro platô, mas se aproximam depressa. Posso ver sua poeira e a forma de seus elmos acima da vegetação. Deve haver uma centena ou mais naquele segundo destacamento.

— Com vinte podemos lidar — resmungou Daniel Grande —, mas uma centena daqueles gibões-verdes assassinos é mais do que eu posso comer no desjejum sem arrotar. Quais as ordens, capitão?

Cada homem olhou para Hal.

Ele parou antes de responder, estudando cuidadosamente a disposição e a granulação do terreno abaixo antes de dizer:

— Mestre Daniel, leve o resto do grupo com Althuda para guiá-los. Aboli e eu ficaremos aqui com um cavalo para retardar o avanço da tropa.

— Não podemos superá-los. Eles provaram isso a nós, capitão - protestou Daniel. — Não seria melhor enfrentá-los aqui?

— Você tem suas ordens. — Hal voltou um olhar frio e firme como aço sobre ele.

Daniel bateu de novo os nós dos dedos na testa.

— Sim, capitão — e virou-se para os outros. — Ouviram as ordens, rapazes.

Hal mancou de volta até onde Sukeena sentava-se no cavalo, com Althuda a segurar a rédea.

— Você precisa ir, não importa o que aconteça. Não volte por qualquer razão — disse a Althuda, e então sorriu para Sukeena. — Nem mesmo se Sua Alteza Real ordenar.

Ela não lhe devolveu o sorriso, mas inclinou-se para mais perto e murmurou:

— Esperarei por você na montanha. Não me faça aguardar por muito tempo.

Althuda conduziu a coluna de cavalos para a frente outra vez, e, conforme cruzaram a linha do céu, ouviu-se um tiro distante vindo do vale abaixo.

— Eles nos descobriram — resmungou Aboli.

Hal foi até o único cavalo restante e soltou uma das barricadas de vinte e cinco quilos de pólvora. Baixou-a ao chão e disse a Aboli:

— Leve o cavalo. Siga os outros. Deixe Schreuder ver que você se vai. Amarre-o fora da vista, além da crista da colina, e então volte ao meu encontro.

Hal rolou a barrica para a mais próxima saliência de rocha e se agachou ao lado dela. Com apenas o cocuruto da cabeça de fora, estudou de novo o declive abaixo, e depois voltou a toda a atenção para Schreuder e seu bando de gibões-verdes. Já estavam muito próximos, e ele pôde ver que dois hotentotes corriam adiante do cavalo de Schreuder. Estudavam o terreno conforme avançavam, seguindo exatamente a rota que o grupo de Hal tinha assinalado.

Eles lêem nosso sinal na terra, como cães atrás do alce, pensou. Virão pela mesma trilha que seguimos.

Naquele momento, Aboli voltou pela colina e agachou-se ao lado dele.

— O cavalo está amarrado, e os outros seguiram adiante. Agora, qual é seu plano, Gundwane?

— É muito simples, não há necessidade de explicá-lo a você — disse Hal, ao comprimir o tampão da barrica com a ponta da espada. Então desenrolou um pedaço da mecha de queima lenta que tinha amarrado em torno do pulso. — Esta mecha é o demônio. Queima muito depressa ou muito devagar. Porém, arriscarei com três dedos de comprimento - resmungou, enquanto media e depois cortava um pedaço. — Enrolou-a gentilmente entre as palmas das mãos numa tentativa de induzi-las a queimar de maneira uniforme e depois enfiou uma ponta no buraco da barrica e prendeu-a ali, colocando de novo o tampão de madeira.

— É melhor se apressar, Gundwane. Seu velho parceiro de esgrima, Schreuder, está com muita pressa de encontrá-lo novamente.

Hal ergueu os olhos da tarefa e viu que os perseguidores tinham cruzado a campina e estavam agora rumando para o declive em direção a eles.

— Mantenha-se fora da vista — disselhe Hal. — Quero que cheguem bem perto.

Os dois se jogaram de barriga no chão e espiaram para baixo da colina. Sentado ereto na sela, Schreuder surgia à plena vista, porém os dois batedores que o conduziam estavam ocultos pelo mato e os arbustos florescentes. Ao se aproximarem, Hal pôde divisar o feio arranhão dos pedregulhos na face de Schreuder, os rasgos e as manchas sujas em seu uniforme. Ele não usava nem chapéu nem peruca, que perdera provavelmente ao longo do caminho, talvez na queda. Por mais vaidoso que fosse, não perdera tempo em tentar recuperá-los, tão urgente era sua determinação.

O sol já avermelhara seu crânio barbeado, e seu cavalo babava. Talvez ele não tivesse se importado em lhe dar água durante a longa caçada. Aproximava-se ainda mais. Seus olhos estavam pregados na crista da colina onde vira os fugitivos passarem. A face era uma máscara pétrea, e Hal pôde ver que ali estava um homem dominado por um temperamento vulcânico, pronto para assumir qualquer risco ou enfrentar qualquer perigo com coragem.

No íngreme aclave, seus infatigáveis batedores começaram a se cansar. Hal podia ver o suor a escorrer por suas faces chatas e amarelas de asiáticos e ouvir sua respiração ofegante.

— Vamos lá, seus trapaceiros! — instigou-os Schreuder. —Vão deixálos escapar. Mais depressa! Corram mais depressa.

Os hotentotes começaram a subir aos tropeções e escorregões pelo aclave.

— Ótimo! — resmungou Hal. — Estão seguindo por nossos rastros, como eu esperava. — Murmurou as instruções finais a Aboli. — Mas espere até que o avise — advertiu-o.

Eles se aproximaram ainda mais, até que Hal podia ouvir os pés descalços dos hotentotes a escorregar no terreno, o guincho dos arreios de Schreuder e o tilintar de suas esporas. Com a aproximação, Hal viu as gotas de suor que decoravam as pontas de seu bigode, e as veias finas nos olhos azuis saltados, enquanto o coronel fixava o olhar furioso e obsessivo na linha do céu da colina, vigiando o inimigo que jazia escondido muito perto ao alcance.

— Pronto! — murmurou Hal, e levou a mecha ao estopim da barrica de pólvora. Esta se inflamou, faiscou, pegou fogo e então queimou com força. A chama correu pelo curto pedaço do estopim até o buraco da barrica.

— Agora, Aboli!

Aboli pegou a barrica e ergueu-se de pé, quase sob os cascos do cavalo de Schreuder. Os dois hotentotes gritaram de espanto e saltaram para fora da trilha, enquanto o cavalo relinchava e recuava, lançando Schreuder para a frente, agarrado a seu pescoço.

Por um momento, Aboli permaneceu imóvel, segurando a barrica no alto, acima da cabeça, com ambas as mãos. O estopim assobiou e sibilou como uma zangada víbora africana, e a fumaça da pólvora flutuou em torno de sua grande cabeça tatuada como um nimbo azul. Em seguida, ele lançou a barrica pelo lado da colina. Ela se virou preguiçosamente no ar antes de atingir o chão rochoso e girar para a frente, sacudindo e pulando conforme ganhava velocidade. Saltou para cima, na cara do cavalo de Schreuder, que empinou logo quando o cavaleiro tinha recuperado o equilíbrio. Schreuder foi jogado para a frente de novo, no pescoço do animal, perdeu um dos estribos e se pendurou desajeitadamente do lado da sela.

O cavalo girou e saltou para trás, pela encosta, quase para dentro do destacamento de infantaria que seguia em seus calcanhares. Quando o cavalo enlouquecido e a barrica de pólvora, aos saltos, vieram de volta para cima deles, a coluna de gibões-verdes soltou um urro de consternação. Cada um sabia que o estopim fumegante era o arauto de uma pavorosa detonação apenas segundos adiante, e todos quebraram as fileiras e se dispersaram. A maioria se voltou instintivamente para baixo da colina, em vez de correr para os lados, e a barrica alcançou-os, saltando no meio deles.

O cavalo de Schreuder desceu nos quartos traseiros, conforme deslizava e escorregava colina abaixo. As rédeas escaparam de uma das mãos do cavaleiro, enquanto a outra perdeu a precária fixação no arção da sela. Schreuder caiu quase sob as patas da montaria, e, assim que atingiu o chão, a barrica explodiu. A queda salvou-lhe a vida, pois ele caíra ao abrigo de uma baixa saliência de rocha, e a força principal do estouro passara sobre ele.

Contudo, aquilo arrasou a horda de soldados desgarrados. Aqueles mais próximos foram atingidos e lançados para cima como folhas em chamas de uma fogueira de jardim. Suas roupas foram destroçadas dos corpos desconjuntados, e um braço desmembrado subiu ao alto para cair de volta aos pés de Hal. Tanto Aboli como Hal haviam sido jogados ao solo pela força da explosão. Com os ouvidos zunindo, Hal cambaleou para se levantar novamente e olhou para baixo, admirado pela devastação que tinham criado.

Nenhum dos inimigos estava ainda de pé.

— Por Deus, você os matou a todos! — Hal maravilhou-se, porém, então, ouviram-se gritos e berros

confusos entre os arbustos arrasados. Primeiro um e depois mais dos soldados inimigos cambaleavam tontos para fora das moitas.

— Vamos embora!

Aboli pegou o braço de Hal e arrastou-o para a crista da colina. Antes que chegassem ao topo, Hal olhou para trás e viu que Schreuder tinha se erguido do chão. A oscilar como um bêbado, ele se erguia sobre a carcaça mutilada de sua montaria. Estava ainda tão atordoado, que, mesmo enquanto Hal observava, suas pernas se dobraram sob ele e ele se sentou pesadamente entre os galhos e folhas quebrados, cobrindo a face com as mãos.

Aboli soltou o braço de Hal e mudou a espada para a mão direita.

— Posso correr de volta e acabar com ele — resmungou, porém a sugestão arrancou Hal do próprio devaneio.

— Deixe-o estar! Não seria honroso matá-lo quando está incapaz de se defender.

— Então, vamos, e depressa — grunhiu Aboli. — Podemos ter jogado esse bando de homens de Schreuder no recife, porém, olhe! O resto dos gibões-verdes não está muito distante atrás.

Hal limpou o suor e a poeira da face e pestanejou para que os olhos se aclarassem. Viu que Aboli tinha razão. A nuvem de pó do segundo destacamento do inimigo erguia-se do matagal na planície no outro lado do vale, aproximando-se rapidamente.

— Se corrermos depressa agora, poderemos manter distância deles até o cair da noite, e já então estaremos nas montanhas — estimou Aboli.

Em questão de poucos passos, Hal tropeçou e mancou quando a perna ferida cedeu sob seu peso. Sem uma palavra, Aboli deu-lhe o braço para ajudá-lo a cobrir o terreno rústico até onde tinha amarrado o cavalo. Desta vez, Hal não protestou quando Aboli o empurrou para o lombo do animal e tomou as rédeas.

— Qual a direção? — indagou Hal.

Ao olhar adiante, a barreira da montanha se separava num labirinto de ravinas e elevados contrafortes rochosos, de penhascos e profundas gargantas nas quais cresciam densas faixas de floresta e vegetação emaranhada. Não conseguia divisar nenhuma trilha ou passagem através daquela confusão.

— Althuda conhece o caminho e deixou sinais para que nós os seguíssemos.

O rastro de cinco cavalos e do bando de fugitivos estava visivelmente marcado adiante deles, porém, para salientá-los, Althuda tinha queimado a casca das árvores ao longo da rota. Eles seguiram a trilha na melhor das velocidades e, da próxima colina, viram os pequenos contornos de cinco cavalos cinzentos a cruzar a extensão de terreno aberto, três ou quatro quilômetros adiante. Hal conseguiu até mesmo divisar a figura pequena de Sukeena empoleirada no lombo do cavalo guia. A coloração prateada dos cavalos fazia-os se destacarem como espelhos entre os arbustos escuros em volta, e ele murmurou:

— São belos animais, porém atraem o olhar de um inimigo.

— Nos tirantes de uma carruagem de cavaleiro não poderiam ser mais belos — concordou Aboli —, porém, nas montanhas, só vão atrapalhar. Precisamos abandoná-los quando chegarmos a terreno difícil, ou quebrarão as adoráveis pernas nas rochas e gretas.

— Deixá-los para os holandeses? — perguntou Hal. — Por que não uma bala de mosquete para terminar com seu sofrimento?

— Porque são lindos e porque eu os amo como meus filhos — disse Aboli, suavemente, estendendo a mão e alisando o pescoço do animal. A égua cinzenta revirou os olhos para ele e relinchou baixinho, devolvendo-lhe a afeição.

Hal riu.

— Ela o ama também, Aboli. Por sua causa, iremos poupá-los. Arrastaram-se para baixo pelo

próximo declive e lutaram para subir

do lado oposto. O terreno se tornava mais escarpado a cada passo, e as cristas da montanha pareciam pender suspensas acima de suas cabeças. No topo, pararam novamente para deixar a égua bufar, e olharam adiante.

— Parece que Alhuda está rumando para aquela garganta escura logo adiante. — Hal aguçou os olhos. — Pode vê-los?

— Não — resmungou Aboli. — Estão escondidos pelas dobras do sopé das colinas e as árvores. — Então, voltou o olhar para a retaguarda novamente. — Mas olhe atrás de você, Gundwane!

Hal virou-se e olhou para onde ele apontava, e exclamou, ofegante:

— Como podem ter vindo tão depressa? Estão chegando até nós como se estivéssemos imóveis!

A coluna de gibões-verdes corredores enxameava a colina atrás deles como formigas-soldados de um ninho perturbado. Hal conseguia contá-los facilmente e divisar os oficiais brancos. O sol do meio da tarde luzia em suas baionetas, e Hal pôde ouvir seus débeis mas jubilosos gritos conforme visualizavam a caça tão perto adiante.

— Lá está Schreuder! — exclamou Hal, com amargura. — Por Deus, aquele homem é um monstro. Não há meios de pará-lo?

O coronel desmontado trotava perto da retaguarda da longa e espalhada coluna, porém, enquanto Hal o observava, o homem passou adiante na trilha.

— Ele corre mais rápido que seus próprios hotentotes. Se nos demormos aqui outro minuto, estará em cima de nós antes que alcancemos a boca da garganta escura.

O terreno adiante se elevou tão abruptamente que o cavalo não podia subi-lo ereto, e a trilha começou a ziguezaguear pela colina. Ouviu-se outro berro alegre vindo de baixo, como o grito de açular os cães de um caçador de raposa, e eles viram os perseguidores avançar em fila, dois quilômetros ou mais além da trilha. Os líderes estavam mais perto agora.

— Tiro longo de mosquete. — Hal viu o potencial perigo, e enquanto ele falava, um dos soldados de vanguarda ajoelhou-se atrás de uma pedra e fez uma mira deliberada antes de disparar. Viram a pluma de fumaça do cano bem antes de ouvirem o espocar seco do tiro. A bala arrancou uma lasca azul de uma rocha vinte e cinco metros abaixo de onde estavam. — Ainda muito longe. Deixe que gastem sua pólvora.

A cinzenta saltou para cima pela trilha rochosa do caminho, muito mais segura nos pés do que Hal poderia ter esperado. Então, chegara à curva externa do largo cotovelo e começaram a cruzar a colina. Agora aproximavam-se do inimigo num ângulo oblíquo, e a distância entre eles se estreitava ainda mais depressa.

Os homens da trilha abaixo os saudaram com gritos alegres.

Jogaram-se no chão para descansar, para acalmar os corações palpitantes e as mãos trêmulas. Hal podia vê-los a verificar os gatilhos das caçadeiras dos mosquetes e a acender as mechas de queima lenta, preparando-se para disparar quando a égua cinzenta e seu cavaleiro chegassem dentro do alcance justo do mosquete.

— Pelo bafo de Satã! — resmungou Hal. — Isso é como velejar para o costado do inimigo! — Porém, não havia lugar algum para correr ou se esconder, e suaram para subir pela trilha.

Hal podia avistar Schreuder agora: ele abrira caminho tenazmente rumo à vanguarda da coluna e olhava diretamente para eles. Mesmo àquela distância, Hal conseguia ver que ele se forçara muito além da resistência natural: sua face estava chupada e mostrava sinais de cansaço, seu uniforme, roto, sujo, ensopado de suor e sangue de uma dúzia de arranhões e abrasões. Ele ofegava e puxava pela respiração, porém seus olhos afundados queimavam de malevolência. Não tinha forças para gritar ou sacudir uma arma, mas observava Hal com ar implacável.

Um dos gibões-verdes atirou e ouviram a bala zunir perto, acima de suas cabeças. Aboli incitava a égua ao melhor passo pela trilha íngreme e quebrada, porém estariam dentro do alcance dos mosquetes por muitos minutos mais. Agora, uma linha de fogo corria ao longo da fila de soldados pelo caminho abaixo. Balas de mosquetes estouravam entre as rochas ao redor deles, algumas se achatando em brilhantes discos onde se chocavam. Outras espalhavam lascas de pedras sobre eles, ou zumbiam em ricochetes pelo vale.

Ilesa, a égua cinzenta chegou ao cotovelo externo da trilha e iniciou a subida. Agora, a distância era maior, e grande parte da infantaria de hotentotes saltou de pé e partiu para a perseguição. Um ou dois rumaram diretamente para cima da colina, tentando evitar o canto, mas a inclinação mostrou-se muito íngreme mesmo para seus pés ágeis. Desistiram, escorregaram de volta para a trilha angulada e correram atrás de seus companheiros pela rota mais suave porém mais longa.

Uns poucos soldados permaneciam ajoelhados no caminho recarregavam as armas, a enfiar os soquetes nos canos de seus mosquete, freneticamente, e depois despejando a pólvora negra na caçoleta. Schreuder ficara a observar a fuzilada, encostado pesadamente contra uma rocha enquanto seu coração acelerado e a respiração difícil se acalmavam. Agora, erguia-se e pegava um mosquete carregado da mão de um de seus hotentotes e afastava o homem para o lado com o cotovelo.

Estamos além do alcance de um tiro de mosquete! — inconformou-se Hal. — Por que ele persiste?

— Porque está louco de ódio por você — retrucou Aboli. — O diabo lhe dá forças para continuar.

Schreuder arrancou rapidamente seu casaco e enrolou-o sobre a rocha, fazendo um colchão no qual descansar o corpo da arma. Olhou pelo cano e ajustou a alça de mira ao entalhe do visor. Acomodou-a por um instante na cabeça oscilante de Hal e então a ergueu até que tinha uma fatia de céu azul se mostrando por baixo, compensando a queda da pesada bala de chumbo quando alcançasse o limite de seu alcance. No mesmo movimento, ajustou o visor para a cabeça ereta da égua.

— Ele jamais pode esperar atingir-nos de lá! — balbuciou Hal, porém naquele instante viu a fumaça prateada florescer como uma flor tóxica no talo do cano do mosquete. Então, sentiu um baque de marreta quando a bala afundou nas costelas da égua cinzenta, dois centímetros abaixo de seu joelho.

Hal ouviu o ar escapar dos pulmões perfurados do cavalo. O corajoso animal cambaleou para trás e caiu nos quartos. Tentou recobrar o pé empinando loucamente, mas acabou se lançando pela borda da trilha estreita. Em tempo, Aboli agarrou a perna ferida de Hal e puxou do lombo da égua.

Hal e Aboli caíram juntos nas rochas e olharam para baixo. O cavalo rolou até que atingiu a curva da trilha, onde ficou a descansar numa chuva de pedregulhos, terra solta e poeira. Jazia com as quatro patas a chutar debilmente o ar. Um ressoante grito de triunfo subiu dos soldados perseguidores, cujos gritos correram pelos penhascos e ecoaram através das sombrias profundezas da garganta escura.

Hal rastejou trêmulo e se ergueu, avaliando rapidamente as circunstâncias. Tanto ele quanto Aboli ainda tinham os mosquetes pendurados nos ombros e as espadas nas bainhas. Além disso, cada um estava com um par de pistolas, um pequeno chifre de pólvora e um saco contendo balas de mosquete amarrado em torno da cintura. Porém, haviam perdido tudo mais.

Abaixo deles, os perseguidores se animaram com aquela reviravolta na sorte e uivavam como um bando de cães com o cheiro da caça arder em suas narinas. Vinham avançando com mãos e pés para cima.

— Deixe suas pistolas e o mosquete — ordenou Aboli. — Deixe chifre de pólvora e a espada também, ou seu peso irá derrubá-lo.

Hal meneou a cabeça.

— Logo precisaremos deles. Adiante.

Aboli não discutiu e avançou em passos largos. Hal ficou logo atrás dele, forçando a perna ferida a



servir a seu propósito através da dor e da trémula fraqueza que se espalhava lentamente para cima de sua coxa

Aboli estendeu a mão para trás para ajudá-lo pelos degraus mais difíceis do caminho, porém a inclinação tornou-se mais aguda conforme avançavam para cima e começavam a rodear os contrafortes escarpados de rocha que formavam um dos portais da garganta sombria. Agora, a cada passo para frente, eram forçados a alcançar o próximo nível, como se estivessem numa escadaria, e ladeavam a muralha alcantilada que caía para o vale abaixo. Os perseguidores, embora ainda próximos, ficaram fora da vista, ocultos pelo contraforte.

— Tem certeza de que este é o caminho certo? — Hal ofegou, quando pararam para uns poucos segundos de descanso num degrau mais largo.

— Althuda ainda está deixando sinais para nós — assegurou-lhe Aboli, e chutou o monte de três pequenos pedregulhos equilibrados um sobre o outro que haviam sido erigidos visivelmente no centro da trilha. — E meus cavalos cinzentos também. — Sorriu ao apontar uma pilha de reluzentes bolas úmidas de esterco um pouco mais adiante. Então, pendeu a cabeça. — Escute!

Hal podia ouvir agora as vozes dos homens de Schreuder. Estavam mais próximos do que da última vez que tinham parado. Soavam como se estivessem na volta da curva do contraforte atrás deles. Hal olhou para Aboli com aflição, e tentou equilibrar-se na perna boa para ocultar a fraqueza da outra. Conseguiram escutar nitidamente o tilintar de espada na rocha e o baque de pedras soltas sob os pés. As vozes dos soldados eram tão claras e altas que Hal podia distinguir as palavras e o comando de Schreuder, urgindo sem descanso as tropas para a frente.

— Agora irá me obedecer, Gundwane! — disse Aboli, inclinando-se e arrancando o mosquete da mão de Hal. — Irá em frente na melhor velocidade enquanto eu os seguro aqui por algum tempo. — Hal estava pronto para discutir, porém Aboli encarou com dureza nos olhos. — Quanto mais discutir, mais perigo coloca sobre mim — disse.

Hal concordou.

Eu o encontro no topo da garganta. — Segurou o braço de Aboli num aperto firme e depois avançou sozinho, mancando.

Conforme a trilha adentrava a garganta principal, Hal olhou para trás e viu que Aboli buscara abrigo agachando-se na curva do caminho, e que depusera os dois mosquetes sobre a rocha em frente a ele, ao alcance da mão.

Hal fez a volta, ergueu os olhos e viu a garganta abrir-se acima dele como um grande funil sombrio. Os lados eram de paredes rochosas íngremes, e o teto era formado pelas árvores em altos caules esguios que se estendiam para cima em busca da luz do sol. Estavam vestidas e enfeitadas de líquens. Um pequeno riacho saltava para baixo, numa série de poças e cascatas, e a trilha tomava aquele leito do riacho e subia pelas lajes molhadas. Hal caiu de joelhos, enfiou o rosto na primeira poça e sorveu a água, engasgando-se e tossindo com a sede. Conforme a água lhe distendia a barriga, sentiu a força fluir de volta para a perna inchada e latejante.

Do outro lado do contraforte atrás dele, veio o estouro de um tiro de mosquete, depois o baque de uma bala atingindo a carne, seguido imediatamente pelo berro de um homem lançado ao abismo, um grito que diminuía e fenecia enquanto ele despencava para baixo. Foi cortado abruptamente quando ele atingiu as rochas lá o fundo. Aboli fizera certo seu primeiro tiro, e os perseguidores se lançaram para trás em confusão. Levaria tempo para se reagruparem e seguirem com mais cautela, e assim Aboli ganhara preciosos minutos para Hal.

Hal ficou de pé e arrojou-se pelo leito do riacho. Cada uma das imensas e suaves lajes testava-lhe a perna ferida a seu limite. Ele resmungava, gemia e se arrastava para cima, apurando os ouvidos ao

mesmo tempo em busca de sons de luta atrás, porém não ouviu mais nada até que chegou à próxima poça, onde estacou, surpreso.

Althuda deixara os cinco cavalos cinzentos amarrados a uma árvore morta à beira d'água. Quando ele olhou além deles, para o próximo gigantesco degrau no leito do riacho, percebeu por que eles os tinham abandonado ali. Não poderiam mais seguir aquela trilha vertiginosa. A garganta se contraía numa estreita fenda acima de sua cabeça — e sua Própria coragem falhou quando ele inspecionou a perigosa rota que teria de seguir. Porém, não havia nenhum outro caminho, pois a garganta se transformara numa armadilha da qual não havia nenhum escape. Enquanto se postava indeciso, ouviu ao longe e abaixo um outro tiro de Mosquete e um clamor de gritos zangados.

— Aboli acertou outro — disse, em voz alta, e sua própria voz ecoou sobrenatural pelas altas paredes da garganta. — Agora, ambos os mosquetes estão vazios, e ele terá de correr.

Aboli, porém, ganhara aquele tempo para ele, e Hal não ousava desperdiçá-lo. Avançou para a trilha íngreme, arrastando a perna ferida sobre a rocha lúzida, polida pela água, que estava escorregadia e traiçoeira com as viscosas algas verdes.

Com o coração a pulsar de fadiga, e as unhas quebradas até o toco ele escalou os últimos poucos passos para cima e alcançou o parapeito da garganta. Ali, caiu de barriga e olhou para trás, pela borda. Viu Aboli, que subia, saltando de rocha em rocha sem hesitação, um mosquete apertado em cada mão, sem nem mesmo relancear os olhos para baixo para avaliar as passadas pelas lajes traiçoeiras.

Hal ergueu os olhos para o céu pela estreita abertura da garganta, ao alto de sua cabeça, e viu que o dia estava findando. Logo estaria escuro, e os topos das árvores se transformavam em ouro com os últimos raios do sol.

— Por aqui! — gritou para Aboli.

— Continue, Gundwane! — berrou Aboli de volta. — Não espere por mim. Eles estão logo atrás!

Hal virou-se e olhou para o leito íngreme do riacho atrás de si. Pelos próximos duzentos passos, a torrente ficava a plena vista: se ele e Aboli tentassem continuar a escalada, então Schreuder e seus homens alcançariam aquela posição vantajosa enquanto as costas dos dois fugitivos ainda estivessem expostas. Antes que pudessem alcançar o próximo abrigo, seriam atingidos pelo fogo de mosquetes de curto alcance.

Temos de fazer nossa parada aqui, decidiu. Precisamos segurá-los até o cair da noite, e então tentar nos esgueirar para longe na escuridão. Reuniu depressa as pedras soltas do curso d'água em que se escondia e amontoou-as ao longo da beirada do parapeito. Quando olhou para baixo, viu que Aboli chegara ao sopé da muralha de pedra e subia rapidamente em direção a ele.

Quando Aboli estava a meio caminho e completamente exposto, ouviu-se um tiro vindo de baixo da garganta sombria. Através da penumbra. Hal divisou a forma do primeiro de seus perseguidores. Houve um lampejo e o espocar de um tiro de mosquete, e Hal espiou para baixo, ansioso, mas Aboli estava ileso e ainda subia depressa.

Agora, o fundo da garganta enxameava de homens, e uma fuzilaria produziu um eco de estouros e baques. Hal divisou Schreuder em meio à penumbra; sua face branca se destacava entre as mais escuras que o rodeavam.

Aboli chegou ao topo da parede rochosa, e Hal estendeu-lhe a mão para o parapeito.

Por que não continuou, Gundwane? — Ele ofegava. Não há tempo para conversa. — Hal agarrou um dos mosquetes dele e começou a recarregá-lo. — Temos de segurá-los aqui até o escurecer. Recarregue!

— A pólvora quase acabou — retrucou Aboli. — Só há o suficiente para uns poucos tiros mais. — Enquanto falava, manejava o soquete.

— Então precisamos fazer valer cada disparo. Depois disso, vamos atacá-los com pedras. — Hal

comprimiu a caçoleta do mosquete. — E quando tivermos esgotado as pedras para jogar, meteremos o aço neles.

Balas de mosquete começaram a zunir e estourar em torno de suas cabeças à medida que os homens abaixo abriam uma saraivada contínua de tiros. Hal e Aboli foram forçados a se esconder embaixo do parapeito, a cada poucos segundos erguendo as cabeças para dar uma espiada rápida para baixo da muralha.

Schreuder usava a maioria de seus homens para manter a fuzilaria, controlando-os para que as armas estivessem sempre carregadas e prontas para disparar a seu comando, enquanto outros as recarregavam. Parecia que escolhera uma equipe de seus homens mais fortes para escalar a parede, enquanto seus artilheiros tentavam impedir Hal e Aboli de se defenderem.

Aquela primeira onda de uma dúzia ou mais de escaladores carregando apenas as espadas avançou em frente e arrojou-se pela parede rochosa, mãos e pés seguindo para cima. Então, assim que as cabeças de Hal e Aboli apareceram sobre a borda, veio o estrondoso estouro de fogo de mosquete, e as chispas dos canos iluminaram a penumbra.

Hal ignorou as balas que voavam ao redor e se chocavam contra a rocha abaixo. Empurrou para fora o cano do mosquete e mirou-o para o escalador mais próximo. Aquele era um dos cabos brancos holandeses, e o alcance era à queima-roupa. A bala de Hal atingiu-o na boca, arreventou-lhe os dentes e esmagou-lhe a mandíbula. Ele perdeu o aperto na face escorregadia da pedra e caiu de costas. Chocou-se contra os três homens abaixo, arrancando-lhes as mãos do apoio, e todos os quatro voaram para baixo para se estourar nas rochas.

Aboli disparou e mandou outros dois gibões-verdes a escorregar pelo Paredão. Em seguida, tanto ele como Hal pegaram as pistolas e dispararam de novo e outra vez, limpando a parede de escaladores, a não ser por dois homens que se agarravam impotentes a uma fenda a meio caminho da face polida da rocha.

Hal deixou cair as pistolas vazias e agarrou uma das lápides que colocara ao alcance da mão. A pedra lhe enchia o punho, e ele lançou-a contra o homem que estava abaixo. O gibão-verde a viu chegar, porém não podia evitá-la. Tentou enfiar a cabeça entre os ombros, mas a pedra pegou-o na têmpora, e ele abriu os dedos e caiu.

— Bom lance, Gundwane! — aplaudiu-o Aboli. — Sua mira está melhorando. — Atirou uma pedra no último homem na parede e atingiu-o sob o queixo. O gibão-verde oscilou por um momento e então perdeu o equilíbrio e despencou.

— Recarregue! — murmurou Hal com aspereza, e quando despejava a pólvora na arma, relanceou os olhos para a faixa de céu acima deles. — Será que a noite nunca chega? — lamentou, e viu Schreuder mandar uma nova onda de escaladores para subir a parede. A escuridão não viria salvá-los, pois, antes que tivessem recarregado os mosquetes, os soldados inimigos já estavam a meio caminho rocha acima.

Ajoelharam-se na borda e dispararam novamente, porém, desta vez, seus dois tiros derrubaram apenas um dos atacantes, e o resto continuou com firmeza. Schreuder mandou outra leva de escaladores para se juntar aos primeiros, e a parede inteira fervilhava de figuras escuras.

— Não podemos empurrá-los a todos para trás — disse Hal, com um desespero sombrio no coração. — Precisamos recuar para a garganta. — Porém, quando olharam para cima, para a escarpada subida cheia de contrafortes, o ânimo dos dois fraquejou.

Hal jogou o mosquete e, com Aboli a seu lado, seguiu para a traiçoeira escarpa. Os primeiros escaladores alcançavam a beirada da muralha e corriam, aos gritos, atrás deles.

Na escuridão que se aproximava, Hal e Aboli lutaram para seguir para cima, voltando-se quando os perseguidores os pressionavam bem mais de perto; espantavam-nos com suas lâminas e os faziam recuar

o suficiente para lhes dar fôlego e seguir em frente. Porém, agora, mais e mais gibões-verdes chegavam ao topo da muralha, e era apenas uma questão de minutos antes que fossem alcançados e dominados.

Logo adiante, Hal percebeu uma profunda fenda na parede lateral da garganta, e, por ela, ele e Aboli poderiam encontrar abrigo em sua escuridão. Abandonou a ideia, no entanto, ao se nivelar a ela e ver como era rasa. Schreuder iria caçá-los ali como um furão expulsando um casal coelhos de um viveiro.

— Hal Courtney! — chamou uma voz da sombria greta na rocha.

Hal espiou dentro dela e, em seu fundo, viu dois homens. Um era Althuda, que o chamava, e o outro era um homem estranho, mais velho, barbado, vestido em peles de animal. Estava muito escuro para lhe ver a face claramente, porém, quando ele e Althuda insistiram com urgência, nem Hal nem Aboli hesitaram. Lançaram-se pela estreita abertura e se espremeram entre os dois homens que já estavam ali.

— Abaixem-se! — disse o estranho ao ouvido de Hal, e inclinou-se com um machado de cabo curto na mão.

Um soldado apareceu na abertura da fenda e ergueu a espada para investir contra os quatro homens agachados lá dentro, mas Althuda ergueu a pistola que tinha na mão e disparou à queima-roupa no centro do peito do inimigo.

Ao mesmo tempo, o estranho barbado levantou o machado e então o desceu com um golpe poderoso. Hal não entendeu o que ele estava fazendo, até que viu que o estranho cortara uma corda de casca trançada, espessa como o pulso de um homem e cabeluda. O machado seccionara a corda rústica, e, conforme ela se partia, a ponta cortada chicoteou para longe, como se impelida por alguma imensa força. A extremidade fora enrolada e amarrada em torno de uma rija estaca de madeira enfiada dentro de uma rachadura na pedra. O comprimento da corda corria pelo canto da fenda e depois se esticava para cima até algum ponto perdido na penumbra reinante ao alto da garganta íngreme.

Por um longo minuto, nada mais aconteceu, e Hal e Aboli se entreolharam, admirados. Então, ouviram-se um ranger e um crepitar do alto do funil da garganta, um estrondo surdo e um estalar como se um gigante adormecido se espreguiçasse.

— Sabah provocou um desabamento de rochas! — explicou Althuda, enstancadamente Hal compreendeu.

Olhou para a garganta através da entrada estreita da greta. O retumbar tornou-se um rugido concentrado e, acima dele, Hal podia ouvir os gritos selvagens e terrificados dos gibões-verdes colhidos em cheio pela trilha daquela avalanche. Para eles, não havia nem abrigo nem escape. A garganta era uma armadilha mortal para a qual Althuda e Sabah os tinham atraído.

O roncar e moer de pedras elevou-se num crescendo ensurdecedor. A montanha parecia tremer sob eles. Os berros dos soldados na trilha foram afogados, e, de repente, um rio poderoso de lajes em queda veio varrendo a entrada da fenda. A luz foi bloqueada, e o ar se encheu de tal maneira de poeira e de rocha moída, que os quatro homens engas-garam e ofegavam para respirar. Cego e sufocado, Hal ergueu a ponta da camisa rasgada e segurou-a sobre o nariz e a boca, tentando filtrar o ar para que pudesse respirar na tumultuosa tempestade de pó lançado pela onda arrasadora de rochas e pedras em vôo que escorria por sobre eles.

A avalanche continuou por um longo tempo, porém, gradualmente, o rio de pedras moventes diminuiu até se tornar um lento e intermitente deslizar e bater dos últimos poucos fragmentos. Um último silêncio, completo e opressivo, pesou sobre eles, e a poeira assentou-se para revelar e delinear a abertura de seu abrigo.

Aboli engatinhou para fora e equilibrou-se desajeitadamente no terreno solto e instável. Hal subiu até o lado dele e ambos espiaram para baixo, para a garganta escura. De parede a parede, fora limpa pela avalanche. Não havia nenhum som ou traço de seus perseguidores, nem um último grito desesperado ou

gemido de morte, nem um pedaço de pano ou arma descartada. Era como se eles nunca tivessem estado ali.

A perna ferida de Hal não podia mais suportar seu peso. Ele cambaleou e caiu na abertura da fenda. Em seu sangue, a febre das feridas infeccionadas fervia, e encheu sua cabeça com escuridão e calor. Ele teve noção de mãos fortes que o apoiavam e então afundou na inconsciência.

O coronel Cornélius Schreuder aguardou por uma hora na antecâmara do castelo antes que o governador van de Velde tivesse a condescendência de vê-lo. Quando, por fim, foi chamado por um ajudante-de-ordens, caminhou em passadas largas para a câmara de audiência do governador, mas ainda assim van de Velde declinou de prestar atenção à sua presença. Continuou a assinar os documentos e proclamações que Jacobus Hop colocava diante dele, um de cada vez.

Schreuder estava em pleno uniforme, usando todas as suas condecorações e estrelas. Sua peruca fora empoada e enrolada fazia pouco, e seus bigodes estavam untados com cera de abelha em pontas agudas. De um lado de sua face havia cicatrizes rosadas e crostas de feridas.

Van de Velde assinou o último documento e dispensou Hop com um aceno de mão. Quando o escrivão saiu e fechou a porta atrás de si, van de Velde apanhou o relatório escrito de Schreuder da escrivãzinha à sua frente como se fosse um pedaço particularmente revoltante de excremento.

— Então, perdeu quase quarenta homens, Schreuder? — perguntou, asperamente. — Para não mencionar oito dos melhores cavalos da companhia.

Trinta e quatro homens — corrigiu Schreuder, ainda postado rígido em atenção.

— Quase quarenta! — repetiu van de Velde, com uma expressão de repugnância. — E oito cavalos. Os condenados e escravos que estava perseguindo se safaram para longe de você. Dificilmente uma retumbante vitória, não concorda, coronel? — Schreuder fez uma careta furiosa para as cornijas esculpidas no teto, acima da cabeça do governador. - A segurança do castelo é sua responsabilidade, Schreuder. A intenção dos prisioneiros é de sua responsabilidade. A segurança de minha pessoa e de minha esposa é também de sua responsabilidade. Concorda, Schreuder?

— Sim, Excelência. — Um nervo sob o olho de Schreuder começou a pulsar.

— Você permitiu que os prisioneiros escapassem. Permitiu que roubassem a propriedade da companhia. Permitiu que causassem graves danos a este prédio com explosivos. Olhe para minhas janelas! — Van de Velde apontou para os encaixes vazios dos quais os vitrais de vidro estanhado tinham estourado. — Tenho estimativas do supervisor da companhia que avaliam o dano em mais de cem mil guinéus! — Caminhava firmemente para um acesso de raiva. — Cem mil guinéus! Depois, para coroar tudo isso, permitiu que minha esposa e eu mesmo fôssemos sequestrados e colocou-nos em perigo mortal... — Teve de se interromper para controlar o temperamento. — Então, permitiu que quase quarenta dos servos da companhia fossem assassinados, inclusive cinco homens brancos! Qual imagina que seja a reação do Conselho dos Dezesete em Amsterdã, quando receber meu completo relatório detalhando a profundidade da derrelição de seus deveres, hein? O que julga que dirão? Responda-me, seu papagaio arrivista. O que pensa que dirão?

— Podem ficar de alguma forma desgostosos — retrucou Schreuder, empertigado.

— Desgostosos? De alguma forma desgostosos? — esgoelou van de Velde, e caiu de costas na cadeira, ofegando como um peixe fígado. Quando se recuperou, prosseguiu: — Será o primeiro a saber se estão ou não de alguma forma desgostosos, Schreuder. Eu o estou mandando de volta a Amsterdã na mais profunda desgraça. Partirá em três dias a bordo do Weltevreden, que está ancorado na baía neste momento

Apontou pelas janelas vazias para o amontoado de navios que jaziam em âncoras além da linha do quebra-mar.

— Meu relatório sobre o assunto irá para Amsterdã no mesmo navio junto com minha condenação a você nos termos mais fortes possíveis. Ficará diante dos Dezesete e apresentará suas escusas a eles em pessoa — Sorriu maliciosamente para o coronel com um ar de satisfação. — Sua carreira militar está destruída, Schreuder. Sugiro que assuma sua vocação de cafetão, para a qual demonstrou considerável aptidão. Adeus coronel Schreuder. Duvido que eu tenha o prazer de sua companhia alguma vez novamente.

Doído com os insultos do governador como se tivesse levado vinte chibatadas de azorrague, Schreuder seguiu até o topo da escada. Para dar a si mesmo tempo de recuperar a compostura e o temperamento, parou para inspecionar o dano que a explosão infligira aos edifícios que rodeavam o pátio. A armaria fora destruída, estourada numa pilha de entulhos. As tábuas do teto da ala norte estavam arreventadas e enegrecidas pelo incêndio que se seguira à explosão, porém as muralhas exteriores estavam intactas, e outros prédios apenas superficialmente danificados.

As sentinelas que antes saltariam em atenção à sua aparição agora se demoravam em lhe render as honras, e quando finalmente lhe endereçaram uma saudação afetada, um acompanhou-a com um sorriso impudente. Na minúscula comunidade da colônia, as notícias se espalhavam com rapidez, e, evidentemente, sua dispensa desonrosa do serviço da companhia já era conhecida da guarnição inteira. Jacobus Hop devia ter tido prazer em espalhar as novas, julgou Schreuder, e voltou-se para a sentinela sorridente.

— Varra essa careta de sua face horrenda, ou, por Deus, eu a barbarei com minha espada.

O homem ficou sério instantaneamente e olhou rígido para a frente. No entanto, conforme Schreuder cruzava o pátio, Manseer e os outros supervisores murmuravam e sorriam atrás dos seus punhos fechados. Mesmo alguns dos prisioneiros recapturados, agora a usar grilhões, que reparavam o dano à armaria, pararam de trabalhar para sorrir de soslaio.

Tal humilhação era penosamente difícil para um homem de seu orgulho e temperamento suportar, e ele tentou imaginar quanto mais isso ia piorar quando retornasse à Holanda e se defrontasse com o Conselho dos Dezesete. Sua vergonha seria gritada em cada taberna e porto, em cada guarnição e regimento, nos salões de todas as grandes casas e mansões de Amsterdã. Van de Velde estava correto: ele se tornaria um pária.

Seguiu em frente, passando pelos portões e pela ponte sobre o fosso. Não sabia para onde ia, porém voltou-se em direção à beira-mar e postou-se acima da praia, olhando para o oceano. Lentamente, pôs as emoções turbulentas sob controle e começou a procurar por algum escape ao escárnio e do ridículo que não poderia suportar.

Terei de engolir uma bala, resolveu. É o único caminho aberto para mim. Então, quase instantaneamente, sua natureza revoltou-se contra um tal curso covarde de ação. Recordou-se de como desprezara um de seus oficiais na Batávia que, por causa de problemas com uma mulher, colocara o cano de uma pistola carregada na boca e explodira a parte posterior do crânio.

— É a saída de um covarde! — exclamou Schreuder em voz alta. — E não é para mim.

Contudo, sabia que não poderia nunca obedecer às ordens de van de Velde, de voltar para casa, na Holanda. Porém, também não poderia permanecer ali, em Boa Esperança, nem viajar para qualquer possessão holandesa em algum lugar no globo. Era um proscrito, e devia encontrar alguma outra terra onde sua vergonha fosse desconhecida.

Agora, seu olhar focalizou-se no amontoado de naus ancoradas na baía da Mesa. Havia o Weltevreden, no qual van de Velde queria mandá-lo de volta para enfrentar os Dezesete. Seu olhar moveu-se para os três outros navios holandeses que jaziam perto dele. Não zarparia num navio holandês, porém havia apenas duas naus estrangeiras. Uma era uma embarcação de escravos portuguesa, rumo aos

mercados de Zanzibar. A simples ideia de viajar num navio negreiro era detestável — podia sentir-lhe o cheiro dali de onde estava, acima da praia. O outro navio era uma fragata inglesa, e, pela aparência, recém-lançada ao mar e bem construída. Seus cordames eram novos, e sua pintura apenas ligeiramente estragada pelos ventos do Atlântico. Tinha o ar de um navio de guerra, porém ele ouvira dizer que pertencia a um comerciante armado. Podia ler-lhe o nome no pranchão: Golden Bough — Ramo Dourado. Tinha quinze portinholas de artilharia no costado, do lado que se apresentava para ele conforme rodava ligeiramente na âncora, porém e não sabia de onde viera e para onde rumava. Contudo, sabia exatamente onde descobrir tal informação; assim, enfiou o chapéu firmemente sobre a peruca e caminhou ao longo da praia, rumando para a mais próxima das insalubres choupanas que serviam como bordel e bares para os marujos dos oceanos.

Mesmo àquela hora da manhã, a taberna estava lotada, e o interior sem janelas era sombrio e fedorento com a fumaça de tabaco e os eflúvios das aguardentes baratas e da freguesia sem banho. As prostitutas eram na maioria hotentotes, contudo havia uma ou duas mulheres brancas que tinham ficado velhas demais e marcadas de varíola para trabalhar mesmo nos portos de Roterdã ou St. Pauli. De alguma forma tinham encontrado navios que as levassem para o sul e vieram para terra, como ratos, para desperdiçar seus últimos dias naquelas esquálidas redondezas antes que a tularemia as consumisse inteiramente.

Com a mão na empunhadura da espada, Schreuder conseguiu uma pequena mesa para si com uma palavra dura e um olhar superior. Assim que estava sentado, chamou uma das cansadas meretrizes atendedoras para trazer-lhe uma caneca de cerveja leve.

— Quais são os marujos do Golden Bough — perguntou, e jogou uma moeda de prata sobre o sujo tampo da mesa.

A rameira apoderou-se daquela liberalidade e deixou-a cair pela frente do vestido encardido entre as tetas penduradas, antes de jogar a cabeça na direção de três marujos a uma mesa no canto oposto do salão.

— Leve a cada um daqueles cavalheiros outra caneca cheia de qualquer porcaria de urina que esteja servindo a eles e diga-lhes que estou pagando por isso.

Quando deixou a taberna, meia hora mais tarde, Schreuder sabia para onde o Golden Bough rumava, e o nome e a disposição de seu capitão. Desceu até a praia e alugou um esquife para levá-lo até a fragata.

O vigia de âncora a bordo do Golden Bough o avistara assim que ele deixara a praia, e podia dizer pela vestimenta e pelo porte que era um homem refinado. Quando Schreuder tocou o costado da fragata e pediu permissão para subir a bordo, um pesado e sorridente oficial galês saudou-o com cautela no convés e depois o conduziu até a cabine de popa, onde o capitão Christopher Llewellyn se levantou para cumprimentá-lo. Assim que ele estava sentado, ofereceu a Schreuder uma caneca de peltre de cerveja escura e adocicada. Estava obviamente aliviado ao descobrir que Schreuder falava um bom inglês. Llewellyn logo o reconheceu como um cavalheiro e um igual, relaxou e passou a conversar aberta e francamente.

Primeiro, discutiram as recentes hostilidades entre seus dois países, e se mostraram satisfeitos que uma paz satisfatória houvesse sido concluída; depois se puseram a falar sobre o comércio marítimo nos oceanos orientais e os poderes temporais e políticos que governavam as regiões das Índias Orientais e Índia remota. Eram assuntos altamente envolventes e complicados pela rivalidade entre os poderes europeus, cujos mercadores e naus entravam em mares orientais cada vez mais em maior número.

Há também os conflitos religiosos que embaraçam as terras orientais - comentou Llewellyn. — Minha presente viagem é em resposta a um apelo do rei cristão da Etiópia, o Padre João, para assistência militar em sua guerra contra as forças do Islã.

À menção de guerra no Oriente, Schreuder sentou-se um pouco mais ereto na cadeira. Era um guerreiro, no momento um guerreiro desempregado, e guerra era seu negócio.

— Não tinha ouvido falar do conflito. Por favor, conte-me mais sobre isso.

— O grão-mogol mandou sua frota e uma armada sob o comando de seu irmão mais novo, Sadiq Khan Jahan, para recuperar os países que compõem o litoral do Great Horn da África das mãos do rei cristão. — Llewellyn interrompeu sua explicação para perguntar: — Diga-me, coronel, conhece alguma coisa sobre a religião islâmica?

Schreuder aquiesceu.

— Sim, é claro. Muitos dos homens que comandi durante os últimos trinta anos eram muçulmanos. Falo árabe e tenho feito um estudo sobre o Islã.

— Saberá, então, que um dos preceitos dessa crença de militantes é o hadj, a peregrinação ao lugar de nascimento do profeta em Meca, que está situada nas praias orientais do mar Vermelho.

— Ah! — exclamou Schreuder. — Posso ver aonde quer chegar. Qualquer peregrino do reinado do grão-mogol na Índia seria forçado a entrar no mar Vermelho passando ao redor do grande corno da África. Isso traria as duas religiões para confrontação na região, estou correto em minha dedução?

Na verdade, coronel, eu me congratulo com o senhor por sua compreensão das implicações religiosas e políticas. Essa é precisamente a desculpa que vem sendo usada pelo grão-mogol para atacar o padre João. Claro, os árabes comerciavam com a África desde antes do nascimento seja de nosso salvador, Jesus Cristo, ou do profeta Maomé. De uma cabeça-de-ponte na ilha de Zanzibar, eles vêm expandindo gradualmente a dominação para o continente. Agora têm a intenção de conquistar e subjugar o coração da Etiópia cristã.

— Se me permite a ousadia, qual é o seu papel nesse conflito? perguntou Schreuder, muito sério.

— Pertencço a uma ordem naval de cavalaria, os Cavaleiros do Templo da Ordem de São Jorge e do Santo Graal, comprometida em defender a fé cristã e os lugares sagrados do cristianismo. Somos os sucessores dos Cavaleiros Templários.

— Conheço sua ordem — disse Schreuder — e sou relacionado com diversos de seus irmãos cavaleiros. O conde de Cumbrae é um deles.

— Ah! — fungou Llewellyn. — Ele não é um exemplo brilhante de nossos membros.

— Também conheci Sir Francis Courtney — prosseguiu Schreuder. O entusiasmo de Llewellyn não foi fingido.

— Eu o conheço bem — exclamou. — Que belo homem do mar e cavalheiro. Sabe, por acaso, onde posso encontrar Franky? Essa guerra religiosa no Great Horn o atrairia como uma abelha para o mel. Com seu navio junto ao meu, seríamos uma força formidável.

— Receio que Sir Francis seja uma fatalidade da guerra recente entre nossos dois países. — Schreuder compôs a frase diplomaticamente, e Llewellyn pareceu perturbado.

— Fico triste com essas notícias. — Ficou calado por um momento e depois se levantou. — Para dar uma resposta a sua pergunta, coronel Schreuder, estou a caminho de Great Horn em resposta ao chamado do padre para ajudar a repelir as investidas do Islã. Pretendo zarpar com a maré esta noite mesmo.

— Sem dúvida, o padre deve estar necessitando de militares, assim como de assistência naval, não é? — perguntou Schreuder, abruptamente. Tentou disfarçar a excitação que o acometia. Aquela era a resposta direta às suas preces. — Olharia com gentileza uma solicitação minha no sentido de viajar a bordo de seu belo navio para o teatro de guerra? Eu também estou determinado a oferecer meus serviços à causa.

Llewellyn pareceu espantado.

— Uma súbita decisão, senhor. Não tem deveres e obrigações em terra? Seria possível ao senhor



partir comigo com tal brevidade?

— Na verdade, capitão, sua presença aqui na baía da Mesa parece um golpe do destino. Livrei-me hoje mesmo das obrigações das quais fala. É quase como se que tivesse a premonição divina desse chamado para o dever. Estou pronto a atender ao chamado. Ficaria satisfeito em pagar por minha passagem e a da dama que está para ser minha esposa, em moedas de ouro.

A Llewellyn fez um ar de dúvida, coçou a barba e estudou Schreuder judiciosamente.

— Tenho apenas uma única pequena cabine desocupada, dificilmente seria acomodação para pessoas de qualidade.

Pagarei dez guinéus ingleses pelo privilégio de viajar com o senhor — disse Schreuder, e a expressão do capitão desanuviou-se.

Eu ficarei honrado com sua companhia e a de sua dama. Contudo, não posso atrasar minha partida por uma única hora. Devo zarpar com a maré. Mandarei um bote levá-lo à terra e ficar à sua espera na praia.

Enquanto era levado para terra, Schreuder fervia de excitação. O serviço de um potentado oriental numa guerra religiosa certamente ofereceria oportunidades para glórias marciais e enriquecimento muito além do que poderia alguma vez ter esperado sob as ordens da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Havia encontrado um escape da ameaça de desgraça e ignomínia. Depois daquela guerra, ele ainda poderia retornar à Holanda carregado com ouro e glória. Aquela era a maré da fortuna pela qual esperara toda a sua vida, e, com a mulher que amava além de tudo mais a seu lado, ele a aproveitaria em sua plenitude.

Tão logo o bote chegou à praia, ele saltou e jogou uma pequena moeda de prata para o remador.

— Espere por mim!

E rumou para o castelo. Seu criado o esperava em seus aposentos, e Schreuder deu-lhe instruções para que empacotasse todas as suas posses, mandando-as para a beira da praia e colocando-as no escaler do Golden Bough. Parecia que toda a guarnição já sabia de sua demissão. Mesmo o criado não ficou surpreso com as ordens, nem ninguém julgaria estranho que ele se mudasse.

Gritou para o cavaliço e ordenou-lhe que selasse o único cavalo que restara. Enquanto esperava que a montaria fosse trazida dos estábulos, postou-se diante do pequeno espelho em seu quarto de vestir e ajeitou o uniforme, escovou a peruca e deu nova forma aos bigodes. Sentia um rubor de excitação e uma sensação de alívio. À hora em que o governador percebesse que ele e Katinka tinham partido, o Golden Bough estaria em alto-mar e rumo ao Oriente.

Desceu correndo as escadas e para fora, no pátio, onde o cavaliço agora segurava o cavalo, e saltou para a sela. Estava com grande pressa, ansioso para partir, e incitou a montaria a um galope ao longo das avenidas rumo à residência do governador. Sua pressa, contudo, não era assim tão grande, para privá-lo de toda cautela. Não seguiu pelo caminho direto pelos gramados em frente à casa, tomando então a estrada lateral através do bosque de carvalho que era usada pelos escravos e fornecedores de lenha e provisões da vila. Puxou as rédeas assim que estava próximo o bastante para que o ruído de cascos fosse ouvido da residência, e levou o animal devagar para o estábulo atrás das cozinhas. Ao desmontar, um assustado cavaliço correu para pegar o cavalo, e Schreuder contornou a parede da cozinha, entrando nos jardins pelo pequeno portão ao canto.

Olhou ao redor com cautela em busca dos jardineiros que muitas vezes trabalhavam naquela parte da herdade, porém não viu sinal deles. Caminhou pelos gramados, nem devagar nem depressa, e entrou na residência pelas portas duplas que levavam à biblioteca. O longo aposento alinhado de livros estava deserto.

Schreuder estava bem acostumado com a disposição da residência. Visitara Katinka com frequência suficiente enquanto o marido cuidava dos deveres no castelo. Foi primeiro ao salão de leitura, que

dominava os gramados e uma vista distante da baía e do Atlântico todo o seu azul. Era o retiro favorito de Katinka, porém, naquela hora, ela não estava ali. Havia uma escrava de joelhos em frente à estante de livros, a pegar cada volume e polir as capas de couro com um pano macio. Ela ergueu os olhos e se assustou, quando Schreuder surgiu quase em cima dela.

— Onde está sua patroa? — indagou ele, e quando a escrava gaguejou, com ar idiota, ele repetiu: — Onde está Mevrouw van de Velde?

A garota levantou-se, confusa.

— A patroa está em seu quarto. Mas não quer ser perturbada. Não está bem. Deixou ordens estritas.

Schreuder girou nos calcanhares e desceu pelo corredor. Gentilmente, tentou a maçaneta da porta ao fim da passagem, porém estava trancada por dentro. Soltou uma exclamação de impaciência. O tempo se esgotava, e ele sabia que Llewellyn não hesitaria em fazer valer o aviso de partir sem ele quando a maré subisse. Correu pelo corredor e passou pelas portas envidraçadas para a longa varanda. Correu para as janelas que se abriam para dentro da suite principal. As janelas para o quarto de vestir de Katinka estavam fechadas, e ele ergueu o punho para bater e então se controlou. Não queria alertar os escravos da casa. Assim puxou a espada, enfiou a lâmina pela abertura nas venezianas e ergueu o trinco do lado de dentro. Abriu a porta e entrou para o aposento. O perfume de Katinka assaltou-lhe os sentidos, e, por um instante, Schreuder se sentiu atordoado por seu amor e anseio por ela. Então, com um ímpeto de alegria, recordou-se de que ela seria só dele, logo os dois estariam longe, em viagem, de mãos dadas, para construir uma nova vida e fortuna juntos. Atravessou o assoalho em passos leves, para não assustá-la, e puxou suavemente as cortinas da porta para o quarto principal. Ali, também, as venezianas estavam fechadas e trancadas, e o quarto em semi-obscuridade. Ele parou para permitir que seus olhos se ajustassem à luz ténue e viu que a cama estava em desalinho.

Então, na penumbra, divisou o brilho perolado da pele branca sem sardas entre as roupas de cama emaranhadas. Ela estava nua, as costas voltadas para ele, os cabelos de um ouro prateado caindo em cascata até a elevação das nádegas perfeitas. Schreuder sentiu uma onda de luxúria, sua virilha inchou-se, e ele foi tão dominado pelo desejo, que por um momento não conseguiu se mover, nem mesmo respirar.

Então, ela virou a cabeça e olhou diretamente para ele. Seus olhos se arregalaram e toda a cor drenou-se de sua face.

— Seu porco desprezível! — disse, entre os dentes. — Como ousa me espionar? — Sua voz era baixa, porém cheia de escárnio e fúria.

Ele se encolheu, atônito. Ela era sua amante e ele não podia compreender que lhe falasse daquele jeito, nem que pudesse encará-lo com tanto desprezo e fúria. Então ele viu que seus seios nus brilhavam com o suave brilho do próprio suor, e que ela estava sentada a cavalo sobre uma forma masculina. O homem sob ela jazia de costas, e Katinka estava empalada nele, no ato da paixão, cavalgando-o como a um corcel.

O corpo do homem era musculoso, branco e rijo, o corpo de um gladiador. Com um movimento explosivo, Katinka livrou-se dele e virou-se para encarar Schreuder. Enquanto se postava ao lado da cama, tremendo de ultraje, suas coxas internas reluziam com o fluxo do ato sexual.

— O que está fazendo em meu quarto? — sibilou ela para Schreuder. Com ar stupidificado, ele respondeu:

— Vim para levá-la embora comigo.

Mas seus olhos correram para o corpo do homem. Seus pêlos púbicos estavam molhados e emaranhados, e seu sexo investia rumo ao teto, grosso, inchado e lúcido, com uma brilhante e viscosa cobertura. O homem sentou-se e olhou reto para Schreuder, com um olhar amarelado.

Uma onda de indescritível horror e repulsa invadiu Schreuder. Katinka, Seu amor, estava mantendo

relações sexuais com João Lento, o carrasco.

Katinka estava falando, porém as palavras mal faziam sentido para ele.

— Veio para me levar embora? O que o fez pensar que eu iria com você, o palhaço da companhia, a inspiração das risadas da colônia? Saia daqui, seu idiota. Vá para a obscuridade e vergonha às quais pertence

João Lento levantou-se da cama.

— Você a ouviu. Saia ou o eu o jogarei lá fora.

Não foram as palavras que transtornaram Schreuder, deixando-o como um louco, e sim o fato de que o pênis de João Lento ainda estava completamente intumescido. Seu temperamento, que até aquele momento ele fora capaz de manter sob restrição, entrou a ferver e assumiu o controle. A humilhação, insultos e rejeição que haviam desabado sobre ele durante aquele dia, somava-se a fúria negra de seu ciúme.

João Lento inclinou-se para a pilha de roupas descartadas, que jaziam sobre os ladrilhos ao lado da cama, e endireitou-se de novo com uma faca de podar na mão direita.

— Eu o advirto — disse, naquela voz profunda e melodiosa —, saia agora, de uma vez.

Com um movimento fluido, a espada de Netuno saltou de sua bainha como se fosse uma coisa viva. João Lento não era um guerreiro. Suas vítimas lhe eram sempre entregues presas e algemadas. Nunca se confrontara antes com um homem como Schreuder. Saltou para a frente, a faca mantida baixa à frente, porém Schreuder lançou a espada pela face interna do pulso de João Lento, seccionando-lhe os nervos de forma que os dedos do homem se abriram involuntariamente e a faca caiu nos ladrilhos.

Então investiu contra o coração. João Lento não teve nem tempo nem chance de se desviar do golpe. A ponta pegou-o no centro do peito largo e sem pêlos, e a lâmina enterrou-se direto até o punho enfeitado de safira. Os dois homens se postaram de pé, frente a frente, travados juntos pela arma. Gradualmente, o sexo de João Lento murchou e se pendurou, branco e flácido. Seus olhos esgazearam em volta e se tornaram opacos e sem vida, como pedregulhos amarelos. Conforme ele caía de joelhos, Katinka começou a gritar.

Schreuder arrancou a lâmina do peito do carrasco. Sua superfície polida estava ofuscada pelo sangue. Katinka berrou de novo quando um filete de sangue brilhante espirrou da ferida no peito de João Lento enquanto ele tombava de cabeça nos ladrilhos.

— Não grite — esbravejou Schreuder, com a fúria negra ainda a devorá-lo, e avançou para ela com a espada na mão. — Você me fez de bobo com essa criatura. Você sabia que eu a amava. Vim para buscá-la. Queria que partisse comigo.

Ela recuou diante dele, os punhos cerrados nas faces, e soltou um grito alto e cantante de histeria.

— Não grite — exclamou ele. — Fique quieta. Não posso suportar quando faz isso. — O som terrível ecoava em sua cabeça e a fazia doer, porém ela se encolheu para mais longe, os gritos mais altos agora, em berros pavorosos, e ele tinha de fazê-la parar. — Não faça isso!

Tentou segurá-la pelo pulso, porém ela foi mais rápida. Livrou-se do aperto. Seus berros aumentaram de volume, e a raiva de Schreuder rompeu seus limites como se fosse algum animal negro terrível sobre o qual não tivesse nenhum controle. A espada em sua mão voou sem que seu cérebro ou sua mão comandasse, e ele espetou-lhe o ventre branco e acetinado, logo acima do ninho dourado do mons veneris.

Os berros de Katinka transformaram-se num guincho mais alto e agonizante, e ela agarrou-se à lâmina conforme ele a puxava da carne. Cortou-lhe as palmas até o osso, e ele investiu de novo, para aquietá-la, duas vezes mais na barriga.

— Quieta! — rugiu, e ela se voltou e tentou correr para as portas do quarto de vestir, porém ele a

acertou nas costas, logo acima dos rins, puxou a lâmina e atingiu-a entre os ombros.

Katinka caiu e rolou de costas; e Schreuder se inclinou sobre ela e a trespassou e furou e cravou-lhe a lâmina. A cada vez, a espada passava através do corpo e batia nos ladrilhos sobre os quais ela se contorcia.

— Fique quieta! — berrava ele, e continuou com as estocadas até que os gritos e soluços de Katinka findaram. Mesmo então, ele continuou a perfurá-la, de pé na poça de sangue que se espalhava, seu uniforme ensopado de gotas escarlates, sua face e braços de tal modo borrifados e manchados, que ele parecia uma vítima da praga com as escaras de sua doença.

Então, lentamente, a ira negra drenou-se de seu cérebro, e ele cambaleou para trás, contra a parede, deixando borrões do sangue da amante pela caiação.

— Katinka! — murmurou. — Eu não pretendia feri-la. Eu a amo tanto!

Ela jazia na larga e funda poça de seu próprio sangue. Os ferimentos eram como um coro de bocas vermelhas na pele branca. O sangue ainda fluía de cada um deles. Ele jamais poderia sonhar que houvesse tanto sangue naquele corpo esguio e branco. A cabeça de Katinka repousava numa lagoa escarlate, e seus cabelos estavam ensopados de vermelho a face embaciada por uma camada grossa de sangue. As feições se mostravam torcidas num ricto de terror e agonia, não mais uma visão prazerosa.

— Katinka, minha querida. Por favor, perdoe-me.

Schreuder cambaleou pelo chão na direção dela, pisando no rio de sangue que se espalhava sobre os ladrilhos. Então, parou com a espada na mão quando, no espelho do quarto, vislumbrou uma selvagem aparição manchada de sangue que olhava de volta para ele.

— Oh, doce Maria, o que foi que eu fiz? — Desviou os olhos da criatura no espelho e ajoelhou-se ao lado do corpo da mulher que amava. Tentou erguê-la, porém ela estava flácida e parecia sem ossos. Escorregou de seu abraço e afundou na poça do próprio sangue.

Ele se levantou novamente e se afastou.

— Não queria que você morresse. Você me deixou louco. Eu a amava, porém você foi infiel.

De novo, viu seu próprio reflexo no espelho.

— Oh, meu Deus, o sangue. E tanto! — Limpou, com as mãos ensopadas, a confusão escarlate que lhe recobria a jaqueta e depois a face, espalhando o sangue numa máscara rubra de carnaval.

Pela primeira vez, pensou em fugir no bote que esperava por ele na praia e na fragata que jazia em âncora na baía.

— Não posso sair pela colônia desse jeito! Não posso subir a bordo assim!

Cambaleou pelo quarto para a porta do quarto de vestir do governador. Arrancou a jaqueta encharcada e jogou-a para longe. Uma jarra d'água estava numa bacia no gabinete, e ele enfiou nela as mãos ensanguentadas e esfregou-as sobre a face. Pegou a toalha do gancho e encharcou-a na água rosada, e depois esfregou os braços e a frente das calças.

— Tanto sangue! — continuou repetindo, conforme esfregava e depois enxaguava o pano e esfregava novamente.

Achou uma pilha de camisas brancas limpas em uma das prateleiras e enfiou uma sobre o peito molhado. Van de Velde era um homem grande, e a peça lhe serviu muito bem. Schreuder olhou para baixo e viu que as manchas de sangue não eram tão evidentes na sarja escura de suas calças. A peruca estava manchada, e assim ele a arrancou e a jogou contra a parede oposta. Escolheu outra da fila colocada em blocos ao longo da parede do fundo. Achou um manto de lã que o cobria dos ombros canelas. Passou um minuto limpando a lâmina e a safira da espada de Netuno e depois a enfiou de volta na bainha. Quando olhou outra vez no espelho, viu que sua aparência não mais iria chocar ou alarmar. Então, um pensamento acudiu-lhe. Pegou a jaqueta ensopada e arrancou as estrelas e as condecorações das lapelas. Enrolou-as

num lenço de pescoço que encontrou numa das prateleiras e enfiou o embrulho do bolso interno do manto de lã.

Parou no limiar do quarto de vestir do governador e olhou pela última vez para o corpo da mulher que amava. Seu sangue ainda continuava escorrendo pelos ladrilhos como uma víbora gorda e preguiçosa. Enquanto olhava, a trilha chegou à beirada da poça menor em que João Lento jazia. O sangue dos dois correu junto, e Schreuder sentiu uma profunda sensação de sacrilégio de que o puro pudesse se misturar assim com o abjeto.

— Não queria que isso acontecesse — disse, desesperadamente. — Sinto tanto, minha querida! Eu queria que viesse comigo. — Passou com cuidado por sobre o rio de sangue, foi até a janela por onde entrara e saiu para a varanda. Puxou o manto em torno dos ombros e seguiu pelos jardins até a pequena porta no estábulo, onde gritou para o cavaliço, que se apressou em lhe trazer o cavalo.

Schreuder trotou pela avenida e cruzou o campo, a olhar diretamente para a frente. O escaler ainda estava na praia, e quando se aproximou, o barqueiro chamou por ele:

— Estava a ponto de desistir do senhor, coronel. O Golden Bough está encurtando o cabo de âncora e manejando as vergas.

Quando ele subiu para o convés da fragata, o capitão Llewellyn e sua tripulação estavam tão absortos com a tarefa de içar a âncora e colocar o navio sob velas, que lhe prestaram pouca atenção. Um aspirante mostrou-lhe a pequena cabine e depois se apressou em deixá-lo sozinho. Seus baús de viagem haviam sido trazidos para bordo e estavam guardados sob o catre estreito. Schreuder arrancou todas as roupas sujas e encontrou um uniforme limpo em um dos baús. Antes de envergá-lo, colocou as estrelas e as condecorações nas lapelas. Sua roupa manchada de sangue, ele a amarrou num embrulho e então olhou ao redor em busca de alguma coisa para lhe dar peso. Obviamente, as anteparas de madeira delgada seriam arrancadas quando a fragata entrasse em ação, e sua cabine faria parte do convés de artilharia do navio. Uma colubrina enchia a maior parte do espaço disponível. Ao lado da arma, havia uma pirâmide de bolas de canhão de ferro. Ele enfiou uma no embrulho de roupas encharcadas de sangue e esperou até sentir que o navio se chegava ao vento e avançava para a baía.

Então, abriu a escotilha de fogo numa fenda e deixou cair o embrulho através dela para as cinquenta braças de água verde. Quando subiu ao tombadilho, já estavam uma légua ao largo da praia e correndo velozmente com o sudeste para se fazer ao alto-mar antes de rodear o cabo.

Schreuder olhou para a terra e divisou o teto da mansão do governador entre as árvores, na base da grande montanha. Ficou a imaginar se já tinham descoberto o corpo de Katinka, ou se ela ainda jazia unida na morte a seu amante abjeto. Ficou postado ali, na amurada de popa, até que o grande maciço da montanha da Mesa era apenas uma distante silhueta azul contra o céu da noite.

— Adeus, minha querida — murmurou.

Somente quando jazia insone no duro catre, à meia-noite, foi que a enormidade de sua situação começou a revelar-se para ele. Sua culpa era manifesta. Cada navio que deixasse a baía da Mesa carregaria as notícias pelos oceanos e a cada porto no mundo civilizado. Daquele dia em diante, era um fugitivo e um fora-da-lei.

Hal acordou com uma sensação de paz como raramente conhecera antes. Continuou deitado de olhos fechados, preguiçoso e fraco demais para abri-los. Percebeu que estava quente e seco e espalhado sobre um colchão confortável. Esperava que o fedor do calabouço o assaltasse, o mofado odor de umidade, de palha podre, da barrica de latrina, e o cheiro de homens que não se banhavam por doze meses, amontoados juntos num buraco fétido na terra. Em vez disso, sentiu o aroma de fumaça de lenha fresca, perfumada e doce, o cheiro de feixes de cedro se queimando.

De súbito, as lembranças lhe chegaram em fluxo de volta, e, com uma grande elevação de espírito, ele

se recordou da fuga, de que ele não mais era um prisioneiro. Continuou deitado, a saborear a constatação. Havia outros cheiros e sons. Divertiu-o tentar reconhecê-los sem abrir os olhos. Havia o odor do colchão de capim recém-cortado sobre o qual ele jazia e do manto de pele que o cobria, o aroma de carne assando nos carvões e outra fragrância perturbadora que ele não conseguia identificar. Era uma mescla de flores silvestres e um cálido e travesso almíscar que o excitava estranhamente e se somava à sua sensação de bem-estar.

Abriu os olhos, lenta e cautelosamente, e foi ofuscado pela luz forte da montanha através da abertura do abrigo no qual jazia. Olhou ao redor e viu que fora construído na lateral da montanha, pois metade das paredes era de rocha macia, e os lados mais próximos da abertura, construídos de árvores novas, entrelaçadas e rebocadas com argila vermelha. O teto era de palha. Potes de cerâmica e ferramentas cruamente fabricadas e implementos estavam encostados contra a parede interna. Um arco e uma aljava pendiam de uma pequena estaca ao lado da porta. Ao lado deles, sua espada e as pistolas.

Continuou deitado e ouviu o borbulhar de um riacho de montanha e depois a risada de mulher, mais alegre e mais adorável que o murmurejar da água. Ergueu-se lentamente sobre um cotovelo, espantado com o esforço que isso exigia, e tentou olhar através da abertura. O som de uma risada de criança misturou-se ao da mulher. Através de todo o longo cativeiro, ele nunca ouvira nada igual àquilo, e não pôde se impedir de soltar uma risadinha deliciada.

O som do riso feminino cessou e houve um rápido movimento do lado de fora da choupana. Uma figura flexível de moleque apareceu na abertura, recortada pelo sol, de maneira que o que ele via era apenas uma silhueta adorável. Embora não lhe pudesse ver a face, Hal sabia muito bem quem era.

— Bom dia, Gundwane, dormiu por muito tempo, mas dormiu bem? — indagou Sukeena com timidez. Tinha a criança no quadril, e seus cabelos estavam soltos, pendurados num negro véu até a cintura. — Este é meu sobrinho, Bobby. — Sacudiu o bebê no quadril e ele gorgolejou deliciado.

— Por quanto tempo eu dormi? — perguntou Hal, começando a se levantar, porém ela passou o bebê para alguém do lado de fora e veio depressa se ajoelhar ao lado do colchão. Segurou-o com a mão quente sobre o peito nu.

— Devagar, Gundwane. Esteve em sono febril por muitos dias.

— Estou bem de novo, agora — disse ele, e então reconheceu o Perfume misterioso que sentira antes. Era o cheiro de mulher de Sukeena, as flores em seus cabelos e o suave calor de sua pele.

— Ainda não — contradisse-o Sukeena, e Hal deixou que ela lhe deitasse a cabeça de volta no colchão. Ele a fitava, e Sukeena sorria sem constrangimento.

— Jamais vi alguma coisa tão bela como você — murmurou ele, e depois ergueu a mão e tocou o próprio queixo. — Minha barba?

— Foi-se. — Ela riu, sentando-se com as pernas curvadas sob si.

— Furtei uma navalha do governador gordo especialmente para a tarefa.

— Pendeu a cabeça para um lado e estudou-o. — Com a barba fora, você também é bonito, Gundwane.

Corou ligeiramente ao se dar conta da importância de suas palavras, e Hal ficou a ver deleitado o vermelho dourado enrubescer-lhe as faces. Então ela voltou atenção total para a perna ferida, puxou a manta de pele para expô-la e desenrolou as ataduras.

— Ah! — murmurou, ao tocá-la de leve. — Sara maravilhosamente, com uma pequena ajuda de meus remédios. Você foi afortunado. A mordida da mandíbula de um cão é sempre venenosa, e depois o esforço ao qual submeteu a perna durante nossa fuga poderia tê-lo matado ou tê-lo deixado aleijado pelo resto de sua vida.

Hal sorriu diante dos comentários enquanto jazia de costas confortavelmente e se rendia às mãos de

Sukeena.

— Está com fome? — perguntou ela, ao amarrar de novo as bandagens sobre a ferida.

Diante daquela pergunta, Hal se deu conta de que estava esfaimado. Ela lhe trouxe a carcaça de uma perdiz selvagem, grelhada nos carvões, e sentou-se do lado oposto ao dele, observando com um ar proprietário enquanto ele comia e depois sugava os ossos até ficarem limpos.

— Logo estará forte outra vez. — Sorriu. — Come como um leão.

— Reuniu os restos da comida e depois se levantou. — Aboli e seus outros marujos têm implorado a mim por uma oportunidade de vir vê-lo. Eu os chamarei agora.

— Espere! — impediu-a ele. Queria que aquele tempo de intimidade sozinho com ela não terminasse assim tão logo.

Sukeena ajoelhou-se ao lado dele mais uma vez e fitou-lhe a face, na expectativa.

— Não lhe agradei ainda — murmurou ele, de forma pouco convincente. — Sem seus cuidados, eu provavelmente teria morrido de febre. Ela sorriu docemente e disse:

— Eu não lhe agradei também. Sem você, eu ainda seria uma escrava. — Por um instante, fitaram-se sem falar, examinando abertamente a face um do outro em detalhes.

Então, Hal perguntou:

— Onde estamos, Sukeena? — Ele fez um gesto que englobou as redondezas. — Esta choupana?

— É de Sabah. Ele a emprestou a nós dois. Foi viver com os outros de seu bando.

— Então, estamos nas montanhas por fim?

— Fundo nas montanhas — concordou ela. — Num lugar que não tem nome. Num lugar onde os holandeses nunca podem nos encontrar.

— Quero ver — disse ele.

Por um momento, ela pareceu em dúvida, mas em seguida aquiesceu. Ajudou-o a ficar de pé e ofereceu-lhe o ombro para apoiá-lo quando ele saltou num pé só para a abertura do abrigo coberto de sapé.

Hal se abaixou e se recostou contra o poste da entrada, de dura madeira de cedro. Sukeena sentou-se ao lado dele enquanto ele relanceava os olhos ao redor. Por um longo tempo, nenhum dos dois falou. Hal respirava profundamente o ar fresco e alto que cheirava e sabia a flores silvestres que cresciam em grande profusão ao redor.

— É uma visão de paraíso — disse ele, por fim.

Os picos que os rodeavam eram selvagens e esplêndidos. Os penhascos e gargantas eram pintados de líquens que perfaziam todas as cores da paleta de um artista. O sol tardio caía em cheio sobre os topos da montanha pelo vale profundo e os coroava com uma radiância dourada. As longas sombras lançadas pelos picos atrás deles eram de um púrpura real. A água do riacho abaixo era clara como o ar que respiravam, e Hal podia ver os peixes a jazer como sombrias formas na areia amarela, a sacudir seus rabos escuros para manter as cabeças na corrente.

— É estranho, nunca vi este lugar nem qualquer outro como este, e, no entanto, sinto como se o conhecesse bem. Uma sensação de chegar ao lar, como se estivesse esperando para voltar para cá.

— Não é estranho, Henry Courtney. Eu também estava esperando. — Virou a cabeça e fitou-o profundamente dentro dos olhos. — Estava esperando por você. Sabia que viria. As estrelas me disseram. Naquele dia em que o vi pela primeira no campo fora do castelo, eu o reconheci como sendo aquele pelo qual esperava.

Havia tanto a ponderar naquela simples declaração, que Hal ficou em silêncio de novo por um longo tempo, a lhe observar a face. — Meu pai também era um iniciado. Podia ler as estrelas — disse.

— Aboli me contou.

— Então, você também pode adivinhar o futuro através das estrelas, Sukeena.

Ela não negou o fato.

— Minha mãe me ensinou muitas habilidades. Fui capaz de vê-lo de longe.

Ele aceitou o que ela dissera sem questionar.

— Então, deve saber o que está para vir para nós, você e eu? Ela sorriu, e houve uma faiscar misterioso em seu olhar. Envolveu o braço esguio em torno dele.

— Eu não precisaria ser um grande sábio para saber disso, Gundwane. Porém, há muita coisa mais que eu posso dizer que jaz adiante.

— Conte-me, então — pediu ele, porém ela sorriu de novo e meneou a cabeça.

— Haverá tempo mais tarde. Tempo para conversar enquanto sua perna sara e você fica forte de novo. — Sukeena levantou-se. — Agora, porém, chamarei os outros, não posso mais negar isso a eles.

Vieram todos imediatamente, mas Aboli foi o primeiro a chegar. Saudou Hal na linguagem das florestas.

— Vejo que está bem, Gundwane. Pensei que iria dormir para sempre.

— Sem sua ajuda, eu poderia na verdade ter feito isso.

Então Daniel Grande e Ned e os outros se aproximaram, a tocar as testas com os nós dos dedos e resmungando suas saudações. Agacharam-se num semicírculo em frente a ele. Não eram muito dados a expressar as emoções em palavras, porém o que Hal viu em seus olhos quando o fitavam aqueceu-o e fortificou-o.

— Este é Sabah, a quem você já conhece. — Althuda conduziu o amigo para a frente.

— Prazer, Sabah! — Hal apertou-lhe a mão. — Jamais fiquei mais feliz de ver outro homem do que naquela noite na garganta.

— Eu gostaria de ter ido em sua ajuda muito mais cedo — retrucou Sabah em holandês —, porém somos poucos, e o inimigo era tão numeroso quanto riscos na barriga de um antílope na primavera. — Sabah sentou-se na roda de homens e, com um ar de desculpas, começou a explicar. — A sorte não tem sido gentil conosco aqui nas montanhas. Não tínhamos os serviços de um médico tal como Sukeena. Nós, que éramos dezenove, agora somos apenas oito, e dois destes, uma mulher e uma criança. Sabia que não poderíamos ajudá-lo a lutar no aberto, pois na caça por comida tínhamos usado toda a nossa pólvora. Contudo, sabíamos que Althuda iria trazê-lo para cima da Garganta Sombria. Construímos uma maneira de provocar uma avalanche, sabendo que os holandeses o seguiriam.

— Fez uma coisa corajosa e prudente — disse Hal.

Althuda trouxe sua mulher para o círculo, na escuridão que se aproximava. Era uma bela garota, pequena e de pele mais escura que a dele, porém Hal não podia duvidar que Althuda fosse o pai do menino no colo dela.

— Esta é Zwaantie, minha esposa, e este é meu filho, Bobby. Hal estendeu a mão, e Zwaantie entregou-lhe a criança. Ele segurou Bobby no colo, e o pequeno garoto fitou-o com os enormes e solenes olhos negros.

— É um rapaz promissor, e forte — murmurou Hal, e pai e mãe sorriram, orgulhosamente.

Zwaantie pegou o bebê e prendeu-o nas costas. Então, ela e Sukeena prepararam a fogueira e começaram a cozinhar a refeição da noite, de caça e de frutas das florestas da montanha, enquanto os homens conversavam tranquila e seriamente.

Primeiro, Sabah explicou as circunstâncias, dirigindo-se diretamente a Hal, ampliando o breve relato que fizera antes. Hal logo compreendeu que, a despeito da beleza das imediações agora no verão e da aparente abundância de comida que as mulheres estavam preparando, as montanhas não eram sempre tão hospitaleiras. Durante o inverno, a neve era grossa mesmo nos vales, e a caça era pouca. Contudo, não se



atrevia a se mover para altitudes mais baixas, onde seriam vistos pelas tribos hotentotes e seu paradeiro informado aos holandeses em Boa Esperança.

— Os invernos aqui são furiosos — resumiu Sabah. — Se passarmos outro mais aqui, então poucos de nós estarão vivos no próximo ano.

Durante o cativeiro, os marujos de Hal tinham reunido conhecimento bastante do idioma holandês para possibilitar que seguissem o que Sabah dizia, e quando ele terminou de falar, todos estavam silenciosos e fitavam o fogo, taciturnos, a mastigar desconsoladamente a comida que as mulheres haviam trazido.

Então, uma de cada vez, suas cabeças se voltaram para Hal. Daniel Grande falou por eles todos quando perguntou:

— O que vamos fazer agora, Sir Henry?

— São marujos ou montanhese? — Hal respondeu à pergunta com outra pergunta, e alguns dos homens riram.

— Nascemos no paiol do Davey Jones e nos foi dada água salgada como sangue — respondeu Ned Tyler.

— Então, terei de levá-los para o mar e lhes encontrar um navio, certo? — disse Hal. Todos pareceram confusos, mas alguns riram de novo, embora meio desanimados. — Mestre Daniel, quero um manifesto de todas as armas, pólvora e outros equipamentos que pudemos trazer conosco — disse Hal, secamente.

— Não há muita coisa, capitão. Assim que deixamos os cavalos, tínhamos apenas força suficiente para arrastá-los para as montanhas.

— Pólvora? — indagou Hal.

— Apenas a que tínhamos em nossos frascos.

— Quando partiram na frente, tinham duas barricas cheias nos cavalos.

— Aquelas barricas pesavam vinte e cinco quilos cada. — Daniel parecia envergonhado. — Carga demais para carregarmos.

— Já o vi carregar duas vezes esse peso. — Hal estava zangado e desapontado. Sem um estoque de pólvora, estariam à mercê daquele terreno selvagem e dos animais e tribos que o infestavam.

— Daniel carregou meus alforjes de sela pela Garganta Sombria — interveio suavemente Sukeena. — Ninguém mais poderia fazer isso.

— Sinto muito, capitão — resmungou Daniel. Porém Sukeena apoiou-o com vigor.

— Não há uma só coisa em minhas sacolas sem a qual pudéssemos passar. Isso inclui os remédios que salvaram sua perna e salvarão cada um de nós dos ferimentos e pestilências que encontraremos aqui.

— Obrigado, princesa — murmurou Daniel, e fitou-a como um cão afetuoso. Se tivesse um rabo, Hal sabia que o teria abanado.

Hal sorriu e deu um tapinha no ombro de Daniel.

— Não vejo falha no que você fez, Danny Grande. Não há homem vivo que pudesse ter feito melhor.

Todos relaxaram e sorriram. Então, Ned perguntou:

— Falava sério quando nos prometeu um navio, capitão? Sukeena levantou-se de perto da fogueira.

— Basta por esta noite. Ele precisa recobrar as forças antes que o amolem mais. Precisam ir agora. Podem voltar de novo amanhã.

Um de cada vez, aproximou-se de Hal, apertou sua mão e resmungou algo incoerente, depois seguiram pela escuridão, rumo às outras choupanas espalhadas pelo vale. Quando o último se fora, Sukeena lançou outra tora de cedro na fogueira e depois veio e sentou-se perto de Hal-De uma maneira natural e possessiva, Hal passou-lhe o braço pelos ombros. Ela inclinou o corpo esguio contra o dele e

acomodou a cabeça no vão de seu ombro. Suspirou, um som doce e satisfeito, e nenhum dos dois falou por algum tempo.

— Quero ficar aqui a seu lado assim para sempre, porém as estrelas podem não permitir isso — murmurou ela. — A estação de nosso amor pode ser curta como um dia de inverno.

— Não diga isso — ordenou Hal. — Jamais diga isso.

Ambos olharam para as estrelas, que, ali, naquelas paragens de ar rarefeito, pareciam tão brilhantes que iluminavam céus com a luminescência da madrepérola que se alinha no interior de uma concha de abalone tirada recentemente do mar. Hal fitou-as com respeito e admiração e pensou no que Sukeena havia dito. Sentiu uma sensação de impotência e tristeza invadi-lo. Estremeceu.

Imediatamente, ela se sentou ereta e disse, baixinho:

— Você está com frio. Vamos, Gundwane!

Ajudou-o a ficar de pé e conduziu para dentro da choupana, para o colchão contra a parede do fundo. Sentou-se sobre ele e então acendeu o pavio de uma pequena lamparina de cerâmica de óleo e colocou-a numa prateleira na parede de pedra. Foi até a fogueira e pegou o pote de argila com água que estava sobre os carvões. Derramou a água fumegante numa tigela vazia e misturou com água fria do pote ao lado da porta até que a temperatura estava a seu contento.

Seus movimentos eram sem pressa e calmos. Apoiado sobre um cotovelo, Hal a observava. Ela colocou a tigela de água morna no centro do chão e depois derramou umas poucas gotas de um frasco de vidro nele e mexeu novamente com a mão. Cheirou o perfume leve e sutil na onda de vapor.

Levantou-se, foi até a porta e fechou a cortina de pele de animal sobre a abertura, depois voltou e postou-se ao lado do recipiente de água perfumada. Tirou as flores silvestres dos cabelos e jogou-as sobre a manta de pele aos pés de Hal. Sem olhar para ele, soltou as voltas do cabelo e penteou-os até que brilhavam como uma onda de obsidiana. Começou a cantar em sua própria língua enquanto se penteava, uma cantiga de ninar ou uma canção de amor, Hal não tinha certeza. Sua voz era melodiosa; acalmava e deleitava.

Jogou de lado o pente e deixou a camisa escorregar dos ombros. Sua pele luziu sob a luz amarela da lamparina, e seus seios eram petulantes como pequenas pérolas douradas. Quando se voltou de costas para Hal, ele lamentou que estivessem escondidos de sua vista. A canção de Sukeena mudava agora — havia nela um toque de alegria e emoção.

— O que está cantando? — perguntou Hal. Sukeena sorriu para ele por sobre o ombro nu.

— É uma canção de núpcias do povo de minha mãe — respondeu. — A noiva está dizendo que é feliz e que ama seu marido com a força eterna do oceano e a paciência das estrelas cintilantes.

— Nunca ouvi coisa mais agradável — murmurou Hal.

Com lentos movimentos voluptuosos, ela desenrolou o sarongue da cintura e jogou-o de lado. Suas nádegas eram pequenas e firmes, a fenda profunda dividindo-as em perfeitos ovais. Ela se agachou ao lado da tigela para molhar um pano na água perfumada e começou a se lavar. Começou pelos ombros e banhou cada braço até os longos dedos afinilados. Havia sedosos montes de pêlos negros em suas axilas.

Hal percebeu que era um banho ritual o que ela realizava, parte de alguma cerimônia que praticava diante dele. Observou avidamente cada movimento que ela fazia; de vez em quando, Sukeena erguia os olhos e sorria para ele com timidez. Os cabelos macios atrás de suas orelhas foram umedecidos com o pano, e gotas de água reluziam em suas faces e no lábio superior.

Ela se levantou, por fim, e voltou-se lentamente para encará-lo. Certa vez, Hal julgara aquele corpo como de um moleque, porém agora via que era tão feminino que seu coração se encheu de desejo por ela. Sua barriga era lisa mas suave como manteiga, e em sua base estava um triângulo de pêlos negros, macios como um gatinho adormecido.

Ela afastou-se da tigela e secou-se com a camisa de algodão que descartara. Então, foi até a lamparina de óleo, curvou a mão em concha em torno do pavio e inclinou-se como se fosse soprar a chama.

— Não! — exclamou Hal. — Deixe a luz. Quero olhar para você. Por fim, ela se aproximou dele, deslizando pelo chão de pedra nos

pezinhos descalços, trepou na cama ao lado dele, para os seus braços, e comprimiu o corpo contra o dele. Ergueu os lábios para os de Hal. Os dela eram macios e úmidos e cálidos, e a respiração misturava-se à dele, e cheirava às flores silvestres que ela usara nos cabelos.

— Esperei toda a minha vida por você — murmurou ela, contra a boca de Hal.

Ele murmurou de volta.

— Foi muito tempo para esperar, porém estou aqui agora.

De manhã, ela exibiu orgulhosamente os tesouros que trouxera para ele nos alforjes de sela. De alguma forma, tinha procurado tudo que ele pedira nos bilhetes que deixara para Aboli na muralha do castelo.

Ele se apoderou dos mapas.

— Onde conseguiu isso, Sukeena? — indagou, e ela ficou deliciada em ver quanto valor ele dava a eles.

— Tenho muitos amigos na colônia — explicou ela. — Mesmo algumas das prostitutas das tabernas me procuravam para tratar suas enfermidades. O Dr. Saar mata mais seus pacientes do que os salva. Algumas das damas da taberna sobem a bordo dos navios na baía para fazer seus negócios, e voltam com várias coisas, nem todas presentes dos marujos. — Riu alegremente. — Se alguma coisa não está amarrada ao convés do galeão, julgam que pertence a elas. Quando pedi por mapas, estes foram os que me trouxeram. São os que você queria, Gundwane?

— Não, são mais do que jamais haveria esperado, Sukeena. Esta carta é valiosa, e também esta outra.

As cartas náuticas eram obviamente o tesouro de algum navegador, extremamente detalhadas e cobertas com anotações e observações, numa letra bem-feita e educada. Mostravam as costas da África do Sul em maravilhosos pormenores e, por seu próprio conhecimento, Hal podia ver o quanto eram precisas. Para seu espanto, a localização da lagoa do Elefante estava marcada numa delas, e era a primeira vez que via isso mostrado em qualquer mapa que não fosse o de seu pai. A posição era precisa dentro de uns poucos minutos de ângulo e, na margem, havia um croqui de terra e da elevação rumo ao mar das pontas, que ele reconheceu instantaneamente como tendo sido desenhado de observação.

Embora a costa e o litoral imediato fossem acuradamente registrados, o interior, como sempre, fora deixado em branco ou preenchido com conjecturas, lagos apócrifos e serras que nenhum olhar jamais vira. O contorno das montanhas nas quais estavam agora isolados era delineado como se o cartógrafo as

tivesse observado da colônia de Boa Esperança ou ao navegar para dentro da baía Falsa, e tivesse adivinhado sua forma e extensão. De algum lugar e de alguma forma, Sukeena descobrira para ele um almanaque dos marinheiros holandeses que acompanhavam as cartas. Fora publicado em Amsterdã, e relacionava os movimentos dos corpos celestes até o fim da década.

Hal deixou de lado aqueles preciosos documentos e pegou o sextante que Sukeena encontrara. Era um modelo dobrável cujas partes separadas encaixavam-se num pequeno estojo de couro, cujo interior era coberto com veludo azul. O instrumento em si era uma manufatura extraordinariamente fina: o quadrante de bronze decorado com as personificações dos quatro ventos, agulhas e parafusos, tudo esculpido e trabalhado em agradáveis formas artísticas e figuras clássicas. Uma pequena placa de bronze dentro da tampa do estojo trazia gravado "Cellini. Veneza".

A bússola que ela trouxera estava contida num reforçado estojo de couro; o corpo era de bronze, e a agulha magnética tinha as pontas de ouro e marfim, tão belamente equilibradas que giravam infalivelmente para o norte conforme ele girava o estojo lentamente na mão.

— Isto vale vinte libras pelo menos! — Hal maravilhou-se. — A sua magia funcionou.

Tomoulhe a mão e conduziu-a para fora, sem mancar da forma acentuada como no dia anterior. Sentados lado a lado no declive da montanha, Hal mostrou a ela como observar a passagem do meio-dia do sol e marcar a posição em uma das cartas. Ela se deliciou com o prazer que lhe dera e impressionou-o com a imediata compreensão das artes esotéricas da navegação. Então, ele se recordou de que ela era uma astróloga, e que compreendia os céus.

Com aqueles instrumentos nas mãos, ele poderia se movimentar com autoridade através daqueles ermos selvagens, e seu sonho de encontrar um navio começou a parecer menos tolo do que fora apenas um dia antes. Puxou-a contra o peito, beijou-a, e Sukeena aconchegou-se ternamente a ele.

— Esse beijo é melhor recompensa do que as vinte libras de que falou, meu capitão.

— Se um beijo vale vinte libras, então eu tenho alguma outra coisa para você que deve valer quinhentas — disse; deitou-a de costas na grama e fez amor com ela.

Um longo tempo mais tarde, ela sorriu para ele e murmurou.

— Isso valeu todo o ouro deste mundo.

Quando voltaram ao acampamento, descobriram que Daniel tinha reunido todas as armas e Aboli polia as lâminas das espadas e aguçava as bordas com uma pedra finamente granulada que apanhara no leito do riacho.

Hal examinou cuidadosamente a coleção. Havia alfanjes suficientes para armar cada homem, e pistolas também. Contudo, havia apenas cinco mosquetes, todos modelos militares padronizados holandeses, pesados e robustos. A falta era de pólvora, mecha de queima lenta e balas de chumbo. Poderiam sempre usar pedregulhos como mísseis, porém não havia nenhum substituto para a pólvora negra. Tinham menos de dois quilos daquela preciosa substância nos frascos, não o suficiente para vinte descargas.

— Sem pólvora, não podemos mais abater a caça maior — disse Sabah a Hal. — Comemos perdizes e hírces. — Usou o diminutivo do nome holandês para texugo, dasc, para descrever as criaturas peludas e parecidas com lebres que enxameavam as covas e fendas de cada penhasco. Hal pensou que as reconhecia como os coelhos da Bíblia.

A urina das colônias de hírces escorria pela face do rochedo tão copiosamente, que, ao secar, cobria as pedras com uma espessa camada que brilhava ao sol como puxa-puxa, porém com cheiro menos doce. Com cuidado e perícia, aqueles coelhos das rochas podiam ser mortos e presos em número suficiente para prover o pequeno bando com matéria-prima de sobrevivência. Sua carne era suculenta e deliciosa como a de um leitãozinho.

Agora que Sukeena estava com eles, a dieta era mais ampla em virtude de seu conhecimento de raízes e plantas comestíveis. Todo dia, Hal saía com ela para lhe carregar a cesta enquanto ela vasculhava as encostas. Conforme sua perna se fortalecia, eles se aventuravam adiante e ficavam no terreno selvagem um pouco mais a cada dia.

As montanhas pareciam envolvê-los na própria grandeza e providenciar o perfeito cenário para a brilhante jóia de seu amor. Quando a cesta de suprimentos de Sukeena estava cheia a ponto de transbordar, eles encontravam lagoas escondidas nos numerosos riachos, onde se banhavam nus, juntos. Depois disso, deitavam-se lado a lado nas rochas macias e polidas pela água e se secavam ao sol. Com provocativa lentidão, brincavam com os corpos um do outro e por fim faziam amor. Então conversavam e exploravam a mente um do outro com a intimidade com que tinham explorado os corpos, e depois faziam amor novamente. O apetite de um para outro parecia insaciável.

— Oh! Onde aprendeu a agradar uma garota assim? — murmurou Sukeena, sem fôlego. — Quem lhe ensinou todas essas coisas especiais que faz para mim?

Não era uma pergunta que ele se importasse em responder, e Hal disse:

— Simplesmente nos encaixamos perfeitamente. Meus lugares especiais foram feitos para tocar seus lugares especiais. Busco prazer em seu prazer. Meu prazer é aumentado numa centena de vezes pelo seu.

Nas noites, quando todos os fugitivos se reuniam em torno da fogueira de cozinha, Hal era pressionado com questões acerca de seus planos para eles, porém ele evitava as conversas com uma risada fácil e um menear de cabeça. Um plano de ação na verdade já germinava em sua mente, porém não estava ainda pronto para ser revelado, considerados os muitos obstáculos a enfrentar. Ele interrogava Sabah e os cinco escravos foragidos, que com ele tinham sobrevivido ao inverno na montanha.

— Até que distância para leste você viajou pela região, Sabah?

— No meio do inverno, viajamos seis dias naquela direção. Tentamos encontrar comida e um lugar onde o frio não fosse tão intenso.

— Que terra fica a leste?

— São montanhas tais como esta por muitas léguas, e depois, de súbito, caem em planícies de floresta e grama em depressões suaves, com vislumbres do mar à direita. — Sabah pegou um galho e começou a desenhar na poeira ao lado do fogo.

Hal memorizou as descrições, fazendo-lhe perguntas com frequência, incitando-o a recordar cada detalhe do que tinha visto.

— Desceu para aquelas planícies?

— Descemos por um pequeno trecho. Encontramos estranhas criaturas nunca vistas antes pelos olhos de um homem: cinzas e enormes, com longos chifres assentados nos focinhos. Uma delas investiu sobre nós com roncões e assobios terríveis. Embora tivéssemos disparado nossos mosquetes, ela acabou empalando a esposa de Johannes com o chifre do nariz e a matou.

Todos olhavam para o pequeno Johannes de um olho só, do bando de Sabah de escravos fugidos, que chorava pela memória da esposa morta. Era estranho ver lágrimas escorrendo da órbita vazia de seu olho. Todos ficaram em silêncio por algum tempo e então Zwaantie continuou a narrativa:

— Meu pequeno Bobby tinha apenas um mês de idade, e eu não poderia colocá-lo em tamanho perigo. Sem pólvora para os mosquetes, não poderíamos prosseguir. Insisti com Sabah para voltarmos, e retornamos a este lugar.

— Por que faz essas perguntas? Qual é seu plano, capitão? — quis saber Daniel Grande, porém Hal meneou a cabeça.

— Não estou pronto para explicá-lo a vocês, porém não desanimem, rapazes. Prometi encontrar-lhes um navio, não prometi? — disse, mais confiança do que sentia.

De manhã, com a desculpa de pescar, ele conduziu Aboli e Daniel Grande riacho acima, para a próxima lagoa. Quando estavam fora da vista do acampamento, sentaram-se juntos na margem rochosa.

— Está claro que, a menos que possamos nos armar melhor, estamos presos a estas montanhas. Iremos perecer tão lenta e melancolicamente quanto já pareceu a maioria dos homens de Sabah. Precisamos de pólvora para os mosquetes.

— Onde conseguiremos? — perguntou Daniel. — O que propõe?

— Estive pensando na colônia — disselhes Hal.

Ambos os homens o fitaram, incrédulos. Aboli quebrou o silêncio.

— Planeja voltar para Boa Esperança? Mesmo lá, você não seria capaz de botar a mão na pólvora. Oh, talvez possa roubar meio quilo ou dois dos gibões-verdes, ou de um caçador da companhia, porém isso não é o bastante para nos suprir em nossa jornada.

— Planejei entrar no castelo novamente — disse Hal. Os dois homens riram com amargura.

— Não lhe falta iniciativa ou coragem, capitão — disse Daniel Grande —, porém isso é loucura.

Aboli concordou com ele e disse, em sua profunda e pensativa voz:

— Se eu julgasse que haveria mesmo a mínima chance de sucesso, iria sozinho alegremente. Porém, pense, Gundwane, não me refiro simplesmente à impossibilidade de chegar até a armaria do castelo. Digamos até mesmo que fôssemos bem-sucedidos nisso e que o armazém de pólvora que destruímos tenha desde então sido reabastecido pelos carregamentos vindos da Holanda. Digamos que fôssemos capazes de escapar com um pouco do estoque. Como iríamos carregar mesmo uma única barrica de volta pelo terreno, com Schreuder e seus homens nos perseguindo? Desta vez não teríamos os cavalos.

Em seu coração, Hal sabia que aquilo era loucura, porém tinha esperado que mesmo uma tal proposta desesperada e tola pudesse atirá-los a pensar em outro plano.

Por fim, Aboli quebrou o silêncio.

— Falou de um plano de encontrar um navio. Se nos contar esse plano, Gundwane, então talvez possamos ajudá-lo a fazê-lo viável.

Ambos o fitaram, na expectativa.

— Onde supõe que o Gavião esteja neste exato momento? — perguntou Hal.

Aboli e Daniel Grande pareceram espantados.

— Se minhas preces tiverem sido atendidas, ele está assando no inferno — retrucou Daniel, com amargura.

Hal olhou para Aboli.

— O que pensa, Aboli? Onde procuraria por Cumbrae, o Gavião?

— Em algum lugar dos sete mares. Onde quer que fareje ouro ou a promessa de presa fácil, como a ave carniceira que lhe dá o nome.

— Sim! — Hal deu-lhe um tapa no ombro. — Mas onde pode o cheiro de ouro ser mais forte? Por que o Gavião comprou Jiri e outros companheiros negros no leilão?

Aboli encarou com ar perplexo. Então, um lento sorriso espalhou-se por sua larga face escura.

— A lagoa do Elefante! — exclamou. Daniel Grande explodiu uma risada excitada.

— Farejou o tesouro dos galeões holandeses e achou que nossos rapazes negros poderiam conduzi-lo até ele.

— A que distância estamos da lagoa do Elefante? — perguntou Aboli.

— Pelos meus cálculos, trezentas milhas marítimas. A imensidão da distância silenciou-os.

— É um longo caminho — disse Daniel —, sem pólvora para nos defender no trajeto ou com a qual lutar contra o Gavião, se chegarmos lá.

Aboli não respondeu, mas olhou para Hal.

— Quanto tempo nos custará a viagem, Gundwane?

— Se pudéssemos fazer uns bons quinze quilômetros por dia, o que duvido, talvez um pouco mais de um mês.

— O Gavião ainda estará lá quando chegarmos ou terá desistido da busca e partido? — pensou alto Aboli.

— Sim! — resmungou Daniel. — E se ele tiver partido, o que será de nós então? Ficaremos presos lá para sempre.

— Prefere ficar preso aqui, mestre Daniel? Quer morrer de frio e inanição nesta montanha esquecida por Deus, onde o inverno vem rondando outra vez?

Ficaram quietos de novo. Então, Aboli disse:

— Estou pronto para partir agora. Não há nenhuma outra trilha aberta para mim.

— Mas, e a perna de Sir Henry? Já está forte o suficiente?

— Dêem-me outra semana, rapazes, e sairei à francesa na frente de vocês.

— O que faremos se encontrarmos o Gavião ainda alojado na lagoa do Elefante? — Daniel não estava pronto para concordar tão facilmente. — Ele tem uma tripulação de uma centena de rufiões bem armados, e se todos nós sobrevivermos à jornada, seremos uma dúzia, armados apenas com espadas.

— Que bela disparidade! — Hal caiu na risada. — Já o vi enfrentar coisa pior. Com pólvora ou sem pólvora, partiremos para encontrar o Gavião. Está conosco ou não, mestre Daniel?

— Claro, estou com o senhor, capitão. — Daniel Grande estava afrontado. — O que o fez pensar que eu não estava?

Naquela noite, em torno da fogueira de conselho, Hal explicou o plano para os outros. Quando terminou, olhou suas faces sombrias à luz do fogo.

— Não vamos obrigar nenhum homem a vir conosco. Aboli, Daniel e eu estamos determinados a partir, porém se algum entre vocês desejar ficar aqui nas montanhas, deixaremos metade do estoque de armas com vocês, inclusive metade da pólvora restante, e não pensaremos mal de ninguém. Algum de vocês quer se manifestar?

— Sim — disse Sukeena, sem erguer os olhos da comida que estava cozinhando. — Iremos a onde quer que você vá.

— Palavras corajosas, princesa — sorriu Ned Tyler. — E eu vou também.

— Sim! — disseram os outros marujos em uníssono. — Estamos todos com você.

Hal fez um gesto de agradecimento a eles e depois olhou para Althuda.

— Você tem mulher e filho em quem pensar, Althuda. O que diz? Ele podia ver a aflição na face da pequena Zwaantie enquanto ela embalava o bebê que mamava em seu seio. Seus olhos escuros estavam cheios de receios e dúvidas. Althuda levantou-a de pé e levou-a para longe, na escuridão.

Quando tinham se afastado, Sabah falou por todos de seu bando.

— Althuda é nosso líder. Ele nos trouxe para fora do cativeiro, e não podemos deixá-lo e a Zwaantie sozinhos aqui, expondo o bebê ao frio e à fome. Se Althuda for, nós iremos, porém, se ele ficar, devemos ficar com ele.

— Admiro sua decisão e sua lealdade, Sabah — disse Hal.

Esperaram em silêncio, ouvindo Zwaantie chorar de medo e indecisão no escuro. Então, depois de um longo tempo, Althuda conduzia de volta à fogueira, seus braços em torno dos ombros dela, e tomaram lugar no círculo.

— Zwaantie teme, não por si, mas pelo bebê — disse. — Porém sabe que nossa melhor chance estará com você, Sir Hal. Iremos com vocês.

— Eu iria lamentar se sua decisão fosse diferente, Althuda. — Hal sorriu com genuíno prazer. —

Juntos, nossas chances são muito aumentadas. Agora precisamos fazer nossos preparativos e acertar o dia de nossa partida

Sukeena veio do fogo para sentar-se ao lado de Hal, e falou com firmeza:

— Sua perna não estará curada antes de pelo menos outros cinco dias. Não permitirei que saia em marcha antes disso.

— Quando a princesa fala — exclamou Aboli, em sua voz profunda —, só um tolo não escuta.

Durante aqueles últimos dias, Hal e Sukeena vasculharam os arredores em busca de ervas e plantas que ela usaria para remédio e alimento. A última das infecções de Hal cedera ao tratamento, enquanto o subir e descer das colinas íngremes e acidentadas rapidamente fortalecia seu membro ferido.

Um dia antes que a viagem começasse, os dois pararam ao meio-dia para se banhar e descansar e fazer amor na grama macia ao lado do riacho. Aquele era um braço do rio que não tinham visitado nas incursões anteriores, e, enquanto Hal jazia saciado de paixão ao cálido sol, Sukeena levantou-se nua e afastou-se para uma ravina, a uma curta distância, para se aliviar.

Hal viu-a se agachar atrás de uma moita de arbustos baixos, dei-tou-se de costas e fechou os olhos, a cochilar preguiçosamente até a beira do sono. Foi despertado pelo som familiar da aguda estaca de cavar de Sukeena a bater no chão. Uns poucos minutos depois, ela retornou, ainda nua, porém com um farelento monte de terra amarela na mão.

— Cristais de flores! As primeiras que encontro nestas montanhas! — Olhava encantada para a descoberta, e tirou algumas das ervas menos valiosas da cesta para dar lugar aos montes de terra esboroável. Parte destas montanhas deve ter sido algum dia constituída de vulcões, pois os cristais de flores brotam da terra na lava.

Hal ficou a vê-la trabalhar, mais interessado na maneira como seu corpo nu luzia ao sol, qual ouro derretido, e no modo como seus pequenos seios mudavam de forma conforme ela empunhava a estaca vigorosamente, depois nos montes cristalinos de terra amarela que ela recolhera na margem da ravina.

— Para que você usa essa terra? — perguntou, sem se erguer de seu ninho de grama.

— Tem muitos usos. É excelente para dores de cabeça e cólica. Se a misturar com o sumo da cereja da verbena, ela acalma palpitações do coração e alivia a menstruação de uma mulher...

Passou por uma lista de enfermidades que poderia tratar com ela, porém, para Hal, aquilo não parecia ter qualquer virtude especial, e era igual a qualquer outro torrão de terra seca. A cesta estava tão pesada agora, que, no retorno ao acampamento, Hal teve de tirá-la das mãos de Sukeena.

Naquela noite, enquanto o grupo se sentava ao redor do fogo e mantinha o conselho final antes do início da longa jornada para leste, Sukeena moeu os torrões de terra no rústico pilão de pedra que fizera e misturou o pó num pote de água. Aqueceu-o sobre o fogo e depois foi sentar-se ao lado de Hal, enquanto ele explicava a ordem de marcha para o dia seguinte. Estava alocando armas e cargas para os homens. O peso e o volume de cada carga seriam ditados pela idade e força do homem a carregá-la.

De súbito, Hal interrompeu-se e farejou o ar.

— Céus, por todos os apóstolos! — exclamou. — O que há nesse pote, Sukeena?

— Eu lhe disse, Gundwane. São as flores amarelas. — Olhou alarmada quando ele circundou-a por trás, ergueu-a nos braços, jogou-a para o ar e pegou-a quando ela descia, saias a flutuarem a seu redor.

— Não é qualquer tipo de flor, de jeito nenhum! Eu diria que cheira ao próprio inferno a que pertence! — Beijou-a até que ela lhe empurrou a face.

— Está louco? — Ela riu e ofegou.

— Louco de amor por você! — disse, e voltou-se para encarar os homens que observavam aquela cena com ar divertido. — Rapazes, a princesa criou o milagre que nos salvará a todos!

— Você fala por enigmas! — disse Aboli.



— Sim! — gritaram os outros. — Fale claro, capitão.

— Falarei claro o bastante para que mesmo os mais tapados de vocês, ratos do mar, possam compreender minhas palavras. — Hal riu do ar de confusão. — Aquele pote está cheio de enxofre! Enxofre mágico e amarelo!

Foi Ned Tyler quem compreendeu primeiro, pois era o mestre artilheiro. Também saltou de pé, correu para se ajoelhar sobre o pote e inalou os fumos como se fossem a fumaça de um cachimbo de ópio.

— O capitão está certo, rapazes — berrou ele, com alegria. — sulfúrio, enxofre, com certeza.

Sukeena liderou um grupo, encabeçado por Aboli e Daniel Grande, de volta à ravina na qual descobrira o depósito de enxofre, e eles voltaram ao acampamento cambaleando sob as cargas da terra amarela, colocadas em cestas ou costuradas em sacos feitos de pele de animal.

Enquanto Sukeena supervisionava a fervura e lixívia dos cristais de sulfúrio do minério, Johannes zarolho e Zwaantie cuidavam do fogo lento, protegido com terra, no qual os madeiros de cedro eram gradualmente reduzidos a puros pedaços negros de carvão.

Hal e o bando de Sabah escalaram a encosta íngreme da montanha acima do acampamento para chegar aos penhascos em que as multidões de coelhos da rocha tinham suas colônias. Os homens de Sabah grudavam-se ao precipício como moscas à parede enquanto arrancavam os cristais coloridos de âmbar de urina seca. Os pequenos animais defecavam em estrumeiras comunais, e enquanto as bolotas roliças de fezes rolavam para longe, a urina escorria e ensopava a face da rocha. Descobriram que, em alguns lugares, aquela camada tinha vários centímetros de espessura.

Baixaram os sacos de pele daqueles depósitos odoríficos para o pé do penhasco e depois, os carregaram para o acampamento. Trabalhavam em turnos, para manter as fogueiras queimando dia e noite sob os potes de cerâmica, extraindo o enxofre da terra socada e o salitre da excreção dos animais.

Ned Tyler e Hal, os dois artilheiros, rondavam aqueles potes fumegantes como um par de alquimistas, filtrando o líquido e reduzindo-o com o calor. Finalmente, secaram a espessa pasta residual ao sol. Da primeira fervura dos compostos fedorentos restava um estoque de pó seco cristalino que enchia três grandes potes.

Quando esmagado, o carvão era um pó preto macio, enquanto o salitre era de um marrom pálido e fino como o sal marinho. Quando Hal colocou uma pequena picada daquilo na língua, era ainda tão pungente e salgado como o mar. As flores de sulfúrio eram de um amarelo de narciso e quase inodoras.

O bando inteiro de fugitivos reuniu-se em torno para observar quando, por fim, Hal começou a misturar os três ingredientes no pilão de pedra de Sukeena. Ele mediu as proporções e primeiro socou juntos o carvão e o enxofre, pois, sem o ingrediente vital final, eram inertes e inofensivos. Depois, adicionou o salitre e, cautelosamente, combinou-o com o pó cinzento escuro primário até obter um frasco cheio com o que parecia e cheirava como a verdadeira pólvora.

Aboli estendeu um dos mosquetes e ele mediu uma carga, gotejou-a pelo cano, enfiou um pedaço de casca seca fibrosa no topo e carregou a arma com um pedregulho roliço que escolhera na margem arenosa do riacho. Não iria desperdiçar uma bala de chumbo naquele experimento.

Enquanto isso, Daniel Grande colocara um alvo de madeira na margem oposta. Conforme Hal se agachava e fazia a mira, o resto espalhou-se de cada lado dele e tampou os ouvidos com os dedos. Um silêncio de expectativa caiu quando ele firmou a mira e pressionou o gatilho.

Houve uma detonação estrondosa e uma nuvem cegante de fumaça. O alvo de madeira esfacelou-se e caiu da margem para a água. Um viva exultante escapou de todos, e eles davam socos uns nos outros nas costas e dançavam passos delirantes de triunfo ao sol.

— É uma graduação tão fina de pólvora quanto qualquer outra que se possa encontrar nos estoques navais em Greenwich — opinou Ned Tyler —, porém terá de ser aglutinada do jeito certo antes que

possamos ensacá-la e carregá-la para longe.

Para esse fim, Hal pediu que um largo pote de argila fosse colocado atrás de um biombo de grama à beira do acampamento, e todos foram convocados a fazer uso dele em cada ocasião possível. Mesmo as duas mulheres foram para trás do biombo para fazer suas contribuições modestas. Assim que o pote estava cheio, a pólvora foi misturada em pasta com a urina e depois formou briquetes que secaram até ficarem duros ao sol. Aquilo foi embalado em cestas de junco para facilitar o transporte.

— Podemos moer os tijolos quando precisarmos deles — explicou Hal a Sukeena. — Agora, não teremos de carregar um peso de peixe seco e carne, pois poderemos caçar conforme viajarmos. Se há uma tal abundância de caça, como Sabah nos diz que há, não teremos falta de carne fresca.

Dez dias depois do que tinham planejado, o bando estava pronto Para partir para leste. Hal, como navegador, e Sabah, que viajara por aquela rota antes, conduziam a coluna; Althuda e os três mosqueteiros estavam no centro, para guardar as mulheres e o pequeno Bobby, enquanto Aboli e Daniel Grande fechavam a traseira sob seus fardos pesados

Viajaram seguindo o veio e o curso da região, sem tentar escalar o terreno íngreme, mas seguindo os vales e interseções apenas através dos passos entre os altos picos. Hal estimava as distâncias percorridas através do olho e do tempo, e a direção com a bússola do estojo de couro. Essa, ele marcava nas cartas toda noite, antes que a luz desaparecesse.

A noite, acampavam no aberto, pois o tempo era ameno e estavam cansados demais para construir um abrigo. Quando acordavam a cada alvorada, suas mantas de pele, que Sabah chamava de karosses, estavam ensopadas de orvalho.

Conforme Sabah havia avisado, eram seis dias de jornada dura através dos labirintos de vales antes que chegassem à escarpa mais íngreme de leste e olhassem do cume para o terreno mais baixo.

Distante, à direita, puderam divisar a mancha azul do oceano a se mesclar com o azul mais pálido do céu, da cor de um ovo de garça. Porém, abaixo, o terreno não era de verdadeiras planícies como Hal esperava, mas interrompido por outeiros, ondulantes sendas gramadas e trechos de floresta de um verde escuro que pareciam seguir os cursos dos muitos riachinhos que entrecortavam o litoral ao serpentearem para o mar.

A esquerda, outra região de montanhas azuis serrilhadas marchava em paralelo ao mar, formando um baluarte que guardava o misterioso interior do continente. O olhar agudo de Hal divisou manchas escuras nas douradas planícies gramadas, movendo-se como sombras de nuvens quando não havia nuvens no céu. Viu a bruma de poeira que seguia as hordas moventes de caça selvagem, e, de vez em quando, avistava o reflexo do sol em presas de marfim ou num chifre polido.

— Esta terra enxameia de vida — murmurou a Sukeena, que se postava a seu ombro. — Deve haver estranhos animais aqui nos quais homem algum jamais pousou os olhos antes. Talvez mesmo dragões que respiram fogo e unicórnios e grifos.

Sukeena estremeceu e abraçou-se, mesmo que o sol estivesse alto e quente.

— Vi tais criaturas desenhadas nas cartas que trouxe para você concordou.

Havia uma trilha diante deles, batida pelas grandes patas de elefantes e assinalada por pilhas de seu esterco fibroso e amarelo, que se peava para baixo do declive, a percorrer os declives mais favoráveis, contornando as profundas ravinas e gargantas perigosas, e Hal a seguiu.

Conforme desciam, as características da paisagem abaixo se tornaram mais aparentes. Hal pôde mesmo reconhecer algumas das criaturas que se moviam ali. A massa escura de animais bovinos, coroada por uma névoa dourada de poeira e uma nuvem de pássaros carrapateiros a voejar, espargindo branco ao sol, devia ser dos búfalos selvagens de que Aboli falara. Nyati, como os chamara, quando alertara Hal sobre sua ferocidade. Devia haver várias centenas daqueles animais em cada uma das três manadas

separadas que ele tinha sob a vista.

Além da manada mais próxima de búfalos, havia uma pequena reunião de elefantes. Hal recordava-se bem deles das vezes que os avistara antes, tempos atrás, nas praias da lagoa. Porém, nunca os tinha visto em tal número. Havia pelo menos vinte grandes fêmeas cinza com um pequeno rebanho, como de porquinhos, em seus calcanhares. Dispersos pela planície como outeiros de granito cinza, viam-se três ou quatro machos solitários: ele mal podia avaliar o tamanho daqueles patriarcas ou o comprimento e largura de suas presas amarelas e reluzentes de marfim.

Havia outras criaturas, não tão grandes quanto os elefantes machos, porém não menos maciças e cinzas, que a princípio ele tomou por elefantes também, porém conforme desciam rumo ao terreno baixo, foi capaz de perceber que tinham chifres negros, alguns tão compridos como a altura de um homem, que decoravam seus grandes e cinzentos focinhos pregueados. Recordou-se então que Sabah lhe contara daqueles animais selvagens, um dos quais havia espetado e matado a mulher de Johannes com seu chifre mortal. Aqueles rben-osters, que era o nome de Sabah para eles, pareciam solitários por natureza, pois se postavam à parte dos outros da mesma espécie, cada um à sombra de sua própria árvore.

Enquanto caminhava à frente da pequena coluna, Hal ouviu o ligeiro arrastar de pés seguindo atrás de si, passos que viera a conhecer e amar tanto. Sukeena deixara seu lugar ao centro da fila, como sempre fazia quando encontrava alguma desculpa para caminhar com ele por algum tempo.

Enfiou a mão na de Hal e acertou o passo com ele.

— Não quero entrar sozinha nessa nova terra. Quis caminhar a seu lado — disse, baixinho, e depois olhou para o céu. — Vê o jeito como o vento muda de direção para o sul e as nuvens se amontoam nos topos das montanhas como uma matilha de animais selvagens em emboscada? Há uma tempestade chegando.

Seu aviso chegou na hora certa. Hal pôde liderá-los para uma caverna na encosta da montanha para abrigá-los antes que a tempestade desabasse. Ficaram ali por três longos dias e noites enquanto a tormenta fustigava a região, porém, quando emergiram por fim, a terra estava lavada e o céu era de um brilhante e incandescente azul.

Antes que o Golden Bough tivesse se posto ao largo de Boa Esperança e rumasse para seu verdadeiro curso para contornar o cabo, o capitão Christopher Llewellyn já se lamentava por ter levado a bordo seu passageiro pagante.

Descobrira logo que o coronel Cornélius Schreuder era um homem difícil de se lidar, arrogante, sem papas na língua e altamente cheio de opiniões. Mantinha firmes e imutáveis pontos de vista em cada assunto que era levantado, e não tinha acanhamento em dar expressão a suas ideias.

— Ele granjeia inimigos como um cão apanha moscas — disse Llewellyn a seu imediato.

No segundo dia fora da baía da Mesa, Llewellyn convidara Schreuder para jantar com ele e alguns de seus oficiais na cabine de popa. Era um homem culto e mantinha um grande estilo mesmo no mar. Com o dinheiro da recompensa que ganhara na recente guerra com a Holanda, pudera bancar seu gosto por coisas finas.

O Golden Bough custara quase duas mil libras para ser construído e lançado ao mar, porém era provavelmente a mais bela nau de sua classe e capacidade de carga a flutuar. Suas colubrinhas eram recém-fundidas, e as velas, das melhores lonas. Os alojamentos do capitão eram arranjados com um gosto e distinção sem paralelo em qualquer marinha, porém suas qualidades como navio de guerra não tinham sido sacrificadas em prol do luxo.

Durante a viagem pelo Atlântico abaixo, Llewellyn descobrira, para seu deleite, que suas características de navegabilidade eram tudo que ele esperava. Numa larga extensão de água, com suas velas cheias e o vento livre, seu casco deslizava pela água como uma lâmina, e a nau podia apontar tão

alto ao vento, que seu coração cantava quando ela sentia o tombadilho inclinar-se sob seus pés.

A maioria de seus oficiais e suboficiais servira com ele durante a guerra e provara sua qualidade e coragem, porém ele tinha a bordo um oficial mais jovem, o quarto filho de George, visconde de Winterton.

Lorde Winterton era o Mestre Navegador da Ordem, um dos homens mais ricos e poderosos da Inglaterra. Possuía uma frota de navios corsários e mercantes. O honorável Vincent Winterton estava em sua primeira viagem de corsário, colocado pelo pai sob a tutela de Llewellyn. Era um belo jovem, com modos francos e cativantes que o tornavam popular tanto entre os marinheiros como entre seus irmãos oficiais. Era um dos outros convidados para a mesa de jantar de Llewellyn naquela segunda noite fora de Boa Esperança.

O jantar começou alegre e animado, pois todos os ingleses estavam felizes, com um belo navio sob eles e a promessa de glória e ouro adiante. Schreuder, contudo, mostrava-se distante e sombrio. Com o segundo copo de vinho a aquecê-los todos, Llewellyn exclamou:

— Vincent, meu rapaz, pode nos cantar algo?

— Poderia suportar ouvir, de novo, minha miação, senhor?

O jovem sorriu com modéstia, porém o resto da companhia o encorajou:

— Vamos lá, Vinny! Cante para nós, homem!

Vincent Winterton levantou-se e rumou para o pequeno clavicórdio que estava preso com pesados parafusos de bronze a uma das principais armações do navio. Sentou-se, jogou para trás os longos e fartos cachos e arrancou um suave e vibrante acorde do teclado.

— O que querem que eu cante?

— Greensleeves! — sugeriu alguém, mas Vincent fez cara feia.

— Já ouviram uma centena de vezes e mais, desde que partimos de casa.

— Mother Mine! — gritou outro.

Desta vez, Vincent concordou, jogou a cabeça para trás e se pôs a cantar numa voz forte e afinada que acentuou a sentimentalidade da letra e trouxe lágrimas aos olhos de muitos da companhia, conforme marcavam o ritmo da canção com os pés.

Schreuder fora tomado por uma antipatia imediata e sem razão pelo atraente jovem, tão belo e popular entre seus pares, tão seguro de si e sereno em seu alto status social e berço privilegiado. Schreuder, em comparação, sentia-se velho e ultrapassado. Nunca atraía a admiração e afeição natural dos outros sobre si, como aquele rapaz tão obviamente conseguia.

Sentou-se rígido a um canto, ignorado por aqueles homens que, não fazia tanto tempo atrás, haviam sido seus inimigos mortais e que, ele sabia, desprezavam-no como um estrangeiro obtuso e um soldado a pé, não um de sua fraternidade de elite dos oceanos. Sentiu a antipatia transformar-se em ódio ativo para com o jovem, cujas belas feições eram claras e sem linhas e cuja voz tinha o timbre e a cor tonal de um sino de templo.

Quando a canção terminou, houve um momento de silêncio, atento e respeitoso. Então, todos explodiram em palmas e aplausos.

— Oh, muito bem, rapaz! E:

— Bravo, Vinny!

Schreuder sentiu sua irritação se tornar insuportável.

Os aplausos continuaram por tempo demais para o gosto do cantor, e Vincent levantou-se do clavicórdio com um aceno de protesto da mão que lhes pedia para não continuar.

No silêncio que se seguiu, Schreuder murmurou, suave porém distintamente:

— Miação? Não, senhor, isso foi um insulto à espécie felina. Um silêncio chocado caiu sobre a

cabine. O jovem enrubesceu, e sua mão desceu instintivamente para o punho do punhal de lâmina curta que ele usava no cinto de pedrarias, mas Llewellyn exclamou, com voz dura:

— Vincent! — e meneou a cabeça.

Relutante, ele deixou a mão cair da arma e obrigou-se a sorrir e a se inclinar ligeiramente.

— Tem um ouvido apurado, senhor. Louvo seu gosto perceptivo. Reassumiu seu assento e afastou-se de Schreuder para se reunir a seu vizinho numa conversa desprezível. O momento desagradável passou, e os outros convidados relaxaram, sorriram e se juntaram à conversa, que nitidamente excluía o coronel.

O cozinheiro de Llewellyn viera com ele de casa, e o navio fora provisionado em Boa Esperança com carne fresca e vegetais. A refeição era tão boa quanto qualquer outra que pudesse ser servida em cafeterias e cervejarias de Fleet Street, a conversa bastante agradável, e as troças, sagazes e divertidas, entremeadas de trocadilhos espertos, de duplo sentido e gírias da moda. A maioria delas estava acima da compreensão de Schreuder do idioma, e seu ressentimento cresceu como a fermentação de um tufão tropical.

Ofereceu uma contribuição à conversa, uma referência mordaz à vitória holandesa no rio Tamisa e à captura do Royai Charles, o orgulho da marinha inglesa e o homónimo de seu amado soberano. A conversa parou num silêncio gelado mais uma vez, e a companhia encarou com um glacial escrutínio, antes de continuar a conversar como se ele não tivesse se manifestado.

Schreuder consolou-se com o clarete, e quando a garrafa à sua frente estava vazia, pegou na mesa um frasco de conhaque. Sua resistência para bebida era tão forte quanto seu orgulho, porém, naquele dia, parecia apenas torná-lo mais truculento e zangado. Ao fim da refeição, procurava barulho e buscava alguma maneira pela qual aliviar a terrível sensação de rejeição e desesperança que o dominava.

Por fim, Llewellyn levantou-se para propor um brinde de lealdade:

— Saúde e uma vida longa ao Preto!

Todos se ergueram com entusiasmo, inclinando-se sob o teto de tábuas baixas do tombadilho, porém Schreuder continuou sentado. Llewellyn bateu na mesa com os nós dos dedos.

— Por favor, coronel, levante-se. Estamos bebendo à saúde do rei da Inglaterra.

— Não estou mais com sede, obrigado, capitão. — Schreuder cruzou os braços.

Os homens resmungaram, e um disse, alto e bom som:

— Deixe-o comigo, capitão.

— O coronel Schreuder é um convidado a bordo deste navio — disse Llewellyn, com voz sombria —, e nenhum de vocês lhe fará qualquer descortesia, não importa se ele se comporta como um porco e transgride todas as convenções de uma sociedade decente. — Então, voltou-se para Schreuder. — Coronel, estou pedindo pela última vez que se junte ao brinde de lealdade. Ainda, estamos próximos de Boa Esperança. Portanto, se se recusar, darei ordens imediatamente para o navio mudar de rumo e voltar para a baía da Mesa. Lá, devolver-lhe-ei o dinheiro da passagem, e mandarei que o depositem na praia como o conteúdo de um balde de restos de cozinha.

Schreuder ficou sóbrio instantaneamente. Aquela era uma ameaça que não tinha antecipado. Esperara provocar um daqueles estúpidos ingleses para um duelo. Teria então dado a eles uma exibição de esgrima que abriria seus olhos de bacalhau e varreria aquelas caretas de superioridade de suas faces, porém a ideia de ser levado de volta ao cenário de seu crime e entregue nas mãos vingativas do governador van de Velde fez seus lábios se entorpecerem e seus dedos formigarem de pavor. Ele se levantou lentamente com o copo na mão. Llewellyn relaxou ligeiramente todos beberam o brinde e sentaram-se outra vez num burburinho de risadas e conversas.

— Alguém estaria inclinado a uns poucos lances de dado? — sugeriu Vincent Winterton, e houve uma

concordância geral.

— Não, mas se quiser jogar com apostas de xelins de novo — objetou um dos oficiais mais velhos. — Da última vez, perdi quase vinte libras, todo o dinheiro que ganhei quando capturamos o Buurman.

— Apostas de um quarto de penny e um limite de xelins — sugeriu outro, e todos concordaram, vasculhando suas bolsas.

— Sr. Winterton, senhor — interrompeu Schreuder —, eu o favorecerei com qualquer aposta que seu estômago possa suportar e não me furtarei ao lance. — Estava pálido e o suor brilhava em sua testa, porém era o único efeito visível que a bebida exercia sobre ele.

Mais uma vez o silêncio caiu sobre a mesa enquanto Schreuder rebuscava sob a túnica e dela retirava uma bolsa de pele de porco. Dei-xou-a cair com indiferença sobre a mesa, e o saco tilintou com a música inconfundível do ouro. Todos ao redor ficaram rígidos.

— Jogamos por esporte e pela boa camaradagem aqui — resmungou Llewellyn.

Vincent Winterton, porém, disse, alegremente:

— Quanto tem nessa bolsa, coronel?

Schreuder soltou os cordões e, com um floreio, derramou as moedas num pesado monte no centro da mesa, onde faiscaram à luz do lampião. Triunfalmente, olhou para o círculo de faces.

Não vão me tomar tão levemente agora!, pensou, mas disse, em voz alta:

— Vinte mil guinéus holandeses. Mais de duzentas de suas libras inglesas. — Era toda sua fortuna, porém havia um latejar imprudente e autodestrutivo em seu coração. Descobriu-se impelido à insensatez, como se pudesse varrer com ouro a culpa do terrível assassinato.

A companhia ficou pasma, em silêncio, diante do valor. Era uma soma enorme, mais que a maioria daqueles oficiais poderia esperar acumular durante uma vida inteira de esforços perigosos.

Vincent Winterton sorriu placidamente.

— Vejo que na verdade é um esportista, senhor.

— Ah! De fato! — Schreuder sorriu com frieza. — As apostas são muito altas, não são? — Recolheu as moedas de ouro de volta para a bolsa e fez como se fosse se levantar da mesa.

— Espere um pouco, coronel — disse Vincent, e Schreuder afundou-se em seu assento. — Vim despreparado, porém poderia me dispensar uns poucos minutos de seu tempo? — Levantou-se, fez uma mesura e saiu da cabine.

Todos se sentaram em silêncio até que ele voltou e colocou um pequeno baú de teca em frente ao coronel, na mesa.

— Trezentas, era isso? — Começou a contar as moedas do baú. Elas escorreram numa esplêndida profusão pelo centro da mesa.

— Será gentil o bastante para guardar as apostas, capitão? — perguntou Vincent, educadamente. — Isto é, se o coronel concordar?

— Não tenho objeções. — Schreuder concordou empertigado e passou a bolsa para Llewellyn. No íntimo, as primeiras ondas de pesar o assaltavam. Não esperava que qualquer um deles topasse seu desafio. Uma perda de tal magnitude poderia empobrecer a maioria dos homens, como realmente iria deixá-lo na miséria.

Llewellyn recebeu ambas as bolsas e colocou-as diante de si. Então Vincent pegou o copo de couro dos dados e passou-o para Schreuder.

— Normalmente jogamos com estes, senhor — disse Vincent, com tranquilidade. — Importa-se de examiná-los? Se não forem de seu gosto, talvez possamos encontrar outros que lhe agradem mais.

Schreuder jogou os dados para fora do copo e rolou-os sobre a mesa. Então pegou cada cubo de marfim e segurou-o à luz do lampião.

— Não vejo nada de errado — disse, e recolocou-os no copo. — Resta apenas acertar as regras.

Como será o jogo?

— Pelo método inglês, o Hazard — disse Vincent. — Que outro poderia ser mais?

— Qual o limite em cada copo? — quis saber Schreuder. — Uma libra ou cinco?

— Um único copo — disse Vincent. — O lançador será decidido Pelo número mais alto, e depois serão duzentas libras em jogo.

Schreuder ficou espantado com a proposta. Esperava fazer lances menores, o que lhe possibilitaria retirar-se com algum semblante de graça Se o rolar dos dados se voltasse contra ele. Nunca ouvira falar de tal imensa soma apostada num único lançamento.

Um dos amigos de Vincent riu à socapa, deliciado.

— Por Deus, Vinny! Isso irá mostrar a cor do fígado do cabeça-de-queijo.

Schreuder encarou furioso, porém sabia que estava numa armadilha. Por um momento mais, procurou algum escape, porém Vincent murmurou:

— Espero realmente não tê-lo constrangido, coronel. Confundi-o com um esportista. Gostaria de cancelar a coisa toda?

— Eu lhe asseguro — disse Schreuder, com frieza — que, por mim, está tudo bem. Um lance por duzentas libras. Concordo.

Llewellyn colocou um dos dados no copo e passou-o a Schreuder.

— Um dado para escolher o lançador. O número mais alto. Estão de acordo, cavalheiros?

Ambos concordaram. Schreuder rolou o único dado.

— Três! — disse Llewellyn, e recolocou-o no copo de couro. — Sua jogada, Sr. Winterton. — Colocou o copo na frente de Vincent, que o sacudiu e lançou-o no mesmo movimento.

— Cinco! — disse Llewellyn. — O Sr. Winterton é o lançador no jogo de dados inglês por uma bolsa de duzentas libras. — Desta vez, colocou ambos os dados no copo. — O lançador jogará para decidir o número principal. Por favor, Sr. Winterton.

Vincent pegou o copo, sacudiu-o e lançou os dados sobre a mesa. Llewellyn leu:

— O principal é sete.

O espírito de Schreuder acovardou-se. Sete era o número mais fácil de duplicar. Muitas combinações dos dados produziram isso. A disputa se virara contra ele, e essa constatação se refletia na face de maldosa satisfação de cada um dos observadores. Se Vincent conseguisse outro sete ou um onze, ganharia, o que era bem provável. Se os números fossem um e um ou um e dois, ou doze, então perderia. Qualquer outro número iria se tornar o que chamava de sua chance, e ele teria de se manter jogando até que o repetisse ou acontecesse uma das combinações em que perderia.

Schreuder se recostou e cruzou os braços como se fosse se defender de um brutal ataque. Vincent lançou os dados.

— Quatro! — disse Llewellyn. — A chance agora é quatro. Houve um simultâneo tomar de fôlego de cada pessoa na mesa, a

não ser Vincent. Quatro era o número mais difícil para ele se sair bem. A sorte voltara-se a favor de Schreuder. Agora Vincent precisava obter um quatro para vencer; se fosse sete o principal, ele perderia. Apenas duas combinações poderiam dar um total de quatro, enquanto muitas outras perfariam um sete de perda.

— Tem a minha simpatia, senhor. — Schreuder sorriu com crueldade. — Quatro é o próprio número do diabo. Vamos ver como se sai dessa.

— Os anjos favorecem os virtuosos. — Vincent fez um gesto de descaso e sorriu. — Quer aumentar a aposta? Outras cem libras?

Era uma oferta tola, com a disputa a se voltar contra ele, porém Schreuder não tinha outro guinéu para apostar. Meneou a cabeça com secura.

— Não me aproveitaria de um homem que está de joelhos.

— E elegante, coronel — disse Vincent, e lançou os dados novamente.

— Dez! — disse Llewellyn. Era um número neutro.

Vincent pegou os dados e sacudiu-os no copo. Lançou-os outra vez.

— Seis!

Outro número neutro, e embora Schreuder continuasse sentado imóvel como um cadáver, sua cor era de cera, e ele podia sentir as gotas de suor escorrendo por entre os pêlos de seu peito como lesmas viscosas de jardim.

— Esta jogada é por todas as belas moças que deixamos para trás — exclamou Vincent, e os dados estalaram no tampo de nogueira da mesa quando ele os jogou de novo.

Por um longo e terrível momento, nenhum homem se moveu ou falou. Então um berro subiu da garganta de cada inglês, que deve ter assustado o vigia no tombadilho acima e chegado à sentinela no topo do mastro principal.

— Maria e José! Dois pares de tetas! Um quatro tão doce como jamais vi!

— O Sr. Winterton aproveitou sua chance — entoou Llewellyn, e colocou as duas pesadas bolsas em frente a ele. — O Sr. Winterton é o vencedor.

Sua voz, porém, quase se afogara pelo tumulto de risadas e congratulações. Passaram-se vários minutos, enquanto Schreuder se sentava imóvel como um tronco caído, a face cinzenta e suada.

Por fim, Winterton dispensou qualquer gracejo ou congratulações a mais. Levantou-se, inclinou-se sobre a mesa na direção de Schreuder e disse, muito sério:

— Eu o cumprimento, senhor. É um cavalheiro de nervos de aço e um esportista de primeira linha. Ofereço-lhe um aperto de mão de amigo.

— Estendeu a mão direita com a palma aberta.

Schreuder olhou para ela com desdém, ainda sem se mover, e os sorrisos de todos feneceram. Outro silêncio carregado caiu sobre a pequena cabine.

Schreuder então falou, com voz clara e altissonante:

— Eu deveria ter examinado aqueles seus dados mais de perto quando tive a oportunidade. — Colocou uma ênfase pesada no pronome possessivo. — Espero que vá me perdoar, senhor, porém tenho uma regra de jamais apertar mãos de trapaceiros.

Vincent encolheu-se vivamente e encarou Schreuder, incrédulo, enquanto ou outros arquejavam e fungavam.

Custou um longo momento a Vincent recuperar se do choque daquele insulto inesperado, e suas belas feições ficaram pálidas sob a pele bronzeada de sal e sol, ao retrucar:

— Eu ficaria profundamente agradecido se pudesse me dar satisfações por esse comentário, coronel Schreuder.

— Com o maior dos prazeres. — Schreuder ficou de pé, a sorrir triunfante. Fora desafiado e portanto a escolha de armas seria dele. Nada de pistolas. Seria o aço, e aquele peralvilho inglês teria o prazer de receber meio metro da espada de Netuno na barriga. Schreuder voltou-se para Llewellyn. — Dar-me-ia a honra de atuar como meu padrinho nessa questão? — perguntou.

— Não! — Llewellyn sacudiu a cabeça com firmeza. — Não permitirei duelo a bordo de qualquer navio meu. Terá de encontrar outra pessoa para isso, e terá de conter seu temperamento até chegarmos a um porto. Então poderá ir a terra para resolver esse assunto.

Schreuder olhou de volta para Vincent.



— Eu o informarei do nome de meu padrinho na primeira oportunidade — disse. — Prometo satisfação tão logo chegemos a um porto.

— Levantou-se e saiu da cabine. Podia ouvir as vozes às suas costas, altas em comentários e conjecturas, porém os vapores do conhaque ergueram-se para se misturar à sua raiva até que ele receou que as veias que latejavam em suas têmporas pudessem romper-se com a força da pulsação.

No dia seguinte, Schreuder recolheu-se à própria cabine, onde um criado lhe trouxe a refeição enquanto ele jazia no catre como uma fatalidade de batalha, curtindo as terríveis feridas de seu orgulho e a dor insuportável causada pela perda total de sua fortuna. No segundo dia, foi ao tombadilho enquanto o Golden Bough estava num curso de bombordo e acertava o rumo para oeste-noroeste ao longo da linha protuberante da costa meridional da África.

Tão logo sua cabeça apareceu acima do patamar do corredor, o oficial do turno se virou para o lado e ocupou-se com as cavilhas da tábua de bordejo, enquanto o capitão Llewellyn erguia a luneta e estudava as montanhas azuis que assomavam no horizonte ao norte. Schreuder caminhou ao longo da amurada de sotavento do navio enquanto os oficiais ignoravam conscientemente sua presença. O criado que fora o garçom no jantar da cabine do capitão espalhou a notícia do duelo pendente por todo o navio, e a tripulação o encarava com curiosidade e se mantinha fora de seu caminho.

Depois de meia hora, Schreuder parou abruptamente na frente do oficial do turno e, sem preâmbulos, perguntou:

— Sr. Fowler, poderá atuar como meu padrinho?

— Peço desculpas, coronel, o Sr. Winterton é meu amigo. Pode me dar licença, por favor?

Durante os dias que se seguiram, Schreuder abordou cada oficial para que atuasse como seu padrinho, porém a cada vez era recebido com recusas frías. Mergulhado no ostracismo e humilhado, ele rondava pelo tombadilho aberto como um leopardo caçador da noite. Seus pensamentos balançavam como um pêndulo entre o remorso e a agonia com relação à morte de Katinka, e o ressentimento pelo tratamento a ele dirigido pelo capitão e os oficiais do navio. Sua raiva se expandia até que mal podia suportá-la.

Na manhã do quinto dia, enquanto passeava pela amurada de sotavento, um brado de alerta o despertou daquela névoa negra de sofrimento. Quando o capitão Llewellyn seguiu para a amura de barlavento e olhou para sudoeste, Schreuder seguiu-o pelo tombadilho e postou-se a seu ombro.

Por alguns momentos, duvidou da própria visão, à medida que fitava a extensão montanhosa de ameaçadoras nuvens escuras que se espalhavam do horizonte até os céus e avançavam sobre eles com tamanha velocidade, que ele voltou a pensar na avalanche escorrendo pela garganta escura.

— É melhor descer, coronel — avisou-o Llewellyn. — Estamos à beira de uma calamidade.

Schreuder ignorou o aviso e ficou de pé na amurada, cheio de respeito e admiração enquanto observava as nuvens rolarem sobre eles. A seu redor, por toda parte, o navio estava em tumulto, a tripulação a correr para colher as velas e girar a proa de modo que o Golden Bough pudesse enfrentar a tempestade que se avizinhava. O vento chegou tão rapidamente que pegou a nau com as velas do joanete e da bujarrona ainda içadas e aladas pelas escotas.

A tormenta desabou sobre o Golden Bough, uivando com fúria, e girou-o de modo que a amurada de sotavento desceu e a água verde entrou a bordo para varrer o tombadilho. Schreuder foi arrastado pelo fluxo e poderia ser lançado pelo costado se não se agarrasse firmemente às enxárcias.

A bujarrona e os joanetes do Golden Bough estouraram como se fossem pergaminho molhado, e por um longo minuto a embarcação chafurdou sob as vagas conforme o vendaval a empurrava para baixo. O mar se derramava pelas escotilhas abertas, e lá de baixo vieram um estouro e um estampido, como se as anteparas se rachassem e a carga se deslocasse. Homens gritaram ao serem esmagados por uma colubrina

que rompera suas cordas de fixação e corria às cegas pelo convés de artilharia. Outros marinheiros gritavam como almas perdidas caindo no abismo conforme eram carregados dos lados pelas velozes águas verdes. O ar tornou-se branco com os borrifos, tanto que Schreuder sentiu-se afogar, mesmo que sua face estivesse fora d'água, e a névoa branca o cegou.

Lentamente, o Golden Bough endireitou-se quando sua quilha bem sopesada nivelou-a para cima, porém a mastreação e os cordames estavam em farrapos, batendo e chicoteando ao vento. Algumas das vergas estavam quebradas e se chocavam com ruído, martelando e arruinando os mastros. Adernando pesadamente com a água do mar que o invadira, o Golden Bough era arrastado fora de controle ante o vento.

Arquejando e engasgado, meio afogado e encharcado até os ossos, Schreuder arrastou-se pelo tombadilho até o abrigo do corredor. Dali, ficou a observar, com terror e fascinação, enquanto o mundo a seu redor se dissolvia em jatos prateados e enlouquecidas ondas verdes estriadas com longas franjas de espuma.

Por dois dias, o vento não cessou seu assalto sobre eles, e os mares cresceram mais altos e mais selvagens a cada hora, até que as vagas pareciam torres a avançar sobre o mastro principal conforme desabavam sobre o navio. Meio submerso, o Golden Bough se erguia com lentidão, e as ondas estouravam em espuma e escorriam verdes pelos tombadilhos, pois timoneiros, trancafiados à cana de leme, batalhavam para mantê-lo apontando para o vento, mas cada onda que vinha a bordo estourava sobre suas cabeças. Pelo segundo dia, todos estavam exaustos e perto dos limites de sua resistência. Não havia nenhuma chance de dormir, e apenas biscoitos duros para comer.

Llewellyn se amarrara ao mastro principal e de lá dirigia os esforços de seus oficiais e homens para manter o navio vivo. Nenhum homem era capaz de se manter em pé sem apoio no tombadilho aberto, de modo que Llewellyn não poderia ordenar-lhes que manejassem as bombas principais, porém, no convés de artilharia, equipes de marujos trabalhavam num frenesi nas bombas auxiliares para tentar tirar os dois metros de água dos porões da nau. Por mais rápido que bombeassem, o mar escorria de volta pelas portinholas de canhão arreventadas e cobertas de escotilha rachadas.

A terra assomava sempre mais próxima a bombordo, conforme a tempestade os empurrava para a frente sob os mastros nus, e embora o timoneiro retesasse músculo e coração para livrá-lo, o Golden Bough rumava em direção à terra firme. Naquela noite, ouviram as ondas a quebrar e estourar lá fora como uma barragem de canhão, na escuridão, a cada hora mais tumultuosas, conforme eram impelidos para as rochas.

Quando a alvorada irrompeu, no terceiro dia, puderam ver, através da névoa e da espuma, o sombrio e ameaçador contorno da terra, os penhascos e as protuberantes pontas avançadas apenas a uma légua de distância através das montanhas onduladas de águas cinzentas e furiosas.

Schreuder arrastou-se pelo tombadilho, agarrando-se ao mastro, à enxárcia e ao brandal conforme cada onda vinha a bordo. A água do mar escorria de seus cabelos para a face, enchendo-lhe a boca e narinas, quando ele ofegou para Llewellyn.

— Conheço essa costa. Reconheço aquela ponta de terra se aproximando adiante de nós.

— Precisaremos das bênçãos de Deus para aguentar firme neste curso berrou Llewellyn. — O vento nos tem em seus dentes.

— Então reze ao Todopoderoso com todo o seu coração, capitão, pois nossa salvação está cinco léguas além — gritou Schreuder, pestanejando para tirar o sal dos olhos.

— Como pode ter certeza disso?

— Estive em terra aqui e marchei pela região. Conheço cada ruga da terra. Há uma baía além daquele cabo, a que demos o nome de baía do Búfalo. Uma vez que estiver dentro dela, o navio ficaria abrigado

da plena força do vento, e do lado oposto se ergue um par de cabeças rochosas que guardam a entrada de uma larga e calma lagoa. Dentro dela, ficaremos a salvo mesmo de uma tal tempestade como essa.

— Não há nenhuma lagoa marcada em minhas cartas. — A expressão de Llewellyn se dividia entre a esperança e a dúvida.

— Pelo doce Jesus, capitão, precisa crer em mim! — esbravejou Schreuder. No mar, estava fora de seu elemento natural, e, por essa vez, tinha medo.

— Primeiro, precisamos superar aquelas rochas, depois, poderemos comprovar a qualidade de sua memória.

Schreuder caiu em silêncio e agarrou-se desesperadamente ao mastro ao lado de Llewellyn. Olhou à frente com horror quando viu o mar abrir seus lábios rosentos de espuma branca e os dentes nus de rochas negras. O Golden Bough rumava inexoravelmente para aquela mandíbula.

Um dos timoneiros esgoelou:

— Oh, Santa Mãe de Deus, salve nossas almas mortais! Vamos bater!

— Gire seu leme com força! — berrou Llewellyn para ele.

Ali perto, ao lado, o mar se abria perversamente e os recifes irrompiam para fora d'água como uma baleia a respirar. Garras de pedra pareciam se estender em direção às frágeis pranchas do pequeno navio, e estavam tão perto que Schreuder podia ver as massas de crustáceos e sargaços que revestiam as rochas. Outra onda, maior que o resto, ergueu-se e jogou-os para o recife, mas as rochas desapareceram abaixo da superfície borbulhante e o Golden Bough saltou como um caçador numa cerca e atirou-se por sobre elas.

Sua quilha tocou as pedras e a nau sacudiu com tanta força, que o aperto de Schreuder no mastro se soltou e ele foi empurrado para o tombadilho, mas o navio balançou e se livrou, impulsionado para a frente, carregado na crista daquela poderosa vaga, e deslizou para longe do recife para águas mais profundas adiante. Investiu em frente, a cabeça da ponta de terra afastando-se atrás e a baía se abrindo pela proa. Schreuder arrastou-se para ficar de pé e sentiu de imediato que o pavoroso poderio do vendaval fora quebrado pelo abrigo da terra. Embora ainda se atirasse com selvageria para a frente, o navio começava a voltar a ficar sob controle, e Schreuder podia senti-lo responder à insistência de seu leme de direção.

— Lá! — gritou ao ouvido de Llewellyn. — Lá! Bem adiante!

— Céus! Você tinha razão. — Através da espuma e das águas encrespadas, Llewellyn divisou o contorno das pontas gêmeas sobre a proa do navio. Virou-se para os timoneiros. — Deixe a nau cair um ponto!

Pela expressão terrificada, eles mostraram como detestavam obedecer, mas deixaram a embarcação cair pelo vento e apontar em direção ao próximo píer de rochas negras e de ondas.

— Mantenham nesse curso! — ordenou-lhe Llewellyn, e o Golden Bough avançou ao longo das pontas pela baía.

— Sr. Winterton! — berrou ele para Vincent, que se agachara debaixo da braçola de escotilha ali perto, com meia dúzia de marinheiros abrigados atrás dele. — Precisamos rizar as velas da verga do joanete principal para dar direção ao navio. Pode fazer isso?

Fez da ordem um pedido, pois era uma condenação de morte enviar um homem ao topo do mastro principal com aquela ventania. Um oficial devia liderar o caminho, e Vincent era o mais forte e corajoso entre eles.

— Vamos lá, rapazes! — gritou Vincent a seus homens sem hesitação. — Um guinéu de ouro para cada homem que possa me vencer até a verga do joanete principal. — Saltou de pé e correu pelo convés até as enxárcias do mastro principal e começou a subir, mão após mão, com seus homens a persegui-lo.

O Golden Bough investiu pela baía do Búfalo como um cavalo disparado. De súbito, Schreuder berrou novamente:

— Olhem lá! — E apontou para onde a entrada para a lagoa começava a se abrir às suas vistas entre as pontas que se avolumavam de cada lado.

Llewellyn jogou a cabeça para trás e ergueu os olhos para o mastro principal, para as minúsculas figuras que se espalhavam ao longo da verga alta e lutavam com as lonas enrizadas. Reconheceu Vincent facilmente por sua esguia forma atlética e os cabelos negros que esvoaçavam ao vento.

— Tudo bem-feito com coragem até agora — murmurou Llewellyn —, mas, depressa, rapaz. Dê-me um pequeno pedaço de lona para obedecer à ação do leme.

Conforme ele dizia isso, a vela auxiliar voou e enfunou-se com um estouro, como um tiro de mosquete. Por um pavoroso momento, Llewellyn Pensou que a lona pudesse ser rasgada em trapos pelo vento, porém ela se inchou e se aguentou, e, imediatamente, ele sentiu o movimento do navio mudar.

— Pela doce mãe Maria! Podemos conseguir ainda! — crocitou, pela garganta arranhada e rouca de sal. — Força! — berrou para o leme, e o Golden Bough respondeu diligente e pôs a proa pelo vento.

Como uma flecha solta de um arco, a nau avançou direto para a ponta de terra a oeste como se investisse para terra, porém seu casco deslizou pela água e o ângulo de sua proa se alterou. A passagem abriu-se toda adiante, e, conforme passava para o abrigo de sotavento da terra, a embarcação se estabilizou, disparou por entre as pontas, pegou a maré que estava em pleno fluxo e arremessou-se pelo canal para dentro da tranquila lagoa onde estava protegida da força da tempestade.

Llewellyn olhou para a praia coberta de verdes florestas com admiração e alívio. Então, espantou-se e apontou adiante.

— Já há outro navio ancorado ali!

Ao lado dele, Schreuder protegeu os olhos dos rascantes golpes de vento que redemoinhavam pelos penhascos.

— Conheço aquela nau! — gritou. — Conheço-a muito bem. É o navio de lorde Cumbrae. É o Gull of Morayllandi — murmurou Aboli, baixinho, e Hal reconheceu o nome holandês para alce, porém aquelas criaturas eram diferentes de quaisquer dos grandes cervos vermelhos do norte que vira algum dia. Eram enormes, maiores mesmo que o gado que seu tio Thomas criava nos domínios de High Weald.

Os três, Hal, Althuda e Aboli, jaziam de barriga para baixo num pequeno buraco cheio de capim grosso. A manada se espalhava entre o bosque aberto de árvores de espinhos miúdos adiante. Hal contou cinquenta e dois machos, fêmeas e filhotes ao todo. Os machos eram pesados e gordos, de maneira que, quando caminhavam, suas papadas balançavam de lado a lado e a carne de suas barrigas e quartos estremecia como a de uma água-viva. A cada passo, subia um estranho som estaladiço, como de galhos se quebrando.

— São seus joelhos que fazem esse ruído — explicou Aboli ao ouvido de Hal. — Nkulu Kulu, o grande deus de todas as coisas, puniu-os quando se vangloriaram de ser os maiores de todos os antílopes. Deulhes essa aflição para que o caçador os pudesse sempre ouvir de longe.

Hal sorriu diante da crença curiosa, porém então Aboli lhe disse algo mais que dissipou aquele sorriso.

— Conheço essas criaturas, são altamente valorizadas pelos caçadores de minha tribo, pois um macho tal como aquele, à frente da horda, carrega uma massa de gordura branca em torno de seu coração que dois homens não podem carregar.

Por meses, agora, nenhum deles tinha provado gordura, pois toda a caça que tinham conseguido matar era desprovida dela. Todos ansiavam por isso, e Sukeena avisara Hal que, por falta de gordura, logo estariam doentes e cairiam presos de enfermidades.

Hal estudou o macho do rebanho quando o animal se pôs a pastar sob uma das árvores espinhentas, fisingando os galhos mais altos com seus enormes chifres espiralados. Diferentemente das fêmeas, que eram de um marrom suave e aveludado, estriado de branco pelos ombros, o macho se tornara cinza azulado com a idade e havia um tufo de pêlos mais escuros em sua testa, entre as bases de seus grandes cornos.

— Deixe o macho — disse Aboli a Hal. — Sua carne é ordinária e dura. Vê aquela fêmea atrás dele? É doce e tenra como uma virgem, e sua gordura como mel em sua boca.

Contra o conselho de Aboli, que ele sabia ser sempre o melhor disponível, Hal sentiu o ímpeto de caçador atraí-lo para o grande macho.

— Se formos cruzar o rio com segurança, então precisaremos de tanta carne quanto pudermos carregar. Cada um de nós atirará em seu próprio animal — resolveu. — Ficarei com o macho, você e Althuda peguem animais mais jovens. — Começou a rastejar para a frente sobre a barriga, e os outros dois o seguiram.

Naqueles últimos dias, desde que haviam descido as escarpas, tinham descoberto que a caça naquelas pradarias nutria pouco medo do homem. Parecia que a temida silhueta bípede em pé não representava nenhum especial terror para eles, e eles permitiam que os caçadores se aproximassem no raio de um tiro certo de mosquete antes de se afastarem.

Assim devia ter sido no Eden antes da Queda, pensou Hal, ao se aproximar do macho da manada. A brisa suave o favorecia, e os anéis de fumaça azulada de sua mecha de queima lenta esvoaçavam para longe do rebanho.

Ele estava tão perto agora que podia divisar os cílios que emolduravam os enormes olhos líquidos e escuros do macho, e as pernas vermelhas e douradas dos carrapatos que se grudavam em bandos à pele acima entre as patas dianteiras. O macho comia, arrancando delicadamente as jovens folhas verdes dos galhos entre os espinhos com sua língua azul.

De cada lado dele, duas de suas fêmeas se alimentavam da mesma árvore espinhosa. Uma tinha um filhote nos calcanhares, enquanto a outra estava com o ventre inchado e prenhe. Hal voltou a cabeça lentamente e olhou para os homens que jaziam a seu lado. Indicou-lhes as fêmeas com um lento movimento dos olhos, e Aboli aquiesceu e ergueu o mosquete.

Mais uma vez, Hal concentrou toda a sua atenção no grande macho, e traçou a linha da escápula abaixo da pele que recobria o ombro, fixando um ponto em toda aquela larga expansão de pêlo macio de um cinza azulado no qual mirar. Ergueu o mosquete e ajustou o cabo no nó do ombro, sentindo que os homens de cada lado dele faziam o mesmo.

Conforme o macho avançava outro passo para a frente, ele segurou o disparo. O animal parou de novo e ergueu totalmente a cabeça, no grosso pescoço cheio de papadas, alcançando com as costas os maciços chifres torcidos, procurando alcançar os brotos no topo da árvore de espinhos, onde cresciam os mais doces buques de macias folhas verdes.

Hal disparou, e ouviu a detonação dos outros mosquetes, de cada lado, mesclar-se à concussão de sua própria arma. Uma revoluta parede de fumaça branca bloqueou-lhe a visão em frente. Ele deixou o mosquete cair, saltou de pé e correu para o lado para ter uma visão clara em torno do banco de fumaça. Viu que uma das fêmeas estava caída, a chutar e se revirar conforme o sangue vivo saía em jatos da ferida em sua garganta, enquanto a outra cambaleava para trás, a perna frontal a girar solta no osso quebrado. Aboli já corria atrás dela, o alfanje desembainhado na mão direita.

O resto do rebanho se afastava numa massa marrom e comprimida pelo vale, os filhotes a cair atrás de suas mães. O macho, no entanto, deixara o rebanho, sinal seguro de que a bala de chumbo o atingira cruelmente. Fugia para a gentil inclinação do outeiro coberto de relva adiante. Porém, seu passo era curto

e hesitante, e conforme ele mudava de direção, expondo o grande ombro à vista de Hal, o sangue que escorria por seu flanco era vermelho como uma bandeira ao sol e borbulhante com o ar de seus pulmões perfurados.

Hal começou a correr em passadas cada vez mais rápidas pelo mato pisoteado. O ferimento em sua perna era agora apenas uma cicatriz perfeitamente curada, de um azul lustroso, e enrugada. A longa jornada sobre as montanhas e planícies tinha fortalecido aquele membro, de modo que sua passada era firme e flexível. Uma amarra ou mais adiante, o macho se arrastava para longe dele, deixando uma névoa de fina poeira vermelha a flutuar no ar, porém já então sua ferida começava a produzir efeito, e o sangue em jatos pintava uma luzidia trilha na grama prateada para marcar sua passagem.

Hal fechou o espaço até que estava doze passos atrás do gigantesco animal. Ele sentiu a perseguição e se voltou ao largo. Hal esperou uma furiosa investida, um baixar da grande cabeça inchada e um nivelar daqueles chifres em espiral. Avançou, encarando o antílope, e tirou a adaga da bainha, preparado para se defender.

O macho olhou para ele com enormes olhos intrigados, escuros e marejados de lágrimas com a agonia da morte que se aproximava. O sangue pingava de suas narinas, e a macia língua azul pendurava-se do lado de sua boca. Não fez nenhum movimento para atacá-lo ou defender-se, e Hal não viu malícia ou raiva em seu olhar.

— Perdoe-me — murmurou, ao circular a besta, esperando por uma abertura, e sentiu as lentas e tristes ondas do remorso se quebrarem em seu coração ao observar a agonia que infligira àquele animal magnífico. De repente, investiu em frente e avançou com o aço. O golpe do experiente espadachim enterrou a lâmina em todo o seu comprimento na carne do animal, e o macho corcoveou e girou para o lado, arrancando o cabo da adaga da mão de Hal. Porém o aço encontrara-lhe o coração, e, com suas pernas a se dobrarem gentilmente, o cervo fraquejou fracamente nos joelhos. Com um gemido baixo, tombou de lado e morreu.

Hal pegou o cabo da adaga e retirou a longa lâmina manchada; então, escolheu uma rocha perto da carcaça e foi sentar-se ali. Sentia-se tristonho, ainda que estranhamente alvoroçado. Estava intrigado e confuso com aquelas emoções contraditórias, e demorou-se em fitar a beleza e a majestade do animal que havia reduzido àquele triste monte de carne morta na relva.

Uma mão pousou em seu ombro, e Aboli resmungou, baixinho:

— Apenas o verdadeiro caçador conhece essa angústia do ato de matar, Gundwane. Eis por que minha tribo, que é de caçadores, canta e dança para dar graças e aplacar os espíritos da caça que mataram.

— Ensine-me a cantar essa canção e dançar essa dança, Aboli — disse Hal, e Aboli começou a cantar em sua profunda e bela voz. Quando Pegou o ritmo, Hal, juntou-se ao refrão repetitivo, louvando a beleza e a graça da presa e agradecendo-lhe por morrer para que o caçador e sua tribo pudessem viver.

Aboli começou a dançar, arrastando e batendo os pés e cantando num círculo em torno da grande carcaça, e Hal dançou com ele. Seu peito estava engasgado, e seus olhos borrados, quando, por fim, a canção terminou, e os dois se sentaram juntos, sob os raios oblíquos do sol amarelado, para observar a pequena coluna de fugitivos liderada por Sukeena, que vinha na direção deles, de longe, pela planície.

Antes que a escuridão caísse, Hal colocou-os a construir uma paliçada, e inspecionou-a com cuidado para ter certeza de que as fendas na defesa estavam fechadas com ramos de espinheiro. Carregaram os quartos e os ombros da carne do eland e a amontoaram dentro da paliçada, onde os carnicheiros não poderiam alcançá-la. Deixaram apenas retalhos e as vísceras, os cascos cortados e as cabeças, os montes de entranhas e intestinos estufados com a polpa de folhas meio digeridas e grama. Conforme se afastavam, os abutres começaram a circular no ar ou desciam em grandes espirais, e a hiena e o chacal

corriam em frente para devorar e urrar, e disputar aquele festim mortal.

Depois que todos tinham comido até se fartar os suculentos pedaços do alce, Hal escolheu Sukeena e a si próprio para o turno do meio que começava à meia-noite. Embora fosse o mais custoso, pois era a hora em que a vitalidade de um homem estava em sua maré mais baixa, eles adoravam ter a noite para si mesmos.

Enquanto o resto do bando dormia, eles se reuniram à entrada da paliçada sob uma única pele de kaross, com o mosquete postado perto da mão direita de Hal. Depois de terem feito amor suave e silencioso, para não perturbar os outros, ficaram a observar o céu e a falar em murmúrios enquanto as estrelas faziam seu remoto e antigo circuito lá em cima.

— Diga-me a verdade, meu amor, o que você leu naquelas estrelas. O que jaz adiante para mim e você? Quantos filhos você vai me dar? A mão dela, presa na dele, ficou imóvel, e Hal sentiu que o corpo de Sukeena se retesava. Ela não respondeu, e ele teve de perguntar de novo. — Por que nunca me conta o que vê no futuro? Sei que traçou nossos horóscopos, pois muitas vezes, quando pensou que eu estava dormindo, pude vê-la estudando e escrevendo em seu pequeno livro azul.

Ela levou os dedos aos lábios de Hal.

— Fique tranquilo, meu senhor. Há muitas coisas nesta existência que é melhor ficarem escondidas de nós. Por esta noite e amanhã, vamos amar um ao outro com todo o nosso coração e toda a nossa força. Vamos extrair o máximo de cada dia que Deus nos concede.

— Você me preocupa, minha doçura. Não haverá filhos, então? Sukeena ficou em silêncio outra vez, conforme observavam uma estrela cadente deixar sua breve trilha fulgurante pelos céus e por fim sumir diante de seus olhos. Então, ela suspirou e murmurou:

— Sim, eu lhe darei um filho, porém... — Sufocou as outras palavras que lhe subiram à língua.

— Há uma grande tristeza em sua voz. — O tom de voz de Hal era inquieto. — E, no entanto, a ideia de que carregará meu filho me enche de alegria.

— As estrelas podem ser malevolentes — murmurou ela. — Algumas vezes, consomem suas promessas de uma maneira que não esperamos ou apreciamos. De uma coisa pelo menos eu tenho certeza: os fados deram a você uma tarefa de grandes conseqüências. Isso foi feito desde o dia de seu nascimento.

— Meu pai me falou dessa mesma tarefa. — Hal pensou com ressentimento na antiga profecia. — Estou desejoso de encarar meu destino, porém preciso que você me ajude e me sustenha, como já tem feito tantas vezes.

Ela não respondeu ao apelo, porém disse:

— A tarefa que lhe reservaram envolve um juramento e um talismã de mistério e poder.

— Estarão comigo, você e nosso filho? — insistiu ele.

— Se eu puder guiá-lo na direção em que você precisa ir, assim o farei com todo o meu coração e toda a minha força.

— Mas, irá comigo? — implorou ele.

— Irei com você até onde as estrelas o permitam — prometeu ela. — Mais do que isso eu não sei e não posso dizer.

— Mas... — começou ele, porém Sukeena ergueu a boca e lhe cobriu os lábios com os seus para impedi-lo de falar.

— Não mais! Não deve perguntar mais nada — avisou-o. — Agora, junte seu corpo com o meu mais uma vez e deixe o assunto das estrelas aPenas para as estrelas.

Rumo ao fim de seu turno, quando as Sete Irmãs tinham afundado abaixo das colinas e o Touro se postava alto e orgulhoso, eles ficaram um nos braços do outro, ainda conversando baixinho para lutar contra o entorpecimento que os acometia. Tinham se acostumado aos sons da noite ali nos ermos, do

líquido gorjeio dos pássaros noturnos, do ganir agudo do coro modulado dos pequenos chacais vermelhos ao horrendo gargalhar e uivar dos bandos de hienas nos restos de carcaças, porém de súbito, veio um som que os enregelou até as profundezas de suas almas.

Era o som de todos os demônios do inferno, um monstruoso rugir e rosnar que imobilizou toda a criação menor, rolou contra as colinas e voltou para eles numa centena de ecos. Involuntariamente, Sukeena agarrou-se a ele e gritou, alto:

— Oh, Gundwane, que terrível criatura será essa?

Não estava sozinha em seu terror, pois todo o acampamento estava de súbito acordado. Zwaantie gritava, e o bebê ecoava seu pavor. Mesmo os homens saltaram de pé e gritavam para Deus.

Aboli apareceu ao lado deles como uma escura sombra de lua e acalmou Sukeena pousando a mão em seu ombro trêmulo.

— Não é fantasma, porém uma criatura deste mundo — disse a eles. — Dizem que mesmo o mais bravo caçador fica apavorado três vezes pelo leão. A primeira, quando vê seus rastros; a segunda, quando ouve sua voz; e a terceira, quando se confronta com o animal face a face.

Hal saltou de pé e chamou os outros.

— Lancem lenha nova na fogueira. Acendam as mechas de todos os mosquetes. Coloquem as mulheres e a criança no centro da paliçada.

Agacharam-se num círculo apertado atrás das paredes frágeis, e, por um momento, tudo estava quieto, mais quieto do que estivera durante toda aquela noite, pois, agora, mesmo os carneiros tinham sido silenciados pela voz poderosa que falara de dentro da escuridão.

Esperaram, as armas prontas, e fitaram a noite, onde a luz amarelada das chamas não conseguia alcançar. Pareceu a Hal que o fogo bruxuleante pregava peças a seus olhos, pois, vez ou outra, julgara ter visto uma fantasmagórica forma a deslizar silenciosamente pelas sombras. Então Sukeena agarrou-lhe o braço, enterrando as unhas em sua carne, e ele soube que ela vira também.

Abruptamente, aquele vendaval de barulho terrificante desabou sobre eles, eriçando-lhes os cabelos das cabeças. As mulheres gritaram e os homens tremeram e aumentaram o aperto das armas, que agora pareciam tão frágeis e inadequadas em suas mãos.

— Ali! — murmurou Zwaantie, e desta vez não poderia haver dúvida de que o que viam era real.

Era uma forma monstruosa de felino, que parecia tão alta como o ombro de um homem e que passou diante de seus olhares em passos sem ruído. As chamas alumiam sua pele lustrosa de bronze, tornando seus olhos em fulgurantes esmeraldas como aquelas na coroa do próprio Satã. Outro veio e depois outro, passando em rápida e ameaçadora parada diante deles e depois desaparecendo na noite mais uma vez.

— Eles concentram coragem e resolução — disse Aboli. — Farejaram o sangue e a carne crua e estão nos caçando.

— Deveríamos fugir da paliçada então? — perguntou Hal.

— Não! — Aboli meneou a cabeça. — A escuridão é o domínio deles. São capazes de enxergar quando a noite impede nossos olhares. A escuridão os torna ousados. Devemos ficar aqui, onde poderemos ver quando chegarem.

Então, de fora da noite, veio uma criatura como se para apequenar as outras que já tinham visto. Caminhou para eles com um andar gingado majestoso; uma juba de cabelos negros e dourados recobria sua cabeça e ombros, e o fazia parecer tão grande quanto um monte de feno.

— Devo disparar nele? — murmurou Hal para Aboli.

— Um ferimento iria enlouquecê-lo — retrucou Aboli. — A menos que possa matá-lo de uma vez, não atire.

O leão parou na plena luz da fogueira. Colocou as patas dianteiras separadas e abaixou a cabeça. Os



pêlos escuros de sua juba se eriçaram, inchando-o diante do olhar horrorizado de todos, fazendo-o como que dobrar de tamanho. Ele abriu as mandíbulas, e eles viram os dentes de marfim reluzirem, a língua vermelha se curvar entre eles, e ele rugiu novamente.

O som atingiu-os com uma força física, como uma onda arrasadora Pela tempestade. Zuniu-lhe nos ouvidos e lhes embotou os sentidos. O animal estava tão perto que Hal podia sentir o hálito de seus poderosos Pulmões soprar em sua face. Cheirava a carniça e carne putrefata.

— Quietos agora! — pediu Hal a eles. — Não façam nenhum som e não se mexam, para não provocar um ataque.

Mesmo as mulheres e a criança obedeceram. Sufocaram os gritos e sentaram-se rígidos de terror. Pareceu uma eternidade que ficaram assim, o leão a encará-los, até que o pequeno Johannes zarolho não pôde Suportar mais. Soltou um berro, agarrou seu mosquete e disparou enlouquecido.

No instante antes que a fumaça os cegasse, Hal viu que a bala perdera o animal e atingira a terra entre as suas patas dianteiras. Então fumaça os rodeou como uma nuvem, e de suas profundezas veio o urro do leão zangado. Agora, tanto as mulheres gritavam como os homens se chocavam uns contra os outros na ânsia de correr para mais longe na paliçada. Apenas Hal e Aboli mantiveram seus postos, mosquetes nivelados, e miraram para o banco de fumaça. A pequena Sukeena colou-se ao flanco de Hal, e não correu.

Então o leão investiu a plena carga para fora da névoa do disparo Hal apertou o gatilho e seu mosquete negou fogo. A arma de Aboli roncou de forma ensurdecidora, porém o animal era um borrão de movimento tão rápido, na fumaça e na escuridão, que deve ter lhe enganado o olho. O tiro de Aboli devia ter passado ao largo, pois não teve nenhum efeito sobre o leão, que saltou para a paliçada, rugindo horrivelmente. Hal jogou-se no chão com Sukeena, cobrindo-a com o próprio corpo, e o leão passou sobre ele.

Pareceu divisar Johannes no amontoado de gente terrificada. As grandes mandíbulas se fechavam na parte baixa de suas costas, e o animal o ergueu como um gato poderia erguer um rato. Com um salto a mais, arrebentou a parede traseira da paliçada e desapareceu na noite.

Os gritos de Johannes ecoavam na escuridão, mas o leão não o carregou para longe. Logo além da luz da fogueira, começou a devorá-lo enquanto ele ainda estava vivo. Todos ouviram seus ossos estalarem conforme o animal os mordia e depois o lacerar de sua carne quando a mastigou num bocado. Houve mais rugidos e roncamentos assim que as leas correram para partilhar a presa, e, enquanto Johannes ainda gritava e soluçava, os bichos o despedaçaram. Gradualmente seus gritos tornaram-se mais fracos, até que sumiram inteiramente e, da escuridão, subiam apenas os sons medonhos do festim.

As mulheres estavam histéricas, e Bobby chorava e batia o pequeno pulso, em terror, contra o peito de Althuda. Hal acalmou Sukeena, que respondeu depressa à sensação de seu braço a rodeá-la pelo ombro.

— Não corram. Movam-se em silêncio. Sentem-se num círculo. As mulheres no centro. Recarreguem os mosquetes, mas não disparem até eu dar a ordem — organizou-os Hal e depois olhou para Daniel e Aboli. — É nosso estoque de comida que os atrai. Quando tiverem terminado com Johannes, irão atacar a paliçada de novo em busca de mais.

— Tem razão, Gundwane.

— Então, daremos a eles a carne do eland para distraí-los de nós — disse Hal. — Ajudem-me.

pegaram um dos grandes quartos traseiros da carne crua do alce e cambalearam com ele até a beirada da fogueira. Jogaram a peça no chão.

— Não corram — avisou-os Hal de novo —, pois, como o gato que persegue o rato, irão atrás de nós se o fizermos.

Recuaram para a paliçada. Quase imediatamente, uma leoa avançou, apoderou-se do sangrento quarto

traseiro e arrastou-o para a noite. Podiam ouvir a comoção conforme os animais lutavam com ela pela presa, e então os sons de todos a se acomodarem para comer, rosnando e resmungando e bufando um para o outro.

Aquele pedaço de carne crua foi suficiente para manter aquele bando voraz de grandes gatos a se alimentar e brigar por uma hora, porém, quando mais uma vez começaram a rondar até a beira da fogueira e a investir em curtos botes de intimidação para o ajuntamento de humanos terrificados, Hal disse:

— Precisamos alimentá-los outra vez.

Logo se tornou evidente que os leões aceitariam aquelas oferendas de preferência a investir contra o acampamento, pois, quando os três homens arrastaram outro quarto traseiro da paliçada, os animais esperaram que eles se retirassem antes que a leoa surgisse da noite para arrastá-lo para longe.

— Sempre é a fêmea a mais ousada — disse Hal, para distrair os outros.

Aboli concordou com ele.

— E a mais esganada!

— Não é nossa culpa que a vocês, machos, faltem a coragem e o sentimento de se ajudarem — disselhes Sukeena, num tom mordaz, e a maioria riu, mas sem fôlego e convicção.

Por duas vezes mais, durante a noite, Hal os fez carregar pernas do eland para alimentar o bando. Por fim, quando a alvorada começou a definir os topos das árvores de espinhos contra o céu pálido, os leões pareceram ter saciado seu apetite. Ouviu-se o rosnar do macho de juba preta diminuir na distância conforme se afastava. Ele rugiu pela última vez a uma légua de distância, logo quando o sol empurrava sua borda flamejante acima dos cimos serrilhados pela linha de montanhas que corria em paralelo com a rota da jornada.

Hal e Alhuda foram procurar o que restava do pobre Johannes. Estranhamente, os leões tinham deixado suas mãos e a cabeça intocadas, porém haviam devorado o resto dele. Hal fechou-lhe os olhos arregalados, e Sukeena enrolou aqueles patéticos restos num pedaço de pano e rezou sobre a sepultura que cavaram. Hal colocou lascas de rocha sobre a terra recém-escavada para impedir as hienas de remexê-la.

— Não podemos passar mais tempo aqui. — Ergueu Sukeena nos pés. — Precisamos partir imediatamente se quisermos chegar ao rio hoje. Felizmente, ainda há carne suficiente para nosso sustento.

Amarraram as pernas restantes de carne de eland em varas de suporte e, com um homem em cada ponta, caminharam com aquilo sobre as colinas ondulantes e pradarias. Era fim de tarde quando chegaram ao rio e, da ribanceira alta, olharam para baixo, para a larga expansão esverdeada, que já se provava uma imensa barreira à sua marcha.

O Golden Bough baixou sua âncora na cabeça do canal na lagoa do Elefante, e, imediatamente, toda a tripulação começou a bombear água para fora de seus porões e reparar os danos da tempestade no casco e nos cordames. Um vento forte ainda soprava; porém, embora a superfície da lagoa se arrepiasse num frisado de brancas ondulações, o terreno alto das pontas bloqueava sua plena força.

Cornélius Schreuder impacientava-se para ir à terra. Estava desesperado para sair do Golden Bough e livrar-se daquela companhia de ingleses que viera a detestar amargamente. Tinha lorde Cumbrae como amigo e um aliado e estava ansioso para se juntar a ele e pedir-lhe que fosse seu padrinho na questão de honra com Vincent Winterton. Em sua minúscula cabine, arrumou os baús, apressado, e, quando ninguém pôde ser poupado para ajudá-lo, carregou-os ele próprio para o tombadilho. Postou-se com a pilha de seus pertences no convés de embarque, olhando pela lagoa para a base terrestre de Cumbrae.

O Gavião assentara seu acampamento no mesmo local onde se instalara o de Sir Francis Courtney, que Schreuder atacara com seus gibões-verdes. Uma grande atividade tinha lugar entre as árvores. Pareceu a Schreuder que Cumbrae devia estar cavando trincheiras e outras fortificações, e ele ficou

intrigado com isso: não viu nenhum sentido em mover montanhas de terra contra um inimigo que não existia.

Llewellyn não iria deixar seu navio até que tivesse certeza de que os reparos estavam indo bem e que a nau estivesse totalmente protegida e segura. Por fim, colocou seu primeiro intendente, Arnold Fowler, para cuidar do tombadilho e ordenou que um dos escaleres fosse aprontado.

— Capitão Llewellyn — abordou-o Schreuder, quando ele chegou à amura do navio. — Resolvi que, com a concordância de lorde Cumbrae, deixarei seu navio e me transferirei para o Gull of Moray.

Llewellyn concordou.

— Compreendo suas intenções, e, para ser franco, coronel, duvido que haja muitas lágrimas derramadas a bordo do Golden Bough quando o senhor partir. Vou à terra agora para saber onde podemos encher de novo as barricas d'água que foram contaminadas com água do mar durante o vendaval. Levarei o senhor e seus pertences para o acampamento de Cumbrae, e tenho aqui o dinheiro que me pagou por sua passagem. Para me poupar de mais desagradáveis e indigestas discussões, estou devolvendo-o integralmente ao senhor.

Schreuder teria adorado imensamente dar-se o prazer de recusar a oferta com desdém, porém aqueles poucos guinéus eram toda a sua fortuna no mundo e ele pegou a leve bolsa que Llewellyn lhe estendeu. Resmungou, com relutância.

— Nisso, pelo menos, age como um cavalheiro, senhor. Fico-lhe em débito.

Tomaram o escaler, e Llewellyn sentou-se nas pranchas de popa, enquanto Schreuder encontrou um assento na proa e ignorou as faces sorridentes da tripulação e as irônicas continências dos oficiais do navio no tombadilho superior enquanto se afastavam. Estavam apenas na metade do caminho para a praia, quando uma figura familiar, usando um manto e um chapéu adornado com fitas, saiu de entre as árvores, a barba ruiva e os cabelos emaranhados reluzindo ao sol, e ficou a observá-los se aproximarem com ambas as mãos nos quadris.

— Coronel Schreuder, pela merda fumegante do demônio! — berrou Cumbrae, ao reconhecê-lo. — Alegre meu coração olhar para sua face sorridente.

Assim que a proa tocou a praia, Schreuder saltou em terra e apertou a mão estendida do Gavião.

— Estou surpreso, porém profundamente feliz de encontrá-lo aqui, meu senhor.

O Gavião olhou por sobre o ombro de Schreuder e sorriu, um sorriso largo.

— Ora, se não é meu amado irmão do templo, Christopher Llewellyn! Bem-vindo, primo, e que a benevolência de Deus esteja sobre você.

Llewellyn não sorriu, e mostrou pouca ansiedade em tomar a mão que Cumbrae lhe estendia tão logo seus pés tocaram a areia.

— Como vai, Cumbrae? Nossa última conversa na baía de Trincomalee foi interrompida num ponto crucial, quando você partiu com alguma confusão.

— Ah, mas foi em outra terra e longo tempo atrás, primo, e tenho certeza que ambos podemos ser magnânicos o bastante para perdoar e esquecer um assunto tão insignificante e tolo.

— Quinhentas libras e as vidas de vinte de meus homens não é um assunto insignificante e tolo em minha contabilidade. E, devo lembrá-lo, não sou nenhum primo ou qualquer espécie de parente seu — rebateu Llewellyn, e suas pernas estavam rígidas com a lembrança daquele antigo ultraje.

Cumbrae, no entanto, colocou um braço sobre seu ombro e disse, baixinho:

— In Arcádia habito.

Llewellyn, obviamente, lutava contra si mesmo, porém não poderia negar seu juramento de cavalaria e, por fim, deu a resposta, entre os dentes cerrados:

— Flumen sacrum bene cognosco.

— Eis aí você. — O Gavião explodiu numa gargalhada. — Não foi tão ruim, foi? Se não primos, então ainda somos irmãos em Cristo, não somos?

— Eu me sentiria mais fraterno com relação a você, se tivesse minhas quinhentas libras de volta em minha bolsa.

— Eu poderia descontar esse débito do sério dano que você infligiu ao meu doce Gull e à minha pessoa. — O Gavião puxou o manto para exibir a brilhante cicatriz pelo antebraço. — Porém, sou um homem clemente com um coração amoroso, Christopher, e portanto você terá de volta seu dinheiro. Dou-lhe minha palavra. Cada penny de suas quinhentas libras, e o juro de lambujem.

Llewellyn sorriu para ele com frieza.

— Adiarei meus agradecimentos até que sinta o peso de sua bolsa em minhas mãos.

Cumbrae viu o propósito em seu olhar de igual para igual, e, sem outro relancear de olhos para a fila de portinholas de artilharia do Golden Bough e para as linhas feitosas de seu casco, soube que estavam par a par e seria um golpe duro se viesse a haver uma luta entre os dois navios, tal como acontecera quatro anos antes, na baía de Trincomalee.

— Não o culpo por não confiar em homem algum deste nosso mundo malcomportado, porém jante comigo hoje, aqui, em terra, e eu colocarei a bolsa em suas mãos, juro a você.

Llewellyn encarou com expressão fechada.

— Obrigado por essa oferta de hospitalidade, senhor, porém eu bem me lembro da última vez que atendi a um de seus convites. Tenho um ótimo cozinheiro a bordo de meu próprio navio que pode me providenciar uma refeição mais a meu gosto. Contudo, voltarei ao entardecer para buscar a bolsa que me prometeu. — Llewellyn inclinou-se numa mesura e voltou a seu escaler.

O Gavião observou-o se afastar, com um olhar calculista nos olhos. O escaler rumou pela lagoa em direção ao riacho de água doce que fluía na ponta superior.

— Aquele bastardo elegante tem um temperamento detestável — resmungou, e, ao lado dele, Schreuder concordou.

— Nunca fiquei tão contente em me livrar de alguém desagradável e de estar de pé aqui, nesta praia, apelando para sua amizade, como agora.

Cumbrae encarou judiciosamente.

— O senhor me tem em desvantagem — disse. — O que realmente está fazendo aqui, e o que é que posso fazer em seu benefício por boa amizade?

— Onde poderemos conversar? — perguntou Schreuder.

— Por aqui, meu velho amigo e companheiro de armas — e conduziu Schreuder para sua cabana no bosque e lhe serviu metade de uma caneca de uísque. — Agora, conte-me, Por que não está mais no comando da guarnição em Boa Esperança?

— Para ser franco com o senhor, milorde, estou no próprio dilema do diabo. Fui acusado pelo governador van de Velde de um crime que não cometi. O senhor bem sabe como ele era amargurado pela inveja e má vontade com relação a mim — explicou Schreuder, e Cumbrae concordou com cautela, sem se comprometer.

— Por favor, continue.

— Dez dias atrás, a esposa do governador foi assassinada num arrojo de luxúria e paixão bestial pelo jardineiro e carrasco da companhia.

— Céus! — exclamou Cumbrae. — João Lento? Sabia que era um louco. Podia ver isso em seus olhos. Um maníaco tagarela! Sinto muito ao saber sobre a mulher, contudo. Era um docinho delicioso. Eu ficava com um osso em minhas calças só de olhar para aquelas tetas dela, ela conseguia isso.

— Van de Velde acusou-me falsamente desse horrível assassinato. Foi forçado a fugir no primeiro

navio disponível antes que ele me prendesse e me colocasse na roda. Llewellyn me ofereceu uma passagem para o Oriente, onde eu me alistaria na guerra que está em curso no Great Horn da África, entre o Padre e o grão mogol.

Os olhos de Cumbrae se iluminaram e ele se inclinou para a frente em seu banco à menção de guerra, como uma hiena farejando o sangue de um campo de batalha. Já então, estava profundamente aborrecido de cavar em busca do indefinido tesouro de Franky Courtney, e a promessa de um jeito mais fácil de encher seus porões com riquezas chamou-lhe toda a atenção. Porém, não iria mostrar àquele fanfarrão cheio de si o quanto estava ansioso; portanto, deixou o assunto para outra hora e disse, com sentimento e compreensão:

— Tem minha mais profunda simpatia e minha garantia de qualquer ajuda que eu possa ser capaz de prestar.

Sua mente fervilhava de ideias. Ele sentiu que Schreuder era culpado do assassinato que negava com tanta veemência, porém, culpado ou não, era agora um fora-da-lei e estava se colocando à sua mercê.

O Gavião tinha presenciado uma ampla demonstração das qualidades de Schreuder como um guerreiro. Um homem excelente para servir sob suas ordens, especialmente se ficasse completamente submisso em virtude da culpa e do sangue que tinha nas mãos. Como um fugitivo e um assassino, o holandês não poderia se mostrar tão melindroso em matéria de moralidade.

Uma vez que uma moça tenha perdido a virgindade, ergue as saias e se deita no feno com a maior desenvoltura da segunda vez, disse a si mesmo o Gavião, contente, porém estendeu a mão e agarrou o braço de Schreuder com firme e amistoso aperto.

— Pode confiar em mim, meu amigo — disse. — Como posso ajudá-lo?

— Quero me juntar a você. Eu me tornarei seu homem de confiança-

— E profundamente bem-vindo será. — Cumbrae sorriu pelas suíças ruivas com prazer não fingido. Tinha encontrado para si um cão de caça, um cão que talvez não carregasse uma grande carga de inteligência, mas, não obstante, era impetuoso e intemorato.

— Peço apenas um favor em troca — disse Schreuder.

O Gavião deixou a mão amistosa cair do ombro do outro, e seus olhos se tornaram velados. Deveria ter sabido que um tal belo presente teria um preço escrito do lado de baixo.

— Um favor? — perguntou.

— A bordo do Golden Bough, fui tratado da maneira mais vergonhosa e mesquinha. Fui trapaceado numa grande soma de dinheiro no Hazard por um dos oficiais do navio, e insultado e vilipendiado pelo capitão Llewellyn e seus homens. Para coroar tudo, a pessoa que me enganou me desafiou para um duelo. Não pude encontrar nenhuma pessoa a bordo para ser meu padrinho, e Llewellyn proibiu que essa questão de honra fosse resolvida até que chegássemos a um porto.

— Continue, por favor. — As suspeitas de Cumbrae começaram a se evaporar quando ele percebeu para onde a conversa se dirigia.

— Ficaria muito grato e honrado se pudesse consentir em agir como meu padrinho nesse assunto, milorde.

— Isso é tudo o que quer de mim?

Ele mal podia acreditar que fosse tão fácil. Já podia ver os lucros que poderiam ser obtidos como resultado daquele assunto. Prometera a Llewellyn as quinhentas libras, e as daria a ele, porém apenas quando tivesse certeza de que poderia ter o dinheiro de volta, junto com qualquer outro lucro no qual pudesse pôr as mãos. Olhou pelas águas da lagoa. Lá jazia o Golden Bough, uma poderosa nau guerreira. Se fosse capaz de adicioná-la à sua flotilha, comandaria uma força nos oceanos orientais praticamente imbatível. Se aparecesse no Great Horn da África com aquelas duas naus, no meio da guerra que

Schreuder lhe assegurara estar em curso, nem fazia ideia do espólio que lá estaria para ser pilhado.

— Será minha honra e meu prazer agir por você — disse a Schreuder. — Dê-me o nome do bastardo que o desafiou, e farei que obtenha imediata satisfação dele.

Quando Llewellyn veio à terra outra vez ao fim da tarde, estava acompanhado por dois de seus oficiais e uma dúzia de seus marujos, carregando alfanjes e pistolas. Cumbrae estava na praia para lhe dar as boasvindas.

— Tenho a bolsa que lhe prometi, meu caro Christopher. Acompanhe-me até meus pobres alojamentos e tome um drinque comigo por amável camaradagem e pela memória dos dias de convívio que passamos tempos atrás na companhia um do outro. Antes, porém, não irá me apresentar a esses seus dois elegantes cavalheiros?

— Sr. Arnold Fowler, primeiro imediato de meu navio. — Os dois homens se inclinaram um para o outro. — E este é meu terceiro oficial, Vincent Winterton, filho de meu patrono, o visconde de Winterton.

— Também, assim fui informado, um modelo no Hazard e com mãos hábeis nos dados — Cumbrae sorriu para Vincent, e o rapaz retirou a mão que estava a ponto de estender.

— Perdão, senhor, mas o que quer dizer com esse comentário? — indagou Vincent, empertigado.

— Apenas que o coronel Schreuder me pediu para ser seu padrinho. Seria gentil o bastante para me informar quem é o seu?

Llewellyn interferiu rapidamente.

— Tenho a honra de ser o padrinho do Sr. Winterton.

— Na verdade então, temos muito a discutir, meu caro Christopher. Por favor, siga-me. Porém, como será sobre os assuntos do Sr. Winterton que iremos falar, poderia ser melhor que ele permanecesse aqui, na praia.

Llewellyn acompanhou o Gavião até sua cabana e tomou o banco que ele lhe oferecia.

— Um gole da água da vida? Llewellyn meneou a cabeça.

— Obrigado, não. Vamos logo aos assuntos que interessam.

— Você sempre foi impaciente e cabeça-dura. — O Gavião encheu sua própria caneca e tomou um grande gole. Estalou os lábios e enxugou as suíças com as costas da mão. — Nunca saberá o que está perdendo. Este é o melhor uísque em todas as ilhas. Porém, eis aqui, isso é para você. — Empurrou a pesada bolsa pela barrica que servia como mesa.

Llewellyn pegou-a e sopesou-a ponderadamente na mão.

— Conte, se quiser — disse o Gavião. — Não ficarei ofendido. — Recostou-se e observou com um sorriso na face, tomando goles em sua caneca, enquanto Llewellyn distribuía as moedas de ouro em pilhas certas no topo da barrica.

— São quinhentas delas e cinquenta pelo juro. Sou-lhe grato, senhor. — A expressão de Llewellyn se suavizara.

— É um pequeno preço a pagar por seu amor e amizade, Christopher — disselhe Cumbrae. — Agora, vamos a essa outra questão. Como lhe disse, sou o padrinho do coronel Schreuder.

— E eu, do Sr. Winterton — confirmou Llewellyn. — Meu afiançado ficará satisfeito com um pedido de desculpas de Schreuder.

— Você sabe muito bem, Christopher, que meu rapaz não lhe dará isso. Receio que os dois jovens peraltas tenham de lutar.

— A escolha de armas recai para o seu lado — disse Llewellyn. — Podemos concordar com pistolas a vinte passos?

— Diremos não a tal coisa. Meu afiançado prefere espadas.

— Então devemos concordar. E quanto ao local e à hora?

— Deixo essa decisão para você.

— Tenho reparos a fazer em meus cordames e casco. Danos provocados pelo vendaval. Preciso do Sr. Winterton a bordo para me ajudar com isso. Posso sugerir três dias a partir de hoje, na praia, ao nascer do sol?

O Gavião cofiou sua barba como se considerasse a proposta. Precisaria de uns poucos dias para fazer os arranjos que tinha em mente. Três dias de espera lhe serviriam perfeitamente.

— De acordo! — disse, e Llewellyn levantou-se de imediato e colocou o saco de moedas no bolso de sua túnica.

— Não tomará aquele drinque que lhe ofereci agora, Christopher? — sugeriu Cumbrae, porém de novo Llewellyn declinou.

— Como eu lhe disse, senhor, tenho muito a fazer a bordo de meu navio.

O Gavião observou-o descer para a praia e entrar no escaler. Enquanto eram levados de volta para onde o Golden Bough estava ancorado, Llewellyn e Winterton entabularam profunda e atenta conversação.

— O jovem Winterton está para ter uma surpresa. Nunca deve ter visto o holandês com uma espada na mão para ter concordado tão levemente com a escolha das armas. — Emborcou as poucas gotas de uísque que restavam na caneca e sorriu outra vez. — Veremos se não poderemos arranjar uma pequena surpresa para Christopher Llewellyn também. — Bateu a caneca no topo da barrica e berrou: — Mandem o Sr. Bowles até mim, e sejam rápidos com isso.

Sam Bowles veio todo encantado, a sacudir o corpo como um cão surrado para cair nas graças de seu capitão. Seus olhos, porém, eram frios e astutos.

— Sammy, meu rapaz. — Cumbrae deu-lhe um tapa no braço que doeu como uma ferroada mas não tirou o sorriso dos lábios do homem.

Tenho algo para você que seria muito do seu gosto. Escute bem. Sam Bowles sentou-se do lado oposto ao dele e deixou pender a cabeça, como se para não perder uma palavra de suas instruções. Por uma ou duas vezes, fez uma pergunta ou soltou uma risadinha de alegria e admiração enquanto Cumbrae desfiava seus planos.

— Você sempre quis o comando de seu próprio navio, Sammy, meu rapazinho. Esta é a sua chance. Sirva-me bem e o terá. Capitão Samuel Bowles. Como soa para você?

— Bem demais, milorde! — Sam Bowles inclinou a cabeça. — E não o deixarei na mão.

— Isso você não fará — concordou Cumbrae. — Pelo menos mais de uma vez, pois se o fizer, dançará uma alegre dança da gaita de foles para mim enquanto se pendurar na verga mestra de meu Gull.

As margens do rio eram alinhadas com salgueiros silvestres e árvores de acácia de um verde escuro, cobertas de um manto de flores amarelas. O rio corria largo e profundo, lento e verde entre seus píeres rochosos. Os bancos de areia mostravam-se expostos, e quando olhou para eles dos declives íngremes do vale, Sukeena estremeceu e murmurou:

— Oh, que horríveis e medonhas criaturas! Serão os próprios dragões de que falamos?

— São dragões realmente — concordou Hal, ao olhar para os crocodilos que jaziam ao sol na praia branca.

Havia dúzias deles, alguns não maiores que lagartos, e outros, brutos, com a largura e o comprimento de um bote de navio, maciços monstros cinzentos que certamente poderiam engolir um homem inteiro. Eles tinham descoberto quão ferozes eram aquelas criaturas na primeira tentativa de vadear o rio, quando Billy Rogers fora apanhado por um e arrastado para baixo da superfície. Não recuperaram qualquer parte de seu corpo.

— Tremo com a ideia de tentar atravessar de novo, com essas criaturas ainda guardando o rio —

murmurou Sukeena, apavorada.

— Aboli as conhece de sua própria terra ao norte, e sua tribo tem um jeito de lidar com eles.

No penhasco rochoso, acima do rio, que os crocodilos não podiam alcançar, eles arrumaram em pilhas a carne de alce, que já começava a feder, ao sol quente. Então, Hal mandou alguns dos homens procurarem no chão da floresta troncos secos que pudessem flutuar na água. Sob as instruções de Ned Tyler, eles os modelaram com os alfanjes, embora Hal detestasse ver a borda fina de aço cega e lascada. Enquanto isso era feito, Alhuda, com Sukeena a ajudá-lo, cortou as peles úmidas do eland em longas cordas rústicas tão grossas como seu dedo mínimo.

Aboli procurou pelas espécies de árvore de que precisava, e depois cortou curtas estacas de seus galhos e carregou os fardos de volta até onde estavam os outros, trabalhando. Daniel Grande ajudou-o a aguçar ambas as pontas daquelas peças curtas e flexíveis de madeira verde em pontas de lança, e endureceu-as no fogo. Depois, usando um tronco de circunferência correta como modelo, os dois poderosos homens curvaram cada estaca em torno do tronco até que formavam um círculo, as pontas aguçadas se cruzando. Enquanto as mantinham no lugar, Hal amarrou as pontas juntas com tiras de pele crua do alce. Quando cautelosamente soltaram a tensão, as estacas curvadas eram como as molas de aço carregadas de uma trava de mosquete, prontas para voar se a tira que as retinha fosse cortada. Pelo pôr-do-sol, tinham terminado o trabalho de uma pilha daquelas armadilhas.

Ainda se lembravam do encontro com o bando de leões, e, naquela noite, penduraram as pernas da carne do alce no alto, nos galhos do topo de uma das árvores mais altas que cresciam ao longo das margens do largo rio. Construíram a paliçada bem distante daquele estoque de carne e certificaram-se de que as paredes eram de troncos sólidos e a entrada estivesse bloqueada com galhos espinhosos recém-aparados.

Embora dormissem pouco naquela noite, deitados a ouvir as hienas e os chacais que uivavam e resmungavam debaixo da árvore onde a carne se pendurava, os leões não os perturbaram de novo. Na alvorada, deixaram a paliçada para começar a trabalhar mais uma vez nos preparativos para cruzar o rio.

Ned Tyler terminou a construção da balsa, amarrando os remos juntos com corda de couro cru.

— É uma embarcação instável. — Sukeena fitou-a com evidente apreensão. — Um daqueles grandes dragões do rio poderia virá-la com um abanar da cauda.

— Eis por que Aboli preparou suas armadilhas para eles. Voltaram pelo declive onde Alhuda e Zwaantie ajudavam Aboli a envolver os círculos de madeira verde com uma grossa cobertura de carne meio pútrida do alce.

— O crocodilo não pode mastigar essa comida — explicou-lhes Aboli, enquanto trabalhava. — Cada uma dessas bolas de carne é do tamanho certo para ser engolida por inteiro.

Quando todas as iscas tinham sido preparadas, carregaram-nas para a beira d'água. Conforme se aproximaram do banco de areia onde os grandes sáurios jaziam como troncos esticados, bateram palmas e dispararam os mosquetes, criando uma comoção que alarmou mesmo aqueles enormes animais.

Os répteis ergueram os corpos maciços em pernas curtas e tortas e correram para o abrigo de seu elemento natural, deslizando para as profundas lagoas verdes com poderosas espanadas e produzindo ondas que quebravam na margem distante. Tão logo o banco de areia estava livre, os homens correram e colocaram os bocados de carne fedorenta ao longo da beira d'água. Então dispararam de volta e subiram o declive até onde as mulheres esperavam na segurança do alto penhasco acima do rio.

Depois de um momento, os calombos dos olhos dos crocodilos começaram a pular de toda parte acima da superfície da lagoa, e então eles se moveram lentamente rumo ao banco de areia.

— São animais covardes, furtivos — disse Aboli, com ódio na entonação e repulsa nas feições —, porém logo, quando farejarem a carne, sua cobiça irá se sobrepor ao medo.



Enquanto ele falava, um dos maiores répteis ergueu-se para fora dos baixios da beirada e se arrastou cautelosamente para o banco de areia, sua enorme cauda denteada cavando uma vala atrás dele. De súbito, com surpreendente rapidez e agilidade, investiu em frente e abocanhou uma das bolas de carne do alce. Abriu as mandíbulas em toda a extensão conforme se esticava para engolir. Do penhasco, todos viram, admirados, quando o enorme bocado de carne deslizou para baixo de seu bucho, estufando as macias escamas brancas do lado de fora de sua garganta. O animal voltou-se e correu de volta para a lagoa, porém imediatamente, outro dos répteis escamados emergiu e engoliu uma isca. Seguiu-se uma confusão geral de longos corpos escorregadios, brilhando molhados ao sol, que sibilavam e resmungavam e trombavam uns contra os outros conforme lutavam pela comida.

Assim que cada isca fora consumida, alguns crocodilos espanejaram na lagoa, porém muitos se acomodaram de novo na areia quente de sol onde tinham sido perturbados. A paz caiu sobre a margem do rio outra vez, e os martins-pescadores projetavam-se como dardos e voejavam sobre as águas verdes. Um grande hipopótamo cinzento lançou para fora a cabeça, no lado oposto da lagoa, e soltou uma desagradável risada. Suas fêmeas se amontoaram em torno dele, as costas como uma pilha de brilhantes penedos negros.

— Seu plano não funcionou — disse Sabah, em holandês. — Os crocodilos estão ilesos e ainda prontos para cair sobre qualquer um de nós que chegue perto da água.

— Seja paciente, Sabah — disselhe Aboli. — Levará um tempo para os sucos de seus estômagos digerirem a pele crua. Porém, quando isso acontecer, as varas irão se abrir e as pontas afiadas perfurarão suas entranhas e passarão por seus órgãos vitais.

Quando ele acabou de falar, um dos maiores répteis, o primeiro a pegar a isca, deixou escapar de repente um tremendo urro e arqueou as costas até que a cauda serrilhada bateu em sua cabeça. Rugiu novamente e girou ao redor para morder com as poderosas mandíbulas o próprio flanco, seus dentes amarelos pontiagudos rasgando as escamas da armadura, arrancando pedaços da própria carne.

— Veja lá! — Aboli saltou de pé e apontou. — A ponta aguda da estaca cortou direto sua barriga.

Então eles viram a ponta enegrecida pelo fogo da madeira afiada saltar um palmo pelo couro escamoso. Enquanto o crocodilo macho se retorcia e silvava em seus medonhos estertores da morte, um segundo réptil começou a se debater em convulsões enormes, e depois outro e mais outro, até que a lagoa se transformou em espuma branca, e os terríveis gritos e rosnados ecoavam ao longo dos penhascos do rio, assustando as águias e abutres de suas plataformas de ninho no alto dos penedos.

— Bravo, Aboli! Você limpou o caminho para nós. — Hal saltou de pé.

— Sim! Podemos cruzar agora — concordou Aboli. — Porém, seja rápido e não se demore na água ou perto da margem, pois alguns dos ngwenya podem não ter sentido as estacas em suas barrigas.

Eles atentaram para o aviso. Erguendo a desajeitada balsa entre si, correram para a margem, e, tão logo a jangada improvisada estava flutuando, colocaram a bordo as cestas de provisões, os alforjes de sela e os sacos de pólvora, e então embarcaram as duas mulheres e o pequeno Bobby na frágil embarcação. Os homens se livraram das roupas e empurraram a balsa nadando pela corrente preguiçosa. Tão logo chegaram à margem oposta, pegaram seus pertences e subiram com pressa o declive rochoso até que estavam longe da margem do rio.

No alto, acima da água, puderam por fim cair um ao lado do outro, entre risadas e congratulações. Acamparam ali naquela noite, e, ao amanhecer, Aboli perguntou baixinho a Hal:

— A que distância está a lagoa do Elefante?

Hal desenrolou sua carta e apontou para a estimativa de sua posição.

— Estamos aqui, cinco léguas terra adentro a partir do litoral, e não mais que a cinquenta léguas da lagoa. A menos que haja outro rio tão largo como esse para barrar nosso caminho, deveremos chegar lá

em mais cinco dias de dura caminhada.

— Então, vamos dar duro — disse Aboli, e animou o resto do bando reduzido.

A seu incentivo, eles tomaram as cargas e, com os raios do sol nascente batendo em cheio em suas faces, entraram mais uma vez na ordem de marcha que tinha mantido durante toda a longa jornada.

Os quatro escaleres do Golden Bough estavam lotados de marujos enquanto remavam para a praia naquela hora escura antes do amanhecer. Um marinheiro à proa de cada bote segurava ao alto uma lanterna para alumiar o caminho, e os reflexos dançavam como vaga-lumes na calma superfície negra da lagoa.

— Llewellyn está trazendo metade de sua tripulação a terra com ele! — rejubilou-se o Gavião, ao observar a pequena frota rumar em direção à praia.

— Suspeita de traição. — Sam Bowles riu, deliciado. — Assim, vem com força.

— Que convidado grosseiro, suspeitar de vilania de nossa parte. — O Gavião meneou a cabeça com tristeza. — Merece seja qual for o fado a ele reservado.

— Ele dividiu sua força. Há pelo menos cinquenta homens naqueles botes — estimou Sam. — Isso torna as coisas mais fáceis para nós. Aqui, tudo vai ter um curso calmo e sem empecilhos e um vento a favor.

— Vamos esperar que sim, Sr. Bowles — resmungou o Gavião. — Vou agora encontrar nossos convidados. Lembre-se, o sinal é um rojão vermelho chinês. Espere até vê-lo estourar.

— Sim, capitão! — Sam bateu na testa e esgueirou-se para as sombras. Cumbrae rumou pela areia para encontrar o bote líder. Quando a

embarcação chegou à praia, ele pôde ver, sob a luz do lampião, que Llewellyn e Vincent Winterton estavam sentados juntos nas pranchas de popa. Vincent usava um manto de lã escuro para protegê-lo do frio da manhã, porém sua cabeça estava descoberta. Penteara os cabelos num

grosso rabo-de-cavalo que lhe caía pelas costas. Seguiu seu capitão para terra.

— Bom dia, cavalheiros — cumprimentou-os Cumbrae. — Dou-lhes os parabéns por sua pontualidade.

Llewellyn inclinou a cabeça, em saudação.

— O Sr. Winterton está pronto para começar. O Gavião meneou a barba.

— O coronel Schreuder está esperando. Por aqui, por favor. — Caminharam lado a lado ao longo da praia, os marujos dos botes seguindo-os numa coluna ordenada. — É pouco incomum ter uma tal multidão de rufiões para testemunhar uma questão de honra — comentou.

— Não há nada além de umas poucas convenções aqui, além da Linha — retrucou Llewellyn —, mas uma é manter nossas costas bem guardadas.

— Entendo o que quer dizer. — Cumbrae deu uma risadinha. — Porém, para demonstrar minha boa-fé, não convidarei nenhum de meus rapazes para se juntar a nós. Estou desarmado. — Mostrou as mãos e depois abriu a frente da túnica para demonstrar o fato. Num confortável bolo em suas costas, enfiada dentro do cinto, estava uma das novas pistolas da moda de trava denteada, feita por Fallon, de Glasgow. Era uma invenção maravilhosa, porém proibitivamente cara, motivo principal por que não era largamente empregada. Ao pressionar o gatilho, o dente impulsionado por mola da trava girava e o acionador de piritas de ferro mandava uma chuva de fagulhas para a caçoleta a fim de detonar a carga. A arma tinha-lhe custado mais de vinte libras, porém valia o preço, pois não havia mecha de queima lenta para trair sua presença.

— Para demonstrar sua própria boa-fé, meu caro Christopher, poderá por gentileza manter seus homens juntos de seu lado do quadrado e sob seu controle direto?

A uma curta distância da praia, chegaram a uma área onde a areia tinha sido nivelada e um quadrado

fora demarcado por cordas. Uma barrica de água fora colocada em cada um dos quatro cantos.

— Vinte passos de cada lado — disse Cumbrae a Llewellyn. — Isso dará a seu homem bastante espaço para trabalhar?

Winterton inspecionou o quadrado e então concordou secamente.

— Serve muito bem — falou Llewellyn por ele.

— Teremos de esperar algum tempo até que a luz aumente — disse Cumbrae. — Meu cozinheiro preparou um desjejum de biscoito quente e vinho com especiarias. Quer participar?

— Obrigado, meu senhor. Um copo de vinho seria bem-vindo.

Um intendente trouxe os copos fumegantes para eles, e Cumbrae disse:

— Se pode me desculpar, irei atender meu afiançado. — Inclinou-se e subiu a trilha entre as árvores, para retornar, minutos depois, conduzindo o coronel Schreuder.

Postaram-se juntos do lado oposto do quadrado demarcado de cordas, a conversar baixinho. Por fim, Cumbrae olhou para o céu, disse algo a Schreuder, depois meneou a cabeça e veio até onde Llewellyn e Vincent esperavam.

— Acho que a luz está boa o bastante agora. Os cavalheiros concordam?

— Podemos começar — aquiesceu Llewellyn, com rigidez.

— Meu afiançado oferece sua arma para exame — disse Cumbrae, e estendeu a espada de Netuno, o punho primeiro.

Llewellyn pegou-a e ergueu a lâmina entalhada de ouro para a luz da manhã.

— Um extravagante trabalho de arte — murmurou, com ar de desaprovação. — Essas mulheres nuas não estariam fora de lugar num prostíbulo. — Tocou as gravações em ouro das ninfas do mar. — Porém, pelo menos a ponta não está envenenada, e o comprimento se equipara ao da lâmina de meu afiançado. — Segurou as duas espadas lado a lado para compará-las, e depois entregou a arma de Vincent para a inspeção de Cumbrae.

— Uma luta justa — concordou ele, e devolveu-a.

— Rounds de cinco minutos e o primeiro sangue? — perguntou Llewellyn, tirando seu relógio de ouro do bolso do colete.

— Receio que não possamos concordar com isso. — Cumbrae meneou a cabeça. — Meu homem quer lutar sem pausa até que um deles grite por mercê ou seja morto.

— Por Deus, senhor! — esbravejou Llewellyn. — Essas regras são assassinas.

— Se seu homem urina como um filhotinho, então não deveria aspirar uivar com os lobos. — Cumbrae deu de ombros.

— Concordo! — exclamou Vincent. — Lutaremos até a morte, se e assim que o holandês quer.

— Isso, senhor, é exatamente o que ele quer — assegurou-lhe Cumbrae. — Estamos prontos para começar quando você estiver. Me dará o sinal, capitão Llewellyn?

O Gavião recuou e, em poucas e concisas sentenças, explicou as regras a Schreuder, que concordou e passou por baixo da corda do quadrado.

Usava uma camisa fina aberta na garganta para que ficasse evidente que não vestia nenhuma armadura de corpo debaixo dela. Tradicionalmente, o brilhante algodão branco daria a seu oponente uma marca clara de mira e mostraria o sangue de um golpe feliz.

Do lado oposto do quadrado, Vincent soltou os cordões de seu manto e deixou cair na areia. Estava vestido com uma camisa branca semelhante. Com sua espada na mão, moveu-se com saltos ligeiros pela barreira de cordas e encarou Schreuder pela areia varrida da praia. Ambos começaram a fazer exercícios preparatórios com uma série de práticas estocadas e investidas que faziam suas lâminas cantar e luzir à luz matutina.

— Está pronto, coronel Schreuder? — exclamou depois de alguns minutos, Llewellyn, da linha lateral, enquanto erguia um lenço de seda vermelho.

— Pronto!

— Está pronto, Sr. Winterton?

— Pronto!

Llewellyn deixou o lenço cair, e um urro subiu dos marujos do Golden Bough, do lado oposto do quadrado. Os dois espadachins circularam um ao outro, aproximando-se cautelosamente com as lâminas estendidas e as pontas girando e se abaixando. De súbito, Vincent saltou para a frente e fintou para a garganta de Schreuder, mas Schreuder rebateu com facilidade e travou-lhe a lâmina. Por um longo momento, ficaram retesados em silêncio, a se encarar nos olhos. Talvez Vincent visse a morte no olhar implacável do outro, e sentisse o aço no pulso, pois rompeu primeiro o impasse. Conforme recuava, Schreuder foi atrás dele com uma série de velozes estocadas de rebate que fizeram sua lâmina faiscar e reluzir como um raio de sol.

Era uma exibição estonteante, que levou Vincent a aparar e recuar desesperadamente contra uma das barricadas de água que marcavam um canto do quadrado. Encurralado ali, estava à mercê de Schreuder. Abruptamente, Schreuder interrompeu o assalto, virou suas costas ostensivamente para o homem mais jovem e caminhou de volta para o centro. Lá, entrou em guarda outra vez e, lâmina postada, esperou por Vincent Para enfrentá-lo uma vez mais.

Todos os espectadores, exceto Cumbrae, ficaram espantados com a virtuosidade do holandês. Vincent Winterton era evidentemente um espadachim de habilidade superior, porém fora forçado a usar de toda a sua perícia para sobreviver àquele ataque fulminante. Em seu coração, Llewellyn sabia que Vincent sobrevivera não por causa de sua perícia, mas porque Schreuder quisera desse jeito. O jovem inglês já fora tocado três vezes, dois ligeiros cortes no peito e outro ferimento mais fundo no braço esquerdo. Sua camisa estava aberta em três rasgos irregulares e começava a se tingir de vermelho conforme as feridas começavam a sangrar profusamente.

Vincent baixou os olhos para elas, e sua expressão espelhou o desespero que sentia ao se defrontar com a constatação de que não era páreo para o holandês. Ergueu a cabeça e olhou para onde Schreuder esperava por ele, as feições clássicas e arrogantes, a expressão grave e decidida enquanto ele estudava o adversário sobre a ponta oscilante da espada de Netuno.

Vincent endireitou a espinha e tomou sua guarda, tentando sorrir com descuido ao se fortalecer para avançar rumo à morte certa. Os rudes marujos que observavam poderiam ter urrado e berrado com o espetáculo de uma tourada ou uma briga de galos, porém mesmo eles tinham caído em silêncio, admirados pela terrível tragédia que viam prestes a se desenrolar. Llewellyn não poderia deixar isso acontecer.

— Contenham-se! — gritou ele, e passou por sob a corda. Caminhou para o meio dos dois homens, a mão direita erguida. — Coronel Schreuder, senhor. Deu-nos toda razão para admirar sua perícia na esgrima. Arrancou o primeiro sangue. Não nos dará boa razão para respeitá-lo declarando que sua honra está satisfeita?

— Deixe o covarde inglês desculpar-se comigo na frente de toda a companhia presente e então estarei satisfeito — disse Schreuder, e Llewellyn voltou-se para apelar para Vincent.

— Fará o que o coronel pede? Por favor, Vincent, por mim e pela confiança que empenhei a seu pai. A face de Vincent estava mortalmente pálida, porém o sangue que manchava sua camisa era de um escarlate brilhante, como as florescentes rosas de junho nos arbustos.

— O coronel Schreuder me chamou neste momento de covarde. Perdoe-me, capitão, mas o senhor sabe que não posso aceder a tais condições.

Llewellyn olhou com tristeza para o jovem protegido.

— Ele pretende matá-lo, Vincent. É um vergonhoso desperdício de uma jovem e bela vida.

— E eu pretendo matá-lo. — Vincent foi capaz de sorrir agora que estava decidido. Era um sorriso alegre, irresponsável. — Por favor, afaste-se, capitão.

Impotente, Llewellyn voltou para a linha lateral.

— Em guarda, senhor! — exclamou Vincent, e investiu, com a areia branca voando de sob suas botas, em estocadas e rebates, lutando pela própria vida.

A espada de Netuno era uma muralha de aço impenetrável diante dele, aparando e girando sua própria lâmina com uma facilidade que fazia todos os seus mais corajosos esforços parecerem os de uma criança. A grave expressão de Schreuder não se alterava, e quando, por fim, Vincent cambaleou de costas, ofegando e arquejando, o suor a diluir o sangue que escorria num rosa claro, foi ferido duas vezes mais. Havia um negro desespero em seus olhos.

Agora, por fim, os marujos do Golden Bough encontraram a voz:

— Mercê! Seu cabeça-de-queijo sanguinário e assassino! — berravam, e: — Tratamento justo, homem. Deixe o rapaz viver!

— Ele não terá a misericórdia do coronel Schreuder — disse para si mesmo Cumbrae, sorrindo com ar feroz —, mas o tumulto que estão fazendo ajudará Sam a fazer seu trabalho.

Relanceou os olhos para a lagoa onde o Golden Bough jazia no canal. Cada homem ainda a bordo se amontoava ao longo da amurada traseira, apertando os olhos para um vislumbre do duelo. Mesmo o vigia no topo do mastro tinha desviado sua luneta para a praia. Ninguém estava alerta aos botes que rumavam rapidamente para a nau ancorada entre os mangues na terra distante. Cumbrae reconheceu Sam Bowles no bote líder enquanto ele corria para se inclinar para dentro da parte central do costado do navio e ficava escondido da vista pelo casco. Doce Maria, Sam a tomará sem um tiro disparado, pensou Cumbrae, exultante, e olhou de novo para a arena.

— Teve seu turno, senhor — disse Schreuder, com tranquilidade. — Agora, é o meu. Em guarda, por favor.

Com três passadas rápidas, cobriu a distância que os separava. O jovem aparou sua primeira estocada e depois a segunda com uma parada alta e um bloqueio, mas a espada de Netuno era rápida e furtiva como uma cobra enraivecida. Parecia hipnotizá-lo com sua mortal dança reluzente, e, em investidas rápidas e surpreendentes, lentamente forçou-o a ceder terreno. A cada vez que parava e recuava, perdia posição e equilíbrio.

Então, de repente, Schreuder executou um golpe que poucos espadachins ousariam tentar fora do campo de treino. Capturou ambas as lâminas no clássico engatar prolongado, girando as duas espadas juntas de maneira que as bordas de aço estridulavam com um som que perpassava pelas

terminações nervosas dos observadores. Uma vez travados, nenhum deles se atrevia a romper o engate, pois fazer isso era conceder uma abertura. Em torno de um círculo mortalmente reluzente, as duas espadas se revolviam. Tornou-se uma disputa de força e resistência. O braço de Vincent começou a ficar entorpecido, e o suor pingava de seu queixo. Seus olhos estavam desesperados, e seu pulso começou a tremer e dobrar sob a tensão.

Então, Schreuder congelou o círculo fatal. Não rompeu o contato, mas simplesmente prendeu a espada de Vincent num torno de aço. Era uma exibição de tanta força e controle que até mesmo Cumbrae ofegou de admiração.

Por um momento, os duelistas permaneceram imóveis, depois, lentamente Schreuder começou a forçar ambas as pontas para cima, até que apontavam para o céu na plena extensão de seus braços. Vincent estava indefeso. Tentou segurar a outra lâmina, porém seu braço começou a sacudir, e seus

músculos a tremer. Ele mordeu a própria língua com o esforço, até que uma mancha de sangue apareceu no canto de sua boca.

Aquilo não poderia durar mais, e Llewellyn gritou em desespero quando o jovem chegou ao máximo limite de sua força e resistência.

— Agente, Vincent!

Foi em vão. Vincent rompeu o impasse. Desengatou a lâmina com o braço direito todo estendido acima da cabeça e o peito aberto.

— Ah! — berrou Schreuder, e sua estocada foi um borrão, rápida como a soltura de uma flecha de um arco.

Enterrou sua ponta dois centímetros abaixo do esterno de Vincent, perpassou-lhe o corpo, e a lâmina saiu um palmo fora das costas. Por um longo momento, Vincent ficou paralisado, como uma figura esculpida num bloco de mármore. Então suas pernas se dobraram e ele tombou na areia.

— Assassinato! — gritou Llewellyn. Saltou para dentro do quadrado e ajoelhou-se ao lado do jovem agonizante. Tomou-o nos braços e ergueu os olhos de novo para Schreuder. — Assassinato a sangue-frio — berrou outra vez.

— Devo tomar isso como um pedido. — Cumbrae sorriu e aproximou-se por trás do homem ajoelhado. — E estou feliz em lhe servir, primo! — disse, e trouxe a pistola de trava denteada para fora, das costas-Enfiou o cano no verso da cabeça de Llewellyn e puxou o gatilho.

Houve um clarão brilhante de fagulhas e então a pistola rugiu e saltou no punho do Gavião. Naquela curta distância, a carga de balas de chumbo passou direto pelo crânio de Llewellyn e arrancou metade de sua face em farrapos vermelhos. Ele caiu para a frente com o corpo de Vincent ainda nos braços.

O Gavião olhou ao redor rapidamente e viu que, do bosque escuro, o rojão vermelho já alçava vôo para o alto, deixando uma parábola de fumaça prateada arquear-se no frágil azul do céu matutino, o sinal para Sam Bowles e seu grupo de abordagem invadirem os tombadilhos do Golden Bough.

Enquanto isso, acima da praia, os artilheiros escondidos entre as árvores arrastavam para fora os galhos que cobriam suas colubrinas. O Gavião localizara ele próprio a bateria e a dispusera para cobrir todo o lado oposto do quadrado onde os marujos do Golden Bough se postavam numa fila de quatro. As colubrinas estavam em fogo de enfiada sobre o grupo, e cada uma tinha uma plena carga de metralha.

Embora alheios à bateria escondida, os marujos do Golden Bough se recobravam rapidamente do choque de ver seus oficiais assassinados diante de seu olhar horrorizado. Um burburinho de fúria e gritos selvagens de ultraje subiu de seu meio, porém não havia nenhum oficial para dar a ordem, e embora puxassem seus alfanjes, instintivamente ainda hesitavam e não avançaram.

O Gavião pegou o braço livre do coronel Schreuder e exclamou a seu ouvido:

— Vamos! Depressa! Limpe a área. — Arrastou-o do ringue de cordas.

— Por Deus, senhor, você matou Llewellyn! — protestou Schreuder. Estava aturdido com o ato. — Ele estava desarmado! Sem defesa!

— Debateremos as sutilezas disso mais tarde — prometeu Cumbrae, e ergueu uma das botas, enganchando o tornozelo de Schreuder e ao mesmo tempo empurrando-o para a frente.

Os dois homens se esparramaram na trincheira rasa na areia, que Cumbrae cavara especialmente para esse propósito, logo quando os marujos do Golden Bough avançavam pelas cordas do ringue atrás deles.

— O que está fazendo? — berrou Schreuder. — Solte-me de uma vez.

— Estou salvando sua vida, seu idiota tagarela — gritou-lhe Cumbrae ao ouvido, e manteve a cabeça abaixo da borda da trincheira assim que a primeira salva de metralha estrondeava do bosque e varria a praia.

O Gavião calculara o alcance com cuidado, de maneira que o padrão de tiro se espalhasse em seu

arco mais mortal. A saraiçada de tiros atingiu a falange de marujos em cheio, revolveu a areia da praia numa ofuscante tempestade branca e foi rasgar a superfície das tranquilas águas da lagoa como um vendaval. A maioria dos homens do Golden Bough foi abatida instantaneamente, porém uns poucos ficaram de pé, desnorteados e aturdidos, a cambalear como bêbados pelos ferimentos e o torvelinho de metralha e golpes de ar deslocado.

Cumbræ pegou sua espada escocesa do fundo do buraco, onde a enterrara sob uma leve camada de areia, e saltou de pé. Investiu contra os poucos sobreviventes, a grande arma apertada em ambas as mãos. Arrancou a cabeça do torso do primeiro homem em seu caminho assim que seus próprios marinheiros saíram em investida para fora da fumaça, a gritar como demónios e brandindo seus alfanjes.

Desabaram sobre o dizimado grupo de terra e o massacraram, mesmo quando Cumbræ berrou:

— Basta! Mercê para aqueles que implorarem!

Não deram atenção à sua ordem, e giraram os alfanjes até que os jorros de sangue os empapavam até os cotovelos e espirravam em suas faces sorridentes. Cumbræ teve de pular sobre o grupo com os punhos cerrados e o lado chato da lâmina voltado para eles.

— Chega! Precisamos de homens para manejar o Golden Bough. Poupem pelo menos uma dúzia deles, seus rufiões sanguinários.

Deram-lhe menos do que ele exigia. Quando a carnificina terminou, havia apenas nove sobreviventes, amarrados pelos tornozelos e punhos e a jazer de barriga para baixo na areia como porcos no mercado.

— Por aqui! — berrou O Gavião novamente, e conduziu a tripulação pela praia até onde os escaleres do Golden Bough estavam ancorados.

Jogaram-se para dentro e tomaram os remos. Com Cumbræ a berrar na proa como um animal ferido, rumaram para o Golden Bough, agarraram-se ao seu costado e subiram como um enxame para o convés, com os alfanjes nus e as pistolas engatilhadas.

Lá, não havia necessidade de ajuda. Os homens de Sam Bowles tinham tomado o Golden Bough de surpresa e numa investida feroz. O tombadilho estava escorregadio de sangue, e os cadáveres, espalhados e amontoados nos embornais. Sob o castelo de proa, um pequeno grupo dos homens de Llewellyn se agarrava desesperadamente à vida, rodeados pelo bando de abordagem de Sam, porém, quando viram o Gavião e seu bando irromper pelo tombadilho, jogaram fora seus alfanjes. Os poucos que sabiam nadar correram para a amurada do navio e mergulharam na lagoa, enquanto os outros caíam de joelhos e imploravam por misericórdia.

— Poupe-os, Sr. Bowles — berrou Cumbræ. — Preciso de marinheiros! Não esperou para ver a ordem obedecida, arrancando um mosquete

das mãos do homem a seu lado e correndo para a amurada. Os marujos que escapavam espadanavam na água rumo às árvores do mangue. Cumbræ fez mira cuidadosamente na cabeça de um deles, cujo cocuruto rosado se mostrava pelos molhados cabelos grisalhos. Foi um tiro certo, e o homem ergueu ambas as mãos e afundou, deixando uma mancha rosada na superfície. O grupo em torno de Cumbræ urrou de alegria e se juntou à diversão, marcando seus alvos e fazendo apostas:

— Quem me dará cinco xelins por aquele patife com o rabo-de-cavalo louro?

Disparavam nos nadadores como em patos feridos.

Sam Bowles veio sorridente e gingando para encontrar Cumbræ.

— O navio é seu, milorde.

— Muito bem, Sr. Bowles. — Cumbræ deu-lhe um caloroso murro de congratulações que quase o arrancou dos pés. — Deve haver alguns escondidos nos conveses abaixo. Arranque-os de lá. Tente tirá-los vivos. Ponha um bote na água e arraste aqueles lá fora também. — Apontou para os poucos sobreviventes ainda nadando em direção aos mangues. — Vou descer até a cabine de Llewellyn para

encontrar os papéis do navio. Avise-me quando tiver todos os prisioneiros amarrados no centro do navio.

Chutou e abriu a porta trancada da cabine de Llewellyn e parou para inspecionar o interior. Era belamente arrumada, a mobília entalhada e polida, e os cortinados, de fino veludo.

Na escrivaninha, encontrou as chaves da caixa forte de ferro que estava aparafusada ao convés abaixo do confortável beliche. Assim que a abriu, reconheceu a bolsa que dera a Llewellyn.

— Sou muito grato a você, Christopher. Não irá precisar no lugar Para onde foi — murmurou, ao enfiá-la dentro do bolso. Sob ela, estava uma segunda bolsa, que ele carregou para o convés. Espalhou as moedas de ouro sobre o tampo da mesa. — Duzentas e dezesseis libras, cinco xelins e dois pence — contou. — Esse deve ser o dinheiro para a administração do navio. Muito parcimonioso, mas estou grato por qualquer contribuição.

Então seus olhos caíram sobre um pequeno baú de madeira no fundo da caixa. Ergueu-o e inspecionou o nome cravado na tampa.

— O Honorável Vincent Winterton.

O baú estava trancado, mas cedeu prontamente à lâmina de seu punhal. Ele sorriu ao ver o que continha, e deixou um punhado de moedas escorrer por entre seus dedos.

— Sem dúvida, as perdas de jogo do bom coronel Schreuder estão aqui, porém ele jamais deve ser tentado a apostá-las de novo. Tomarei conta disso para ele.

Serviu-se de uma caneca de conhaque francês dos estoques do capitão e sentou-se à mesa enquanto examinava os livros e documentos do navio. O diário de bordo seria uma interessante leitura para uma data posterior. Deixou de lado. Correu os olhos por uma carta de acordo de sociedade com lorde Winterton, que, parecia, era dono do Golden Bough.

— Não mais, milorde. — Sorriu. — Lamento informá-lo que ele é todo meu agora.

O manifesto de carga era desapontador. O Golden Bough carregava, na sua maior parte, mercadorias baratas de comércio, canivetes e machados, roupas, contas e anéis de cobre. Contudo, havia também quinhentos mosquetes e um estoque considerável de pólvora negra em seus porões.

— Puxa! Então você ia fazer um contrabandozinho de armas. Que vergonha, meu caro Christopher. — Estalou a língua em desaprovação. — Encontrarei alguma coisa melhor para encher seus porões na viagem de retorno — prometeu a si mesmo, e tomou um gole longo de conhaque.

Perpassou os outros documentos. Havia uma segunda carta de Winterton, concordando com a comissão do Golden Bough como um navio de guerra a serviço do padre João, e uma carta floreada de apresentação, assinada pelo chanceler de Inglaterra, o conde de Clarendon, sob o Grande Selo, recomendando Christopher Llewellyn ao regente da Etiópia nos mais altos termos.

— Ah! Esta é de maior valor. Com algumas pequenas alterações do nome, mesmo eu cairia nessa!

Dobrou-a cuidadosamente e recolocou o baú, as bolsas, os livros e documentos na caixa forte, pendurando a chave numa fita em torno do pescoço. Enquanto terminava o resto do conhaque, considerou os cursos de ação que agora se abriam para si.

Aquela guerra no Great Horn o intrigava. Logo os ventos alísios de sudeste iriam começar a soprar pelo oceano das Índias. Em suas asas benevolentes, o grão-mogol mandaria seus caíques carregados de tropas e tesouros de seu império do continente da Índia e Índia distante para seus entrepostos na costa africana. Haveria também a peregrinação anual da fé do Islã a se aproveitar do mesmo bom vento para velejar pelo mar da Arábia, em sua jornada ao local de nascimento do Profeta de Deus. Potentados e princesas, ministros de estado e ricos mercadores de cada canto do Oriente iriam carregar consigo riquezas cujo valor ele podia apenas adivinhar para depositar como oferendas nas mesquitas e templos sagrados de Meca e Medina.

Cumbrae permitiu-se uns poucos minutos de devaneio ao imaginar rubis da cor do sangue de pombos



e safiras do tamanho de seu punho, e enormes cargas de prata e lingotes de ouro.

— Com o Gull e o Golden Bough velejando juntos, não há nenhum príncipe negro pagão que seja capaz de me contestar. Encherei meus porões com o melhor. O miserável pequeno tesouro de Franky Courtney empalidece ao lado de tamanha abundância — consolou-se. Ainda se remoía amargamente de não ter podido encontrar o esconderijo de Franky, e fechou a cara. — Quando eu partir desta lagoa, deixarei os ossos de Jiri e daqueles outros negros mentirosos como sinaleiros para marcar minha passagem — prometeu a si mesmo.

Sam Bowles interrompeu-lhe os pensamentos ao enfiar a cabeça para dentro da cabine.

— Peço perdão, milorde, arrebanhamos todos os prisioneiros. Foi uma limpeza bem-feita. Nenhum deles se safou.

O Gavião ergueu-se nos pés, feliz por ter uma distração daqueles desapontamentos por ninharias.

— Deixe-me ver o que você conseguiu para mim, então.

Os prisioneiros estavam amarrados e acorados em três filas no centro do navio.

— Quarenta e dois homens curtidos de água do mar — disse Sam, orgulhoso —, em juízo perfeito e com boa saúde.

— Nenhum deles ferido? — perguntou o Gavião, incrédulo. Sam respondeu num sussurro.

— Eu sabia que o senhor não haveria de querer se aborrecer bancando a enfermeira para esses. Então, mantivemos suas cabeças sob a água para ajudá-los em seu caminho para o seio de Jesus. Para a maioria deles, foi uma bênção.

— Estou admirado com sua compaixão, Sr. Bowles — resmungou Cumbrae —, porém, no futuro, poupe-me de tais detalhes. Sabe que sou um homem de natureza gentil. — Tirou o assunto da mente e contemplou os prisioneiros. A despeito das afirmações de Sam, muitos tinham sido surrados brutalmente, os olhos estavam enegrecidos, e os lábios, cortados e inchados. Tinham as cabeças penduradas, e nenhum o fitava.

Cumbrae caminhou lentamente pelas filas acoradas, vez ou outra segurando um punhado de cabelos e erguendo a face do homem para estudá-lo. Ao chegar a fim da linha, voltou e dirigiu-se a eles com jovialidade:

— Ouçam-me, meus valentes camaradas, tenho um emprego para todos vocês. Velejem comigo e terão um xelim por mês e uma justa parte do dinheiro que conseguiremos, e, tão certo como meu nome é Angus Cochran, haverá sacos de ouro e prata a partilhar.

Nenhum replicou, e ele franziu a testa.

— São surdos ou o demônio arrancou suas línguas? Quem viajará com Cochran de Cumbrae?

O silêncio persistiu pesadamente sobre o tombadilho. Ele avançou e avistou um dos de aparência mais inteligente dentre os prisioneiros.

— Qual é seu nome, rapaz?

— Davey Morgan.

— Velejará comigo, Davey?

Lentamente, o homem ergueu a cabeça e encarou o Gavião.

— Vi o jovem Sr. Winterton ser assassinado, e o capitão morto a sangue-frio na praia. Não velejarei com um pirata assassino.

— Pirata! — berrou o Gavião. — Você ousa me chamar de pirata, seu monte de vísceras fedorentas? Você nasceu para alimentar as gaivotas, e é isso o que fará!

A grande espada escocesa escorregou de sua bainha, e ele a girou para dividir a cabeça de Davey Morgan pelos dentes até os ombros. Com a espada ensanguentada na mão, caminhou pela fila de prisioneiros.

— Há algum entre vocês que se atreveria a me chamar de pirata na minha cara? — Nenhum homem se manifestou; por fim, Cumbrae virou-se para Sam Bowles. — Tranque-os no porão do Golden Bough. Alimente-os com metade de um quartilho de água e um biscoito por dia. Deixe-os pensar sobre minha oferta mais seriamente. Em poucos dias, falarei com esses amores de novo, e veremos se terão maneiras melhores então.

Puxou Sam de lado e falou; num tom mais baixo:

— Há ainda alguns estragos da tempestade que precisam de reparo. — Apontou para os cordames. — É o seu navio agora, para velejar e comandar. Seja bem-sucedido de uma vez. Quero deixar esta ancoragem esquecida de Deus tão logo seja possível. Ouviu, capitão Bowles?

A face de Sam Bowles iluminou-se de prazer com o título.

— Pode confiar em mim, milorde.

Cumbrae caminhou para a porta de embarque e deslizou para um dos escaleres.

— Levem-me de volta para a praia, biltres.

Saltou por sobre o lado antes que tivessem tocado a areia e vadeou com água até o joelho para a praia, onde o coronel Schreuder o esperava.

— Milorde, preciso falar com o senhor — disse, e o Gavião sorriu para ele de forma encantadora.

— Sua conversa sempre me dá prazer, senhor. Venha comigo. Podemos conversar enquanto cuido de meus afazeres. — Liderou o caminho pela praia e para o bosque.

— O capitão Llewellyn foi... — começou Schreuder, mas o Gavião o interrompeu:

— Llewellyn era um pirata sanguinário. Eu estava me defendendo de sua traição. — Parou abruptamente e encarou Schreuder, erguendo a manga para exibir a cicatriz protuberante e violácea que desfigurava seu ombro. — Vê isso? Foi o que consegui por confiar em Llewellyn uma vez, antes. Se não o tivesse impedido, seus desesperados teriam caído sobre nós e nos matado onde estávamos. Tenho certeza de que compreende e que está grato por minha intervenção. Poderia ser você a seguir aquele caminho. — Apontou para o grupo de homens que cambaleava pela praia, arrastando os cadáveres de Llewellyn e Vincent Winterton pelas pernas. A cabeça estourada de Llewellyn deixava uma marca vermelha pela areia.

Schreuder olhou horrorizado para o grupo funerário. Reconhecia nas palavras de Cumbrae tanto um aviso como uma ameaça. Além da primeira fileira de árvores, via-se uma série de profundas trincheiras recém-cavadas sobre a área onde uma vez o acampamento de Sir Francis Courtney se estabelecera. Sua cabana se fora, mas em seu lugar havia um buraco de seis metros de profundidade, o fundo cheio de infiltração de água salobra da lagoa. Havia outra extensa escavação no local do velho depósito de especiarias. Parecia que um exército de mineiros estivera trabalhando entre as árvores. Os homens do Gavião arrastaram os cadáveres até o mais próximo desses buracos e os jogaram sem cerimônia para dentro. Os corpos deslizaram pelo lado íngreme e caíram com estrépito na poça ao fundo.

Schreuder pareceu preocupado e indeciso.

— Acho difícil de acreditar que Llewellyn fosse essa pessoa. — Mas Cumbrae não o deixaria terminar.

— Por Deus, Schreuder, duvida de minha palavra? É a confiança que queria demonstrar para comigo? Se minhas ações o ofendem, então é melhor que nos separemos agora. Darei a você uma pinaça do Golden Bough e uma tripulação dos piratas de Llewellyn para ajudá-lo a fazer seu próprio caminho de volta a Boa Esperança. Pode explicar seus finos escrúpulos ao governador van de Velde. É mais do seu gosto?

— Não, senhor, não é — disse Schreuder, apressadamente. — O senhor sabe que não posso voltar a Boa Esperança.

— Bem, então, coronel, ainda está comigo?

Schreuder hesitou, a observar a tarefa repugnante da equipe de enterro. Sabia que, se confrontasse Cumbrae, provavelmente terminaria no buraco com Llewellyn e os marujos do Golden Bough. Estava sem saída.

— Ainda estou com o senhor — disse, por fim. O Gavião concordou.

— Eis aqui minha mão, então.

Estendeu o enorme punho cheio de sardas, coberto com pêlos duros cor de gengibre. Lentamente, Schreuder esticou o seu e tomou a mão. Cumbrae pôde ver despontando em seus olhos a percepção de que, de agora em diante, estaria fora dos limites considerados razoáveis, e ficou contente de que pudesse por fim confiar em Schreuder. Ao fazer vistas grossas para o massacre dos oficiais e tripulação do Golden Bough, ele se tornara um pirata e um fora-da-lei. Era, em cada sentido, o homem do Gavião.

— Venha comigo, senhor. Deixe-me mostrar-lhe o que fizemos aqui. — Cumbrae mudou de assunto com facilidade e conduziu Schreuder ao largo do túmulo coletivo sem outro olhar para a pilha de cadáveres. — Veja, eu conhecia Francis Courtney muito bem, éramos como irmão. Ainda tenho certeza de que sua fortuna está escondida nas imediações. Ocultou o que tomou do Standvastigheid e do Herlycke Nacht. Pelo sangue de todos os santos, deve haver vinte mil libras enterradas em algum lugar sob essas areias.

Com isso, chegaram à longa e profunda trincheira onde quarenta dos homens de Cumbrae já estavam de volta ao trabalho, com pás. Entre eles havia os três marujos negros que ele comprara no leilão de escravos em Boa Esperança.

— Jiri! — berrou o Gavião. — Matesi! Kimatti!

Os escravos saltaram, lançaram fora as pás e saíram do buraco, depressa, para encarar seu patrão.

— Olhe para essas grandes belezas, senhor. Paguei quinhentos florins por cabeça. Foi a pior barganha em que já me meti. Aqui, diante de seus olhos, o senhor tem a prova viva de que existem apenas três coisas que um negro pode fazer bem. Pode prevaricar, roubar e agir como um porco. — O Gavião deixou escapar uma gargalhada. — Não é verdade, Jiri?

— Sim, meu senhor — Jiri sorriu e concordou. — É a própria verdade de Deus.

O Gavião parou de rir tão de repente como começara.

— O que sabe sobre Deus, seu pagão? — rosnou, e, com um poderoso giro do punho, jogou Jiri de volta para dentro do buraco. — Voltem ao trabalho todos três!

Eles pegaram suas pás e atacaram o fundo do buraco em movimentos frenéticos, mandando terra a voar sobre o parapeito numa nuvem. Cumbrae postou-se acima deles, mãos nos quadris.

— Escutem-me, seus filhos da meia-noite. Disseram que o tesouro que procuro estava enterrado aqui. Bem, então, encontrem-no para mim ou não virão comigo quando eu partir. Enterrarei todos os três nessa sepultura que estão cavando com suas próprias patas de carvão. Ouviram?

— Ouvimos, meu senhor — responderam eles, em coro.

Ele tomou o braço de Schreuder num aperto amistoso e conduziu para longe.

— Tenho de aceitar o triste fato de que eles realmente nunca souberam do paradeiro do esconderijo secreto de Franky. Estiveram me engabelando durante todos esses meses. Meus camaradas e eu estamos fartos desse joguinho nos molhes. Deixe-me oferecer-lhe a hospitalidade de minha humilde casa e uma caneca de uísque, e você poderá me contar o que sabe sobre essa bela guerrinha que está havendo entre o grão-mogol e o padre. Parece que você e eu, bem que poderíamos encontrar melhor ocupação e mais lucro em algum lugar além daqui, na lagoa do Elefante.

Aluz do fogo, Hal estudou seu bando enquanto comiam, com voraz apetite, o jantar de carne defumada. A caçada fora pobre naqueles últimos dias, e a maioria deles estava cansada. Seus próprios

marujos nunca tinham sido escravos. O trabalho nas muralhas do castelo de Boa Esperança não os quebrara ou acovardara. Na verdade, tinha-os enrijecido, e agora a longa marcha lhes dava têmpera. Hal não podia querer mais: eram guerreiros resolutos e treinados. Gostava de Althuda e confiava nele, porém ele fora um escravo desde a infância e alguns de seus homens jamais seriam lutadores. Sabah era um desapontamento. Não preenchia as expectativas de Hal. Tornara-se hostil e obstrutivo. Furtava-se de seus deveres e contestava as ordens que Hal lhe dava. Seu grito favorito era:

— Não sou mais um escravo! Nenhum homem tem o direito de me comandar!

Sabah não se sentiria bem se comparado aos marujos do Gavião, pensou Hal, mas ergueu os olhos e sorriu quando Sukeena veio sentar-se a seu lado.

— Não faça de Sabah um inimigo — murmurou ela, baixinho.

— Não quero isso — retrucou ele —, mas cada homem entre nós deve fazer sua parte. — Ele a fitou com ternura. — Você vale mais que dez homens como Sabah, porém hoje eu a vi tropeçar mais de uma vez, e quando achou que eu não estava olhando, havia dor em seus olhos. Está adoentada, minha querida? Estou realmente forçando o passo?

— Você é muito afetuoso, Gundwane. — Ela lhe sorriu. — Caminharei com você até os próprios portões do inferno e não reclamarei.

— Sei que o faria, e isso me preocupa. Se não reclama, como saberei o que a aflige?

— Nada me aflige — assegurou-lhe ela.

— Jure então — insistiu ele. — Você não está escondendo qualquer doença de mim.

— Juro com este beijo. — Ofereceu-lhe os lábios. — Tudo está bem como Deus sempre pretendeu. E provarei a você. — Tomoulhe a mão e conduziu-o ao canto escuro da paliçada onde ela arrumara a cama.

Embora seu corpo se juntasse ao dele com tanta doçura como antes, havia um langor e uma suavidade no ato de amor que eram estranhos e, mesmo que o deliciasse enquanto a paixão fervia, depois o deixou com uma sensação de inquietude e perplexidade. Ele estava ciente de que algo tinha mudado, porém não sabia dizer exatamente o quê.

No dia seguinte, ele a observou cautelosamente durante a longa marcha, e pareceu-lhe que, no terreno mais escarpado, o passo de Sukeena não era tão ágil como já fora. Então, quando o calor estava mais forte, ela perdeu o lugar na coluna e começou a ficar para trás. Zwaantie foi ajudá-la a passar pelo trecho rude na trilha de elefante que estavam seguindo, porém Sukeena disse alguma coisa asperamente e lhe afastou a mão. Hal diminuiu o passo, quase imperceptivelmente, para dar-lhe um descanso, e anunciou a parada do meio-dia mais cedo do que o fizera nos dias precedentes.

Sukeena dormiu ao lado dele naquela noite com uma imobilidade de morta, enquanto Hal jazia acordado. Já então se convencera de que ela não estava bem e que tentava esconder dele sua fraqueza. Enquanto ela dormia, sua respiração era tão leve que ele teve de colocar o ouvido em seus lábios para se acalmar. Abraçou-a, e seu corpo pareceu quente. Uma vez, logo antes do amanhecer, ela gemeu tão dolorosamente que ele sentiu o coração inchar de amor e preocupação por ela. Por fim, também caiu num profundo sono sem sonhos. Quando acordou sobressaltado e estendeu a mão, ela se fora.

Ergueu-se num cotovelo e olhou ao redor da paliçada. O fogo morrera num monte de brasas, mas a lua quase cheia, muito embora baixa a oeste, lançava luz suficiente para que Hal visse que ela não estava ali. Ele pôde divisar a forma escura de Aboli: a estrela da manhã fora quase apagada pela luz mais brilhante da lua, porém queimava logo acima de sua cabeça enquanto ele se sentava de vigia na entrada. Aboli estava acordado, pois Hal o ouviu tossir baixinho e o viu puxar o manto de pele para mais perto em torno dos ombros.

Hal empurrou seu próprio kaross e foi se agachar ao lado dele.

— Onde está Sukeena? — murmurou.

— Saiu faz pouco tempo.

## VIII

— Que caminho tomou?

— O do riacho.

— Você não a impediu?

— Ela ia cuidar das necessidades. — Aboli se voltou para olhá-lo com curiosidade. — Por que a impediria?

— Sinto muito — murmurou Hal de volta. — Não pretendia censurá-lo. Ela me preocupa. Não está bem. Não percebeu?

Aboli hesitou.

— Talvez — concordou. — Mulheres são filhas da lua, que ainda tem umas poucas noites até ficar cheia, e assim talvez seu período esteja em fluxo.

— Vou atrás dela.

Hal levantou-se e desceu a rude trilha em direção à lagoa rasa onde tinham se banhado na noite anterior. Estava prestes a lhe chamar o nome quando ouviu um som que o silenciou e alarmou. Parou e apurou os ouvidos, ansioso. O som veio de novo, o som de dor e aflição. Ele avançou em frente e avistou-a no banco de areia, ajoelhada ao lado da lagoa. Jogara de lado a manta, e a luz reluzia em sua pele nua, emprestando-lhe a patina de um marfim polido. Estava dobrada numa convulsão de dor e enfermidade. Enquanto ele a observava, aflito, ela teve um espasmo e vomitou na areia.

Ele correu e jogou-se de joelhos ao lado dela. Sukeena fitou-o em desespero.

— Não deveria me ver assim — murmurou, com voz rouca, e então virou a cabeça e vomitou de novo.

Hal envolveu-a com o braço pelos ombros nus. Ela estava fria e tremendo.

— Está doente. Oh, meu amor, por que não me respondeu direito? Por que tentou esconder isso de mim?

Ela enxugou a boca com as costas da mão.

— Não deveria ter me seguido — disse. — Não queria que você soubesse.

— Se está doente, então eu preciso saber. Deveria confiar o suficiente em mim para me contar.

— Não queria ser um fardo para você. Não queria que atrasasse a marcha por minha causa.

Ele a abraçou.

— Você jamais será um fardo para mim. E a respiração de meus pulmões e o sangue em minhas veias. Conte-me agora de verdade o que a aflige, minha querida.

Ela suspirou e estremeceu contra Hal.

— Oh, Hal, perdoe-me. Eu não queria que isso acontecesse ainda. Tomei todos os remédios que conheço para evitar.

— O que é? — Ele estava confuso e aflito. — Por favor, diga.

— Estou carregando seu filho em meu ventre. — Ele a fitou, atônito, e não pôde nem se mover nem falar. — Por que está calado? Por que me olha assim? Por favor, não fique zangado comigo.

De repente, ele a agarrou contra o peito com toda a força.

— Não é raiva que trava minha língua. É alegria. Alegria por nosso amor. Alegria pelo filho que me prometeu.

Naquele dia, Hal mudou a ordem da marcha e levou Sukeena para caminhar com ele à vanguarda da coluna. Embora ela protestasse, risonha, ele tomou-lhe a cesta da mão e somou-a a sua própria bagagem. Aliviada do peso, ela foi capaz de caminhar com ligeireza e ficar ao lado dele sem problemas. Mesmo

assim, Hal tomoulhe a mão nos lugares mais difíceis, e ela não relutou quando viu o prazer que dava a ele protegê-la e mimá-la.

— Não deve contar aos outros — murmurou ela —, caso contrário irão querer diminuir a marcha por minha causa.

— Você é tão forte quanto Aboli e Daniel Grande — assegurou-lhe ele, com firmeza —, porém não contarei a eles.

Assim, guardaram seu segredo, a caminhar de mãos dadas e sorrindo um para o outro em tal evidente felicidade, que, mesmo que Zwaantie não contasse a Althuda e este a Aboli, teriam imaginado. Aboli sorriu como se ele próprio fosse o pai e encheu Sukeena de tantos agrados e atenção, que mesmo Sabah, no fim, adivinhou a razão para aquele novo ânimo que dominava agora o bando.

O terreno pelo qual estavam passando agora se tornou mais denso de florestas. Algumas das árvores eram monstruosas e pareciam, como grandes flechas, espetar os próprios céus.

— Já deviam ser antigas quando Cristo, o Salvador, nasceu nesta terra! — maravilhou-se Hal.

Com os prudentes conselhos e a orientação de Aboli, estavam chegando a um acordo com aquele terreno selvagem e os grandes animais que nele abundavam. O medo não mais era seu constante companheiro, e Hal e Sukeena tinham aprendido a extrair prazer de toda a estranheza e beleza que havia ao redor. Paravam no cume de uma colina para observar uma águia planar no vento alto com asas imóveis, ou para apreciar um minúsculo pássaro de um metálico reluzente, não maior que o polegar de Sukeena, conforme se alçava suspenso diante de uma flor para sugar o néctar com o bico curvado que parecia tão longo quanto seu corpo.

A pastagem pululava com uma exuberância de animais estranhos que desafiavam sua imaginação. Havia manadas do mesmo cervo azul que tinham encontrado primeiro abaixo das montanhas, e cavalos selvagens barrados com listras extensas de creme, castanho-avermelhado e preto. Muitas vezes viam, à frente, entre as árvores, as formas escuras e gigantescas do rinoceronte de chifres duplos, mas tinham aprendido que aqueles animais medonhos eram quase cegos, e que poderiam evitar sua investida selvagem e cheia de bufos fazendo um curto desvio pela trilha.

Nas pradarias, além das florestas, havia bandos de pequenas gazelas cor de canela, tão numerosos que se moviam como fumaça pelas colinas. Seus flancos eram rajados com uma faixa horizontal chocolate e os chifres em formato de lira coroavam suas delicadas cabeças. Quando alarmados pela vista de figuras humanas, disparavam com estonteante leveza nos cascos, saltando alto no ar e deixando ver de relance uma pluma cor de neve sobre as costas. Cada fêmea era seguida por um pequeno filhote, e Sukeena bateu palmas, deliciada, e soltou exclamações de prazer ao ver os jovens animais mamando ou brincando com seus iguais. Hal a observava com ternura, sabendo agora que ela também carregava uma criança dentro de si, partilhando de sua alegria ao admirar os rebentos das outras espécies e deleitando-se com ela no segredo que julgavam esconder dos outros.

Leu o ângulo do sol do meio-dia, e todos do bando se reuniram em torno dele para observá-lo marcar a posição na carta. A corrente de pontos na folha do pesado pergaminho rumava lentamente rumo à depressão do litoral que estava marcada no mapa holandês como Buffels Baai ou baía dos Búfalos.

— Não estamos a mais que cinco léguas da lagoa agora. — Hal ergueu os olhos da carta.

Aboli concordou.

— Quando estávamos fora, caçando, esta manhã, reconheci as colinas adiante. Do terreno alto, vi a linha de nuvem baixa que marca a costa. Estamos muito próximos.

— Precisamos avançar com cautela — alertou Hal. — Podemos correr perigo se saquearmos o Gull. Este é um lugar favorável para assentar um acampamento mais permanente. Há abundância de água e lenha e um bom panorama daquela colina. De manhã, Aboli e eu deixaremos o resto de vocês aqui,

enquanto vamos adiante para descobrir se o Gull está realmente ancorado na lagoa do Elefante.

Uma hora antes do amanhecer, Hal chamou Daniel Grande de lado e entregou Sukeena a seus cuidados.

— Guarde-a bem, mestre Daniel. Nunca a deixe fora de sua vista.

— Não tenha medo, capitão. Ela estará segura comigo.

Tão logo havia luz suficiente para ver a trilha que conduzia a leste, Hal e Aboli deixaram o acampamento. Sukeena caminhou uma curta distância com eles.

— Deus o guie, Aboli — Sukeena abraçou-o. — Cuide de meu homem-

— Cuidarei dele enquanto você cuida de seu filho.

— Seu patife monstruoso! — Ela o atingiu com um soco de brincadeira no grande peito largo. — Como sabe de tudo? Estávamos certos de que tínhamos isso em segredo até mesmo de você. — Voltou-se, rindo, para Hal. — Ele sabe!

— Então, tudo está perdido. — Hal meneou a cabeça. — Pois no dia em que nascer, esse patife vai tomá-lo como seu, assim como fez comigo.

Ela ficou a observálos subir a colina e acenar do cume. Porém, quando desapareceram, o sorriso estremeceu nos seus lábios, e uma única lágrima traçou seu caminho por sua face. No caminho de volta, ela parou ao lado do riacho e lavou o rosto. Quando entrou no acampamento outra vez, Althuda olhou para ela, tirando os olhos da lâmina de espada que polia, e sorriu, sem suspeitar de sua aflição. Maravilhou-se de como ela parecia bela e fresca, mesmo depois de todos aqueles meses de jornada dura por aquela região.

Quando haviam estado ali pela última vez, Hal e Aboli tinham caçado e explorado aquelas colinas acima da lagoa. Conheciam o correr do rio, e entraram na garganta profunda um quilómetro e meio acima da lagoa, seguindo uma trilha de elefante para baixo, para um vau raso que conheciam. Não se aproximaram da lagoa daquela direção.

— Pode haver grupo de aguadeiros do Gull — avisou Aboli.

Hal concordou e decidiu ir para cima, para o outro lado da garganta e num largo circuito em torno das costas da colina, fora da vista da lagoa.

Subiram o declive até que estavam poucos passos abaixo da linha do horizonte. Hal sabia que a caverna de antigas pinturas na rocha, onde ele e Katinka tinham se encontrado, ficava logo acima do cume em frente a eles e que, do parapeito, teriam uma vista panorâmica desde a lagoa até as pontas rochosas e o oceano além.

— Use aquelas árvores para disfarçar sua silhueta da linha do céu disse Aboli a ele, baixinho.

Hal sorriu.

— Você me instruiu bem. Não esqueci.

Subiu devagar pelos últimos poucos passos, seguido por Aboli, e, gradualmente, a vista lá embaixo do lado oposto abriu-se a seu olhar.

Não via o mar fazia semanas agora, e sentiu o coração saltar e o espírito alçar vôo ao olhar para aquela serena extensão azul, encimada pelas cristas brancas das ondas que corriam diante do sudeste. Era o elemento que regravava sua vida, e ele sentira imensas saudades dele.

— Oh, um navio! — murmurou. — Por favor, Deus, permiti que lá exista um navio!

Conforme subia, diante de seus olhos apareceram os grandes castelos cinzentos das pontas, os bastiões que guardavam a entrada da lagoa. Parou antes de dar outro passo, fortalecendo a si mesmo para o terrível desapontamento de encontrar a ancoragem deserta. Como um jogador no Hazard, apostara sua vida naquele lance de dados do Destino. Forçou-se a dar outro lento passo para cima até a colina, e então ofegou, agarrou o braço de Aboli e enterrou-lhe os dedos nos músculos fortes.



— O Gull — murmurou, como se fosse uma prece de agradecimento. — E não está sozinho! Há um outro belo navio com ele.

Por um longo momento, nenhum dos dois falou outra vez, até que Aboli disse, baixinho:

— Encontrou o navio que prometeu a eles. Se puder capturá-lo, será um capitão por fim, Gundwane.

Subiram adiante e, no cume da colina, afundaram de barriga e olharam pela extensa lagoa, abaixo.

— Que navio é aquele com o Gull — perguntou Hal. — Não posso divisar seu nome daqui.

— É uma nau inglesa — disse Aboli, com certeza. — Nenhum outro cruzaria sua verga da vela do joanete da mezena daquele jeito.

— Galesa, talvez. Tem um caimento em suas proas e um estilo vigoroso em sua curvatura para cima. Deve ter sido construída na costa ocidental.

— É possível, porém, quem quer que seja, é uma nau de guerra. Olhe para aqueles canhões. Deve haver poucas que se comparem a ela em sua classe — murmurou Aboli, pensativo.

— Nem mesmo o Gull — Hal fitou a nau com olhos cobiçosos. Aboli meneou a cabeça.

— Não se atreva a tentar tomá-la, Gundwane. Certamente pertence a um honesto capitão do mar inglês. Se puser as mãos nela, nos tornará a todos piratas. Melhor tentarmos o Gull.

Por outra hora, ficaram deitados no topo da colina, conversando e planejando baixinho enquanto estudavam os dois navios e o acampamento entre as árvores na praia, perto da lagoa.

— Céus! — exclamou Hal, abruptamente. — Aquele é o próprio Gavião. Eu reconheceria aquela touceira de cabelos cor de fogo em qualquer lugar. — Sua voz estava aguda de ódio e raiva. — Está indo para o outro navio. Veja como sobe a escada sem ao menos pedir licença, como se fosse seu dono.

— Quem o está cumprimentando na escada de tombadilho? — perguntou Aboli. — Juro que conheço aquele andar e a careca brilhando ao sol.

— Não pode ser Sam Bowles a bordo daquela fragata... mas é! — admirou-se Hal. — Há algo muito estranho acontecendo aqui, Aboli. Como poderemos descobrir o que é?

Enquanto observavam, o sol começou a deslizar para o céu ocidental, e Hal tentou manter a raiva sob controle. Lá estavam os dois homens responsáveis pela morte terrível de seu pai. Reviveu cada detalhe de sua agonia e odiou Sam Bowles e o Gavião até que percebeu que suas emoções poderiam sobrepujar a razão. Seu forte instinto era jogar tudo o mais de lado, descer correndo para se confrontar com eles e buscar vingança pela agonia e morte do pai.

Não devo deixar que isso aconteça, disse a si mesmo. Devo pensar primeiro em Sukeena e no nosso filho que ela carrega.

Aboli tocou-lhe o braço e apontou para baixo, na colina. Os raios do sol que se afundava tinham mudado o ângulo das sombras das árvores da floresta, de maneira que podiam ver mais claramente através delas pelo acampamento.

— O Gavião está cavando fortificações lá embaixo. — Aboli estava intrigado. — Porém, não há planos nelas. Suas trincheiras são todas desorganizadas.

— No entanto, todos os seus homens parecem estar no trabalho das escavações. Deve haver algum plano... — Hal interrompeu-se e caiu na gargalhada. — Claro! Eis por que ele voltou para a lagoa. Ainda está procurando pelo esconderijo de meu pai.

— Está bem distante dele. — Aboli soltou uma risadinha. — Talvez Jiri e Matesi o tenham enganado deliberadamente.

— Pela doce Maria, claro que aqueles patifes pregaram uma peça nele. Cumbrae comprou mais do que barganhou no mercado de escravos. Vão torcer o nariz enquanto fingem se comportar com humildade e o chamam de "meu senhor". — Sorriu ao pensamento, e depois ficou sério de novo. — Acha que ainda podem estar lá embaixo, ou o Gavião já os matou?

— Não, ele os manterá vivos enquanto julgar que são de valor. Ele está cavando, portanto ainda está esperando. Minha impressão é que estão ainda vivos.

— Precisamos procurar por eles. — Por outra hora, ficaram no topo da coluna, em silêncio, e então Hal disse: — A maré está mudando. A fragata estranha está girando nas amarrações. — Viram-na se curvar e fazer uma cortesia para a maré com uma graça imponente, e depois Hal falou de novo: — Agora posso ver o nome na prancha, mas é difícil de ler. Golden Swan! Golden Hart! Não, acho que não. É o Golden Bough.

— Um belo nome para um belo navio — disse Aboli, e então saltou e apontou excitado para a rede de trincheiras e buracos entre as árvores. — Há homens pretos saindo daquele canal estreito, três deles. É Jiri? Seus olhos são mais agudos que os meus.

— Céus! E ele sim, e Matesi e Kimatti atrás dele.

— Estão sendo levados para uma cabana perto da beira d'água. Deve ser lá que os trancam durante a noite.

— Aboli, precisamos falar com eles. Descerei tão logo esteja escuro e tentarei chegar àquela cabana. A que horas será o nascer da lua?

— Uma hora antes da meia-noite — respondeu-lhe Aboli. — Mas não o deixarei ir. Fiz uma promessa a Sukeena. Além disso, sua pele branca brilha como um espelho. Eu irei.

Completamente nu, Aboli vadeou a lagoa pelo lado mais afastado da praia até que a água chegou a seu queixo e avançou num nado de cachorrinho que não fazia borrifos e deixava apenas uma silenciosa esteira oleosa atrás de sua cabeça. Quando chegou a terra, ficou nos baixos até que teve certeza de que a praia estava vazia. Então engatinhou rapidamente pela areia aberta e apertou-se contra o tronco da primeira árvore.

Uma ou duas fogueiras de cozinha estavam queimando no bosque, e, de lá, ele ouvia o som de vozes de homens e um ocasional retalho de canção ou o espocar de uma risada. As chamas lhe davam luz suficiente para discernir a cabana onde os escravos estavam aprisionados. Perto da frente dela, ele avistou o brilho de uma mecha de queima lenta na trava de um mosquete e, por causa disso, deduziu que havia uma única sentinela, sentada de costas para uma árvore que cobria a porta da cabana.

São descuidados, pensou. Um único guarda, e ele parece estar adormecido.

Avançou em frente de gatinhas, mas, antes que alcançasse a parede dos fundos da cabana, ouviu passos e correu depressa para o abrigo de outro tronco de árvore e agachou-se ali. Dois dos marujos do Gavião vinham caminhando despreocupadamente pelo bosque em direção a ele. Discutiam em voz alta.

— Não viajarei com aquele fuinha — declarou um. — Ele cortaria uma garganta por diversão.

— Você também, Willy MacGregor.

— Sim, mas não estaria usando uma lâmina cega, como Sam Bowles.

— Vá com quem quer que o Gavião diga que irá, e ponto final para sua choradeira — anunciou, seu parceiro e parou ao lado da árvore onde Aboli se agachava. Puxou as calças e urinou com ruído no tronco. — Pelos bagos do diabo, mesmo com Sam Bowles como capitão, ficarei bastante feliz em dar o fora deste lugar. Deixei a bela Escócia para escapar da mina de carvão, e aqui estou, cavando buracos de novo. — Sacudiu as gotas do pênis vigorosamente, e os dois se afastaram.

Aboli esperou até que estavam bem distantes e então se arrastou até a parede dos fundos da cabana. Descobriu que era rebocada com argila não queimada, mas que os pedaços estavam caindo do esquadro de galhos trançados por debaixo. Engatinhou lentamente ao longo da parede, experimentando cada vão com um talo de grama, até que achou uma frincha pela qual o talo passou. Colocou os lábios na abertura e murmurou baixinho:

— Jiri!

Ouviu um movimento de salto no lado oposto da parede; um momento depois, um murmúrio temeroso veio de volta.

— É a voz de Aboli, ou é seu fantasma?

— Estou vivo. Aqui, sinta o calor de meu dedo. Não é a mão de um homem morto.

Cochicharam um com o outro por quase uma hora antes que Aboli deixasse a cabana e rastejasse de volta à praia. Esgueirou-se nas águas da lagoa como uma lontra.

A alvorada pintara o céu do leste com as cores de limões e damascos maduros quando Aboli escalou a colina outra vez até onde deixara Hal. Ele não estava na caverna, mas quando Aboli emitiu um suave trinado de passarinho, Hal saiu de trás das trepadeiras penduradas que fechavam a entrada, o alfanje na mão.

— Tenho novidades — disse Aboli. — Por uma vez, os deuses foram gentis.

— Conte-me! — exigiu Hal com ansiedade, enquanto embainhava de novo a lâmina.

Sentaram-se lado a lado à entrada da caverna, de onde podiam manter plena visão da lagoa sob seus olhos, enquanto Aboli relatava em detalhes tudo que Jiri pudera contar-lhe.

Hal soltou uma exclamação indignada quando Aboli descreveu o massacre do capitão e dos homens do Golden Bough, e a maneira como Sam Bowles afogara os feridos como gatinhos indesejados nos baixios da lagoa.

— Mesmo para o Gavião, é um feito que recende ao próprio inferno.

— Nem todos foram mortos — disselhe Aboli. — Jiri diz que um grande número de sobreviventes está trancado no porão principal do Golden Bough. — Hal ficou pensativo. — Diz também que o Gavião deu o comando do Golden Bough a Sam Bowles.

— Céus, aquele patife subiu na vida — exclamou Hal. — Mas isso tudo poderia trabalhar a nosso favor. O Golden Bough se tornou um navio pirata e é agora uma caça justa para nós. Contudo, será uma empreitada perigosa caçar o Gavião em seu próprio ninho. — Caiu num longo silêncio, e Aboli não o perturbou.

Por fim, Hal ergueu os olhos, e era evidente que chegara a alguma decisão.

— Jurei a meu pai nunca revelar aquilo que vou lhe mostrar agora. Porém, as circunstâncias mudaram. Ele iria me perdoar, eu sei. Venha comigo, Aboli.

Hal conduziu para a encosta posterior da colina e depois virou em direção à garganta do rio. Encontraram uma trilha feita por babuínos e escorregaram pelo declive até o fundo. Lá, Hal voltou-se corrente acima, e os penhascos se tornaram mais altos e mais íngremes conforme avançavam. Em alguns lugares, eram forçados a entrar na água e vadear ao longo dos penedos. A cada poucas centenas de metros, Hal parava para avaliar seu rumo, até que por fim resmungou de satisfação ao divisar a árvore morta. Andou pela água até a beira da margem e subiu em terra, começando a escalar a parede rochosa.

— Aonde está indo, Gundwane? — gritou Aboli, atrás dele.

— Siga-me — respondeu Hal, e Aboli deu de ombros, começando a subir atrás dele.

Soltou uma risada quando Hal de repente estendeu o braço e lhe deu a mão para que subisse até a estreita saliência que não pudera ver do lado de baixo.

— Isso tem o cheiro da toca do capitão Franky — disse. — O Gavião teria poupado a si mesmo um bocado de trabalho procurando aqui em vez de cavar buracos no bosque, estou certo?

— Por aqui.

Hal arrastou-se ao longo da saliência com as costas contra o penhasco, protegendo-se ao máximo do abismo de trinta metros que se abria sob seus pés. Quando chegou ao lugar em que a saliência se alargava e o penedo dividia a face, parou para examinar as rochas que bloqueavam a entrada.

— Não houve visitantes, nem mesmo os macacos — disse, com alívio, e começou a tirar as pedras da

abertura.

Quando havia espaço para passar, ele se esgueirou para dentro e bateu na escuridão à procura da pederneira e da caixa de aço e a vela que seu pai colocara na saliência acima do nível da cabeça. A mecha se inflamou ao terceiro golpe do aço na pederneira, e ele acendeu a vela e segurou-a no alto.

Aboli riu na luz amarelada ao olhar para o monte de sacos de lona e baús.

— É um homem rico, Gundwane. Mas que utilidade tem todo esse ouro e prata para você agora? Não lhe comprará um bocado de comida ou um navio para levar isso tudo para longe.

Hal foi até o baú mais próximo e ergueu a tampa. As barras de ouro luziram sob a luz da vela.

— Meu pai morreu para me deixar este legado. Eu haveria de preferir que estivesse vivo e eu fosse um mendigo. — Bateu a tampa e olhou de novo para Aboli. — A despeito do que possa pensar, não estamos aqui pelo ouro — disse. — Vim por isto. — Chutou a barrica de pólvora ao lado. — E aquilo! — Apontou para os mosquetes e espadas que estavam empilhados contra a parede oposta da caverna. — E isto também! — Foi até onde os blocos de polia e o guindaste estavam empilhados num monte e pegou uma das cordas de cânhamo que ele e o pai tinham usado. Testou-lhe a força esticando um pedaço por sobre as costas e puxando, para parti-la com os braços e os ombros.

— Ainda está forte e não apodreceu — deixou cair o rolo —, portanto temos tudo de que precisamos aqui.

Aboli veio sentar-se no baú ao lado dele.

— Portanto, você tem um plano. Então, partilhe-o comigo, Gundwane. Ouviu calado enquanto Hal o expunha e, por uma ou duas vezes,

fez um gesto de aprovação ou uma sugestão.

aquela mesma manhã, partiram para o acampamento de base e, viajando depressa, a trotar e a correr a maior parte do caminho, chegaram a ele logo antes do meio-dia. Sukeena viu-os

subindo a colina e veio correndo para alcançá-los. Hal apertou-a nos braços e virou-a no ar, então se controlou e colocou-a no chão com grande cuidado, como se ela estivesse vestida de um tecido diáfano de teias de aranha que pudesse facilmente se romper.

— Perdoe-me, tratei-a com rudeza.

— Sou sua para tratar como quiser, e ficarei mais feliz com isso. — Agarrou-se a ele e beijou-o. — Diga-me o que descobriu. Há um navio na lagoa?

— Um navio. Um navio elegante. Um belo navio, mas não tão adorável quanto você.

Com Hal a instá-los, desmontaram o acampamento e partiram de imediato. Ele e Aboli iriam de batedores à frente para limpar a trilha e conduzir o bando rumo à lagoa.

Quando chegaram ao rio e desceram a garganta, Hal deixou ali Daniel Grande e todos os outros marujos, a não ser Ned Tyler. Estavam alheios ao fato de que a caverna do tesouro ficava apenas a uma amarra de distância, rio acima.

— Espere por mim aqui, mestre Daniel. Preciso levar os outros para um lugar seguro. Escondam-se bem. Voltarei antes do escurecer.

Aboli foi com eles enquanto Hal conduzia o resto do grupo para cima, para o lado oposto da garganta, e depois os levava por uma volta para as costas das colinas. Aproximaram-se dos bancos de areia que separavam o continente da ilha, na qual tinham construído os navios de fogo.

Já então era fim de tarde, e Hal permitiu que descansassem ali até o cair da noite. Tão logo estava escuro, todos vadearam os baixios, Hal a carregar Sukeena nas costas. Assim que chegaram à ilha, afundaram-se no matagal espesso, onde estavam a salvo de observação a partir do acampamento pirata.

— Sem fogueiras! — avisou-os Hal. — Falem apenas em sussurros. Zwaantie, impeça o pequeno Bobby de chorar. Ninguém deve vagar por aí. Mantenham-se perto. Ned estará no comando quando eu

não estiver aqui. Obedecem a ele.

Hal e Aboli cruzaram a ilha pelo mato até a praia que ficava de frente para a lagoa. Na área onde tinham construído os navios de fogo, o chão estava todo coberto de novo de relva espessa. Tatearam e procuraram pelo mato até que localizaram as duas embarcações de casco duplo que não haviam sido usadas no ataque ao Gull, e as arrastaram para mais perto da praia.

— Será que irão flutuar? — perguntou Aboli, em dúvida.

— Ned fez um bom trabalho nelas, e parecem fortes o bastante — disselhe Hal. — Se descarregarmos os combustíveis, então flutuarão mais alto na água.

Livraram as embarcações de sua carga de lenha seca encharcada de breu.

— Está melhor — disse Hal, com satisfação. — Ficarão mais leves e mais fáceis de manejar agora.

Esconderam-nas de novo, cobrindo-as com galhos.

— Ainda há muito a fazer antes do nascer do dia. — Hal conduziu Aboli de volta até onde a maioria do grupo de Althuda já estava dormindo. — Não acorde Sukeena — avisou ao irmão. — Está exausta e precisa descansar.

— Aonde você vai? — perguntou Althuda.

— Não há tempo para explicar. Voltaremos antes da alvorada. Hal e Aboli cruzaram o canal até o continente e então correram de volta pela floresta na escuridão; porém, ao chegarem à linha das colinas, Hal parou e disse:

— Há uma coisa que preciso encontrar.

Voltou rumo às luzes bruxuleantes do acampamento pirata, movendo-se lentamente e parando sempre para se orientar, até que por fim estacou na base de uma árvore alta.

— É esta.

Com a ponta do alfanje, cutucou a terra argilosa e macia em torno das raízes. Sentiu que batia em metal e caiu de joelhos. Cavou com as mãos nuas e depois ergueu a corrente de ouro e levou-a ao alto para captar a luz das estrelas.

— Este é o selo de Nautonnier de seu pai — reconheceu-o Aboli de imediato.

— O anel também. E o medalhão com o retrato de minha mãe. — Hal levantou-se e limpou a terra úmida do vidro que protegia a miniatura. — Com isso em minhas mãos, sinto-me um homem inteiro de novo. — Enfiou os tesouros em seu bolso de couro.

— Vamos embora, antes que sejamos descobertos.

Passava da meia-noite quando, mais uma vez, escorregaram pelo lado da garganta e Daniel Grande os confrontou baixinho ao chegarem à margem do rio.

— Sou eu — sossegou-o Hal, e os outros emergiram de onde estavam escondidos. — Fiquem aqui — ordenou Hal. — Aboli e eu voltaremos logo.

Os dois subiram corrente acima. Hal escalou o penhasco até a saliência e abriu caminho pelas trevas até a caverna. Trabalhando sob a luz débil da vela, amarrou os alfanjes em feixes de dez e depois os empilhou na entrada. Esvaziou um dos baús de seu precioso conteúdo, colocando as barras de ouro desdenhosamente num canto da caverna, e enfiou nele vinte pistolas no baú vazio.

Depois, os dois rolaram as barricadas de pólvora com a mecha de queima lenta para a estreita saliência e assentaram o guindaste e os blocos de polia com a corda passando por elas. Hal desceu pelo penhasco. Quando chegou à margem do rio, assobiou baixinho. Aboli desceu os feixes de armas e as barricadas para ele.

Era um trabalho pesado, mas os grandes músculos de Aboli o faziam parecer leve. Quando terminaram, Aboli desceu para se juntar a Hal, e começaram o fatigante transporte das mercadorias para baixo, até onde Daniel Grande e os outros marujos esperavam.

— Reconheço isto aqui. — Daniel Grande soltou uma risadinha ao correr as mãos sobre um feixe de alfanjes e examinando-os à luz do luar.

— Aqui tem algo mais que irá reconhecer — disselhe Hal, e deu-lhe duas das pesadas barricas de pólvora para carregar.

Com todos eles suportando tanto quanto suas costas poderiam aguentar, escalaram com dificuldade o lado da garganta, deixaram seus fardos e depois escorregaram para baixo de novo para buscar a próxima carga. Por fim, plenamente carregados, avançaram pela floresta. Hal fez apenas um desvio, para esconder as duas barricas de pólvora, um feixe de mechas de queima lenta e três alfanjes na caverna das pinturas rupestres. Depois, prosseguiram de novo.

Era quase manhã quando finalmente se juntaram a Althuda e seu bando na ilha. Comeram fria a carne defumada de veado que Sukeena e Zwaantie tinham pronta para eles. Então, quando os outros se enrolaram em seus karosses, Hal puxou Sukeena de lado e mostrou-lhe o grande selo do Nautonnier e o camafeu.

— Onde encontrou isso, Gundwane?

— Escondi-os na floresta no dia em que fomos capturados.

— Quem é a mulher? — Ela estudou o retrato.

— Edwina Courtney, minha mãe.

— Oh, Hal, ela é linda. Você tem os olhos dela.

— Dê a meu filho esses mesmos olhos.

— Tentarei. Com todo o meu coração, tentarei.

No fim da tarde, Hal acordou os outros e designou-lhes as tarefas. — Sabah, tire as pistolas do baú e limpe as cargas. Recarregue-as e depois coloque-as de volta no baú para mantê-las secas. O outro homem começou a trabalhar de imediato.

— Daniel Grande me ajudará a carregar os botes. Ned, leve as mulheres até a praia e explique a elas como ajudá-lo a lançar o segundo bote quando chegar a hora. Devem deixar tudo o mais para trás. Não haverá nem espaço nem tempo para cuidar de bagagem extra.

— Mesmo meus sacos? — perguntou Sukeena. Hal hesitou e depois confirmou, com firmeza:

— Mesmo seus sacos — disse, e Sukeena não discutiu, enviando-lhe simplesmente um olhar modesto de sob os cílios, antes que ela e Zwaantie, carregando Bobby amarrado às costas, seguissem Ned pelas árvores.

— Venha comigo, Aboli.

Hal tomoulhe o braço, e os dois se moveram em silêncio até a extremidade da ilha. Então, avançaram em frente de gatinhas até que puderam deitar e olhar pela extensão aberta de água para a praia, onde os botes do Gull e do Golden Bough estavam parados acima do acampamento.

Enquanto mantinham vigilância, Hal explicou os detalhes mais sutis e as pequenas modificações de seu plano original. De vez em quando, a cabeça tatuada de Aboli fazia um gesto de concordância. Por fim, ele disse:

— É um plano bom e simples, e se os deuses forem gentis, funcionará.

Ao pôr-do-sol, estudaram os dois navios ancorados no canal e observaram a atividade na praia. Conforme ficava mais escuro, as equipes de homens que tinham trabalhado durante todo o dia, cavando as trincheiras do Gavião, eram liberadas. Alguns desciam para se banhar na lagoa. Outros remavam para seus alojamentos no Gull.

A fumaça de suas fogueiras de cozinha espiralava pelas árvores e se espalhava numa pálida névoa azul pelas águas. Hal e Aboli podiam sentir o cheiro de peixe grelhado na brisa. Os sons perpassavam claramente pela água calma. Podiam ouvir as vozes dos homens e mesmo entender alguma coisa do que

estavam dizendo, uma jura gritada ou uma discussão explosiva. Por duas vezes Hal teve certeza de reconhecer a voz do Gavião porém não tiveram nenhum sinal posterior dele.

Logo quando a escuridão começou a cair, um escaler se afastou do lado do Golden Bough e rumou em direção à praia.

— Aquele é Sam Bowles na popa — disse Hal, e sua voz estava cheia de desprezo.

— Capitão Bowles agora, se o que Jiri me disse é verdade — corrigiu-o Aboli.

— Está quase na hora de ir em frente — disse Hal, quando as formas dos navios ancorados começaram a se mesclar com a massa escura da floresta atrás deles. — Você sabe o que fazer, e Deus o acompanhe, Aboli. — Agarrou-lhe o braço por um breve instante.

— E a você também, Gundwane.

Aboli levantou-se e desceu para a água. Não fez nenhum ruído ao nadar pelo canal deixando apenas uma leve trilha fosforescente na superfície escura.

Hal encontrou seu caminho de volta pelo mato, até onde os outros esperavam ao lado das formas desengonçadas dos dois navios de fogo. Pediu que se sentassem num círculo apertado a seu redor, enquanto falava baixinho, por fim fez cada um repetir suas instruções e corrigiu-os quando erravam.

— Agora nada mais resta além de esperar que Aboli faça seu trabalho.

Aboli chegou ao continente e saiu da água com toda a pressa. Moveu-se silenciosamente pela floresta, e a brisa quente secou seu corpo antes que ele chegasse à caverna das pinturas rupestres. Agachou-se ao lado das barricadas de pólvora e fez seus preparativos, como Hal o instruíra.

Cortou dois estopins da mecha de queima lenta. Um tinha apenas uma braça de comprimento, porém o segundo era uma serpentina de dez metros de extensão. O atraso de tempo era um cálculo impreciso; o primeiro deveria queimar por dez minutos, e o segundo, por quase três vezes mais.

Aboli trabalhou rapidamente, e quando ambas as barricadas estavam prontas, amarrou o feixe de três alfanjes nas costas, girou uma barrica de pólvora para cada ombro e saiu da caverna. Recordou-se que, na noite anterior, quando visitara a cabana em que Jiri e os outros escravos eram mantidos presos, percebera que os homens do Gavião tinham se tornado descuidados. Os meses monótonos que tinham passado acampados ali, acalentara-os e tornara-os complacentes. As sentinelas não mais se mostravam vigilantes. Mesmo assim, ele não confiaria em sua indolência.

Em movimentos furtivos, aproximou-se do acampamento, até que podia divisar claramente as feições dos homens sentados ao lado das fogueiras de cozinha. Reconheceu muitos, porém não havia nenhum sinal nem de Cumbrae nem de Sam Bowles. Assentou a primeira barrica num trecho de mato no perímetro do acampamento, tão perto quanto se atreveu a se aproximar, e, depois, sem acender o estopim, afastou-se até que chegou a uma das trincheiras em que os homens do Gavião vinham cavando em busca do tesouro.

Colocou a barrica com o estopim mais longo na borda da trincheira e cobriu-a com areia e cascalho da escavação. Depois, estendeu o estopim enrolado e levou a ponta para baixo, para dentro da trincheira. Agachou-se ali e protegeu a pederneira e o aço com o corpo para que o luzir das fagulhas não alertasse os homens no acampamento quando ele acendesse a mecha de queima lenta. Quando estava luzindo firme, incendiou o estopim com ela e observou por um minuto para ter certeza de que estava queimando bem. Depois, subiu a trincheira e movimentou-se rápida e silenciosamente de volta até a primeira barrica. Com a mecha na mão, acendeu o estopim mais curto.

— A primeira explosão os fará correr — havia explicado Hal. — Então, a segunda barrica irá pelos ares em suas caras.

Ainda carregando o feixe de alfanjes, Aboli afastou-se depressa. Havia sempre o perigo de que a chama de um dos estopins pudesse saltar em frente e explodir a barrica antes da hora. Assim que estava

seguro, Aboli continuou com mais cautela e encontrou a trilha que corria em direção à praia. Por duas vezes foi forçado a deixar o caminho, quando outras figuras vieram em sua direção no escuro. Uma vez, não foi rápido o bastante, porém enfrentou descaradamente o sujeito, trocando um "Boa noite!" resmungado com o pirata que passou por ele.

Avistou a cabana de barro contra o brilho das fogueiras e arrastou-se para a parede dos fundos. Jiri respondeu de imediato a seu sussurro.

— Estamos prontos, irmão. — Seu tom era claro e forte, não mais o desalentado choramingo de escravo.

Aboli pôs no chão o feixe de armas e, com seu próprio alfanje, cortou a tira que os prendia.

— Aqui! — murmurou, e o braço de Jiri se enfiou pela fenda na parede de barro. Aboli passou os alfanjes para ele.

— Espere até que a primeira barrica vá pelos ares — disselhes, através do buraco na parede.

— Certo, Aboli.

Aboli rastejou até o canto da cabana e olhou ao redor. O guarda sentava-se na posição usual em frente à porta. Naquela noite, estava acordado, fumando um cachimbo de barro de tubo longo. Aboli viu o tabaco aceso reluzir no forninho enquanto ele puxava as baforadas. Agachou-se atrás do canto da parede e esperou.

O tempo passou tão lentamente que ele começou a rezear que o estopim da primeira barrica tivesse falhado e se apagado antes de alcançá-la. Resolveu que teria de voltar para verificar, porém, quando começou a se pôr de pé, o estouro varreu o acampamento.

Arrancou galhos das árvores e mandou nuvens de cinzas em chamas e fagulhas a redemoinhar das fogueiras do acampamento. Atingiu a cabana de barro, abatendo metade da parede e arrancando o teto de palha. Acertou o guarda parado na porta da frente e jogou-o de costas. Ele esperneou, tentando sentar-se, porém a enorme barriga o deixava desajeitado. Enquanto o homem se debatia, Aboli postou-se sobre ele, colocou-lhe um pé no peito, comprimindo-o contra a terra, girou o alfanje e sentiu a empunhadura da arma saltar em sua mão quando a borda dilacerou o pescoço do homem. O corpo do pirata entrou em espasmo e depois se quedou imóvel. Aboli saltou para longe e agarrou a alça de corda da porta desbastada da cabana. Ao erguê-la, os três homens lá dentro investiram seu peso combinado sobre a porta, do lado oposto, e a abriram.

— Por aqui, irmãos. — Aboli os conduziu em direção à praia.

O acampamento estava em tumulto. A escuridão regurgitava de homens a correr de um lado para outro, xingando, gritando ordens e alertas.

— As armas! Fomos atacados.

— Fiquem aqui — ouviram o Gavião berrar. — A eles, rapazes!

— Peter! Onde está você, meu garotão? — gritou um homem correndo para seu parceiro. — Estou perdido. Venha me ajudar, Peter.

Achas em chamas das fogueiras do acampamento tinham sido arrojadas para o mato, e o fogo tomava conta da floresta. Era um cenário de iluminação demoníaca, e as sombras dos homens faziam deles monstros à medida que corriam desnorteados, assustando uns aos outros. Alguém disparou um mosquete, e imediatamente houve uma fuzilada selvagem, quando os marujos tomados pelo pânico começaram a atirar nas sombras e nos demais vultos. Mais gritos e berros se elevaram enquanto as balas que voavam faziam seu estrago entre as figuras em fuga.

— Os bastardos estão nas florestas atrás de nós! — Era a voz do Gavião outra vez. — Por aqui, meus bravos garotos!

Ele os arregimentava, e homens vieram correndo da praia para se juntar à defesa. Avançaram em



cheio para o fogo de mosquetes de seus companheiros nervosos entre as árvores e dispararam de volta contra eles.

Quando Aboli chegou à praia, encontrou escaleres parados, abandonados pela tripulação que corra para responder ao chamado do Gavião para as armas.

— Onde guardam as ferramentas? — murmurou Aboli para Jiri.

— Há um depósito ali. — Jiri conduziu ao local numa corrida. As pás, machados e barras de ferro estavam empilhados sobre um

puxado aberto. Aboli embainhou seu alfanje e pegou uma pesada barra de ferro. Os outros três lhe seguiram o exemplo e depois correram de volta para a praia e pularam nos barcos que jaziam ali.

Com uns poucos golpes pesados, arrebentaram as tábuas do fundo, deixando apenas um sem danos.

— Vamos! Não percam mais tempo! — instou Aboli, e eles lançaram fora as ferramentas e correram para o único barco não danificado.

Empurraram-no para a lagoa e saltaram a bordo; cada um agarrou um remo e começaram a remar rumo à forma da fragata que estava agora emergindo da escuridão conforme as chamas da floresta incendiada a iluminavam.

Enquanto estavam ainda apenas a uns golpes de remo da praia, uma chusma de piratas saiu do bosque.

— Parem! Voltem! — gritou um.

— São aqueles macacos pretos. Estão roubando um dos botes.

— Não deixe que se afastem!

Um mosquete rugiu e uma bala assobiou por sobre as cabeças dos homens nos remos. Eles se inclinaram e remaram com mais força, pondo todo o peso nas puxadas. Agora, todos os piratas disparavam, e as balas arrancavam borrifos da água ali perto, ou estouravam nas pranchas do escaler.

Alguns dos piratas correram para os botes à beira d'água e se jogaram dentro deles. Lançaram-se à perseguição; porém, quase de imediato elevaram-se os urros de susto quando a água entrou pelas tábuas arrebentadas e os botes adernaram e emborcaram. Poucos sabiam nadar, e os berros de raiva tornaram-se gritos desesperados por ajuda, conforme espanejavam e se debatiam na água escura.

Naquele momento, a segunda explosão varreu o acampamento. Causou ainda mais danos que a primeira, pois, em resposta a suas ordens berradas, os homens do Gavião tinham investido direto para o local da explosão quando ela os atingiu.

— Isso é algo para mantê-los ocupados por algum tempo — resmungou Aboli. — Para a fragata, rapazes, e deixem o Gavião para seu parente, o diabo.

Hal não esperou pela primeira explosão que sacudira a noite para lançar o navio de fogo. Com todos os homens do grupo ajudando, arrastaram o casco pela praia. Aliviada de sua carga, a embarcação era muito mais leve de se manejar. Empilharam dentro dela os feixes de alfanjes e o baú cheio com as pistolas carregadas.

Deixaram Sabah para segurá-la e voltaram para buscar o segundo bote. As mulheres correram atrás deles enquanto o empurravam para a beira d'água e subiam a bordo. Daniel Grande carregou o pequeno Bobby e estendeu-o a Zwaantie quando ela estava segura, sentada do fundo. Hal ergueu Sukeena e colocou-a gentilmente nas pranchas de popa. Deu-lhe um último beijo.

— Mantenham-se longe do perigo até que tenhamos apresado o navio. Escutem Ned. Ele sabe o que fazer.

Deixou-a e correu de volta para assumir o comando do primeiro bote. Daniel Grande e os dois pássaros, Andorinha e Tentilhão, estavam com ele, assim como Althuda e Sabah. Precisaríamos de cada lutador no tombadilho da fragata, se quisessem tomá-la.

Empurraram o bote para dentro do canal e, conforme seus pés perdiam o fundo, começaram a nadar e

endireitar a embarcação para a fragata ancorada. A maré estava no fluxo mais alto: logo iria virar e dar-lhes ajuda quando levassem a fragata para o profundo canal entre as pontas.

Primeiro, porém, temos que fazê-la nossa! disse Hal a si mesmo, enquanto batia os pés com força, agarrado à amurada.

A uma amarra de distância do Golden Bough, murmurou Hal:

— Basta, rapazes. Não queremos chegar antes de sermos bem-vindos. Deixaram-se ficar na água enquanto o bote balançava sem rumo no fluxo da maré.

A noite estava quieta, tão quieta que podiam ouvir as vozes dos homens na praia e o bater e estalar dos cordames da fragata conforme ela rodava em sua âncora e seus mastros nus rolavam, quase imperceptivelmente, contra o luzir das estrelas.

— Talvez Aboli tenha enfrentado problemas — murmurou Daniel Grande, por fim. — Teremos de abordá-la sem esperar sua ação.

— Espere! — retrucou Hal. — Aboli nunca nos deixaria na mão. Continuaram na água, os nervos retesados a ponto de rebentar. Então,

veio o som de um suave borrifar atrás deles, e Hal virou a cabeça. A forma do segundo bote avançou na direção deles, vindo da ilha.

— Ned está ansioso demais — disse Daniel Grande.

— Está apenas seguindo minhas ordens, porém não deve passar adiante de nós.

— Como podemos impedi-lo?

— Irei a nado falar com ele — respondeu Hal, e soltou a mão da amurada. Partiu em direção ao outro bote em braçadas silenciosas que não rompiam a superfície. Ao se aproximar, boiou e chamou, baixinho:

— Ned!

— Sim, capitão! — respondeu Ned, também em sussurros.

— Houve algum atraso. Fique aqui e não passe adiante de nós. Espere até ouvir a primeira explosão. Então, vá em frente e agarre o cabo de âncora da fragata.

— Sim, capitão — retrucou Ned.

Olhando para o casco negro, Hal viu uma cabeça espiando para ele sobre a beirada. As estrelas luziam na pele dourada como mel de Sukeena, e ele soube que não podia falar com ela de novo ou nadar para mais perto, a fim de que sua preocupação não afetasse seu julgamento — para que seu amor por ela não subjugasse o fogo da luta em seu sangue. Voltou-se e nadou de volta, rumo ao outro bote.

Ao chegar do lado e erguer a mão para agarrar a beirada, a noite quieta foi sacudida pelo trovão, e os ecos que ressoavam contra as colinas varreram a lagoa. Do bosque escuro, chamas subiram para o céu noturno e, por um breve momento, iluminaram o cenário como uma alvorada. Naquela iluminação, Hal viu cada pano e vergôntea do cordame da fragata, porém não havia nenhum sinal de um vigia de âncora ou outra presença humana a bordo dela.

— Todos juntos agora, rapazes — exclamou, e eles avançaram outra vez, com ânimo redobrado.

Tomoulhes apenas minutos cruzar o espaço que restava. Porém, nesse ínterim, a noite estava transformada. Podiam ouvir os berros e a fuzilaria de mosquetes na praia, e as chamas da floresta incendiada a dançar e luzir na superfície em torno deles. Hal recebeu que as luzes os clareassem a ponto de serem avistados por uma sentinela de vigilância no tombadilho da fragata.

Com alívio, empurraram o bote desengonçado para a sombra lançada pelo casco alto da fragata. Hal olhou para trás e viu Ned Tyler trazendo a outra embarcação para perto, logo atrás deles. Enquanto observava chegaram à linha de âncora da fragata, e ele viu Sukeena levantar-se na proa e segurar o cabo. Sentiu uma onda de alívio. Suas ordens a Ned eram para manter as mulheres em segurança, fora do caminho, até que tivessem o controle do tombadilho da fragata.

Viu com satisfação que um esquife estava atracado ao lado do Golden Bough, com uma escada balançando-se para dentro dele, vindo do convés acima. Por sorte, estava vazio, e nenhuma cabeça apontava no alto da amurada da fragata. Contudo, ele podia ouvir um burburinho de vozes acima. A tripulação devia estar reunida na amura oposta da fragata, de frente para a praia, consternada e alarmada por causa das chamas, observando aturdida as figuras que corriam e os lampejos de fogo de mosquete.

O grupo de Hal empurrou o bote pelos últimos poucos metros, e a embarcação chocou-se suavemente contra o lado do esquife vazio. Imediatamente, Hal saiu da água, agarrou-se ao esquife, deixando os outros para segurar o bote, e subiu pela escada de corda até o tombadilho.

Como tinha esperado, a esquelética tripulação da fragata estava toda observando o distúrbio, porém o número de marujos que havia ali o deixou aflito. Deviam ser cinquenta deles pelo menos. Mas, estavam absortos com o que acontecia em terra, e quando Hal tomou coragem para subir ao convés, houve outra poderosa detonação de fora da floresta.

— Por Deus, olhem só para aquilo! — berrou um dos piratas de Sam Bowles.

— Há uma grande batalha sangrenta acontecendo lá.

— Nossos companheiros estão em apuros. Precisam de nossa ajuda.

— Não devo favores a qualquer um deles. Não terão ajuda de mim.

— Shamus tem razão. Deixe o Gavião lutar suas próprias batalhas. Hal esgueirou-se para o convés e, com meia dúzia de passos rápidos, chegou ao abrigo da abertura do castelo de proa. Agachou-se ali e inspecionou o tombadilho. Jiri dissera a Aboli que estavam mantendo a tripulação leal da fragata no porão principal. Porém a escotilha estava à plena vista dos homens de Sam Bowles na amurada oposta.

Hall olhou para trás e viu a cabeça de Daniel Grande aparecer na amura de embarque. Não poderia se atrasar. Saltou e correu para a braçola da escotilha principal, caindo de joelhos atrás dela. Havia uma marreta ao lado da escotilha, porém ele não se arriscou a usá-la para soltar os calços. Os piratas o ouviriam e logo estariam sobre ele.

Bateu suavemente nas tábuas com o cabo do alfanje e falou, em voz baixa:

— Vocês aí, do Golden Bough. Podem me ouvir?

Uma voz abafada de sob a cobertura da escotilha respondeu de imediato, num cantante sotaque celta:

— Sim. Quem é você?

— Um inglês honesto, vindo para libertá-los. Lutarão conosco contra o Gavião?

— Deus o ama, inglês honesto! Imploramos por provar o sabor do sangue daquele bastardo.

Hal relanceou os olhos ao redor. Daniel Grande trouxera para cima um feixe de alfanjes, e tanto Wally Tentilhão como Stan Andorinha carregavam outros. Alhuda tinha o baú de pistolas carregadas. Baixou-o para o convés e abriu a tampa. A primeira vista, as armas dentro pareciam secas e prontas para disparar.

— Temos armas para vocês — murmurou Hal para o homem sob a escotilha. — Ajudem a empurrar a escotilha quando eu arrancar os calços, e depois saiam para a luta como cães de caça, mas gritem o nome de seu navio para que saibamos quem são vocês e vocês saibam quem somos nós.

Fez um gesto a Daniel e ergueu a pesada marreta. Daniel Grande segurou a tampa da escotilha e colocou todo o peso nela. Hal girou a marreta e, com um ressoante estalo, o primeiro calço voou pelo convés. Saltou para o outro lado e, com outros dois giros mais enérgicos da marreta, mandou os calços restantes a escorregar com estrépito pelo tombadilho. Com Daniel Grande a puxar em cima e a tripulação aprisionada do Colden Bough a empurrar por baixo, a braçola de escotilha estalou e se abriu, e os prisioneiros saíram em turba como vespas zangadas.

Diante daquele súbito tumulto atrás deles, os homens de Sam Bowles se voltaram e arquejaram. Foi quando perceberam que tinham sido abordados e que seus prisioneiros estavam livres. Porém, já então

Hal e Daniel os defrontavam pelo convés iluminado pelo fogo, alfanjes na mão.

Atrás deles, Althuda arrancava fagulhas da pederneira e do aço enquanto se apressava em acender as mechas de queima lenta nas travas das pistolas, e Wally e Stan jogavam alfanjes para os marujos libertados conforme estes irrompiam do porão.

Com um grito selvagem, um bando de piratas liderados por Sam Bowles investiu pelo convés. Eram vinte contra dois, e, no primeiro ímpeto, empurraram Daniel e Hal para trás, aço rangendo e raspando contra aço, enquanto a dupla cedia terreno lentamente. Porém, os dois conseguiram segurar os rufiões por tempo suficiente para que os marujos do Golden Bough se lançassem à batalha.

Em questão de minutos, o tombadilho estava apinhado de homens em luta, e era tamanha a mistura, que apenas seus gritos de guerra identificavam inimigo e amigo recém-feito.

— Cochran de Cumbrae — rugia Sam Bowles, e os homens de Hal berravam de volta:

— Sir Hal e o Golden Bough.

Os marujos libertados da fragata estavam loucos por vingança — não simplesmente pela própria prisão, mas pelo massacre de seus oficiais e o afogamento dos companheiros feridos. Hal e seus homens tinham mil razões melhores para sua raiva, e haviam esperado por um tempo infinitamente mais longo para acertar aquela conta.

A tripulação de Sam Bowles era uma corja de animais encurralados. Os piratas sabiam que não poderiam esperar nenhuma ajuda de seus companheiros em terra. Nem iriam merecer misericórdia ou mercê dos vingadores que os confrontavam.

Os dois lados estavam quase iguados em número, mas talvez a tripulação da fragata estivesse enfraquecida pelo longo confinamento no porão escuro e sem ar. Na vanguarda da luta, Hal tomou ciência de que a sorte estava virando contra eles. Seus homens estavam sendo forçados a ceder mais do convés e recuar em direção à proa.

Pelo canto dos olhos, viu Sabah fraquejar e correr, lançando de lado sua espada e se apressando em ir para a escotilha, a fim de se esconder nos conveses abaixo. Hal odiou-o por isso. Bastava um covarde para iniciar uma debandada. Porém, Sabah não chegou à escotilha. Um pirata alto de barba negra desferiu-lhe uma estocada através da parte baixa das costas que lhe saiu através do fundo da barriga.

Outra hora no campo de exercício poderia tê-lo salvado, pensou Hal, de passagem, e então concentrou toda a sua mente e força nos quatro homens que se amontoavam em frente, a ganir como hienas em torno da presa ensanguentada, para instigá-lo.

Hal matou um com uma estocada sob o braço erguido, direto no coração, e desarmou outro com uma cutilada limpa pelo pulso que seccionou seus nervos retesados. A espada caiu dos dedos do homem e ele correu aos gritos pelo convés e se lançou, sangrando, por sobre a amurada. Os outros dois atacantes recuaram de medo, e, naquele instante de alívio, Hal olhou ao redor da confusão em busca de Sam Bowles.

Viu-o na traseira do bando, mantendo-se cautelosamente fora do pior da luta, gritando ordens e ameaças a seus homens, as feições de fuinha torcidas de malícia.

— Sam Bowles! — gritou Hal para ele. — Eu o tenho sob meu olho. Por sobre as cabeças dos homens em luta, Sam olhou para Hal, e um terror súbito surgiu em seus pálidos olhos apertados.

— Estou indo atrás de você agora! — berrou Hal, e seguiu em frente, mas três piratas estavam em seu caminho. Nos segundos que lhe custaram batê-los e limpar o caminho, Sam fugira e se escondera na confusão.

Agora, os piratas clamavam em torno de Hal como chacais ao redor de um leão. Por um momento, ele lutou lado a lado com Daniel e viu, com admiração, que o enorme companheiro estava ferido numa dúzia de lugares. Então, sentiu o cabo do alfanje escorregar como se pegasse mel de uma jarra com os dedos.

Percebeu que não era mel, mas seu próprio sangue. Ele, também, estava ferido, porém, no calor de tudo aquilo, não sentira dor e continuara lutando.

— Atenção, Sir Hal! — rosnou Daniel Grande, ali perto, ao lado dele, na confusão. — A popa!

Hal saltou para trás, afastando-se da luta, e olhou por sobre o ombro. O alerta de Daniel viera justo a tempo de salvá-lo.

Sam Bowles estava na amurada da popa que dominava o tombadilho inferior. Havia um pesado morteiro de bronze na abertura da amurada, e Sam tinha uma mecha acesa na mão enquanto girava e mirava o pequeno canhão portátil. Avistara Hal entre o grupo de homens em luta, e o morteiro estava apontado para ele. Sam levou a mecha à caçoleta do canhão.

No instante antes que a arma disparasse, Hal saltou adiante, pegou o pirata à sua frente pela cintura e ergueu-o dos pés. O homem berrou de surpresa quando Hal o segurou como um escudo, logo quando o morteiro disparou e um vendaval de balas de chumbo varreu o convés Hal sentiu o corpo do homem em seus braços saltar quando meia dúzia de projéteis pesados se enterraram nele. Estava morto mesmo antes que Hal o deixasse cair sobre o tombadilho.

Porém, o tiro produzira uma chacina pavorosa entre a tripulação do Golden Bough, que se agrupara perto de onde Hal se postava. Três estavam abatidos e estrebuchando no próprio sangue, enquanto outros dois ou três tinham sido atingidos e cambaleavam para ficar de pé.

Os piratas viram que aquele súbito ataque furioso inclinara a balança a seu favor e investiram num bando, Sam a incitá-los com gritos excitados. Foram segundos de total desordem — até que, de sobre a amura por trás da enfurecida turba de piratas, ergueu-se uma grande face negra tatuada.

Aboli soltou um berro que os congelou a todos onde estavam, e quando saltou sobre a amurada, foi seguido de perto por três outras formas imensas, cada uma com um alfanje na mão. Tinham matado cinco homens antes que os piratas se reorganizassem para enfrentar aquela nova investida.

Aqueles em torno de Hal cobraram novo ânimo: reuniram-se sob os gritos roucos de seu capitão e, com Daniel Grande a liderá-los, correram de volta para a luta. Encurralados entre Aboli e seus selvagens, e os marujos renovados, os piratas uivaram de desespero e fugiram. Aqueles incapazes de nadar esgueiraram-se pelas escotilhas para o ventre da fragata, enquanto os outros correram para a amurada e saltaram por sobre a borda.

A luta estava terminada, e a fragata era deles.

— Onde está Sam Bowles? — gritou Hal para Daniel.

— Eu o vi correr para baixo.

Hal hesitou um momento, lutando contra a tentação de correr atrás dele e ter sua vingança. Então, com esforço, deixou isso de lado e voltou para seu dever.

— Haverá tempo para ele mais tarde.

Caminhou para o lugar do capitão no convés de popa e inspecionou o navio. Alguns de seus homens estavam disparando as pistolas sobre a amurada contra os piratas que se debatiam e nadavam em direção à praia.

— Basta dessa bobagem! — gritou-lhes. — Preparem-se para pôr o navio a caminho. O Gavião estará sobre nós a qualquer momento agora.

Mesmo os estranhos que ele havia libertado do porão correram a obedecer a seu comando, pois reconheciam o tom de autoridade.

Então, Hal baixou a voz:

— Aboli e mestre Daniel, tragam as mulheres a bordo. Tão depressa quanto possível.

Enquanto os dois corriam para a porta de embarque, ele voltou toda a atenção para o manejo da fragata.

Os homens de topo de mastro já estavam a meio-caminho das enxárcias, e outro grupo manejava o cabrestante para içar âncora.

— Não há tempo para isso — disselhes Hal. — Levem um machado até o cabo da âncora e cortem-no.

Ouviu o baque do machado nas tábuas da proa, e sentiu o navio soltar-se e dançar com a maré.

Relanceou os olhos para a ponte de embarque e viu Aboli erguer Sukeena para o tombadilho. Daniel Grande tinha o pequeno Bobby chorando em seu peito e Zwaantie no outro braço.

A vela mestra abriu-se ao alto, acima da cabeça de Hal, sacudiu-se preguiçosamente e enfunou-se com a gentil brisa da noite. Hal voltou-se para o timão e sentiu outro grande alívio no peito quando viu que Ned Tyler já estava à cana de leme.

— A todo pano, Sr. Tyler — exclamou.

— A todo pano, capitão.

— Aproe para o canal principal!

— Sim, capitão! — Ned não pôde suprimir o sorriso, e Hal sorriu de volta para ele.

— Este navio serve para você, Sr. Tyler?

— Serve muito bem — disse Ned, e seus olhos faiscaram.

Hal pegou a corneta de comunicação e apontou-a para o céu, ao gritar ordens para as velas de topo serem colocadas acima da vela mestra. Sentiu a nau saltar sob seus pés e começar a voar.

— Maravilha! — murmurou. — Um verdadeiro pássaro, o vento como seu amante.

Caminhou até onde Sukeena já se ajoelhara ao lado de um dos marujos feridos.

— Eu lhe disse para deixar esses sacos em terra, não disse?

— Sim, meu senhor. — Ela sorriu docemente para ele. — Porém eu sabia que estava brincando. — Então, sua expressão transformou-se em aflição. — Você está ferido! — Saltou de pé. — Deixe-me cuidar de seus ferimentos.

— Estou arranhado, não ferido. Esse homem precisa de suas habilidades mais do que eu. — Afastou-se, caminhou até a amurada e olhou para a praia.

O fogo ganhara força na floresta, e agora o cenário se iluminava tal qual na alvorada. Ele podia claramente divisar as feições da horda de homens à beira d'água. Dançavam de raiva e frustração, pois tinham percebido por fim que a fragata fora roubada de sob os seus narizes.

Hal avistou a figura gigante de Cumbrae à frente da turba. Agitava sua espada escocesa, e sua face estava tão inchada de ira que parecia a ponto de estourar como um tomate maduro demais. Hal riu para ele, e a fúria do Gavião aumentou ainda mais. Sua voz sobrepujou o burburinho que seus homens faziam.

— Não há oceano largo o bastante para escondê-lo, Courtney. Eu o encontrarei nem que leve cinquenta anos.

Então Hal parou de rir ao reconhecer o homem que se postava um pouco mais acima da linha da praia. A princípio, duvidou da própria visão, porém as chamas o iluminavam tão claramente, que não poderia haver engano. Em contraste com os esgares e a ira transparente do Gavião, Cornélius Schreuder se postava de braços cruzados, a encarar Hal com um olhar frio que lhe provocou um súbito arrepio do coração. Os olhos de ambos se encontraram, e foi como se confrontassem um ao outro num campo de duelo.

O Golden Bough adernou ligeiramente quando uma contracorrente mais forte do vento sobre as pontas o apanhou, e a água começou a gorgolejar sob seu talha-mar como um bebê feliz. O tombadilho tremeu e a nau se afastou da praia. Hal dirigiu toda a sua atenção para a pilotagem do navio, alinhando-o, para cima com vista, à corrida através do perigoso canal até o mar. Longos minutos se passaram antes que

pudesse olhar para trás de novo, na direção da praia.

Apenas duas figuras permaneciam ali: Os dois homens a quem Hal odiava com mais ardor em todo o mundo, ambos seus implacáveis inimigos. O Gavião vadeava a lagoa com água pela cintura, como se para ficar tão perto quanto pudesse. Schreuder ainda estava onde Hal o vira pela última vez. Não se movera, e sua imobilidade reptiliana era em cada sentido tão arrepiante como as selvagens histrionices de Cumbrae.

— Dia virá em que terá de matar a ambos — disse uma voz profunda ao lado dele, e Hal olhou para Aboli.

— Sonho com esse dia.

Sob seus pés, sentiu o primeiro impulso do mar a chegar pelas pontas. As chamas tinham ofuscado sua visão noturna, e adiante jazia a escuridão absoluta. Hal teria de seguir caminho pelo traiçoeiro canal como um cego.

— Apaguem as lanternas! — ordenou. Sua luz débil não penetraria a escuridão adiante e serviria apenas para confundi-lo.

— Traga a nau um ponto para bombordo — ordenou a Ned Tyler, calmamente.

— Um ponto para bombordo!

— Em frente!

Sentia, mais do que via, o vulto gigantesco do penhasco adiante, e ouvia o ondular e o quebrar das ondas no recife, à entrada. Avaliou o rumo pelos sons do mar, pela sensação do vento no peito e pelo tombadilho debaixo de seus pés.

Depois de toda a gritaria e tiros de pistola, o navio estava mortalmente quieto. Cada marujo a bordo sabia que Hal os liderava contra um antigo inimigo bem mais perigoso que o Gavião ou qualquer homem vivo.

— Estabilizem suas velas mestra e de mezena — berrou aos homens nos panos. — Fiquem prontos para deixar as do mastaréu do joanete voar.

Um medo quase palpável prostrou-se sobre o Golden Bough, pois a maré o tinha pela garganta e não havia maneira pela qual a tripulação pudesse diminuir o ímpeto temerário do navio em direção aos penhascos ocultos na negrura dolorosa.

O momento chegou. Hal sentiu a corrente contrária dos recifes empurrar a proa, e o golpe de vento em sua face vindo de uma nova direção quando o navio correu para dentro do papo de rochas.

— A estibordo com o leme! — disse, secamente. — Firme. Deixem as velas do mastaréu do joanete voar.

O Golden Bough girou nos calcanhares, e suas velas de topo se agitaram com o vento, como as asas de um abutre farejando a morte. O navio investiu para dentro da escuridão, e cada homem no tombadilho preparou-se para o terrível choque quando o ventre da nau fosse destripado Pelos dentes dos recifes.

Hal rumou para a amurada e olhou para o céu. Seus olhos se ajustavam à escuridão. Ele viu a linha, lá em cima, onde as estrelas tinham se extinguido pelo vulto enorme das pontas rochosas.

— Leme a meia nau, Sr. Tyler. Segure nesse ponto.

O navio firmou-se no novo curso para dentro da noite, e o coração de Hal bateu depressa ao eco das ondas estrepitosas contra o penhasco ali perto. Ele fechou os punhos ao lado do corpo com a perspectiva do choque no recife. Em vez disso, sentiu a arfada do mar aberto corcovear sob ele, e o Golden Bough ir a seu encontro com o ímpeto apaixonado de um amante.

— Estabilizem as velas do mastaréu do joanete. — Ergueu a voz para que chegasse até o alto. O bater de velas cessou, e Hal ouviu mais uma vez o trautear áspero das lonas esticadas.

O Golden Bough lançou a proa para cima conforme a primeira vaga do oceano deslizou sob ele, e,

por um momento, nenhum homem ousou crer que Hal os tinha conduzido do turbilhão para a segurança.

— Acenda as lanternas — disse Hal, calmamente. — Sr. Tyler, mude para o rumo sul. Sairemos muito bem ao largo.

O silêncio persistiu, e, então, uma voz da verga principal berrou para baixo:

— O Senhor o ama, capitão. Passamos. Um brado varreu o convés:

— Por Sir Hal e o Golden Bough.

Deram-lhe vivas até que suas gargantas doíam, e Hal ouviu vozes estranhas chamando seu nome. Os marujos que libertara dos porões o exaltavam tão alto quanto os outros.

Sentiu uma pequena mão quente agarrar a sua e olhou para ver a doce face de Sukeena a luzir sob a luz da lanterna ao lado da bitácula.

— Eles já o amam quase tanto quanto eu. — Apertou-lhe suavemente a mão. — Pode ir até onde eu possa ver seus ferimentos?

Ele, porém, não queria deixar o tombadilho superior. Queria delei-tar-se um pouco mais com os sons e a sensação de seu novo navio e com o mar sob ele. Assim, puxou Sukeena para mais perto enquanto o Golden Bough corria para dentro da noite e as estrelas coruscavam lá em cima.

Daniel Grande aproximou-se deles por fim, arrastando consigo uma figura abjeta. Por um momento, Hal não reconheceu a criatura, porém, então, a voz chorosa fez sua pele formigar de desprezo e os pêlos finos em sua nuca se eriçarem.

— Bondoso Sir Henry, imploro sua mercê para um velho companheiro.

— Sam Bowles. — Hal tentou manter a voz calma. — Você tem suficiente sangue inocente em sua consciência para fazer flutuar uma fragata.

— Faz-me injustiça, meu bom Sir Henry. Sou um pobre infeliz levado pelas tempestades e vendavais da vida, nobre Sir Henry. Jamais quis fazer mal a homem algum.

— Lidarei com ele de manhã. Prenda-o ao mastro principal e coloque dois homens para guardá-lo — ordenou Hal a Daniel Grande. — Certifique-se de que nesse tempo ele não escorregue como uma enguia de nossas mãos e nos engane e estrague a vingança que tanto merecemos.

Ficou a observar sob a luz da lanterna enquanto eles agrilhoavam Sam Bowles ao pé do mastro principal e dois marujos da tripulação se postavam ao lado dele com os alfanjes desembainhados.

— Meu irmãozinho Peter foi um daqueles que você afogou — disse a Sam Bowles o mais velho dos dois guardas. — Imploro por qualquer desculpa para enfiar essa lâmina por sua barriga.

Hal deixou Daniel encarregado do tombadilho e, levando Sukeena consigo, desceu para a cabine principal. Ela não descansaria até que tivesse limpado os cortes e ferimentos, colocando-lhes depois ataduras embora nenhum deles fosse sério o bastante para causar preocupação. Quando ela terminou, Hal levou-a para a pequena cabine na próxima porta.

— Você poderá descansar aqui sem ser perturbada — disse; ergueu-a para o beliche e, embora ela protestasse, cobriu-a com uma manta de lã.

— Há feridos que precisam de minha ajuda — retrucou ela.

— Seu filho ainda não nascido e eu precisamos mais — disse ele, com firmeza, e empurrou-a gentilmente. Ela suspirou e quase que imediatamente caiu no sono.

Hal voltou à cabine principal e sentou-se à escrivaninha de Llewellyn. No centro do tampo de mogno jazia uma grande Bíblia de capa preta de couro. Durante todo o seu cativeiro, Hal tivera negado o acesso àquele livro. Abriu a capa e leu a inscrição, escrita numa caligrafia segura e inclinada: "Christopher Llewellyn esq; Nascido em 16 de outubro no ano da graça de 1621".

Abaixo dessa, havia outra inscrição mais recente: "Consagrado como um Cavaleiro Nautonnier do Templo da Ordem de São Jorge e o Santo Graal, 2 de agosto de 1643."



Saber que o homem que capitaneava aquele navio antes dele era um irmão cavaleiro deu a Hal um profundo propósito e prazer. Por uma hora, virou as páginas da Bíblia e releu as passagens familiares e inspiradoras. Por meio das quais seu pai o ensinara a manter o curso pela vida. Por fim, fechou-a, levantou-se e começou a revistar a cabine atrás dos livros e documentos do navio. Logo descobriu a caixa forte de aço sob o beliche. Quando não encontrou a chave, chamou Aboli para ajudá-lo. Os dois forçaram e abriram a tampa, e Hal dispensou Aboli. Sentou-se o resto da noite à mesa de Llewellyn, estudando os livros e papéis sob a luz da lanterna. Estava tão absorto na leitura, que, quando Aboli desceu para buscá-lo, uma hora depois que o sol tinha se levantado, fitou-o com surpresa.

— Que horas são, Aboli?

— Dois sinos no turno da manhã. Os homens estão pedindo para vê-lo, capitão.

Hal levantou-se, a se espreguiçar e a esfregar os olhos, e depois foi até a porta da cabine onde Sukeena ainda dormia.

— Seria melhor se falasse com os novos homens tão logo possa, Gundwane — disse Aboli, atrás dele.

— Sim. Você tem razão. — Hal voltou-se.

— Daniel e eu já lhes dissemos quem você é, porém precisa convencê-los agora a velejar sob seu comando. Se se recusarem a aceitá-lo como seu novo capitão, haverá pouco que possamos fazer. Há trinta e quatro deles, e apenas seis de nós.

Hal foi até o pequeno espelho na antepara em cima da qual estavam a jarra e a bacia de toalete. Quando viu seu reflexo, assustou-se.

— Céus, Aboli, pareço tanto um pirata que nem eu confiaria em mim mesmo.

Sukeena devia ter ouvido, pois apareceu de repente no vão da porta com a manta enrolada sobre os ombros.

— Diga a eles que iremos num minuto, Aboli, quando eu tiver dado um jeito na aparência dele — disse.

Quando Hal e Sukeena subiram para o tombadilho juntos, os homens reunidos no centro do navio olharam para eles, atônitos. A transformação era extraordinária. Hal estava barbeado de fresco, vestido numa roupa simples porém limpa do baú de Llewellyn. Os cabelos de Sukeena estavam penteados, untados com óleo e trançados, e ela improvisara uma saia longa com uma das cortinas de veludo da cabine e a enrolava em torno da cintura e quadris de menina. Faziam um casal notável, o jovem e alto inglês e a beleza oriental.

Hal deixou Sukeena na escada de tombadilho e rumou para a frente dos homens.

— Sou Henry Courtney. Um inglês, como vocês. Um marinheiro, como vocês.

— Sim, isso o senhor é, capitão — gritou um deles. — Vimos quando levou um navio estranho para fora daquelas pontas na escuridão. E marinheiro o bastante para encher meu caneco e me dar uma sensação quente nas entranhas.

Outro exclamou:

— Velejei com seu pai, Sir Francis, no velho Lady Edwina. Ele era um capitão do mar e um lutador, e um homem honesto ainda por cima.

Então, mais um outro gritou:

— Na noite passada, pelas minhas contas, o senhor abateu sete da escória do Gavião com sua própria espada. O filhote foi bem criado pelo velho cão.

Começaram todos a vivá-lo, de modo que ele não conseguiu falar por algum tempo, mas, por fim, ergueu a mão.

— Vou lhes contar o que li no diário de bordo do capitão Llewellyn. Intei-me do contrato de afretamento que ele tinha com o dono do navio e descobri para onde o Golden Bough rumava e qual era sua finalidade. — Parou e olhou para as faces honestas, batidas e surradas pelo tempo. — Temos uma escolha, vocês e eu. Podemos dizer que fomos derrotados pelo Gavião antes de iniciarmos a missão e velejar de volta para a Inglaterra.

Todos resmungaram e gritaram protestos, até que ele levantou a mão de novo.

— Ou podemos assumir o contrato do capitão Llewellyn e seu acordo com os proprietários do Golden Bough. Por seu lado, podem assinar comigo pelos mesmos termos e com a mesma partilha do prêmio com que concordaram antes. Antes que me respondam, lembrem-se de que, se vierem comigo, são grandes as chances de que possamos cruzar com o Gavião de novo, e terão de lutar com ele uma vez mais.

— Lidere-nos até ele agora, capitão — berrou um. — Lutaremos contra ele hoje mesmo.

— Não, rapaz. Estamos com falta de gente e preciso aprender a pilotar este navio antes que encontremos o Gavião novamente. Enfrentaremos o Gull em dia e lugar de minha própria escolha — disselhes Hal, muito sério. — Nesse dia, hastearmos a cabeça do Gavião em nosso topo de mastro e dividiremos seu butim.

— Estou com o senhor, capitão — gritou um marujo alto e magro de cabelos louros. — Não posso escrever meu nome, mas traga-me o livro e eu marcarei uma cruz tão grande e negra que irá assustar o próprio demo.

Todos berraram com fogosas risadas.

— Traga o livro e deixe-nos assinar.

— Estamos com o senhor. Minha jura e minha marca nele. Hal interrompeu-os outra vez.

— Irão, um de cada vez, à minha cabine, para que eu possa saber seus nomes e apertar a mão de todos.

Voltou para a amurada e apontou para a popa.

— Saímos muito bem ao largo. A costa africana está baixa e azul ao longo do horizonte. Subam ao topo do mastro agora para fazermos vela e virarmos o navio para o seu verdadeiro curso rumo ao Great Horn da África.

Eles subiram em enxames pelas enxárcias e ao longo das vergas, e os panos se enfunaram até que brilhavam à luz do sol como um cúmulo de trovoada pairando nas alturas.

— Qual o curso, capitão? — exclamou Ned Tyler, do leme.

— Leste pelo norte, Sr. Tyler — retrucou Hal, e sentiu o navio investir sob ele, ao se voltar para observar a esteira vincar as vagas azuis com uma linha de cintilante espuma.

Sempre que alguém da tripulação passava pelo pé do mastro principal onde Sam Bowles se agachava, preso pelos pés e mãos como um macaco cativo, parava para juntar saliva na boca e cuspir nele. Aboli procurou Hal no turno de antes do meio-dia.

— Precisa cuidar de Sam Bowles agora. Os homens estão ficando impacientes. Um deles quer cortar a corda e enfiar uma faca em suas costelas.

— Isso me pouparia um bocado de aborrecimento. — Hal ergueu os olhos do maço de cartas e do livro de orientações de navegação que encontrara no baú de Christopher Llewellyn. Sabia que sua tripulação exigiria uma vingança selvagem com relação a Sam Bowles, e não apreciava o que tinha de ser feito.

— Irei ao convés de imediato. — Suspirou, rendendo-se por fim a persuasão implacável de Aboli. — Tenha os homens reunidos no centro do navio.

Pensara que Sukeena ainda estava na pequena cabine que se comunicava com o depósito de pólvora,

que ela transformara numa enfermaria e na qual dois dos feridos ainda oscilavam entre a vida e a morte. Esperava que ela ficasse ali, porém, ao sair para o convés, ela veio a seu encontro.

— Deveria ir para baixo, princesa — disse a ela, com suavidade. — Não será uma vista adequada para seus olhos.

— O que diz respeito a você diz respeito a mim também. Seu pai era parte de você, portanto sua morte me toca também. Perdi meu próprio pai em circunstâncias terríveis, mas vinguei-o. Ficarei para vê-lo vingar-se da morte de seu pai.

— Muito bem — concordou Hal, e berrou pelo tombadilho. — Tragam o prisioneiro!

Foram forçados a arrastar Sam Bowles para enfrentar seus acusadores, pois suas pernas mal podiam suportá-lo e suas lágrimas escorriam para se misturar às cuspidelas que os homens tinham lançado em sua face.

— Não pretendia nenhum mal — implorou ele. — Escutem-me, companheiros. Foi aquele demônio do Cumbrae que me levou a isso.

— Você riu quando segurava a cabeça de meu irmão sob as águas da lagoa — berrou um dos marujos.

Enquanto o arrastaram até onde Aboli se postava com os braços cruzados sobre o peito, o negro encarou Sam com olhos que reluziam estranhamente.

— Lembre-se de Francis Courtney! — resmungou Aboli. — Lembre-se do que fez ao mais fino homem com quem alguma vez navegou pelos oceanos.

Hal tinha preparado uma lista dos crimes pelos quais Sam Bowles deveria responder. Ao ler em voz alta cada acusação, os homens urravam por vingança.

Finalmente, Hal chegou ao último item do pavoroso recital.

— Que você, Samuel Bowles, à vista de seus camaradas e companheiros, realmente matou os marinheiros feridos do Golden Bough que tinham sobrevivido à sua traiçoeira emboscada, fazendo com que se afogassem.

Dobrou o documento e perguntou, com ar severo:

— Ouviu as acusações contra você, Samuel Bowles. O que tem a dizer em sua defesa?

— Não foi por minha própria culpa! Juro que não teria feito isso se não estivesse com pavor por minha vida.

A tripulação apupou-o, e foram precisos alguns minutos até que Hal Pudesse aquietá-los. Então, perguntou:

— Então, não nega as acusações contra você?

— Que utilidade haveria em negar? — berrou um dos homens. — Todos vimos com nossos próprios olhos.

Sam Bowles chorava alto agora.

— Pelo amor do doce Jesus, tenha misericórdia, Sir Henry. Sei que errei, mas dê-me uma chance e não encontrará criatura mais confiável e mais amorosa para servi-lo por todos os dias de sua vida.

A visão de Bowles desgostava Hal tão profundamente, que ele gostaria de lavar o gosto amargo daquilo da própria boca. De súbito, uma imagem lhe apareceu no olho da mente. Seu pai a jazer na maca, sendo levado para o cadafalso, o corpo quebrado e retorcido pela roda. Hal começou a tremer.

Ao lado dele, Sukeena sentiu-lhe a aflição. Pousou a mão suavemente em seu braço para lhe transmitir equilíbrio. Ele puxou um longo e lento respiro e lutou contra as ondas negras de tristeza que ameaçavam dominá-lo.

— Samuel Bowles, admitiu sua culpa de todas as acusações trazidas contra você. Há alguma coisa que deseje dizer antes que eu pronuncie a sentença? — Com ar muito sério, olhou para os olhos inundados de Sam e viu uma estranha transformação acontecer. Percebeu que as lágrimas eram um

recurso de que Sam podia se utilizar a seu bel-prazer. Alguma coisa incendiou-se de uma parte profunda e escondida de sua alma, um nimbo tão feroz e maligno que Hal duvidou que ainda olhasse para os olhos de um ser humano e não para um animal selvagem encurralado.

— Você acha que me detesta, Henry Courtney? Não sabe realmente o que seja o ódio. Regozijo-me com o pensamento de seu pai gritando na roda. Sam Bowles fez isso. Lembre-se disso durante cada dia em que viva. Sam Bowles pode estar morto, mas Sam Bowles fez isso! — Sua voz cresceu para um grito, e a saliva espumava em seus lábios. O próprio demônio interior o dominara, e seus berros mal eram coerentes. — Este é meu navio, meu próprio navio. Eu seria o capitão Samuel Bowles, e você tomou isso de mim. Possa o diabo beber seu sangue no inferno. Possa você dançar sobre o corpo retorcido e podre do cadáver de seu pai, Henry Courtney.

Hal voltou-se de costas para aquele revoltante espetáculo, tentando fechar os ouvidos para o rio de insultos.

— Sr. Tyler. — Falou em voz alta o bastante para que toda a tripulação ouvisse acima dos berros de Sam Bowles. — Não perderemos mais tempo do navio com esse assunto. O prisioneiro deve ser enforcado imediatamente. Passe uma corda pela verga principal...

— Gundwane! — Aboli berrou um aviso. — Atrás de você! Dançou tarde demais para intervir. Sam Bowles enfiara a mão sob as roupas. Amarrada na parte interna de sua coxa, estava uma bainha de couro. Ele foi tão rápido quanto uma víbora no ataque. Em sua mão, a lâmina do estilete luziu como uma lasca de cristal, bonita como uma bugiganga de uma moça. Ele a lançou com um estalar do punho.

Hal começara a se voltar diante do aviso de Aboli, mas Sam foi mais veloz. O estilete voou pelo espaço que os separava, e Hal pestanejou de antecipação pela picada da lâmina afiada a se enterrar em sua carne. Por um instante, duvidou dos próprios sentidos, pois não sentiu nenhum golpe.

Baixou os olhos e viu que Sukeena antepusera um braço nu para bloquear a picada. A lâmina prateada a atingira dois centímetros abaixo do cotovelo e se enterrara até o cabo.

— Jesus, protegei-a! — berrou Hal, pegando-a nos braços e abraçando-se a ela. Ambos olharam para o cabo do estilete que se projetava de sua carne.

Aboli alcançou Sam Bowles um instante depois que o estilete voara de seus dedos e mandou-o a se esparramar no convés com um soco de seu punho fechado. Ned Tyler e uma dúzia de homens saltaram em frente para pegá-lo e o arrastaram até erguê-lo de pé. Sam sacudiu a cabeça, os olhos turvos, pois o punho de Aboli o aturdira. O sangue escorria do lado de sua boca.

— Passem uma corda pela verga principal — gritou Ned Tyler, e um homem subiu as enxárcias. Avançou pela verga principal, e, um minuto depois, a corda caía pela roldana e sua ponta balançava sobre o tombadilho.

— A lâmina entrou fundo — murmurou Hal, enquanto segurava Sukeena contra o peito e erguia ternamente seu braço ferido.

— É fina e aguda. — Sukeena sorriu corajosamente para ele. — Tão aguda que mal senti. Puxe a lâmina depressa, meu querido, e tudo ficará bem.

— Ajude-me aqui! Segure o braço dela — gritou Hal para Aboli, Que correu, agarrou o esguio cabo encravado e, com um movimento rápido, arrancou a lâmina da carne de Sukeena. O estilete saiu com surpreendente facilidade.

Ela murmurou, baixinho:

— Fez pouco dano. — Porém suas faces estavam pálidas e lágrimas tremiam nas pálpebras inferiores.

Hal ergueu nos braços e rumou para a escada de tombadilho na popa. Um grito selvagem o fez parar.

— Sua cadela está morta, Henry Courtney. Está morta, assim como seu filho bastardo. Sam Bowles

matou a ambos. Louvado seja, capitão Courtney Sanguinário, lembre-se de mim em suas preces. Sou o homem que você jamais esquecerá!

— É um corte pequeno. A princesa é uma moça forte e corajosa. Viverá — resmungou Ned, furioso, ao ouvido de Sam Bowles. — Você é quem está morto, Sam Bowles. — Afastou-se e fez um gesto de cabeça para os homens na ponta da corda, que se afastavam com ela, batendo os pés descalços nas tábuas do convés em uníssono.

No instante antes que a corda se retesasse e cortasse sua respiração, Sam berrou de novo:

— Olhe bem para a lâmina que cortou sua vagabunda, capitão. Pense em Sam Bowles quando testar a ponta. — A corda mordeu-lhe a garganta e arrancou-o dos pés, sufocando a próxima palavra antes que lhe chegasse aos lábios.

A tripulação urrou com alegria de lobos quando Sam Bowles ergueu-se espiralando no ar, balançando na ponta da corda conforme o Golden Bough rolava sob ele. Suas pernas chutavam e dançavam tanto, que as algemas em seus tornozelos tiniam como guizos.

Ainda se retorcia e gorgolejava quando seu pescoço espremeu-se com força contra o bloco da roldana no fim da verga principal, no alto, acima do convés.

— Deixe-o pendurado lá durante toda a noite — ordenou Ned Tyler. — Nós o desceremos pela manhã e o jogaremos aos tubarões. — Então se inclinou e pegou o estilete do convés onde Hal o jogara. Examinou a lâmina manchada de sangue, e sua face queimada tornou-se de um cinza amarelado.

— Doce Maria, permita que não seja isso! — Olhou de novo para o cadáver de Sam Bowles a girar com o movimento do navio, lá no alto. — Sua morte foi muito fácil. Se estivesse em meu poder, eu o mataria uma centena de vezes mais, e cada vez mais dolorosamente que a última.

Hal colocou Sukeena no beliche da cabine principal. — Eu cauterizaria a ferida, mas o ferro quente deixaria uma cicatriz. — Ajoelhou-se ao lado do beliche e examinou-a atentamente. — É profundo, mas quase não está sangrando. — Enrolou o braço dela com uma tira de linho branco que Aboli lhe trouxera do baú ao pé do beliche.

— Traga-me minha sacola — pediu Sukeena, e Aboli saiu imediatamente.

Tão logo estavam sozinhos, Hal inclinou-se sobre ela e beijou-lhe a face pálida.

— Você aparou o golpe de Sam para me salvar — murmurou, a face comprimida à dela. — Arriscou sua própria vida e a vida da criança em seu ventre por mim. Foi uma barganha insensata, meu amor.

— E a faria novamente... — Ela se calou, e Hal sentiu-a retesar-se em seus braços e ofegar.

— O que a aflige, minha doçura? — Afastou-se e encarou-a na face. Diante de seus olhos, pequenas gotas de perspiração saíam pelos poros da pele de Sukeena, como o orvalho nas pétalas de uma rosa amarela. — Está com dor?

— Queima — murmurou ela. — Queima mais que o ferro quente de que falou.

Hal desenrolou rapidamente a tira do braço dela e olhou para a mudança que acontecera no ferimento enquanto se abraçavam. O braço inchava diante de seus olhos, como um dos peixes baiacus do recife de coral que podia inflar-se até muitas vezes o seu tamanho original quando ameaçado por um predador.

Sukeena ergueu o braço e acomodou-o sobre o seio. Gemeu involuntariamente quando a dor fluiu do ferimento para encher seu peito como chumbo derretido fulgurante.

— Não entendo o que está acontecendo. — Começou a se retorcer sobre o beliche. — Não é natural. Olhe como muda de cor.

Hal olhou impotente para o braço adorável que lentamente se estufava e se coloria com linhas de escarlate e roxo vivo, que corriam do cotovelo até o ombro. A ferida começou a exsudar um viscoso fluido amarelado.

— O que posso fazer? — berrou ele.

— Não sei — murmurou ela, desesperada. — É algo além do meu entendimento. — Um espasmo de agonia apertou-a num torno, e suas costas se arquearam. Então passou, e ela implorou: — Preciso de minha sacola. Não posso suportar esta dor. Tenho um pó feito da papoula que dá ópio.

Hal saltou de pé e cruzou a cabine.

— Aboli, onde está você? — berrou. — Traga a sacola, e depressa. Ned Tyler inclinou-se no patamar da porta. Segurava algo na mão e tinha uma estranha expressão na face.

— Capitão, tem uma coisa que preciso lhe mostrar.

— Não agora, homem, agora não. — Hal ergueu a voz outra vez.

— Aboli, venha depressa.

Aboli desceu a escada do tombadilho numa corrida, carregando os alforjes de sela.

— O que é, Gundwane?

— Sukeena! Há algo acontecendo com ela. Precisa do remédio...

— Capitão! — Ned Tyler forçou sua passagem pela força avultada de Aboli para dentro da cabine e agarrou o braço de Hal, aflito. — Isso não pode esperar. Olhe para o estilete. Olhe para a ponta! — Ergueu o estilete, e os outros o fitaram.

— Em nome de Deus! — murmurou Hal. — Permita que não seja isso.

Uma estreita ranhura pela extensão da lâmina estava cheia de uma pasta negra e viscosa que se tornara ressequida e brilhante.

— É a lâmina de um assassino — disse Ned, baixinho. — A ranhura está cheia de veneno.

Hal sentiu o convés oscilar sob seus pés, como se o Golden Bough tivesse sido atingido por uma vaga enorme. Sua vista escureceu.

— Não pode ser — disse. — Aboli, diga-me que não pode ser.

— Seja forte — resmungou Aboli. — Seja forte por ela, Gundwane.

— Agarrou o braço de Hal.

O gesto deu firmeza a Hal, e sua vista clareou; porém, quando tentou puxar a respiração, a mão pesada do pavor comprimiu-lhe as costelas.

— Não posso viver sem ela — disse, como uma criança confusa.

— Não deixe que ela saiba — retrucou Aboli. — Não faça a separação mais dura para ela do que precisa ser.

Hal encarou sem compreender. Então, começou a entender a finalidade, a significância daquela pequena ranhura na lâmina de aço e das ameaças fatais que Sam Bowles gritara para ele com o nó da forca em torno do pescoço.

— Sukeena vai morrer — exclamou, num tom de aturimento.

— Será mais duro para você do qualquer outra batalha que tenha lutado antes, Gundwane.

Com um enorme esforço, Hal lutou para recuperar o controle de si mesmo.

— Não lhe mostre o estilete — disse a Ned Tyler. — Vá! Jogue essa coisa maldita pela amurada.

Quando se aproximou de novo de Sukeena, tentou esconder o negro desespero que tinha no coração.

— Aboli trouxe sua sacola. — Ajoelhou-se ao lado dela. — Diga-me como preparar a poção.

— Oh, faça isso depressa — implorou ela, quando outro espasmo a constrangeu. — O frasco azul. Duas medidas numa caneca de água quente. Não mais que isso, pois é muito forte.

Sua mão tremeu violentamente ao tentar pegar a caneca dele. Podia usar apenas uma das mãos agora: seu braço estava inchado e cor de púrpura, os dedos outrora delicados, tão intumescidos que a pele ameaçava romper-se. Teve dificuldade em segurar a caneca, e Hal ergueu até seus lábios enquanto ela sorvia a poção com patética urgência.

Caiu de costas com o esforço e retorceu-se no beliche, ensopando os lençóis com o suor da agonia.

Hal jazia ao lado dela e a apertava contra o peito, na tentativa de confortá-la, mas sabendo muito bem quão fúteis eram seus esforços.

Depois de um momento, a flor da papoula pareceu fazer seu efeito. Sukeena se agarrou a ele e comprimiu a face contra seu pescoço.

— Estou morrendo, Gundwane.

— Não diga uma coisa dessas — implorou ele.

— Sabia disso fazia muitos meses. Vi nas estrelas. Eis por que eu não podia responder à sua pergunta.

— Sukeena, meu amor, morrerei com você.

— Não. — Sua voz estava um pouco mais forte. — Você irá em frente. Viajei com você tão longe quanto me foi permitido. Para você, Porém, os Fados reservaram um destino especial. — Descansou por um momento, e ele julgou que Sukeena tivesse entrado em coma, porém, então, ela balbuciou novamente. — Você viverá. Terá muitos filhos fortes, e seus descendentes florescerão nesta terra da África, e a farão sua.

— Não quero filhos, a não ser os seus — exclamou ele. — Você me Prometeu um filho.

— Não fale, meu amor, pois o filho que lhe dou partirá seu coração.

Outra terrível convulsão a sacudiu, e ela gritou em agonia. Por fim quando parecia não podia suportar mais, caiu de costas tremendo e ensopada de suor. Hal abraçou-a e não pôde encontrar palavras para lhe contar seu sofrimento.

As horas passaram, e, por duas vezes, ele ouviu o sino do navio anunciar as mudanças de turno. Sentiu Sukeena se tornar mais fraca e afundar para longe dele. Então, uma série de poderosas convulsões sacudiu seu corpo. Quando caiu de costas nos braços de Hal, murmurou:

— Seu filho, o filho que prometi a você, nasceu. — Seus olhos estavam fechados e apertados, e lágrimas escorriam entre as pálpebras.

Por um longo minuto, ele não compreendeu aquelas palavras. Então, temeroso, deitou-a nos lençóis.

Entre as coxas ensanguentadas, jazia uma minúscula criatura reluzente de umidade e ainda ligada a ela por um emaranhado de cordão fresco. A pequena cabeça estava apenas meio formada, os olhos jamais se abririam e a boca nunca sugaria, ou gritaria, ou riria. Contudo, ele viu que era, realmente, um menino.

Hal tomou Sukeena de novo nos braços, e ela abriu os olhos e sorriu suavemente.

— Sinto muito, meu amor. Tenho de ir agora. Se você se esquecer de tudo mais, lembre-se apenas disso, que eu o amei como nenhuma outra mulher será capaz de amá-lo.

Fechou os olhos, e Hal sentiu a vida esgotar-se nela, a tremenda imobilidade da morte descer.

Esperou com eles, sua mulher e seu filho, até meia-noite. Então Althuda trouxe uma peça de lona e uma agulha de costurar vela, linha e repuxo. Hal colocou o filho natimorto nos braços de Sukeena e amarrou-o ali com um pedaço de linho. Depois, ambos costuraram os dois corpos dentro de uma mortalha de brilhante lona nova, com uma bala de canhão aos pés de Sukeena.

A meia-noite, Hal carregou a mulher e a criança em seus braços para cima, para o tombadilho aberto. Sob a brilhante lua africana, entregou ambos ao mar. Caíram na superfície escura e mal deixaram uma ondulação na esteira do navio, à sua passagem.

— Adeus, meu amor — murmurou ele. — Adeus, meus dois queridos. Então, desceu para a cabine de popa. Abriu a Bíblia de Llewellyn e procurou por conforto e alívio entre as capas de couro preto, mas não encontrou nenhum.

Por seis longos dias, ele ficou sentado, sozinho, ao lado da janela de sua cabine. Não comeu nada da comida que Aboli lhe trouxe. Algumas vezes, lia a Bíblia, porém a maior parte do tempo olhava pela esteira do navio. Subia todo dia ao tombadilho, ao meio-dia, desolado e abatido, e assinalava a

passagem do sol. Fazia os cálculos da posição do navio e dava suas ordens para o leme. Depois, voltava a ficar sozinho com seu sofrimento.

À alvorada do sétimo dia, Aboli foi procurá-lo.

— O pesar é natural, Gundwane, porém isso é indulgência. Esqueceu seu dever e aqueles de nós que colocamos nossa confiança em você. Já basta.

— Jamais será o suficiente. — Hal o fitou. — Ficarei de luto por ela durante todos os dias de minha vida. — Levantou-se, e a cabine rodou ao redor dele, pois estava fraco pelo sofrimento e pela falta de comida. Esperou até que sua cabeça estivesse firme e clara. — Você tem razão, Aboli. Traga-me um prato de comida e uma caneca de cerveja fraca.

Depois de ter comido, sentiu-se mais forte. Lavou-se e barbeou-se, trocou de camisa e penteou os cabelos para trás numa trança grossa que lhe caía pelas costas. Viu que havia fios de branco puro nas mechas negras de zibelina. Quando olhou no espelho, mal reconheceu a face profundamente bronzeada que o fitou de volta, o nariz tão adunco como o de uma águia, e não havia carne de sobra para cobrir as maçãs altas do rosto ou as linhas implacáveis do queixo. Seus olhos eram verdes como esmeraldas, e com aquela rutilação dura de pedra.

Mal tenho vinte anos, pensou, com admiração, e já pareço ter duas vezes mais.

Apanhou a espada de sobre o tampo da mesa e enfiou-a na bainha.

— Muito bem, Aboli. Estou pronto para assumir meu dever novamente — disse, e Aboli seguiu-o para o tombadilho.

O contramestre no leme bateu os nós dos dedos na testa, e os homens do turno cutucaram um ao outro. Todos estavam plenamente conscientes de sua presença, porém nenhum olhou em sua direção. Hal ficou por algum tempo na amurada, os olhos a dardejar com intensidade pelo convés e os cordames.

— Contramestre, segure seu leme de ló, maldito sejam seus olhos! berrou para o timoneiro.

A borda vertical da vela principal mal tremia conforme se abafava ao vento, porém Hal notou o que acontecia, e os marujos de turno, agachados ao pé do mastro principal, sorriram um para o outro com modos furtivos. O capitão estava no comando outra vez.

A princípio, não entenderam o que viria a seguir. Contudo, logo conheciam a amplitude e extensão do fato. Depois que ele perguntou seus nomes, qual a vila ou cidade de seu nascimento, interrogou-os judiciosamente quanto ao serviço. Enquanto isso, estudava cada um e avaliava seu valor.

Três se destacavam sobre os outros; haviam sido todos responsáveis de turno sob o comando de Llewellyn. O contramestre, John Lovell, era o homem que servira sob o pai de Hal.

— Manterá seu antigo posto, contramestre — disselhe, Hal e John sorriu.

— Será um prazer servir sob seu comando, capitão.

— Espero que sinta o mesmo daqui a um mês — retrucou Hal, muito sério.

Os outros dois eram William Stanley e Robert Moone, ambos patrões de embarcação. Hal gostou do jeito deles: Llewellyn tinha um bom olho para julgar homens, pensou ele, e apertou-lhes as mãos.

Daniel Grande era seu outro contramestre, e Ned Tyler, que sabia tanto ler como escrever, era piloto. Althuda, um dos poucos outros letrados a bordo, tornou-se o escrivão do navio, encarregado de todos os documentos e com a obrigação de mantê-los em dia. Era o elo mais próximo que lhe restava de Sukeena, e ele sentia uma grande afeição pelo rapaz e desejava mantê-lo por perto. Poderiam partilhar o sofrimento entre si.

John Lovell e Ned Tyler repassaram o rol do navio com Hal e o ajudaram a redigir o boletim de turno, a lista nominal que permitia a cada homem saber para qual turno estava designado e qual sua função em cada situação.

Tão logo isso foi feito, Hal inspecionou o navio. Partiu do tombadilho principal e depois, com seus



dois contramestres, abriu cada escotilha. Subiu e algumas vezes arrastou-se para cada parte do casco, desde os porões até o topo do mastro. No depósito, abriu três barricas, escolhidas aleatoriamente, e verificou a qualidade da pólvora e das mechas de queima lenta.

Conferiu a carga com o manifesto, e ficou surpreso e encantado ao descobrir a quantidade de mosquetes e balas de chumbo que o navio carregava, junto com grandes quantidades de mercadorias de comércio.

Depois, ordenou que a nau fosse parada e um escaler baixado. Ele próprio remou em torno do navio para que pudesse julgar sua condição de navegabilidade. Moveu algumas das colubrinas para as portinholas de artilharia mais à ré e ordenou que a carga fosse levada ao convés e reorganizada para estabilizar a navegabilidade conforme sua preferência. Depois, exercitou a companhia do navio no ajuste e alteração das velas, levando o Golden Bough através de cada ponto da bússola e de cada postura com relação ao vento. Isso prosseguiu por quase uma semana, enquanto ele chamava o grupo de turno ao meio-dia ou durante a noite para encurtar ou aumentar os panos e empurrar o navio aos limites de sua velocidade.

Logo conhecia o Golden Bough tão intimamente como a uma amante. Descobriu quão próximo estava de poder levar a nau ao vento, e como ela apreciava correr diante dele com todas as velas enfunadas. Tinha uma tripulação com baldes para molhar seus panos a fim de que pudessem segurar melhor o vento e, depois, quando a nau estava em pleno vôo, para medir sua velocidade pela água com ampulheta e silômetro a cronometrar desde a proa até a popa. Descobriu como obter o último metro de velocidade dela e como ter sua resposta ao leme como um excelente caçador nas rédeas.

A tripulação trabalhava sem queixas, e Aboli ouviu-os a conversar entre si no castelo de proa. Longe de reclamações, pareciam estar gostando da mudança do comando mais complacente de Llewellyn.

— O rapaz é um marujo. O navio o adora. Pode conduzir o Bough a seu limite e fazê-lo voar através da água, sim, ele pode.

— Fica feliz em levá-lo ao limite também — opinou outro.

— Ânimo, seus preguiçosos indolentes, calculo que haverá dinheiro em abundância ao fim desta viagem.

Em seguida, Hal colocou-os para trabalhar nos canhões, correndo-os para fora e depois para dentro de novo, até que os homens suavam, extenuados, e sorriam enquanto o xingavam, chamando-o de tirano. Então, fazia os artilheiros dispararem numa barrica flutuante, e aplaudia o melhor deles quando o alvo era arrebatado pelo disparo.

Entrementes, exercitava-os com o alfanje e a lança, e lutava junto com eles, nu até a cintura, e competia contra Aboli, Daniel Grande ou John Lovell, que era o melhor espadachim da nova tripulação.

O Golden Bough velejou ao redor da protuberância do continente sul-africano, e Hal o fez rumar para o norte. Agora, a cada légua que Velejavam, o mar mudava suas características. As águas assumiram um matiz de índigo vívido que maculava o céu da mesma cor. Eram tão claras que, ao se inclinar por sobre a proa, Hal podia ver os cardumes de golfinhos, quatro braços abaixo, correndo adiante da proa e brincando despreocupadamente como um bando de turbulentos spaniels até que se arqueavam para a superfície. Ao irromperem para cima, ele podia ver no topo de suas cabeças o nariz aberto para respirar, e eles o fitavam com olhar alegre e um sorriso inteligente.

Os peixes-voadores eram seus batedores, viajando adiante deles nas reluzentes asas prateadas, e as montanhas de nuvens cúmulos eram as luzes de sinalização que os dirigiam sempre no rumo norte.

Quando navegavam para dentro das grandes calmarias, ele não deixava a tripulação descansar; baixava os botes e promovia corridas de turno contra turno, os remos tornando a água branca. Depois, ao final do exercício, faziam-nos abordar o Golden Bough como se a nau fosse uma inimiga, enquanto ele e

Aboli e Daniel Grande os enfrentavam e os faziam lutar por um pé no convés.

No calor sem vento dos trópicos, enquanto o Bough rolava gentilmente sobre as vagas lentas e as velas vazias panejavam e pendiam com indolência, ele os fazia apostar corridas em equipes de revezamento que tinham de subir e descer o mastro principal com as mãos, com um trago extra de rum como prêmio.

Em questão de semanas, os homens estavam dispostos e enxutos e explodindo de ânimo, loucos por uma luta. Hal, no entanto, era assolado por uma preocupação persistente que não partilhava com ninguém, nem mesmo com Aboli. Noite após noite, sentava-se à sua mesa na cabine principal, não se atrevendo a dormir, pois sabia que o sofrimento e as lembranças da mulher e da criança que tinha perdido iriam assombrá-lo nos sonhos, e estudava as cartas náuticas e tentava buscar uma solução.

Mal tinha quarenta homens sob seu comando, apenas o suficiente para trabalhar no navio, porém muito pouco para servir em batalha. Se se encontrassem de novo, o Gavião poderia mandar uma centena de homens para o tombadilho do Golden Bough. No caso de precisarem se defender, além de procurar emprego a serviço do padre, então Hal precisava encontrar marinheiros.

Quando examinava os mapas, conseguia encontrar poucos portos onde pudesse arrebanhar marujos treinados. A maioria estava sob o controle dos portugueses e dos holandeses, e eles não acolheriam bem uma fragata inglesa, especialmente uma cujo capitão tivesse a intenção de seduzir seus marinheiros para que ficassem a seu serviço.

Os ingleses não haviam penetrado com qualquer força por aquele oceano distante. Uns poucos mercadores tinham feitorias no continente da Índia, porém estavam sob a servidão do grão-mogol, e, além disso, chegar até lá significaria uma viagem de várias milhares de milhas fora do curso pretendido.

Hal sabia que no litoral sudeste da longa ilha St. Lawrence, também chamada de Madagáscar, os Cavaleiros Franceses da Ordem do Santo Graal tinham um porto seguro a que chamavam Fort Dauphin. Se aportasse lá, como um Cavaleiro Inglês da Ordem, poderia esperar receber as boasvindas, porém pouco mais além disso para seu conforto, a não ser que ocorresse alguma rara circunstância, tal como um ciclone, que tivesse causado um naufrágio e deixado marinheiros no porto sem navio. Contudo, resolveu que deveria arriscar essa chance e fazer de Fort Dauphin sua primeira escala, desviando o curso para a ilha.

Enquanto navegavam rumo ao norte, com Madagáscar como seu objetivo, a África estava sempre lá, ao largo de estibordo. Às vezes, a terra só podia ser imaginada na distância azul; outras vezes, estava tão próxima que podiam sentir seu aroma peculiar. Era um cheiro apimentado de especiarias e do rico odor negro da terra, como biscoito recém-assado, quente do forno.

Muitas vezes Jiri, Matesi e Kimatti amontoavam-se na amurada, apontando para as colinas verdejantes e as rendadas linhas das ondas, a conversar juntos calmamente na linguagem das florestas. Numa hora tranquila, Hal subia até o topo do mastro e olhava para a terra. Quando descia, sua expressão era triste e solitária.

Dia após dia, não viram nenhum sinal de outro homem. Não havia nem portos nem cidades ao longo do litoral que pudessem divisar, e nenhuma vela sobre o mar, nem mesmo uma canoa ou caíque costeiro.

Só quando estavam menos de cem léguas ao sul do cabo de St. Marie, o ponto mais ao sul da ilha, foi que avistaram outra vela. Hal postou o navio de proa e deixou as colubrinhas carregadas com metralha e a mecha de queima lenta acesa, pois ali, além da Linha, não ousava confiar em nenhum navio.

Quando estavam quase dentro do alcance de voz da outra nau, ela desfraldou suas cores. Hal ficou encantado ao ver a bandeira da união e a croix pattée da ordem tremulando no topo do mastro. Respondeu com a mesma demonstração de panos, e ambos os navios pararam ao alcance um do outro.

— Qual o navio? — perguntou Hal, e a resposta veio de volta pelas vagas azuis:

— O Rose of Durham. Capitão Welles. — Era uma mercante armada, uma caravela com doze canhões de um lado.

Hal baixou um escaler e remou ele próprio pelo espaço que os separava. Foi saudado na porta de embarque por um capitão lépido e miúdo de meia idade.

— In Arcádia habito.

— Flumen sacrum bene cognosco — respondeu Hal, e se deram as mãos no aperto de reconhecimento do templo.

O capitão Welles convidou Hal a descer para sua cabine, onde beberam juntos uma caneca de cidra e trocaram notícias avidamente. Welles tinha navegado anteriormente por quatro semanas, vindo da feitoria inglesa de St. George, perto de Madras, na costa leste da Índia ulterior, com uma carga de tecidos de comércio. Pretendia trocá-la por escravos na costa de Gâmbia da África Ocidental, e depois velejar pelo Atlântico até o Caribe, onde permutaria os escravos por açúcar e então, voltaria para a Inglaterra.

Hal sondou-o sobre a disponibilidade de marujos nas feitorias inglesas no Carnático, aquele trecho de litoral da Índia ulterior desde as Ghats orientais até a costa de Coromandel, porém Welles meneou a cabeça.

— Terá de ficar ao largo de toda aquela costa. Quando parti, a cólera grassava em cada vila e feitoria. Qualquer homem que leve a bordo pode trazer a morte com ele por companhia.

Hal enregelou diante da ideia da catástrofe que aquela praga poderia representar para sua tripulação já desfalcada, caso se disseminasse pelo Golden Bough. Não ousaria se arriscar a uma visita àqueles portos atingidos pela febre.

Durante uma segunda caneca de cidra, Welles deu a Hal o primeiro relato confiável do conflito que reinava no Great Horn da África. O irmão mais novo do grande-mongol, Sadiq Khan Jahan, chegara ao largo da costa do Great Horn com uma grande frota. Juntara forças com Ahmed El Grang, que chamavam de Canhoto, o rei dos árabes omanis que tinham o domínio das terras fronteiriças ao império do Padre. Esses dois tinham declarado a jihad, a guerra santa, e, juntos, caído como um vendaval enfurecido sobre os cristãos. Tinham tomado de assalto e saqueado os portos e cidades da costa, queimando as igrejas e despojando os mosteiros, massacrando os monges e os homens santos.

— Pretendo navegar para oferecer meus serviços ao padre, ajudando-o na resistência aos pagãos — disselhe Hal.

— É outra cruzada, e a sua é de uma nobre inspiração — aplaudiu-o Welles. — Muitas das mais sagradas relíquias da cristandade são mantidas pelos padres santos na cidade etíope de Aksum, e nos conventos, em lugares secretos nas montanhas. Se caíssem nas mãos dos pagãos, seria um dia triste para toda a cristandade.

— Se não pode o senhor mesmo lançar-se a essa sagrada aventura, não poderia me dispensar uma dúzia de seus homens, pois estou tristemente pressionado pela falta de bons marinheiros? — perguntou Hal.

Welles desviou os olhos.

— Tenho uma longa viagem à minha frente e há possibilidade de pesadas perdas entre minha tripulação, por causa da febre, quando visitarmos a costa da Gâmbia e fizermos a meia passagem do Atlântico — resmungou.

— Pense em seu juramento — instou-o Hal. Welles hesitou e depois deu de ombros.

— Reunirei minha tripulação e você poderá apelar a eles e pedir voluntários para se juntarem à sua aventura.

Hal agradeceu-lhe, sabendo que Welles fazia uma aposta sem risco. Poucos marujos ao fim de uma viagem de dois anos iriam abrir mão de sua parte dos lucros, e da perspectiva de um rápido retorno para

casa, em favor de um chamado às armas para ajudar um potentado estrangeiro, ainda que cristão. Apenas dois homens atenderam ao apelo de Hal, e Welles pareceu aliviado por se ver livre deles. Hal imaginou que fossem criadores de caso e descontentes, porém não poderia se permitir ser exigente.

Antes de partirem, Hal entregou a Welles dois pacotes de cartas, costurados em cobertas de lona, com o endereço escrito em letras fortes em cada um. Um era endereçado ao visconde Winterton, e, na longa carta que escrevera, Hal descrevia as circunstâncias do assassinato do capitão Llewellyn, e sua própria aquisição do Golden Bough. Compro-metia-se a navegar com o navio de acordo com o fretamento original.

A segunda carta era destinada a seu tio, Thomas Courtney, em High Weald, para informá-lo da morte de seu pai e da herança do título. Pedia ao tio para continuar a administrar o domínio em seu nome.

Quando, por fim, despediu-se de Welles, os dois marinheiros que conseguira foram com ele de volta para o Golden Bough. De seu tombadilho Superior, Hal observou as velas de topo do Rose of Durham caírem abaixo

do horizonte sul, e, dias depois, as colinas de Madagáscar ergueram-se diante dele, ao norte.

Naquela noite, Hal, como já se tornara seu hábito, subiu para o tombadilho ao fim do segundo turno de vigia para ler o quadro de rota e falar com o timoneiro. Três sombras escuras esperavam por ele ao pé do mastro principal.

— Jiri e os outros querem conversar com você, Gundwane — disselhe Aboli.

Reuniram-se em torno de Hal enquanto ele se postava na amura voltada para o vento. Jiri falou primeiro, na linguagem das florestas.

— Eu era um homem quando os negreiros me tiraram de meu lar - disse a Hal, calmamente. — Tinha idade suficiente para me recordar muito mais da terra de meu nascimento que esses outros. — Indicou Aboli, Kimatti e Matesi, e todos os três menearam as cabeças em concordância.

— Éramos crianças — disse Aboli.

— Nestes últimos dias — continuou Jiri—, quando senti o cheiro de terra e vi de novo as verdes colinas, velhas lembranças havia muito tempo esquecidas me voltaram. Tenho certeza agora, do fundo de meu coração, que posso encontrar meu caminho de volta até o grande rio ao longo de cujas margens minha tribo vivia quando eu era criança.

Hal ficou em silêncio por algum tempo e então perguntou:

— Por que me diz essas coisas, Jiri? Quer voltar para seu próprio povo?

Jiri hesitou.

— Foi há tanto tempo... Meu pai e minha mãe estão mortos, assassinados pelos negreiros. Meus irmãos e os amigos de minha infância se foram também, levados nos grilhões dos escravagistas. — Ficou calado por alguns instantes, mas então prosseguiu: — Não, capitão, não posso retornar, pois o senhor agora é meu chefe, como seu pai foi antes do senhor, e estes são meus irmãos. — Indicou Aboli e os outros que se postavam ao redor.

Aboli assumiu a conversa.

— Se Jiri conseguir nos levar de volta ao grande rio, se pudermos encontrar nossa tribo perdida, pode ser que consigamos encontrar também uma centena de guerreiros dentre eles para encher o boletim de turno deste navio.

Hal encarou, atónito.

— Uma centena de homens? Homens que podem lutar como quatro patifes feito vocês? Então realmente as estrelas lá em cima estão sorrindo para mim de novo.

Levou os quatro para baixo, para a cabine de popa, acendeu as lanternas e espalhou as cartas náuticas sobre a mesa. Agacharam-se em torno delas num círculo, e os pretos apontaram para as folhas de

pergaminho com seus indicadores e discutiram suavemente em suas vozes sonoras, enquanto Hal explicava as linhas das cartas para os três que, diferentemente de Aboli, não sabiam ler.

Quando o sino do navio chamou para o início do turno da manhã, Hal subiu ao tombadilho e chamou Ned Tyler.

— Novo curso, Sr. Tyler. Rumo sul. Marque-o no quadro de rota. Ned estava evidentemente espantado com a ordem de voltar no curso, porém não fez perguntas.

— Rumo sul.

Hal teve pena dele, pois era óbvio que a curiosidade o comichava como um carrapicho nas calças.

— Estamos nos aproximando do litoral da África outra vez. Cruzaram o largo canal que separava Madagáscar do continente africano.

A terra firme surgiu como um lento borrão azulado no horizonte, e, ao largo, fizeram a volta e rumaram para o sul, uma vez mais ao longo da costa.

Aboli e Jiri passavam a maior parte das horas de dia claro no topo do mastro, espiando a terra. Por duas vezes, Jiri desceu e pediu a Hal para ficar perto da costa a fim de investigar o que parecia ser a desembocadura de um rio largo. Na primeira vez, aquilo mostrou ser um falso canal, e, na segunda vez, Jiri não o reconheceu quando ancoraram ao largo da foz.

— É muito pequeno. O rio que procuro tem quatro desembocaduras.

Levantaram âncora e rumaram para o mar outra vez, seguindo depois rumo sul. Hal já começava a duvidar da memória de Jiri, porém perseverou. Vários dias mais tarde, percebeu a excitação patente dos dois homens no topo do mastro ao olharem para terra e gesticularem um com o outro. Matesi e Kimatti, que, como parte do turno fora de serviço estavam vagabundeando no castelo de proa, saltaram de pé e subiram as enxárcias para se pendurarem nos cordames, a fitar com avidez a terra.

Hal foi até a amurada e ergueu a luneta revestida de bronze de Llewellyn ao olho. Viu o delta de um grande rio espalhar-se diante deles. As águas que se derramavam das múltiplas embocaduras eram descoradas e carregavam com elas os detritos dos charcos e das terras desconhecidas que deviam jazer na nascente daquele poderoso rio. Esquadrões de tubarões se alimentavam daquele despejo, e suas altas barbatanas triangulares faziam ziguezagues pela corrente.

Hal chamou Jiri para perto de si e perguntou:

— Como sua tribo chama esse rio?

— Há muitos nomes para ele, pois o único rio chega ao mar com muitos afluentes. São chamados de Muselo, Inhamessingo e Chinde. Porém, o principal deles é o Zambeze.

— Todos eles têm uma entonação sonora — comentou. — Porém, tem certeza de que esse é o rio serpente com quatro bocas?

— Pela cabeça de meu pai morto, juro que é.

Hal tinha dois homens na proa fazendo sondagens conforme avançavam para terra, e, tão logo o fundo começou a declivar, lançou âncora em doze braças de água. Não iria arriscar o navio nas águas estreitas de terra e nos retorcidos canais do delta. Porém, havia outro risco que não estava disposto a enfrentar.

Sabia de seu pai que aqueles deltas tropicais eram perigosos para a saúde da tripulação. Se respirassem os ares noturnos do pântano, logo cairiam presa das febres mortais que se abateriam sobre eles, apropriadamente chamadas de malária, os maus ares.

Os alforjes de sela de Sukeena, que, com o broche de jade de sua mãe, eram seu único legado para Hal, continham uma satisfatória quantidade do pó dos jesuítas, o extrato da casca da árvore da quina. Ele também descobrira um grande jarro da mesma preciosa substância entre os estoques de Llewellyn. Era o único remédio contra a malária, a doença que os marinheiros encontravam em cada área conhecida dos

oceanos, desde as florestas da Batávia e Índia ulterior até os canais de Veneza, os charcos da Virgínia e do Caribe, no Novo Mundo.

Hal não iria expor a tripulação inteira a essa destruição. Ordenou que duas pinças fossem trazidas dos porões e equipadas. Depois, escolheu as equipes para essas embarcações, que incluíam naturalmente os quatro africanos e Daniel Grande. Colocou um falconete na proa de cada uma e mandou que fosse montado um par de morteiros nas popas.

Todos os homens da expedição estavam pesadamente armados, e Hal colocou três volumosos baús de mercadorias de comércio em cada bote, canivetes e tesouras e pequenos espelhos de mão, rolos de fio de cobre e contas de cristal de Veneza.

Deixou Ned Tyler encarregado do Golden Bough, com Althuda, e ordenou-lhes que ficassem ancorados bem ao largo da costa e esperassem por seu retorno. O sinal de revés seria um rojão vermelho chinês: somente se o visse, Ned teria de mandar os escaleres para encontrá-los.

— Podem ser muitos dias, semanas talvez — avisou Hal. — Não perca a paciência. Fique em seu posto enquanto não tiver notícias de nós.

Hal assumiu o comando do bote líder. Tinha Aboli e os outros africanos em sua tripulação. Daniel Grande seguiu-o no segundo.

Exploraram cada uma das quatro desembocaduras. O nível da água parecia baixo, e algumas das entradas, quase fechadas por seus bancos de areia. Hal conhecia o perigo dos crocodilos e não se arriscaria a enviar homens para a margem a fim de arrastar os botes sobre a barragem. Por fim, escolheu a foz do rio com o maior volume de água. Com a brisa da manhã vinda de terra a encher a catita, e todas as mãos nos remos, forçaram passagem sobre os bancos de areia para o mundo quente e silencioso dos pântanos.

Altas plantas de papiro e extensões de mangue formavam uma parede firme de cada lado do canal, de maneira que sua visão era limitada, e o vento, bloqueado. Remaram em frente com constância, seguindo as voltas do canal. A cada curva abria-se a mesma vista monótona. Hal percebeu quase de imediato quão fácil seria perder-se naquela confusão, e marcou cada ramo do canal com tiras de lona atadas nos galhos do topo das árvores do mangue.

Por dois dias, avançaram para oeste, guiados pela bússola e pelo fluxo das águas. Nas lagoas, chafurdavam hordas dos grandes hipopótamos que abriam as bocas cavernosas e rosadas e roncavam para eles com selvagens gargalhadas conforme eles se aproximavam. A princípio, passavam bem ao largo deles, porém, uma vez mais familiarizado, Hal começou a ignorar seus gritos de alerta e exibições de raiva, e seguiu em frente, incansavelmente.

Sua bravata pareceu a princípio justificada, e os animais submergiam quando ele avançava diretamente sobre eles. Então, fizeram outra curva para dentro de uma lagoa verde mais larga. No centro, havia um banco de lama, e sobre ele se postava um imenso hipopótamo fêmea; em seu flanco, um filhote recém-nascido não maior que um porco. A fêmea berrou para eles, ameaçadoramente, quando remaram em sua direção, mas os homens riram divertidos, e Hal gritou, da proa:

— Afaste-se, velha dama, não é nossa intenção lhe fazer mal, porém queremos passar.

O grande animal baixou a cabeça e, grunhindo com beligerância investiu pela lama num selvagem e desajeitado galope que levantava nuvens de barro. Assim que se deu conta de que o bicho avançava a sério, Hal pegou a mecha de queima lenta do tubo a seus pés.

— Céus, ela pretende nos atacar.

Agarrou a alça de ferro do falconete e girou-o para mirar em frente, porém o hipopótamo chegou à água e arrojou-se dentro dela a toda velocidade, fazendo subir um lençol de borrifos. Desapareceu sob a superfície. Hal virou o cano do falconete de lado a lado, procurando uma chance para disparar, porém

viu apenas uma ondulação na superfície enquanto o animal nadava no fundo.

— Está vindo direto para nós! — gritou Aboli. — Espere até conseguir um tiro certo, Gundwane!

Hal olhou para baixo, a mecha pronta, e, através da água verde clara, viu uma coisa notável. O hipopótamo se movia ao longo do fundo num lento galope, nuvens de lama a borbulhar sob suas patas a cada passo. Porém, estava ainda a uma braça de profundidade, e o tiro poderia não atingi-lo.

— Está vindo para debaixo de nós! — gritou ele para Aboli.

— Fique pronto! — avisou Aboli. — É assim que destroem as canoas de meu povo.

As palavras mal tinham deixado seus lábios, quando, debaixo de seus pés, veio um baque retumbante conforme o bicho se elevou sob eles, e o pesado bote com seus dez remadores foi erguido para fora d'água.

Foram arrancados de seus bancos, e Hal poderia ter caído de lado se não se agarrasse à bancada. O bote bateu de novo na superfície, e Hal apanhou outra vez o rabo do falconete.

A investida do animal teria aberto um rombo no casco de qualquer outra embarcação mais leve, e certamente destroçado uma piroga nativa, porém a pinaça fora construída com robustez para suportar as asperezas do mar do Norte.

Ali perto, a enorme cabeça cinza irrompeu para a superfície, e a boca se abriu como uma caverna rosada alinhada de dentes de marfim amarelo, tão longos quanto o antebraço de um homem. Com um berro que chocou a tripulação pela ferocidade, o hipopótamo investiu sobre eles com a bocarra arreganhada para estourar as tábuas do lado do bote.

Hal girou o falconete até que ele quase tocou a cabeça que investia. Disparou. Fumaça e fagulhas arremessaram-se em cheio pela garganta escancarada, e a queixada se fechou. O bicho desapareceu num torvelinho para reaparecer, segundos depois, a meio caminho de volta até o banco de lama no qual estava seu filhote, abandonado e aturdido.

O corpo imenso e rotundo subiu a meio para fora d'água, numa convulsão gigantesca, e depois caiu de costas e afundou para a morte, deixando uma longa esteira escarlata a marcar as verdes águas à sua passagem.

Os remadores atiraram-se aos remos com vigor renovado, e o bote contornou a próxima curva, com a pinaça de Daniel perto, à popa. O casco da embarcação de Hal fazia água com rapidez, porém, com um dos homens a esgotá-la com um balde, puderam mantê-la seca até que tivessem uma oportunidade de atracá-la e virá-la de borco para reparar os danos. Apressaram-se em subir o canal.

Nuvens de aves aquáticas erguiam-se dos densos canteiros de papiro em torno deles ou se empoleiravam nos galhos das árvores do mangue. Havia garças, patos e gansos que reconheciam, junto com dezenas de outros pássaros que jamais tinham visto antes. Várias vezes avistaram de relance um estranho antílope com o pêlo sujo marrom e chifres em espiral com pontas pálidas, que parecia fazer dos charcos profundos o seu habitat. Ao crepúsculo, surpreenderam um que se postava na beira dos papiros. Com um longo e feliz tiro de mosquete, Hal derrubou-o. Ficaram atônitos ao descobrir que suas patas eram deformadas, enormemente alongadas. Tais pés poderiam atuar como as nadadeiras de um peixe na água, avaliou Hal, e dar-lhe ponto de apoio no terreno macio de lama e caniços. A carne do antílope era doce e tenra, e os homens, esfaimados fazia longo tempo por comida fresca, comeram-na com prazer.

As noites, quando dormiam no convés nu, eram murmurantes, atribuladas por grandes nuvens de insetos que os aferroavam, e, nas alvoradas, suas faces estavam inchadas e intumescidas de caroços vermelhos.

No terceiro dia, os papiros começaram a ceder passagem para planícies alagadiças abertas. A brisa podia alcançá-los agora, soprando para longe as nuvens de insetos e enchendo a catita que tinha içado. Avançaram com mais velocidade e chegaram até onde todos os outros braços do rio se juntavam para

formar um grande fluxo de quase três amarras de largura.

As planícies aluviais de cada margem daquele poderoso rio eram verdejantes, com uma vegetação de rica pastagem, com cerca de meio metro de altura, cheia de imensas manadas de búfalos. O número deles era incontável e formavam um tapete movediço até tão distante quanto Hal podia enxergar, mesmo quando subia no mastro da pinaça. Espalhavam-se tão densamente sobre a pradaria, que grandes áreas de pastagens eram obscurecidas por sua quantidade. Havia lagos alcatroados e rios correntes de carne bovina.

As franjas externas dessas hordas se alinhavam nas margens do rio e os animais os fitavam através da água, os focinhos cheios de baba erguidos ao alto e as cabeças protuberantes e pesadas com os chifres curvados. Hal aprumou o bote para perto e disparou o falconete para cima deles. Com aquela única descarga, abateu duas jovens fêmeas. Naquela noite, pela primeira vez, acamparam em terra e deliciaram-se com os espetos de búfalo assado nos carvões.

Por muitos dias, continuaram a seguir o imponente fluxo verde, e as planícies aluviais gradualmente cederam terreno a florestas e clareiras. O rio estreitou-se, tornou-se mais fundo e mais forte, e o progresso era mais lento contra a corrente. Na oitava noite depois de deixarem o navio, foram para terra, para acampar num bosque de altas figueiras selvagens.

Quase de imediato, viram sinais de habitação humana. Era uma paliçada em destroços, construída de toras pesadas. Dentro de suas paredes de madeira havia cercados que Hal julgou destinarem-se ao aprisionamento de gado ou outros animais.

— Negreiros! — disse Aboli, com amargura. — É onde prenderam meu povo como animais. Em uma dessas bomas, talvez nessa mesma, minha mãe morreu sob o peso da tristeza.

A paliçada fora abandonada havia longo tempo, porém Hal não conseguiu acampar nesse local de tanta miséria humana. Moveram-se por uma légua rio acima e encontraram uma pequena ilha na qual bivacar. Na manhã seguinte, prosseguiram ao longo do rio através da floresta e pastos virgens de qualquer evidência de homem.

— Os negreiros varreram tudo com sua rede — disse Aboli, com tristeza. — Eis por que abandonaram sua feitoria e foram embora. Parece que não há nem homens nem mulheres de nossa tribo que tenham sobrevivido à destruição. Devemos abandonar a busca, Gundwane, e voltar.

— Não, Aboli. Vamos prosseguir.

— Por toda parte em torno de nós está a memória antiga do desespero e da morte — insistia Aboli. — Estas florestas são habitadas apenas pelos fantasmas de meu povo.

— Decidirei quando voltaremos, e essa hora ainda não chegou — disselhe Hal, pois, na verdade, começava a se sentir fascinado por aquela estranha nova terra e a exuberância de criaturas selvagens de que abundava. Sentia um poderoso ímpeto de viajar mais e mais, de seguir o grande rio até sua nascente.

No dia seguinte, da proa, Hal avistou uma região de outeiros ondulantes a uma curta distância ao norte do rio. Ordenou que levassem os botes para a praia e deixou Daniel Grande e seus marujos para reparar os vazamentos no casco do primeiro deles, causado pelo ataque do hipopótamo. Levou Aboli consigo e começaram a subir as colinas para ter uma visão melhor da região adiante. Estavam mais longe do que pareciam estar, pois as distâncias são enganosas no ar claro e sob a luz brilhante do sol africano. Era fim da tarde quando chegaram ao cume e olharam para baixo, pelas ilimitadas distâncias onde florestas e colinas se replicavam, fileira após fileira, renque após renque, como imagens de infinidade em espelhos de azul sombreado.

Sentaram-se em silêncio, admirados e reverentes diante da imensidão daquela terra selvagem. Por fim, Hal levantou-se, relutante.

— Tem razão, Aboli. Não há vida humana aqui. Devemos voltar para o navio.



Contudo, sentiu no íntimo uma estranha relutância em voltar as costas àquela terra extraordinária. Mais do que nunca, sentia-se atraído para o seu mistério e o romance de seus vastos espaços. "Você terá muitos filhos fortes" profetizara Sukeena. "Sua descendência florescerá nesta terra de África e a fará sua."

Hal ainda não amava aquela terra. Era demasiado estranha e bárbara, tão diferente de tudo que ele conhecera nos climas mais gentis do norte, porém, no mais profundo do seu ser, ele sentia sua magia no próprio sangue.

O silêncio do crepúsculo caiu sobre as colinas, aquele momento em que toda criação contém seu fôlego diante do insidioso avanço da noite. Hal lançou um último olhar, varrendo o horizonte até onde as colinas, como camaleões monstruosos, mudavam de cor. Diante de seus olhos, adquiriam matizes de safira, de anil, e do azul das costas de um martim-pescador. De súbito, empertigou-se.

Agarrou o braço de Aboli e apontou.

— Olhe! — disse, baixinho.

Do sopé do próximo plano, uma única pluma fina de fumaça se alçava da floresta e subia para o violeta do ar da noite.

— Homens! — murmurou Aboli. — Estava certo em não querer voltar tão cedo, Gundwane.

Desceram a colina na escuridão e moveram-se pela floresta como sombras. Hal se orientava pelas estrelas, olhos cravados na grande e reluzente constelação do Cruzeiro do Sul que pendia acima da colina ao pé da qual tinham avistado a coluna de fumaça. Depois da meia-noite, enquanto avançavam com redobrada cautela, Aboli parou tão abruptamente que Hal quase tropeçou nele no escuro.

— Escute! — disse ele.

Ficaram em silêncio, minuto após minuto. Então Hal disse:

— Não ouço nada.

— Espere! — insistiu Aboli, e Hal ouviu. Era um som que já fora comum, mas que ele não ouvia desde que deixara Boa Esperança. O mugir lamentoso de uma vaca.

— Meu povo é de pastores — murmurou Aboli. — Seu gado é sua mais preciosa posse.

Conduziu Hal para a frente com cautela, até que puderam sentir o cheiro de fumaça de lenha e o familiar odor bovino do cercado de gado. Hal divisou o monte de carvões debilmente reluzentes que marcavam a fogueira do acampamento. Silhuetado contra a luz bruxuleante estava o contorno de um homem sentado, enrolado num kaross.

Ficaram ali e esperaram pelo amanhecer. Contudo, bem antes das primeiras luzes da manhã, o acampamento começou a se agitar. O vigia levantou-se, espreguiçou-se, tossiu e cuspiu nas brasas mortas. Depois, lançou madeira nova sobre a fogueira e se ajoelhou para soprar os carvões. As chamas estalaram e, com a luz, Hal viu que o guarda não passava de um garoto. Nu, a não ser por uma tanga, ele se afastou do fogo e se aproximou de onde estavam escondidos. Ergueu a tanga e urinou no mato, brincando com o jato de urina, mirando as folhas caídas e brotos e rindo ao tentar derrubar um escaravelho em disparada.

Então voltou para a fogueira e gritou para um puxado de galhos e sapé:

— A aurora nasceu. É hora de deixar sair o rebanho.

Sua voz era alta e firme, porém Hal ficou encantado por descobrir que compreendia cada palavra que o menino dizia. Era a linguagem das florestas que Aboli lhe ensinara.

Dois outros rapazes da mesma idade arrastaram-se para fora da cabana, tremendo, resmungando e se coçando, e os três foram para o cercado de gado. Falaram com os animais como se eles fossem também crianças, afagaram-lhes as cabeças e deram tapinhas em seus flancos.

Quando a luz aumentou, Hal viu que aquele gado era bem diferente daquele que conhecera em High

Weald. Eram animais mais altos e mais rústicos, com enormes corcovas sobre os ombros, e o espaço entre seus chifres era tão largo que parecia grotesco, o peso quase exagerado até mesmo para suas compleições pesadas.

Os garotos pegaram uma vaca e tiraram o bezerro de seu úbere. Então, um se ajoelhou sob sua barriga e a ordenhou, mandando jatos espumosos para dentro de uma cabaça. Enquanto isso, os dois outros seguravam um touro jovem e passavam uma tira de couro em seu pescoço. Puxaram apertado, e quando as veias comprimidas saltaram sob a pele negra, um picou uma delas com a ponta aguda de uma cabeça de flecha. O primeiro menino veio correndo com a cabaça de leite pela metade e colocou a boca da cuia sob o fluxo de brilhante sangue vermelho que espirrava da veia perfurada.

Quando a cabaça estava cheia, um deles estancou o pequeno corte do pescoço do touro com um punhado de terra e soltou-o. O animal afastou-se, sem parecer se importar com a sangria. Os garotos sacudiram a cabaça vigorosamente e então a passaram de um para o outro, cada um deles bebendo avidamente da mistura de leite e sangue quando chegava sua vez, estalando os lábios e suspirando de prazer.

Tão absortos estavam com seu desjejum, que não notaram Aboli ou Hal até que foram agarrados por detrás e erguidos no ar, entre chutes e gritos.

— Quietos, seu pequeno babuíno — ordenou Aboli.

— Negreiros! — berrou o mais velho, ao ver a face branca de Hal. — Fomos pegos pelos feitores de escravos!

— Não nos comer — esgoelou o mais jovem.

— Não somos negreiros! — disselhes Hal. — E não lhes faremos mal.

Aquela afirmação provocou no trio um novo paroxismo de terror.

— Ele é um demónio que pode falar a linguagem do céu.

— Entende tudo que falamos. É um demónio albino.

— Vai nos comer com certeza, como minha mãe me avisou. Aboli segurou o mais velho pelo braço e o encarou.

— Qual é seu nome, macaquinho?

— Veja as tatuagens dele. — O garoto urrava de pavor e confusão — Está tatuado como o Monomatapa, o escolhido do céu.

— É o grande Mambo!

— Ou o fantasma do Monomatapa que morreu faz muito tempo.

— Sou na verdade um grande chefe — concordou Aboli. — E você me dirá seu nome.

— Meu nome é Tweti... oh, Monomatapa, poupe-me, pois sou muito pequeno. Seria apenas uma única mordida para sua poderosa queixada.

— Leve-me para sua vila, Tweti, e eu o pouparei e a seus irmãos. Depois de um momento, as crianças começaram a acreditar que realmente não seriam nem comidas nem tornadas escravas e começaram a sorrir timidamente para Hal. Não demorou muito e estavam dando risadinhas deliciosas por terem sido escolhidos pelo grande chefe tatuado e pelo estranho albino para conduzi-los até a vila.

Tocando o gado adiante deles, tomaram uma trilha pelas colinas e saíram de súbito numa pequena vila rodeada de campos de cultivo rudimentares, nos quais uns poucos pés dispersos de milho miúdo cresciam. As cabanas tinham o formato de favos de colmeia, com belos telhados de sapé, porém estavam desertas. Potes de cerâmica estavam nas fogueiras de cozinha diante de cada cabana e havia vacas nos cercados, cestas trançadas, armas e utensílios espalhados onde haviam caído quando os moradores fugiram.

Os três garotos começaram a gritar para os arbustos ao redor.

— Saiam! Venham ver! É o grande Mambo de nossa tribo que voltou da morte para nos visitar!

Uma velha foi a primeira a emergir timidamente de uma moita de tábuas. Usava apenas uma saia engordurada de couro, e uma órbita do olho estava vazia. Tinha apenas um único dente amarelo na frente da boca. Seus peitos pendurados batiam contra a barriga enrugada, que mostrava cicatrizes de tatuagens rituais.

Dirigiu um olhar para a face de Aboli e então correu a se prostrar diante dele. Ergueu-lhe um pé e o colocou sobre a cabeça.

— Poderoso Monomatapa — gemeu, num lamento —, você é o escolhido do céu. Sou um inseto inútil, um besouro que remexe bosta, diante de sua glória.

Sozinhos e aos pares, e depois em grande número, os outros aldeões surgiram de seus esconderijos e se reuniram diante de Aboli para se ajoelharem em obediência e derramar terra e cinzas nas cabeças, em reverência.

— Não deixe essa adulação virar sua cabeça, ó, Escolhido — disse

Hal a Aboli com azedume, em inglês.

— Dou-lhe as dispensas reais — retrucou Aboli, sem sorrir. — Não precisa se ajoelhar em minha presença nem jogar terra em sua cabeça.

Os aldeões trouxeram bancos de madeira entalhada para Aboli e Hal se sentarem e lhes ofereceram cabaças de leite coalhado misturado com sangue fresco, papa de milho, pássaros silvestres grelhados, cupins assados e lagartas tostadas das brasas para que suas penugens se queimassem.

— Você precisa comer um pouco de tudo que lhe oferecerem — avisou Aboli a Hal. — Caso contrário, eles se sentirão bastante ofendidos.

Hal engoliu uns poucos goles da mistura de sangue e leite, enquanto Aboli bebia uma cabaça cheia. Hal achou as outras especialidades um pouco mais palatáveis: as lagartas tinham gosto de suco fresco de grama, e os cupins eram crocantes e deliciosos como castanhas assadas.

Quando tinham comido, o chefe da aldeia avançou, rastejando sobre as mãos e joelhos, para responder às perguntas de Aboli.

— Onde é a cidade do Monomatapa?

— Fica a dois dias de marcha na direção do pôr-do-sol.

— Preciso de dez bons homens para me guiar.

— Como ordenar, ó, Mambo.

Os dez homens estavam prontos dentro de uma hora, e o pequeno Tweti e seus companheiros choraram amargamente quando não foram escolhidos para aquela honra, sendo, isto sim, mandados de volta para a tarefa inferior de cuidar do gado.

A trilha que seguiram rumo oeste atravessava florestas abertas de altas e graciosas árvores interceptadas por largas extensões de pastagens de savana. Começaram a encontrar mais rebanhos do gado de giba pastoreados por pequenos garotos nus. O gado pastava numa proximidade insólita, uma trégua talvez, com hordas de antílopes selvagens. Alguns desses espécimes eram quase equinos, porém com pelagem de ruão avermelhado ou negro retinto, e chifres que se curvavam para trás como cimitarras orientais a lhes tocar os flancos.

Várias vezes, nas florestas, viram elefantes, pequenas manadas de fêmeas e filhotes. Uma vez, passaram a uma amarra de distância de um macho ossudo parado sob um espinheiro de copa chata no meio da savana aberta. Esse patriarca mostrou pouco medo deles, mas abriu as orelhas rasgadas como estandartes de batalha e ergueu as presas curvadas para o alto, a espiá-los com os olhos miúdos.

— Seria preciso dois homens fortes para carregar uma daquelas presas — disse Aboli. — Nos mercados de Zanzibar, alcançariam trinta libras inglesas por peça.

Passaram por muitas pequenas vilas de cabanas em colmeia e tetos de palha, semelhantes àquela em que Tweti vivia. Obviamente, as notícias de sua chegada tinham seguido à frente, pois os moradores saíam para olhar com reverência as tatuagens de Aboli e então se prostravam perante ele e se cobriam de terra.

Cada um dos chefes locais implorou a Aboli para que honrasse sua vila, passando a noite na nova cabana que seu povo construía especialmente para ele, tão logo corra a notícia de sua chegada. Ofereciam comida e bebida, cabaças da mistura de leite e sangue, e potes de argila borbulhantes de aguardente de milho.

Presentearam-no com oferendas, lanças de ferro e cabeças de machado, uma pequena presa de elefante, capas e sacos de couro curtido. Aboli tocou cada um dos presentes para assinalar sua aceitação e depois os devolveu aos doadores.

Trouxeram moças para que escolhesse, belas e pequenas ninfas com braceletes de fio de cobre nos pulsos e tornozelos, e pequenas tangas de contas coloridas que mal lhe escondiam as partes pudendas. Elas davam risadinhas e cobriam as bocas com as belas mãos de palmas rosadas, encarando Aboli com olhos negros arregalados, marejados de admiração. Seus seios adolescentes brilhavam de gordura de vaca e argila vermelha, e as nádegas estavam nuas e dançavam roliças, e elas se desapontavam, conforme Aboli as dispensava. Olhavam para trás, para ele, por sobre um ombro nu, com desejo e reverência. Que prestígio teriam desfrutado se fossem escolhidas pelo Monomatapa.

No segundo dia, aproximaram-se de outra cadeia de colinas, estas porém eram mais irregulares e de lados de puro granito. Ao chegarem mais perto, viram que o cume de cada uma delas era fortificado com muralhas de pedra.

— Yonder é a grande cidade do Monomatapa. Foi construída sobre os topos da colina para resistir aos ataques dos negreiros, e seus regimentos de guerreiros estão sempre de prontidão para repeli-los.

Uma multidão desceu para lhes dar as boasvindas, centenas de homens e mulheres a usar todas os seus enfeites de contas e jóias de marfim entalhado. Os mais velhos usavam cocares de penas de avestruz e saias de rabos de vaca. Todos os homens estavam armados de lanças, e arcos de guerra se penduravam em suas costas. Resmungaram de admiração quando viram a face de Aboli e se jogaram no chão diante dele, para que caminhasse sobre seus corpos trémulos.

Carregados por aquela multidão, subiram lentamente a trilha até o cume da mais alta colina, passando através de uma série de portais. A cada portal, parte da multidão ao redor ficava para trás, até que, ao se aproximarem da esplanada final, diante da fortaleza que coroava o cume, estavam acompanhados apenas por um punhado de chefes, guerreiros e conselheiros do mais alto posto, que usavam todas as insígnias e enfeites de seu ofício.

Mesmo esses pararam diante da porta final, e um nobre ancião com cabelos prateados e olhar aquilino tomou Aboli pela mão e conduziu para o pátio interno. Hal livrou-se dos conselheiros que tentavam segurá-lo e caminhou para o pátio interno ao lado de Aboli.

O chão era de argila que fora misturada com sangue e estrume de vaca, e depois nivelado até que secasse como mármore vermelho polido. Cabanas circundavam aquele pátio, muitas delas maiores do que as que Hal vira antes, e o trançado do teto era de capim novo dourado, intrincado e esplêndido. As soleiras das portas de cada cabana eram decoradas com o que parecia, à primeira vista, serem globos de marfim, e só quando estavam a meio caminho do pátio, foi que Hal se deu conta de que eram crânios humanos, e que altas pirâmides formadas de centenas deles se postavam a intervalos espaçados em torno do perímetro.

Ao lado de cada pirâmide de crânios, estava plantada uma estaca alta, e, na ponta aguçada daqueles postes, um corpo de homem ou de mulher, fora empalado pelo ânus. A maioria daquelas vítimas estava

morta fazia longo tempo e fedia, porém uma ou duas ainda se retorciam e gemiam dolorosamente.

O velho parou no centro do pátio. Hal e Aboli se postaram ali, de pé, em silêncio por um momento, até que uma cacofonia estranha de instrumentos musicais primitivos e discordantes vozes humanas subiu da maior e mais imponente cabana em frente a eles. Uma procissão de criaturas avançou para a luz do sol. Arrastavam-se e se retorciam como insetos sobre a superfície polida de argila, e seus corpos e faces estavam emplastados de argila colorida e pintados em padrões fantásticos. Estavam decorados com encantamentos, amuletos e fetiches mágicos, peles de répteis, ossos e crânios de homem e de animais, e toda a horrível parafernália dos feiticeiros e das bruxas. Gemiam e uivavam e balbuciavam coisas incoerentes, reviravam os olhos e matraqueavam os dentes, e batiam em tambores e tangiam harpas de uma corda só.

Duas mulheres os seguiam. Ambas estavam completamente nuas; a primeira; uma mulher madura com seios cheios e generosos, a barriga marcada com a estria da gravidez. A outra era uma menina, esguia e graciosa com uma face doce de lua e faiscantes dentes brancos por trás dos lábios cheios. Era mais adorável que qualquer outra em que Hal pusera os olhos desde que tinham entrado na terra do Monomatapa. Sua cintura era estreita, e seus quadris cheios, a pele como de cetim negro. Ajoelhou-se com as mãos no chão com as nádegas voltadas em direção a eles. Hal se mexeu constrangido quando as mais profundas dobras das partes privadas da menina ficaram expostas a seu olhar. Mesmo naquelas circunstâncias de perigo e incerteza, descobriu-se excitado por aquela exibição.

— Não mostre emoção — avisou-o Aboli, baixinho, sem mover os lábios. — Se ama a vida, fique imóvel.

Os feiticeiros caíram em silêncio, e, por um espaço de tempo, todos ficaram imóveis. Então, irrompeu de dentro da cabana uma figura corpulenta vestida num manto de pele de leopardo. Sobre a cabeça tinha um chapéu alto da mesma pele salpicada de manchas, que exagerava a sua já majestosa altura.

Parou na soleira da porta e os encarou. Toda a companhia de feiticeiros e bruxas agachou-se a seus pés, a resmungar de admiração, e cobriram os olhos, como se sua beleza e majestade os cegasse.

Hal encarou de volta. Era difícil seguir o conselho de Aboli para permanecer inexpressivo, pois as feições do Monomatapa eram tatuadas exatamente no mesmo padrão e estilo que ele conhecia desde a infância, a grande cara redonda de Aboli.

Aboli quebrou o silêncio.

— Eu o vejo, grande Mambo. Eu o vejo, meu irmão. Eu o vejo, NTofho, filho de meu pai.

Os olhos do Monomatapa se estreitaram ligeiramente, porém suas feições tatuadas continuaram como se entalhadas no ébano. Com passos lentos e imponentes, andou até onde a menina nua se ajoelhava e sentou-se sobre suas costas arqueadas como se fosse um banco. Continuou a encarar Aboli e Hal, e o silêncio se prolongou.

De repente, ele fez um gesto impaciente para a mulher que se postava a seu lado. Ela tomou um dos próprios seios na mão e, colocando o mamilo intumescido entre seus lábios grossos, deu-lhe de mamar. Ele sugou o seio, a garganta a ondular, e depois a empurrou e secou a boca com a palma da mão. Refrescado por aquela bebida cálida, olhou para seu principal adivinho.

— Fale-me desses estranhos, Sweswe! — ordenou. — Faça-me uma profecia, ó, amado dos espíritos sombrios!

O mais velho e mais feio dos feiticeiros saltou de pé e começou uma dança selvagem, em giros e volteios. Gritava e saltava no ar, sacudindo o chocalho na mão.

— Traição! — esgoelou, e um cuspe espumoso espirrou de sua boca.

— Sacrilégio! Quem ousa clamar laços de sangue com o Filho dos Céus?

— Saltou em frente a Aboli como um macaco encarquilhado nas pernas esqueléticas. — Sinto o fedor de traição! — Sacudiu seu chocalho aos pés de Aboli e puxou o espanador de rabo de vaca do cinto. — Sinto o cheiro de sedição! — Brandiu o espanador e começou a tremer em cada músculo. — Que demónio é esse que se atreve a imitar a sagrada tatuagem? — Seus olhos se reviraram para dentro do crânio até que só o branco se mostrava. — Alerta! Pois o fantasma de seu pai, o grande Holomima, exige o sacrifício de sangue! — berrou, e concentrou energias para saltar para a face de Aboli, a atacá-lo com o espanador mágico.

Aboli foi mais rápido. O alfanje saltou da bainha em seu cinto como se fosse uma coisa viva. Faiscou ao sol conforme descia. A cabeça do feiticeiro foi decepada num só golpe do tronco e rolou por suas costas. Caiu na argila polida a olhar com os olhos arregalados e atónitos para o céu, e os lábios se mexiam e retorciam como se tentassem pronunciar a próxima e horrível denúncia.

O corpo sem cabeça ficou de pé, por um momento, nas pernas trémulas. Uma fonte de sangue do pescoço seccionado jorrava para o ar, o espanador caiu-lhe da mão, e o tronco despencou lentamente no topo da própria cabeça.

— O fantasma de nosso pai Holomima exige o sacrifício de sangue — disse Aboli, calmamente. — E vejam! Eu, Aboli, seu filho, dei-o a ele. Nenhuma pessoa na comitiva real falou ou se moveu por aquilo que pareceu a Hal quase uma eternidade. Então, o Monomatapa começou a se sacudir todo. Sua barriga se pôs a tremelicar, e suas bochechas tatuadas, a dançar e sacudir. Sua face contorceu-se naquilo que parecia uma fúria frenética.

Hal colocou a mão no punho de seu alfanje.

— Se ele é realmente seu irmão, então eu o matarei por você — murmurou para Aboli. — Cubra minha retaguarda e lutaremos para dar o fora daqui.

Porém, o Monomatapa arreganhou a boca e soltou um berro sonoro de gargalhada.

— O tatuado fez o sacrifício de sangue que Sweswe exigiu! — bradou. Então, a alegria o dominou, e por um longo momento ele não conseguiu falar outra vez. Sacudia-se com as risadas, ofegava por fôlego, abraçou-se e, então exclamou, entre risos:

— Viram como ele ficou ali sem cabeça, enquanto sua boca ainda tentava falar? — berrou, e lágrimas de riso lhe rolaram pelas faces.

O bando servil de mágicos explodiu em guinchos e gritos de alegria complacente.

— Os céus riem! — guinchavam. — E todos os homens são felizes. De súbito, o Monomatapa parou de rir.

— Tragam-me a cabeça estúpida de Sweswe! — ordenou, e o conselheiro que os conduzira até ali avançou para obedecer. Pegou-a e ajoelhou-se diante do rei para entregá-la a ele.

O Monomatapa segurou a cabeça pelas mechas emaranhadas de cabelo pixaim e olhou para os olhos arregalados e vagos. Começou a rir novamente.

— Que estupidez não conhecer o sangue dos reis. Como não pôde reconhecer meu irmão Aboli por

seu porte majestoso e a fúria de seu temperamento?

Jogou a cabeça que pingava sangue para os outros mágicos, que se dispersaram.

— Aprendam com a estupidez de Sweswe — advertiu-os. — Não façam mais falsas profecias! Não me falem mais de falsidades! Sumam, todos vocês. Ou pedirei a meu irmão para fazer outro sacrifício de sangue.

Fugiram todos em pandemônio, e o Monomatapa levantou-se de seu trono vivo e avançou para Aboli, com um imenso e feliz sorriso a se espalhar por sua face gorda e tatuada.

— Aboli — disse —, meu irmão que estava morto fazia tempo e que agora vive! — e abraçou-o.

Uma das cabanas de teto elaborado de sapé no perímetro do pátio foi colocada à disposição deles, e uma procissão de moças foi enviada até lá, carregando potes de barro de água quente, equilibrados em suas cabeças, para que os dois homens pudessem se banhar. Outras moças carregavam ainda bandejas sobre as quais estavam empilhados belos trajes para substituir suas roupas manchadas da jornada, tangas de couro curtido cheios de contas e mantos de pele e penas.

Quando tinham se lavado, vestido os novos trajes, outra fila de moças veio lhes trazer cabaças de bebida, um tipo de aguardente fermentada do mel silvestre, e o sangue e o leite misturados. Outras trouxeram gamelas de comida quente.

Depois de comerem, o conselheiro de cabelos prateados que os tinha levado até a presença do Monomatapa veio até eles. Com grande civilidade e toda a demonstração de respeito, acorrou-se aos pés de Aboli.

— Embora você fosse muito mais jovem na última vez que me viu para se recordar de mim agora, meu nome é Zama. Eu era o Induna de seu pai, o grande Monomatapa Holomima.

— É uma pena, Zama, porém não me recordo de quase nada daqueles dias. Lembro-me de meu irmão NTofho. Lembro da dor da faca de tatuagem e do corte de nossa circuncisão que suportamos juntos. Lembro-me que ele gritou mais alto do que eu.

Zama pareceu preocupado e meneou a cabeça como se para advertir Aboli contra a leviandade de falar do rei, porém sua voz saiu sensata e calma:

— Tudo isso é verdade, a não ser apenas o fato de que o Monomatapa jamais gritou. Eu estava presente na cerimônia da faca, e fui eu que preendi sua cabeça enquanto o ferro quente marcava suas faces e cauterizava o capuz de seu pênis.

— Acho que vagamente posso me recordar agora de suas mãos e de suas palavras de conforto. Agradeço por elas, Zama.

— Você e NTofho eram gêmeos, nascidos na mesma hora. Assim, seu pai ordenou que ambos devessem ostentar a tatuagem real. Era um costume novo. Nunca antes dois filhos reais tinham sido tatuados na mesma cerimônia.

— Lembro-me pouco de meu pai, a não ser de como era alto e forte. Recordo-me de que, a princípio, tinha medo das tatuagens em sua face.

— Era um homem poderoso e terrível — concordou Zama.

— Lembro-me da noite em que morreu. Dos gritos e das fuziladas de mosquetes e das chamas horríveis na noite.

— Eu estava lá quando os feitores de escravos vieram com seus grilhões de tristeza. — Lágrimas encheram os olhos do velho. — Você era tão criança, Aboli. Me espanta que se recorde dessas coisas.

— Fale-me sobre aquela noite.

— Como era meu costume e meu dever, dormi no portal da cabana de seu pai. Estava ao lado dele quando ele foi atingido por uma bala dos mosquetes dos negreiros. — Zama caiu em silêncio diante da lembrança e, então, ergueu os olhos de novo. — Quando estava morrendo disse a mim: — Zama, deixe-

me. Salve meus filhos. Salve o Monomatapa! — E eu corri para obedecer.

— Foi me salvar? — perguntou Aboli.

— Fui até a cabana onde você e seu irmão dormiam com sua mãe. Tentei tirá-lo dela, porém ela não quis entregá-lo a mim. "Pegue NTofho!", ordenou ela, pois você sempre fora o favorito. Então, peguei seu irmão e corremos juntos para a noite. Sua mãe e eu fomos separados pela escuridão. Ouvi-lhe os gritos, porém tinha outra criança nos braços, e voltar atrás significaria a escravidão para todos nós e a extinção da linhagem real. Perdoe-me agora, Aboli, porém deixei você e sua mãe e fugi, e, com NTofho, escapei para as colinas.

— Não há culpa no que você fez — absolveu-o Aboli.

Zama olhou ao redor da cabana com expressão cautelosa e então seus lábios se moveram, porém não emitiram nenhum som. Foi a escolha errada. Deveria ter levado você, pensou.

Suas feições mudaram, e ele se inclinou para mais perto de Aboli, parecendo querer dizer mais alguma coisa. Então, afastou-se com relutância, como se não tivesse coragem de fazer algum jogo perigoso.

Levantou-se lentamente.

— Perdoe-me, Aboli, filho de Holomima, porém devo deixá-lo agora.

— Eu o perdoo de tudo — disse Aboli, baixinho. — Sei o que se passa em seu coração. Pense nisso, Zama. Outro leão ruge no topo da colina que um dia poderia ser minha. Minha vida agora está vinculada a um novo destino.

— Tem razão, Aboli, e eu sou um velho. Não mais tenho a força ou o desejo de mudar o que não pode ser mudado. — Endireitou-se. — O Monomatapa lhe concederá outra audiência amanhã de manhã. Virei buscá-lo. — Baixou o tom de voz. — Por favor, não tente deixar o recinto real sem a permissão do rei.

Quando ele se fora, Aboli sorriu.

— Zama nos pediu para não sair. Seria difícil fazer isso. Viu os guardas que foram colocados em cada entrada?

— Sim, como se poderia deixar de vê-los.

Hal levantou-se do banco de ébano entalhado e foi até a soleira baixa da cabana. Contou vinte homens no portal. Eram todos magníficos guerreiros, altos e bem musculosos, e cada um estava armado com lança e machado de guerra. Carregavam grandes escudos de couro de boi manchado de preto e branco, e seus cocares eram de penas de garça-azul.

— Será mais difícil deixar este lugar do que foi para entrar — disse Aboli, muito sério.

Ao pôr-do-sol, chegou outra procissão de moças trazendo a refeição da noite.

— Posso ver por que seu irmão real carrega uma carga tão boa de gordura — comentou Hal, ao inspecionar a superabundância de comida.

Assim que tiveram a fome satisfeita, as moças se retiraram com as gamelas e potes, e Zama voltou. Desta vez, trazia duas donzelas, uma em cada mão. As garotas se ajoelharam diante de Hal e Aboli. Hal reconheceu a mais bonita e mais petulante das duas como a mocinha que fora o trono vivo do Monomatapa.

— O Monomatapa manda essas mulheres para vocês, para lhes suavizar os sonhos com o mel de seus lombos — disse Zama, e retirou-se.

Consternado, Hal viu a menina bonita erguer a cabeça e lhe sorrir com timidez. Tinha feições calmas e doces, com lábios cheios, e enormes olhos negros. Seus cabelos estavam torcidos e trançados com contas de tal maneira, que as tranças pendiam até seus ombros. Seu corpo era roliço e acetinado. Os seios e nádegas estavam nus, e ela usava apenas uma minúscula tanga de contas na frente.

— Eu o vejo, Grande Senhor — murmurou ela —, e meus olhos ficam toldados pelo esplendor de sua



presença. — Arrastou-se para a frente como um gatinho e pousou a cabeça no colo de Hal.

— Você não pode ficar aqui. — Hal saltou de pé. — Precisa sair imediatamente.

A garota fitou-o com aflição, e lágrimas lhe encheram os olhos negros.

— Eu não o agrado, ó Grande Senhor? — murmurou.

— Você é muito bonita — gaguejou Hal —, mas... — Como poderia dizer a ela que estava casado com uma lembrança dourada?

— Deixe-me ficar, senhor — implorou a garota num tom patético. — Se me rejeitar, serei mandada para o carrasco. Morrerei com a estaca aguda enfiada através da secreta abertura de meu corpo para espetar meus intestinos. Por favor, deixe-me viver, ó Grande Senhor. Tenha misericórdia desta inútil mulher, ó Gloriosa Face Branca.

Hal voltou-se para Aboli.

— O que posso fazer?

— Mande-a embora. — Aboli deu de ombros. — Como ela disse, é inútil. Você pode tapar os ouvidos para não ter de ouvir seus berros na estaca.

— Não caçoe de mim, Aboli. Sabe que não posso trair a memória da mulher que amo.

— Sukeena está morta, Gundwane. Eu também a amava, como um irmão, porém ela está morta. Essa menina está viva, porém não estará mais ao pôr-do-sol de amanhã, a menos que tenha piedade dela. Seu juramento não foi algo que Sukeena exigisse de você.

Aboli inclinou-se sobre a outra garota, tomoulhe a mão e puxou-a de pé.

— Não posso lhe dar mais ajuda, Gundwane. Você é um homem, e Sukeena sabia disso. Agora que se foi, ela deve achar justo que você viva o resto de sua vida como um homem de verdade.

Conduziu a garota para o fundo da cabana, onde havia uma pilha de macios karosses, e um par de pedestais de madeira entalhada se postava de lado a lado. Deitou-a e puxou a cortina de couro que os ocultava.

— Qual é seu nome? — perguntou Hal à garota que se agachava a seus pés.

— Meu nome é Inyosi, a abelha do mel — respondeu ela. — Por favor, não me mande para a morte. — Rastejou até ele, agarrou-lhe as pernas e comprimiu a face contra seu ventre.

— Não posso — resmungou ele. — Pertença à outra. — Porém usava apenas a tanga de contas e a respiração da jovem era quente e suave em sua barriga, enquanto suas mãos acariciavam o verso de suas pernas.

— Não posso — repetiu ele, desesperado, porém uma das mãos de Inyosi avançou para debaixo de sua tanga.

— Sua boca diz uma coisa, Poderoso Senhor — ronronou ela —, mas a grande lança de sua masculinidade me diz outra.

Hal deixou escapar um gemido sufocado, pegou-a nos braços e correu com ela até onde sua própria cama de peles fora colocada.

A princípio, Inyosi ficou espantada com a fúria de sua paixão, porém em seguida deixou escapar um grito de alegria e correspondeu, beijo por beijo, investida por investida.

Ao alvorecer, quando se preparava para deixá-lo, ela murmurou:

— Salvou minha vida imprestável. Em troca, devo tentar salvar a sua, que é valiosa. — Beijou-o uma última vez e depois murmurou, com os lábios contra os dele: — Ouvi o Monomatapa conversar com Zama enquanto se sentava em minhas costas. Ele crê que Aboli voltou para reclamar o seu Assento do Céu. Amanhã, durante a audiência para a qual convocou você e Aboli, ele ordenará a seus guarda-costas que os agarrem e joguem do penhasco para as rochas lá embaixo, onde as hienas e os abutres esperam para devorar seus cadáveres. — Inyosi aconchegou-se contra o peito de Hal. — Não quero que morra,

meu senhor. É muito bonito.

Então, levantou-se da cama e esgueirou-se silenciosamente para a escuridão. Hal foi até a fogueira e lançou uma acha de lenha no fogo. A fumaça subiu pelo buraco no centro do teto em domo, e as chamas iluminaram o interior com uma luz amarela bruxuleante.

— Aboli? Está sozinho? Precisamos conversar imediatamente — chamou, e Aboli saiu de detrás da cortina.

— A garota está dormindo.

— Seu irmão pretende nos matar durante a audiência.

— A moça lhe disse isso? — perguntou Aboli, e Hal concordou, sentindo-se culpado por sua infidelidade.

Aboli sorriu com simpatia.

— Então a pequena abelha do mel quer salvar sua vida. Sukeena ficaria feliz com isso. Não precisa sentir culpa.

— Se tentarmos escapar, seu irmão mandará um exército para nos perseguir. Nunca chegaremos ao rio outra vez.

— Então, tem um plano, Gundwane?

Zama veio para conduzi-los à audiência real. Saíram da penumbra da grande cabana para o brilhante sol africano, e Hal parou ao relancear os olhos ao redor, para a reunião do Monomatapa. Podia apenas estimar seu número, porém um regimento completo de guarda-costas reais se postava num círculo pelo espaço aberto, talvez um milhar de altos guerreiros com os cocares de penas de garça-azul transformando cada um em um gigante. A brisa leve da manhã agitava e revolvía as plumas, e o sol reluzia em suas lanças de lâminas largas.

Além deles, os nobres da tribo enchiam cada espaço e alinhavam-se no topo da muralha de blocos de granito que circundava a cidadela. Uma centena de esposas reais se amontoava em torno da porta da cabana do rei. Algumas eram tão gordas e carregadas com balangandãs e ornamentos que não podiam andar sem ajuda e se apoiavam pesadamente nas mucamas. Quando caminhavam, suas nádegas rolavam e ondulavam como bexigas macias cheias de toucinho.

Zama conduziu Hal e Aboli para o centro do pátio e deixou-os lá. Um pesado silêncio caiu sobre a multidão e ninguém se movia, até que de repente o capitão da guarda arrancou um sopro de um chifre espiralado de kudu e o Monomatapa surgiu na soleira de sua cabana.

Um suspiro abafado varreu a assembleia, e, como um só, todos se lançaram prostrados na terra e cobriram as faces. Apenas Hal e Aboli continuaram de pé.

O Monomatapa caminhou até seu trono vivo e sentou-se sobre as costas nuas de Inyosi.

— Fale primeiro! — sussurrou Hal pelo canto da boca. — Não o deixe dar a ordem para nossa execução.

— Eu o vejo, meu irmão! — saudou-o Aboli, e os cortesãos gemeram de pavor diante daquela quebra de protocolo. — Eu o vejo, Grande Senhor dos Céus!

O Monomatapa não demonstrou sinal algum de ter ouvido.

— Trago saudações do fantasma de nosso pai, Holomima, que foi o Monomatapa antes de você.

O irmão de Aboli se encolheu visivelmente, como se uma cobra tivesse saltado diante de sua face.

— Você fala com fantasmas? — Sua voz tremia ligeiramente.

— Nosso pai veio até mim de noite. Era tão alto como uma grande árvore de baobá, e sua face era terrível com olhos de fogo. Sua voz era como o trovão dos céus. Veio até mim para me fazer um aviso medonho.

— Que aviso era esse? — crocitou o Monomatapa, a fitar o irmão com admiração.

— Nosso pai teme por nossas vidas, a sua e a minha. Um grande perigo nos ameaça a ambos. — Algumas das gordas esposas gritaram, e uma delas caiu ao chão, num acesso, pondo espuma pela boca.

— Que perigo é esse, Aboli? — O rei olhou ao redor, temeroso, como se procurando um assassino entre seus cortesãos.

— Nosso pai me avisou que você e eu estamos ligados na vida como estávamos no nascimento. Se um de nós prosperar, então assim será também com o outro.

O Monomatapa concordou.

— O que mais disse nosso pai?

— Disse que, assim como estamos ligados na vida, também estaremos na morte. Profetizou que morreremos no mesmo dia, porém esse dia é de nossa própria escolha.

A face do rei tornou-se de um estranho tom acinzentado e brilhava de suor. Os mais velhos gritavam, e aqueles mais perto de onde ele se sentava puxaram pequenas facas de ferro e cortavam seus próprios peitos e braços, espalhando o sangue na terra para protegê-lo da feitiçaria.

— Estou profundamente preocupado com essas palavras que nosso pai proferiu — continuou Aboli. — Gostaria de poder morar com você aqui, na Terra do Céu, para protegê-lo desse destino. Contudo, ai de mim, o espectro de meu pai me avisou, além disso, que se eu ficasse mais um dia, morreria e levaria o Monomatapa comigo. Preciso partir de imediato e jamais retornar. É a única maneira de ambos podermos sobreviver à maldição.

— Então, que seja. — O Monomatapa levantou-se e apontou com o dedo trémulo. — Neste mesmo dia de hoje você deve ir embora.

— Ai de mim, meu amado irmão, não posso partir daqui sem aquela dádiva que vim buscar.

— Fale, Aboli! O que é que lhe falta?

— Preciso ter cento e cinquenta de seus melhores guerreiros para me proteger, pois um inimigo terrível jaz à minha espera. Sem esses soldados, irei para a morte certa, e minha morte deve indicar a morte do Monomatapa.

— Escolha! — berrou o Monomatapa. — Escolha dentre os melhores de meus amadodas, e leve-os com você. São seus escravos, faça com eles o que quiser. Porém, parta hoje mesmo, antes do pôr-do-sol. Deixe minha terra para sempre.

Na pinaça de vanguarda, Hal passou pelos bancos de areia e remou para a foz do Musela, do delta para mar aberto. Daniel Grande o seguia de perto, e lá estava o Golden Bough ancorado nas águas rasas de dez braças de profundidade onde o tinham deixado. Ned Tyler virou o navio de alheta e correu os canhões para fora quando os viu se aproximarem. As pinaças estavam tão lotadas de homens que tinham apenas dois centímetros ou três de bordo livre. Avançando tão baixas na água, de longe pareciam canoas de guerra. As lanças reluzentes e os cocares esvoaçantes dos amadodas reforçavam essa impressão,

e Ned deu a ordem para disparar um tiro de aviso pela proa. Conforme o canhão estrondeou e uma alta pluma de borrifos subiu da água, a meia amarra de distância na frente do bote líder, Hal levantou-se na proa e acenou com a croix pattée.

— O Senhor nos ama! — gaguejou Ned. — Era no capitão que estávamos atirando.

— Não terei pressa em esquecer aquela saudação que me deu, Sr. Tyler — disselhe Hal, muito sério, ao passar pela ponte de embarque. — Mereço uma salva de quatro canhões, não um simples tiro.

— Abençoado seja, capitão, eu não tinha ideia. Pensei que era um bando de selvagens pagãos, peço desculpas, senhor.

— E somos, Sr. Tyler. E somos! — Hal sorriu da confusão de Ned quando a horda de magníficos guerreiros encheu como um enxame o tombadilho do Golden Bough. — Acha que poderá fazer deles marujos, Sr. Tyler?

Tão logo se tinham posto ao largo, Hal voltou aproa para o norte uma vez mais e subiu pelo canal interior entre Madagáscar e o continente. Rumava para Zanzibar, o centro de todo o comércio naquela costa. Ali, esperava ter mais notícias do progresso da Guerra Santa no Great Horn e, se fosse afortunado, saber alguma coisa dos movimentos do Gull of Moray.

Foi um tempo de assimilação para os amadodas. Tudo a bordo do Golden Bough era estranho para eles. Nenhum jamais vira antes o mar. Acreditavam que as pinças eram as maiores canoas já concebidas pelo homem, e estavam apavorados com o tamanho do navio, o peso de seus mastros e o tamanho de suas velas.

A maioria deles foi abatida de imediato pelos enjoos, e foram precisos vários dias para que adquirissem a habilidade de caminhar pelo navio que jogava sem perder o equilíbrio. Seus intestinos ficaram em revolução com a dieta de biscoitos e carne curtida em pickles. Estavam famintos por seus potes de mingau de milho e as cabaças de sangue e leite. Jamais tinham ficado confinados em espaço tão pequeno e ansiavam pela extensa savana.

Sofreram com o frio, pois mesmo naquele mar tropical os ventos alísios eram gelados, e a corrente morna de Moçambique, muitos graus abaixo da temperatura das planícies ressecadas pelo sol da savana. Hal

ordenou a Alhuda, que estava encarregado dos estoques do navio, que arranjasse peças de lona de velas para eles, e Aboli mostrou-lhes como costurar calças e jaquetas de pano alcatroado.

Eles logo esqueceram essas atribulações, quando Aboli ordenou que um pelotão de homens seguisse Jiri e Matesi e Kimatti para cima, para ajustar e rizar as velas. Trinta vertiginosos metros acima do convés, a balançar no grande pêndulo do mastro principal, pela primeira vez em suas vidas aqueles guerreiros — que tinham, cada um, matado seu leão — foram dominados pelo terror.

Aboli subiu até onde se agarravam desamparadamente às enxárcias, e caçoou deles:

— Olhem para essas belas virgens. Julguei a princípio que houvesse um homem entre eles, porém vejo que todos devem se agachar quando mijam. — Então se levantou ereto na verga oscilante e riu deles. Correu até o fim dela e lá executou uma dança de guerra de saltos e batidas de pé. Um dos amadodas não pôde mais suportar aquela zombaria: soltou o aperto mortal nos cordames e equilibrou-se ao longo da verga até onde Aboli estava, com as mãos nos quadris.

— Um homem entre eles! — Aboli riu e abraçou-o.

Durante a semana seguinte, três dos amadodas caíram dos cordames ao tentar imitar aquele feito. Dois despencaram no mar, porém, antes que Hal pudesse virar o navio e voltar para apanhálos, os tubarões os pegaram. O terceiro se espatifou no tombadilho, e seu fim foi mais misericordioso. Depois disso, não houve mais fatalidades, e os amadodas, acostumados desde a infância a escalar as árvores mais altas em busca de mel e ovos de pássaros, tornaram-se bem depressa peritos como homens do topo do mastro.

Quando Hal ordenou que os feixes de lanças fossem trazidos do porão e entregues aos amadodas, eles urraram e dançaram deleitados, pois tinham nascido lanceiros. Encantaram-se com as lanças de cabos pesados com suas cabeças mortais de ferro. Aboli adaptou suas táticas e formações de luta para os espaços do tombadilho lotado do Golden Bough. Mostrou-lhes como formar o clássico Testudo Romano, seus escudos a se sobreporem, travados como as escamas de um tatu. Com aquela formação, poderiam varrer o convés de um navio inimigo irresistivelmente.

Hal ordenou-lhes que armassem uma pesada esteira de corda entranhada de breu sob a abertura do castelo de proa para servir de alvo. Assim que os amadodas tinham assimilado o peso e o equilíbrio das pesadas lanças, podiam arremessá-las pela extensão do navio para enterrarem as cabeças de ferro em cheio na esteira de fibras rústicas. Atiravam-se a esses exercícios com tamanho gosto, que dois dos seus

foram trespassados e mortos antes que Aboli pudesse fazêlos entender que aquelas eram batalhas simuladas e não deveriam ser disputadas até o extermínio.

Depois, chegou o momento de apresentá-los aos arcos ingleses. Seus próprios arcos eram curtos e fracos em comparação, e eles olharam de soslaio para aquela arma de um metro e oitenta, testaram em dúvida o peso maciço da tração e menearam as cabeças. Hal pegou o arco de suas mãos e colocou uma flecha. Olhou para cima, para a única gaivota branca e preta que pairava no alto sobre o mastro principal.

— Se eu abater uma daquelas aves, vocês a comerão crua? — perguntou, e eles estouraram em gargalhadas com a piada.

— Comerei as penas também! — gritou um mais arrogante chamado de Ingwe, o Leopardo.

Num movimento fluido, Hal puxou a corda e a soltou. A flecha arqueou-se para cima, seu vôo se curvando ao vento, e eles gritaram de admiração quando se espetou no peito nevado da gaivota e as asas enormes se dobraram. O pássaro tombou numa confusão de penas e pés empalmados, e caiu no convés ao lado de Hal. Um amadoda o pegou, e a carcaça transfixada foi passada de mão em mão entre trejeitos atónitos.

— Não amassem as penas — avisou-os Hal. — Vão estragar o jantar de Ingwe.

Daquele momento em diante, o amor que dedicaram ao arco longo foi apaixonado, e, em questão de dias, transformaram-se em arqueiros de primeira linha. Quando Hal rebocou uma barrica vazia a uma distância de uma amarra atrás do navio, os amadodas atiraram nela, primeiro individualmente e depois em divisões em massa como arqueiros ingleses. Quando a barrica foi içada de volta ao tombadilho, estava como as costas de um porco-espinho, e eles recuperaram sete das cada dez flechas que tinham arremessado.

Somente numa área os amadodas não mostravam qualquer aptidão: no serviço das grandes colubrinhas de bronze. A despeito de todas as ameaças e caçoadas que lhes dirigia, Aboli não conseguiu que se aproximassem de qualquer delas com nada menos que respeito supersticioso. A cada vez que uma surriada estourava, eles urravam:

— É bruxaria. É o trovão dos céus.

Hal elaborou um novo boletim de turno, no qual os postos de batalha da tripulação foram rearranjados para ter os marujos brancos em serviço nas baterias, e os amadodas manejando as velas e compondo o grupo de abordagem.

Um banco estacionário de nuvens altas, vinte léguas à frente de sua proa, marcava a Ilha de Zanzibar. Uma fímbria de coqueiros circundava a praia branca da baía, porém as muralhas maciças da fortaleza eram ainda mais brancas, reluzindo como penhascos de gelo de uma geleira ao sol. A cidadela fora construída um século antes pelos portugueses e, até apenas uma década antes, havia assegurado o domínio daquela nação das rotas de comércio de todo o litoral oriental do continente africano.

Mais tarde, os árabes omanis, sob seu rei guerreiro, Ahmed El Grang, o Canhoto, avançaram com seus caíques de guerra, atacaram os portugueses e devastaram sua guarnição com grande carnificina. Aquela perda tinha assinalado o início do declínio da influência portuguesa sobre a costa, e os omanis tinham usurpado seu lugar como a primeira nação de comércio.

Hal examinou o forte pelas lentes de sua luneta e notou a bandeira do Islã a flutuar sobre a torre, e as filas rentes de canhões ao longo das muralhas. Aquelas armas poderiam vomitar chumbo quente em qualquer embarcação hostil que tentasse entrar na baía.

Sentiu o arrepio de um pressentimento ao longo da espinha ao contemplar o fato de que, se se aliasse às forças do padre, tornar-se-ia inimigo de Ahmed El Grang. Um dia, aqueles enormes canhões poderiam estar disparando sobre o Golden Bough. Nesse ínterim, ele devia fazer o melhor daquela última oportunidade, entrar no acampamento omani como um neutro e reunir todas as informações secretas que

pudesse pelo caminho.

O porto estava coalhado de pequenas naus, a maioria caíques dos muçulmanos da Índia, Arábia e Mascate. Havia dois grandes navios: um ostentava uma bandeira espanhola, e o outro era francês, porém Hal não reconheceu nenhum dos dois.

Todos aqueles mercadores eram levados a Zanzibar pelas riquezas da África, o ouro da ilha de Sofala, a goma-arábica, o marfim, e o fluxo infundável de gente para seu mercado de escravos. Era ali que sete mil homens, mulheres e crianças eram oferecidos para venda a cada estação, quando os ventos alísios traziam os barcos em torno do cabo da Boa Esperança e de toda a vasta bacia do oceano das Índias.

Hal abaixou suas insígnias em cortesia para a fortaleza e depois dirigiu o Golden Bough em direção à ancoragem sob as velas de joanete. A sua ordem, a âncora caiu com estardalhaço na água clara e o pequeno retalho de lona foi enrolado pelos exuberantes amadodas de Aboli. Quase de imediato, o navio foi cercado por uma frota de pequenos botes a vender cada bem de comércio concebível, desde frutas frescas e água a garotinhos. Esses últimos recebiam ordens de seus donos para se inclinarem sobre as bancadas das embarcações, erguerem seus mantos e exibirem as pequenas nádegas amarronzadas para o deleite dos marujos na amurada do Golden Bough.

— Belos meninos para uma boa trepada — cantavam os libidinosos em inglês simplificado. — Bumbuns doces como mangas maduras.

— Sr. Tyler, mande descer um bote — ordenou Hal. — Vou a terra. Levarei Althuda e mestre Daniel comigo, e dez de seus melhores homens.

Remaram para os degraus do ancoradouro de pedra abaixo das muralhas da fortaleza, e Daniel Grande desceu em terra primeiro para abrir uma passagem através da multidão de mercadores, que enxameavam pela beira d'água para oferecer suas mercadorias. Na última visita, ele acompanhara Sir Francis em terra, de maneira que conhecia o caminho. Seus marujos formaram uma falange em torno de Hal e marcharam pelas ruas estreitas.

Passaram por bazares e tendas lotadas onde os comerciantes exibiam seus estoques. Mercadores e marujos de outras embarcações no porto examinavam as pilhas de presas de elefante, e bolos de cheirosa goma-arábica, feixes de penas de avestruz e chifres de rinoceronte. Regateavam o preço dos tapetes de Mascate e das agulhas arrolhadas de porco-espinho cheias de grãos de ouro aluvial de Sofala e dos rios do interior da África. Os feitores de escravos faziam desfilar filas de seres humanos em parada para compradores potenciais, para que examinassem seus dentes e apalpassem os músculos dos homens ou erguessem as tangas das jovens para ver suas doçuras.

Daquela área de comércio, Daniel Grande os conduziu para o setor da cidade onde os prédios de cada lado dos becos quase tocavam um ao outro no alto e bloqueavam a luz do dia. O fedor de fezes humanas dos esgotos abertos, que corria para o porto, quase os sufocava.

Daniel Grande parou abruptamente em frente a uma porta em arco de mogno, entalhada com intrincados motivos islâmicos e guarnecida de lanças de ferro, e puxou a corda pendente do sino. Em questão de minutos, ouviram os ferrolhos do lado oposto serem puxados, e a pesada porta se abriu. Meia dúzia de pequenas faces marrons espiaram para eles, meninos e meninas de sangue misturado e de todas as idades entre cinco e dez anos.

— Bem-vindos! Bem-vindos! — chilrearam em charmoso inglês com sotaque antigo. — Que a bênção de Alá, o Todopoderoso, cria sobre você, milorde inglês. Possam todos os seus dias serem dourados e perfumados com o jasmim silvestre.

Uma garotinha puxou Hal pela mão e levou-o através do pátio interior. Uma fonte marulhava no centro, e o ar estava impregnado do aroma de jasmim vermelho e de flores amarelas de tamarindo. Uma

figura alta, vestida em fluidos mantos brancos e com o albornoz árabe preso com cordão dourado, levantou-se da pilha de tapetes de seda onde estava reclinada.

— Realmente acrescento um milhar de boasvindas aos votos de acolhida de minhas crianças, meu bom capitão, e possa Alá banhá-lo com riquezas e bênçãos — disse, num familiar e reconfortante sotaque de Yorkshire. — Observei seu belo navio ancorar na baía e soube que logo viria me visitar. — Bateu palmas, e, do fundo da casa, emergiu uma fila de escravas, cada uma trazendo bandejas que continham copos coloridos de refrescos de frutas e leite de coco e pequenas tigelas de docinhos e nozes tostadas.

O cônsul mandou que Daniel Grande e seus marujos fossem levados até os alojamentos dos criados, nos fundos da casa.

— Terão refrescos — disse.

Hal lançou um olhar significativo a Daniel Grande, que o contramestre interpretou adequadamente. Não encontrariam nenhuma bebida alcoólica naquela casa islâmica, porém haveria mulheres, e os marujos teriam de se proteger delas. Hal manteve Althuda a seu lado. Poderia utilizá-lo para redigir documentos ou tomar notas.

O cônsul conduziu-os a um canto reservado do pátio.

— Agora, deixe que eu me apresente: sou William Grey, o cônsul de Sua Majestade para o Sultanato de Zanzibar.

— Henry Courtney, a seu serviço, senhor.

— Conheci um Sir Francis Courtney. São por acaso parentes?

— Meu pai, senhor.

— Ah! Um homem honrado. Por favor, apresente-lhe meus respeitos da próxima vez que o encontrar.

— Tragicamente, ele foi morto na guerra holandesa.

— Minhas condolências, Sir Henry. Por favor, sente-se. — Uma pilha de tapetes de seda de belos padrões fora colocado ali perto, para Hal. O cônsul sentou-se do lado oposto a ele. Assim que estava confortável, um escravo trouxe a Grey um narguilé. — Uma baforada de bhang é um remédio soberano para os destemperos do fígado e para a malária, que é uma praga nestes climas. Quer se juntar a mim, senhor?

Hal recusou a oferta, pois sabia das peças que o haxixe das flores indianas do cânhamo pregava na mente, e os sonhos e transe com os quais poderia seduzir o fumante.

Enquanto fumava o cachimbo, Grey interrogou-o astuciosamente quanto a seus recentes movimentos e seus futuros planos, e Hal foi educado porém evasivo. Como um par de duelistas, aparavam os golpes e esperavam por uma abertura. Conforme a água borbulhava no frasco alto de vidro do cachimbo e a fumaça perfumada esvoaçava pelo pátio, Grey tornou-se mais afável e expansivo.

— Vive no estilo de um grande sheik. — Hal tentou um pouco de bajulação, e Grey reagiu, satisfeito.

— Acharia difícil de acreditar que quinze anos atrás eu era simplesmente um escrivão de posto inferior com emprego na Companhia Inglesa das Índias Orientais? Quando meu navio naufragou nos corais de Sofala, vim dar em terra aqui, como um náufrago. — Deu de ombros e fez um gesto que era mais oriental que inglês. — Como dizem, Alá sorriu para mim.

— Abraçou o Islã? — Hal não permitiu que sua expressão mostrasse a repugnância que sentia pelo apóstata.

— Sou um verdadeiro crente de um só Deus, e Maomé é seu Profeta — concordou Grey.

Hal ficou a imaginar o quanto a decisão de se converter tinha se baseado em considerações políticas e práticas. Grey, o cristão, não teria prosperado em Zanzibar como Grey, o muçulmano, tão obviamente prosperara.

— A maioria dos ingleses que aportam em Zanzibar tem uma coisa em mente — continuou Grey. —

Vêm aqui para comerciar e normalmente para adquirir uma carga de escravos. Lamento que esta não seja a melhor estação para a escravatura. Os ventos alísios trouxeram os caíques da Índia ulterior e além. Já levaram para longe os melhores espécimes, e o que sobrou no mercado é o restolho. Contudo, ainda tenho disponíveis duzentas criaturas de primeira linha, o melhor que você encontrará em mil milhas de viagem.

— Obrigado, senhor, mas não estou interessado em escravatura recusou Hal.

— Essa, senhor, é uma decisão lamentável. Asseguro que há ainda grandes fortunas a serem feitas com o comércio. Os plantadores de cana do Brasil e do Caribe estão implorando por trabalhadores que labutem em seus campos.

— Obrigado de novo. Não estou no mercado. — Agora ficava evidente para Hal como Grey fizera sua própria fortuna. O posto de cônsul era secundário diante do de agente e intermediário dos mercadores europeus que aportavam em Zanzibar.

— Então, há outra área altamente lucrativa na qual eu poderia lhe dar assistência. — Grey fez uma pausa, com ar de cautela. — Observei seu navio de meu terraço quando o senhor ancorou e não pude deixar de notar que está bem armado. Alguém poderia acreditar que seja um vaso de guerra. — Hal concordou evasivamente, e Grey continuou. — O senhor pode não saber que o sultão de Omã, amado de Alá, Ahmed El Grang, está em guerra com o imperador da Etiópia.

— Ouvi falar.

— Grassa uma guerra em terra e mar. O sultão tem concedido Cartas de Marca a navios que queiram se juntar a suas forças. Essas comissões são, essencialmente, restritas aos capitães muçulmanos. Contudo, tenho grande influência junto à corte do sultão. Posso obter uma comissão em seu nome. Claro, tal privilégio não sai barato. Custaria duzentas libras a mim para obter uma Carta de Marca omani para você, meu senhor.

Hal estava prestes a recusar com indignação aquela oferta para se juntar ao pagão na guerra contra Cristo e seus seguidores, porém o instinto o alertou para não repudiá-la de imediato.

— Pode haver lucros, então, senhor? — perguntou, pensativo.

— Realmente. Há imensas riquezas das quais se apoderar. O império do Padre é uma das mais antigas cidadelas da fé cristã. Por bem mais de mil anos, o ouro e as oferendas dos peregrinos e devotos têm sido empilhados nas casas de tesouro das igrejas e monastérios. O próprio padre é tão rico quanto qualquer soberano europeu. Dizem que há mais de vinte toneladas de ouro em seu tesouro em Aksum. — Grey respirava pesadamente de cobiça diante da imagem que conjurara em sua própria mente.

— Seria capaz de obter uma comissão para mim de parte do sultão? — Hal inclinou-se para a frente com assumida ansiedade.

— Na verdade, sim, senhor. Não faz um mês, consegui obter uma comissão para um escocês. — Um súbito pensamento ocorreu a Grey, e sua face iluminou-se. — Se eu fizer o mesmo pelo senhor, talvez possam juntar suas forças. Com dois navios de batalha tais como os seus, seriam

um esquadrão poderoso o bastante para tomar qualquer coisa que a marinha do padre pudesse mandar contra vocês.

— A ideia me anima. — Hal sorriu, para encorajá-lo, tentando não mostrar muito interesse. Imaginava quem poderia ser o escocês. — Porém diga-me, quem é esse homem de quem fala?

— Um fino cavalheiro e um grande marinheiro — retrucou Grey, com entusiasmo. — Partiu de Zanzibar não faz cinco semanas, rumo a Great Horn.

— Então poderei alcançá-lo e juntar meu navio ao dele — resmungou Hal, como se pensasse em voz alta. — Dê-me o nome dele e o posto, senhor.

Grey relanceou os olhos pelo pátio de um jeito conspiratório e depois baixou o tom de voz.

— É um nobre de alta estirpe, o conde de Cumbrae. — Grey recostou-se e deu um tapa no joelho para



ênfatizar a importância de sua revelação.

— Eis aí, senhor! O que pensa disso?

— Estou profundamente admirado! — Hal não ocultou sua excitação. — Contudo, o senhor realmente acredita que poderia obter uma comissão para mim também? E, se assim for, quanto tempo levaria o negócio?

— As coisas não são feitas com rapidez na Arábia. — Grey tornou-se evasivo outra vez. — Porém, podem sempre ser apressadas com uma pequena baksheesh. Digamos, umas duzentas libras extras, isto é, quatrocentas libras ao todo, e eu poderia colocar a comissão em suas mãos na noite de amanhã. Naturalmente, eu precisaria ter seu pagamento adiantado.

— É uma grande soma de dinheiro. — Hal franziu a testa. Agora que sabia para onde o Gavião rumava, queria voltar imediatamente ao Golden Bough e sair em sua perseguição. Porém, reprimiu o impulso. Precisava arrancar qualquer retalho de informação de Grey.

— Sim, é — concordou Grey. — Porém, pense no retorno que trará. Vinte toneladas de puro ouro para o homem ousado o suficiente para pegá-lo do tesouro do padre. E isso não é tudo. Há também as jóias e outros tesouros mandados em tributo para o império por mais de mil anos, os tesouros das igrejas cópticas; as relíquias de Jesus Cristo e da Virgem, dos apóstolos e dos santos. O resgate que poderiam exigir não tem limite. — Os olhos de Grey brilhavam de cobiça. — Dizem...

— Interrompeu-se e baixou a voz outra vez. — Dizem que o padre João é o guardião do próprio Santo Graal.

— O Santo Graal... — Hal empalideceu de respeito, e Grey ficou deliciado em ver a reação que provocava.

— Sim! Sim! O Santo Graal! O precioso cálice pelo qual os cristãos têm procurado desde a crucificação.

Hal meneou a cabeça e encarou Grey com não fingida admiração. Sentia-se movido por uma estranha sensação de déjà vu que o deixou sem palavras. As profecias tanto de seu pai como de Sukeena perpassaram num relâmpago por sua mente. Sabia, no fundo do coração, que isso era parte do destino que tinham predito para ele.

Grey tomou o silêncio e o menear da cabeça por ceticismo.

— Eu lhe asseguro, senhor, que o Santo Graal é a mais pungente razão pela qual o grão-mogol e Ahmed El Grang têm atacado o império da Etiópia. Ouvi isso dos próprios lábios do sultão. Ele também está convencido de que a relíquia está sob os cuidados do padre. Um dos mais poderosos aiatolás do Islã profetizou isso e lhe deu a palavra de Alá de que, se pudesse arrebatá-lo do Graal do padre, sua dinastia se investiria de um poder inaudito, e proclamaria o triunfo do Islã sobre todas as falsas religiões do mundo.

Hal fitou-o estupefato. Seus pensamentos estavam em medonha confusão e ele não tinha mais certeza de si mesmo ou de alguma coisa a seu redor. Precisou de um imenso esforço para pôr de lado uma perspectiva tão terrível como a subjugação do cristianismo e para reorganizar as ideias.

— Onde essa relíquia é mantida escondida? — perguntou, rouco de emoção.

— Ninguém além do padre e seus monges sabe com certeza. Alguns dizem que se encontra em Aksum ou em Gonder, e outros que está escondida num mosteiro no alto das montanhas.

— Será que caíram nas mãos de El Grang ou do grão-mogol? Quem sabe a guerra já esteja perdida e vencida? — sugeriu Hal.

— Não! Não! — Grey foi veemente. — Chegou um caíque do golfo de Aden esta manhã mesmo. As notícias que traz têm menos de oito dias. Parece que os exércitos vitoriosos do Islã foram repelidos em Mitsiwa. Dentro das fileiras cristãs, destacou-se um poderoso general. Chamam a esse guerreiro Nazet, e embora não passe de um garoto, os exércitos do Tigre e de Gala congregam-se sob seu estandarte.

Hal teve a impressão, pelo alívio com que Grey contava aqueles reveses para a causa do Islã, que o cônsul tinha o pé em duas canoas.

— Nazet rechaçou os exércitos de El Grand e do grão-mogol. Congregam-se diante de Mitsiwa, concentrando-se para a batalha final que decidirá a guerra. Está longe de terminar, contudo. Sinceramente, eu o aconselho, meu jovem amigo: assim que tenha em mãos a Carta de Marca que conseguirei para você, parta para Mitsiwa a tempo de partilhar os espólios.

— Preciso pensar em tudo que me contou. — Hal levantou-se da pilha de tapetes. — Se eu resolver aceitar sua generosa oferta, voltarei amanhã com as quatrocentas libras para comprar minha comissão do sultão.

— Será sempre bem-vindo em minha casa — assegurou-lhe Grey.

Leve-me de volta ao navio tão depressa quanto possa — ordenou Hal rispidamente a Daniel Grande, no momento em que as altas portas entalhadas se fecharam por trás deles. — Quero partir com a maré desta noite.

Não tinham chegado ao primeiro bazar, quando Althuda pegou Hal pelo braço.

— Preciso voltar. Deixei meu diário no pátio.

— Estou numa pressa desesperada, Althuda. O Gavião já está mais de um mês adiante de nós, e sei agora com certeza onde devo procurá-lo.

— Preciso recuperar meu diário. Vá adiante para o navio. Não demorarei muito. Mande o bote de volta para mim, e diga que esperem nos degraus do porto. Estarei lá antes que parta.

— Não me falhe, Althuda. Não posso me atrasar.

Relutante, Hal deixou ir e apressou-se em alcançar Daniel Grande. Tão logo chegou ao Golden Bough, mandou o escaler para esperar por Althuda, em terra, e deu as ordens para aprontar o navio para o mar. Depois, desceu para sua cabine e espalhou pela mesa sob as janelas de popa as cartas náuticas e orientações de navegação para o Golfo de Aden e o mar Vermelho, que herdara de Llewellyn.

Ele as vinha estudando quase todo dia desde que estava a bordo do Golden Bough, de maneira que não teve qualquer dificuldade em localizar todos os nomes que Grey mencionara na conversa. Traçou seu curso para contornar a ponta do Grat Horn e descer pelo golfo de Aden através dos estreitos de Bab El Mandeb e para a região sul do mar Vermelho. Havia centenas de pequenas ilhas dispersas pela costa da Etiópia, perfeitos covis para piratas e corsários.

Teria de evitar as frotas do grão-mogol e dos omanis até que alcançasse a corte cristã do Padre e obtivesse dele sua comissão. Não poderia atacar os muçulmanos antes de ter tal documento em mãos, ou se arriscaria ao mesmo fado de seu pai, ou de ser acusado de pirataria em altos-mares.

Talvez pudesse se vincular ao exército cristão do general Nazet, de quem Grey falara, e colocar o Golden Bough à sua disposição. Em qualquer circunstância, ponderou, a frota de transporte do exército muçulmano estaria reunida naqueles mares congestionados em enorme quantidade e seria presa fácil para uma rápida fragata audaciosamente manejada. Grey tinha razão num ponto: haveria fortuna e glória a serem conquistadas nos dias à frente.

Ouviu o sino anunciar o fim do turno, deixou as cartas e subiu para o convés. Viu de relance, pela posição diferente do navio com a preamar, que a maré subira.

Então olhou para o porto e, mesmo àquela distância, reconheceu a figura de Althuda no topo dos degraus do ancoradouro. Estava em profunda conversação com Stan Andorinha, que levava o escaler de volta para esperar por ele.

— Maldição — resmungou Hal. — Está perdendo tempo com conversas ociosas. — Voltou toda a atenção para os assuntos do navio e observou seu homem de gávea subir ao alto, rápido e com pés seguros, para assentar as velas. Quando olhou para a praia novamente, viu que o escaler se aproximava

da amurada do navio, abaixo de onde estava.

Assim que o bote encostou, Althuda subiu a escada. Parou em frente a Hal e disse, com uma expressão muito séria.

— Vim buscar Zwaantie e meu filho. E lhe dizer adeus.

— Não compreendo. — Hal estava estupefato.

— O cônsul Grey me tomou a seus serviços como escrivão. Pretendo ficar com minha família aqui em Zanzibar — retrucou Althuda.

— Mas... por que, Althuda? Por quê?

— Como sabe muito bem, tanto Sukeena como eu fomos criados por nossa mãe como seguidores de Maomé, o Profeta de Alá. Você tem a intenção de deflagrar guerra contra os exércitos do Islã em nome do deus cristão. Não posso mais segui-lo.

Althuda afastou-se e rumou para o castelo de proa. Voltou poucos minutos depois trazendo Zwaantie e carregando o pequeno Bobby. Zwaantie chorava silenciosamente, mas não olhou para Hal. Althuda parou no topo da escada e encarou.

— Lamento esta separação, porém acalento com carinho a lembrança do amor que dedicou à minha irmã. Peço a bênção de Alá sobre você - disse, e depois seguiu Zwaantie para o escaler.

Hal ficou a observá-los rumarem para o cais e subirem os degraus de pedra. Althuda não olhou para trás, e ele e sua pequena família desapareceram na multidão de mercadores de mantos brancos e seus escravos.

Hal sentiu-se tão triste que não se deu conta de que o escaler voltara, até que, com um sobressalto, percebeu que já estava sendo içado para bordo e que Ned Tyler esperava na cana de leme por suas ordens.

— Içar âncora, por favor, Sr. Tyler. Assente as velas de joanete e rume para o canal. — Lançou um último olhar para terra. Estava consternado, pois Althuda cortara seu último e ténue elo com Sukeena. — Ela se foi — murmurou. — Agora, ela se foi realmente.

Resolutamente, voltou as costas para a cidadela branca e olhou para a frente, onde as montanhas de Usambara, no continente africano, apontavam, baixas e azuis no horizonte.

— Ponha o navio no rumo de bombordo, Sr. Tyler. Assente todas as velas planas. O curso é norte por leste para transpor a ilha Pemba. Marque na tabela de rota.

O vento manteve-se firme, e, doze dias mais tarde, passaram pelo cabo Guardafui, na ponta do grande chifre de rinoceronte da África, e diante deles se abriu o golfo de Aden. Hal ordenou a mudança de curso e rumaram para oeste.

Os ásperos penhascos de rocha vermelha e colinas do golfo de Aden eram a garganta da África. Velejaram para dentro dela com as últimas brisas dos alísios a lhe enfunarem os panos. O calor era de sufocar, e, sem o vento, seria insuportável. O mar tinha um azul vívido peculiar, que refletia as barrigas nevadas das andorinhas-do-mar que volteavam sobre a esteira do navio.

Adiante, o litoral rochoso se constringia na garganta de Bab El Mandeb. Com dia claro, passaram pelos estreitos demarcados pelas pedras para dentro da pança do mar Vermelho, e Hal encurtou as velas, pois aquelas eram águas perigosas, pontilhadas de centenas de ilhas e semeadas de recifes de coral denteados. Ao leste, jaziam as terras tórridas da Arábia, e, a oeste, as costas da Etiópia e o império do padre.

Começaram a encontrar outros navios naquelas águas congestionadas. A cada vez que o vigia de gávea bradava avisos para o tombadilho superior, Hal subia, ele mesmo ansioso por ver os joanetes do navio de velas quadradas subir no horizonte e reconhecer o perfil do Gull of Moray. Porém, a cada vez se desapontava. Eram todos caíques que fugiam de sua alta e perigosa silhueta, a buscar abrigo no santuário

de águas rasas onde o Golden Bough não ousaria segui-los.

Bem depressa Hal percebeu quão imprecisas eram as cartas náuticas que encontrara na mesa de Llewellyn. Algumas das ilhas pelas quais passavam não eram mostradas, e outras estavam assinaladas léguas além de sua verdadeira posição. As sondagens marcadas eram mera ficção da imaginação do cartógrafo. As noites eram sem lua, e Hal não se atrevia a ir avante entre aqueles recifes e ilhas na escuridão. Ao crepúsculo, ancorava para a noite a sotavento de uma das ilhas maiores.

— Sem luzes — avisou a Ned Tyler —, e mantenha os homens quietos.

— Não há como manter os homens de Aboli quietos. Grasnam como gansos sendo comidos por uma raposa.

Hal sorriu.

— Falarei com Aboli.

Quando subiu ao tombadilho outra vez, no início do primeiro turno de vigia, o navio estava silencioso e escuro. Fez a ronda, parando por uns poucos minutos para falar com Aboli, que era a sentinela. Então, foi se postar sozinho na amurada, a olhar para os céus, perdido de deslumbramento diante da glória das estrelas.

De repente, ouviu um som estranho e, por um momento, pensou que vinha do navio. Então, percebeu que eram vozes humanas falando um idioma que ele não conhecia. Caminhou depressa para a popa, e os sons estavam mais próximos e mais claros. Ouviu o estalar de cordame e o ranger e o marulhar de remos.

Saiu correndo e encontrou Aboli.

— Reúna um grupo de abordagem armado. Dez homens — murmurou. — Sem barulho. Baixe o escaler.

Levou apenas minutos para que Aboli executasse as ordens. Quando o bote tocou a água, pularam dentro dele e se afastaram. Hal estava na cana do leme e seguia pela escuridão, buscando às cegas a ilha não vista.

Depois de vários minutos, murmurou:

— Alto com o avanço! — e os remadores descansaram os remos. Os minutos se escoaram e, então, de repente, bem perto, ouviram algo estalar num tombadilho de madeira e uma exclamação de dor ou aborrecimento. Hal apertou os olhos naquela direção e viu o pálido contorno de uma pequena vela latina contra a luz das estrelas.

— Todos juntos. Avante! — murmurou, e o bote avançou em frente. Aboli postava-se na proa com um gancho de garra e um cabo. O pequeno caíque que emergiu abruptamente da escuridão logo adiante não era mais alto de amurada que o escaler. Aboli girou o gancho ao lado do corpo e soltou o cabo.

— Preso! — resmungou. — Lá vamos nós, rapazes.

A tripulação largou os remos e, com um coro de uivos de arrepiar o coração, caiu num enxame sobre o convés da embarcação estranha. Foram recebidos por gritos patéticos de aflição e terror. Hal trancafiou a cana de leme, apanhou a lanterna coberta e correu atrás de seus homens para restringir sua beligerância. Quando abriu o postigo da lanterna e iluminou ao redor, descobriu que a tripulação do caíque já fora subjugada, e estava estendida de braços abertos no convés. Havia uma dúzia ou mais de marujos de pele escura meio despidos, porém, entre eles, um homem mais velho vestido num manto comprido que Hal, a princípio, tomou pelo capitão.

— Tragam aquele aqui — ordenou.

Quando arrastaram o cativo para diante de si, Hal viu que ele tinha uma barba comprida que chegava quase aos joelhos, e um amontoado de cruces coptas e rosários pendurados no peito. A mitra quadrada em sua cabeça era bordada com fios de ouro e prata.

— Tudo bem! — avisou aos homens que o seguravam. — Tratem-no com gentileza. É um padre.

Eles soltaram o prisioneiro entre brados alegres. O padre rearranjou seu manto e alisou a barba com as pontas dos dedos, e depois se empertigou a toda altura e encarou Hal com glacial dignidade.

— Fala inglês, padre? — perguntou Hal.

O homem fitou-o de volta. Mesmo sob a luz incerta da lanterna, seu olhar era frio e perspicaz. Ele não mostrou qualquer indício de ter compreendido.

Hal mudou para o latim:

— Quem é o senhor, padre?

— Sou Fasilides, bispo de Aksum, confessor de Sua Majestade Cristã, Uyasu, Imperador da Etiópia — retrucou ele em fluente e educado latim.

— Imploro humildemente seu perdão, padre. Confundi este navio com um saqueador islâmico. Anseio por sua bênção. — Hal caiu de joelhos.

Talvez eu esteja exagerando, pensou, porém o bispo pareceu aceitar aquilo como o seu dever. Fez um sinal-da-cruz sobre a cabeça de Hal e depois colocou dois dedos em sua testa.

— In nomine patris, et filii, et spiritus sancti — entoou, e deu a Hal o anel para beijar. Pareceu suficientemente apaziguado para Hal se aproveitar da vantagem.

— Este é um encontro muito providencial, padre. — Hal se pôs de pé de novo. — Sou um cavaleiro do Templo da Ordem de São Jorge e do Santo Graal. Estou em viagem para colocar meu navio e sua companhia à disposição do padre João, o imperador mais cristão da Etiópia, em sua guerra santa contra as forças do Islã. Como confessor de Sua Majestade, talvez pudesse me conduzir até sua corte.

— Pode ser possível arranjar uma audiência — disse Fasilides, com ares importantes.

No entanto, seu aplomb ficou abalado e suas maneiras melhoraram muito quando a luz da alvorada revelou o poder e a magnificência do Golden Bough, e ele se tornou ainda mais amável quando Hal o convidou para ir a bordo e se ofereceu para levá-lo pelo resto da viagem.

Hal podia apenas imaginar a razão pela qual o bispo de Aksum estaria se deslocando furtivamente pelas ilhas no meio da noite num pequeno caíque fedendo a peixe, e Fasilides tornou-se novamente distante e evasivo quando questionado.

— Não tenho liberdade para discutir assuntos de estado, sejam temporais ou espirituais.

Fasilides trouxe seus dois criados a bordo consigo, e um dos pescadores do caíque para atuar como piloto para Hal. Uma vez instalado no Golden Bough, acomodou-se confortavelmente na pequena cabine adjacente à de Hal. Com um piloto local a bordo, Hal pôde rumar na direção de Mitsiwa com toda pressa, nem mesmo se dignando a encurtar as velas quando o sol se pôs naquela tarde.

Convidou Fasilides para jantar consigo, e o bom bispo mostrou uma profunda afinidade com o vinho e o conhaque de Llewellyn. Hal manteve-lhe o copo cheio até a borda, um feito de prestidigitação. A dignidade de Fasilides diminuiu na proporção do nível da garrafa de conhaque, e ele começou a responder às perguntas de Hal com menos e menos reserva.

— O imperador está com o general Nazet no mosteiro de São Lucas, nas colinas acima de Mitsiwa. Vou encontrá-lo lá — explicou.

— Ouvi dizer que o imperador conquistou uma grande vitória sobre os pagãos em Mitsiwa, não é assim? — instigou-o Hal.

— Uma grande e maravilhosa vitória! — Fasilides mostrou-se entusiasmado. — Na estação da Páscoa, os pagãos cruzaram os estreitos do Bab El Mandeb com um poderoso exército e depois rumaram para o norte, costa acima, dominando todos os portos e fortes. Nosso imperador Caleb, pai de Iyasu, caiu em batalha e grande parte de nosso exército foi dispersada e destruída. Os caíques de guerra de El Grang investiram sobre nossa frota na baía de Adulis e capturaram ou queimaram vinte de nossos melhores navios. Depois, quando os pagãos dispuseram suas tropas em formação de combate com cem mil homens

diante de Mitsiwa, pareceu que Deus se esquecera da Etiópia. — Os olhos de Fasilides se encheram de lágrimas, e ele tomou um profundo gole de bom conhaque para se recompor. — Porém, Ele é o único Deus e a única verdade para Seu povo, e mandou-nos um guerreiro para liderar nosso exército desbaratado. Nazet desceu das montanhas, trazendo o exército do Amhara para se juntar a nossas forças aqui na costa, levando consigo na vanguarda o sagrado Tabernáculo de Maria Mãe de Deus. Esse talismã é como um raio na mão de Nazet. Ante seu avanço, os pagãos foram rechaçados, em confusão.

— Que talismã é esse de que fala, padre? É uma relíquia sagrada?

— perguntou Hal.

O bispo baixou a voz e estendeu o braço pela mesa para agarrar a mão de Hal e encará-lo dentro dos olhos.

— É uma relíquia de Jesus Cristo, o mais poderoso de toda a cristandade. — Fitou a face de Hal com um fervor fanático tão intenso que Hal sentiu sua pele formigar de respeito religioso. — O Tabernáculo de Maria contém o Cálice da Vida, o Santo Graal que Cristo usou na última Ceia. O mesmo cálice em que José de Arimatéia recolheu o sangue do Salvador enquanto ele se pendurava na cruz.

— Onde está o tabernáculo agora? — A voz de Hal saiu rouca, e ele devolveu o aperto de Fasilides com tanta força que o velho pestanejou.

— O senhor o viu? Realmente existe?

— Rezei sobre o tabernáculo que contém o cálice sagrado, embora ninguém possa ver ou pôr as mãos no cálice em si.

— Onde está essa coisa sagrada? — Hal ergueu a voz de excitação.

— Ouvi falar disso durante toda a minha vida. A ordem de cavaleiros da qual sou membro é baseada nesse cálice fabuloso. Onde posso encontrá-lo e prostrar-me em veneração diante dele?

Fasilides pareceu ficar sóbrio diante da excitação de Hal e recuou, livrando a mão do aperto.

— Há coisas que não podem ser reveladas.

Mais uma vez ele se tornou distante e impossível de se alcançar. Hal percebeu que seria imprudente insistir mais no assunto e procurou outro tópico para suavizar as feições contraídas do bispo.

— Fale-me do empenho da frota na baía de Adulis — sugeriu. — Como marinheiro, minhas preocupações repousam francamente nos mares. Haveria um grande navio semelhante a este um lutando com os esquadrões do Islã?

O bispo relaxou um pouco.

— Havia muitos navios de ambos os lados. Tempestades enormes de fuzilaria e terrível carnificina.

— Um navio de velas quadradas, com a croix pattée hasteada. — insistiu Hal. — Tem relato de algum assim?

Era evidente, contudo, que o bispo não distinguia uma fragata de um quinquerre. Deu de ombros.

— Talvez os almirantes e generais possam responder a essas perguntas quando chegarmos ao mosteiro de São Lucas — sugeriu.

Na tarde seguinte, passaram pela entrada da baía de Adulis, rumando para a costa da ilha de Dahlak, à boca da baía. Nesse sentido, Fasilides fora preciso em seu relato. As rotas estavam lotadas de navios. Uma floresta de mastros e cordames se delineava contra as ameaçadoras colinas avermelhadas que circundavam a baía. Em cada topo de mastro, flutuavam as bandeiras do Islã e os pendões de Omã e do grão-mogol.

Hal ordenou que o Golden Bough fosse deixado à capa, e subiu até a verga mestra. Sentou-se ali por uma hora, com a luneta contra o olho. Não era possível contar o número de navios ancorados na baía, e as águas fervilhavam com pequenos botes transportando os estoques e provisões de um grande exército para a terra. De uma coisa apenas Hal tinha certeza quando retornou ao convés e ordenou que as velas

fossem assentadas mais uma vez: não havia nenhum navio de velas quadradas na baía de Adulis.

Os remanescentes destroçados da frota do imperador Iyasu jaziam ao largo de Mitsiwa. Hal ancorou bem longe daqueles cascos queimados e destruídos, e Fasilides mandou um de seus criados para terra, no escaler.

— Ele precisa descobrir se o quartel-general de Nazet ainda está no mosteiro: se estiver, devemos arranjar cavalos para viajar até lá.

Enquanto esperavam que o criado voltasse, Hal fez arranjos para sua ausência temporária do Golden Bough. Resolveu levar apenas Aboli consigo e deixar o comando do navio com Ned Tyler.

— Não fique em âncora, pois esta é uma costa de sotavento e estará vulnerável se o Gavião puder encontrá-lo aqui — avisou a Ned. — Patrulhe bem ao largo da costa e trate cada vela como se de um inimigo. Se encontrar o Gull of Moray, não deve, sob nenhuma circunstância, entrar em batalha. Voltarei o mais depressa que puder. Meu sinal será um rojão vermelho chinês. Quando o vir, mande um bote para me apanhar em terra.

Hal corroeou-se de irritação durante o resto daquele dia e noite, porém, às primeiras luzes da manhã, o vigia do cesto de gávea gritou para o convés:

— Pequeno caíque saindo da baía. Rumando nesta direção.

Hal ouviu o grito de sua cabine e correu para o tombadilho. Mesmo sem a luneta, reconheceu o criado de Fasilides de pé no convés aberto da pequena embarcação. Mandou chamar o bispo. Quando Fasilides chegou ao tombadilho, mostrava os efeitos do exagero das bebidas alcoólicas da noite anterior, porém ele e o criado conversaram rapidamente no idioma gueês. Voltou-se para Hal.

— O imperador e o general Nazet ainda estão no mosteiro. Cavalos esperam por nós na praia. Podemos estar lá pelo meio-dia. Meu criado trouxe roupas para o senhor e seu servo, que darão menos na vista.

Em sua cabine, Hal vestiu as calças de algodão fino que eram cortadas amplas como ceroulas e caíam até os tornozelos. As botas eram de couro macio, com as pontas reviradas para cima. Sobre a camisa de algodão usava um dólmã bordado que chegava até abaixo de suas coxas. O criado do bispo mostrou-lhe como enrolar o longo tecido branco em torno da cabeça para formar um haike. Sob o albornoz, ajustou o elmo em forma de cebola de aço brunido, aguçado no topo e cinzelado e incrustado com cruzes cépticas.

Quando ele e Aboli voltaram ao convés, a tripulação deixou cair o queixo, e Fasilides fez um gesto de aprovação.

— Agora, ninguém o reconhecerá como um Francis.

O escaler depositou-os na praia abaixo dos penhascos, onde uma escolta armada os esperava. Os cavalos eram árabes, com longas crinas e rabos esvoaçantes, narinas largas e olhos de raça pura. As selas eram entalhadas de um único bloco de madeira e decoradas com bronze e prata, as mantas e rédeas firmes com bordados de fio de metal.

— É uma longa jornada até o mosteiro — avisou-os Fasilides. — Não podemos perder tempo.

Subiram a trilha do penhasco e saíram no terreno nivelado que jazia diante de Mitsiwa.

— Este é o campo de nossa vitória! — exclamou Fasilides, e puxou as rédeas para fazer um gesto abrangente que englobava a horrível campina.

Embora a batalha houvesse acontecido semanas antes, os pássaros carniceiros ainda rondavam o campo como uma nuvem escura, e os chacais e cães vira-latas rosnavam entre pilhas de ossos e mastigavam a carne enegrecida pelo sol que ainda se agarrava a eles. As moscas eram azuis no ar como um enxame de abelhas. Grudavam-se à face de Hal e tentavam beber de seus olhos e se enfiavam em suas narinas. Suas larvas enxameavam e coleavam em tão grande número nos cadáveres putrefatos, que eles pareciam se mover como se ainda estivessem vivos.

Os carnicheiros humanos também faziam seu trabalho pelo imenso campo de batalha, mulheres e crianças em longos mantos empoeirados, as bocas e os narizes cobertos contra o fedor. Cada uma carregava uma cesta para recolher sua coleta de botões, moedas pequenas, jóias, adagas e anéis que arrancavam dos dedos esqueléticos dos cadáveres.

— Dez mil inimigos mortos! — exclamou Fasilides, triunfante. E conduziu-os por uma trilha que deixava o campo de batalha e contornava a cidade murada de Mitsiwa. — Nazet é um guerreiro portentoso por ter contido nosso exército atrás daquelas muralhas — disse. — Dessas alturas, Nazet comanda o terreno. — Apontou adiante para os primeiros recôncavos e picos dos altiplanos.

Além da cidade, no terreno aberto abaixo das colinas descampadas, estava acampado o exército vitorioso do imperador Iyasu. Era uma cidade esparramada de tendas de couro e cabanas construídas com pressa e puxados de pedra e sapé que se espalhavam do mar até as colinas. Os cavalos, camelos e touros se postavam em grandes manadas entre as rudes habitações, e uma nuvem de poeira suspensa e fumaça azul das fogueiras de estrume seco manchava o azul do céu. O cheiro de amoníaco das filas de animais, da fumaça e do fedor de montes de lixo apodrecendo ao sol, das estrumeiras e das covas de latrina, o ácido odor de carniça e de gente sem banho sob o sol do deserto rivalizavam com a exalação do campo de batalha.

Passaram por esquadrões de cavalaria de magníficos cavalos de batalha com crinas trançadas e plumas do rabo orgulhosamente arqueadas. Os cavaleiros envergavam estranha armadura e extravagantes costumes das cores do arco-íris. Estavam armados com arco e lança e longos arcabuzes com base curvada e enfeitada de jóias.

Os parques de artilharia se espalhavam por uma légua de areia e pedra, e havia centenas de canhões. Algumas das colossais armas de cerco tinham o formato de golfinhos e dragões, em carruagens puxadas por uma centena de touros cada uma. As carroças de munição, carregadas com barricas de pólvora negra, eram transportadas por pelotões de infantaria.

Regimentos de soldados marchavam e contramarchavam. Tinham acrescido a seus próprios diferentes e exóticos uniformes o fruto da pilhagem do campo de batalha, de maneira que nenhum homem se vestia igual a outro. Seus escudos e broquéis eram quadrados, redondos e oblongos, feitos de bronze, madeira ou couro cru. Suas faces eram de gavião e escuras, e as barbas tão prateadas como a areia da praia, ou negras como as asas dos abutres carnicheiros que planavam sobre o acampamento.

— Sessenta mil homens — disse Fasilides. — Com o Tabernáculo e Nazet na vanguarda, nenhum inimigo pode se postar diante deles.

As prostitutas e vivandeiras que não estavam ocupadas escarafunchando o campo de batalha eram quase tão numerosas quanto os homens. Cuidavam das fogueiras de cozinha ou vagabundeavam na sombra esparsa das carroças de bagagem. As mulheres somalis eram altas e misteriosamente veladas, as jovens dos galas, de seios nus e ousadas. Algumas divisaram a figura viril de ombros largos de Hal e gritavam-lhe convites ininteligíveis, deixando claro o significado pelos gestos obscenos que os acompanhavam.

— Não, Gundwane — murmurou-lhe Aboli ao ouvido. — Nem mesmo pense nisso, pois os galas ou oromos circuncidam suas mulheres. Onde poderia esperar uma acolhida úmida e escorregadia, encontraria apenas um buraco seco e marcado de cicatrizes.

Tão densa era aquela falange de homens, mulheres e animais, que o avanço do grupo foi reduzido a uma caminhada. Quando os fiéis reconheciam o bispo, avançavam em bando para ele e caíam de joelhos na trilha de seu cavalo para lhe pedir a bênção.

Por fim, abriram caminho entre aquele emaranhado de gente e esporearam as montarias para cima, pela trilha íngreme das colinas. Fasilides conduziu-os num galope, seus mantos a esvoaçar em torno de sua rija figura e a barba a ondear sobre seu ombro. No cume, puxou as rédeas de seu feroso cavalo e



apontou para o sul.

— Lá! — gritou. — Lá está a baía de Adulis, e, diante do porto de Zulla, o exército do Islã.

Hal protegeu os olhos contra o ofuscamento do deserto e viu que a nuvem marrom-acinzentada de fumaça e poeira era perpassada por lampejos de sol refletidos nos comboios de artilharia e armas do outro imenso exército.

— Quantos homens El Grang comanda em suas legiões?

— Era essa minha missão quando o senhor me encontrou — descobrir a resposta a essa pergunta junto a nossos espiões.

— Quantos, então? — insistiu Hal, e Fasilides riu.

— A resposta a essa pergunta é apenas para os ouvidos do general Nazet — disse, e esporeou seu cavalo. Subiram até mais alto, ao longo da trilha rude, e chegaram ao próximo cume. — Ali! — Fasilides apontou adiante. — Ali está o mosteiro de São Lucas.

O mosteiro se agarrava ao topo escarpado de uma colina. As muralhas eram altas e sua silhueta de padrão quadrado e ríspido se delineava invariável, sem ornamentos, colunas ou arquitraves. Um dos batedores do bispo arrancou um sopro de um chifre de carneiro, e o único portão maciço de madeira se abriu diante deles. Galoparam para dentro do pátio e desmontaram em frente à fortaleza. Cavalariços correram para pegar seus cavalos e levá-los dali.

— Por aqui! — ordenou Fasilides, e seguiram por uma soleira estreita para uma área congestionada de passagens e escadas, além. Suas botas ressoavam no pavimento de pedra e ecoavam pelos corredores e átrios enfumaçados.

Abruptamente, encontraram-se numa capela escura e cavernosa, cujo teto em domo se perdia na altura sombria sobre suas cabeças. Centenas de velas bruxuleantes e o brilho de queimadores de incenso suspensos iluminavam as tapeçarias penduradas, de santos e mártires, as bandeiras esfarrapadas das ordens monásticas e os ícones pintados e decorados de jóias.

Fasilides ajoelhou-se diante do altar no qual se erguia uma cruz cóptica de prata de dois metros de altura. Hal ajoelhou-se ao lado dele, mas Aboli se postou atrás, os braços cruzados sobre o peito.

— Deus de nossos pais, Senhor das hostes — rezou o bispo, em latim, em favor de Hal. — Damos graças por vossa generosidade e pela poderosa vitória sobre os pagãos que Vós nos concedestes. Recomendamos este vosso servo, Henry Courtney, a vossos cuidados. Possa ele prosperar no serviço do único Deus verdadeiro, e possam suas forças prevalecer contra os incrédulos.

Hal mal teve tempo de completar suas genuflexões e seus améns antes que o bispo se levantasse e seguisse em frente outra vez, conduzindo-o para um santuário menor, fora da nave.

— Espere aqui! — disse.

Seguiu diretamente para o estandarte vividamente colorido de lã que pendia da parede atrás do altar menor e puxou-o de lado para revelar uma passagem baixa e estreita. Então se inclinou pela abertura e desapareceu.

Quando Hal olhou ao redor do santuário, viu que era mais ricamente mobiliado que a sombria e desolada capela. O pequeno altar estava coberto com lâminas de metal amarelo que poderia ser de bronze mas que brilhava como ouro puro à luz do candelabro. A cruz era decorada com grandes pedras coloridas. Talvez fossem apenas de vidro, porém pareceu a Hal que tinham o lustre da esmeralda, do rubi e do diamante. As prateleiras que subiam até o teto em domo estavam carregadas de oferendas de ricos e nobres penitentes e suplicantes. Algumas deviam estar intocadas por séculos, pois se mostravam cobertas por uma espessa camada de poeira e teias de aranha, de modo que sua verdadeira natureza ficava escondida. Cinco monges em hábitos sujos e rasgados ajoelhavam-se em prece diante da estátua de uma Virgem Maria de feições escuras, com um pequeno Jesus negro nos braços. Não ergueram os olhos de

suas devoções diante daquela intrusão.

Hal e Aboli ficaram juntos, de pé, recostados numa coluna de pedra aos fundos do santuário, e o tempo escoou-se. O ar era pesado e opressivo com o cheiro de incenso e antiguidade. O canto suave dos monges era hipnótico. Hal sentiu o sono sobrevir-lhe em ondas, e teve de se esforçar para expulsá-lo e impedir que os olhos se fechassem.

De súbito, ouviu-se o bater de pés em correria vindo de além dos pendentos da parede. Hal endireitou-se quando um garotinho apareceu de sob a cortina e, com toda a exuberância de um animalzinho, correu para o santuário. Escorregou pelo pavimento até parar. Tinha quatro ou cinco anos de idade, e trajava um camisão simples de algodão branco, e seus pés estavam descalços. Sua cabeça era coberta de brilhantes cachos negros que dançaram conforme ele olhava pelo santuário com ansiedade. Tinha os olhos negros e tão grandes quanto os dos santos pintados nos retratos estilizados que pendiam das paredes de pedra atrás dele.

Viu Hal, correu até onde ele estava e parou à sua frente. Encarou com um ar tão solene, que Hal ficou encantado pelo belo elfo e se abaixou em um dos joelhos para que pudessem se estudar no mesmo nível.

O menino disse alguma coisa no idioma que Hal podia agora reconhecer como gueês. Era obviamente um pedido, porém Hal não podia nem mesmo imaginar de que natureza.

— Você também! — exclamou, rindo.

A criança continuou séria e fez a pergunta de novo. Hal deu de ombros, e o garotinho bateu os pés e o inquiriu pela terceira vez.

— Sim! — Hal sacudiu a cabeça com vigor.

O garotinho riu deliciado e bateu palmas. Hal endireitou-se, porém a criança abriu os braços e fez um gesto que só poderia significar uma coisa.

— Quer que o pegue no colo? — Hal inclinou-se e pegou-o nos braços.

O menino encarou dentro dos olhos e então falou novamente, apontando tão apaixonadamente para a face de Hal que quase lhe furou um olho com o dedinho.

— Não consigo entender o que está dizendo, pequenino — disse Hal, gentilmente.

Fasilides surgiu silenciosamente por detrás dele e disse, com voz solene:

— Sua Majestade Mais Cristã, Iyasu, Rei dos Reis, Regente de Gala e Amhara, Defensor da Fé de Cristo Crucificado, comenta que seus olhos são de uma cor verde estranha, diferente de qualquer um que ele já tenha visto antes.

Hal olhou para as feições angélicas da criança que segurava nos braços.

— Este é o padre João?

— Exatamente — retrucou o bispo. — O senhor também prometeu levá-lo para um passeio em seu grande navio, que descrevi para ele.

— Poderia informar ao imperador que eu ficaria profundamente honrado em tê-lo como hóspede a bordo do Golden Bough

De repente, Iyasu retorceu-se e desceu dos braços de Hal, tomoulhe a mão e puxou-o em direção à passagem oculta. Além da abertura, seguiram por uma longa passagem iluminada com tochas em suportes de ferro sobre as paredes de pedra. Ao fim da passagem, havia dois guardas armados, porém o imperador gritou uma ordem e eles se postaram de lado e saudaram sua pequena majestade. Iyasu conduziu Hal para dentro de um longo aposento.

Estreitas frestas abriam-se no alto das paredes, e, através delas, o brilhante sol do deserto se filtrava em sólidos feixes dourados. Uma longa mesa corria pelo comprimento da sala; sentados ao redor, estavam cinco homens. Levantaram-se e se inclinaram profundamente para Iyasu, e depois olharam

atentamente para Hal.

Eram todos guerreiros — isso era evidente por sua postura e seus atavios: usavam cotas de malha e couraças, e alguns tinham elmos de aço nas cabeças, e túnicas sobre a armadura, que eram brasonadas com cruces ou outros motivos heráldicos.

À ponta da mesa se postava o mais jovem e mais simplesmente vestido, e, contudo, o mais impressionante e imponente de todos. O olhar de Hal foi atraído imediatamente para sua figura esguia e graciosa.

Iyasu puxou Hal com impaciência na direção dele, conversando em gueês, e o guerreiro ficou a observá-los com um olhar franco e firme. Embora passasse a ilusão de altura, era na verdade uma cabeça mais baixo que Hal. Um raio de sol de uma das altas fendas o iluminou por trás, rodeando-o com uma aura dourada na qual os grãos de poeira dançavam e voluteavam.

— É o general Nazet? — perguntou Hal em latim, e o general concordou com um gesto.

Em torno de sua cabeça havia um grande emaranhado de mechas encaracoladas, como uma coroa escura ou um halo. Usava uma túnica branca sobre a camisa de cota de malha, porém, mesmo sob aquela cobertura volumosa, sua cintura era estreita e suas costas retas e flexíveis.

— Sou realmente o general Nazet.

Sua voz era baixa e rouca, e contudo estranhamente musical ao ouvido. Hal percebeu com um choque o quanto ele era jovem. Tinha a pele sem sardas, do âmbar escuro e transluzente da goma-arábica. Nenhum traço de barba ou bigode manchava sua esguia linha do queixo ou a curva orgulhosa de seus lábios cheios. Seu nariz era reto e estreito, as narinas finamente cinzeladas.

— Sou Henry Courtney — disse Hal —, o capitão inglês do Golden Bough.

— O bispo Fasilides me disse isso — retrucou o general. — Talvez preferisse falar em seu próprio idioma. — Nazet mudou para o inglês. — Devo admitir que meu latim não é tão fluente como o seu, capitão.

Hal arquejou por um momento, e Nazet sorriu.

— Meu pai era embaixador do palácio do doge, em Veneza. Passei muito de minha infância em suas latitudes nortes e aprendi os idiomas da diplomacia, francês, italiano e inglês.

— Deixa-me atônito, general — admitiu Hal, e, enquanto se recuperava do aturdimento, notou que os olhos de Nazet eram da cor de mel, e os cílios, longos, espessos e curvados como os de uma menina. Jamais se sentira atraído sexualmente por outro homem antes. Agora, contudo, conforme olhava aquelas feições régias e a pele de um belo dourado, e fitava aqueles olhos lustrosos, tomou consciência de uma pressão no peito que lhe tornava difícil puxar a próxima respiração.

— Por favor, sente-se, capitão. — Nazet indicou o banco a seu lado. Sentaram-se tão próximos que ele podia sentir o cheiro do corpo

do outro homem. Nazet não usava perfume, e era um odor natural, quente, almiscarado, que Hal se percebeu a saborear intensamente. Com uma sensação de culpa, constatou o quanto era inatural aquela atração pecaminosa que sentia e afastou-se do general para tão longe quanto o banco duro e baixo o permitia.

O imperador saltou para o colo do general Nazet e lhe afagou a face macia e dourada, balbuciando alguma coisa numa voz alta e infantil, ao que o general riu baixinho e retrucou em gueês, sem tirar os olhos da face de Hal.

— Fasilides me disse que você veio à Etiópia para oferecer seus serviços à causa do Imperador Mais Cristão.

— Assim é. Vim pedir a Sua Majestade que me conceda uma Carta de Marca para que eu possa empregar meu navio contra os inimigos de Cristo.

— Chegou no momento mais propício — concordou Nazet. — Fasilides lhe contou da derrota que nossa marinha sofreu na baía de Adulis?

— Também me contou de sua magnificente vitória em Mitsiwa. Nazet não demonstrou falso orgulho diante do elogio.

— Uma contrabalança a outra — disse. — Se El Grang tirar o domínio do mar, poderá trazer infindáveis reforços e estoques da Arábia e do território do mongol para reaprovisionar seu exército destruído. Já ressarcii todas as perdas que lhe infligi em Mitsiwa. Estou esperando por reforços que devem chegar das montanhas, de maneira que não estou pronto para atacá-lo de novo onde ele está, em Zulla. A cada dia ele se alimenta do mar e se torna mais forte.

Hal inclinou a cabeça.

— Compreendo a dificuldade da situação.

Havia algo na voz do general que o preocupava: à medida que Nazet se tornava mais agitado, seu timbre se alterava. Hal teve de fazer um esforço para se concentrar nas palavras e não em quem falava.

— Uma nova ameaça agora me persegue — continuou Nazet. — El Grang tomou a seu serviço um navio estrangeiro mais poderoso que qualquer outro de que pudéssemos dispor para enfrentá-lo.

Hal sentiu uma comichão de ansiedade correr por sua nuca, e os pêlos se eriçaram em seus antebraços.

— Que tipo de navio é esse? — perguntou, suavemente.

— Não sou marinheiro, porém meus almirantes que disseram que é um navio de velas quadradas da categoria fragata. — Nazet olhou atentamente para Hal. — Deve ser semelhante à sua própria nau.

— Sabe o nome do capitão? — indagou Hal, porém Nazet meneou a cabeça.

— Sei apenas que está infligindo terríveis perdas a nossos caíques de transporte com os quais eu contava para trazer suprimentos do norte.

— Que bandeira ele ostenta? — insistiu Hal.

Nazet falou rapidamente com um dos oficiais em gueês, e depois se voltou de novo para ele.

— Ele exhibe o pendão de Omã, porém também uma cruz vermelha de formato incomum sob um fundo branco.

— Creio que conheço esse saqueador — disse Hal, muito sério —, e lançarei meu próprio navio contra ele na primeira oportunidade — isto é, se Sua Majestade Mais Cristã me conceder uma comissão para servir como um corsário em sua marinha.

— Diante da insistência de Fasilides, já ordenei que os escribas da corte redijam sua comissão. Precisamos apenas acordar os termos e eu a assinarei em nome do imperador. — Nazet levantou-se do banco. — Mas, venha, deixe-me mostrar-lhe em detalhes a posição de nossas forças e as de El Grang.

Rumou para o lado oposto do aposento, e os outros oficiais mais velhos levantaram-se com ele. Rodearam a mesa circular sobre a qual, Hal viu, fora construíra um modelo em argila do mar Vermelho e os territórios circundantes. Fora elaborado com detalhes gráficos e pintado com realismo. Cada cidade e porto eram claramente mostrados; pequenos navios entalhados navegavam as águas azuis enquanto regimentos de cavalaria e infantaria eram representados por figuras de modelo talhadas em marfim e pintadas em esplêndidos uniformes.

Enquanto estudavam a cena com ar sombrio, o imperador puxou um banco e subiu para poder alcançar os modelos. Com berros de alegria e imitações infantis de relinchos de cavalos e canhões disparando, começou a mover as figuras pela mesa. Nazet estendeu o braço para contê-lo, e Hal fitou-lhe a mão. Era esguia e macia e elegante, com longos dedos torneados, as unhas de um rosa perolado. De repente, a verdade revelou-se diante dele, e, antes que pudesse impedir, exclamou, em inglês:

— Mãe Maria, você é mulher!

Nazet fitou-o, e suas faces cor de âmbar sombrearam-se de aborrecimento.

— Eu o advirto a não me depreciar por causa de meu sexo, capitão. Como inglês, pode se recordar de uma lição militar que uma mulher lhes deu em Orléans.

A réplica subiu aos lábios de Hal irresistivelmente, e ele pensou: Sim, porém foi há mais de duzentos anos, e nós a queimamos pelos problemas que nos causou! Contudo, fez um esforço para se calar e tentou tornar a entonação conciliadora.

— Não pretendia ofendê-la, general. Isso apenas aumenta minha admiração. Eu já fazia ideia de seu poder de liderança.

Nazet não foi tão facilmente apaziguada, e suas maneiras se tornaram bruscas e profissionais enquanto ela explicava as posições táticas e estratégicas dos dois exércitos e apontava a Hal onde poderia ser mais bem empregado o Golden Bough. Não mais o encarava diretamente, e a linha daqueles lábios polpudos e macios se endurecera.

— Esperarei que se coloque sob meu direto comando, para tal fim, ordenei ao almirante Senec que elaborasse um conjunto simples de sinais, rojões e lanternas para a noite, e bandeiras e fumaça durante o dia, através do qual eu pudesse passar minhas ordens de terra para você, no mar. Tem alguma objeção quanto a isso?

— Não, general, não tenho.

— Em relação ao prêmio, dois terços resultarão para o erário do imperador, e o restante para você e sua tripulação.

— É costume que o navio retenha metade do prêmio — contestou Hal.

— Capitão — disse Nazet, com frieza —, nestes mares, o costume é estabelecido por Sua Majestade Mais Cristã.

— Então, devo concordar. — Hal sorriu com ironia, porém não recebeu qualquer encorajamento para mais veleidades por parte de Nazet.

— Quaisquer estoques ou provisões de guerra que possa capturar serão comprados pelo erário, e, igualmente, quaisquer naus inimigas serão compradas pela marinha.

Ela olhou para longe dele quando um escriba entrou na sala e se inclinou, antes de lhe entregar um documento escrito em duro pergaminho amarelo. Nazet relanceou o olhar rapidamente pelo papel e depois pegou a pena que o escriba lhe estendia, encheu os brancos na escrita e assinou ao pé do documento: Judith Nazet, acrescentando uma cruz depois do nome.

Ao colocar areia para secar a tinta, disse:

— Está escrito em gueês, porém terei uma tradução preparada para o senhor quando nos encontrarmos da próxima vez. Nesse ínterim, dou-lhe minha garantia de que esta carta contém exatamente os termos que discutimos. — Enrolou o documento, prendeu-o com uma fita e entregou-o a Hal.

— Sua garantia é suficiente para mim. — Hal enfiou o documento enrolado na manga de sua túnica.

— Tenho certeza de que está ansioso para voltar a seu navio, capitão. Não o deterei por mais tempo.

Com aquela dispensa, ela pareceu se esquecer da existência de Hal e centrou toda a atenção de volta em seus comandantes e no panorama em argila do campo de batalha no tampo da mesa à sua frente.

— Falou de uma série de sinais, general.

A despeito das maneiras indiferentes dela, Hal se descobriu estranhamente relutante em sair de sua presença. Sentia-se atraído para ela do mesmo jeito que a agulha de uma bússola procura o norte.

Nazet não ergueu os olhos para ele outra vez, porém disse:

— O almirante Senec mandará o livro de sinais para seu navio, antes que o senhor parta. O bispo Fasilides o encontrará onde seus cavalos estão esperando. Adeus, capitão.

Enquanto Hal caminhava pelos longos corredores de pedra ao lado do bispo, disse, baixinho:

— O Tabernáculo de Maria está aqui neste mosteiro. Estou correto em crer nisso?

Fasilides parou de imediato e o encarou.

— Como soube? Quem lhe disse?

— Como um devoto cristão, gostaria de ver de perto um objeto tão sagrado — retrucou Hal. — Pode me conceder esse desejo?

Fasilides torceu nervosamente a barba.

— Talvez. Veremos. Venha comigo.

Conduziu Hal até onde Aboli ainda esperava e depois ambos o seguiram por outra confusão de escadarias e passagens; em seguida, pararam diante de uma porta guardada por quatro padres em mantos e turbantes.

— Esse seu homem é um cristão? — perguntou, ao olhar para Aboli, e Hal meneou a cabeça. — Então, deve ficar aqui.

O bispo tomou o braço de Hal e o conduziu para a porta. Falou suavemente em gueês com um dos padres, e o velho pegou uma enorme chave preta de sob o manto e girou-a na fechadura. Fasilides puxou Hal para dentro de uma cripta que ficava adiante.

Rodeado por uma floresta de velas queimando em altos suportes de bronze de muitos braços, o tabernáculo jazia do centro do chão pavimentado.

Hal sentiu uma esmagadora sensação de respeito e graça inundá-lo. Sabia que aquele era um dos momentos mais supremos de sua vida, talvez mesmo a razão de seu nascimento e existência.

O tabernáculo era um pequeno baú que se sustentava em quatro pés entalhados como as patas de um leão. Havia quatro alças de carregar. Seu corpo quadrado era coberto com uma tapeçaria de bordados de prata e ouro que tinha a patina de grande idade. De cada lado da tampa ajoelhava-se uma estátua dourada de um anjo em miniatura, com a cabeça inclinada e as mãos em prece. Era uma coisa de extraordinária beleza.

Hal caiu de joelhos na mesma atitude dos anjos dourados.

— Senhor Deus das hostes, vim para cumprir Vossa ordem, como comandastes — começou a rezar em voz alta. Depois de um longo tempo, fez o sinal-da-cruz e levantou-se.

— Posso ver o cálice? — pediu, com deferência, porém Fasilides meneou a cabeça.

— Nem mesmo eu o vi. É sagrado demais para os olhos de um mortal. Ele o cegaria.

O piloto etíope guiou o Golden Bough rumo sul, de noite, sob os joanetes apenas. Com um homem com uma chumbada a fazer sondagens, avançaram para sotavento da ilha de Dahlak, ao largo da boca da baía de Adulis.

Ansioso, Hal ouvia, na escuridão, o canto do marujo:

— Sem fundo, com esta linha! — E, minutos depois: — Sem fundo com esta linha! — E, em seguida, o chape do chumbo conforme era girado para adiante da proa e caía na superfície da água. De repente, o canto alterou-se e a voz do marujo adquiriu um tom mais agudo. — Pelo fundo, vinte.

— Sr. Tyler — berrou Hal. — Encurtar outro mastaréu nos joanetes. A postos para deixar cair a âncora.

— Pela marca, dez! — O próximo grito do sondador foi mais agudo ainda.

— Colher todos os panos. Deixar cair a âncora.

A âncora afundou e o Golden Bough avançou suavemente por uma curta distância antes de ser retido pelo cabo.

— Assuma o tombadilho, Sr. Tyler — disse Hal. — Vou para o alto. Subiu as enxárcias desde o convés até o mastro principal sem uma

pausa, e ficou contente que sua respiração estivesse apenas profunda e serena ao chegar ao ninho de

gávea.

— Eu o vejo, Gundwane! — saudou-o Aboli, e deu espaço para ele no ninho de lona.

Hal acomodou-se ao lado dele e olhou primeiro para terra. A ilha de Dahlak era uma massa mais escura na noite sombria, porém estavam a uma amarra completa de distância além das rochas. Então, desviou o olhar para oeste e viu o perfil da baía de Adulis, claramente delineado pelas fogueiras do exército de El Grang acampado ao longo do litoral do pequeno porto de Zulla. As águas da baía luziam com as lanternas de sinalização da frota ancorada do Islã. Hal tentou contar aquelas luzes, porém desistiu quando a quantidade chegou a sessenta e quatro. Ficou a imaginar se uma daquelas naus era o Gull of Moray e sentiu suas entranhas se contraírem ao pensamento.

Voltou-se para olhar para leste e viu a primeira promessa pálida da aurora recortar as silhuetas dos picos escarpados da Arábia, de onde vinham os caíques de transporte de El Grang, carregados de homens, cavalos e provisões para engordar suas legiões.

Depois, abaixo do horizonte do alvorecer, no mar escuro, viu as lanternas de outros navios a piscar como vaga-lumes conforme viajavam com a brisa noturna em direção à baía de Adulis.

— Pode contá-los, Aboli? — perguntou, e Aboli soltou uma risadinha.

— Meus olhos não são tão agudos quanto os seus, Gundwane. Vamos dizer simplesmente que são muitos, e esperar pelo alvorecer para descobrir seu número verdadeiro — murmurou.

Esperaram no silêncio de velhos companheiros, e ambos sentiram o arrepio da aurora que chegava para aquecê-los com a promessa de batalha que o dia poderia trazer, pois aquele mar estreito enxameava de naus do inimigo.

O céu do leste começou a brilhar como uma forja de ferreiro. As rochas da ilha ali perto surgiram pálidas através da obscuridade, pintadas de branco pelo excremento de aves marinhas que, por séculos, nelas se abrigavam. De seus poleiros rochosos, os pássaros lançavam-se ao vôo. Em vacilantes formações em flecha, voavam pelo céu avermelhado pela aurora a soltar selvagens e pavorosos gritos. Ao erguer os olhos para elas, Hal sentiu o vento da manhã roçar-lhe a face com os dedos gelados. Soprava de oeste como ele confiara que sopraria. Teria a flotilha de pequenos caíques sob o sotavento, e à sua mercê.

O sol nascente fulgurou sob os cumes da montanha e deixou-os em chamas. Bem além das rochas da ilha, uma vela coruscou nas águas sombrias, e depois outra, e, conforme o círculo de sua visão se expandia, uma dúzia mais.

Hal deu um tapinha no ombro de Aboli.

— É hora de trabalhar, velho amigo — disse, e deslizou para baixo das enxárcias. Quando seus pés atingiram o convés, ele gritou para o leme: — Içar âncora, Sr. Tyler. Todas as mãos no alto para assentar velas.

Aliviado de seu cativeiro, o Golden Bough enfunou seus panos e se afastou. Com as águas a marulhar sob sua proa e a esteira a deslizar cremosa atrás, partiu em velocidade de seu posto de emboscada por trás da ilha de Dahlak.

A luz era pródiga agora para que Hal divisasse claramente sua presa dispersa pelas águas revolvidas pelo vento, adiante. Olhou ansioso para os panos recolhidos de um alto navio entre elas, porém viu apenas a única vela latina dos caíques árabes.

As mais próximas daquelas naus pareciam pouco alarmadas com a aparência do Golden Bough, a alta pirâmide de velas a apontar direto para a entrada da baía de Adulis. Mantinham seu curso, e, conforme a fragata se aproximou por barlavento da mais contígua delas, Hal viu a tripulação e passageiros enfileirados na amura do caíque, a espiá-los. Alguns tinham subido do robusto mastro e acenavam em saudação.

Hal parou ao lado do leme e disse a Ned Tyler:

— É como se tivessem visto apenas um outro navio como o nosso nestas águas, o Gull. Tomam-nos por um aliado.

Olhou para o alto, onde seus homens do topo do mastro se penduravam nos cordames, prontos para manejar a grande massa de panos. Então, correu o olhar para o convés, onde os artilheiros alvoroçavam-se em torno das colubrinas e os carregadores de pólvora subiam dos tombadilhos abaixo com seus fardos mortais.

— Sr. Pescador! — chamou. — Carregue uma bateria de cada lado com bala, todas as outras com elos e metralha, por favor.

Daniel Grande sorriu com os dentes pretos e podres, e bateu com os nós dos dedos na testa. Hal queria simplesmente desabilitar as naus inimigas, não afundá-las ou queimá-las. Mesmo a menor e mais pobre daquelas embarcações poderia valer uma grande soma para o erário de Sua Majestade Mais Cristã, se pudesse capturá-las e entregá-las ao almirante Senec, em Mitsiwa. A bateria de cada lado, carregada com bala, seria mantida na reserva.

O primeiro caíque estava tão próximo à frente, que Hal podia ver as expressões das faces de sua tripulação. Havia uma dúzia ou mais de marinheiros, vestidos em mantos rasgados e desbotados e com turbantes haiks. A maioria ainda estava sorrindo e acenando, porém o velho ao leme na popa olhava ao redor assustado, como se procurasse alguma via de escape providencial do alto casco que avançava sobre sua pequena embarcação.

— Desfralde nossas cores, por favor, Sr. Tyler — ordenou Hal, e ficou a observar a croix pattée se enfunar ao lado da cruz copta de cor branca do Império, em seu fundo azul real. A aflição das faces da tripulação do caíque ao verem a cruz de sua ruína se abrir diante de seus olhos era patética de se contemplar, e Hal deu a próxima ordem: — Corra suas armas, mestre Daniel!

As portinholas de artilharia do Golden Bough caíram com um estrondo, e o casco reverberou com o ruído surdo dos canhões conforme as colubrinas apontavam para fora seus canos de bronze.

— Passaremos perto da caça a estibordo. Dispare conforme puder, mestre Daniel!

Daniel Grande correu para a proa e assumiu o comando da bateria número um de estibordo. Hal viu-o correr rapidamente de canhão a canhão para verificar sua colocação, inserindo os calços para baixar a mira. Iriam disparar quase que diretamente para baixo, para dentro do caíque, conforme passassem por ele.

O Golden Bough avançou silenciosamente sobre a pequena embarcação, e Hal disse calmamente para o leme:

— Traga a nau devagar para um ponto a bombordo.

Ao se dar conta da ameaça dos canhões escancarados, a tripulação do caíque fugiu da amurada e voou para baixo, para trás do rijo e pequeno mastro, ou se agachou atrás dos fardos e barricadas que lotavam o convés.

A primeira bateria disparou em conjunto uma descarga fumegante e estrondosa, e cada tiro atingiu o alvo. A base do mastro foi arrancada numa tempestade de lascas brancas de madeira, e o cordame despencou para se pendurar de lado numa confusão desordenada de cordas e panos. O velho ao leme desapareceu, como se transformado em ar pela magia de um feiticeiro. Deixou apenas uma mancha vermelha nas pranchas destroçadas.

— Alto com os disparos! — Hal berrou, para se fazer ouvir acima do barulho ensurdecido do canhão.

O caíque estava estropeado: sua proa já girava diante do vento, o leme arrancado e o mastro caído sobre a amurada. O Golden Bough deixou rolando em sua esteira.



— Mantenha o curso, Sr. Tyler.

O Golden Bough avançou direto para a flotilha de pequenas naus espalhadas pelas águas azuis adiante. Essas tinham visto o tratamento sem misericórdia dado ao primeiro caíque e as cores imperiais desfraldadas no topo de mastro da fragata, e, agora, cada uma girava seu leme e fazia a volta diante do vento. Desengonçadas, fugiam diante da carga do Golden Bough.

— Rume para a nau logo adiante! — disse Hal, tranquilamente, e Ned Tyler girou a fragata um ponto ao redor.

O caíque que Hal escolhera era um dos maiores à vista, e seu tombadilho aberto estava coalhado de homens. Deviam ser pelo menos trezentos deles amontoados lá dentro, estimou Hal. Era uma viagem curta pelo mar estreito, e seu capitão assumira um risco: carregava mais tropas do que era prudente.

Um débil grito de desafio chegou aos ouvidos de Hal quando fecharam o espaço:

— Allah Akbar! Deus é grande!

Elmos de aço reluziam nas cabeças das tropas omanis, e os soldados brandiam suas longas e curvadas cimitarras. Houve uma surriada confusa de fogo de mosquete, mirada para a fragata, o espocar dos arcabuzes e as rajadas de fumaça ao longo da amurada do caíque. Uma bala de chumbo enterrou-se no mastro acima da cabeça de Hal.

— Cada homem a bordo dele é um soldado — disse Hal, em voz alta. Não teve de acrescentar que, se conseguissem chegar ao litoral oeste do mar, marchariam contra Judith Nazet. — Dê-lhes uma surriada de balas. Afunde-o, mestre Daniel!

As pesadas balas de ferro varreram a tropa do convés até a quilha e fenderam a nau como se fende um graveto debaixo do machado. O mar investiu por seu ventre estourado. O caíque emborcou, e, de repente, a água pululava de cabeças boiando, dos homens que se debatiam e se afogavam.

— Rume para aquela nau com o pendão prateado.

Hal não olhou para trás, investindo como uma barracuda para dentro de um cardume de peixes-voadores. Nenhum poderia correr mais do que ele. Com sua montanha de velas brancas a impeli-lo, o Golden Bough voou sobre as embarcações como se elas tivessem em âncora, e seus canhões explodiam em chamas e fumaça. Alguns dos pequenos navios abriam-se em cacos e afundaram, outros eram deixados na esteira da fragata com os mastros destroçados e as velas pendendo de lado. Alguns dos marinheiros se jogaram pela amurada no momento em que as colubrinhas apontaram para eles. Preferiam os tubarões ao choque das balas de canhão.

Vários correram para a ilha mais próxima e tentaram ancorar nas águas rasas, onde o Golden Bough não poderia alcançá-los. Outros, deliberadamente, atracaram, e suas tripulações mergulharam pela amura para nadar e vadear até a praia.

Apenas os navios mais distantes a leste e mais próximos da costa árabe tiveram chance de correr da investida da fragata. Hal olhou para a popa e viu a água atrás pontilhada com os cascos daqueles que tinha sobrepujado a chapinhar. Cada milha em que caçava os sobreviventes a leste era uma milha mais longe de Mitsiwa.

— Nenhum daqueles voltará depressa! — disse, muito sério, ao observálos fugir em confusão. — Sr. Tyler, por favor, leve o navio a uma volta e o traga orçado para o curso de estibordo.

Aquele era o melhor ponto de navegação do Golden Bough.

— Não há nenhum caíque em toda a Arábia que possa apontar mais alto ao vento que minha querida banheira — exclamou Hal, em voz alta, ao ver vinte velas no rumo do vento tentando escapar, seguindo para oeste.

O Golden Bough investiu de volta sobre a frota dispersa, e, agora, alguns dos caíques deixavam cair sua larga vela triangular à sua aproximação, e gritavam por Alá, pedindo misericórdia.

Hal controlou a fragata quando passou ao longo de cada um deles, trazendo a proa para o vento enquanto lançava um bote e enviava uma

tripulação de abordagem, com um marujo branco e seis de seus amadodas, para tomar o navio rendido.

— Se não houver nada de valor a bordo, tirem fora a tripulação e ponham uma tocha no barco.

Ao final daquela tarde, Hal tinha cinco grandes caíques em fila, atrás do Golden Bough, e outros sete velejando em sua companhia, sob cordames de guindola e com sua tripulação de apresamento a bordo, conforme rumavam de volta rumo a Mitsiwa. Cada uma das naus capturadas estava pesadamente carregada com provisões vitais de guerra. Atrás dele, o céu se estendia nublado com a fumaça dos cascos em chamas, e o mar estava coalhado de restos de naufrágio.

A general Nazet, sentada em seu negro garanhão árabe, observava dos cumes do penhasco aquela desconjuntada flotilha afastar-se pelas rotas de Mitsiwa. Por fim, fechou a luneta e comentou com o almirante Senec, a seu lado:

— Vejo por que o chamam de El Tazar! Esse inglês é uma barracuda, realmente. — Então virou a face para que ele não pudesse ver o sorriso pensativo que lhe suavizou as belas feições.

El Tazar. É um bom nome para ele, pensou, e então outra ideia irrelevante lhe ocorreu. Fico a imaginar se é tão poderoso como amante quanto o é como guerreiro, pensou. Era a primeira vez desde que Deus a escolhera para liderar as suas legiões contra os pagãos que ela olhava para algum homem com olhos de mulher.

O coronel Cornélius Schreuder desmontou em frente à tenda esparramada de reluzentes sedas vermelhas e amarelas. Um cavaliariço tomoulhe o cavalo, e ele parou para olhar ao redor do acampamento. A tenda real se erguia num pequeno outeiro que dominava a baía de Adulis. Ali em cima, a brisa do mar refrescava o ar e tornava possível respirar. Na planície abaixo, onde o exército do Islã estava bivacado em torno do porto de Zulla, as pedras estalavam com o calor e tremeluziam na miragem.

A baía estava coalhada de navios, porém os altos mastros do Gull of Moray dominavam todos os outros. O navio do conde de Cumbrae chegara durante a noite, e agora Schreuder ouvia sua voz se erguer em discussão, vinda de dentro da tenda de seda. Seus lábios se torceram num sorriso ao qual faltava humor, e ele ajustou o caimento da espada dourada a seu lado antes de caminhar até a abertura da tenda. Um alto comandante de uma companhia de sipaios inclinou-se diante dele. Todas as tropas do Islã tinham vindo a conhecê-lo bem: no curto tempo em que servira com eles, os feitos de ousadia de Schreuder haviam se transformado em lenda no exército mongol. O oficial o introduziu à presença real.

O interior da tenda era cómodo e suntuosamente decorado. O chão inteiro era fartamente coberto com maravilhosos tapetes de seda coloridos, e cortinados acetinados formavam uma parede dupla que mantinha do lado de fora o calor do sol. As mesas baixas eram de marfim e de madeira rara, e os vasos sobre elas, de ouro sólido.

O irmão do grão-mogol, o marajá Sadiq Khan Jahan, sentava-se no centro de uma pilha de almofadas de seda. Usava uma túnica acolchoada de seda amarela e pantalonas listradas de vermelho e dourado. Os sapatos em seus pés eram de cor escarlate com pontas longas e recurvas e fivelas de ouro. Seu turbante era amarelo e preso acima de sua testa por uma esmeralda do tamanho de uma noz. Tinha a barba escanhoada, com apenas uma linha de kohl no bigode fino sobre o petulante lábio superior. Atravessada em seu colo havia uma cimitarra numa bainha tão ricamente incrustada de jóias, que o fulgor delas ofuscava a vista. Em uma das mãos enluvadas segurava um falcão, um magnífico sacre do deserto. Ergueu a ave e beijou-a no bico com tanta ternura como se ele fosse uma bela mulher — ou, de preferência, Schreuder pensou, com desagrado, um de seus belos meninos dançarinos.

Um pouco atrás dele, em outra pilha de almofadas, sentava-se Ahmed El Grang, a Mão Esquerda de

Alá. Tinha os ombros tão largos que parecia deformado, e seu pescoço era grosso e encordado de músculos. Usava um elmo de guerra de aço, e sua barba estava tingida de hena, vermelha como aquela do Profeta. Seu peito maciço era coberto por uma couraça de aço, e havia braceletes também de aço em seus pulsos. Tinha sobrancelhas hirsutas, e os olhos, tão frios e implacáveis quanto os de uma águia.

Atrás daquele par mal combinado, sentava-se uma hoste de cortesãos e oficiais, todos ricamente vestidos. Diante do príncipe, ajoelhava-se um tradutor, que, com a testa comprimida ao chão, tentava acompanhar o fluxo de invectivas do Gavião.

O Gavião se postava diante do príncipe com os punhos fincados nos quadris. Em sua cabeça estava o chapéu de fitas, e sua barba parecia mais cerrada e feroz que os cachos tingidos e encaracolados que cobriam o queixo de El Grang. Usava meia armadura por cima do manto escocês. Voltou-se com alívio quando viu Schreuder entrar na tenda e se inclinar, profunda e respeitosamente, primeiro diante do príncipe, e depois de El Grang.

— Jesus o ama, coronel. Preciso de você agora para colocar algum senso nessas duas adoráveis damas. Este macaco... — Cumbrae empurrou o tradutor servil com a bota. — Este macaco está falando besteiras e tornando sem sentido o que estou dizendo a eles. — Sabia que Schreuder passara muitos anos no Oriente e que o árabe era um dos idiomas em que era fluente.

— Diga-lhes que vim aqui para conquistar presas, não para expor meu Gull a um navio de igual força e vê-lo arreventado sob meus pés! — instruiu-o o Gavião. — Querem que eu combata contra o Golden Bough.

— Explique-me o assunto com mais clareza — pediu Schreuder. — Dessa maneira, poderei dar-lhe assistência.

— O Golden Bough chegou a estas águas; devemos presumir que sob o comando do jovem Courtney — disselhe o Gavião.

As feições de Schreuder se escureceram diante da menção daquele nome.

— Nunca nos livraremos dele?

— Parece que não. — Cumbrae soltou uma risadinha. — Em todo caso, está desfraldando a cruz branca do império e investindo contra os transportes de El Grang por vingança. Afundou e capturou vinte e três velas na última semana, e nenhum capitão muçulmano se fará ao mar enquanto ele estiver ao largo. Sem qualquer ajuda, está bloqueando a costa inteira da Etiópia. — Meneou a cabeça em relutante admiração. — Dos penhascos acima de Tenwera, eu o observei cair sobre uma flotilha de caíques de guerra de El Grang. Cortou-os em pedaços. Por Jesus, ele maneja um navio tão bem quanto Franky o fazia. Girou em círculos em torno daqueles muçulmanos e explodiu-os na água. A frota inteira de Alá, o Todo-Misericordioso, está engarrafada no porto, e El Grang está faminto por reforços e provisões. Os muçulmanos chamam o jovem Courtney de El Tazar, o Barracuda, e não irão se confrontar com ele.

Então, seu sorriso feneceu e ele pareceu lúgubre.

— O Golden Bough está brilhante e livre de teredos. Meu Gull tem estado no mar há cerca de três anos. Suas tábuas estão carcomidas de

vermes de navio. Posso imaginar que, mesmo em meu melhor ponto de navegabilidade, o Golden Bough tem pelo menos três nós de velocidade de vantagem sobre mim.

— O que quer que eu diga a Sua Alteza? — perguntou Schreuder, com escárnio. — Que tem medo de enfrentar o jovem Courtney?

— Não tenho medo de nenhum homem vivo. Ou morto. Contudo, não há lucro para mim nisso. Hal Courtney não tem nada que eu queira, porém, se vier para a briga, poderá causar a mim e a meu Gull um horrível dano. Se querem que eu lute com ele, terão de adoçar um pouco meu copo.

Schreuder voltou-se para o príncipe e explicou-lhe o assunto em termos diplomáticos cuidadosamente

escolhidos. Sadiq Khan Jahan acariciou seu falcão enquanto ouvia com ar inexpressivo, e o pássaro arrepiou as penas e encapuzou os olhos amarelos. Quando Schreuder terminou, o príncipe voltou-se para El Grang.

— Como disse que chamavam a esse fanfarrão de barba ruiva?

— Eles o chamam de o Gavião, Sua Alteza — retrucou El Grang, com voz rouca.

— Um nome bem escolhido, pois parece que prefere picar os olhos do fraco e dos mortos e escarafunchar os restos de criaturas mais poderosas a matar por si mesmo. Não é nenhum falcão.

El Grang assentiu com a cabeça, e o príncipe voltou-se para Schreuder.

— Pergunte a essa nobre ave de rapina que pagamento ele exige para lutar com El Tazar.

— Diga ao menino bonito que quero um laque de rupias em moedas de ouro, e quero-as em minhas mãos antes de deixar o porto — retrucou Cumbrae, e mesmo Schreuder arquejou diante de tanta audácia. Um laque eram cem mil rupias. O Gavião continuou, num tom amistoso. — Veja, peguei o príncipe com o bumbum no ar e as pantalonas enroladas até os joelhos. Pretendo comê-lo por inteiro, porém não do jeito que ele gosta.

Schreuder ouviu a resposta do príncipe e em seguida voltou-se para Cumbrae.

— Ele diz que poderia construir vinte navios como o Gull por um laque.

— Pode ser que sim, porém não me comprarão um par de bolas para substituir aquelas que Hal Courtney arrancar.

O príncipe sorriu diante daquela resposta.

— Diga ao Gavião que ele as deve ter perdido faz muito tempo, mas que é um belo eunuco. Eu sempre poderia encontrar um lugar para ele em meu harém.

O Gavião soltou uma risada raivosa com o insulto, mas meneou a cabeça.

— Diga ao belo pederasta: nenhum ouro, e o Gavião vai se embora. O príncipe e El Grang cochicharam um com o outro, a gesticular.

Por fim, pareceram chegar a uma decisão.

— Tenho outra proposta que o atrevido capitão poderia achar mais a seu gosto. O risco que assumirá não será tão grande, porém ele receberá o laque que exige. — O príncipe pôs-se de pé, e toda a corte caiu de joelhos e comprimiu a testa no chão. — Deixarei que o sultão Ahmed El Grang explique isso a ele em segredo.

Retirou-se pelas cortinas nos fundos da tenda, e toda sua comitiva saiu com ele, deixando apenas os dois europeus e o sultão na caverna de seda.

El Grang fez um gesto para que ambos os homens se aproximassem e se sentassem de frente para ele.

— O que tenho a dizer não é para os ouvidos de nenhuma outra alma vivente. — Enquanto organizava os pensamentos, deslizou o dedo pelo antigo ferimento de lança que corria numa cicatriz de borda de tecido intumescido desde seu ouvido até o colarinho alto de sua túnica: metade de suas cordas vocais tinha sido cortada por aquele velho ferimento. Começou, rouco, com uma voz sibilante: — O imperador foi assassinado diante de Suakin, e seu filho infante, Iyasi, herdou a coroa de padre João. Seus exércitos estavam desbaratados, quando então surgiu um profeta feminino proclamando ter sido escolhido pelo deus cristão para liderar suas forças. Desceu das montanhas conduzindo cinquenta mil lutadores e carregando diante de si um talismã religioso a que chamam de Tabernáculo de Maria. Seus exércitos, inspirados por fanatismo religioso, foram capazes de nos parar em Mitsiwa.

Tanto Schreuder como Cochran concordaram. Aquilo não era novidade.

— Agora, Alá me deu a oportunidade de me apoderar tanto do talismã como da pessoa do imperador infante.

El Grang recostou-se e mergulhou no silêncio, observando as faces dos dois homens brancos

judiciosamente.

— Com o Tabernáculo e o imperador em suas mãos, os exércitos de Nazet se dissolveriam como neve ao sol de verão — disse Schreuder, calmamente.

El Grang concordou.

— Um monge renegado veio ter conosco e ofereceu-se para conduzir um pequeno grupo comandado por um homem ousado ao lugar onde tanto o talismã como o imperador estão escondidos. Assim que a criança e o Tabernáculo forem capturados, precisarei de um navio rápido e poderoso para transportá-los para Mascate antes de Nazet possa fazer qualquer tentativa de resgatá-los. — Voltou-se para Schreuder e disse: — Você, coronel, é o homem corajoso de que preciso. Se tiver sucesso, seu pagamento será também de um laque.

Então El Grang olhou para Cochran.

— Seu navio é o mais rápido para levá-los a Mascate. Quando entregá-los lá, haverá outro laque para você. — Sorriu com frieza. — Desta vez, eu lhe pagarei para fugir de El Tazar, não para confrontá-lo. Suas bolas são grandes e pesadas o bastante para essa tarefa, meu bravo Gavião?

espíões de Fasilides tinham trazido o relato — e seu capitão está em terra. Dizem que se senta em conselho com El Grang.

Aquela informação sigilosa, porém, estava dois dias atrasado.

— O Gavião ainda estará lá? — conjecturou Hal consigo mesmo, e estudou suas velas.

O Golden Bough não poderia carregar qualquer outra porção ínfima de panos, e cada vela se içava docemente. O casco deslizava pela água, e o tombadilho vibrava debaixo de seus pés como uma criatura viva. Se encontrarmos o Gull ainda em âncora, poderemos abordá-lo mesmo na escuridão, pensou Hal, e seguiu pelo convés, verificando as talhas de seus canhões. Os marujos brancos batiam na testa e sorriam para ele, enquanto as fileiras agachadas dos amadodas riam e faziam cruces no peito com a mão direita aberta em saudação. Eram como cães de caça com o cheiro do alce em suas narinas. Hal sabia que não iriam recuar quando pusesse o Golden Bough ao lado do Gull e os liderasse para o tombadilho da nau inimiga.

O sol afundava rumo ao horizonte e espalhava suas chamas pelo mar. A escuridão desceu e o contorno de terra mesclou-se a ela.

Nascer da lua em duas horas, pensou Hal, ao parar ao lado da bitácula para verificar o rumo do navio. Estaremos dentro da baía de Adulis até então. Ergueu os olhos para Ned Tyler, cuja face era iluminada pela lanterna da bússola.

— Içar nossas novas lonas — ordenou, e Ned repetiu a ordem através do corneta de comunicação.

As novas lonas estavam depositadas no convés, os panos já passados nos gornes pelas tralhas de escota e alças de cabo, porém custou uma hora de trabalho árduo e perigoso até que as velas brancas fossem trazidas para baixo e postas de lado, e as lonas que tinham sido ensopadas de piche içadas para as vergas e enfunadas.

Negro era seu casco, e negras como a meia-noite eram suas lonas. O Golden Bough não mostraria nenhum relance à luz da lua quando velejasse para a baía de Adulis a fim de pegar desprevenida a frota ancorada do Islã.

Permiti que o Gavião esteja lá, rezou Hal silenciosamente. Por favor, Deus, permiti que ele não tenha partido.

Lentamente a baía se abriu para eles, e viram as lanternas da frota inimiga como as luzes de uma grande cidade. Além delas, as fogueiras de vigia da hoste de El Grang refletiam-se no ventre da nuvem baixa de poeira e fumaça.

— Deixe o navio no curso de bombordo, Sr. Tyler. Rume para a baía.

O navio fez a volta e investiu rapidamente em direção à frota ancorada.

— Encurtar um mastaréu nas mestras. Colha todas as de topo não usadas, por favor, Sr. Tyler.

O impulso do navio diminuiu, e o sussurro da onda na proa definiu conforme seguiam sob velas de batalha.

Hal rumou para proa, e Aboli saiu da escuridão.

— Seus arqueiros estão prontos? — perguntou Hal. Os dentes de Aboli faiscaram nas sombras.

— Todos prontos, Gundwane.

Hal podia divisá-los agora, formas escuras agachadas ao longo da amurada do navio, entre as colubrinhas, os fardos de flechas depositados sobre o convés.

— Mantenha-os sob seu olhar! — avisou-o Hal. Se os amadodas tinham uma falha em batalha, era que podiam ficar cegos por sua luxúria por sangue.

Ao chegar ao posto de Daniel Grande, na parte do convés entre os castelos, Hal certificou-se de que todas as mechas de queima lenta estivessem escondidas nos tubos e que as pontas reluzentes não pudessem alertar uma sentinela do inimigo.

— Boa noite, mestre Daniel. Seus homens nunca estiveram numa batalha noturna. Mantenha a rédea curta. Não os deixe sair atirando doidamente.

Voltou para o leme, e o navio avançou para dentro da baía, uma sombra escura nas águas sombrias. A lua ergueu-se por detrás deles e iluminou o cenário à frente com uma radiância prateada, de maneira que Hal pôde discernir as silhuetas da frota inimiga. Sabia que seu próprio navio ainda estava invisível.

Avançaram furtivamente e agora estavam perto o bastante para ouvir os sons das naus atracadas adiante, vozes a cantar, rezar e conversar. Alguém martelava com uma marreta de madeira, e havia o ranger de remos e o estalar de cordames conforme os caíques rodavam gentilmente em âncora.

Hal estreitou os olhos para divisar os mastros do Gull of Moray, porém sabia que, se ele estivesse na baía, não poderia avistá-lo até que a primeira surriada iluminasse a escuridão.

— Um grande caíque logo à frente — disse baixinho para Ned Tyler. — Aprove para passar perto dele a estibordo.

— Pronto, mestre Daniel. — Ergueu a voz. — Na embarcação a estibordo, dispare como puder.

Investiram contra o caíque ancorado e, conforme a nau se apresentou plenamente de través, os disparos do Golden Bough iluminaram a escuridão como um relâmpago difuso, e o estrondo dos canhões chocou-lhes os tímpanos e ecoou pelas colinas desertas. Naquela breve luz de cegar a vista, Hal viu os mastros e cascos de toda a frota inimiga brilhantemente iluminada, e sentiu o chumbo do desapontamento pesar em suas entranhas.

— O Gull se foi — exclamou. Mais uma vez, o Gavião lhe escapara. Haverá outro momento, consolou-se. Com firmeza, afastou o pensamento perturbador da mente e voltou a plena atenção de novo para o cenário da batalha que se abria como algum quadro vivo infernal diante de si.

No instante em que a primeira surriada investiu com violência sobre a presa, Aboli não teve de esperar por uma ordem. O tombadilho se iluminou com o clarão de muitas chamas vivas conforme os amadodas acendiam suas flechas de fogo. Em cada eixo de cana, amarrado atrás da ponta de ferro, estava um tufo de corda desemaranhada de cânhamo, encharcada em piche, que faiscava e depois queimava ferozmente quando tocada com a mecha de queima lenta.

Os arqueiros soltaram suas flechas, que voaram numa alta e flamejante parábola e desceram para se enterrar nas tábuas de uma nau ancorada. Enquanto os berros de terror e agonia se erguiam do casco arrebatado pelos tiros, o Golden Bough deslizava para dentro da massa de embarcações.

— Duas naus a um ponto de cada lado de sua proa — disse Hal ao timoneiro. — Passe entre elas.

Conforme passavam perto de cada uma das duas, o navio adernou de um lado e depois de outro

enquanto seus costados retumbavam com os disparos em rápida sucessão, e uma chuva de flechas de fogo caía do céu sobre as naus atingidas.

Atrás deles, o primeiro caíque ardia em chamas, e o fogo clareava a baía, a iluminar brilhantemente a presa para os artilheiros do Golden Bough, enquanto a nau avançava por entre a frota inimiga.

— El Tazar!

Quando Hal ouviu as vozes terrificadas dos árabes a gritar seu nome, de navio a navio, sorriu com ar sinistro e ficou a observar os esforços derivados do pânico para cortar os cabos de âncora e escapar de sua aproximação. Agora, cinco caíques queimavam e eram arrastados pela corrente, fora de controle, para dentro da ancoragem lotada.

Algumas naus inimigas disparavam endoidecidas e continuavam a atirar sem fazer qualquer tentativa de apontar a mira para a fragata. Balas de canhão perdidas, miradas muito ao alto, uivavam por sobre suas cabeças, enquanto outras, apontadas muito para baixo, ricocheteavam pela superfície da água e se chocavam com os navios amigos ancorados ao lado deles.

As chamas saltavam de navio a navio, e a extensão toda da baía brilhava como se fosse dia. Mais uma vez, Hal procurou pelos altos mastros do Gull. Se estivesse ali, por essa hora o Gavião teria assentado as velas e sua silhueta seria inconfundível. Contudo, não estava em parte alguma à vista, e Hal voltou zangado para a tarefa de espalhar quanta destruição pudesse sobre a frota do Islã.

Atrás deles, um dos cascos em chamas devia estar carregado com várias centenas de toneladas de pólvora negra para a artilharia de El Grang. Explodiu numa imensa torre de fumaça negra, detonando a carga entre flamejantes chamas vermelhas, como se o demónio tivesse escancarado as portas do inferno. A coluna revoluta de fumaça elevou-se, avultando para o céu noturno, até que seu topo não era mais visível e parecia chegar aos céus. O estouro varreu a frota, abatendo-se sobre as embarcações mais próximas e arrebatando suas pranchas ou fazendo-as emborcar.

O vento da explosão rugiu sobre a fragata, e, por um momento, as velas foram abafadas e a nau começou a perder o rumo. Então a brisa da noite que soprava de terra assumiu o controle e enfunou-as mais uma vez. A nau avançou, para o fundo da baía e para dentro do coração da frota inimiga.

Hal fazia um gesto de satisfação implacável a cada vez que uma das salvas do Golden Bough explodia. Viam-se envoltos numa súbita onda de choque e numa única erupção de chamas vermelhas conforme cada canhão disparava no mesmo instante. Mesmo os amadodas de Aboli lançavam suas chuvas de flechas numa única nuvem flamejante. Em contraste, nunca se vira um tal espocar selvagem e discordante de tiros descontrolados como os disparados dos navios inimigos.

As baterias de terra de El Grang começaram a abrir fogo enquanto seus artilheiros aturdidos de sono cambaleavam para as colossais armas de defesa. Cada descarga era como um estampido separado de trovão, depreciando mesmo o rugido das maciças surriadas da fragata. Hal sorriu a cada vez que um daqueles poderosos canos flamejava dos redutos murados de rocha pela baía. Os artilheiros de terra não poderiam divisar as velas negras do Golden Bough na confusão e na fumaça. Disparavam contra sua própria frota, e Hal viu pelo menos um navio inimigo arrebatado até as pranchas por uma única bala vinda de terra.

— De prontidão para bordejar! — Hal deu a ordem em um dos momentos fugidios de quietude. A praia se aproximava depressa e logo se veriam cercados de terra nas profundezas da baía. Os homens do topo do mastro manejaram as velas com sincronização perfeita, e a proa girou num largo arco e depois se endireitou quando apontou de novo para o mar aberto.

Hal avançou pela luz brilhante dos navios incendiados e ergueu a voz para que os homens pudessem ouvi-lo.

— Não duvido que El Grang vá se lembrar por muito tempo desta noite.

Deram vivas a ele mesmo enquanto puxavam as talhas das armas e punham as flechas nos arcos.

— O Bough e Sir Hal! Então uma única voz ecoou:

— El Tazar!

E todos eles adotaram o grito com tamanho entusiasmo, que El Grang e o príncipe deviam tê-los escutado de onde se postavam, diante da tenda de seda no outeiro acima da baía, e olhavam para a frota destruída.

— El Tazar! El Tazar!

Hal fez um gesto para o leme.

— Leve-nos para fora daqui, por favor, Sr. Tyler.

Ao abrir caminho por entre os cascos em chamas e os destroços flutuantes, e avançar lentamente rumo à entrada, um único tiro disparado de um dos caíques à deriva passou pela apostura e avançou pelo convés aberto. Miraculosamente, passou entre um dos artilheiros e um grupo de arqueiros meio nus sem tocá-los. Stan Andorinha, contudo, estava de pé na amurada oposta, comandando uma bateria de fogo, e a quente bala de ferro arrancou-lhe as pernas logo acima dos joelhos.

Instintivamente, Hal correu para socorrê-lo, porém então se controlou. Como capitão, os mortos e feridos não eram de sua conta, mas ele sentiu a agonia da perda. Stan Andorinha estivera com ele desde o princípio. Era um bom homem e um companheiro.

Quando carregaram Stan para longe, passaram perto de onde Hal estava. Ele viu que a face de Stan era de uma palidez de marfim e que a hemorragia lhe drenava a vida. Stan afundava para a morte depressa, porém viu Hal e, com grande esforço, ergueu a mão para tocar a testa.

— Foram bons tempos, capitão — disse, e sua mão caiu.

— Boa viagem, mestre Stan — disse Hal e, enquanto o carregavam para baixo, voltou-se para olhar de novo para a baía, para que, sob a luz dos navios em chama, nenhum homem pudesse ver sua aflição.

Bem depois que tinham deixado a baía e virado para rumo norte, em direção a Mitsiwa, os céus da noite atrás deles reluziam com o inferno que tinham criado. Os capitães de divisão aproximaram-se, um de cada vez, para fazer o relato da batalha. Embora Stan Andorinha fosse o único homem morto, três outros haviam sido feridos pelo fogo de mosquete dos caíques pelos quais tinham passado, e a perna de outro fora esmagada pelo coice de uma colubrina carregada em excesso. Era um pequeno preço a pagar, considerou Hal; contudo, mesmo que soubesse ser fraqueza, sentia pesar pela perda de Stan Andorinha.

Embora estivesse exausto e sua cabeça doesse com o tumulto da batalha e a fumaça de pólvora, Hal estava perturbado demais para dormir, e

sua mente era num turbilhão de emoções e pensamentos acelerados. Deixou o leme para Ned Tyler e foi se postar sozinho na proa, para deixar que o ar frio da noite o acalmasse.

Ainda estava sozinho ali quando a aurora começou a irromper e o Golden Bough rumou na direção das rotas de Mitsiwa, e foi o primeiro a ver os três rojões chineses vermelhos que voaram para o céu das alturas dos penhascos, acima da baía.

Era um sinal de Judith Nazet, um chamado urgente. Ele sentiu o pulso se acelerar de pavor ao se voltar e berrar para Aboli, que estava de vigia:

— Ice três lanternas vermelhas do topo do mastro! Três luzes vermelhas eram uma confirmação do sinal.

Ela ouvira os canhões e vira as chamas, pensou Hal. Quer ter meu relatório da batalha. De alguma forma, ele sabia que não era assim, porém tentou com isso acalmar a súbita sensação de pavor que o assaltava.

Já era dia claro quando apontaram para terra. Hal ainda estava na proa e foi o primeiro a avistar o bote que partiu da praia para encontrá-los. A duas amarras de distância, ele reconheceu a esguia figura de



pé ao lado do único mastro. Sentiu o coração saltar no peito, e sua tristeza feneceu, substituída por uma sensação de ansiosa antecipação.

A cabeça de Judith Nazet estava descoberta, e o halo negro de seus cabelos emoldurava-lhe a face. Usava armadura, e uma espada estava presa a seu lado, um elmo de aço sob seu braço.

Hal voltou para o tombadilho superior e deu suas ordens ao leme:

— Faça a volta e pare! Deixe o bote chegar de lado.

Judith Nazet passou pela porta de embarque com pressa, e Hal viu que suas feições maravilhosas estavam tensas.

— Dou graças a Deus por trazê-lo de volta tão depressa — disse ela, numa voz que tremia com alguma forte emoção. — Uma terrível catástrofe se abateu sobre nós. Mal posso encontrar palavras para descrevê-la a você.

Tinham amortecido as patas dos cavalos com botas de couro para que fizessem pouco ruído na terra rochosa. O padre cavalgava perto, ao lado de Cornélius Schreuder, mas este tomara a precaução de prender uma leve corrente de aço em torno da cintura do homem e a outra ponta em torno de seu próprio pulso. O padre tinha o olhar evasivo e feições de fuinha em que Schreuder não confiava nem um pouco.

Cavalgavam em fila dupla pelo vale estreito, e, embora a lua tivesse nascido uma hora antes, as paredes rochosas ainda lançavam o calor do sol em suas faces. Schreuder selecionara os quinze homens mais confiáveis de seu regimento, e todos estavam montados em cavalos ligeiros. Os arreios haviam sido cuidadosamente amortecidos e as armas envoltas em pano para que não tilintassem na noite.

O padre ergueu a mão de repente.

— Pare aqui!

Schreuder repetiu a ordem num murmúrio.

— Preciso ir em frente para ver se o caminho está limpo — disse o padre.

— Irei com você.

Schreuder desmontou e diminuiu seu aperto na corrente. Deixaram o resto do bando no fundo do leito seco do rio e escalaram a encosta íngreme.

— Lá está o mosteiro. — O padre apontou para o vulto maciço e quadrado que se assentava sobre as colinas acima deles, bloqueando metade das estrelas do céu noturno. — Faça um sinal luminoso por duas vezes e depois duas vezes de novo — disse.

Schreuder mirou a pequena lanterna em direção às muralhas do mosteiro e abriu o postigo que fechava a chama. Por duas vezes e depois mais duas de novo, fez o sinal cintilar. Esperaram. Nada aconteceu.

— Se está brincando comigo, arrancarei sua cabeça com as costas de minha espada — rosou Schreuder, e sentiu o pequeno padre estremecer a seu lado.

— Ilumine de novo! — pediu ele, e Schreuder repetiu o sinal. De repente, um débil fecho de luz luziu brevemente no topo da muralha.

Por duas vezes se mostrou e depois se extinguiu.

— Podemos continuar — murmurou o padre, excitado, porém Schreuder o impediu.

— O que disse àqueles dentro do mosteiro que nos ajudarão a entrar?

— Que estamos levando o imperador e o tabernáculo para um lugar seguro, para salvá-lo de um complô de assassinato engendrado por um grande nobre da facção dos galas, que quer tomar a coroa do padre João.

— Um bom plano — murmurou Schreuder, e instou o padre para que descesse a ladeira até onde os cavalos esperavam.

O guia conduziu-os para a frente, e subiram outra profunda ravina até se encontrarem sob as maciças e

gigantescas muralhas.

— Deixe os cavalos aqui — murmurou o padre. Sua voz era trémula. Os homens de Schreuder desmontaram e entregaram as rédeas para

dois companheiros, a quem fora delegado o cuidado com os cavalos. Schreuder reuniu o grupo de invasão e conduziu-os, atrás do padre, para a muralha. Uma escada de corda pendia das alturas, e, na escuridão, Schreuder não conseguia ver o topo de onde vinha.

— Mantive minha parte da barganha — resmungou o padre. — Outro irá encontrá-los no topo. Tem a recompensa que me foi prometida?

— Saiu-se bem — concordou Schreuder prontamente. — Está em meu alforje de sela. Um de meus homens voltará até os cavalos e a entregará a você. — Passou a ponta da corrente para seu tenente. — Cuide bem dele, Ezekiel — disse, em árabe, para que o padre pudesse entender. — Dê a ele a recompensa pela qual anseia tanto.

Ezekiel conduziu o homem para longe, e Schreuder esperou uns poucos minutos até que houve um resmungo de choque e surpresa vindo da escuridão e a suave lufada de ar escapando de uma traqueia seccionada. Ezekiel voltou em silêncio, enxugando a adaga numa dobra do turbante.

— Serviço limpo — comentou Schreuder.

— Minha faca é afiada — disse Ezekiel, e enfiou a lâmina de volta na bainha.

Schreuder pisou no degrau de corda e começou a subir. Quinze metros ao alto, chegou a uma estreita fenda cortada na muralha. Era larga o suficiente para espremer seus ombros por ela. Outro padre o esperava na pequena cela de pedras, adiante.

Um após o outro, os homens de Schreuder o seguiram para cima e se esgueiraram pelo dintel, até que todos estavam amontoados no quarto.

— Leve-nos ao infante primeiro! — ordenou Schreuder ao padre, e colocou a mão em seu ombro ossudo.

Os homens o seguiram ao longo de passagens sombrias e sinuosas, cada um agarrando o ombro do companheiro à frente.

Viraram e voltaram pelo escuro labirinto, até que, por fim, desceram uma escada em espiral e viram um tremeluzir de luz à frente. Tornou-se mais forte conforme avançavam em direção a ela, até que chegaram a uma soleira de porta, em cujos lados tochas queimavam nos suportes. Dois guardas estavam amontoados no limiar, com as armas caídas ao lado.

— Mate-os! — murmurou Schreuder para Ezekiel.

— Já estão mortos — disse o padre.

Schreuder tocou um deles com o pé: o braço do guarda escorregou, sem vida, e a tigela vazia que continha a comida envenenada rolou de sua mão.

O padre bateu em toques convencionados na porta, e a barra de trava foi erguida do lado oposto. A porta se abriu e uma babá postou-se do outro lado com uma criança nos braços, os olhos cheios de terror à luz das tochas.

— É este?

Schreuder ergueu a dobra do manto e espiou a doce face morena da criança. Seus olhos estavam fechados no sono, e os cachos negros molhados de perspiração.

— Sim — confirmou o padre.

Schreuder segurou o braço da babá com um aperto firme e puxou-a para fora, para seu lado.

— Agora, leve-me para a outra coisa — disse, baixinho.

Seguiram em frente, mais fundo dentro da confusão de paredes escuras e de estreitos corredores, até que chegaram a outra porta pesadamente reforçada diante da qual jaziam os corpos de quatro padres,

contorcidos na agonia de sua morte por veneno. O guia ajoelhou-se ao lado de um deles e rebuscou em seus mantos. Quando se levantou de novo, tinha em suas mãos uma grande chave de ferro. Girou-a na fechadura e deu um passo atrás.

Schreuder chamou Ezekiel com um murmúrio e colocou a babá a seus cuidados.

— Guarde-a bem!

Em seguida, deu um passo para a porta e segurou a maçaneta de bronze. Quando a abriu, o padre traidor e mesmo o bando de invasores recuaram com o brilho da luz que fluía da cripta de pedra. Depois da escuridão, o fulgor de centenas de velas era ofuscante.

Schreuder passou pelo limiar e então fraquejou e deu um passo em falso. Olhou para o tabernáculo em sua veste de radiante tapeçaria. Os anjos sobre a tampa pareciam dançar na luz bruxuleante, e ele foi tomado por uma sensação de respeito religioso. Instintivamente, fez o sinal-da-cruz. Tentou avançar para segurar uma das alças do baú, porém era como se tivesse encontrado uma barreira invisível que o empurrava para trás. Sua respiração roufenhava, e seu peito parecia constricto.

Ele foi invadido por um impulso irracional de se voltar e correr, e recuou um passo antes que pudesse se controlar. Lentamente, saiu da cripta.

— Ezekiel! — disse, com voz rouca. — Tomarei conta da mulher e da criança. Com Mustapha para ajudá-lo, pegue o baú.

Os dois muçulmanos não foram assaltados por nenhum zelo religioso; avançaram depressa e pegaram as alças. O tabernáculo era surpreendentemente leve, quase sem peso. Carregaram-no sem esforço.

— Nossos cavalos estarão esperando no portão principal — disse Schreuder a seu guia, em árabe. — Leve-nos para lá!

Seguiram rapidamente pelas passagens escuras. Uma vez, depararam-se inesperadamente com outro padre de mantos brancos que dobrava uma curva do corredor em direção a eles. Na luz incerta das tochas, ele viu o tabernáculo nas mãos dos dois soldados armados, gritou de horror diante do sacrilégio e caiu de joelhos. Schreuder tinha o braço da mulher na mão esquerda e a espada nua de Netuno na direita. Matou o padre ajoelhado com uma única estocada pelas costelas.

Todos apuraram os ouvidos por alguns instantes, porém não houve nenhum grito de alarme.

— Vamos! — ordenou Schreuder. O guia parou de novo, de repente.

— O portão fica apenas a uma curta distância à frente. Há três homens na sala de guarda ao lado dele. — Schreuder podia divisar o brilho de sua lamparina passando pela porta aberta. — Devo deixá-lo aqui.

— Vá com Deus! — disse Schreuder, com ironia, e o homem se afastou.

— Ezekiel, ponha o baú no chão. Vá em frente e cuide dos guardas. Três deles desceram a passagem enquanto Schreuder mantinha a babá

presa pelo braço. Ezekiel esgueirou-se para dentro da sala de guarda. Por um momento, nada se ouviu. Então, soou o baque de algo que caía no chão de pedra.

Schreuder vacilou, porém tudo ficou silencioso novamente, e Ezekiel voltou.

— Está feito!

— Você está velho e desajeitado — censurou-o Schreuder, e conduziu-os para a porta maciça.

Só com o concurso de três deles foi possível erguer as enormes vigas de madeira que a trancavam, e depois Ezekiel girou a manivela da primitiva roda de guincho e a porta rolou nos rodízios e se abriu.

— Mantenham-se juntos agora! — avisou Schreuder, e levou-os em grupo a correr pela ponte e para a trilha rochosa. Parou sob o luar e assobiou uma vez, baixinho.

Ouviu-se um suave baque de cascos amortecidos assim que os guardadores dos cavalos saíram de trás das pedras onde estavam escondidos. Ezekiel ergueu o tabernáculo para a sela do cavalo de reserva, e prendeu-o ali firmemente. Então, cada homem pegou as rédeas de sua própria montaria e saltou para a

sela. Schreuder abaixou-a e ergueu a criança adormecida dos braços da babá. O menino se debateu, sonolento, mas Schreuder acalentou-o e acomodou-o em segurança no ressalto da sela.

— Vá! — ordenou à babá. — Não é mais necessária.

— Não posso deixar meu bebê. - A voz da mulher era alta e agitada. Schreuder inclinou-se outra vez e, com uma estocada da espada de Netuno, matou a babá de um só golpe. Deixou-a caída ao lado da trilha e conduziu o grupo invasor para baixo, pela montanha.

Dois dos padres do mosteiro conseguiram seguir os blasfemos quando eles fugiram — explicou Judith Nazet a Hal. Mesmo em face do desastre, seus lábios eram firmes, e seus olhos, calmos e inabalados.

Ele admirou-lhe a fortaleza moral, descobrindo então por que ela fora capaz de assumir o comando de um exército desbaratado e torná-lo vitorioso.

— Onde estão agora? — indagou Hal. Estava tão abalado pelas pavorosas notícias, que lhe era difícil pensar com clareza e lógica.

— Seguiram diretamente do mosteiro para Tenwera. Chegaram lá antes do alvorecer, três horas atrás, e havia um grande navio esperando por eles, ancorado na baía.

— Descreveram-lhe essa nau? — perguntou Hal.

— Sim, era do corsário que tem a comissão do grão-mogol. Aquele de quem falamos antes, em nosso último encontro. O mesmo que causou tanto caos entre nossa frota de transportes.

— O Gavião! — exclamou Hal.

— Sim, é como é chamado mesmo por seus aliados — concordou Judith. — Enquanto meu povo observava dos penhascos, um pequeno bote levou tanto o imperador quando o tabernáculo até onde esse navio estava ancorado. Assim que estavam a bordo, o Gavião içou âncora e se fez ao mar.

— Em que direção?

— Quando estava fora da baía, rumou para o sul.

— Sim, claro — concordou Hal. — Deve ter recebido ordens para levar Iyasu e o tabernáculo para Mascate, ou mesmo para a Índia, para o reino do grão-mogol.

— Já mandei um de nossos navios mais rápidos segui-lo. Estava apenas uma hora ou pouco mais atrás dele, e o vento está leve. É um pequeno caíque e não poderia jamais atacar um navio tão poderoso como aquele. Porém, se Deus é misericordioso, ainda deve estar em seu rastro.

— Precisamos seguir de imediato. — Hal afastou-se e chamou Ned Tyler com urgência. — Faça a volta e coloque a nau no rumo oposto. Assente todas as velas, cada verga de lona que possa enfunar. O curso é sul-sul-leste, para o Bab ei Mandeb.

Pegou o braço de Judith, a primeira vez que a tocava, e conduzia até sua cabine.

— Você está cansada — disse. — Posso ver em seus olhos.

— Não, capitão — retrucou ela. — Não é cansaço o que vê, mas tristeza. Se não puder nos salvar, então tudo estará perdido. Um rei, um país, uma fé.

— Por favor, sente-se — insistiu ele. — Eu lhe mostrarei o que devemos fazer. — Abriu a carta náutica diante dela. — O Gavião pode seguir direto para a costa ocidental da Arábia. Se o fizer, então estaremos perdidos. Mesmo neste navio, não tenho esperanças de capturá-lo antes que alcance o outro litoral.

O sol matutino infiltrou-se pelas janelas de popa e mostrou cruelmente as marcas de angústia cinzeladas na face adorável de Judith. Foi uma coisa terrível para Hal ver a dor que suas palavras tinham causado, e ele baixou os olhos para a carta, tentando poupá-la.

— Contudo, não creio que seja isso o que ele fará. Se velejar diretamente para a Arábia, o imperador e o tabernáculo enfrentarão uma perigosa e difícil jornada por terra para chegar ou a Mascate ou à Índia.

— Meneou a cabeça. — Não. Ele seguirá para o sul, através de Bab El Mandeb.

Hal apontou o dedo para a entrada estreita do mar Vermelho.

— Se pudermos alcançá-lo antes, então ele não poderá nos evitar. O Bab é muito estreito. Poderemos capturá-lo lá.

— Deus permita que sim! — rezou Judith.

— Tenho uma longa conta a acertar com o Gavião — disse Hal, muito sério. — Anseio em cada parte de meu corpo e alma em tê-lo sob meus canhões.

Judith encarou, consternada.

— Não pode disparar contra aquele navio.

— O que quer dizer com isso? — Ele a encarou de volta.

— O imperador e o tabernáculo estão a bordo. Você não pode se arriscar a destruir um deles.

Ao se dar conta da verdade do que ela dissera, Hal sentiu o espírito fraquejar. Teria de correr atrás do Gull of Moray e aproximar-se perigosamente enquanto o Gavião disparasse suas surriadas contra o Golden Bough, e não poderia responder. Podia imaginar a terrível situação que teriam de enfrentar, as balas de canhão rasgando o casco de seu navio e a chacina nos tombadilhos, antes que pudessem abordar o Gull.

O Golden Bough rumou para o sul. Ao fim do turno de antes do meio-dia, Hal reuniu todos os homens entre os castelos do navio e relatou-lhes a tarefa que exigia deles.

— Não esconderei isso de vocês, rapazes. O Gavião poderá atacar-nos, e não teremos condições de disparar de volta. — Todos ficaram silenciosos e de feições sombrias. — Porém, imaginou o quanto será doce quando abordarmos o Gull e metermos o aço neles.

Então os vivos se ergueram, porém havia medo nos olhos de todos quando ele os mandou de volta para marear as velas e extrair cada centímetro de velocidade do navio em seu vôo rumo a Bab El Mandeb.

— Você lhes prometeu a morte, e eles o vivaram — disse Judith Nazet, suavemente, quando ficaram a sós. — No entanto, você me chama de líder de homens.

Hal julgou ter ouvido mais do que respeito naquele tom de voz. A meio caminho do primeiro turno de vigia, veio um berro do cesto de gávea.

— Vela à vista! Em cheio à proa!

O pulso de Hal disparou. Poderia ter alcançado o Gavião tão cedo? Pegou a corneta de comunicação de seu gancho.

— Topo do mastro! Como a divisa?

— Verga latina!

Seu coração se afundou.

— Um pequeno navio. No mesmo curso em que estamos. Judith exclamou, baixinho.

— Poderia ser aquele que mandei para seguir o Gull.

Gradualmente, ganharam distância até a outra nau, e, em questão de meia hora, ela estava à vista do tombadilho. Hal entregou a luneta a Judith e ela estudou a nau com cuidado.

— Sim. É minha nau de reconhecimento. — Baixou o instrumento.

— Pode desfraldar a cruz branca para apaziguar seus temores e depois me levar para perto o bastante para que eu possa falar com eles?

Passaram tão perto da outra embarcação que podiam olhar para seu único tombadilho. Judith gritou, fazendo uma pergunta em gueês, e depois ouviu a débil resposta.

Voltou-se de novo para Hal, os olhos brilhantes de emoção.

— Você tinha razão. Eles seguiram o Gull desde a alvorada. Até poucas horas atrás, tinha suas velas

de joanete à vista, mas então o vento aumentou e ele se afastou deles.

— Que curso fazia da última vez que o viram?

— O mesmo que manteve durante todo esse dia — disselhe Judith.

— Rumo sul, direto para os estreitos de Bab.

Embora ele tentasse convencê-la a descer para a cabine e descansar, Judith insistiu em ficar ao seu lado, no tombadilho superior. Conversaram pouco, pois ambos estavam muito tensos e receosos, porém, aos poucos, sobreveio-lhes uma sensação de companheirismo. Extraíam conforto um do outro, e recorreram a uma mútua reserva de força e determinação.

A cada poucos minutos, Hal olhava para cima, para suas funéreas velas negras, e depois seguia até a bitácula. Não havia nenhuma ordem que pudesse dar ao leme, pois Ned Tyler mantinha a nau em rumo firme conforme podia velejar.

Um silêncio carregado e pungente caíra pesadamente sobre o navio. Nenhum homem gritava ou ria. Aqueles fora de turno não cochilavam à sombra da vela mestra como era sua prática usual, mas se amontoavam em pequenos grupos silenciosos, alertas a cada movimento que Hal fazia ou a cada palavra que ele proferia.

O sol fez seu majestoso círculo no céu e caiu para tocar as colinas ocidentais distantes. A noite desabou sobre eles tão furtivamente como um assassino, e o horizonte tornou-se indistinto e mesclou-se com o céu que escurecia para depois desaparecer.

Na escuridão, Hal sentiu a mão de Judith pousar em seu braço. Era macia e quente, e contudo forte.

— Nós os perdemos, porém não é por sua culpa — disse, suavemente. — Ninguém poderia ter feito mais.

— Não fracassei ainda — disse ele. — Tenha fé em Deus e confie em mim.

— Mas... na escuridão? Certamente o Gavião não irá mostrar uma luz, e, pela alvorada de amanhã, já terá passado pelo Bab e para dentro do mar aberto.

Hal gostaria de dizer a Judith que tudo aquilo fora ordenado longo tempo atrás, que ele estava rumando para sul para se defrontar com um destino especial. Mesmo que aquilo pudesse ser fantasioso para ela, precisava lhe contar.

— Judith — disse, e então parou, como se procurasse as palavras certas.

— Tombadilho!

A voz de Aboli estrondeou na escuridão lá em cima. Tinha um timbre e uma ressonância que fizeram a pele de Hal formigar e os pêlos de sua nuca se eriçarem.

— Gávea! — berrou ele de volta.

— Uma luz logo adiante!

Hal pousou um braço em torno dos ombros de Judith e ela não fez nenhum gesto para se afastar dele. Em vez disso, aconchegou-se.

— Eis a resposta à sua pergunta — murmurou ele.

— Deus a providenciou para nós — retrucou ela.

— Preciso ir lá em cima. — Hal deixou o braço cair dos ombros dela. — Talvez estejamos muito apressados, e o demônio a nos pregar uma peça. — Caminhou até Ned. — Navio escuro, Sr. Tyler. Passarei pela quilha o homem que acender uma luz. Navio em silêncio, sem som ou voz. — Foi para as enxárcias do mastro principal.

Subiu rapidamente, até que se juntou a Aboli.

— Onde está essa luz? — Esquadrinhou a escuridão adiante. — Não vejo nada.

— Sumiu, mas estava quase bem à frente.

— Não era uma estrela, Aboli?

— Espere, Gundwane. Era uma luz pequena e distante.

Os minutos se escoaram lentamente, e então, de repente, Hal a viu. Nem mesmo era um lampejo, mas uma suave luminescência, tão nebulosa que ele duvidou dos próprios olhos, especialmente quando Aboli, a seu lado, não mostrou nenhum sinal de vê-la. Hal desviou o olhar para descansar os olhos e depois voltou e viu na escuridão que ainda estava lá, baixa demais para ser uma estrela, um brilho estranho e sobrenatural.

— Sim, Aboli, vejo agora. — Enquanto ele falava, a luz se tornou mais brilhante, e Aboli soltou uma exclamação de prazer. Então o brilho morreu de novo.

— Pode ser uma nau estranha, não o Gull.

— Certamente o Gavião não seria tão descuidado de mostrar uma lanterna em movimento.

— Uma lanterna na cabine de popa? O reflexo de sua bitácula?

— Ou um de seus marujos desfrutando de uma cachimbada tranquila?

— Vamos rezar para que seja algo assim. E onde poderíamos esperar que o Gavião estivesse — disse Hal. — Vamos nos manter atrás da luz até o nascer da lua.

Ficaram juntos, espiando adiante, para dentro da noite. Algumas vezes, a luminosidade estranha mostrava-se como um ponto distinto, em outras era um débil brilho amorfo, e muitas vezes desaparecia. Uma vez sumiu completamente por terrificante meia hora antes que luzisse de novo, perceptivelmente mais forte.

— Estamos ganhando terreno — atreveu-se Hal a murmurar. — A que distância calcula que estejamos ao largo?

— Uma légua — disse Aboli —, talvez menos.

— Onde está a lua? — Hal olhou para leste. — Será que nunca vai nascer?

Viu a primeira iridescência além das montanhas escuras da Arábia, e, tímida como uma noiva, a lua desvelou sua face. Deixou uma trilha de prata sobre as águas, e Hal sentiu a respiração se travar em seu peito e cada nervo de seu corpo ficar tenso como uma corda de arco.

Adiante, na escuridão, surgia uma adorável aparição, suave como uma nuvem de névoa opalina.

— Lá está ele! — murmurou Hal. Teve de inalar fundo para firmar a voz. — O Gull of Moray logo adiante.

Agarrou o braço de Aboli.

— Desça e avise Ned Tyler e Daniel Grande. Fique lá até que possa ver o Gull do convés, então volte.

Quando Aboli se afastou, Hal ficou a observar a forma das velas do Gull, firmes e robustas ao luar, e sentiu medo, medo como raramente sentira na vida, medo não apenas por si mesmo, mas pelos homens que confiavam nele e pela mulher no convés lá embaixo e pela criança a bordo do outro navio. Como poderia esperar colocar o Golden Bough ao lado do Gull enquanto a nau corsária disparasse suas surriadas contra eles, e não pudessem replicar? Quantos deveriam morrer na próxima hora e quem estaria entre eles? Pensou no orgulhoso corpo esguio de Judith Nazet destruído pela metralha voadora.

— Não permitais que isso aconteça, Senhor Deus. Já tomastes mais de mim do que eu posso suportar. Quanto mais? Quanto mais pedireis de mim?

Viu a luz novamente a bordo do outro navio. Luzia das altas janelas na popa. Haveria velas queimando lá? Firmou a vista até que seus olhos ardiam, mas não havia nenhuma fonte para a emanção de luz.

Sentiu um ligeiro toque no braço. Não ouvira Aboli subir de volta.

— O Gull está à vista do convés — disse a Hal, baixinho.

Hal não podia deixar o topo do mastro ainda, pois tivera uma sensação de temor religioso ao fitar a

estranha luz na popa do Gull.

— Não é nem lâmpada nem lanterna nem vela, Aboli — disse. — É o Tabernáculo de Maria que reluz na escuridão. Um farol para me guiar a meu destino.

Aboli estremeceu ao lado dele.

— É verdade que não é uma luz deste mundo, é um brilho sobrenatural, como nunca vi antes. — Sua voz se alquebrou. — Mas, como sabe, Gundwane? Como pode estar tão certo de que é o talismã que arde assim?

— Porque sei — disse Hal, simplesmente, e enquanto falava, a luz morreu diante de seus olhos, e o Gull ficou às escuras. Apenas suas velas banhadas pelo luar assomavam diante deles.

— Era um sinal — murmurou Aboli.

— Sim, era um sinal — disse Hal, e sua voz soou forte e serena outra vez. — Deus me deu um sinal.

Desceram para o convés, e Hal seguiu direto para o leme.

— Lá está ele, Sr. Tyler — Ambos olharam para a frente, para onde os panos do Gull luziam ao luar.

— Sim, lá está ele, capitão.

— Apague a luz da bitácula. Leve-me para o lado do Gull, por favor. Tenha quatro timoneiros de reserva de prontidão para assumir a cana de leme quando os outros forem mortos.

— Sim, Sir Hal.

Hal seguiu em frente. A figura de Daniel Grande emergiu da escuridão.

— Arpéus, Sr. Daniel?

— Tudo pronto, capitão. Eu e dez de meus homens mais fortes iremos lançá-los.

— Não, Daniel, deixe isso com John Lovell. Tenho serviço melhor para você e Aboli. Venha comigo.

Conduziu Daniel e Aboli de volta até onde Judith Nazet estava, ao pé do mastro principal.

— Vocês dois irão com o general Nazet. Levem dez de seus melhores marujos. Não se prendam a uma luta no convés. Tão depressa quanto possam, desçam até a cabine de popa do Gull. Lá encontrarão o tabernáculo e a criança. Tragam-nos. Nada deve desviá-los desse propósito. Compreendem?

— Como sabe onde estão mantendo o imperador e o tabernáculo? — perguntou Judith, baixinho.

— Eu sei — disse Hal, com tanta convicção que ela ficou em silêncio. Hal gostaria de ordenar-lhe que ficasse num lugar seguro até que a

luta acabasse, porém sabia que Judith se recusaria — e, além disso, não havia nenhum lugar seguro quando dois navios de tanta força estivessem travando um combate mortal.

— Onde estará você, Gundwane? — indagou Aboli, suavemente.

— Estarei com o Gavião — retrucou Hal, e deixou-os sem outra palavra.

Rumou para a proa, parando ao chegar a cada uma das divisões que se acocoravam sob a amurada, a falar baixinho a seus contramestres:

— Deus o ama, Samuel Moone. Poderemos ter de levar um tiro ou dois antes de abordá-lo, mas pense no prazer que o espera no tombadilho do Gull.

Para Jiri, disse:

— Será uma luta da qual se vangloriar para seus netos.

Teve uma palavra para cada um e depois se postou mais uma vez na proa, a olhar para o Gull. Estava a uma amarra de distância agora, a velejar serenamente sob os panos radiantes de luar.

— Senhor, mantende-nos ocultos deles — murmurou, e ergueu os olhos para as próprias velas negras, uma alta e sombria pirâmide contra as estrelas.

Lentamente, num vagar doloroso, fecharam o vão que os separava. Ele não pode fugir de nós agora, Hal pensou, com uma satisfação implacável. Estamos muito próximos.

De repente, ouviu-se um grito selvagem de terror vindo da gávea do Gull.



— Vela à vista! Logo à popa! O Golden Bough!

Depois, tudo era grito e confusão no tombadilho do outro navio. A batida selvagem de um tambor se elevou, chamando a tripulação do Gavião para os postos de batalha e, com isso, o arrastar de muitos pés sobre as pranchas. Ouviu-se uma série de baques altos à medida que os postigos de artilharia eram abertos, e depois o rangido e o roncar dos canhões sendo corridos. De vinte pontos ao longo da amurada escura vieram o luzir das mechas queimando e o faiscar de seu reflexo no aço.

— Acenda as lanternas de batalha! — Hal escutou os berros de raiva do Gavião, que empurrava sua tripulação em pânico para suas posições e, depois, claramente, suas ordens para o leme: — Com força para bombordo! Deixe os bastardos sob nossa surriada! Daremos a eles uma boa pitada de fumaça, que os fará peidar na cara do diabo quando os mandarmos para o inferno!

As lanternas de batalha do Gull luziram conforme se acendiam para dar aos artilheiros luz para operar. Em seu brilho amarelado, Hal avistou de relance a moita de cabelos ruivos do Gavião.

Então, a silhueta do Gull se alterou rapidamente conforme a nau fazia a volta. Hal meneou a cabeça; o Gavião agira instintivamente, porém de forma imprudente. Em sua posição, Hal teria ficado ao largo e disparado sobre o Golden Bough, reduzindo-o a destroços enquanto estivesse incapaz de responder. Agora, ele teria de ter sorte e ser rápido para livrar um costado estável antes que o Golden Bough estivesse sobre ele.

Hal sorriu. O Gavião era vítima de sua própria perversidade. Era provável que nem mesmo tivesse entrado em seus cálculos que Hal iria segurar o fogo em prol de uma criança e de uma antiga relíquia. Se estivesse na mesma posição que Hal, o Gavião teria começado a atirar com todos os seus canhões.

Conforme o Gull fazia lentamente a volta, o Golden Bough voou sobre ele e, por um momento, Hal julgou que iriam ficar costado contra costado antes que os canhões pudessem disparar.

Fechavam a última centena de metros, e Ned já tinha dado a ordem para encurtar para velas de batalha, quando o Gull virou pelos últimos graus do arco e todos os seus canhões miraram direto para onde Hal se postava.

Frente a frente com a bateria do Gull, os olhos de Hal ficaram ressequidos com o brilhante fulgor escarlate quando os artilheiros dispararam à queima-roupa sua surriada para dentro do Golden Bough.

Uma tempestade de ar deslocado atingiu-os tão violentamente que Hal foi empurrado para trás como se acertado por uma bala. O convés em torno dele dissolveu-se numa chuva sibilante de lascas, e o grupo de amadas perto dele foi atingido em cheio, não sobrando nenhum deles. O Golden Bough adernou agudamente ao peso dos tiros que estouravam, e a névoa sufocante de fumaça amontoou-se sobre seu casco esfacelado.

O terrível silêncio que se seguiu ao estrondo da descarga de artilharia foi quebrado apenas pelos gritos e gemidos dos feridos e dos agonizantes. Então, a parede de fumaça dissipou-se para o lado e, pelo estreito vão de água vieram os vivas da outra tripulação:

— O Gull e Cumbrae!

Hall ouviu o ranger dos trilhos dos canhões enquanto eles eram corridos para serem recarregados.

Quantos de meus rapazes estão mortos? Indagou-se ele. Um quarto? Metade? Olhou para trás, para seus próprios tombadilhos, porém a escuridão escondeu de seus olhos as tábuas destruídas e os montes de mortos e agonizantes.

Do outro lado da água, ouviu o baque de soquetes forçando a pólvora e as balas para dentro dos canos dos canhões.

— Mais depressa! — murmurou ele. — Mais depressa, minha querida. Feche o vão e não nos faça enfrentar outra carga dessas.

Ouviu o guincho da talha e o ronco quando um dos mais rápidos artilheiros completou a carga antes

dos outros e correu sua colubrina para fora. Os dois navios estavam agora tão próximos que Hal viu o monstruoso cano escancarado sair pelo postigo. Com a boca quase tocando o costado do Golden Bough, ele rugiu novamente, e tábuas se esfacelaram e homens gritaram quando a pesada bala avançou sobre eles.

Então, antes que outro dos canhões do Gull pudesse correr para fora, os dois navios se juntaram num baque dilacerante e triturador. A luz das lanternas de batalha do Gull, Hal viu os arpéus serem arremessados e ouviu-os se fincarem ao convés oposto. Não hesitou; pulou pela amurada e saltou pela estreita faixa de água enquanto os dois cascos se travavam um no outro. Aterrissou leve como um gato entre os mais próximos artilheiros do Gavião e matou dois homens antes que estes pudessem sacar seus alfanjes.

Então uma onda de seus abordadores seguiu-o, liderados pelos amadodas, armados com lanças e machados. Em questão de segundos, o tombadilho

superior do Gull estava transformado num campo de batalha. Homens lutavam peito a peito e mão a mão, gritando e uivando de raiva e terror.

— El Tazar! — rugiam os homens do Golden Bough, ouvindo em resposta:

— O Gull e Cumbrae!

Hal viu-se confrontado por quatro homens simultaneamente e foi empurrado para trás, para a amurada, antes que John Lovell investisse sobre eles por detrás e matasse um deles com um golpe entre as espáduas. Hal matou outro que hesitou, e os outros dois recuaram e correram. Hal teve um momento para olhar ao redor. Viu o Gavião no lado oposto do tombadilho, a rugir de ódio, a enorme espada escocesa a girar numa curva descendente sobre sua cabeça para abrir ao meio o opositor à sua frente.

Então, pelo canto dos olhos, Hal viu de relance o brilho do elmo de aço de Judith Nazet e, portentosas de cada lado dela, as formas de Aboli e Daniel Grande. Cruzaram o convés e desapareceram pela escada, para a cabine de popa. Aquele momento de distração poderia ter custado a Hal sua vida, pois um homem investiu sobre ele com uma lança, e ele voltou-se apenas a tempo de evitar o golpe. Então, estava em meio à luta de novo, conforme a onda humana recuava e avançava pelo tombadilho.

Abateu outro oponente com uma estocada na barriga e depois olhou em torno em busca do Gavião. Viu-o entre os castelos e gritou:

— Cumbrae, estou indo enfrentá-lo!

Porém, no tumulto, o Gavião não o viu, e Hal partiu para cima dele abrindo caminho entre a multidão de homens em luta.

Naquele instante, uma das enxárcias principais foi arrebetada e solta por um machado em vôo que perdera a cabeça na qual estava mirada, e a lanterna de batalha que estava suspensa nela veio arrebetar-se no convés, aos pés de Hal. Ele saltou para trás para escapar da labareda do óleo em chamas que se ergueu para sua face e depois concentrou energias e saltou pelo fogo para alcançar o Gavião.

Caiu do outro lado e olhou ao redor rapidamente, porém o Gavião desaparecera, e, em vez dele, dois de seus marujos investiam contra Hal. Ele enfrentou-os e vergastou os nervos de um braço de espada estendido quando um deles avançou. Depois, no mesmo movimento, trocou o corte por cutilada e enterrou a ponta da espada no fundo da garganta do segundo.

Recobrou-se e relanceou um olhar por sobre o ombro. As chamas da lanterna estilhaçada tinham ganhado força e iluminavam o convés brilhantemente. Línguas de fogo lambiam a enxárcia pendente em direção aos cordames. Através das chamas dançantes, ele viu Judith Nazet saltar para fora da entrada da escada de popa. Era seguida de perto por Daniel Grande, que carregava o Tabernáculo de Maria, equilibrado facilmente em seu ombro como se fosse leve como um almofadão meio cheio. Os anjos dourados na tampa faiscavam sob a luz das chamas.

Um marujo investiu contra Judith com sua lança, e Hal berrou de pavor quando a cabeça reluzente atingiu-a em cheio de lado, sob o braço erguido. Rasgou o fino algodão de sua túnica, porém deslizou sem dano pela cota de malha debaixo da roupa. Judith rodopiou como uma pantera zangada, e sua lâmina faiscou quando a mirou para a face do oponente. Tal foi a fúria de seu golpe, que a ponta saiu pelo verso do crânio do pirata, e o homem caiu a seus pés.

Os olhos negros e ferozes de Judith encontraram os de Hal pelo convés apinhado.

— Iyasu! — gritou ela. — Sumiu!

As chamas saltavam entre os dois, e Hal berrou através delas.

— Vá com Daniel! Saia deste navio! Leve o tabernáculo para a segurança do Golden Bough. Encontrarei Iyasu.

Ela nem discutiu nem hesitou, pondo-se a correr para a amurada, com Daniel a seu lado, e saltou para o tombadilho do Golden Bough. Hal começou a abrir caminho em direção à escada para chegar aos tombadilhos inferiores onde a criança deveria estar escondida, porém uma falange de amadodas conduzidos por Jiri invadiu o convés e cortou-lhe a passagem. Os guerreiros negros tinham travado seus escudos juntos numa sólida carapaça de tatu, investindo com as lanças em riste; e os piratas não tinham como enfrentar aquela carga.

Em toda batalha, chega o momento em que seu resultado está decidido, e, enquanto os marujos do Gull debandavam diante daquela onda de guerreiros que urravam e cabriolavam, esse momento chegou. Os homens do Gavião estavam batidos.

— Preciso encontrar Iyasu e tirá-lo do Gull antes que as chamas cheguem ao depósito de pólvora — disse Hal a si mesmo, e voltou-se para a abertura no castelo de proa, acesso mais fácil aos tombadilhos inferiores. Naquele momento, um berro immobilizou-o.

O Gavião estava de pé, ao alto, iluminado pela luz dançante e amarelada das chamas.

— Courtney! — rugiu. — É isto que está procurando?

Tinha a cabeça descoberta, e os cachos ruivos emaranhados caíam-lhe pela face. Na mão direita segurava a espada escocesa, e, na esquerda carregava Iyasu. A criança berrava de terror quando o Gavião a ergueu para o alto. Usava apenas uma fina camisola, repuxada acima de sua cintura, e suas pernas finas e morenas chutavam freneticamente o ar.

— É isto que está procurando? — berrou de novo o Gavião, e ergueu o menino acima da cabeça. — Então, venha e pegue o pirralho.

Hal avançou, cortando dois homens que estavam em seu caminho antes de chegar ao pé da escada do castelo de proa. O Gavião o observava aproximar-se. Devia saber que estava vencido, com seu navio em chamas e a tripulação sendo abatida e lançada sobre as amuradas pela onda de lanceiros, porém sorriu como uma gárgula.

— Deixe-me mostrar-lhe um belo truquezinho, Sir Henry. É chamado de pegar o fedelho no aço.

Com um giro do grosso braço cabeludo, lançou a criança a três metros no ar e depois ergueu a ponta da espada escocesa por baixo dele, conforme o menino caía.

— Não! — berrou Hal, desesperado.

No último instante, antes que a criança fosse empalada pela ponta, o Gavião desviou a espada de lado e Iyasu caiu de volta, incólume, em suas garras.

— Negociação! — gritou Hal. — Dê-me a criança ilesa e pode ir embora livre, com todo o seu butim.

— Que barganha! Meu navio está queimando, e meu butim com ele.

— Ouça-me — implorou Hal. — Deixe o garoto livre.

— Como posso eu me recusar a ouvir um irmão cavaleiro? — perguntou o Gavião, ainda explodindo

em gargalhadas. — Terá o que pediu. Eis aqui! Deixo o pequeno bastardo negro livre.

Com outro poderoso giro do braço, lançou Iyasu por sobre o lado do navio. A camisola da criança se enfunou em torno de seu corpo quando ela caiu. Então, com apenas um suave borrfifo, o mar negro a tragou.

Atrás de si, Hal ouviu o grito de Judith Nazet. Jogou a espada no convés e com três passadas velozes, chegou à amurada, de onde mergulhou de cabeça. Atingiu a água e afundou e, em seguida, voltou à superfície.

Vista de cima, de seus vinte pés de profundidade, a água era clara como o ar da montanha. Hal podia ver o fundo cheio de ervas daninhas do Gull a flutuar a seu lado, e o reflexo das chamas dançando na superfície ondulada. Então, entre ele e a luz do fogo, viu uma pequena forma escura. Os membros pequeninos se retorciam como um peixe numa rede, e bolhas prateadas brotavam da boca de Iyasu conforme ele se revirava na esteira do casco.

Hal lançou-se para a frente, a nadar com gestos frenéticos de braços e pernas, e alcançou-o antes que fosse arrastado para longe. Segurando-o pelo peito, irrompeu para a superfície e ergueu a face da criança para fora d'água.

Iyasu se debatia debilmente, tossindo e se engasgando, e depois, deixou escapar um vagido agudo e apavorado.

— Vomite tudo para fora — disse Hal, e olhou ao redor.

Daniel Grande devia ter chamado seus homens e depois cortado os cabos dos arpéus para afastar o Golden Bough do casco incendiado. Os dois navios derivavam agora para longe um do outro. Os marujos do Gull saltavam pelas amuradas conforme o calor das chamas desabava sobre eles, e a vela principal pegou fogo. O Gull começou a se afastar com os panos flamejantes e sem qualquer mão no leme. Deslizou lentamente para onde Hal se mantinha à tona batendo os pés, e ele se pôs a nadar desesperadamente com apenas uma das mãos, puxando Iyasu para fora do caminho da embarcação.

Por um longo e terrível minuto, pareceu que seriam esmagados pela quilha, e, então, uma lufada de vento empurrou a proa um ponto, e a nau passou a menos de um bote de distância deles.

Com espanto, Hal viu que o Gavião ainda se postava sozinho na abertura do castelo de proa. As chamas o rodeavam, porém ele não parecia sentir seu calor. Sua barba começou a fumegar e enegrecer, mas ele olhou para Hal e engasgou-se de rir. Ofegou para respirar e então abriu a boca para gritar-lhe alguma coisa, mas, nesse instante, a escota do traquete do Gull incendiou-se e o imenso lençol de lona veio flutuando para baixo, cobrindo o Gavião. De sob aquela mortalha em chamas, Hal ouviu um último berro terrível e depois as labaredas saltaram para o alto, e o destroçado Gull arrastou seu mestre ao sabor do vento.

Hal ficou a observá-lo se afastar até que as vagas do oceano intervieram e ele perdeu de vista o navio em chamas. Então, uma onda inesperada ergueu-o e à criança para o alto. O Gull estava uma légua ao largo, e, naquele instante, as chamas deviam ter chegado a seu depósito de pólvora, pois a nau explodiu com um rugido devastador, e Hal sentiu as águas lhe constringirem o peito com a força da explosão que se transmitiu por elas. Ficou imóvel, a ver as tábuas em chamas rodarem ao alto, no céu noturno, para depois cair e se apagar nas águas escuras. Escuridão e silêncio desceram de novo.

Não havia nem rastro ou sinal do Golden Bough na noite. A criança chorava desoladamente, e Hal não sabia nenhuma palavra em gueês para confortá-la, de modo que manteve a cabeça do menino fora d'água e falou-lhe em inglês:

— Seja um rapazinho bom e forte. Tem de ser corajoso, pois nasceu um imperador e eu sei com certeza que um imperador nunca chora.

Porém, as botas e as roupas encharcadas de Hal o puxavam para o fundo, e ele teve de nadar com

força para resistir. Manteve-se e ao menino à tona pelo resto daquela longa noite, porém, ao alvorecer, percebeu que estava perto do fim de suas forças e que a criança tremia e soluçava baixinho em seus braços.

— Não falta muito agora, Iyasu, e logo será dia claro — rouquejou, pela garganta escaldada de sal, porém sabia que nenhum deles aguentaria tanto.

— Gundwane!

Hal ouviu a voz tão amada chamar por ele, porém sabia que era delírio e riu alto.

— Não me pregue peças agora — disse. — Não tenho estômago para isso. Deixe-me em paz.

Então, em meio à escuridão, viu uma forma que emergia, ouviu o chape de remos puxando firme em sua direção, e a voz chamou novamente:

— Gundwane!

— Aboli! — Sua voz falhou. — Estou aqui!

Aquelas grandes mãos negras se estenderam e o pegaram, ergueram-no e à criança por sobre o lado do escaler. Assim que estava a bordo, Hal olhou ao redor de si. Com todas as suas lanternas acesas, o Golden Bough jazia parado a meia légua.

Judith Nazet estava sentada diante dele nas pranchas de popa, e tomou a criança de Hal e enrolou-a em seu manto. Acalentou Iyasu e se pôs a falar docemente com ele, em gueês, enquanto a tripulação remava de volta para o navio. Antes que chegassem ao Golden Bough, Iyasu dormia em seus braços.

— O tabernáculo — perguntou Hal a Aboli com voz rouca. — Está salvo?

— Está em sua cabine — acalmou-o Aboli, e depois baixou a voz. — Tudo isto é como seu pai previu. Por fim as estrelas devem deixá-lo livre, pois você cumpriu a profecia.

Hal sentiu uma profunda sensação de plenitude invadi-lo, e a desesperada fraqueza escorregou de seus ombros como um manto descartado. Sentiu-se leve e livre como se liberado de alguma longa e onerosa penitência. Olhou para Judith, que o observava. Havia algo em seu olhar profundo que ele não conseguiu imaginar, porém ela baixou os olhos antes que ele pudesse ler neles com clareza. Queria chegar mais perto dela, tocá-la, falar com ela e contar-lhe daqueles estranhos e poderosos sentimentos que o possuíam, porém quatro fileiras de remadores os separavam no pequeno bote lotado.

Ao se aproximarem do Golden Bough, a tripulação estava nos cordames e saudou-o com vivas quando o escaler prendeu-se às amarras. Aboli ofereceu a mão a Hal para ajudá-lo a subir a escada para o convés, porém Hal a ignorou e subiu sozinho. Parou ao ver a longa fila de cadáveres enrolados em mortalhas de lona que jazia entre os castelos, e o terrível dano que a artilharia do Gull fizera a seu navio. Contudo, não era hora de se preocupar com isso, pensou. Lançariam os mortos pela amurada e os pranteariam depois, mas agora era a hora da vitória. Olhou ao redor para as faces sorridentes de sua tripulação.

— Bem, seus rufiões, vocês pagaram ao Gavião e seus corta-goelas com uma moeda mais pesada do que a que eles barganharam. Sr. Tyler, abra um barril de rum e dê uma ração dupla para cada homem brindar ao Gavião em seu caminho para o inferno. Depois, assente o curso de volta para as rotas de Mitsiwa.

Pegou a criança dos braços de Judith Nazet e carregou-a para a cabine de popa. Colocou-a sobre o beliche e voltou-se para Judith, que estava a seu lado.

— Ele é um rapazinho forte, e saiu desta quase incólume. Devemos deixá-lo dormir.

— Sim — murmurou ela, a fitá-lo com aquele mesmo olhar profundo e imperscrutável. Então, tomou-o pela mão e conduziu-o à alcova fechada por cortinas onde estava o Tabernáculo de Maria. — Rezará comigo, El Tazar? — perguntou, e os dois se ajoelharam juntos.

— Agradecemos a vós, Senhor, por poupar a vida de nosso imperador, vosso pequeno servo, Iyasu.

Agradecemos por livrá-lo das mãos ímpias dos blasfemos. Pedimos vossa bênção sobre vossos exércitos no conflito que jaz adiante. Quando a vitória estiver garantida, nós vos

suplicamos, Senhor, que lhe conceda um longo e pacífico reinado. Tornai-o um sábio e gentil monarca. Por vosso nome, amém!

— Amém! — repetiu Hal, e fez menção de se levantar, porém ela o impediu com a mão em seu braço.

— Agradecemos também a vós, Senhor Deus, por mandar-nos vosso bom e leal servo, Henry Courtney, sem cujo valor e serviço altruísta os ateus teriam triunfado. Possa ele ser plenamente recompensado pela gratidão de todo o povo da Etiópia, e pelo amor e admiração que essa vossa serva, Judith Nazet, dedica a ele.

Hal sentiu o choque daquelas palavras reverberarem por todo o seu corpo e voltou-se para fitá-la, mas os olhos de Judith estavam fechados. Julgou que a compreendera mal, porém, então, o aperto em seu braço se acentuou. Ela se levantou e puxou-o contra o corpo.

Ainda sem encará-lo, Judith o conduziu para fora da cabine principal, para a menor, adjacente, fechou a porta e trancou-a.

— Suas roupas estão molhadas — disse, e, como uma camareira, começou a despi-lo.

Seus movimentos eram calmos e lentos. Tocou-lhe o peito quando estava nu, e correu os longos dedos morenos pelas suas costas. Ajoelhou-se diante dele para lhe soltar o cinto e lhe puxar as calças. Quando ele estava completamente despido, fitou-lhe o sexo com um olhar profundo e sombrio, porém sem tocá-lo ali. Pôs-se de pé, tomou-o pela mão e levou-se até o duro catre de madeira, onde o deitou. Hal tentou puxá-la para seu lado, porém ela afastou-lhe as mãos.

Postada diante dele, começou a se desnudar. Soltou a cota de malha, que caiu no convés em torno de seus pés. Por baixo da veste guerreira, pesada, masculina, seu corpo era um paradoxo de feminilidade. Sua pele era de um âmbar transluzente. Os seios, pequenos, porém de mamilos duros, roliços e de um vermelho escuro como as amoras maduras. Os quadris esguios eram esculpidos na doce ondulação da cintura. O tufo de pêlos que cobria seu monte de Vénus era crespo e de um preto lustroso.

Por fim, ela se aproximou de onde ele se deitava, inclinou-se e beijou-o profundamente na boca. Então soltou um gritinho de urgência e, com um movimento flexível, caiu sobre ele. Hal ficou atônito com a força e agilidade daquele corpo ao agarrar-se a ela e penetrá-la.

Ao final da tarde daquele dia quente e irreal, semelhante a um sonho, foram despertados pelo choro da criança na cabine ao lado. Judith suspirou e se levantou de imediato. Enquanto se vestia, ficou a fitá-lo como se quisesse se recordar de cada detalhe da face e do corpo de Hal. Depois, ao prender a armadura, aproximou-se e parou diante dele.

— Sim, eu realmente o amo. Porém, da mesma maneira como o escolheu, Deus me indicou para uma tarefa especial. Devo fazer com que o menino imperador seja instalado são e salvo no trono do padre João, em Aksum. — Ficou silenciosa por um longo momento e, depois, disse, baixinho. — Se eu o beijar outra vez, posso perder minha resolução. Adeus, Henry Courtney. Gostaria de todo o meu coração de ser uma simples mulher e que isso pudesse ser de outro jeito.

Rumou para a porta e foi servir a seu rei.

Hal ancorou ao largo da praia nas rotas de Mitsiwa e baixou o escaler. Reverentemente, Daniel Pescador colocou o Tabernáculo de Maria sobre as pranchas do fundo. Judith Nazet, em plena armadura e elmo de guerra, postou-se na proa, a segurar a mão do garotinho a seu lado. Hal tomou o leme e dez marujos os levaram a remo através das ondas suaves em direção à praia.

O bispo Fasilides e cinquenta capitães de guerra esperavam por eles nas areias vermelhas. Dez mil guerreiros alinhavam-se nos penhascos acima. Assim que reconheceram seu general e seu monarca, começaram a gritar vivas, e o coro se espalhou pela planície, até que era entoado por cinquenta mil vozes

a ecoar ao longo das colinas do deserto.

Aqueles regimentos que tinham perdido o ânimo e já estavam na estrada de volta para as montanhas e o distante interior, acreditando-se desertados por seu general e seu imperador, ouviram o clamor e rumaram de volta. Fileira após fileira, coluna após coluna, uma poderosa confluência, os cascos de seus cavalos a erguer uma alta nuvem de poeira vermelha, suas armas a luzir ao sol e as vozes a repetir o coro triunfante, chegaram aos borbotões das colinas.

Fasilides adiantou-se para saudar Iyasu, conforme o menino pisava em terra, de mãos dadas com Judith. Os cinquenta capitães se ajoelharam na areia, ergueram suas espadas e clamaram pelas bênçãos de Deus sobre ele. Então avançaram e competiram ferozmente pela honra de carregar o Tabernáculo de Maria sobre os ombros. Cantando um hino de batalha, serpearam em procissão para cima, pela trilha do penhasco.

Judith Nazet montou seu garanhão negro com os arreios dourados de armadura e o penacho de plumas de avestruz. Tomou as rédeas e incitou-o, a empinar e cabriolar, para onde Hal se postava, à beira d'água.

— Se a batalha prosseguir a nosso favor, os pagãos tentarão escapar por mar. Faça-os conhecer a fúria e a vingança de Deus Todopoderoso com seu belo navio — ela ordenou. — Se a batalha se voltar contra nós, faça o Golden Bough esperar aqui neste lugar para levar o imperador em segurança.

Inclinou-se na sela, e seus olhos luziam escuros e brilhantes por trás da peça de proteção de nariz do elmo, porém Hal não soube com certeza se o brilho era de ferocidade guerreira ou das lágrimas pelo amante perdido.

— Hei de desejar todos os dias de minha vida que isso pudesse ser diferente, El Tazar.

Endireitou-se, puxou as rédeas do corcel e se afastou, rumando para a trilha dos penhascos. O imperador Iyasu voltou-se nos braços do bispo Fasilides e acenou para Hal. Gritou alguma coisa em gueês, e sua voz aguda e flauteada arrastou-se debilmente até onde Hal se postava, à beira d'água.

Ele não compreendeu uma palavra. Acenou de volta e bradou:

— Você também, rapaz! Você também!

O Golden Bough se fez ao mar, e, além da linha de cinquenta braços, de cabeças descobertas sob o escaldante sol africano, seus mortos foram entregues ao mar. Eram quarenta e três naquelas mortalhas de lona, homens de Gales e Devon e das misteriosas terras ao longo do rio Zambeze, todos companheiros agora para sempre.

Em seguida à cerimônia fúnebre, Hal lançou o navio de volta para as águas rasas protegidas, onde pôs cada homem para trabalhar no reparo dos danos da batalha e recarregar o depósito de pólvora com as munições que o general Nazet mandara da praia.

Na terceira manhã, acordou na escuridão ao som de tiros. Subiu ao convés de imediato. Aboli estava parado na amurada de sotavento.

— Começou, Gundwane. O general lançou seu exército contra El Grang na batalha final.

Postaram-se juntos à amurada e olharam para a terra escura, onde as colinas distantes se iluminavam com as chamas infernais do campo de batalha, e um vasto pálio de poeira e fumaça subia lentamente para o céu sem vento e crescia em vagalhões no formato de bigorna de um tremendo cúmulo de trovoadas tropical.

— Se El Grang for batido, tentará escapar com todo o seu exército pelo mar até a Arábia — disse Hal a Ned Tyler e Aboli, ao ouvirem o incessante pandemônio dos canhões. — Ice âncora e ponha o navio num curso rumo sul. Iremos encontrar os fugitivos quando tentarem sair da baía de Adulis.

Passava do meio-dia quando o Golden Bough abandonou a boca da baía e encurtou velas. O ribombar dos canhões nunca cessava, e Hal subiu até a gávea e focalizou a luneta na extensa planície além de Zulla, onde as duas grandes hostes se enfrentavam em luta mortal.

Através das cortinas de poeira e fumaça, ele pôde divisar as minúsculas formas dos cavaleiros à medida que atacavam e contra-atacavam, fantasmagóricos no pó das patas sob si. Viu os longos relâmpagos das grandes armas, de um vermelho pálido ao sol, e os serpeantes regimentos de infantaria redemoinhando pela névoa avermelhada como serpentes moribundas, as pontas das lanças a faiscar como as escamas de um réptil.

Lentamente, a batalha estendeu-se em direção ao litoral, e Hal viu uma carga de cavalaria lançar-se ao longo do cume dos penhascos e investir para dentro de uma formação solta e desordenada de infantaria. Os sabres subiam e desciam e os soldados a pé dispersavam-se diante deles. Homens começavam a se arrojarem dos penhascos para o mar, lá embaixo.

— Quem são eles? — preocupou Hal. — Que cavalos são aqueles? E então, pelas lentes, divisou a cruz branca da Etiópia na vanguarda da massa de cavaleiros que corriam em direção a Zulla.

— Nazet os bateu — disse Aboli. — O exército de El Grang está em debandada!

— Ponha um homem para fazer sondagens, Sr. Tyler. Leve-nos para mais perto.

O Golden Bough deslizou silenciosamente para dentro da boca da baía, ficando apenas a uma amarra de distância ao largo de terra. Da gávea, Hal observou as nuvens pardacentas de guerra a rolar pesadas em direção à praia, e a turba do exército derrotado de El Grang a serpear de volta ante os esquadrões etíopes de cavalaria.

Livraram-se de suas armas e correram erráticos até a beira d'água para encontrar alguma nau que os tirasse dali. Uma armada heterogênea de caíques de todos tamanhos e condições, abarrotada de fugitivos, zarpu das praias em torno do flamejante porto de Zulla, rumo à abertura da baía.

— Céus! — Daniel Grande riu. — São tantos na água que seria possível cruzar de um lado da baía para o outro, sobre aqueles cascos lotados, sem molhar os pés.

— Corra para fora suas armas, por favor, mestre Daniel, e deixe-nos ver se podemos molhar mais que os pés deles — ordenou Hal.

O Golden Bough investiu contra aquela vasta frota, e os pequenos botes tentaram fugir, porém a fragata sobrepujou-os sem esforço e seus canhões começaram a estrondear. Um após o outro, os caíques foram esfacelados e emborcaram, e sua carga de tropas exaustas e derrotadas afundou na água. As armaduras os puxaram para baixo rapidamente.

Era um massacre tão terrível, que os artilheiros não mais davam vivas quando corriam os canhões, preparando-os em pesado silêncio. Hal seguiu pelas baterias e dirigiu-se a eles, compenetrado:

— Sei como se sentem, rapazes; porém, se os pouparem agora, poderão ter de lutar com eles de novo amanhã, e quem poderá dizer se lhes concederão mercê, se pedirem por isso então?

Ele, também, estava enojado com a carnificina, e ansiava pelo pôr-do-sol, ou por qualquer outra chance de cessar a matança. E tal oportunidade se apresentou de uma direção imprevista.

Aboli deixou seu posto na bateria de estibordo dos canhões e correu até onde Hal andava de um lado para outro, no tombadilho superior. Hal ergueu os olhos para ele com dureza, mas, antes que pudesse deixar escapar uma reprimenda, Aboli apontou pela proa de estibordo.

— Aquele navio com a vela vermelha. O homem na popa. Consegue vê-lo, Gundwane?

Hal sentiu um formigamento de apreensão em seus braços e o suor frio escorrer por suas costas ao reconhecer a figura alta de pé e inclinada contra o braço do leme. O homem estava completamente barbeado agora: os bigodes espetados tinham sumido. Usava um turbante amarelo, e o dólma pesadamente bordado de um grande islâmico sobre as calças brancas folgadas e as botas macias até os joelhos, porém sua face pálida se distinguia como um espelho entre os homens de barbas negras e cerradas. Poderia haver outros com a mesma larga postura de ombros e de mesma figura alta e atlética, porém ninguém com a mesma espada do lado do quadril, em sua bainha de ouro estampada em relevo.



— Traga o navio para a direção contrária, Sr. Tyler. Vire de bordo para aquele caíque com a vela vermelha — ordenou Hal.

Ned olhou para onde ele apontava e então praguejou:

— Céus, aquele é o filho da puta do Schreuder! Possa o demo condená-lo ao inferno!

A tripulação árabe correu para o lado do caíque quando a alta fragata veio para cima deles. Saltaram pela amurada e tentaram nadar de volta à praia, preferindo os sabres da cavalaria etíope às colubrinhas escancaradas do costado do Golden Bough. Schreuder continuou de pé, sozinho, na popa, os olhos cravados na fragata, com aquela expressão fria e implacável. Ao chegarem mais perto, Hal viu que sua face estava riscada de poeira e fuligem, e que suas roupas estavam rasgadas e sujas com a imundície do campo de batalha.

Hal seguiu até a amurada e lhe devolveu o olhar. Estavam tão perto que Hal mal precisava erguer a voz para se fazer ouvido.

— Coronel Schreuder, está com minha espada.

— Então, senhor, venha até aqui tomá-la de mim — desafiou Schreuder.

— Sr. Tyler, tem o comando em minha ausência. Leve-me para mais perto do caíque, para que eu possa abordá-lo.

— Isso é loucura, Gundwane — disse Aboli, baixinho.

— Certifique-se de que nem você nem qualquer outro homem intervenham, Aboli — disse Hal, e foi para a porta de embarque. Conforme o pequeno caíque balançava ali perto, ele desceu pela escada e saltou pelo estreito vão de água, aterrissando com leveza no tombadilho.

Sacou a espada e olhou para a popa. Schreuder se afastou da barra de leme e tirou dos ombros o dólma pesado.

— Você é um tolo romântico, Henry Courtney — murmurou, e a lâmina da espada de Netuno sibilou suavemente ao sair da bainha.

— Até a morte? — perguntou Hal, ao erguer a própria espada.

— Naturalmente — concordou Schreuder, gravemente. — Pois vou matá-lo.

Aproximaram-se com a graça lenta de dois amantes iniciando um minueto. Suas lâminas se encontraram e flertaram enquanto circulavam em toques e roçados e coleios de aço em aço, os pés nunca imóveis, pontas ao alto e olhos travados.

Ned Tyler segurou a fragata a cinquenta metros de distância, mantendo aquele intervalo com destros toques de leme e ajustes das velas encurtadas. Os homens se alinharam na amurada próxima. Estavam quietos e atentos. Embora poucos compreendessem os detalhes mais elegantes de estilo e técnica, nada mais conseguiam fazer a não ser ficar de olhos grudados na graça e beleza daquele ritual mortal.

"Um olho nos olhos!" Hal parecia ouvir a voz de seu pai na cabeça. "Leia neles a alma!"

As feições de Schreuder continuavam graves, porém Hal viu a primeira sombra em seus frios olhos azuis. Não era medo, mas respeito. Mesmo com aqueles leves toques das lâminas, Schreuder avaliara o adversário. Relembrando os encontros anteriores, não tinha esperado defrontar-se com tanta força e perícia. No que dizia respeito a Hal, sabia que, se sobrevivesse ao embate, jamais dançaria outra vez tão perto da morte, a sentir o cheiro de sua respiração como fazia agora.

Hal viu isso em seus olhos, no instante mesmo em que Schreuder abriu o ataque, avançando em passos leves e depois investindo com uma rápida série de estocadas. Recuou, aparando cada golpe, porém sentindo-lhes o poder. Mal ouvia os berros excitados dos espectadores no convés da fragata, acima, mas observava os olhos de Schreuder e foi ao encontro dele com a lâmina alçada. O holandês investiu de repente para sua garganta, e, no momento em que Hal bloqueou o golpe, desengatou as lâminas num movimento fluido e caiu dobrado sobre o joelho direito. Deu uma cutilada para o tornozelo

de Hal, tentando seccionar-lhe o tendão de Aquiles, para incapacitá-lo.

Hal saltou sob a faiscante lâmina dourada, mas sentiu-a enterrar-se no calcanhar de sua bota. Com ambos os pés no ar, estava momentaneamente fora de equilíbrio. Schreuder endireitou-se e, como uma cobra num bote, mudou o ângulo de sua lâmina, dirigindo-a para a barriga de Hal. Hal encolheu-se para trás, porém sentiu o toque indolor da borda afiada, apenas um pequeno arranhão. Revidou, apoiado no pé esquerdo, e mirou a ponta para um dos olhos azuis de Schreuder. Viu a surpresa naquele olhar, mas Schreuder desviou a cabeça e a ponta deslizou por sua face.

Recuaram e se circundaram, ambos a sangrar agora. Hal sentiu a umidade quente ensopar a frente de sua camisa, e viu uma serpente escarlate escorrer pelo canto dos lábios finos de Schreuder e pingar do queixo.

— O primeiro sangue foi meu, creio, não, senhor? — perguntou Schreuder.

— Foi, senhor — concordou Hal. — Mas de quem será o último? As palavras ainda não tinham passado de seus lábios, quando Schreuder

atacou resolutamente. Enquanto os espectadores do Golden Bough urravam e dançavam com excitação, ele empurrou Hal, passo a passo, da popa para a proa do caíque e o encurralou ali, com as lâminas travadas, forçando-lhe as costas contra a amurada. Postaram-se assim, com as lâminas cruzadas à frente das faces, e os olhos apenas a um palmo de distância.

Seus hálitos se misturavam, e Hal viu as gotas de suor se formarem no lábio superior de Schreuder à medida que esforçava para mantê-lo preso.

Deliberadamente, Hal oscilou o corpo para trás e viu o brilho de triunfo nos olhos azuis tão perto dos seus. Curvou as costas como um arco sob o peso do empuxo do arqueiro. Desvencilhou-se e, com a força das pernas, braços e tronco, empurrou Schreuder para trás. Com o ímpeto daquele movimento, partiu para o ataque e, com as lâminas a rasparem e tinirem, forçou Schreuder a recuar do convés aberto para a popa.

Com o braço do leme a se enterrar em suas costas, Schreuder não poderia recuar mais. Apanhou no alto a lâmina de Hal e, com todo o poder de seu pulso, forçou o engate prolongado, a manobra com que matara Vincent Winterton e uma dúzia de outros antes dele. Suas espadas se enroscaram e guincharam juntas, num redemoinho prateado de sol fundido que os mantinha separados e contudo travados juntos.

Ficaram assim por um momento interminável. O suor escorria de ambas as faces, e a respiração vinha em arquejos curtos e urgentes. Era morte para o primeiro que rompesse a ligação. Seus punhos pareciam forjados do mesmo aço que suas espadas; então, Hal viu algo nos olhos de Schreuder que jamais sonhara ver ali. Medo.

Schreuder tentou romper o círculo e travar ao alto as lâminas, como fizera com Vincent, porém Hal recusou e forçou-o mais e mais. Sentiu a primeira fraqueza no braço de espada de Schreuder, e viu o desespero nos olhos do rival.

Então Schreuder desengatou as espadas, e Hal estava sobre ele no mesmo instante em que a ponta da lâmina do oponente caía e ele abria a guarda. Atingiu-o duro no centro do peito e sentiu a ponta penetrar e atingir o osso, o cabo da espada estremeando em sua mão.

O tumulto dos homens no convés da fragata desabou sobre eles como uma onda empurrada pela tempestade. No momento em que Hal sentiu a oscilação de triunfo e a sensação viva de sua espada enterrada fundo na carne do oponente, Schreuder recuou e ergueu a lâmina entalhada em ouro da espada de Netuno ao nível dos olhos, nos quais as luzes de safira começavam a fenecer, e investiu.

O movimento atrevido forçou a lâmina de Hal para mais fundo no seu corpo; no entanto, conforme a ponta da espada de Netuno faiscava em direção a seu peito, Hal não tinha defesa. Soltou o aperto do cabo da própria arma e saltou para trás, porém não pôde escapar do alcance da espada dourada ou de sua ponta aguda como um estilete.

Sentiu o golpe, alto, do lado esquerdo do peito, e, conforme cambaleava para trás, o deslizar da lâmina para fora de sua carne. Com esforço, manteve-se de pé, e os dois homens se confrontaram, ambos duramente feridos, Hal porém desarmado, e Schreuder com a espada de Netuno ainda agarrada na mão direita.

— Acho que o matei, senhor — murmurou Schreuder.

— Talvez. Eu, porém sei que o matei, senhor — retrucou Hal.

— Então, terei a certeza do meu lado — resmungou Schreuder, e deu um passo desequilibrado em direção ao rival. A força fugiu de suas pernas. Ele cambaleou para a frente e caiu no tombadilho.

Penosamente, Hal dobrou um joelho e inclinou-se ao lado do corpo. Com a mão esquerda, comprimiu o próprio peito ferido, mas, com a direita, soltou os dedos mortos de Schreuder do cabo da espada de Netuno e, com ela em sua própria mão, levantou-se para encarar o tombadilho volumoso do Golden Bough.

Ergueu a espada reluzente ao alto, e a tripulação o viu com berros selvagens. O som dos braços ecoou estranhamente aos ouvidos de Hal, e ele pestanejou, hesitante, conforme o sol brilhante da África se nublava e seus olhos se enchiam de sombras e escuridão.

Suas pernas cederam sob si e Hal sentou-se pesadamente no convés do caíque, dobrado sobre a espada em seu colo.

Sentiu e no entanto não viu a fragata bater contra o caíque, quando Ned Tyler a trouxe para o lado, e, então, as mãos de Aboli estavam em seus ombros, e a voz amiga soou profunda e próxima quando ele ergueu Hal nos braços.

— Acabou agora, Gundwane. Tudo acabou.

Ned Tyler levou o navio para mais fundo dentro da baía e ancorou-o nas águas calmas do porto de Zulla, onde, agora, a cruz branca da Etiópia flutuava acima das muralhas destroçadas pelos tiros.

Hal ficou em convalescença por quatorze dias no beliche da cabine de popa, assistido apenas por Aboli. No décimo quinto dia, Aboli e Daniel Grande o colocaram numa das cadeiras de carvalho e o carregaram para o tombadilho. Os homens se aproximaram, um de cada vez, com um toque na testa e uma saudação resmungada.

Sob seu olhar, deixaram o navio pronto para o mar. Os carpinteiros substituíram as pranchas que haviam sido destroçadas, e os marujos

costureiros consertaram as velas rasgadas. Daniel Grande saltou para a água e nadou sob o casco para verificar os danos abaixo da linha-d'água.

— Está tesa e doce como a fenda de uma virgem — berrou para o convés, ao vir à tona do outro lado.

Havia muitos visitantes vindos de terra. Governadores e nobres e soldados chegavam com presentes para agradecer a Hal, e para fitá-lo com admiração. À medida que ficou mais forte, Hal pôde recebê-los de pé no tombadilho superior. Traziam notícias, além de presentes.

— O general Nazet levou o imperador de volta a Aksum em triunfo — disseram-lhe.

Então, muitos dias mais tarde, contaram:

— Graças a Deus, o imperador foi coroado em Aksum. Quarenta mil pessoas vieram para sua coroação.

Hal fitou com saudades as distantes montanhas azuis, e, naquela noite, dormiu pouco. Então, de manhã, Ned Tyler o procurou.

— O navio está pronto para o mar, capitão.

— Obrigado, Sr. Tyler. — Afastou-se dele e deixou-se plantado de pé ali, sem ordens.

Antes que chegasse à escada do tombadilho para a cabine de popa, ouviu-se um brado da gávea:

— Há um bote partindo do porto!

Ansioso, Hal caminhou de volta até a amurada. Esquadrinhou os passageiros, procurando por uma figura esguia em armadura com um halo negro de cachos em torno da amada face cor de âmbar. Sentiu uma pontada de desapontamento fisgar-lhe a alma quando reconheceu apenas a compleição delgada do bispo Fasilides e sua barba branca a flutuar sobre o ombro.

Fasilides passou pela porta de embarque e fez o sinal-da-cruz.

— Abençoei este belo navio e todos os bravos que nele velejam. — Os rudes marujos descobriram as cabeças e se postaram de joelhos. Quando tinha abençoado a cada um deles, Fasilides aproximou-se de Hal. — Vim como mensageiro do imperador.

— Deus o abençoe! — murmurou Hal.

— Trago suas saudações e seus agradecimentos a você e a seus homens. Voltou-se para um dos padres que o acompanhavam e pegou dele a pesada corrente de ouro que carregava.

— Em nome do imperador, eu lhe concedo a ordem do Leão Dourado da Etiópia. — Colocou a corrente com seu medalhão cheio de jóias no pescoço de Hal. — Trago comigo o dinheiro do prêmio que conquistou por sua valente guerra contra os pagãos, junto com a recompensa que o imperador pessoalmente lhe envia.

Do caíque, trouxeram um simples e pequeno baú de madeira. Era pesado demais para ser carregado, e foram precisos quatro fortes marujos na talha e na roldana para erguê-lo para o convés do Golden Bough.

Fasilides ergueu a tampa do baú, e o faiscar do ouro dentro dele era ofuscante à luz do sol.

— Bem, meus rapazes! — Hal chamou seus homens. — Terão o prêmio de um garrafão de cerveja em seus bolsos da próxima vez que atracarmos nas docas de Plymouth.

— Quando partirão? — quis saber Fasilides.

— Tudo está pronto — retrucou Hal. — Porém, diga-me, tem notícias do general Nazet?

Fasilides encarou de soslaio.

— Nenhuma. Depois da coroação, ela desapareceu, e o Tabernáculo de Maria com ela. Alguns dizem que voltou para as montanhas de onde veio.

A face de Hal se sombreou.

— Partirei amanhã com a maré da manhã, padre. E agradeço ao senhor e ao imperador por sua caridade e suas bênçãos.

Na manhã seguinte, Hal estava no tombadilho duas horas antes do nascer do sol, e todo o navio se achava acordado. A excitação que sempre antecede a partida tomara conta do Golden Bough. Apenas Hal não se via afetado por isso. A sensação de perda e traição pesava sobre ele. Embora Judith não tivesse feito nenhuma promessa, ele esperara de todo o coração que ela pudesse vir. Agora, enquanto fazia a ronda final de inspeção no navio, resistiu com firmeza à tentação de olhar para terra.

Ned veio procurá-lo.

— A maré mudou, capitão! E o vento sopra promissor para a ilha Dahlak numa única amura.

Hal não poderia se atrasar mais.

— Ice a âncora, Sr. Tyler. Assente todas as velas planas. Leve-nos ao sul, para a lagoa do Elefante. Temos alguns assuntos não concluídos naquelas paragens.

Ned Tyler e Daniel Grande sorriram com a perspectiva de reclamar sua parte do tesouro que sabiam estar escondido ali.

Os panos se enfunaram em suas vergas, e o Golden Bough estremeceu e acordou. Sua proa girou em volta e se firmou ao apontar para a entrada do mar aberto.

Hal postou-se de pé, as mãos entrelaçadas atrás das costas, a olhar diretamente para a frente. Aboli aproximou-se então com um manto sobre o braço, e quando Hal se voltou para ele, abriu-o e ergueu-o ao

alto para sua apreciação.

— A croix pattée, o mesmo manto que seu pai usava no início de cada viagem.

— Onde conseguiu isso, Aboli?

— Mande fazer para você em Zulla, enquanto jazia ferido. Conquistou o direito de usá-lo. —

Colocou-o sobre os ombros de Hal e recuou para apreciar. — Parece igual a seu pai no primeiro dia em que o vi.

Aquelas palavras deram a Hal tanto prazer, que aliviaram seu ânimo sombrio.

— Tombadilho! — O brado do vigia ecoou do céu que se iluminava.

— Gávea? — Hal jogou a cabeça para trás e olhou para o alto.

— Sinal de terra!

Hal voltou-se depressa com o manto a rodopiar a seu redor. Acima das muralhas de Zulla, três luzes vermelhas brilhantes penduravam-se no céu tingido pela aurora, e, conforme ele olhava, flutuaram graciosamente de volta à terra.

— Três rojões chineses! — exclamou Aboli. — O sinal de chamado.

— Ponha o navio ao redor, por favor, Sr. Tyler — disse Hal, e correu para a amurada enquanto o navio girava.

— Bote partindo do porto! — veio o berro de Aboli.

Hal espiou em frente e, através da obscuridade, viu a forma de um pequeno caíque vindo para encontrá-los. Conforme a distância se encontrou e a luz ficou mais forte, sentiu o coração saltar e a respiração ficar curta.

Na proa se postava uma figura num traje pouco familiar, uma mulher que usava um caftan azul e um véu da mesma cor. Assim que o bote deslizou para o lado, ela ergueu o véu da cabeça e Hal viu a gloriosa coroa negra de seus cabelos.

Estava esperando por ela na porta de embarque. Quando Judith Nazet pisou no tombadilho, ele cumprimentou-a, sem jeito.

— Bom dia, general Nazet.

— Não sou mais um general. Agora, sou apenas uma moça comum chamada Judith.

— É bem-vinda, Judith.

— Vim tão logo pude. — Sua voz era rouca e hesitante. — Agora, por fim, Iyasu está coroado, e o tabernáculo voltou a seu lugar de descanso nas montanhas.

— Eu tinha perdido a esperança de ter você — murmurou ele.

— Não, El Tazar. Jamais faça isso — respondeu ela.

Com surpresa, Hal viu que o caíque já seguia de volta para terra. Não descarregara nenhuma bagagem.

— Não trouxe nada com você? — perguntou ele.

— Somente meu coração — retrucou ela, suavemente.

— Estou rumando para o sul — disse ele.

— Aonde quer que vá, meu senhor, eu irei também. Hal voltou-se para Ned Tyler.

— Leve o navio a um giro. Coloque-o no outro rumo. Curso para passar ao largo da ilha de Dahlak e depois ao sul, pelo Bab El Mandeb. A todo pano, Sr. Tyler.

— A todo pano, capitão. — Ned abriu um sorriso largo e piscou para Daniel Grande.

Enquanto o Golden Bough corria para encontrar a alvorada, Hal postou-se imponente no tombadilho superior, a mão esquerda a descansar ligeiramente sobre a safira do cabo da espada de Netuno. Estendeu a mão direita e puxou Judith Nazet para mais perto de si. Ela se aconchegou de boa vontade.

FIM

Digitalização e Correção de Vitor Chaves.  
Florianópolis, 20 de setembro de 2009.